O INSTITUTO,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

VOLUME SEXTO.



COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1858.

1828.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

COIMBRA

INDICE ALPHABETICO

DO

SEXTO VOLUME DO INSTITUTO.

Abestruzes 204
Acclimatação universal 166
Agricultura .. 199, 219, 221, 229, 239, 253, 265, 289
Agulha encontrada no figado 288
Almanack de Coimbra 262
Almanack de Instrucção publica 227, 270
Annuncios 24, 36, 48, 106
Apontamentos para a continuação da Bibliotheca Lusitana 68, 85
Arachnides (geração dos) 23
Arredores de Coimbra 202
Arrozaes 197, 231
Atmosphera da lua 65
Bancos territoriaes 4, 221, 253
Banhos de Luso 292
Bibliographia 11, 22, 38, 47, 70, 103, 131, 165, 203 262, 270, 271
Bibliotheca Lusitana 68, 85
Biographias 237
Canal de Suez 18, 46
Cêra vegetal 105
Cêra dos insectos 119
Cetaceos 214
Chimica (a) e os cosmeticos 239
Chimica organica 279
Classicos latinos (logares selectos) 165
Collecção de tractados e convenções compilados por S. F. Borges de Castro 23
Concilio de Trento 167
Congresso litterario 167
Conjuração de Catilina 43, 87, 98, 116, 128
Conselho superior d'instrucção publica 2, 61
Consumo da agua 176
Credito ás classss operarias 56
Cura do escorbuto 203
Declaração da redacção 73
Degeneração adipoza do coração 272
Desalento (poesia) 88
Descobertas no seculo XIX 272
Despachos do conselho superior d'instrucção publica (Relação dos) 24, 152, 168, 176, 204, 239, 251 264, 272, 288
Direito publico portuguez .. 233, 248, 256, 277, 295
Discurso preliminar da 4.ª edição do methodo portuguez 38, 109
Domesticação dos cetaceos 214
Edições de D. Quichote 166
Elegias de Tibulo (versão) 10, 250, 260
Elogio historico 159
Emporio italiano 160
Ensino practico elementar d'agricultura 229
Ensino publico em Portugal 157
Encanamento do Mondego 130
Esmeraldas (as) 264
Estatistica das Universidades allemãs 92, 105
Estatistica das Universidades de Hespanha 167
Estatistica da Universidade de Coimbra 143
Estatistica do lyceu de Coimbra 145
Estatistica do suicidio 238
Estatistica litteraria 167, 176
Faculdade de mathematica 37
Faltas (relação das) dos estudantes de direito 207, 284
Febre puerperal 244, 268, 286
Fermentação 279
Fontes de agua doce no mar 238
Gaz (o) na Inglaterra 60
Geometria 115
Girasol (influencia benefica do) 263
Hermeneutica do direito portuguez 97, 126
Hypocrates (o tumulo de) 237
Incendio de Roma 235
India (a) e a alimentação da Europa 166
Insectos 166
Instituições de direito administrativo por Justino Antonio de Freitas 103
Instituto de Coimbra 49, 229, 241, 253, 265
Instrucção publica 25
Instrucção publica em Hespanha 167
Instrucção publica na Grecia 48
Instrucção publica na Prussia 176
Instrucção publica na Russia 239
Introducção 1
Irmãs (as) da Caridade 7, 13, 29, 40, 50, 80, 90
Jornalismo em Paris 228
Jornalismo no mar 228
José Monteiro da Rocha 261
Lapa dos Esteios 202
Levadura artificial 287
Litteratura portugueza 73
Logares Selectos dos classicos latinos 165
Lusiadas (os), traducção franceza 55, 298
Longevidade 271
Luz electrica 166
Lyceu de Coimbra 145
Machina para escrever 238
Mammas (mulher com quatro) 300
Mar de sargaços 263
Marinha de todas as nações 238
Mathematica 93, 107, 121, 134, 177, 273
Medalhas romanas 238
Medicina (a) na Austria 251
Meditação (poesia) 209
Memoria historica do mosteiro da Conceição em Portalegre 148
Memoria sobre os arrozaes 197, 231
Minas de prata 300
Moedas de differentes paizes 239
Moinhos (invenção dos) 60
Montanha (a mais alta) do globo 213
Movimento litterario na Allemanha 228
Necrologios 104, 167, 205, 212
Neerlandia (a) e a vida holandeza 53, 145
Noticia da vida do medico Bernardino Antonio Gomes 70

Noticiarios . 23, 48, 60, 71, 82, 104, 118, 132, 149
165, 176, 203, 213, 228, 237, 251, 263, 271, 287
299
Novo producto alimentar 213
Novos planetas..... 92, 105, 149, 165, 176, 213
Observações meteorologicas em Madrid 174
Observatorio astronomico de Coimbra . 215, 240, 252
273
Oleo de terra 105
Ouro na Australia e California..... 60
Papel (industria do)..... 141
Parocho d'aldêa (poesia) 45
Peixes electricos 61
Phenomeno notavel 214
Phosphoro vermelho 23
Phrenologia na China..... 239
Pinça esophagiana (extracção d'um pataco) 101
Piscicultura na China 106
Planetas novos 92, 105, 149, 165, 176 213
Planta textil..... 272
Plauto em Berlim..... 92
Poesias 55, 88, 204, 209, 250, 256, 260
Polypos calcareos 271
População estacionaria em França 164
População do globo 238
Prelecções de direito publico 233, 248, 256, 277, 295
Preludios (poesia)..... 209
Premios..... 224
Processo civil (Elementos do) 203
Projecto de lei sobre a instrucção pública 25
Putrefacção 299
Reforma do ensino publico em Portugal..... 157
Relatorio ao ministro da justiça por Manuel Thomaz de Sousa Azevedo..... 131
Relatorio da faculdade de mathematica.... 125. 172
Relatorio da sociedade agricola de Coimbra . 265, 289
Relatorio dos banhos de Luso 292
Relatorio do commissario dos estudos do Funchal 193
217
Resenha 34
Resoluções do conselho d'Estado por José Silvestre Ribeiro 22
Revelação dos crimes..... 6, 58
Revisão typographica 238
Revista de instruccion publica..... 165
Sancta Isabel..... 32
Seda vegetal 238
Sêllo (o) grande de Inglaterra..... 201, 247
Sementeira das batatas..... 300
Sessões do Instituto 229, 241, 253, 265
Silicato de potassa (applicação do) 78
Sociedade philantropico-academica 243
Somnambulismo 238
Suicidio 238
Sulfato de baryta (emprego na pintura do)..... 100
Telegraphos electricos 271
Teoria de los Puentes Colgados, por D. Ed. Saavedra 47
Theratologia (caso notavel de)..... 263
Theologia pastoral 49
Transfusão do sangue 237, 264
Trisecção do angulo..... 177
Tutella (a) do governo na industria 281
Universidade de Coimbra 207, 284
Viagem a Inglaterra (Excerptos d'uma)..... 19
Vidro (Applicação do)..... 271
Visões 15
Volcão submarino 60
Zoologia 61
Zootechnia (a) e as artes agricolas 199, 219

COLLABORADORES

DO

SEXTO VOLUME DO INSTITUTO.

Adriano d'Abreu Cardoso Machado.
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.
Albino A. Giraldes.
Antonio Ayres de Gouvêa.
Antonio Augusto da Costa Simões.
Antonio Cardoso Borges de Figueiredo.
Antonio Feliciano de Castilho.
Antonio Francisco Tavares.
Antonio José Teixeira.
Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.
Augusto F. Simões.
Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.
Francisco A. Alves.
Francisco A. Rodrigues de Gusmão.
Francisco de Castro Freire.
Francisco Fernandes Costa.
Henrique O'Neill.
Ignacio R. da Costa Duarte.
Jacome Luiz Sarmento.
Jeronymo José de Mello.
J. F. da Silva Pinto.
José Maria d'Abreu.
D. José Maria d'Almeida e A. Corrêa de Lacerda.
Joaquim A. Simões de Carvalho.
Marcelliano Ribeiro de Mendonça.
Marquez de Souza Holstein.
Miguel Ribeiro d'Almeida e Vasconcellos.

OBRAS POSTUMAS.

Duque de Palmella (D. Pedro).
Manuel Mathias Vieira Fialho.
Ricardo Raimundo Nogueira.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INTRODUCÇÃO.

O Instituto entra hoje no sexto anno da sua publicação.

Á generosa collaboração de distinctos socios seus, á benevola cooperação de escriptores eminentes, aos serviços da mais extremada dedicação de alguns zelosos cultores das letras patrias, deve o Instituto o nome que tem grangeado 'neste primeiro periodo da sua existencia. E são estes tambem os penhores, as fundadas esperanças do seu futuro.

A sociedade, de que o Instituto tomou o nome, e cujo orgão é, entendeu que a publicação de um jornal scientifico era não só o seu primeiro e mais importante dever, mas até o maior serviço que na actualidade podia prestar á litteratura patria.

Ia 'nisso o interesse das sciencias, a illustração do paiz, o proprio credito e reputação litteraria.

Crear o gosto pelo jornalismo scientifico; abrir o campo ás discussões litterarias da imprensa; apurar o estylo; provocar a critica esclarecida e imparcial; excitar a bem entendida emulação litteraria entre a mocidade estudiosa; fazer conhecidos os progressos das letras e das sciencias: tal foi o fim que o Instituto se propoz obter. Conhecidas lhe eram as difficuldades que tinha de vencer, as reluctancias e estorvos que se lhe preparavam; mas não desanimou.

Cinco volumes do Instituto, publicados 'neste periodo, são o fructo d'estes esforços, e a recompensa, unica a que aspiramos, de tantas fadigas, e, por ventura tambem, de tantas contrariedades; se, como a consciencia nos diz, e o benevolo acolhimento do público nos testemunha, 'nesses volumes ha materia para instrucção dos leitores; se com o nosso pequeno cabedal concorremos para propagar as boas doutrinas, para fazer conhecidos os progressos das sciencias, e apreciados os seus cultores.

Apesar, porém, d'estes sinceros desejos, e do empenho com que sempre lidamos por aperfeiçoar este nosso trabalho, o Instituto está ainda longe de corresponder ao seu verdadeiro fim. Falta-lhe muito para satisfazer cabalmente ao que póde e deve ser um jornal de sciencias e litteratura, publicado no seio da nossa primeira e mais illustre academia.

Não nos envergonhamos de o confessar por nós, que de sobejo conhecemos o pouco que valemos; mas custa-nos, e muito, pela Universidade, de que o Instituto podia e devia ser o orgão principal, se os conselhos academicos se associassem a estes trabalhos, se tivessem a bem enriquecel-o com os seus escriptos, com as suas memorias, com os seus annaes, seguindo 'nisto as boas praticas de todas as academias da Europa culta.

Não entendemos que a missão de um magisterio tão auctorisado e tão illustrado se concentre no recinto das suas aulas, ou se traduza nos compendios dos seus dignos membros.

Não é uma censura que lançamos aqui sobre uma corporação tão respeitavel, nem queremos com isto dizer que as outras escholas superiores comprehendam melhor os seus deveres; mas quizeramos que o exemplo partisse d'aquella, que, por todos os titulos, reputamos a mais auctorisada. E nem por isto deixamos de confessar com reconhecimento a valiosissima cooperação, que temos recebido de professores distinctissimos da Universidade.

Ás mimosas producções da mocidade academica devemos tambem algumas das mais bellas paginas do Instituto; folgariamos, porem, de a ver concorrer em mais crescido numero para esta cruzada sancta de verdadeiro progresso e illustração, não deixando arrefecer os brios litterarios pelo receio de uma critica demasiado severa; nem cortando os elevados vôos do genio e do talento juvenil pela ambição nobre, mas difficil sempre, de querer logo em verdes annos colher sasonados fructos no estadio das letras.

O Instituto deve servir de modelo para uns, de incitamento para outros, de instrucção para todos. Só assim os seus serviços podem aproveitar á causa das letras.

O Instituto, escripto por sabios abalisados, por jovens professores de grande engenho, por alumnos talentosos, encerrará em suas paginas a historia eloquente das diversas transformações, por que a nossa sociedade vai passando; das idéas que a agitam; das suas tendencias; e das suas mais elevadas aspira-

ções. Serão essas paginas os annaes das gerações litterarias, que vão transmittindo umas ás outras, sempreenriquecido de novas conquistas, sempre ataviado de novas galas, de novos primores, o deposito precioso das sciencias, das letras e das bellas artes.

Haverá 'nessas paginas recordações tão saudosas.... 'neste tracto ameno e aprazivel do jornalismo litterario haverá tão doce exempção d'animo; tanta serenidade de espirito; tão sincero amor pelo que é verdadeiramente nobre e generoso, que nos farão esquecer de bom grado essas tempestuosas e estereis lutas das paixões politicas; esse tumultuar das ambições partidarias; esses odios e rancores que desvairam muitos engenhos felizes, muitas vocações honestas, muitos characteres dignos de melhor estrea.

Na sua pacifica missão o jornalismo scientifico não póde colher os rapidos e momentaneos triumphos da imprensa politica; mas tambem não tem a queixar-se da ingratidão dos partidos, nem da injustiça dos homens que os servem.

A sua acção é lenta, mas vivificante e duradoura. A sua existencia não offusca pelo fulgôr das paixões excitadas; mas, modesta e singela, como é, tem na sua consciencia, na convicção intima dos serviços que presta á humanidade, á civilisação, ás letras e ás boas artes, a sua mais bella corôa.

Guiados por estes principios continuamos a publicação do INSTITUTO; e temos fé em que não sairemos mal do nosso intento, se, como esperamos, continuarmos a merecer o apoio das pessoas doutas, e dedicadamente interessadas pela prosperidade das letras patrias, pelo progresso das sciencias, e pelo aperfeiçoamento da instrucção e da educação nacional.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PÚBLICA.

RELATORIO DA 3.ª SECÇÃO.

1854—1855.

Continuado de pag. 281 do V. vol.

Secretaria da Universidade.

O chefe d'esta repartição, depois de ter exposto no seu relatorio grande augmento de trabalho na secretaria a seu cargo, já pelos concursos das 5 faculdades, já pelos longos e minuciosos processos passa a promoção dos candidatos nos differentes logares vagos do magisterio, já pelas jubilações, e as repetidas e extensas sessões do claustro pleno na discussão de projectos regulamentares, conclue que não se faltou ao expediente necessario, que seria mais completo e aperfeiçoado, se houvesse o sufficiente numero d'empregados para satisfazer com promptidão a todos os ramos do serviço. Dá além d'isto conta de, em virtude da portaria do ministerio do reino de 29 de janeiro do corrente anno, ter sido transferida a repartição da secretaria do seu antigo local para as salas inferiores do paço reitoral, onde se collocou o cartorio, e arranjaram, com commodidade e decencia, um gabinete para o prelado, e outro para o secretario, e as salas para os officiaes e o porteiro, achando-se tudo disposto na melhor ordem e regularidade, mas sendo ainda necessarias algumas obras, e alguns moveis para as salas e gabinetes.

Real capella da Universidade.

Do relatorio do thesoureiro capellão-mór consta que na real capella celebraram-se no anno lectivo findo os Officios Divinos, na conformidade do decreto de 15 d'abril de 1845, e regulamento de 27 de junho do mesmo anno; cumprindo todos os empregados da mesma real capella os seus encargos, e sendo os capellães coadjuvados no desempenho das funcções religiosas por alguns estudantes ecclesiasticos na qualidade d'addidos, segundo o disposto no art. 4.° §. 2.° do citado decreto. Consta mais que, além do thesoureiro capellão-mór, e do mestre da capella, professor no lyceu, ha 8 capellães, que devem ser estudantes matriculados em algumas das faculdades academicas, incumbindo a cada um d'elles ser annualmente chantre, as obrigações designadas nos estatutos do citado decreto, art. 4.°, §. 7.° Como pela organisação da capella, não pertencem ao capellão, que em cada anno fizer as vezes de chantre todas as attribuições que antigamente competiam ao chantre, é o mesmo thesoureiro de parecer que com urgencia, para bem da regularidade e disciplina na capella, sejam explicitamente designadas as obrigações ou attribuições que lhe possam competir, baixando para isso em portaria do prelado alguns artigos, que se devem annexar ao regulamento, e determinem aquellas attribuições. Parece-lhe tambem que conviria que, além da nomeação do capellão chantre que deve annualmente ser feita pelo prelado da Universidade, fosse tambem nomeado pelo mesmo prelado um capellão, mestre de ceremonias, para evitar alguns inconvenientes, que se tem dado até hoje na eleição do que devia exercer este logar. O serviço dos addidos, segundo o relatorio tem sido na maior parte muito irregular, faltando alguns d'elles em funcções até mui principaes, e porisso o thesoureiro capellão-mór sollicita tambem algumas providencias para regularidade do ser-

viço, secundo, exigir-se-lhes ao mesmo tempo prova de sufficiencia em canto-chão e ceremonias, antes de serem matriculados addidos. Dos 8 capellães estudantes, durante o anno lectivo, 3 cederam as suas capellanias, por haverem concluido os seus estudos, tendo sido estas capellanias providas interinamente nos addidos mais antigos, segundo a practica, em quanto não forem a concurso para serem providas definitivamente.

Continúa a urgencia de reparos no tecto, e retabulo do altar mór, bem como em alguns dos ornamentos. Sem os concertos do tecto da capella, não é possivel concertar e limpar o orgão, tornando-se este de dia para dia mais damnificado.

Academia polytechnica do Porto.

O director d'esta academia expõe, no seu relatorio: 1.° que durante o anno lectivo de 1854 a 1855 o governo de S. M. foi mui pontual em mandar pagar á academia a sua dotação para despezas de expediente, e que por isso mui regular e conveniente foi o serviço, que dependia de meios pecuniarios: 2.° que a frequencia dos alumnos foi superior á do anno proximo findo, distinguindo-se alguns d'elles: 3.° que os lentes substitutos continuáram ainda a reger em todo o anno as cadeiras 3.ª e 10.ª em razão de seus respectivos proprietarios estarem em commissão do governo de S. M. 4.° que principiou felizmente a ter execução na academia a lei de 20 de setembro de 1844, que obriga os pilotos practicos a requererem exame, para á vista dos diarios das respectivas viagens se lhes passar a competente carta de piloto ou sota-piloto: 5.° que pelo ministerio do reino foi concedida licença a varios militares, em numero de 19, para frequentarem a academia, remettendo o director em tempo competente uma relação ao ministerio do reino com a designação do seu aproveitamento na firma da portaria de 4 d'agosto de 1853: 6.° que a ordem, e policia academica foi em todo o anno mantida sem alteração. O mesmo director lamenta ainda a falta de um jardim botanico tão reclamado pela parte da agricultura e botanica, por não ter os meios para o levar a effeito. Matricularam-se 243 estudantes; foram examinados 151, approvados *nemine discrepante* 129, *simpliciter* 25, reprovados 3, premiados 8, com *accessit* 20, esperados para outubro 20, perderam o anno 66.

Eschola medico-cirurgica de Lisboa.

O conselho d'esta eschola faz ver no seu relatorio que algumas necessidades se encontram ainda por satisfazer, sem o preenchimento das quaes se tolhe á eschola o desinvolvimento importante a que ella póde e deve chegar sem difficuldade, e com vantagem simultanea para o paiz e para a humanidade.

D'estas necessidades a primeira é a reparação de partes do edificio da eschola em deterioração, sollicitada ha mais de 2 annos pelo conselho da eschola, é reputado urgente pelos mestres das obras respectivas, mas infelizmente até hoje ainda não levada a effeito pelo ministerio das obras públicas.

A 2.ª é a falta de melhoramentos nos seus estabelecimentos particulares, aos quaes o conselho não póde de modo algum prover por carencia de recursos além da sua dotação annual, que apenas chega para o custeamento das despezas, a que é especialmente destinada; não podendo por isso dispor-se convenientemente a bibliotheca, que muito precisa ser accrescentada para bem se collocarem os livros que já possue; nem acabar-se uma das salas, que deve servir de gabinete de instrumentos cirurgicos, onde se conservem, e exponham esses instrumentos e machinas operatorias que já tem, e que de futuro deve ir adquirindo.

A 3.ª é a acquisição, para o gabinete anatomico já mui rico de preparados physiologicos e pathologicos, de modêlos em cera, e em gesso, em cartonagem etc. que hoje enriquecem de uma maneira convenientissima os muzeus de todas as escholas e dos hospitaes dos paizes cultos.

Pelo que respeita ao estado litterario, o conselho escholar diz que a educação medico-cirurgica actual, póde reputar-se completa pelo que pertence ás necessidades geraes da práctica, habilitando os alumnos adequadamente para a judiciosa applicação dos preceitos da arte. Entende comtudo que além da repetição do estudo da anatomia para os alumnos do 2.° anno, que ultimamente o governo de S. M. providentemente ordenou, e que deve produzir excellentes resultados, muito convirá o estabelecimento de cadeiras especiaes d'anatomia pathologica, e de medicina legal, onde os estudantes recebessem a instrucção propria d'estas doutrinas de um modo regular e seguido, em logar de forma detalhada e parcial, com que ella lhes é subministrada nas diversas cadeiras por onde se acha repartida.

No anno lectivo findo o conselho, por proposta de um de seus membros, julgou, como por ensaio, dever alterar a forma de frequencia das aulas pelos alumnos, alternando as materias ensinadas nas diversas cadeiras com os dias da semana, ficando umas das aulas nas 2.as, 4.as e 6.as feiras, outras nas 3.as, 5.as e sabbados, e augmentando mais meia hora a cada preleção, a fim de não privar os estudantes de instrucção, nem os lentes de tempo para a conferirem. O ensaio não deixou de corresponder á expectativa: o anno lectivo decorreu sem inconveniente; o ensino fêz-se,

e os alumnos foram examinados segundo o methodo legal, e nenhuma deficiencia se encontrou: por este motivo o conselho determinou continuar no anno futuro similhante disposição.

Pelo mappa estatistico das escholas medico-cirurgicas e annexas de pharmacia e de parteiras se mostra ter sido o numero total dos estudantes matriculados nas differentes cadeiras da eschola medico-cirurgica 32, e apenas um só d'elles não fechou matricula. Tiveram logar 44 exames particulares: 7 alumnos foram approvados com louvor, 33 plenamente, 3 pela maior parte, e um só reprovado.

Na eschola annexa de pharmacia matricularam-se 5 estudantes; d'estes fizeram exame 4 pertencentes ao 2.° anno, ficando 2 approvados com louvor, um plenamente, e um reprovado. A eschola de parteiras teve 14 aspirantes matriculadas, 7 no 2.° anno, e 7 no 1.°, e d'estas uma só provou o anno. Fizeram-se 7 exames, de que resultou ficarem 6 approvadas plenamente, e uma pela maior parte. Tiveram logar 7 actos grandes; e 10 exames d'aspirantes pharmaceuticos.

Eschola medico-cirurgica do Porto.

O conselho escholar expõe, no seu relatorio: 1.° que os trabalhos academicos foram no anno lectivo findo desempenhados, segundo os programmas seguidos nos annos anteriores, com o zêlo e sollicitude que o conselho costuma ter em bem cumprir a lei, e as sabias determinações de S. M.; aproveitando para instrucção dos alumnos os copiosos meios que a eschola já possue, principalmente no que respeita á parte práctica do ensino, por lhe estar aberto o hospital real de S.to Antonio, onde se encontram sempre muitos e variados exemplares tanto d'anatomia, como de chimica medica-cirurgica, e de obstetrica: 2.° que na porção do terreno, que lhe foi concedido pelo governo de S. M. na cêrca do extincto convento dos Carmelitas para edificação de uma casa apropriada dos estudos medico-cirurgicos, se tem constantemente occupado do modo de levar a effeito a construcção de um edificio, que satisfaça as necessidades do ensino, e de boa collocação ao já rico e precioso material da eschola, que se está detereorando com gravissimo prejuizo da Fazenda pública, para cujo fim, em breve, submetterá á approvação de S. M. os trabalhos que tem quasi concluidos. O mesmo conselho mostra-se mui satisfeito, por ter o governo de S. M. em portaria do ministerio do reino de 4 de setembro do corrente anno ordenado á eschola medico-cirurgica de Lisboa que os alumnos do 2.° anno fossem obrigados á repetição e frequencia das disciplinas da 1.ª cadeira.

Tambem o conselho escholar espera, com a elevação da verba para despezas da eschola á quantia de 1:500$000 réis, utilisar muito nas acquisições indispensaveis para o armamentario cirurgico, gabinete de physica, e bibliotheca, observando a maior economia, que ser possa, mas attendendo a facilitar a instrucção, que a eschola deve, e deseja fornecer aos alumnos. Matricularam-se na eschola medico-cirurgica 87 estudantes, perderam o anno 2, fizeram exame 71; foram approvados plenamente 47, pela maior parte 24; esperados para outubro 14; fizeram actos grandes e foram approvados plenamente 2. Cartas medico-cirurgicas passadas pela eschola 4. Titulos do 4.° anno 2. Na eschola annexa de pharmacia matriculou-se 1 estudante. Terminaram o curso, fizeram exame, e foram approvados plenamente 2. Fizeram exame com 8 annos de practica, e 25 de edade 15, foram approvados plenamente 9, pela maior parte 6. Passáram-se diplomas 11. Curso de parteiras, passaram-se diplomas 1.

Conforme o mappa estatistico de clinina medica, no anno lectivo findo, entraram no hospital homens e mulheres 190; foram curados 110; melhoraram 52; falleceram 17. Do mappa estatistico de clinica cirurgica vê-se que entráram no hospital, doentes d'ambos os sexos 95; curaram-se 49; melhoraram 25; não se curaram 6; morreram 6; ficaram em tratamento 9.

Estatistica da enfermaria de partos.

Parturientes entraram 160; sahiram restabelecidas 157; morreram 3. Fetos nasceram 160; masculinos 81; femininos 79; vivos 149; mortos 11.

AGRICULTURA.

BANCOS TERRITORIAES.

Continuado de pag. 270 do 5.° vol.

Delineada em succintas palavras a historia d'esta bonissima instituição, vem-nos agora o entrar com a sua forma e natureza das suas operações, com os meios de a conseguir fundada e com a sua como vida na sociedade.

Discordantes têm sido os alvitres propostos pelos economistas e diversos os caminhos seguidos na practica. Procuraremos desenvencilhar d'ahi a verdade, sonegando considerações inuteis ou impertinentes.

—Eis, portanto, em breves palavras, o meio que cremos mais apto:

Reune-se um numero qualquer de proprie-

tarios de reconhecida abastança em bens terreaes, livres d'hypothecas e todos os outros onus, que tanto opprimem a propriedade, e sobre o valor d'elles passam acções, as quaes, em seu poder, ficam constituindo o representativo fundo do Banco. Estas acções, que podem ser firmadas por todos, para mostrarem, á primeira vista, a solidariedade dos instituidores do Banco territorial a quantos de futuro nos mercados vierem a negocial-as; ou simplesmente, por qualquer ou quaesquer d'elles, como directores, segundo os regimentos e instrucções peculiares, como acontece entre nós com as notas do Banco de Portugal, commercial do Porto, etc. etc., devem variar de valor entre um *minimum* e um *maximum* estipulados, para facilmente poderem soccorrer ás variadas necessidades dos futuros tomadores d'emprestimo.

Constituido assim o Banco territorial, o proprietario apertado pela necessidade corre alli; e, apresentando hypotheca, cujo estado juridico cumpre ao Banco reconhecer, recebe o desejado emprestimo em acções ou notas, sempre em valor menor ao dos haveres hypothecados. — Os fundadores podem, quando apertados por imprevisto apuro, ser soccorridos egualmente como os demais.

É claro, por conseguinte, que estes Bancos não carecem de possuir capitaes metalicos accumulados em suas burras.

As notas com que se effeitua o emprestimo devem, para com mais facilidade passarem de mão em mão negociando-se, ser ao portador ou apresentante; embora não sejam pagaveis á vista.

O proprietario tomador d'emprestimo, negociando estas notas no mercado, realisa em metal sonante o valor de que necessita para fazer face á compra d'um novo instrumento aratorio, aos reparos d'uma calamidade imprevista, ou ao amanho das suas terras.

Um outro meio d'effeituar os emprestimos, do qual mais lançam mão os Bancos ultimamente fundados, consiste não em entregar ao emprestado as notas para este as cambiar nos mercados, mas sim em lhe dar o importe em metal, negociando-as o Banco directamente. E, sem duvida, é este um melhor meio; por isso que ao corpo moral — o Banco — é sempre mais facil e mais lucrosa a negociação, do que ao individuo emprestado.

E de mui facil negociação, por certo, devem de ser essas notas, visto como o capitalista conhece perfeitamente que, comprando uma ou ainda muitas d'ellas, não fica constituido no pé de crédor d'um particular, sempre sujeito a incalculaveis eventos sinistros, senão que d'uma companhia respeitavel em haveres — o Banco territorial —, que por meio d'esses titulos negociaveis e da hypotheca recebida, tomou inquestionavelmente o logar do proprietario.

Mas, em troca de tamanhos e palpaveis beneficios que da existencia de bancos d'esta natureza resultam ao proprietario necessitado, alguns encargos lhe sobrevêm, aos quaes servem de penhor as hypothecas.

Não são estes, porém, tão graves, nem o poderiam ser, como os provenientes d'um emprestimo d'outra qualquer natureza, em que o capitalista renuncia ao gozo do objecto prestado, o que aqui é evidente que não acontece; porque os accionistas, fundadores do Banco, não só não entram para elle como quantia alguma metallica, mas até nem se desapossam dos predios representantes das acções.

Os encargos, pois, reduzem-se a um modico juro, apenas sufficiente para o custeio da administração do Banco, e para de certo modo instigar os capitalistas a buscar na praça esses titulos. Digo de certo modo, porque, logo que o credito do Banco esteja bem radicado, é facillimo de ver que os capitalistas mais desejarão ter em suas carteiras essas notas, ainda quando com diminutissimo interesse, sobre valores tão seguros como são as terras, do que o metal estagnado em seus cofres, que nada lhes produz.

Um outro encargo ha ainda e que, em nosso ver, é todo em proveito do tomador do emprestimo, por isso que d'esta forma, 'num certo periodo d'annos, se acha livre da divida contrahida — e consiste 'numa annuidade amortisadora, satisfeita respectivamente ao Banco.

Tanto, porém, esta annuidade, como o juro predicto devem, attento o diminuto lucro que dão as propriedades terreaes, ser bastante modico, para que o agricultor possa aproveitar na transacção de credito. O juro de 2 por $\frac{0}{0}$ em relação ás notas, e de 1 por $\frac{0}{0}$ ás annuidades, com o que em pouco mais de 40 annos se desquita da divida contrahida, parecem-nos sufficientes.

Mas pagar 3 por $\frac{0}{0}$, nos dirá agora alguem admirado, quando as terras hoje em dia tal não produzem, é sonhar uma theoria irrealisavel, é « *gastar palavras em contar extremos* » de felicidades arrebatadoras, mas jámais gozaveis!

Perdão: — ha 'nesse dizer um engano palpavel, um erro vergonhoso. Que as terras, em geral, e em relação ao seu custo e despezas d'amanho difficilmente produzem para mais de 3 por $\frac{0}{0}$, é, tambem a nossos olhos, facto assaz provado; — mas estes Bancos que anhelamos não têm por fim fazer emprestimos para compra de terras: — por quem são, não baralhem as idêas! O Banco empresta sobre o valor de terras possuidas para melhor e mais proveitoso fabrico d'ellas; e ainda ninguem nos provou até'gora, nem esperamos venha a provar, que o producto liquido d'uma terra não dê, sempre, para mais de 4, de 5, de 6 por $\frac{0}{0}$ do gasto na cultura, afóra um caso extraordina-

rio, de que não devemos curar v. g. o *oïdium tukeri* nas videiras, durante os ultimos annos.

Se outra cousa fosse a verdade, certamente nem um unico grão cahiria annualmente da mão do semeador a ir germinar no solo, nem um podão se levantaria sobre o inutil sarmento. O trabalho improductivo não é para o homem. Sómente o escravo abriria, sob o látego, o seio fecundo da terra.

Eis-aqui em succinto esboço, as feições mais pronunciadas dos Bancos territoriaes.

Enunciaremos agora, tambem em poucas palavras, algumas considerações de momento.

—Será util a interferencia do Estado, d'um modo immediato, 'nestes bancos?

Se-lo-hia, sem duvida, se o Estado fosse o que devia ser; mas como elle é, mas como elle tem sido entre nós, então não, mil vezes não. A sua interferencia o mesmo era que o descredito, a ruina do Banco. A creação d'estes seria prejudicial, por isso que ephemera.

Sangram ainda muito frescas as feridas occasionadas pela corrupção, pelo desperdicio, pelo peculato dos nossos governos. O succedido, ha bem pouco, com as notas do *Banco de Lisboa*, que chegaram a valer, na praça, pouco mais d'um terço do valor nominal, o que se está dando a cada momento com todas as incripções de credito público e que, infelizmente, continuará a dar-se, vive muito ás claras na memoria de todos, para que seja preciso perder tempo em querer demonstrar o prejuiso immediato d'essa interferencia... *quod Deus avertat.*

Em segundo logar, apresenta-se a difficuldade de mostrar a possibilidade da existencia d'instituições taes com o nosso actual systema hypothecario. Será este objecto o *sine qua non*, o *delenda Carthago*, como diz Wołowski, para a sua existencia?—talvez; não o affirmamos; e ainda mais, nem sequer o acreditamos plenamente.

Finalmente, inutil me parece, por de toda a evidencia, o fallar ácerca da grande quantidade de valores, improductivos hoje, que viriam innocular-se vivificadores no corpo social por meio d'uma tal creação, e bem assim da segurança incontestavel dos seus titulos, ainda nas mais apertadas e difficultosas crises d'uma nação.

O fiador d'elles é o solo, é a patria; e a patria e o solo não desapparecem, não se extinguem. O exemplo da invasão da Prussia pelas aguias francezas é palpavel. O soldado de Napoleão podia abrazar a seara, talar o campo, aluir a abegoaria, rapinar o aprisco, saquear a tulha... podia e fazia-o; mas o que não fazia, porque não podia, era levar o solo ou mudar-lhe, siquer, a qualidade geologica. Pelo contrario, deixava-o amurujado de sangue e o sangue é fertilisador.

Continúa.

A. A.

REVELAÇÃO DOS CRIMES.

A influencia, ás vezes demasiada, que a opinião pública exerce sobre o direito penal, obriga o legislador a proscrever dos codigos certas instituições, não já por serem injustas ou immoraes, senão porque os homens, dominados por uma prevenção talvez exaggerada, receiam ver renovar abusos que das mesmas instituições se originaram em épochas bem differentes da nossa. Não sei se convém conceder tanto ás exigencias da opinião pública.

Incontestavel é, por certo, que o legislador deve respeitar os costumes da sociedade; que as leis têm de ser, mais ou menos, a expressão d'esses costumes, e, por via de regra, devem não encontrar de face as idêas geralmente recebidas; outra cousa porém é dizer que o legislador se deve limitar, como parecem querer alguns philosophos, a reduzir a escripto o direito consuetudinario.

Permitta-se-me julgar que o fim do legislador é mais complexo. Elle não deve deixar-se dominar pela opinião pública; mas dirigil-a. Respeitando os interesses da sociedade, marchará á frente do progresso, innovando quando convier, conservando quando podér, sem attender a injustos clamores. Esta tarefa é tão importante quão difficil. Por isso recuam deante d'ella; e mais querem abandonar-se de todo ao juizo público, do que descer a uma analyse profunda das idêas que o determinaram, para seguil-o quando fôr exacto, e corrigil-o quando fôr erroneo.

D'este ultimo phenomeno temos um exemplo bem sensivel na materia que é objecto do presente artigo. A revelação já existiu em pleno desenvolvimento—durou seculos. Abusou-se; e a sociedade, que não podia emendar o abuso, porque se não podia emendar a si, acabou com a revelação. As causas d'esses abusos desappareceram, e creio que para sempre; mas a sociedade persiste em não querer revelação; e alguns legisladores, condescendendo com a sociedade, baniram dos seus codigos a obrigação de revelar.

Terá razão a opinião pública? Será este um dos casos em que o legislador a deva seguir? ou convirá modifical-a pouco a pouco e destruir intempestivos receios de voltarem com a revelação os mesmos abusos a que já serviu de pretexto?

I.

No campo da theoria—sem descer ás modificações que na práctica póde soffrer a applicação do principio, parece-me poder-se affirmar que a revelação é justa; ainda mais: que é exigida pelos principios racionaes da sciencia do direito penal.

A obrigação de revelar achamol-a baseada

na sociabilidade — no instincto que leva os homens a unirem-se, para da fraqueza individual fazerem força social. Esse instincto, é para o homem um dever [1], é uma necessidade, que não póde deixar de acceitar com todas as suas consequencias, uma das quaes é, sem dúvida, a obrigação de concorrer para a manutenção da ordem [2].

O crime é perturbação da ordem; a pena o seu restabelecimento. O homem deve, pois, concorrer para que o crime se não pratique, e se tanto não podér conseguir, se a ordem for perturbada, deverá então esforçar-se para que ella se restabeleça com a imposição da pena. Mas como poderá o homem cumprir esta obrigação?

Reconhecendo-se a necessidade de auctoridades, que administrem justiça, que estejam encarregadas de evitar os crimes, perseguir os culpados, e impor as penas, funcções que não podem ser exercidas senão em nome da sociedade, e sob seu especial mandato, claro é que o unico modo como os cidadãos podem cumprir aquelle dever, é ajudando estas auctoridades no desempenho de suas funcções. Este auxilio presta-se, ou por actos negativos, ou por actos affirmativos. Entre os primeiros temos a obrigação de não acoitar malfeitores, de não lhes fornecer meios para commetterem o crime, etc.; entre os segundos, a de testemunhar, prender em flagrante, indicar os culpados, ou o seu projecto, quando o crime não está ainda consummado [3]. 'Nestes actos se resume o dever social de concorrer para a não impunidade.

A sociedade obriga ao cumprimento de todos esses deveres, excepto o da revelação. Impõem-se penas a quem não quizer vir depôr em juizo; a quem acoitar malfeitores com conhecimento de causa; a quem lhes fornecer meios para commetterem o crime; mas não se pune aquelle que, sabendo do projecto d'um crime, não vem revelal-o á auctoridade, nem aquelle que, tendo presenceado um delicto, o não revela ao magistrado. Qual será a causa d'esta differença? É, dizem, porque o dever de revelar só póde obrigar na consciencia; porque é apenas um dever moral, cujo cumprimento a sociedade não póde exigir. Em outra parte d'este trabalho procurarei responder aos argumentos em que se basêa tal opinião; mas o que desde já importa fixar, é que todos esses factos, embora d'elles constituam cumplicidade, d'elles sómente participação indirecta do crime, todos, digo, são egualmente contravenção do dever social de não favorecer a impunidade; porque todos tendem a produzir ou prolongar o estado de não-direito causado pelo crime; assim considerados, todos são criminosos [4], e como taes merecedores de penas.

Para os que fazem depender, em direito penal, a legitimidade de um principio, da sua necessidade, não me parece que deva offerecer dúvida a justiça e legitimidade da revelação. Como suppôr que a auctoridade, só por si, póde ter conhecimento de todos os crimes? que a policia é tão perfeita que presenceie todos os delictos, e conheça seus auctores? que o ministerio público está tão bem organisado, que possa querellar de todos os crimes, sem previas informações que o habilitem para fundamentar as suas accusações? O concurso dos individuos é necessario para a boa administração da justiça; e este concurso não póde cifrar-se no testemunho sómente, porque seria imperfeito. O testemunho é sobre factos conhecidos, quasi averiguados, ás vezes já demasiadamente provados; não provoca, como a revelação, a acção da justiça; o testemunho é um meio de concorrer para a não impunidade muito menos efficaz do que a revelação.

Se além disso considerarmos os effeitos da revelação anterior ao facto, que são: evitar o crime, e todas as suas consequencias; da posterior ao delicto, que são: dar direcção ás indagações da justiça, e poupar-lhe as incertezas em que mais ou menos labora, quando sómente conhece o crime pelos seus resultados; tornar a sua acção mais prompta, e como tal mais efficaz, porque, com delongas se enfraquecem as provas, e parece immerecido o castigo; se considerarmos todos esses effeitos, não teremos dúvida em reconhecer que a revelação é o modo mais energico de concorrer para a sustentação do principio da não impunidade; por consequencia para a sustentação da ordem, e da sociedade.

Continúa.

---

[1] Rossi.

[2] Parece-me inutil insistir nestes pontos, que quasi se podem dizer os logares communs da sciencia social. Julgo incontestavel e incontestado, que a ordem é essencial para a existencia da sociedade — e que portanto o homem *deve* procurar conserval-a e fazel-a conservar, usando para isso dos meios licitos, de que elle póde dispor.

[3] Alguns d'estes actos constituem verdadeira cumplicidade. É certo, porém, que os achamos todos comprehendidos no principio de não concorrer *directamente* para a não impunidade.

[4] É claro que todos os actos que tendem a favorecer a impunidade são crimes, porque lesam a sociedade no seu direito ao estado de segurança.

DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 281 do V. vol.

X.

Longos volumes seriam mistér para recolher os heroicos feitos das servas dos pobres.

Desejavamos fazer uma boa escolha; tememos porém a tarefa, porque são tão continuados, tão excellentes e tão variados, que por certo quem abrir ao acazo os livros que os referem do passado, e os jornaes que os contam do presente, nos extranhará a pouquidade.

É força porém, que, sem transcrever mais que uns leves apontamentos, comprovêmos d'algum modo, ainda mesmo de corrida, quanto é justo o doce epitheto de *anjos do céu*, com que têm sido designadas.

De 1633, em que tiveram principio, até 1658, data das *letras patentes* de sua admissão na França, decorreram vinte e cinco annos, que podemos chamar de noviciado d'esta instituição. Difficilmente se encontrará outra, cujas provas hajam sido mais brilhantes!

Ao serviço dos pobres e dos desvalidos, na patria, não tardou em accrescer a necessidade do desterro, longe d'ella. A peste devastava a Polonia; chamadas pela rainha Maria de Gonzaga, os hospitaes, aonde jaziam os enfermos abandonados, foram o theatro da sua caridade. Pela sua influencia não tardaram em abrir-se outros hospicios e asylos, fundados pela mesma rainha, em beneficio dos pobres, dos orphãos, e dos alienados, e entregues egualmente ás irmãs da caridade.

Eguaes flagellos devastavam, mais perto da patria, a cidáde d'Anvers. As irmãs ahi voam.

'Num dos hospicios havia um doente, que exhalava de si um tão repugnante fetido, que não havia quem d'elle se podesse, por esta causa, approximar.

As mesmas irmãs serviam-no com extrema repugnancia, e os outros enfermos queixavam-se altamente; foi mistér separal-o.

A irmã Genoveva, inspirada por um zelo todo divino, tomou-o especialmente á sua conta. Mas a sua ardente caridade parecia não poder vencer a força repulsante, que desviava do desgraçado; e a sua coragem abandonava-a, quando os soccorros eram mais necessarios.

Que fazer 'nestas circumstancias?

Por sua ordem trazem-lhe uma cadêa de ferro, cinge-a á cinta, prendem-na ao leito do enfermo, dando-lhe apenas o comprimento sufficiente para que ella se movesse com facilidade. Soldam-se as extremidades; e a irmã Genoveva, captiva desde então, exclama: Agora não tornarei a ceder á minha vergonhosa fraqueza!

Dous mezes durou o captiveiro! e a Providencia quiz dar-lhe a consolação de salvar a vida ao pobre enfermo.

Em 1640, devastada a Lorena por uma espantosa fome, as irmãs acodem, sollicitam esmolas, derramam-nas, consolam e restituem a esperança a uma povoação desgraçada; e acolhem em seus braços, e provêm d'asylo, e trabalho, a grande numero d'orphãos, triste legado d'aquelle terrivel flagello.

A guerra civil, com todos os seus horrores, e com todas as suas miserias, não tardou a opprimir a França. Mas quanto mais os males augmentavam, quanto mais os recursos da caridade, por essas mesmas causas, diminuiam, tanto mais esforçado era o zêlo das irmãs, nas cidades, nos campos, e em meio dos combatentes. Muitas encontraram a morte 'nestes penósos officios.

A irmã Maria José, não podendo já soccorrer de pé grande numero de feridos, que a cercavam, pediu que lh'os trouxessem para juncto do leito, aonde jazia; e ahi, com suas desfallecidas mãos, lhes curava ainda as feridas! A morte surprehendeu-a no meio d'esta dedicação sublime.

Uma geral admiração, uma fama derramada por toda a França, um ardente desejo de possuir em cada cidade as servas dos pobres, o seu nome em todas as bôccas, e o affecto em todos os corações, valêram-lhes as approvações e *letras patentes*, que deviam ligar para sempre a obra de S. Vicente de Paulo á França, e dez annos depois, em 1688, ao orbe catholico.

XI.

Desde então até aos dias nefastos da revolução franceza e do imperio da guilhotina e do terror, as irmãs da caridade jámais desmentiram os seus gloriosos principios; e um século d'existencia, assignalado pelos maiores serviços prestados aos pobres enfermos e ao pobre povo, havia firmado o justo credito, dentro e fóra do paiz, d'essas heroinas da caridade,

Nem a profunda corrupção do meado do século 18, e as torpezas da regencia, nem a moda da incredulidade e da zombaria de tudo quanto havia de mais sancto, foram capazes d'enfraquecer a sua gloria, e geral estimação.

Um só e insuspeito testimunho é bastante.

«Talvez não haja cousa maior sobre a terra (disse Voltaire), do que o sacrificio, que faz um sexo delicado, da belleza e da mocidade, e muitas vezes d'um alto nascimento, para alliviar nos hospitaes este refugo de todas as miserias humanas, cuja vista é tão humilhadôra para o nosso orgulho, e tão revoltante para a nossa delicadêza.»

Mas estes anjos do céu, militantes na terra, eram christãs, humildes e obedientes filhas da egreja; como poderiam escapar á impia raiva dos adoradôres da deusa da razão?

Em tamanho naufragio de tudo quanto havia em França de mais nobre, de mais sancto, e virtuôso; — sob tão grande e espantoso cataclysmo de torpezas e atrocida-

des, no meio de tão procellozo mar de sangue, fôra a maior das maravilhas, que a furia do tempo perdoasse tanta religião e caridade.

Ouçamos um estrangeiro, e protestante. O celebre Burke em pleno parlamento, na sessão de 6 de junho de 1791, fallava assim: « Estas desgraçadas filhas, consagradas aos deveres os mais sublimes da religião e da humanidade padecente, têm sido arrastadas pelas ruas, e açoutadas com varas pelos *soberanos* da nação franceza; e isto, porque o padre de quem tinham recebido a communhão, não se havia sujeitado ao *test*.

Este insulto feito aos costumes, que teria achado vingadores nos paizes mais barbaros, não foi punido, nem ainda censurado. »

—O parlamento d'Inglaterra (escreve o abbade Orsini) commoveu-se; e a poderosa voz d'um dos seus primeiros homens d'Estado fez ouvir do alto da tribuna britannica este nobre apêllo: —« Filhas de Vicente de Paulo, vinde para nós; o asylo, que vos recusa uma patria ingrata e louca, a Inglaterra vol-o dará!

E este generoso apêllo, dirigido não sómente ás irmãs de caridade, mas aos animosos confessores da fé, e a todos os infelizes proscriptos d'estes dias desgraçados, e bem acceite dos homens, não o podia ser menos da providencia; e senão, que o diga a supremacia dos mares, o immenso influxo em todo o mundo culto e inculto, e o renascimento protentoso do catholicismo, no reino unido! Aquellas heroinas christãs, aquelles martyres da fé e da lealdade, levaram comsigo as bençãos do céu, e em sua vida e doutrinas uma fecunda semente de prosperiade moral e religiosa. E a providencia como que pareceu esquecer-se dos graves peccados do governo e dos homens d'estado da Inglaterra, em attenção á beneficencia, generosidade e hospitalidade da nação ingleza.

XII.

Em toda a força da perseguição, no mais furioso do delirio, as irmãs não desmentiram nem a sua fé, nem a sua doçura e caridade; e por vezes o verdadeiro povo francez lhes fez justiça, a ellas, e aos malvados, vendidos a tenebrozos agitadores.

« Um dia (diz C. Malo), indo trez irmãs visitar uns doentes, atravessavam a praça de S. Miguel. Um bando de furiosos lança-se sobre ellas, cerca-as, e obriga-as a dansarem á roda d'um carapuço vermelho, pendurado d'um poste. Obedecem sem murmurar, e com este tom, que penetra a alma: — Sim, amigos, dizem ellas, dansemos; mas não nos esqueçamos dos pobres doentes. » Estas palavras produziram o seu effeito; cada um dos assistentes apressou-se a depositar nas mãos d'ellas a sua offerta; e cumuladas de bençãos, correram a ir distribuir o producto da sua collecta. »

'Noutra occasião o povo, indignado contra os furiosos, que ultrajavam algumas irmãs da caridade, percipitou-se em sua defeza. « Que fizeram ellas (diz o mesmo escriptor)? — Dirigiram-se logo á prizão, aonde jaziam os seus perseguidores, para ahi lhes curar as feridas. »

— « Algumas têm noticia, que um riquissimo estrangeiro, e que diziam ser humano, acabava de chegar a Paris. Apresentam-se em sua casa, e sollicitam a esmola de sua generosidade. O estrangeiro, não comprehendendo a principio o verdadeiro fim da sua missão, recebe-as com uma especie de desdem.

— « Esmola para vós! —

« Não snr. . . . para os nossos amos. »

— « Para vossos amos (replica attonito). Então quem são esses amos assaz impudentes? . . . .

« Snr., são os pobres: estes é que são os nossos amos, nós somos as suas servas. »

Ouvindo estas palavras, o estrangeiro fica estupefacto; e no meio das maiores demontrações de respeito, deposita a sua offerta nas mãos d'estas nobilissimas servas dos pobres. »

XIII.

Como póde uma boa mãi abandonar a seus filhos? ou ainda mesmo uma piedosa serva a seu senhor, que jáz no leito, moribundo, e que sem ella ficaria desamparado?

Dispersaram-se pois, é verdade, as irmãs de caridade; procuraram algumas estranhos climas; mas nem as ameaças, nem as violencias, nem os repetidos insultos foram bastantes para que um grande numero d'ellas não permanecesse, luctando com a adversidade, por não abandonarem aos seus queridos amos.

« Prohibiram-lhes (diz Mr. de Melun) ensinar ao povo os seus deveres, e fallar de Deus ao ouvido dos moribundos; mas, desterrando-as das suas communidades, fechando-lhes as portas das suas escholas e de seus hospicios, os decretos da convenção não tinham podido arrancar de seus corações a dedicação, nem a misericordia. A lei tinha-lhes tirado o dinheiro que podiam dar; não tinha podido impedil-as de se darem a si mesmas. Excluidas dos hospitaes, como religiosas, tornavam a introduzir-se 'nelles, como enfermeiras. Privadas da faculdade de receberem ao pobre em suas casas, íam procural-o á d'elles; e continuavam, em separado, a fazer o bem, que lhes era entredicto em commum. O enfermo, vendo-as no traje secular, adivinhava, pela ternura do acolhimento, pela delicadeza dos cuidados, e tambem por algumas palavras, de que per-

dêra o habito, que o coração d'uma irmã estáva escondido sob o vestido da visinha ou da mulher caritativa. Graças ás suas visitas, fizeram-se, em mais d'uma miseravel agua furtada, santas conspirações para arrancar á morte algumas victimas. A influencia da caridade abrandou algumas almas implacaveis, desarmou algumas mãos homicidas, abafou alguns brados de proscripção e de vingança; e consciencias, desvairadas pela malefica educação dos *clubs*, voltaram para o conheimento do bem e do mal; e Deus tornou, com a piedade, para o interior de familias, que já o não conheciam [1] »

Desde o instante, em que a sociedade accordasse do horrivel pezadello, em que se agitava, a reparação devia de ser feita. Logo que se reabrissem os templos do Deus vivo, e que a caridade, em que se rezumem todos os seus preceitos, reassumisse o logar, que lhe havia tomado uma fantastica philantropia, as filhas de S. Vicente de Paulo haviam de recolher o fructo de seu martyrio.

Insensatos! que não viam, que, em todos os tempos, as perseguições não são mais que uns meios admiraveis, com que a providencia purifica e reanima a sua Egreja; e que, mau grado de seus intentos e esforços, a fé, a piedade, a Egreja, e as suas instituições, qual phenix renascida, brotam das cinzas, ainda mais viçosas e vigurosas. Que são alguns annos, ou mesmo alguns seculos, na vida da humanidade? Os incredulos e os demolidores applaudem, porque a providencia lhes deixou levar ávante a sua obra, durante um tempo. Mas esse tempo passa, e com elle as obras ephemeras dos perseguidores e tyrannos. Só fica o que ha de durar até á consummação dos séculos; a obra de Deus não morre!

Continúa. A. FORJAZ.

VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO.

Continuado de pag. 246 do V. vol.

LIVRO PRIMEIRO.

ELEGIA SEXTA.

Sempre, para illudir-me, me offereces
Fagueiro rosto, Amor; que em breve, irado,
Sombrio contra o misero desferes!
—Que tens, cruel, comigo?—Acaso, ao homem
Colher no laço um deus, é grande gloria?
—Já sinto as rêdes, já, de noite e a furto,
Um não-sei-quem astuta accolhe Delia!
E com que ardor tal feito nega e nega!
Mas posso eu crel-a, se d'est'arte sempre,
Infiel, meu amor nega ao esposo?
Quem, se não eu, a seduzir os guardas
Mofino lhe ensinou?—ai, negra sorte!
Com meus proprios ardis me opprime agora.
—Então pretextos aprendeu fingidos
Para a sós se deitar e, sem ruido,
Das portas a volver subtil o quicio:
Então philtros lhe dei, dei-lhe hervas aptas
Para a nódoa apagar, que o dente imprime,
Do lascivo chupão, no mutuo goso.

Mas tu, da fallaz moça esposo incauto,
Porque não peque mais, tambem me espias...
—Cauto procura, que aos casquilhos longas
Conversas não conceda, nem que o seio
A descuberto mostre, ao recostar-se:
Vê, não te illudam seus gentis acenos,
Nem molhe no licor o lindo dedo
Com que ignotos signaes na meza trace.
Ah! das sahidas incessantes teme,
Bem que te affirme, que da deusa Bona
Ao sacrificio vai vedado aos homens.
—Se em mim, porém, te fias, juncto ás aras
Eu proprio a seguirei, sem que arreceie,
Pelos meus olhos, da mais fina astucia;
Que inda me lembra, quanta vez a dextra
Acinte lhe apertei, fingindo as perlas
E a cifra olhar do annel, quantas o somno
Te dei no vinho, eu vencedor bebendo
Do sobrio copo, emtanto, a fallaz agua.

Offendi-te imprudente: oh! mas perdoa
A quem confessa: Amor é quem mandava.
—Quem contra os deuses tentará audacias?
O mesmo sou (nem já me peja franca
A verdade dizer) a quem raivoso,
Durante a noite, o teu alão ladrava.

Porque te canças com a tenra esposa?
Ah! se guardar não sabes teu thesouro,
Embalde ferrea chave a porta opprime.
Voa-te aos braços, mas, do amante auzente
Lembrando suspirosa o amor e os mimos,
Simula a ponto a súbita enchaqueca!
Déras-me tu, porém, que eu t'a guardasse...
E o *látego terrivel não recuso*,
Nem temo as bragas, que os meus pés roxêem.
Então, longe fugi, vós que as madeixas
Com primor penteaes, e a quem a toga
Em longas prégas se derrama ondeante;
E longe vá, por outra rua tome,
Quem não quizer, passando, ser culpado.
—Assim o deus ordena: assim m'o disse,
Em divo sonho, a sabia sacerdota.
Ella que as chamas não receia ardentes,
Quando agitada por Bellona fera,
Nem furta o corpo ás curvas disciplinas,
Que irosa fere co'a bipenne os braços
E a deusa, sem gemer, c'o sangue asperge;
E, firme o dardo no rasgado seio,
De pé, quanto successo a grande deusa
Lhe desvenda, d'est'arte vaticina:
—« Fugi, se não quereis depois no damno
« Sentir a causa, de violar donzella

[1] Vie de Sœur Rosalie.

« Que amor preserva:—como o sangue mana
« D'estes meus golpes, como o vento espalha
« Estas cinzas, em pó serão volvidas,
« Se lhe tocardes, pompas sumptuosas. »

Que duros males te predisse, Délia,
Ignoro; mas, se affavel me accolheres,
Hei de baldar, com rogos, taes presagios.
E não é, não, por ti que te perdôo;
E' tua velha mãe quem me commove,
E predilecta me desarma as iras.
Ella foi que, guiando-te nas trevas,
Temerosa ajunctou as dextras nossas:
É ella, quem me espera á noite á porta
E meus passos, ao longe, discrimina.
Oh! vive, vive para mim eterna;
Se dado fosse, repartir quizera
Comtigo os annos meus, bondosa velha.
Sempre a ti e, por ti, a filha tua
Hei de amar, faça embora acção culposa;
Que, emfim, é sangue teu: mas a ser casta
A ensina, bem que a fita não ennastre
Seus trançados cabellos, nem a stola
Lhe esconda roçagante o pé mimoso.

E venham sobre mim tambem leis duras:
Que eu não possa exalçar d'outra os encantos,
Sem que os meus olhos cegos me cubice;
E que arrastado por despenhos seja,
Bem que innocente, a crer-me em falsa culpa;
Que offender-te eu não tente, mas, tentando-o,
Deseje não ter mãos no ardor das iras.
—Por amor, não por medo, me sê casta;
Que mutuo amor te ligue a mim auzente.

Como pobre, e alquebrada pelos annos,
A que infiel atraiçoou o amante,
Ao depois, com mão trémula no fuso
Os estames envolve, e já, tecendo,
Os liços ata, já a lã carmêa!
D'esta em volta os mancebos contam rindo
Que soffre merecidos taes castigos:
Esta chorosa do alto Olympo observa
Venus sublime e, quão acerba seja
Contra as perfidias, d'este modo ensina.

Sobre outros pragas taes vão desfechadas!
—E nos, ó Délia, encanecidos ambos
Claro exemplo d'amor aos mais sejamos.

A. A.

BIBLIOGRAPHIA.

NOTICIA

D'ALGUNS LIVROS RECENTEMENTE PUBLICADOS.

LINGUAS.

S. H. Possien—Études des langues. Paris; A. Durand. 1856—8.°

O auctor mostra-se inimigo das grammaticas como meio de apprender as linguas. As censuras com que as ataca, quando não são infundadas, dirigem-se mais ao modo de escrever estes livros elementares, do que á sua substancia. O methodo que o auctor pretende substituir a este eterno tormento dos principiantes, é já antigo: consiste em fazer traduzir uma e mais vezes um trecho qualquer com o auxilio de uma traducção interlinear, fazendo depois trasladar a traducção para a lingua do original. Assim (se acreditarmos as promessas de Mr. Possien) apprenderemos dentro em pouco a traduzir e fallar e escrever uma lingua extrangeira.

Infelizmente a experiencia não nos deixa confiar mais nos promettimentos do A., do que nos dos que apregoam bilhetes da loteria annunciando riqueza sem trabalho.

O methodo da traducção interlinear é excellente, mas não dispensa as regras grammaticaes, nem poupa o seu enfadoso estudo, porque se decorar uma regra leva tempo e requer paciencia, muito mais tempo se gasta em adquirir só pelo uso o tino da regularidade.

Fréd. Dubner—Grammaire élémentaire de la langue grecque. Nouv. edit.

Esta grammatica é a unica que se acha officialmente auctorisada para o ensino elementar da lingua grega na Belgica. A *Revue de l'instr. publ.* da Belgica e o *Journal de l'instr. publ.* de França exaltam o merecimento d'esta obra. Em fevereiro ultimo ainda se não tinha publicado a 2.ª parte d'esta nova edição, mas achamol-a annunciada para muito proximo. Aproveitamos esta occasião para lembrar que se as bellas obras litterarias dos gregos, não são inferiores, antes superiores ás latinas, cumpre que o nosso governo cuide em influir vida no estudo tão desprezado da lingua grega.

PHILOSOPHIA.

Ch. Secrétan—Recherche de la méthode qui conduit à la vérité—Neufchatel, 1857; 1 *vol.*

É um escripto philosophico-religioso em que o auctor combatendo o scepticismo, a auctoridade e até a philosophia, cujos serviços aliás reconhece como eminentes, procura mostrar que a consciencia e a razão são dous guias indispensaveis para a indagação da verdade.

H. Taine—Les philosophes français du 19.me *siècle. Paris.* 1857—1 *vol.*

O A., já conhecido por outros escriptos e principalmente pelo seu *Essai sur Tite-Livre* premiado pela academia de França, examina e critica ou antes satyrisa a Laromiguière, Royer-Collard, e Jouffroy, mas principalmente a Maine de Biran, e a Cousin. Este é o mais castigado talvez por isso mesmo que é o mais bem reputado. Considera-o simplesmente como um compilador e ainda assim superficial. Apezar da injustiça com que M. Taine deprime o credito dos philosophos mo-

dernos da França, a sua obra torna-se recomendavel porque revelando os fracos dos systemas póde servir para o seu melhoramento.

E. de Presencé — La famille chrétienne. Paris. 1856 — 1 *vol.*

O A., inspirado pelo christianismo e pelos progressos da philosophia moderna, tracta, em sete eloquentes sermões, do matrimonio, da educação, das relações entre os páes e os filhos, entre os amos e os criados etc.

HISTORIA.

Alfred. Maury — La terre et l'homme, ou aperçu historique de géologie, de géographie, et d'éthnologie générales, pour servir d'introduction à l'histoire universelle. Paris. 1857 — 1 *vol.*

Cremos que esta obra é destinada a servir como de introducção á Historia Universal publicada por Mr. Duruy. 'Nesta obra acham-se as doutrinas da sciencia ácerca da formação do globo, e suas revoluções, distribuição das raças humanas, suas linguas e religiões primitivas etc.

A *biblioth. univ.* de Genève, d'onde extrahimos a maior parte das noticias, que hoje apresentamos, dos livros extrangeiros, elogia o saber do auctor e o seu talento particularmente no que diz respeito á ethnologia e linguistica.

H. Scherer — Histoire du commerce de toutes les nations depuis les temps anciens jusqu'à nos jours; traduit de l'Allemand par H. Richelot, et Ch. Vogel. Paris. 1857 — 2 *vol.*

A traducção d'esta obra, cuja importancia não é meramente historica, é precedida d'um prefacio em que Richelot expõe as phases principaes do commercio desde os tempos mais remotos até nossos dias, e indica as esperanças que no futuro lhe promette o genio activo do seculo XIX. Algumas notas dos traductores combatem ou esclarecem algumas das ideas do auctor.

SCIENCIAS POLITICAS.

M. de la Gracerie — De la république des États-Unis de l'Amerique du Nord — Paris. 1857 — 1 *vol.*

É notavel este livro por nos dizer dos Estados-Unidos cousas que não estamos acostumados a ouvir nem a ler. No pensar do auctor a constituição d'aquelles estados longe de ser a causa do seu engrandecimento, será, e mui breve, a da sua ruina pelo muito que favorece os instinctos demagogicos. O A. julga que o laço federativo que é a força d'aquelles estados, não tardará em quebrar-se. É provavel que se não realisem tão tristes e inauditas prophecias, mas este livro nem por isso deixará de ser importante para o conhecimento d'uma república que para os publicistas contemporaneos é objecto de tanta meditação, como o fôra para Montesquieu e publicistas do passado seculo a constituição ingleza.

Dupont-White L'individu et l'État — 1 *vol.*

Na questão tão importante e melindrosa das relações entre os individuos e o Estado, o A. affasta-se da opinião dos economistas que partem do principio do — *laissez faire.* — Bom é que appareça em França quem combata a doutrina, lá tão espalhada, que condemnando Proudhon por dizer « *Je suis anarchiste,* » nem por isso deixa ao Estado muito que fazer. É provavel que esta obra faça produzir muitas outras em sentido contrario, o que sempre é de vantagem para o progresso das sciencias.

Continúa. AD. MCH.

ERRATAS DO 5.º VOLUME.

Pag.	Col.	Linh.	Erros	Emendas
223	1.ª	42	*Por vir delle*	*Por via delle*
244	2.ª	41	*enfermos* » [1]	*enfermos* » [2]
»	»	59	*Orsim*	*Orsini*
»	»	60	[2] Abelly cit.	
245	1.ª	12	*en contraste*	*em contraste*
270	2.ª	ultim.	*OEuvres*	*L'œuvre*
281	1.ª	51	*só por milagre, poderão etc.*	*só por milagre poderão etc.*
»	1.ª	53	*que não combatem; outros soldados*	*que não combatem outros soldados; etc.*
»	2.ª	35	*vãs doutrinas*	*sãs doutrinas*
283	1.ª	45	*infidél*	*infidèle,*
«	2.ª	42	*moisons,*	*moissons,*

EXPEDIENTE.

Assigna-se este Jornal em Coimbra, no Gabinete do *Instituto;* em Lisboa, na livraria do sr. Cobellos, rua Augusta n.º 2; no Porto, na do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua das Hortas n.º 141; em Evora, na do sr. V. J. da Gama, collegio de S. Paulo; no Pezo da Regua, na do sr. M. Mendes Osorio.

Toda a correspondencia, *franca de porte,* será dirigida — *Á Redacção do Instituto. Coimbra.*

Preço, adiantado, por anno, ou 24 numeros, *francos de porte* . . . . . 1$440

Por semestre, ou 12 numeros, dictos 800

Avulso 100

Para os srs. Assignantes os numeros, que lhes faltarem do 5.º volume serão pelo mesmo preço da assignatura annual, ou cada um 60

Os exemplares que restam dos volumes I, II, III, IV e V d'este Jornal vendem-se, cada um por . . . . . 1$200

Annuncia todas as producções litterarias dos socios, que assim o desejarem, e remetterem á redacção as notas competentes; e todas as outras, de que forem remettidos dous exemplares.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 10.

XIV.

Napoleão, elevado a primeiro consul, não podia esquecer-se, na sua grande obra de reparação, d'aquillo, que tão de perto contendia com o allivio do povo, e que tão adaptado era para o captivar.

As expressões do decreto, que readmitte as irmãs, são de sobejo significativas. *Só ellas* (diz este) *sabiam dirigir os hospicios com cuidado, intelligencia, e economia, como dignas alumnas d'uma instituição, cujo unico fim é amestrar na practica d'uma caridade illimitada.*

Poucos annos depois, em 1809, um novo decreto as associou ao serviço público em todos os estabelecimentos de beneficencia legal; e differentes outros artigos de legislação, publicados pelos governos que se seguiram ao primeiro imperio, regularam, em todas as suas partes, esta tão importante collaboração.

Desde então a irmã da caridade quasi tomou logar entre os funccionarios públicos de França, no que respeita a uma das mais nobres, e por ventura mais difficil das missões soccorrer aos desvalidos, exercendo a caridade legal. São ellas as distribuidôras dos soccórros, que as commissões officiaes de beneficencia *(bureaux de bienfaisance)* destinam para os pobres envergonhados, e por contadas mesmas commissões, as enfermeiras dos doentes pobres, soccorridos em familia; assim como, e sob a mesma inspecção, as directôras e mestras dos asylos da infancia ou da velhice, das cazas de lavor, escholas de meninas, etc.

Nos hospitaes de doentes curaveis, bem como nos hospicios d'incuraveis e em todos os mais a cargo do público, ellas e outras irmãs hospitaleiras, exercem, igualmente d'accôrdo com a administração civil dos mesmos, a expensas d'esta, e sob a sua direcção, o mistér d'enfermeiras.

Adiante daremos conta mais circumstanciada das condições d'esta coadjuvação *official*, que por uma parte regularisa, e sanctifica o exercicio da caridade pública, e pela outra ministra ás irmãs uma parte dos meios materiaes d'existencia de que precisam.

Na legislação franceza respectiva parece-nos haver muito que aproveitar; e o seu estudo esclarecerá o que melhor convenha fazer-se entre nós, por parte do governo, das camaras, misericordias, sociedades d'asylos da infancia etc. para se estabelecerem, e multiplicarem as suas casas.

Com este caracter e serviço público nem por isso deixam ellas de exercer todos os officios da caridade particular: as que estão addidas aos hospicios e ás commissões e escriptorios (*bureaux*) de beneficencia, quanto é compativel com essa ligação; todas as outras constante e indeterminadamente, como medianeiras entre os ricos e os pobres, servas e procuradôres d'estes.

'Nestes differentes exercicios esta terceira e ultima épocha de sua gloriosa existencia é sobremodo fecunda nos mais admiraveis exemplos, desde as campanhas de Napoleão, e as successivas invazões do cholera, até á guerra da Crimêa; na qual não pouco concorreram para a gloria imperecivel da França, e leváram ainda mais alto e mais longe a fama do seu instituto.

« De volta á França (diz Orsini), quando tudo respirava guerra, viram-se as irmãs nos campos da batalha disputar á morte os mutilados da victoria. Foi ahi que a irmã Martha recebeu um dia, das mãos de Napoleão, o qual venerava todo o genero de coragem, a estrella da legião d'honra. E essa mulher pareceu grande ainda mesmo ao pé dos gigantes do imperio. »

Grande numero de soldados e officiaes, gravemente feridos, e de cujo salvamento a medicina justamente desesperava, deveram aos prodigios de cuidados, aos esfórços quasi sobrenaturaes das irmãs enfermeiras, a saúde e a vida.

E todos quantos, ou nas ambulancias, depois dos sanguinolentos combates, ou nos hospitaes militares, no paiz natal, ou no extrangeiro, encontraram a mulher caridosa vestida com o burel do sancto instituto, não tiveram que lamentar a ausencia da familia e a falta das caricias maternaes e do abrigo do lar domestico.

E desde então o simples nome d'*irmã da caridade* ficou sendo para o soldado francez um digno objecto da mais alta veneração.

Deixamos de referir copia de factos particulares, anteriores aos ultimos annos, porque sendo estes tão ricos de grandes memorias, bastarão alguns d'elles para acabar o mal traçado e breve quadro, que emprehendemos.

XV.

A capital da França, como todas as grandes cidades, offerece o penoso contraste da opulencia e da miseria. Entre outros o arrabalde de S. Marcello, e 'nelle a freguezia de S. Médard, são o reverso mais que triste dos campos elysios, dos *boulevarts*, de S. Germano, etc.

Em uma de suas pobres ruas, — *da espada de páo* (o nome diz tudo) ha uma casa d'irmãs, centro e escriptorio da commissão (*bureau*) de beneficencia do 12°. districto.

No dia 27 de fevereiro de 1852 M. de Persigny, ministro do interior, entrava 'nesta humilde casa para entregar, em nome do presidente da républica, a insignia da legião d'honra á irmã Rosaria, a qual, por espaço de mais de cincoenta annos, prodigalisava cuidados de todo o genero aos pobres e aos desgraçados, como se expressa o decreto.

E o illustre marechal de S. Arnaud, o valente e piedoso general da Crimêa, quiz, elle mesmo, pendurar a insignia sobre o peito da humilde irmã da caridade!

O general Cavaignac, durante o seu curto mas honroso e feliz governo, foi vizital-a.

E mais tarde Napoleão 3.°, com a Imperatriz, não se dedignou de descer ao pobre hospicio para honrar aquella, a quem os pobres chamavam — *a sua mãe;* e sobre cujo tumulo, venerado como de sancta, no cemiterio do *Monte Parnazo*, se lêm hoje estas singelas e tocantes palavras: — *Á boa mãe Rosaria, os seus amigos reconhecidos, os pobres e os ricos!*

Quando desceu á sepultura, quem não advertisse no carro dos pobres, que a conduzia, e no habito do seu instituto, acreditaria que alguma rainha ou princeza era levada á mansão dos mórtos. Um de seus biographos (e a imprensa unanime occupou-se da sua morte), depois de esboçar o singelo e magestoso de suas virtudes tão humildes como uteis á humanidade, accrescenta:

« Eis ahi porque quarenta mil pessoas, no dia do funeral; a cruz e as bandeiras á frente do cortejo; a escolta d'honra, os tambores funebres, os magistrados em traje d'officio, os administradores, os illustres generaes, os prelados, os modestos religiosos; eis ahi porque as officinas desertas, as manufacturas abandonadas; os representantes dos grandes nomes historicos da nossa velha monarchia; nobres damas, confundindo os seus sympaticos sentimentos com os das pobres mães, carregadas com suas criancinhas; — préces, entremeadas de gritos de desesperação: — eis ahi porque um grande numero d'irmãs e religiosas abafando com soluços; aquella fieira de trens brilhantes, com brazões d'armas; e esta linha compacta, durante trez horas de passagem do funeral, ajoelhada diante do modesto carro dos pobres.

« Mas honras taes não se prestam senão aos monarchas, aos poderósos da terra.

« A irmã Rosaria foi mais que isto; segundo a palavra do Evangelho, foi a *serva dos pobres*, a personificação, para com elles, da caridade. »

E ninguem julgue que esta humilde superiôra da rua da espada de páu se havia feito tão recommendavel por muitas obras extraordinarias, ou acções de maravilhosa dedicação fóra da patria, nas ambulancias dos exercitos, ou mesmo entre os feridos nos campos das batalhas.

A irmã Rosaria, durante mais de cincoenta annos, raras vezes sahiu do seu bairro. Grande motivo de caridade era mistér para que deixasse, ainda por pouco tempo, os seus *numerosos filhos*, os desvalidos d'elle.

Ás muitas instancias da sua velha mãe, com que do paiz de Gex, no Jura, appellidava por vêr a querida filha, costumava disculpar-se com a impossibilidade de os levar a todos comsigo.

A sua vida passava no humilde parlatorio, rodeada — ora dos pobres, que vinham procurar ahi soccorros officiaes, e dos ricos caritativos, que concorriam a coadjuval-a com os seus sobêjos; — ora d'uns e outros, que desafogavam, no coração da terna mãe, as penas da vida e pediam conselhos e alento; — ora dirigindo, pela mão de pessoas caridosas, uma extensissima correspondencia, toda de caridade, allivio, e soccorro dos que acudiam á sua poderosa e efficaz protecção.

E quando acabava esta audiencia de muitas horas, na qual por vezes se viram, juncto dos pobres, os grandes da terra, sabios, politicos, e diplomaticos da primeira ordem, a superiôra corria a vizitar e a consolar os seus filhos, pelas cazas, nas escholas, e nos hospicios.

Começára o exercicio da sua nobre missão, quando o seu instituto, conjunctamente com o sagrado culto, apenas acabava de recuperar a liberdade d'acção e manifestação; e tivera que luctar com uma extrema penuria de recursos, no meio das maiores miserias, não só do corpo, mas muito principalmente da alma, tristes fructos das pavorosas orgias da revolução.

E quando, no dia 6 de fevereiro do anno proximo passado, a sua bella alma compareceu perante Deus, falláram por ella, cubrindo os

pequenos deefitos da humanidade, não só aquellas boas acções de todos os dias, mas um presepio, um asylo da primeira infancia, uma eschola de meninas, uma caza de lavôr, uma associação tutelar das donzelas, outra do *bom conselho* com o mesmo intuito, um asylo de velhos, fundados todos estes estabelecimentos por sua influencia e direcção juncto á casa de soccorros que dirigia; além de constantes e mui valiosas instrucções e conselhos, prestados de boa mente a todas as mais obras e institutos de caridade, que tiveram principio no seu tempo!

« A irmã Rosaria (escreve o visconde de Melun) recebêra de Deus o que dá a auctoridade e o poder; o que segura um bello logar no céo e na terra; o que faz os genios superiôres e as almas escolhidas. Tinha a prudencia e a singeleza, a superior intelligencia e a virtude, a innocencia e o genio. Era capaz de governar os homens, de fundar magnificas instituições, de deixar depois de si os mais profundos vestigios; podia passar a vida a fazer cousas grandes.

« Preferiu a uniformidade d'uma existencia obscura, que se dedica á práctica habitual do bem; recomeçou cada dia o trabalho da vespora, sem jamais procurar sahir da linha traçada, e da estrada commum; sem que fosse possivel distinguir qual dos seus dias havia sido mais util, e qual de suas acções mais meritoria.

« Em summa, durante mais de cincoenta annos, empregou o seu genio e a sua virtude em desempenhar, melhor que ninguem, os mais ordinarios deveres de sua sancta profissão.

« Esta preferencia fez o merito, a utilidade, e a grandeza da sua vida. *As acções estrondosas, os sacrificios sublimes, são exforço d'um dia; levam comsigo o estimulo e a recompensa. A alma encontra, na sua mesma energia, a alavanca, que a ergue, sustenta o seu impulso, e multiplica a sua energia. Em toda a acção grande, ha alguma cousa do arrastamento que impelle ao assalto o soldado, e faz muitas vezes, d'um homem mediano, um heroe no campo da batalha. As feridas e a mesma morte, tem seus attractivos debaixo da fórma da gloria, ou do martyrio.*

« *A dedicação occulta, que renova, a cada hora, o seu sacrificio; que, sem estrondo nem brilho, se dispende, gôta á gôta, pelas fraquezas e miserias humanas, exige uma vontade superior, e o complexo das mais altas virtudes. Custa mais á natureza, e rende mais á humanidade.*

« Ao trabalho penôso e vulgar, que vira e revira a terra sem cessar, são devidas as ricas seáras. O modesto ensino das escholas primarias e christãs serve mais para regenerar um povo, que as lições eloquentes de seus sabios e doutores. E a irmã Rosaria curou maior numero de males, e salvou mais almas por suas vizitas, palavras, e soccorros quotidianos, do que seria possivel por alguns factos brilhantes, e as mais heroicas acções.

« Por uma rara excepção, os homens que não concedem os seus aplausos senão ao que brilha e resôa, admiraram 'nella a obscuridade e o silencio; deram gloria á humildade dos simples deveres, preferiram a perfeição da obra ao seu esplendor; 'numa palavra, julgaram-na, como julga o mesmo Deus.

« Fazer o melhor possivel as cousas ordinarias, tal foi a regra e o fim de toda a vida da irmã Rosaria; tal é hoje o seu merito e a sua gloria aos olhos de Deus e dos homens; tal será a grande, e saudavel lição da sua historia. »

A irmã Rosaria foi a personificação, a realidade do mais bello ideal das *irmãs de caridade*; e estes tributos de superior veneração, que lhe prestaram, na sua morte, os pobres e os ricos, os ignorantes e os sabios, foram a fiel expressão do conceito em que são tidas na primeira nação do mundo.

Sobre a sua sepultura, apenas fechada, dizia o administrador *(maire)* do decimo segundo bairro (*arrondissement*), entre outras sentidas palavras, as seguintes:— Digna filha de S. Vicente de Paulo, vestio o habito da sua ordem d'um tal modo (o que parecia difficil) que o tornou ainda mais respeitavel e mais caro ao povo. »

Continúa. A. FORJAZ.

VISÕES.

O Racionalismo e o Christianismo.

Quando as palpebras cerrando-se m'escondem o mundo das realidades, os olhos do espirito volvem-se para o mundo das existencias ideaes. A's vezes a felicidade e a esperança vém consolar-me então; muitas mais, porém, os sonhos maus me perseguem; e por bem alto preço me sahem os instantes de ventura transitoria, trazidos por visões consoladoras.

A. HERCULANO.

VISÃO PRIMEIRA.

I.

Era na hora, que precede cerrada a antemanhã.

Longa me tinha sido a noite velada á luz do candieiro sobre a pagina de livros, que a Allemanha diffunde per todos os povos, como o vento varre per todas as nações o cholera do Ganges, sacudindo assolação sobre todos os povoados.

O corpo alquebrado tinha-me pendido em torpôr escadelecente, e eu buscára o meu catre, como se para o meu anhelar de lenitivos me fosse alli guarida.

O espirito do Senhor baixou então sobre o meu espirito, e inundou de luz as trevas do meu pensamento.

E eu vi.

Vista foi essa d'horrores, que ainda ao lembral-os me regelam o sangue e para cujo descrever não sei de palavras em linguagem d'homens, que vivas as retratem.

—O coração do homem é um como molde, em que o sentimento vaza acendradas as concepções da phantazia, as máguas da saudade, e as aspirações do futuro.

Como o excesso de metal candente, vazando-se no molde, o fende e despedaça, deixando defeituosa a estatua; assim o excesso do sentimento, rompendo do coração, só tem para enviar aos labios palavras inintelligiveis, phrases incoherentes.

Não, não venham pedir-me o pautado do rythmo, quando a angustia me trocar as palavras em lagrimas! —

A principio, obscura e confusa, a scena deixava apenas descortinar-se e só o arruido de fallas e pragas e maldições me estourava nos ouvidos como o fragor da vaga espedaçando-se em extensos alcantis de praia solitaria.

Pouco e pouco veio depois aclarando a meus olhos. Vasta era a região, em que a scena se passava :—era no coração da Europa.

E eu achei-me alli transportado em espirito, para ver o horroroso espectaculo, para escutar as infernaes blasfemias, que por escriptura me vou agora a manifestar.

Quem tiver ouvidos para a verdade, ouça: quem tiver olhos para a luz, veja: quem tiver coração para a piedade, amerceie-se. O Senhor vê nas entranhas dos nossos pensamentos, como o homem vê no transparente do crystal.

II.

Extensa região era aquella: o céu anuviado e negro de bulcões sobre lhe pezava como campa chumbada em sepulcro: luzir d'estrella, melancolico e suave, não rompia atravez da cerração.

Era a hora, em que o poderoso se delicia nos bailes e se embriaga nas orgias; em que o indigente treme entanguido sob o tecto nú e clama a Deus o pão quotidiano; em que, ao passar juncto do brejo arraiado de fogos fatuos, o camponez sente confranger-se-lhe de pavor o coração, e a bocca lhe reza rezas inaprendidas. Era a hora dos mysterios: mysterios na natureza e mysterios no coração do homem.

E foi então. Em volta de cemiterio, longo e vedado por altos pannos de muro, enxameavam, em tripudio obsceno, vultos de homem indiscriminaveis e ruidosos: as phrazes torpes e as gargalhadas insultuosas d'alli partidas restrugiam-me nos ouvidos como assonancia de mil gritos de condemnados, casados 'numa só blasfemia.

Palavras com que se alentavam, não são para referir-se, sem se debulharem olhos em lagrimas e o corpo cahir em joelhos, aferverando orações.

Gloria a Deus nas alturas, para que ponha nos meus labios palavras de consolo, que esforcem o espirito, narrando visões que infiam medos em coração religioso.

III.

O negrume, que circumdava o quadro, começava clareando mui tenuemente, e os vultos appareciam já distinctas fórmas d'homens.

Cessára o tripudiar:—e vêl-os que accorrem englobados para a gradaria do cemiterio e lhe mettem hombros, tentando deschumbal-a do canto immovel na muralha. A grade resiste e o ferreo portão geme concusso nos gonzos seculares.

Lá dentro, o ramalhar dos cedros e o menear dos cyprestes, açoitados pelo vento, vertem uma toada lugubre sobre as lageas ennegrecidas dos tumulos. A coruja, esvoaçando em torno do cruzeiro, levantado na área central do cemiterio, apagou com a ponta da aza a luz que bruxuleava na lampada sagrada. As corôas de perpétuas e de goivos cahiram desfolhadas das urnas funerarias.—Vai lá um quasi profundo silencio que contrasta com o tumulto d'affrontas e injurias trovejadas fóra do ádito.

Redobram d'impulso os golpes na ferrea porta: as barras arqueam-se, cedendo: as dobradiças e ferrolhos estalam, partindo. Um ultimo impeto e eil-a que cahe pedaços, dessoldadas as maciças hastes

Como a ribeira, engrossada no inverno com os corrêgos das serranias, rompendo d'encontro ao muro do campo o alúe e, entrando furiosa, se espraia e leva comsigo o celeiro e os gados e o alpendre, deixando a devastação e a miseria e a fome; assim, rasgada a entrada, essa pinha d'homens, como bando d'abutres medonhos, se alastra per entre as campas, para começarem a sua obra d'impiedade.

Tranzido d'horror tentei desviar então as minhas vistas do barbaro espectaculo, e furtar os meus ouvidos ao terrifico das pragas: —embalde: o espirito do Senhor ordenou-me que visse, e ouvisse.

E as minhas vistas viram, e os meus ouvidos ouviram.—Grande é o Senhor, que descobre ao homem as sevicias do perverso.

IV.

A cruz estava hasteada firme sobre todas as sepulturas. A piedade murmurára ahi, durante seculos, a oração que supplica a paz e esquecimento do mundo.

Mas os vultos amontoam-se-lhes em torno; e a cruz oscilla, e a lagea partindo-se deixa a descuberto os esqueletos carcomidos.

Um rugido soturno de contentamento, reboou então de todos esses homens, ao colherem ás mãos os ossos escarnados de seus páes. Era um rugido satanico.—A cruz ficára outra vez immovel.

Do centro do cemiterio soou em seguida uma voz, chamando-os pelos seus nomes a juramento:—« Strauss, Bauer, Lutzelberger, Feuerbach, Stirner. . . » e outros e outros que a minha memoria deslembra. Folgando e rindo eil-os correm per sobre as ossadas como se per sobre mimosas alcatifas de veludo.

—Meu Deus! meu Deus! que a impiedade assim folgue em meio do seu delirio!

Que homem é esse que, alteado no pedestal da cruz, e tendo em uma das mãos uma taça de licôr, e pousando a outra sobre um craneo esburgado e lustroso, ajuramenta seus irmãos, para derrubarem a cruz, escarnecendo a memoria do Christo?

« A cruz é uma affronta, disse elle, á nossa liberdade; a crença de nossos paes um escarneo á nossa intelligencia; o suppliciado do Calvario uma idêa indigna do nosso sentimento. Juremos, pois, derrocar a cruz, apodar a crença, aniquilar a idêa. »

« Juramos, » disseram todos, pondo cada um a mão sobre a caveira fria e descarnada de seu pai, arrancada ao repouso do tumulo! E a terra tremeu a essa jura, como se vulcão violento lhe palpitasse impetuoso nas entranhas, sem conseguir resfolgar fóra.

—O cemiterio é a historia da crença d'um povo, como a historia é o cemiterio d'esse povo.

Como o tyranno insulta as recordações de grandes feitos, rasgando as paginas da historia, a planta do impio ultraja as virtudes da fé, calcando os ossos nús de seus maiores.

Paz e quietação, oh meu Deus, para o meu cadaver sob a louza da sepultura!

Já que, sacerdote da cruz, me não é dado escutar alli a oração afervorada pela piedade filial, possa, ao menos, descer-me com o orvalho da manhã a bençam de meus irmãos.

—A mortalha da alma é a eternidade. Mas a do corpo é o esquecimento, a admiração ou o vilipendio.

O gusano dos sepulcros roe menos o sudario do cadaver, do que a inveja a memoria do morto.

A alma, porém, está intacta perante o throno divino, aguardando o momento de entrar na balança.

—A baba do verme pollue as folhas da flôr que cahem para a terra; mas não lhe altera o perfume que, embalsamando os ares, sóbe para o céu.

Repouso, oh meu Deus, para os meus restos no seio da terra, e misericordia para a minha alma antes do julgamento final.

V.

E a visão proseguia.

De repente aquella scena tão medonha d'horrores furtou-se totalmente á minha vista, para dar logar a outra não menos terrivel. Foi como a rapida substituição d'um quadro na camara-obscura.

Magestosa fabrica d'antiga cathedral, erguida por braços robustecidos ao bafo vivificador da religião, me avultava agora ante os olhos. As torres e as cúpolas e os corucheus, aprumando-se para os ares, similhavam as mãos unidas e levantadas do velho, prostrado em oração ao Creador.

Ao travez dos espessos lanços das paredes eu contemplava, como se ao travéz de clarissimo vidro, o interior do templo sacrosancto. —Passava-se ahi espectaculo grandioso de sublimidade.

Vestido todo de viçosas e recendentes flôres, e alumiado de mil lumes elevava-se ao fundo um magnifico throno sobre o qual em riquissimo vazo estava a Hostia.

O incenso, requintando de suavidade com o aroma delicadissimo das flôres, derramava-se em nuvens na amplidão da nave, aonde a nota solemne do orgão, como se fôra extrahida por mão d'archanjo em concerto celeste, vinha sussurrar melodiosa.

Perante a ara sancta, cahidos todos em joelhos sobre as duras lageas do pavimento, viam-se promiscuamente as cans do anceão rareadas sobre a testa pallida, e as madeixas negras da virgem, descendo ennovelladas em anneis lustrosos sobre a candura do seio; e entremeavam-se graciosamente as tenras faces dos meninos, com os rostos crestados dos guerreiros, e as frontes sulcadas dos magistrados.

Um só principio ahi os unia—Deus; e um só fim—a oração.

Em quanto no recinto do templo, todo banhado de luz e de perfumes e d'hymnos, me deliciava a vista este espectaculo tão ungido de crença viva e tão repassado de poesia divina, fóra, na profundeza das trevas exteriores, rugia a colera impotente do blasfemo e a impiedade maldicta do atheu.

Pensamento era diabolico o que ahi congregava esses vultos sinistros, que á mingua de palavra se davam reciprocamente o nome de—*philosophos*.

—A philosophia esmaga-a a pedra levantada d'um tumulo.

Philosopho é o homem que vê na vida d'além-mundo o balsamo das angustias terrestes.

Philosopho é o coração que interpreta o ai do moribundo no limiar da existencia, como ineffavel saudação da luz radiosa que, atravez do lençol funerario, lhe aclara uma existencia sem limites.

Grande és, oh Deus! que permittes ao verme involto no seu lodo o ajunctar o zunido ao cantico inenarravel, que dos milhões d'orbes na amplidão dos céus sobe para o teu throno.

Misericordiosissimo és, que consentes ao homem o elevar-se das profundezas do seu nada, até á concepção da tua Omnipotencia!

VI.

E seguia a visão.

Extremo esforço de sacrilegio ía ahi travar-se. — No pallor das trevas sentia-se a espaços o choque soturno de ferros.

Não era o tinir sonoro da espada do soldado, lampejando ao sol brilhante das batalhas, em defensão das liberdades queridas da patria, contra inimigo estrangeiro, não. Não era o afeiçoar da lamina em braza sobre a bigorna, para máchina civilisadora, ou para relha fecundante da terra, não.

Som era esse como o aspero roçar da broca, nas mãos calosas do cavouqueiro, rasgando as entranhas da penedia. Era como o vagaroso arrastar de cadeias no humido lagedo de calabouço sombrio, por matricida allucinado de terrores na vespera de subir ao patibulo.

É que desde muito haviam elles tentado a lucta das idêas; mas debalde: a crença enraizára profunda.

— A idêa mundifica-se no purgatorio da discussão. E da discussão, como do embate dos corpos nasce a luz, tinha sahido sempre a verdade, e com ella o conforto do animo.

Era, pois, mister tentar outro meio — o da força.

Por isso é que a alavanca buscava embeber-se destruidora nas fendas do solido cunhal do templo. Minados os alicerces, as assombrosas moles de granito da abobada secular, desabando do alto, viriam esmigalhar-se no pavimento, tingindo-se no sangue espirrado dos membros do crente surprehendido no fervor da oração.

Infernal era a tarefa em que se emphreneziavam. E a minha alma debatia-se horrorisada em torturas incomportaveis.

No auge da lida, reunidos os braços e os esforços, o impulso cresce vigoroso, e no vertice augusto do templo a cruz principia a vacillar... a vacillar...

Acordei.

VII.

Como o enfermo, apoz longa noite de martyrio, tendo repousado a cabeça trabalhada por doença febril, acorda com as faces afogueadas, os olhos chamejantes, e o suor a manar-lhe copioso da fronte; assim eu de subito acordei com o corpo meio erguido no leito, apoz bem curto descanço; — se descanço ahi houve.

A luz do sol nascente, em toda magestade e doçura de formosissima manhã de primavera, inundava-me o quarto e brincava em ondas de fogo, estirando-se no despido sobrado.

Fóra, com ufania de verdura e de flores, viçava a florida acacia perfumada com a silvestre madresilva, que desde a raiz se lhe casava, enredando-se até á extremidade das ramas. E, melodiando sentidissimos quebros, soltava o roixinol tão saudosos e improvisados gorgeios, que era embriagar de delicias ouvil-o.

Generoso é o sol que, derramando-se em chuveiros de luz, mostra ao homem a altura do abysmo, sobre que levantára o pé imprevidente.

Benefica é a flor que, embebecendo-nos de perfumes, nos adormece as magúas, acalmando as tempestades do coração.

Abençoada é a ave que, desferindo as harmonias do canto, nos não deixa escutar os gemidos d'agonias entranhaveis.

Sublime é toda a natureza. — Só o homem é um enigma, sem chegar a ser um absurdo, na creação. . . .

E, cahindo de joelhos, ergui as mãos para Deus; e do coração me rebentou espontanea e fervente a oração.

Infinita é a misericordia do Senhor, que para o arrependimento deu ao homem a palavra e para alivio as lagrimas!

A. A.

O CANAL MARITIMO DE SUEZ.

Restituir ao Mediterraneo o caminho seguido pelo commercio antigo, e que fôra abandonado, ha quasi quatro seculos, pela descoberta do Cabo da Boa Esperança, é, em ultima analyse, o problema (de resolver). Pharaó Nechas, filho de Psammicho, foi o primeiro que decretou o corte do isthmo de Suez; limitava-se, porém, a querer ligar o mar Vermelho com o Nilo. Os trabalhos começados durante o seu reinado, e que supersticiosos receios fizeram abandonar, custaram a vida a 120:000 obreiros. Dario, o filho do conquistador, não continuou estes trabalhos, porque alguns pretendidos sabios o persuadiram de que o nivel do mar Vermelho era muito mais elevado do que o do Nilo; deixou portanto aos Ptolomeus a gloria de abrirem definitivamente esta via maritima, que o im-

perador Adriano estendeu e aperfeiçoou, mas que, alguns seculos depois, entulhou, e posteriormente de todo fez desaparecer um musulmano ignorante e rude.

A primeira idêa d'uma communicação directa entre os dous mares, por meio d'um canal que ligasse Suez e Peluza foi submettido á approvação de Omar, o decantado companheiro de Mahomet, o sinistro incendiario da bibliotheca d'Alexandria, pelo seu tenente Amrou; porém Omar repellio este projecto.

O primeiro cuidado do general Bonaparte, depois da conquista do Egypto, foi de mandar procurar os vestigios do canal dos Ptolomeus; ordenou além d'isso a um dos engenheiros addidos á expedição, que executasse o nivellamento dos terrenos situados entre o Nilo e o mar Vermelho e que lhe apresentasse o projecto de um novo canal entre os dous mares. Este engenheiro, Le Père, que operava em circumstancias excessivamente difficeis, que só dispunha de limitados meios, que se viu impossibilitado de submetter os resultados do seu nivellamento á prova, sempre indispensavel, d'uma segunda operação, cahiu, desgraçadamente no erro, e deu ao mar Vermelho uma excessiva elevação acima do Mediterraneo; o projecto de Napoleão achava-se por consequencia destruido pela baze.

Cincoenta annos depois, Mehemet-Ali mandou fazer o canal Mahmoudieh, que restabeleceu entre Alexandria e o Cairo uma communicação havia seculos interrompida. Quasi pela mesma epocha a Inglaterra, que conquistára cem milhões de subditos nas bacias do Ganges e do Indo, sentiu a necessidade de reunir as suas immensas colonias á Europa por uma via de communicação menos indirecta, menos demorada e menos perigosa que a do Oceano, a qual obriga a dobrar o cabo de Boa Esperança. Duas linhas de vapores de grande velocidade, ligaram por uma parte Londres e Alexandria, pela outra Suez e Bombaim, Calcutta, Singapura, a China; os despachos, os viajantes, os thesouros eram transportados d'um a outro mar em cima de camellos, estes navios do deserto. O novo caminho, porém, não fazia ao antigo senão uma mui limitada concurrencia. A quantidade de frete confiada ao Oceano é, pelo menos, trinta vezes maior, do que a transportada pelo Mediterraneo. Verdade é, que um caminho de ferro não tardará em unir Alexandria ao Cairo, e em breve as locomotivas alcançarão até ao mar Vermelho. Cem dias, pelo menos, de navegação serão então substituidos por 25 dias de segura viagem. Ir-se-ha quatro vezes mais depressa, mas com despesa quasi do dobro; os governos acceitarão tão custosa velocidade, mas não assim o commercio, que sómente renunciará aos longos rodeios do Oceano, quando a abertura d'um canal maritimo fizer passar directamente os navios do mar Vermelho para o Mediterraneo. Por isso já em 1841 vemos Mr. Linant, engenheiro ao serviço do vice-rei do Egypto, tractar, primeiro com a companhia peninsular, depois com outra companhia, d'um projecto de canal entre Peluza e Suez, O primeiro passo a dar era proceder a um novo nivelamento que estabelecesse o verdadeiro nivel relativo dos dois mares. D'este trabalho foi encarregado Mr. Bourdaloue, operador muito habil, experimentado e seguro, o qual levou á evidencia, que o nivel medio do mar Vermelho excede apenas de 68 centimetros o nivel medio do Mediterraneo; de modo que nunca se póde dar d'um mar ao outro uma corrente sempre no mesmo sentido, impossivel de vencer, e que só se neutralizasse com grandes e custosos trabalhos. O terreno achava-se desde logo desembaraçado; mas para lançar os fundamentos de tão gigantesca empreza, carecia-se de uma intelligencia e de uma vontade, que estivessem, por assim dizer, a par d'ella; esta intelligencia e esta vontade, ao cabo de quatorze annos de demora, reuniram-se finalmente em Mr. Ferdinand de Lesseps.

O mais essencial logo no principio era evitar invejas interna nacionaes. Submettendo o seu projecto á approvação do vice-rei do Egypto, Mr. de Lesseps collocou-o debaixo do patronato de uma companhia universal, e sob a direcção d'uma commissão internacional, em que o Egypto era representado por MM. Linant e Mougel, beys; a Hollanda por Mr. Conrad, engenheiro em chefe dos trabalhos hydraulicos do *waterstaat;* a Austria por Mr. de Negrelli, inspector geral dos caminhos de ferro; os Estados Sardos por Mr. Paleocapa, ministro das obras públicas; a Espanha pelo sr. Cipriano Segundo, director das obras públicas; a Inglaterra por MM. Rendel, Mac-Lean, Manby, engenheiros, e Harris, capitão de fragata; e finalmente a França por MM. Renaud inspector geral das pontes e calçadas, Lieussou, engenheiro hydrographo, Jaurès e Rigault de Genouilly, officiaes de marinha.

Continúa. F. Moigno.

(Cosmos.)

EXCERPTOS

D'uma viagem a Inglaterra.

CAPITULO . . . .

Visita ao castello d'Windsor.

Continuado de pag. 252 do 5.º vol.

Se, antes de mais, segredassemos d'aqui ao leitor que, sómente desde 1820 para cá, tem

esta famosa fabrica consumido á nação ingleza, em reparos e refazimentos ou *rifacimentos*, muito para cima de DOZE MILHÕES DE CRUZADOS, estamos quasi inclinado a crer que tomava isto á conta de bulra: e não menos, se lhe pompeassemos aqui os luxos e esplendores que encerram as galerias e as capellas e os salões e, emfim, tudo quanto alli vê ainda a vista menos perscrutadora.

Para não darmos, porém, aberta a que nos critique, trancaremos 'neste passo este capitulo, deixando para outro o fallar-lhe de mil graciosidades de parques e aleas de choupos e estatuas e *Virginia Water* e da nossa volta pela deleitosissima *Richmond*.

Tudo isso nos fica de remissa.

. . . . . .

CAPITULO . . . .

De Liverpool a Manchester,—e de Manchester a Londres.

Comprado bilhete de primeira classe 'num trem *expresso* e depositados, convenientemente, os saccos e bagagem no escriptorio da estação, viemos para a porta esperar os 8 minutos que faltavam para a hora marcada, observando, embora muito de longe, a recepção á porta da gradaria de *S. George's Hall*, «Tribunal de S. Jorge» do juiz que d'alli era accompanhado, ao som de cornetas, por empregados vestidos de preto com brandões em punho, até ao topo da escadaria.

Saltearam-nos, 'nesse momento, lembranças dos bedeis da nossa Universidade e, com estas, o estado dos nossos estudos em face das varias Universidades da Europa e, entre estes, o cáhos horroroso da nossa legislação. — Lembranças amargas foram essas, sem dúvida.

Todas as nações europeas, ainda as de menor vulto, possuem e são regidas, ha muitos annos, por leis codificadas e o nosso codigo civil, é ainda um projecto, um sonho! As *nossas ordenações*, e o direito romano a que nos soccorremos infinitas vezes, só têm em seu abono o serem o mais disparatado absurdo que podemos, entre innumeros outros, registrar no terceiro quartel do seculo dezenove. A nossa sociedade, como todas as de mais, soffreram nos dous seculos e meio ultimos e vão soffrendo, de dia para dia, modificações radicalissimas, alterações essencialissimas. E uma lei estacionaria tem, apenas, 'neste caso, a exquisita qualidade de ser a maior das inépcias imaginarias.

Oh! mas Inglaterra tambem não tem codigo nenhum. — E' verdade isso, é, não o negamos. Inglaterra nem siquer possue um codigo de commercio e, todavia, sob a garra do leopardo britannico desfraldam-se em todos os oceanos, desde a mais recondita enseada do mar da China até... até... que sei eu? por toda parte, as numerosissimas velas dos seus navios ou obscurecem o sol as incontaveis chaminés dos seus vapores mercantes. Mas d'ahi não ha colher exemplos, nem desumir argumentos; porque a orgulhosa rainha dos mares é uma excepção a tudo e em tudo.

Aonde tremúla dominiosa a bandeira dos trez reinos-unidos, o juiz é o oraculo incorruptivel da lei.

A lei, o costume e o juiz são trez elementos quasi inseparaveis, indescriminaveis na jurisprudencia britannica. A lei é o elemento historico e estavel; o costume o elemento legislativo e modificador; o juiz o elemento philosophico e regulador.

Conhecendo que a sociedade, a cada momento da sua existencia, dá um passo no caminho do futuro, despojando uns habitos para acalentar outros, e modificando o seu sentir e o seu existir, o juiz acompanha, estudando-as, essas variações, para adaptar, com a maxima justeza, a lei ao caso occurrente e imprevisto. E ao mesmo tempo, peregrina anomalia! a disposição ácerca de caso previsto, é tão acatada como o texto original da Biblia para os que admittem a inspiração nas palavras!

Ai! Inglaterra, Inglaterra, em quantas mil cousas não vais tu muito adiante das nações que se dizem na vanguarda da civilisação. Oxalá todos te estudassem, como devem.

Leitor, descancemos aqui alguns minutos porque temos a fazer-te uma declaração.... queriamos dizer, incumbe-nos dar uma explicação a V. Excellencia (hoje todos temos, e por isso damos *excellencia;*)

Aquelle tu e vós, quando algum dia
Havia em Portugal sinceridade
Acabou....

Pois bem; deixal-o acabar.

Mas, o que queriamos dizer, era, que estes EXCERPTOS ou, melhor diremos, estas *paginas* que desconnexas vamos agora copiando do nosso *album de viagem*, sentimol-o bem, se exhibem a teus olhos demasiadamente despretenciosas, contra o direito consuetudinario dos viagistas, *id est*, dos contadores de viagens. Para cumprir esse desejo do leitor, facil nos fòra, 'neste ensejo, a empresa de encher alguns periodos com a contenda entre os asseclas e os impugnadores da codificação, enfileirando vinte nomes dos mais conspicuos. Mas faltam-nos o tempo e vontade para alardear essa pasmosa erudição.

O que faremos, isso sim, se um dia menos cuidado de cuidados nos der para folgar ocios e serões com estas paginas, é, expurgando-lhes a dicção, mondar-lhes as idêas parasitas, enchendo-lhes, ao mesmo passo, os raleiros.

Ai! mas perdão! mil vezes perdão, leitor; que combatido por estes pensamentos deixámos

de reparar na entrada do juiz em *S. George's Hall*. Fatal esquecimento!

Não tarda já a soar o instante da partida e a deixarmos a vasta sstação de Liverpool ou *Lime S.t Station*, perante a qual se observa, estendendo-se *large lateque*, o sumptuoso edificio do Tribunal de S. Jorge, ultimamente concluido, ou antes construido. A nossa praça de commercio no Porto que, decididamente, não é mais de metade d'este, anda a edificar-se ou, se querem, a reformar-se do antigo convento dos Franciscanos ha mais de 15 janeiros, e ainda não está nem em meio, ao passo que *S. George's Hall* se completou em cêrca d'um anno!

É que, em Inglaterra, o dinheiro é a primeira machina que se applica. Antes de lançar-se o traçado d'uma construcção toma-se o peso á *cash*. Ao brilho esplendoroso do ouro dos banqueiros millionarios, aprofundam-se os alicerces, cimentam-se as pedras, acastellam-se os tijolos, aprumam-se as columnas, folheam-se as fustes, asphalta-se o telhado, sublimam-se as grimpas, e eis o projectado edificio quasi fundindo a data da planta com a do acabamento.—Do tôpo dos zimborios podem gozar-se as bandeiras que victoriam o primeiro anniversario do projecto. — Em Inglaterra a concepção e a execução, são os dous termos do raciocinio.

Recolhamo-nos á carruagem. Vamos sós no *coupé*, eu e o meu companheiro F., para podermos fumar á vontade, mediante meia corôa que esportulei ao guarda.

Lembra-nos demasiado a sr.ª *A. B.*... para desejarmos expôr-nos a outra impertinencia.

Ao começar a mover-se o trem, apertei, por despedida, a mão a meu irmão J. A. pela janella da carruagem. Bailavam-nos as lagrimas nos olhos. Apertando o passo, deslisou ao longo das locomotivas, e foi esperar-me á entrada do tunel. «Adeus, meu bom J.» disse-lhe eu ao vêl-o acenando-me com a mão direita e escondendo com a esquerda os olhos, d'onde lhe rolavam as saudosas lagrimas de despedida. Quem sabe se volveremos a ver-nos e abraçar-nos.... Agora, que estamos transcrevendo estas paginas, sentimos, de novo, vivas e ardentes, como 'nesse instante, as lagr.... — Como é formado o coração do homem!

Chegamos, 'neste passo, a um ponto, em que esperamos impetrar a mais sollicita attenção do leitor, para que tenha cabal conhecimento do caracter inglez em toda sua inegualavel frieza. Não ha nada que revelle tanto ao vivo a gelada independencia do caracter britannico como uma despedida. O inglez conciliou comsigo a idêa de que um abraço ou uma lagrima em despedida era um abuso, um luxo, e supprimiu essa demonstração affectiva. Hoje a pragmatica não se altera por circumstancia nenhuma. Não ha amor, nem amizade capaz d'espremer uma lagrima áquellas esponjas de cerveja.

Se não, vejam. — Um pae, entrado já por mais de sessenta annos, vem á estação despedir-se de dous filhos imberbes ainda. Um d'elles, indo simplesmente acompanhar o irmão ao embarque em Londres, póde á boca da noite estar no seio da familia; — em quanto que o outro, sendo a primeira vez que sahe do seu paiz e do aconchego domestico, vai 'num navio de véla arrostar com o encapellado do mar, enfiar com o silvo do vento nas enxarcias, navegando até á nova Hollanda: — pois bem! o páe despede-os egualmente; o que verá d'ahi a poucas horas e o que talvez não torne a ver. É o mesmo aperto de mão para ambos! *Goodby John; goodby William* (adeus, João; adeus, Guilherme.) Não ha a minima differença, não ha um conselho a maior, uma saudade mais viva a este do que áquelle.

A lei das despedidas foi omissa em declarar a excepção d'uma viagem longa, e o inglez, portanto, não se crê com direito de poder fazer-lhe uma interpretação extensiva.

E 'neste facto, como em todos. Assim, por exemplo, a lei ordena que o dono d'um cão, que causou tal ou tal prejuiso, pague tanto ou quanto: — pois muito bem; feito o detrimento, o dono vem a juizo, prova que o seu animalzinho não é cão, mas sim cadella, e eil-o que fica livre e o seu adversario, ainda em cima, condemnado nas custas da demanda! Mirifica lei ingleza! E chamam a isto plena liberdade, e, o que mais é, se alguem os argúe d'esta vergonhosa incoherencia replicam orgulhosos que *'nesse mesmo direito, que elles têm de não interpretarem extensivamente a lei, está a liberdade.*

Os anjos os entendam.

«Ai! que frescura tão pouco agradavel, que tem este *túnnel.*» Esta expressão soltava-a eu, ao passo que cerrava as vidraças do vehiculo e me ensacava na confortativa manta de viagem, indo em meio do vasto e admiravel túnnel de Liverpool, que corre todo por baixo da cidade. É este um dos mais maravilhosos túnneis que ha até hoje em carris-ferreos, e o unico de que me lembre com declive sensivel. Na descida, apagada a maquina, os carros são levados pelo peso proprio.

Para quem jornadêa em vias-ferreas as primeiras vezes, o passo mais difficil é sempre a passagem d'um túnnel d'alguma extensão. Totalmente ás escuras e, portanto, com o sentido da vista em completa 3.ª sessão, a vida afflue-lhe toda aos outros, principalmente ao ouvido, e dá em resultado que o ruido longinquo da chaminé casado ao do attrito das rodas nos carris, e ao movimento do ar zumbindo impellido entre os vagões, e tudo isto, ainda para mais, duplicado pelo echo que rebôa pelas abobadas, e mais distincto pelo silencio que alli reina, lhe parecem harmonias

infernaes. Se além d'isto acontece passarem, cruzando-se, um ou mais trens expressos ao mesmo tempo, então o temor sobe de ponto e, ao surgir fóra, os musculos da face contrahidos, a côr livida e as pupillas ainda dilatadas visivelmente mostram o horrivel pezadello que por minutos ia affogando aquella creatura descostumada. Foi o que se deu com o meu co-jornadeador F.

Cá vamos fóra. Eis-nos em pleno ar; o campo é lindo; é lindissimo como em todos os covados do sólo que tem a *terra do Anjo* (Angel land) *id est* Inglaterra. Bem sabemos que tudo alli é braço d'homem; que a arvore não póde crescer além d'uma determinada altura, pena de vir a podôa abater a França republicana e *incorregivel*; que a beterrava não tem licença para folhar-se além dos dictames previstos na *magna charta;* sabemos todos isso:—mas, não obstante, essa natureza d'artificio não dá mais realce á sahida d'uma cidade do que dão esses exidos áridos, e apenas cubertos de queirozes e urzes que tão vulgares são no nosso paiz? Respondam outros que a nossa resposta saír-nos-ía agora da penna demasiado azeda de fel e, portanto, pouco accorde com o estylo facéto de viagista despretencioso.

São 9.^{h} e 10.^{m}, pára o trem em *Rainhill* (outeiro da chuva) que podiamos traduzir perfeitissimamente por *Coimbra* (collis imbrium). Ha muitos que a *collis imbrium* vão buscar a etymologia do nome Coimbra e, a serem d'algum apreço etymologias, não será, por certo, esta a que menos vizos tenha de fundamentada: Collimbria se diz em latim Coimbra.

Com medo, pois, de chuvas nos deixámos ficar, durante os dois minutos que se demoraram os vagões, enroscado e aconchegado no logar, como se foramos inglez, e o mesmo fizemos em Newton, aonde parámos ás 9.^{h} e 38.^{m}

Continúa. A. A.

BIBLIOGRAPHIA.[1]

NOTICIA

D'ALGUNS LIVROS RECENTEMENTE PUBLICADOS.

Continuado de pag. 12.

DIREITO PORTUGUEZ.

Resoluções do Conselho d'Estado na secção do contencioso administrativo, colligidas e explicadas por José Silvestre Ribeiro (tom. I, a V.) Lisboa, Impr. Nac. 1854 *a* 1856.

[1] O *Instituto* annuncia e relata todas as obras de que forem enviados dois exemplares.
(Nota da R.)

O sr. Silvestre Ribeiro, já conhecido por outras obras litterarias e administrativas, e não menos pela intelligencia e zêlo com que tem servido o nosso paiz, já no parlamento, já em logares de administração, teve a feliz lembrança de nos appresentar as resoluções do Conselho d'Estado na secção do contencioso administrativo desde o anno de 1849, em que este Tribunal começou a funccionar administrativamente. A simples collecção das resoluções era uma obra utilissima; mas seria muito inferior aos recursos de que dispõe o sr. Silvestre Ribeiro, se elle se limitasse á modesta missão de compilador.

Não o fez assim. O objecto do recurso é appresentado primeiro e em separado, depois a sua resolução; segue-se a doutrina ou principio juridico que dimana da resolução; transcreve ou refere os diplomas officiaes que se occupam do objecto sobre que versa o recurso; expõe muitas vezes os principios administrativos áquelle respeito, e dá-nos de quando em quando noções historicas, e importantes esclarecimentos estadisticos. Assim que esta obra é importante para pessoas que se dedicam a differentes generos d'estudos, e a diversas profissões, para os magistrados, corpos e tribunaes administrativos, para juizes, advogagos, e para todos os cidadãos.

O sr. Silvestre Ribeiro segue na sua collecção o methodo chronologico. Não podia seguir outro; porque, no pouco tempo que o conselho d'Estado exerce regularmente as funcções contenciosas, não era possivel que ao seu exame fossem submettidas questões de todas as materias que devem ter um capitulo 'numa obra systematica de direito administrativo. Ha algumas resoluções que, por terem a principio escapado ao auctor, sahem fóra da ordem chronologica: estas encontram-se no IV volume.

Ha na obra outra excepção á regra chronologica, e é em materia d'impostos, que o A. reserva, segundo o declarou no prefacio do I. volume, para collecção separada. A importancia da materia e a variedade dos recursos sobre ella, determinaram o A. a esta excepção, se é que não interveio tambem o desejo de estudar com mais vagar este ponderoso assumpto.

O methodo systematico sería mais vantajoso, se fosse possivel, que não é; mas os inconvenientes do chronologico sanam-se em parte com um indice, e este já o encontramos no fim do V volume.

Nos primeiros dous tomos e em parte do terceiro, não vem citada a data da resolução, e apenas se acha indicado o numero do *Diario* de que fôra extrahida. Era esta uma falta bem sensivel, mas já a achamos supprida desde a resolução IX por diante.

Não podemos dizer aqui mais particularidades d'esta obra valiosa, porque em cada

resolução achamos um como tractadinho de administração e direito administrativo, cuja avaliação excederia os limites d'este jornal. Só diremos em geral que o sr. Silvestre Ribeiro com este trabalho está concorrendo poderosamente para a regularidade da nossa administração, para a liberdade civil, para o exercicio mais independente do direito eleitoral, e 'numa palavra para a verdade e confiança das instituições constitucionaes.

Collecção de tractados, convenções, contractos e actos públicos celebrados entre a corôa de Portugal e as mais potencias desde 1640 *até o presente, compilados, coordenados e annotados por José Ferreira Borges de Castro. Lisb. Imp. Nac.* 1856 *(tom. I, a III).*

O A. principia a sua obra pelo celebre assento tomado em côrtes pelos trez Estados aos 5 de março de 1641, que, comquanto não seja um tractado, é um acto em que se estabeleceu os principios da nossa independencia do dominio hespanhol. O nosso direito das gentes não precisa hoje d'esse acto, assim como não precisa das opiniões dos nossos antigos historiadores sobre a doação de Portugal como dote de D. Theresa, nem das suppostas côrtes de Lamego. Todavia bem andou o sr. Ferreira Borges em começar por ahi a sua preciosa collecção.

O tomo III chega até 1791. O IV vol. deve abranger os annos desde 1793 até 1814, e já estava no prélo, quando se publicou o III. É provavel que a estas horas já esteja publicado. — O curto intervallo que tem medeado entre a publicação de cada um d'estes volumes, mostra que o A. proseguiu activamente na sua obra, e deixa-nos a esperança de que no fim d'este anno estará concluida, apezar de que provavelmente não constará de menos de 7 volumes. Por maior que seja a pressa do auctor nunca igualará a nossa impaciencia. O sr. Ferreira Borges com esta publicação livrar-nos-ha da vergonha de termos sumidos pelos archivos públicos e até pelos particulares, muitos e mui importantes tractados.

Continúa. AD. MCH.

NOTICIARIO.

Geração nas arachnides. Attribuia-se geralmente ás arachnides conservadas isoladas durante alguns annos a faculdade de pôrem ovos fecundos; porém só ultimamente é que M. E. Blanchard, depois d'uma serie d'experiencias practicadas sobre varias *Mygales*, uma *Segestria* perfida, uma *Filistata* tricolor, constatou a realidade d'este facto. Não se infira, porém, que o macho não é necessario para a fecundação; nenhuma das femeas era virgem, e as que o eram só pozeram ovos infecundos. O que está averiguado é que o contacto do macho é sufficiente para tornar fecundos os ovos das differentes posturas d'uns poucos d'annos. M. Blanchard explica este phenomeno do seguinte modo: nos *Mygales*, *Clothos*, *Filistatos* e *Segestrias*, o apparelho genital feminino é composto de dois tubos a que estão appensos os lobulos ovarianos. No momento da copulação estes tubos recebem em abundancia o liquor seminal, e tornam-se verdadeiros reservatorios espermaticos. Os ovos no momento da sua expulsão impregnam-se do fluido fecundante. M. Blanchard certificou-se, por meio de observações microscopicas, de que o liquido seminal não se esgota com os ovos de uma só postura, e que se conserva 'naquellas especies de reservatorios, com todas as suas qualidades proprias. Sendo assim, é muito facil de explicar como acontece que os ovos postos em differentes épochas, mais ou menos distantes, continuam a ser fecundos sem novas copulações.

Institut. (1.ere Sect.)

Emprego do phosphoro vermelho nos palitos de lúme. O emprego do phosphoro ordinario no fabrico dos chamados palitos de lume, traz comsigo innumeros inconvenientes. Veneno tanto mais para se temer, quanto a sua presença é mui difficil de conhecer-se nos orgãos; o phosphoro produz além d'isso nos obreiros que o fabricam, a terrivel molestia chamada *necrose* ou caria das maxillas; accresce o ser uma causa muito frequente d'incendios, visto a sua grande facilidade em inflammar-se.

O phosphoro vermelho descoberto por Schrotter, e que se obtem submettendo durante alguns dias o phosphoro ordinario a uma temperatura elevada, isto é proxima do seu ponto de ebulição, remedeava todos estes inconvenientes; com effeito antes de receber a acção prolongada do calorico, o phosphoro inflammava-se á temperatura ordinaria; posteriormente áquella operação só se inflamma a 180 graus; torna-se, além disso, absolutamente inodoro, e deixa de ser soluvel nos succos do estomago.

O phosphoro vermelho reúne pois todas as condições procuradas, e um grande numero de experiencias não deixa a maior dúvida sobre a conveniencia de o substituir ao phosphoro ordinario no preparo dos palitos de lume.

Uma difficuldade, porém, restava ainda a vencer para se poder fazer esta substituição. Como o phosphoro vermelho é muito difficil de inflammar-se, tornava-se necessario fazer entrar um corpo muito combustivel, isto é chlorato de potassa, na massa dos palitos de lume. A mixtura d'estes dois corpos trazia grandes perigos para os obreiros porque os sujeitava a

frequentes explosões ou incendios. Para afastar este inconveniente propõe M. Lundstrom empregar estes dois corpos em separado: pondo o chlorato na cabeça do palito e extendendo o phosphoro sobre uma superficie á parte, para substituir a lixa ou o vidro pisado em que se costuma esfregar o palito para o inflammar. D'este modo desapparecem todos os inconvenientes dos palitos de lume, e todos os perigos que offerecia o seu uso.

RELAÇÃO

Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrucção pública desde o dia 15 de março ultimo, até ao dia 15 d'abril corrente, por despachos do conselho superior d'instrucção pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Francisco Antonio Cordeiro, para professor temporario da cadeira de Monforte, districto de Portalegre.

Leonardo José de Medeiros, para dicto da villa da Lagôa, districto de Ponta-Delgada.

Antonio de Barros Magalhães e Figueiredo, para dicto de S. Gião, districto da Guarda.

Antonio Gonçalves Liberal, para dicto de S. Vicente da Chã, districto de Villa Real.

José da Graça Semedo Ribeirinho, para dicto de Niza, districto de Portalegre.

José Joaquim *Ferreira da Costa*, para dicto d'Anelhe, districto de Villa Real.

Manuel José da Silva, para dicto de Gondar, districto de Vianna.

Antonio Xavier Tavares Barreto, para dicto de Pereira, districto de Coimbra.

Francisco José d'Almeida, para dicto de Vallongo, districto do Porto.

Gonçallo da Costa Mesquita e Mello, para dicto da Lixa.

João Maria Ferraz e Mello, para dicto de S. Roque (Ilha do Pico), districto da Horta.

José Joaquim da Costa Caldeira, para dicto de Fronteira, districto de Portalegre.

José Maria Leite de Miranda e Vasconcellos, para dicto de Villa Cova, districto de Braga.

Manuel Joaquim Soares, para dicto de Novegilde.

Theotonio José de Figueiredo Costa, para dicto das Cortes, districto de Leiria.

João Francisco Pereira, para professor vitalicio da cadeira de Leiria, decreto de 11 de fevereiro ultimo.

José Coito d'Almeida, para dicto de Arazede, concelho de Monte Mór o Velho, districto de Coimbra, por transferencia da de Cadima, concelho de Cantanhede, no mesmo districto, decreto de 24 de março ultimo.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Izidoro Rodrigues Pereira, para professor vitalicio da cadeira de latim de Sancta Combadão, districto de Viseu, decreto de 24 de março ultimo.

Gaspar Joaquim Telles da Silva e Menezes, para professor vitalicio da 1.ª cadeira da secção occidental do Lyceu Nacional de Lisboa, decreto dicto.

José Fernandes Pereira Deville, para professor por mais trez annos da cadeira de latim de Caminha, districto de Vianna, portaria de 24 dicto.

Francisco José d'Oliveira Queirós, para o logar de commissario dos estudos do districto d'Aveiro, decreto de 31 dicto.

ANNUNCIOS.

Novo Compendio da Historia de Portugal, coordenado por Antonio Francisco Moreira de Sá. Approvado pelo Conselho Superior d'Instrucção Pública. 3.ª edição. — Preço 100 réis.

Entre as muitas obras que d'este genero se tem públicado, é este um dos Compendios, actualmente mais seguidos.

Comprehende desde o principio da Monarchia, até o reinado do Sr. D. Pedro V, sendo precedido por uma boa parte da *Chorographia de Portugal*, e seguido d'uma curiosa *Recapitulação* de todo o Compendio, na forma porque no lyceu de Lisboa se fazem os exames dos alumnos primarios

Os srs. professores e directores de collegios, que o quizerem adoptar, queiram dirigir-se ao auctor — *rua da Saudade n.º 17, Lisboa* — indicando o numero de exemplares que querem comprar, e a via por onde, com mais segurança, lhes póde ser feita a remessa, podendo ao mesmo tempo remetterem, por meio dos seus correspondentes ou em cautela do correio, a importancia dos exemplares que requisitarem.

Faz-se o abatimento de 20% a quem comprar mais de 12 compendios.

Tambem se vende separadamente a *Recapitulação*. — Preço 20 réis, e com o mesmo abatimento.

Grammatica Franceza Theorica e Practica, ou Methodo, inteiramente novo em Portugal, para se aprender, com muita brevidade e perfeição, a fallar e escrever o idioma Francez. 4.ª edição refundida e muito melhorada; por Emilio Achilles Monteverde. — Preço 800 réis, em brochura.

Manual Encyclopedico para uso das escholas de instrucção primaria; por Emilio Achilles Monteverde. Approvado pelo Conselho Superior d'Instrucção Pública. 6.ª edição, refundida e muito melhorada. — Preço 480 réis, em brochura.

Vendem-se, em *Lisboa*, nas livrarias de João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8; na da Viuva Bertrand e filhos, aos Martyres, á esquina da Travessa da Figueira, e nas de quasi todos os livreiros: — no *Porto*, na de Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, rua dos Caldeireiros n.os 11 e 12; na de Moré, rua de Santo Antonio n.os 42 a 44, e outras; e em todas as capitaes dos districtos administrativos: — no *Rio de Janeiro*, na loja de E. e H. Laemmert, rua da Quitanda n.º 77, e nas de outros livreiros, tanto d'aquella cidade, como das demais do *Imperio do Brasil*.

***N. B.* Ás pessoas que quizerem alguma porção de exemplares d'estas obras, de 50 até 150, se abonará a commissão de 10 por cento; de 150, até 250 12 por cento; e de 250 para cima, 15 por cento; devendo dirigir-se, para este fim, á livraria acima mencionada de João Paulo Martins Lavado.**

ERRATA IMPORTANTE

DO 5.º VOLUME.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erro*	*Emenda*
280	2.ª	53	Na 6.ª cadeira, que foi regida pelo lente proprietario, explicaram-se pela primeira vez, etc.	Na 6.ª cadeira, que foi regida pelo lente substituto, o dr. Barreto Feio, na ausencia em côrtes do lente proprietario, explicaram-se, etc.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

PROJECTO DE LEI

Apresentado ás côrtes pelo sr. deputado Dr. José Maria de Abreu, na sessão de 18 de Abril de 1857.

Senhores: — As letras e as sciencias haviam tocado entre nós o ultimo termo da sua decadente existencia, quando o genio vasto e emprehendedor do primeiro ministro d'el-rei D. José lançou os fundamentos da sua restauração, nos memoraveis estatutos com que reformou a Universidade de Coimbra.

Monumento de sabedoria e obra primorosamente traçada, aquelles estatutos abrangiam em seu vasto plano o ensino completo das sciencias e das letras, como então se professavam nas mais cultas nações da Europa. Esta ultima parte, porém, não logrou ver a luz pública. Crearam-se as novas faculdades de sciencias mathematicas e philosophicas, reformaram-se as antigas, mas a faculdade das letras, que devia substituir o antigo e real collegio das artes, não chegou a decretar-se.

A reforma havia cerceado muitos abusos, destruido muitos prejuizos inveterados, acabado com muitas practicas absurdas e viciosas. A relutancia dos antigos habitos, a rivalidade e despeito dos jurados inimigos de todas as innovações, era por isso inevitavel. A queda do ministro reformador acabou de decidir da sorte d'esses estatutos, no tocante á creação da faculdade das letras!

Longe, porém, vae já essa épocha; e todavia não pôde ainda realisar-se, no meio de tantas reformas, por que a nossa instrucção pública tem passado, essa porventura a primeira e mais necessaria de todas na ordem dos estudos superiores, a creação dos cursos das letras, como de ha muito os vemos organisados nas faculdades das letras de França e da Belgica, nas secções de litteratura das faculdades de philosophia em Hespanha, na Prussia e na Hollanda.

Este abandono, que assim póde chamar-se-lhe, em que temos deixado caír o estudo das letras patrias, esta geral ignorancia da historia, da philosophia e da litteratura têm por tal arte eivado a nossa instrucção pública, que raros, ainda que eminentes, são já hoje os engenhos privilegiados, que entre nós curam de sustentar o brilho e de transmittir á posteridade os ultimos echos das nossas glorias litterarias.

D'essa mesma litteratura classica, que com maior esmero cultivámos, quasi não existem já os vestigios; e nem sequer temos creado um systema, por onde possa aferir-se a pureza e elegancia do estylo, a belleza das fórmas, a solidez e elevação dos pensamentos. E esta é a principal, se não a causa unica, dos poucos progressos, que as sciencias têm feito entre nós, apezar do muito que ha vinte annos a esta parte trabalhamos por engrandecel-as, e das successivas reformas, que temos emprehendido para o seu aperfeiçoamento.

A instrucção secundaria, mais que outra alguma, devia padecer d'esse mal, que se tornára contagioso. O abandono dos verdadeiros e solidos estudos litterarios devia traduzir-se na solidão dos lyceus; e o ensino particular, pela maior parte dirigido por mesquinhos interesses de uma agiotagem ignobil, converteu os chamados *estudos preparatorios* 'num desgraçadissimo monopolio.

Nos proprios lyceus o ensino não abrangia, nem podia abranger, a parte mais importante e transcendente dos estudos litterarios, para que elles só deviam habilitar a mocidade estudiosa.

A creação dos cursos superiores das letras era o natural e indispensavel complemento da lei, que estabelecêra os lyceus.

A litteratura, a historia, a philosophia, a geographia e a archeologia não podiam ficar encerradas nos acanhados limites do ensino elementar dos lyceus. Querer demonstral-o fôra esquecer a vossa provada illustração, ou suspeitar que tão avessos eramos no progresso das sciencias, ou tão afincados aos antigos methodos, que hesitavamos em decretar o estabelecimento do ensino superior das letras, como de ha muito se professa nos mais cultos paizes da Europa.

O projecto, que hoje submettemos ao vosso esclarecido exame é a singela expressão d'estes sentimentos e d'estes desejos. Á vossa sabedoria cumpre corrigil-o e aperfeiçoal-o,

para o tornar de todo o ponto digno de vós e do paiz, que representamos.

Senhores: a creação d'estes cursos não é só uma imperiosa necessidade reclamada pelos mais caros interesses das sciencias e das letras em relação aos estudos superiores; é tambem um meio indispensavel de restaurar a nossa instrucção secundaria, provendo-a de mestres, que por suas habilitações e estudos litterarios 'naquelles cursos possam inspirar á mocidade estudiosa o amor das letras, o gosto do estudo, a pureza e correcção de estylo, a elevação de sentimentos e as nobres e generosas aspirações, que os estudos litterarios bem dirigidos excitam nos corações juvenis, que o pestifero halito das paixões não tem ainda contaminado.

Organisados os cursos superiores das letras em Lisboa e Coimbra pelo modo designado 'neste projecto, o pessoal d'elles comprehende um limitado numero de professores, sendo lidas as diversas cadeiras em cursos biennaes; ha por consequencia um pequeno augmento de despeza com esta nova creação; augmento porém de despeza, que desapparece, supprimindo-se uma das quatro secções do lyceu de Lisboa, e reunindo 'numa só as cadeiras de oratoria e historia nos lyceus, em que existem separadas, tornando commum a todos o systema dos cursos biennaes, já estabelecido na maior parte d'elles.

A creação do curso da lingua e litteratura hebraica em Coimbra, regido pelos substitutos extraordinarios da faculdade de theologia, além de dar em resultado a economia de 600$000 réis pela suppressão das cadeiras de hebraico em Lisboa e Coimbra, tem a vantagem de obrigar os aspirantes ao magisterio 'naquella faculdade a estudar mais profundamente a lingua hebraica, indispensavel aos que se dedicam ao ensino theologico.

A vossa illustração não deixará por certo de apreciar devidamente outras providencias consignadas 'neste projecto, e cuja necessidade é de todos reconhecida, e por isso confiadamente esperamos que ellas merecerão a vossa approvação.

(*Segue o projecto que vae adiante.*)

Sala da camara dos srs. deputados, em 13 de abril de 1857. — O deputado por Coimbra, *José Maria d'Abreu*.

Foi admittido e enviado á commissão de instrucção pública.

RELATORIO

APRESENTADO PELA COMMISSÃO.

A commissão de instrucção pública examinou, com a attenção requerida pelo assumpto, o projecto de lei apresentado pelo sr. deputado José Maria de Abreu, em que propõe a creação de dous cursos superiores de letras, estabelecendo as bases do ensino, que ha de ser professado 'nelles.

A commissão, primeiro que tudo, desejou conhecer a opinião do governo, e, reunida em conferencia com o sr. ministro do reino, discutiu com pausa a conveniencia, opportunidade e economia da reforma. Só depois de certa de que o gabinete a approvava em todas as partes, é que lavrou o parecer, que tem a honra de submetter á camara.

A idéa, que dictou as principaes disposições do projecto, se é nova entre nós, quanto á execução nos reinos adiantados, conta já largos annos de proveitosa práctica, abonada pelos fructos.

A lei devia distinguir, como a razão, o estudo dos rudimentos da cultura mais elevada do espirito, que só poderá ser fecunda depois de formado o juizo e o coração. D'esta verdade obvia e de clara intuição é que se deriva o pensamento da organisação projectada pelo sr. deputado José Maria de Abreu.

No conciso e bem lançado relatorio, que precede a proposta, o seu auctor abreviadamente descreveu o estado da instrucção secundaria, e a intima relação, que tem com ella os cursos de letras no sentido de a aperfeiçoar, constituindo, por assim dizer, a eschola normal do professorado em disciplinas e artes, que as lições e as obras dos mestres modernos em França, e na Allemanha, converteram em sciencias transcendentes, constituindo-as como preparatorio essencial para todas as faculdades, e para todas as profissões intellectuaes.

Depois dos livros de Cousin, de Guizot, de Villemain, de Royer Collard, e de tantos outros lentes que ennobreceram com a sua eloquencia as cadeiras do magisterio, não ha ninguem medianamente esclarecido, que não confesse a urgente necessidade de interpôr um grau ainda, entre as noções incompletas e forçosamente superficiaes da instrucção secundaria, e o estudo de sciencias, que pedem já intelligencias mais robustas e talentos mais cultivados.

Outra consideração de egual peso, é a que se deduz da organisação politica e administrativa do paiz.

Emquanto o advogado, o negociante, o juiz, o militar, o medico, e outras carreiras e funcções exigem provas de capacidade especial, os empregos mais numerosos e de grande influencia pelo contacto immediato com os serviços públicos, estão dispensados de toda e qualquer habilitação, porque seria irrisorio dar similhante sentido ao ensino primario e secundario como hoje se professa.

Os cursos de letras hão de cortar o passo a este abuso, cujos funestos effeitos se traduzem na mania deploravel dos empregos, e na incompatibilidade intellectual de muitos requerentes para os cargos, que desejam.

Com estes estudos para completar a educação será facil legislar um systema geral de habilitações, junctando ao curso das letras o ensino especial apropriado á funcção, que se houver de prover. Sem elles, os mancebos passando sem transição dos bancos das aulas secundarias para os da Universidade ou das academias, ainda em annos tenros, acharão mais arduo o accesso das sciencias e muitas vocações, que a fadiga esfria agora, depois de fortalecidas por estes preparatorios superiores, em que o saber se desprende mais de regras e noções aridas e de puros actos de memoria, entrarão nas faculdades com o gosto depurado, com um grande cabedal de conhecimentos uteis e variados, e com uma habilitação, que só por si é já uma carreira honrosa, além de rasgar um bello e espaçoso portico para todas as outras.

Era na realidade para nos cobrir de pejo, que em um paiz, que descobriu a navegação da India, mudando o aspecto do mundo no seculo XVI, e que tão distincto se tornou nas letras como nas armas em diversas épochas, não existisse um curso de historia e um curso de litteratura patrias, perguntando em vão o estrangeiro culto pelas aulas, aonde professores dignos das cadeiras explicavam as bellezas de Camões, as galas de estylo do padre Antonio Vieira, e as formosas paginas de tantos escriptores nossos, por desgraça mais citados e conhecidos dos estranhos, do que pelos filhos da mesma terra.

A camara de certo porá termo a esta anomalia, concedendo no systema da instrucção nacional o logar eminente (que merecem) ás disciplinas, que hão de recordar as nossas proezas de guerreiros, os nossos commettimentos de navegadores, e os laboriosos fundamentos da constituição politica e economica, a que por vezes devemos a independencia.

É, apontando para o espelho do passado, e erguendo diante das gerações, que passam, o grande vulto dos homens illustres, que as honraram, que as nações civilisadas despertam e conservam a chamma sagrada do amor da patria e da emulação civica.

Um reino, que se esquecesse do que foi, e não avivasse, sobre a sepultura dos seus poetas, prozadores e capitães, as memorias da sua nobreza na genealogia dos povos, era um reino sem tradições e sem instinctos, que deixaria cair a espada das mãos no dia da luta, amortecido pela *apagada e vil tristeza* que o cantor dos Lusiadas retractou com tristes côres pouco antes do desastre de Alcacer, vir provar que no genio ha quasi sempre um condão prophetico.

No projecto apresentado pelo sr. José Maria de Abreu, o augmento de despeza, se o ha, é todo productivo, e converte-se em verdadeira economia.

Conciliando as exigencias do aperfeiçoamento do ensino superior e secundario com a estreiteza das circumstancias do thesouro, o auctor propõe apenas a fundação de dous cursos, um em Coimbra, e outro em Lisboa; e o seu plano de estudos tende ainda para diminuir os sacrificios com utilidade da instrucção, creando os cursos biennaes para a historia e archeologia, e para a litteratura portugueza na capital: e para ambas estas disciplinas e para a estrangeira na séde da Universidade.

D'este modo o mesmo professor domina sempre os assumptos, que principiou a leccionar, acompanhando os alumnos até ás extremas da provincia, que lhe foi demarcada; e o estado poupa dous e trez logares, que teria de prover com maior gasto, se para cada cadeira devesse nomear um lente especial.

Mas esse mesmo pequeno augmento de despeza, que resultaria de tão productiva instituição, desapparece, supprimindo-se uma das quatro secções do lyceu de Lisboa, absolutamente inutil, e que importa 'numa verba consideravel em referencia á dotação do ensino, reunindo-se em uma só as cadeiras de oratoria e historia, nos lyceus aonde estiverem separadas, que não são poucos, e tornando-se communs a todos elles o systema dos cursos biennaes, já adoptado na maior parte d'estes estabelecimentos.

Accresce mais a economia de 600$000 réis, que resulta da suppressão das cadeiras de hebraico em Lisboa e Coimbra, passando este ramo da litteratura a ser leccionado pelos substitutos extraordinarios da faculdade de theologia da Universidade.

Em presença d'estas disposições comprehendidas nos artigos 10 e 11 §. unico, e artigo transitorio §. unico, é evidente que se póde verificar uma verdadeira e proficua reforma com economia positiva, e visivel melhoramento do ensino.

Segundo o projecto, o primeiro provimento das cadeiras dos cursos superiores das letras será feito pelo governo, em virtude de concurso público perante um jury especial de membros da Academia real das sciencias, eleitos por ella, d'entre os vogaes da segunda classe de sciencias moraes e politicas, quanto ao curso de Lisboa, e de lentes da Universidade, eleitos pelo conselho dos decanos, quanto ao curso de Coimbra.

Esta disposição, que se desvia um pouco do methodo ordinario de nomeação para as escholas fundadas de novo, teve motivos dignos de toda a reflexão. Era necessario revestir desde logo este ensino de toda a auctoridade e conceito, e attrahir a elle os engenhos e as vocações mais distinctas. Um simples despacho do governo não preencheria bem o primeiro fim, e tomando sempre certo

caracter de favor, poderia prejudicar o segundo em animos escrupulosos.

A commissão julga escusado insistir mais.

Para ella esta organização encerra o principio civilisador de uma bella reforma, e como já o mostrou, as suas vantagens immediatas depressa hão de abranger, não só o ensino superior e secundario, mas tambem a capacidade requerida para o exercicio de determinadas funcções, que até agora se eximiam de habilitações, porque faltavam os cursos proprios para lh'as conferir.

Até hoje a instrucção pública tem sido menos attendida do que os melhoramentos materiaes, e a opinião esclarecida estranha esta omissão como um grande erro, mesmo perante a sciencia economica, porque o capital moral de um paiz não é menos productivo, antes se deve reputar tanto ou mais fecundo do que outro qualquer.

Já é tempo de olharmos pelo ensino, e de não lhe medirmos com mão escassa algum subsidio, que ajude a levantal-o da sua decadencia.

A camara, protegendo os progressos moraes, e promovendo ao mesmo passo os aperfeiçoamentos physicos, assumirá uma iniciativa, que a ennobrece, e tomará um logar, que infelizmente ainda não foi occupado. As providencias d'esta indole registam-se, e perpetuam a boa memoria dos governos e dos parlamentos.

PROJECTO DE LEI.

Artigo 1. São creados em Lisboa e Coimbra dois cursos superiores de letras.

Art. 2. O curso de letras em Lisboa será de dois annos, e comprehenderá as cadeiras e disciplinas seguintes:

PRIMEIRO ANNO.

1.ª Cadeira — Philosophia e Historia da Philosophia.
2.ª » — Historia e Geographia.
3.ª » — Litteratura latina e portugueza.

SEGUNDO ANNO.

4.ª Cadeira — Historia portugueza e Archeologia.
5.ª » — Litteratura estrangeira.
6.ª » — Continuação da litteratura portugueza.

Art. 3. O curso das letras em Coimbra será de trez annos, e constará das seguintes cadeiras e disciplinas:

PRIMEIRO ANNO.

1.ª Cadeira — Philosophia.
2.ª » — Historia e Geographia.
3.ª » — Litteratura antiga.

SEGUNDO ANNO.

4.ª Cadeira — Historia portugueza e Archeologia.
5.ª » — Litteratura portugueza.
6.ª » — Litteratura estrangeira.

TERCEIRO ANNO.

7.ª Cadeira — Historia da Philosophia.
8.ª » — Continuação da litteratura portugueza.
9.ª » — Continuação da litteratura estrangeira.

Art. 4. São habilitação necessaria para a primeira matricula nos cursos seperiores das letras os exames de latim, francez, philosophia racional e moral e principios de direito natural, oratoria e poetica, historia e geographia, arithmetica e geometria, principios de physica e chimica e introducção á historia natural, feitos perante os lyceus.

§. *unico*. O exame de grego é preparatorio necessario para a matricula na terceira cadeira do curso das letras em Coimbra.

Art. 5. Nenhum alumno, passado trez annos depois da creação dos cursos superiores das letras, poderá matricular-se no primeiro anno de qualquer faculdade ou eschola de instrucção superior, sem a frequencia e approvação de todas as disciplinas dos referidos cursos.

§. 1.° A frequencia e exame da terceira e septima cadeira do curso das letras em Coimbra, é obrigatorio sómente para os alumnos que se destinam ao magisterio nos cursos das letras e nos lyceus; e para os que pertenderem receber o grau de doutor em alguma faculdade.

§. 2.° Os alumnos porém, que se habilitarem com a frequencia e exame das referidas cadeiras, precederão em todas as matriculas, exames e actos, aos que tiverem outros exames de *preferencia*.

Art. 6. A frequencia e approvação nos cursos superiores das letras é habilitação necessaria para o provimento de todas as cadeiras dos mesmos cursos e de instrucção secundaria, e para todos os logares de administração civil de serventia vitalicia, quatro annos depois do estabelecimento d'aquelles cursos.

§. *unico*. O provimento de todas as cadeiras, a que se refere este artigo, será por concurso, que se abrirá sómente perante o conselho academico do curso superior das letras, que mais proximo fôr do lyceu ou cadeira, em que se dér a vacatura.

Art. 7. Juncto ao curso das letras em Coimbra haverá um curso biennal de lingua e litteratura hebraica, que será alternadamente regido por um dos substitutos extraordinarios, ou por doutores da faculdade de

theologia, com a gratificação de 200$000 réis.

§. *unico*. Nenhum alumno poderá matricular-se no primeiro anno theologico sem a frequencia e exame da primeira parte d'este curso; nem receber o grau de bacharel, sem ter concluido o mesmo curso.

Art. 8. No curso das letras em Coimbra as cadeiras segunda e quarta, quinta e oitava, sexta e nona, serão regidas em cursos biennaes por trez professores.

§. *unico*. O mesmo se observará nos cursos de Lisboa, quanto ás cadeiras segunda e quarta, terceira e sexta, que serão regidas por dous professores.

Art. 9. Os professores dos cursos das letras gosarão das mesmas vantagens e direitos que os dos outros estabelecimentos de instrucção superior.

Art. 10. Fica supprimida uma das quatro secções do lyceu de Lisboa, e as cadeiras de lingua hebraica no mesmo lyceu, e no de Coimbra.

Art. 11. As cadeiras de oratoria e poetica, e de historia e geographia, serão, em cada lyceu, lidas 'numa só cadeira, e em curso biennal.

§. *unico*. O curso de principios de physica e chimica e introducção á historia natural dos trez reinos, será biennal, e a sua frequencia obrigatoria para todos os alumnos que se destinam á instrucção superior.

Art. 12. O governo decretará os necessarios regulamentos para a execução da presente lei.

ARTIGO TRANSITORIO.

O primeiro provimento das cadeiras dos cursos das letras, será feito pelo governo em virtude de concurso público, perante um jury especial, de membros da segunda classe da Academia real das sciencias, por ella eleitos, quanto ao curso de Lisboa, e de lentes da Universidade, eleitos pelo conselho dos decanos, quanto ao curso de Coimbra. Para este concurso servirão de prova, além das oraes, as obras e escriptos dos concorrentes, e a sua aptidão reconhecida na historia e litteratura.

§. *unico*. Os professores das cadeiras supprimidas por esta lei, serão convenientemente collocados, segundo as suas habilitações, nas que forem vagando, com preferencia a quaesquer outros candidatos.

Art. 13. Fica revogada a legislação em contrario.

Sala da commissão, 22 de abril de 1857. —*Antonio Luiz de Seabra* — *Joaquim Gonçalves Mamede* (com declarações) — *Manuel Paes de Figueiredo e Sousa* — *José Teixeira de Queiroz* — *Thomaz de Carvalho* — *Luiz Augusto Rebello da Silva*, relator — *José Maria de Abreu* — *Roque Joaquim Fernandes Thomaz*.

*

DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 10.

XVI.

Não se julgue, porém, que a vida da irmã Rosaria carecesse d'alguns d'esses acontecimentos que se destacam, no meio das mais excellentes acções, para mais augmentarem o seu brilho.

Esta animosa e caritativa irmã viveu 'num centro de movimento, e 'numa epocha de sobejo singular, para que não fosse possivel correr a sua laboriosa existencia desacompanhada d'essa gloria. As invasões dos exercitos alliados, as do cholera, os motins politicos, as revoluções de 1830 e 1848 em Paris, e as barricadas demandaram por vezes, para accudir á sua cara familia, os mais brilhantes esforços de caridade e dedicação.

« Em 1814 (diz Mr. de Melun), durante a occupação estrangeira, um corpo russo acampava na feira dos cavallos. Correu voz no bairro de que um soldado, por grave falta contra a disciplina, havia sido condemnado á morte, e que a sentença ia a executar-se.

Este boato chegou aos ouvidos da irmã Rosaria. Immediatamente, fazendo-se acompanhar d'uma mulher d'edade (ella tinha então 27 annos), atravessou o acampamento russo, e procurou fallar ao general.

Introduzida logo, lançou-se-lhe aos pés, e supplicou-lhe que perdoasse a esse homem.

« Então é vosso conhecido? tendes-lhe grande amor! exclamou o official, observando o ardor da súpplica.

— Sim, amo-o, respondeu a irmã: amo-o, como a um de meus irmãos, remido pelo sangue de N. S. JESUS CHRISTO; e estou prompta a dar a minha vida para salvar a d'elle.

O perdão foi concedido ás suas caritativas instancias; e a irmã voltou mui de pressa á casa do soccorro, toda attonita do que vinha de fazer, e como atterrada da sua audacia. »

Em um dos terriveis dias de 1848 — « na maior força do conflicto, um official da guarda movel, que tinha combatido com toda a bravura durante uma parte do dia, conduz os seus soldados ao attaque d'uma barricada da rua Mouffetard, no angulo da rua da *espada de páo;* e é o primeiro a subir ao assalto. Uma descarga mortifera suspende, sem o fazer parar, a tropa, que o segue; e arrebatado pelo seu impulso até ao cimo da barricada, acha-se só. Cercado de todos os lados, apenas tem tempo para correr pela rua da *espada de páo*, e precipitar-se na casa de soccôrro, em meio das irmãs da caridade, como um refugio, que lhe offerece a providencia. Um bando d'insurgentes, que o reconhece, lança-se em sua perseguição, e chega quasi ao mesmo tempo.

« Á vista d'este homem sózinho, sem espe-

rança, entregue a um bando sequiôso de sangue, todas as irmãs, e á sua frente a superiôra, arremessam-se, por um movimento instinctivo, entre a victima e os matadores.

« Diante d'esta inesperada trincheira os insurgentes param. Todos conhecem a irmã Rosaria. Começam com ella uma negociação em alta vóz, na qual, por mais d'uma hora, a caridade disputa á vingança a vida d'um homem. Os assaltantes são inexoraveis, e misturam as ameaças mais atrózes contra o inimigo ás expressões de respeito para com aquella, a quem, ainda mesmo no seu arrebatamento, chamam a *sua mãe*.

« Queremos o nosso prisioneiro, exclamam elles: não cessou de fazer matar aos nossos irmãos, — sómente a sua morte nos vingará de todo o mal, que nos tem feito.

« Como a irmã lhes exprimisse todo o seu horror por ver ensanguentar o chão d'esta caza de misericordia, e matar, dentro d'ella, a um homem desarmado: — Deixae-no-lo prender, não o mataremos aqui, leval-o-hemos para a rua, e ahi receberá o castigo do seu crime. E apezar dos pedidos, súpplicas e promessas, apezar do mais tocante appêllo á compaixão, os insurgentes continuam a avançar, reclamando sempre a sua prêza, e apertando o circulo, que os separa d'ella. Já, para acertarem com mais segurança, o cano das espingardas se apôia sobre o hombro das irmãs, e os dêdos estão no gatilho. O tiro fatal vai a partir; quando a irmã Rosaria, lançando-se de joelhos, exclama: — *Ha cincoenta annos, que vos tenho consagrado a minha vida; por todo o bem, que vos tenho feito, a vós, a vossas mulheres, aos vossos filhos, supplico-vos a vida d'este homem!* — A este espectaculo, a este brado, as armas levantam-se; recúa o bando, como tocado d'arrependimento; um *hourra* d'admiração escapa d'estes beiços negros de polvora, e lagrimas d'enternecimento correm d'estes olhos, ainda agora impiedosos! O prisioneiro está salvo.

« Dois dias depois a ordem tinha triumphado, a justiça recobrava o seu curso, e os insurgentes esperavam, nas cadêas, o castigo da sedição vencida. O pateo da casa da rua da *espada de páo* estava cheio de mulheres e de meninos, que pediam seus maridos, e seus paes, e que não tinham esperança senão na irmã Rosaria. Esta chorava, procurando socegal-os, e promettia interceder por elles. Á força de passos e pedidos alcançou a soltura dos que não tinham sido senão arrastados; e foi ás cadêas e aos fortes consolar os mais culpados, cuja liberdade não podéra obter. Anjo de consolação entre elles e as suas familias, levava muitas vezes para ambos os lados umas esperanças, de que não participava.

« Entre os presos estava um operario laborioso, por quem a irmã Rosaria se interessava muito. Antes da revolta passava por um dos homens mais honrados do bairro; mas havia cedido a um movimento de delirio, e pesavam sobre elle accusações muito graves. Todos os passos, todas as sollicitações em seu favor, tinham sido inuteis; não tinha mais que esperar, senão uma proxima e terrivel condemnação.

« Uma sua filha, d'edade de cinco a seis annos, toda formosa e engraçada, seguia a eschola das irmãs; vinha chorar ahi todos os dias desde a prisão de seu páe, e cousa nenhuma a podia consolar.

« 'Nestas circumstancias, o general Cavaignac veio vêr a irmã Rosaria. Esta conduziu-o á eschola, e chamando a menina: — Minha filha, disse-lhe, aqui está este senhor, que, se quizer, vos póde restituir vosso páe.

« A menina, ouvindo essas palavras, ajoelha-se, põe as mãos, e com uma voz entrecortada de soluços: — Ó meu bom senhor, exclama, restitui-me o meu papá; elle é tão bom, temos tanta necessidade d'elle! — Mas, diz o general, certamente elle fez alguma cousa má? — Não, de certo; a minha mamã diz-me que não; e de resto, eu vol-o prometto, não ha de tornar: perdão! perdão! restitui-m'o, eu ficarei muito vossa amiga.

« Os olhos supplicantes da irmã apoiavam as palavras da menina; dir-se-hia um anjo, inspirado por uma sancta. O general sahiu muito commovido, e poucos dias depois, o preso era restituido á sua familia, feliz por ter tido, para orar a sua causa, dois advogados, que as não perdem — a innocencia e a caridade. »

XVIII.

Annos antes, em uma época não menos agitada, e na qual a irmã Rosaria não tinha ainda, perante o povo e as auctoridades, os grandes serviços dos tempos do cholera e das sedições, succedeu com ella o facto, que vamos a tresladar do mesmo historiador; e que mostra egualmente quão reconhecido era já o seu merito evangelico, e não menos quanto val a caridade 'neste paiz, do qual prouvera a Deus que houvessemos tomado tamanhas lições. A missão da caridade não é a da justiça, menos ainda a da policia. O mesmo criminoso, aos olhos da caridade, não é senão um nosso irmão, um desvalido.

« Depois dos motins (diz o V.^{de} de Melun), que agitaram o começo do reinado de Luiz-Phillipe, alguns homens, pertencentes aos partidos mais oppostos, foram accusados d'haverem tomado parte na revolta, e condemnados á morte por contumacia. Muitos, perseguidos pela policia com a sua habilidade e preseverança habituaes, dirigiram-se á irmã Rosaria, de quem tinham ouvido fallar, e pediram-lhe que os salvasse. A irmã não escutou senão a compaixão, escondeu-os, obteve-lhes disfar-

ces, e guias seguras, e achou meio de fazer evadir alguns d'elles. Denunciaram-na como culpada de ter ajudado os rebeldes a escaparem á vingança da justiça. O chefe da policia de segurança, a quem ella prestára alguns serviços, e que lhe era muito agradecido, veio avisal-a de que se tinha mandado passar ordem de prisão contra ella. A boa irmã não temia por si o ser presa, mas sim, como dizia depois, pela deshonra que d'ahi poderia vir á sua communidade. Todavia não persistiu menos em seus esforços a favor dos condemnados, e conseguiu outra vez fazer partir um dos mais importantes e dos mais compromettidos.

Mr. Gisquet, então prefeito da policia, avisado d'este facto, assigna a ordem de prisão, e entrega-a ao seu primeiro agente para que a execute immediatamente. Este supplica-lhe que poupe esta injuria á mãe dos pobres: — A sua prisão, accrescentou, soblevaria o arrabalde S. Marceau, e tornar-se-hia o signal d'um motim, que não se poderia reprimir; o povo todo pegaria em armas por ella. — Então essa irmã Rosaria é mui poderosa! exclamou o prefeito; pois bem, quero ir vêl-a.

« Dirigiu-se á rua da *espada de páo*, atravessou a multidão, que esperava, segundo o costume, á porta do parlatorio; e sem se fazer annunciar, pediu para falar em particular á superiora. A irmã Rosaria, que nunca o tinha visto, recebe-o com a sua costumada civilidade; pede-lhe, que espere que ella acabe com os seus pobres; dá, como costumava, as suas caritativas consultas; e terminada a audiencia, volta para o seu visitante desconhecido, desculpa-se pelo ter demorado tanto tempo, e pergunta-lhe o que póde fazer em seu serviço.

« Minha senhora, responde Mr. Gisquet, não vim para vos pedir serviços, mas antes para vo-los prestar. Eu sou o prefeito da policia. — A boa irmã redobra em civilidades e desculpas. — Sabei, minha irmã, continúa Mr. Gisquet, que estais gravemente compromettida; em desprezo das leis, tendes feito evadir um official da ex-guarda real, o qual, pela sua manifesta revolta contra o governo, tinha merecido as mais severas penas. Eu já tinha dado ordem para serdes presa; retirei-a, a pedido d'um dos meus agentes; mas venho, e quero saber de vós, como tendes ousado constituir-vos assim em rebellião contra a lei. — Sr. prefeito, responde-lhe a irmã Rosaria, sou filha da caridade, não tenho partido, soccorro aos desgraçados aonde quer que os encontro; procuro fazer-lhes bem sem os julgar; e prometto-vos, que se um dia vós mesmo fosseis perseguido, e me pedisseis soccorro, não vol-o recusaria.

« Em tempos de revolução esta palavra não era uma promessa vã. Mr. Gisquet não pôde impedir-se de sorrir, e talvez, no seio d'alma, de tremer.

« Seguiu-se uma conversação entre o prefeito e a irmã, em que esta se esforçou por fazer comprehender ao magistrado que a caridade não tem os mesmos deveres que a policia; e que, depois d'uma batalha, ella é sempre do partido dos feridos e dos vencidos. O prefeito não podia, 'neste ponto, dar-lhe razão; mas ficou encantado da sua franqueza, não escapou ao ascendente que ella exercia sobre todos, agradeceu-lhe as suas explicações, e depois, no momento de a deixar, disse-lhe: — Estou prompto a fechar os olhos sobre o passado; mas, por favor, minha irmã, não torneis a começar; ser-me-hia muito penoso proceder contra vós.

— Sr. prefeito, respondeu-lhe a irmã Rosaria, acompanhando-o, na verdade não vol-o posso prometter. Confesso que, se uma egual obra se apresentasse, não teria a coragem de a recusar.

Uma filha de S. Vicente de Paulo nunca tem direito, qualquer que sejam as consequencias, de faltar á caridade. »

E o promettido foi cumprido: a boa irmã continuou, como até alli.

Mr. de Melun refere outros actos não menos significativos da sua animosa compaixão.

Se podessemos proseguir 'nestas agradaveis e proveitosas narrações, á medida do desejo, e colhendo apenas a flôr do pouco que se tem escripto, esta nossa breve memoria converter-se-hia 'num livro volumoso, que poucos teriam a coragem de abrir.

Falta-nos porém ainda dizer alguma cousa do Levante e da Crimêa; isto é, do mais brilhante e famoso campo de gloria da França, das irmãs, e da Egreja, 'nestes ultimos annos; nos quaes o nome da primeira das nações, pela bravura e piedade de seus generaes e soldados, e pela celeste dedicação das irmãs, e dos sacerdotes catholicos, ficou indelevelmente impresso na memoria agradecida, edificada, e attonita dos povos do Levante.

Transcrevendo um pouco d'esses grandes feitos, alcançaremos por ventura outras vantagens; porque, pelo que se faz no imperio turco (com vergonha o dizemos) pelas irmãs da caridade, e outros institutos, poder-se-ha concluir o muito que nos falta, e que podemos e devemos fazer para a regeneração moral e social do nosso povo.

As irmãs da caridade seguiram os exercitos ao campo das batalhas, habitaram nos hospitaes militares de fieis e infieis, e foram presentes aonde a peste arrebatou maior numero de victimas. Muitas sahiram de França com esse destino, mas não foram nem as unicas, nem as primeiras; correram em auxilio de suas irmãs do Levante, as quaes, apezar de numerosas, não podiam occorrer a tantas necessidades.

Continúa. A. FORJAZ.

SANCTA ISABEL RAINHA DE PORTUGAL.

(4 DE JULHO.)

Saudemos a Sancta que hoje celebra a Egreja! Saudemos a filha das Hespanhas, a Senhora e protectora de Leiria, a esposa do rei lavrador, a mãe dos desvalidos, a Sancta Rainha de Portugal, que 'neste dia, ha hoje 518 annos, subiu ao céu a receber a palma que havia ganhado na peregrinação da terra.

Saudemos com toda a effusão da nossa alma a illustre, a formosa, a bôa, a caritativa, a humilde, a pacificadôra, a Sancta Rainha Isabel.

Illustre—ninguem mais do que ella. Filha de D. Pedro III, o grande rei d'Aragão, e da rainha Constança de Napoles; neta, pelo lado de seu páe, de D. Violante, filha d'André II, da Hungria, girava-lhe nas veias o sangue de trez dos mais nobres paizes da Europa, e das suas principaes familias.

Formosa — todos os chronistas do XII seculo concordam em a considerar tal. Tinha apenas onze annos quando a fama das suas perfeições começou a correr o mundo, e foi movidos em grande parte por ellas, que trez dos mais afamados reinantes d'então, disputaram a sua posse, e a pediram em casamento para os herdeiros de seus thronos. Não lograram tão apetecida ventura. A princeza, cujas graças ambicionavam a um tempo a França, a Inglaterra e a Grecia, estava no céu destinada para abrilhantar a corôa de Portugal.

Os esposorios da bella Aragoneza com o nosso rei D. Diniz foram tractados por procuradores. Quando o rei portuguez soube que a formosa esposa caminhava para Portugal, correu a encontral-a, e foi em Trancôzo que a viu pela primeira vez.

Annos antes o rei Philippe Augusto de França havia tambem corrido de Paris a Amiens a encontrar-se com Ingerburge, a filha de Waldemar de Dinamarca, com quem havia do mesmo modo contractado casamento. Identicas eram as situações, diversissimos foram os resultados.

O rei francez viu a esposa; foi bastante cavalheiro para cumprir a sua palavra — casou; mas não o foi assaz para a poupar a uma vida de infelicidades. A pobre e bella Ingerburge, que era uma e outra cousa, dias depois foi repudiada, e mettida em uma prisão porque inspirou repugnancia em vez d'amor, ao homem de quem vinha ser.

Não assim a nossa Sancta Rainha. A flôr que vinha partilhar o thalamo portuguez era um composto de candura e graças pouco vulgares. Vel-a e amal-a foi uma e a mesma cousa para D. Diniz. Quiz elle mostrar-lh'o, e por isso, não contente de lhe haver dado anteriormente em dote por escriptura de nupcias o senhorio das trez villas de Obidos, Abrantes e Porto de Moz, fez-lhe logo a doação de Trancôzo, onde a recebeu por mulher, aos 24 de junho de 1282, não tendo ella ainda 12 annos completos.

Oh! mal se póde perdoar ao rei trovador o haver traído esta sancta. Elle, que se devia desvanecer de possuir uma das mais lindas mulheres da peninsula hispanica! elle, que tinha por esposa a mulher ambicionada dos primeiros principes da Europa, — trocava-a nas horas de delirio por uma Dona Garcia, uma bôa dona do Porto, uma Mór Affonso, uma Aldonça Rodrigues, uma Branca Lourenço, uma Marinha Gomes, por... por cem, que junctas não faziam a filha de D. Pedro III! E quereis saber o que é ser uma sancta? A Rainha D. Isabel via as infidelidades de seu marido, com a serenidade no rosto e a resignação na alma. Fazia mais. Em quanto o rei poeta dizia a uma das suas amantes com o coração exaltado:

> Senhor [1] formosa, e de mui louçã
> Coração, ai! querede vos doer
> De mi peccador que vos sei querer
> Milhor que a mim!

Em quanto dizia a outra com o enthuziasmo de mancebo ardente:

> En gran coita [2] Senhor
> Que é peior que morte
> Vivo per boa fé, e pelo vosso amor.
> Esta coita sofro eu
> Por vós, Senhor, que eu
> Vi polo meu gran mal,
> E milhor mi será
> De moirer por vos já.

Ella chamava ao seu palacio os bastardos, (que chegaram a ser oito ou nove), educava-os como os dois legitimos, acarinhava-os, protegia-os, e quando o desleal com uma ou outra doação brindava os fructos das suas faltas, declarava que o fazia com o consentimento da esposa, — *ensembra com minha mulher a Rainha Dona Isabel.*

Mais ainda. No anno de 1298 — prevenindo o caso de morrer antes d'ella, como aconteceu, querendo dar um testimunho público do quanto confiava na sua caridade, constituiu-a tutora de 3 filhos bastardos, que então tinha!

D. Diniz, D. Diniz, que thesoiro possuiste! Para isto não basta um mulher, é necessario uma Sancta. Bem o conheceu o grande rei, bastante se arrependeu depois d'estas loucuras da mocidade, bem grato lhe foi. Alma generosa tudo achava de pouco valor para lhe dar, e ella tudo lhe acceitou para benefi-

[1] Os vocabulos em — *ôr* — eram n'aquelle tempo invariaveis tanto para o masculino, como para o feminino.

[2] Desgraça.

cio dos pobres. Em premio das pazes que ella promoveu entre elle e o irmão D. Affonso, deu-lhe Leiria [1], a formosa Leiria, a querida dos nossos reis; a banhada por esse Liz, que no dizer de nosso Lobo

Em cobras de cristal correndo salta.

Com o andar do tempo deu-lhe tambem o senhorio de Torres-Novas, Alemquer, Arruda, Atouguia e Cintra; e ella, a mensageira da Providencia no mundo, gastava os rendimentos das 4 villas do seu dote, e os de todas as outras que mais tarde lhe foram dadas, em fundar hospitaes, em alliviar infelizes, em dotar as honestas desvalidas, em augmentar misericordias, em beneficiar egrejas, em soccorrer empéstados, correndo ao meio da peste sem a temer, em mil outras obras de caridade, que lhe conquistaram um logar no céu, e após isso as adorações das gentes sobre a terra.

Oh! como ella é digna d'essas adorações! Como ella a todas estas virtudes reunia a da humildade!

Quereis vel-a?

Tanto que el-rei seu marido expirou, a rainha de Portugal, a filha, a mãe, a neta de reis, querendo mostrar o nada das vaidades do mundo, encerrou-se no seu apozento, chamou as suas camareiras, despojou-se dos seus vestidos, entregou os cabellos a uma tesoura, envergou o habito de Sancta Clara, cingiu-se com um cordão, e entre lagrimas de todos e d'ella, que as sanctas tambem choram, fez um protesto, não de professar, porque era sua intenção não se privar das suas rendas e exercer a caridade, mas de assim continuar vestida o resto da sua vida.

Pouco depois, em suffragio pela alma do que Deus havia chamado a si, foi a Sanct' Iago de Galliza, destribuindo beneficios durante todo o caminho. Mais tarde, não desejando morrer sem lá tornar, lá voltou com effeito; mas d'esta vez, tendo já 63 annos d'edade, foi a pé como os peregrinos, vestida como elles, bordão de romeira, sem séquito e comendo o pão duro da esmola, que a pediu, batendo ás portas de ricos e pobres, e implorando-a como os desamparados do mundo!

Foi o preparo para a grande jornada. D'ahi a pouco mais d'um anno abriram-se-lhe as portas do céu. Mas como? Estrella da paz devia morrer cumprindo a sua missão de toda a vida.

Corria o fim de junho de 1336, vivia ella recolhida no seu mosteiro de Sancta Clara de Coimbra, que havia fundado, quando chega aos seus ouvidos, que seu filho rei de Portugal, se apercebia em guerra lá para as bandas do Alemtejo, contra o rei de Castella. Eram ambos do seu sangue. Não hezita. Debalde as bôas religiosas, debalde as suas damas, a pretendem dissuadir d'ir ao Alemtejo. Lembram-lhe a edade, que já tinha, de 65 annos, lembram-lhe a distancia, o calor da estação, a influencia d'elle 'naquella provincia; passam das razões ás supplicas, das supplicas ás lagrimas! A nada attende, nada a desvia do proposito. Por ventura não era a paz o seu sonho constante? Não se havia ella por mais d'uma vez mettido entre os combatentes? Não se tinha pela sua influencia pacificado seu genro Fernando de Castella com o rei d'Aragão? Seu irmão o rei de Sicilia com o rei de Napoles? Seu marido com o irmão, o infante D. Affonso? Seu filho com seu marido D. Diniz de Portugal? Não tinha por estes, que tanto lhe magoaram o coração, corrido de Alemquer a Guimarães, de Guimarães a Coimbra? Quem a poderia agora dissuadir d'ir ao Alemtejo? Foi, e foi a pé, por um sol abrazador, a ver se esta penitencia dobrava os corações dos malfadados, que, por parentes, antes se deviam amar. O resultado fôra previsto. A martyr chegou a Extremoz, e ahi (onde 55 annos antes o rei D. Diniz havia assignado a procuração para o seu recebimento), cahindo nos braços dos seus, exhausta de fadigas, cançada de lutar pelo bem, e tranquilla de consciencia, subiu ao céu, a colher o premio d'uma vida de sanctidade, aos 4 de julho de 1336.

Aqui tendes a senhora de Leiria. Quereis agora saber a que estaes mais obrigados que ninguem, patricios meus? Lêde as palavras que vou textualmente copiar do tomo 5.° da *Monarchia Lusitana*, escriptas por um monge d'Alcobaça, que foi chronista mór d'este reino — ha mais de 200 annos, o dr. fr. Francisco Brandão:

« O que se póde advertir aos moradores de Leiria, é que entraram no senhorio d'esta Sancta Rainha a 4 do mez de julho, e que conforme a isto *estão mais obrigados que outros* a celebrar o dia da sua festa, que a Egreja mandou e dispoz que fosse aos 4 de julho, que é o proprio dia em que aquella Rainha recebeu o senhorio de Leiria. »

Lêde mais o que um thio d'este chronista, tambem monge d'Alcobaça, escreveu ácerca d'este mesmo assumpto: « Donde podem ver os moradores de Leiria *a obrigação que têm de fazer particulares festas* a esta Sancta, cujos vassallos foram em outro tempo, e no presente, é de crer, são seus favorecidos e lembrados deante de Deus. »

[1] Esta doação por uma coincidencia notavel foi feita a 4 de julho de 1300, isto é, no mesmo dia, em que a Egreja celebra a sua festa.

[1] As pazes, que por esta occazião a Sancta promoveu entre marido e filho, foram selladas com juramento d'este na egreja de S. Martinho de Pombal, d'aquelle na de S. Simão de Leiria. Era uma egreja no Castello, de que nem já existem as ruinas.

Não seria necessario accrescentar mais a vozes tão auctorizadas; mas nada fique por dizer, que possa accordar a devoção dos filhos d'esta terra pela Sancta Rainha.

Não ha só a circumstancia de Leiria lhe ser doada a 4 de julho, ha mais. A historia d'esta cidade está de tal sorte ligada com a da sua protectora, que não é possivel desligal-as. Sancta Isabel viveu entre nós, muitas vezes veiu procurar um repouso, para a sua vida agitada, nas tranquillas margens do nosso rio. O primeiro hospital que tivemos, foi fundado e dotado por ella. Em quanto viveu, protegeu-nos como a filhos dilectos; quando se preparou para a morte, ainda se lembrou de nós, nomeando um ecclesiastico de Leiria para seu testamenteiro, legando duas verbas importantes a beneficio das nossas recolhidas e dos nossos lazaros. Preferencias tão honrosas para nós conquistaram-nos outras 300 annos depois.

No reinado de Fillipe III, foi entre outros nomeado para os processos da sua canonização, D. Martim Affonso Mexia, bispo de Leiria. Em 1696 quando a Sancta foi trasladada do antigo mosteiro de Sancta Clara de Coimbra para o novo, onde hoje está, entre os bispos, que debaixo do paleo conduziram o corpo, via-se o de Leiria, D. Alvaro d'Abranches.

Paremos aqui. A nossa missão é pugnar por tudo que physica e moralmente possa engrandecer esta terra: engrandeça-se ella, não consentindo que outra se avantage nos festejos d'este dia.

Não ignoramos que alguma cousa se faz, é pouco, é quasi nada para quem tanto nos deu. Tome o povo á sua conta exonerar-se da divida, que lhe péza, considere este dia como de festa nacional, honre-se festejando a Sancta, que foi como mãe desvelada, e ainda hoje é no mundo sua especial protectora.

A. X. B. CORDEIRO.

RESENHA.

Ninguem diga « d'esta agua não beberei » ou « se d'esta escapo, cem annos vivo » que desde já lhe asseveramos que o não põe por obra.

Estes dous chavões são mais um arrependimento momentaneo do preterito, ou, melhor, um enfado passageiro do presente, do que programma irrevogavel do futuro; — podem crer-nos como d'avezado que somos, e d'avizado que presumimos ser.

Isto de *folhetinar*, que tanto vale resenhar, é como amar, ou poetar, ou viajar. — O amante entrado de crús despeitos, porque no amoroso mar de rosas, em que navegava, pescou com o anzol do velador ciume a sombra imaginaria d'um amante inedito . . . . ; o poeta noviço a quem o sorriso inoffensivo na bôcca do nescio supprimiu a edição hypothetica de mil cantos ainda existentes no cáhos ou na massa dos impossiveis . . . ; o navegante enjoado, a quem a sanctificada caipóra enfiou pavores na passagem, aonde

Abrindo os braços com que cinge o globo
Em pé nas ondas o Equador dá « vivas, »

e ao qual muito cortezes

Respondem « viva » os hemispherios ambos :

. . . esses todos, dizemos, o amante, o poeta, e o embarcadiço, juram não tornar a cair 'noutra, o tresdobro, pelo menos, das vezes que hão de tornar a arrepender-se em identicas aperturas.

É que o coração do homem, ainda bem! é assim feito, e não ha poder-lhe resistir.

Vem um dia e uns olhos negros, avelutados, languidos, com umas pestanas longas, sedosas, recurvadas, fitam-nos um momento . . . ou vem uma tarde de primavera com o sol já transmontado, e o horisonte franjado de lhamas d'oiro, e o crepusculo suave, melancholico, poetico . . . ou vem uma alvorada com um purissimo céu azul e um mar-de-leite tão puro como o céu, e um gracioso brigue arfando brandamente com o panno todo largo, similhando donzella reclinada em tapete de flores, e a aragem a ondear-lhe o candido vestido solto . . . emfim, vem um momento e comem os desejos, e aperta a vontade, e rebentam as saudades, e adeus juramentos feitos, que a alma se vai embalada no seu sonho favorito deliciar-se no amor, arrebatar-se na poesia, ou opulentar-se com as sensações inexprimiveis da magestade do oceano.

Que alguem nos não creia, bem pouco se nos dá d'isso; mas é certo que não fica menos verdade o que dizemos.

E é por isso que vimos hoje a fazer esta *resenha*. Toda academica e toda desentranhando-se da indole do nosso jornal, temos de ser benigno como para com irmãos, e sério como no'-lo exige o logar, abrindo a mão a pecuinhas e remoques, menos polidos e menos cabidos.

Desde o desabrochar do anno lectivo o tempo tinha-nos corrido sereno, mas trivial, — alegre, mas não querido. Desfolhadas as saudades do aconchego domestico, refloresce-mos para o estudo, sendo-nos matiz os curtos e, por isso mesmo, gostadissimos ocios. Era um viver todo patriarchal e estudioso, que poderia acalentar vinte castos e profundos Newtons, e nunca despertaria nem um *dx* de Faublas ou Lovelace.

Fallavam-se apenas aulas, conversaram-se lições, descutiam-se methodos, anatomisavam-se auctores e, emfim, vivia-se encadernado

em sciencia e com tachins de finissima crítica. Era um ineffavel extasi d'amor d'estudo que nos embebecia.

Verdade é que, ao mesmo tempo, caía o theatro, esmagando a Melpómene academica sob o pezo de cem atmosphèras de banalidades, e com elle caía o ultimo dos nossos recreios deleitosos, ao mesmo passo que instructivo e civilisador!

'Nestas mágoas nos descoroçoavamos quando a nossa boa estrella nos guiou o sr. Taborda, e o sr. Arouca, com as alfaias e as myrrhas do faustoso oriente do Gymnasio. Refloriu-nos a vida: rimos, traquinando, e, como o emblematico mocho, descançámos sobre o livro fechado.

Na pedantesca logica dos espiritos tacanhos, um passatempo qualquer é sempre e *ipso jure* uma calamidade para o estudo: não o tomam nunca como um indirecto refocillar de forças para mais fartas victorias: condemnam o corpo á solidão como se o carcere do espirito se encerrasse no perfil inflexivel d'um *figurino, last fashion!* Galileu da liberdade, havemos de bradar-lhes *e pur si muove* aos impotentes inquisidores de singelos e graciosos divertimentos, para ver se conseguimos convencel-os de que o *panem et circences* é para o corpo e para o espirito.

Para nós, pelo menos.

E por isso é que todos nos vimos concorrendo contentes ao theatro nas noites dos srs. Taborda, e Arouca: é por isso que as mãos se abriam generosas para lançar as corôas ao palco, e os *bravos* restrugiam freneticos, e as *poesias* esboavam como borboletas cambiantes, victoriando os actores.

Das muitas que alli colhemos, lançamos aqui como specimen a seguinte ao sr. Taborda, não por ser a melhor, mas a mais breve, já que não temos margem para todas:

Teu vassallo é quem te escuta
Teu escravo quem tem alma.

* *

Que importam hymnos da lyra?
Bravos, c'roas o que são?
Quando enlevada te admira
A teus pés uma nação!

Do genio o berço é a gloria,
Grato assombro a mocidade,
É sua mortalha a historia,
E seu tumulo a saudade.

Não vieste a colher loiros . . .
Onde os ha dignos de ti?
Que valem ricos thesouros,
Se a gloria ao genio sorrí?

Acceita, pois, este mudo
Silencio de nossas almas,
Que te diz bem mais que tudo . . .
— Mais que bravos, mais que palmas.

A.

As lançadas ao sr. Arouca, não tem conto. Ainda hontem nosso irmão nas fraguas e nas alegrias academicas, sentado nos mesmos bancos, vivendo a mesma vida, lidando as mesmas lides, a saudade victoriou-o com mimo de poesias e com abraços de flores.

Sem sabermos se com bom ou malgrado do auctor, vamos aqui revelar uns versos que ouvimos recitar entre os brindes d'uma ceia, e que o acaso nos trouxe á mão. Eil-os:

Silencio! amigos: — eis o sol no occaso!
No rapido passar, verteu-nos 'nalma
Da eterna gloria o brilhantismo eterno.
Se, orphãos, agora, rebentarem lagrimas,
Deixemo'l-as correr — que é nobre o pranto:
Nem ha pejo em chorar a luz que morre,
Se densas, fundas trévas nos circundam.

Aqui, no solio da sciencia e d'arte
Só para o genio, irmãos, ha, por tributo,
Amor no coração, na mente assombro.

Sciencia e arte são irmãs, são virgens,
Que unidas folgam, derramando flores,
Risos, perfumes, gosos, harmonias
Por entre abrolhos, 'naridez do estudo.
Sciencia e arte são d'um mundo ethereo,
Infinito, onde as trevas jámais reinam,
Os astros immortaes d'immortal brilho:
Mundo que o vulgo, sem n'o crer, adora;
Mundo que o genio a suas leis sujeita;
E a que o ingenho, qual aguia sobre o abysmo,
Mede com vista audaz o immenso imperio.

Eia, irmãos; — esse mundo é o nosso. A gloria
Lá nos espera co'as viçosas palmas,
Se, baldando á ignorancia as falsas galas,
Fôr nosso norte e enlevo nosso o estudo.
— A força, a espada, o throno alli se esquecem:
Razão, virtude, amor alli se estimam.

Eia, pois, nada alli importa o berço;
Lá todos são irmãos, amigos todos:
Se o genio nasce da choupana humilde
Entre as nuas paredes, para em breve
O mundo devassar no ardido vôo;
E em vistoso palacio, entre aureas pompas,
Em berços de marfim, se embala o nescio . . .
Tambem, sem pompas, sem cortejo nasce
O sol, rasgando d'alvorada os mantos,
P'ara a terra innundar de luz e vida.

A'vante, meus irmãos: — da sciencia e d'arte
É difficil a estrada; mas, ao menos,
Ha lá dos genios os brilhantes fachos
Para dar-nos a luz que o trilho mostrem.
Mais um agora vai junctar-se ao côro!
Dos que immortaes, por letras, na poesia,
Ou na historia, ou na scena, se recordam;
Dos que pela arte, com divino scopro,
Ou com mago pincel, eternos vivem.
Esse é Taborda . . . — este só nome basta!
Diga o mais quem puder: se póde acaso
Phrase haver que do genio a luz retrate;
Que eu por mim não sei ter mais que a saudade!

Silencio, pois, irmãos: — é o sol no occaso!
No rapido passar verteu-nos 'nalma
Da eterna gloria o brilhantismo eterno:
Se orphãos agora rebentarem lagrimas
Deixemo'las correr; — no pranto ha goso.

A.

Que não se agaste o auctor com este nosso innocente revelar.

Fechadas com mágoa as portas do theatro, saltemos, a pés junctos, para a *sala dos capélos*, aonde dois distinctos collegas nossos, o sr. J. Pereira da C. Cardoso, e o sr. Thomaz

A. d'O. Lobo, em acto de *conclusões magnas*, propugnaram victoriosamente as suas *theses* de mathematica.

Ambos estudantes habilissimos, e tão queridos de seus mestres, como estimados e admirados de seus condiscipulos, quer a vereda fragosa do magisterio, quer os cargos d'engenharia civil podem trilhar afoitos. Bem que desejados, cremos que nenhum dos dous se vota á vida universitaria.

Desviemos, porém, este assumpto, para que á conta d'encomiar não lance alguem o resenhar, e apuremos o nosso par de botinas *stellpflug* para o baile da sociedade *philantropico-academica*.

Entre as poucas creações puramente d'estudantes, é esta á que mais opulencia de recursos desejavamos, por ser a mais immediatamente util. Amparar o mancebo que em meio da sua carreira litteraria foi colhido pela adversidade, e ministrar-lhe subsidios para terminal-a convenientemente, é motivo a louvores sinceros e rasgados. E todas as traças, de que se lance mão para fazel-a prosperar e, cada dia a mais, estender a sua acção benefica, serão sempre bem vindas e sempre festejadas.

D'esta vez vingou realisada a idêa d'um baile dado nos salões da Academia Dramatica: e se bôa foi a idêa, por perto do optimo rastreou o resultado. Se simplesmente 'numa singella, mas incisiva, phraze aristocratica quizessemos dar conta d'essa noite, diriamos apenas « passou-se bem. » Mas, realmente, não nos cabe ser tão expressivamente laconico, quando tudo o que em Coimbra é admiração, e em muitas cidades seria pasmo, se achava reunido 'num mesmo salão. Formosura, elegancia, riqueza, galanteria, distincção, tudo ahi se via e se sentia, se admirava e se namorava.

Premeditado, e com muitos dias d'antecipação annunciado, houve tempo para fazer vir de Lisboa o enfeite peregrino e *fashionable*, para dar requinte ás graças de mais de uma candida belleza; e para que mais d'um Jacob apaixonado tentasse mentalmente reunir 'num minuto as fadigas pastoris de sete annos, para poder cambial-as com os Labãos da epocha, a troco de mais d'uma Rachel. Emfim, por mais que queiramos, não sabemos dizer, se não que foi uma noite bôa; e que não temos agradecimentos bastantes e condignos para os srs. directores, principalmente para o ex.mo sr. Borges de M., e para os srs.... que sei eu? — para todos, que todos concorreram sollicitos. Acceitem-nos, pois, o que podemos tributar-lhes — uma interjeição enthusiastica!

E mais que muito sentida é ella, por isso que nos deram occazião de mais uma vez contemplarmos as linhas correctissimas d'aquelle rosto, que durante seis annos tem sido nosso constante enlevo. Rosto que não se descreve, como não se copia o brilhantismo offuscador d'um raio do sol; rosto que faz desentranhar d'alma o requinte da admiração, e borbolhar do coração o sentimento mais acrysolado d'amor e de poesia. Guardenos Deus, porém, de nos desvendarmos, descubrindo o idolo do nosso culto, em periodos moldados pelo stylo perfumado da comedia franceza. Não, — amamos a verdade, adoramos a singeleza, e veneramos a formosura.

A nós, delicia-nos muitissimo mais a borboleta que passa negaceando e borboletando por entre as flôres, fugaz, doida, indescriminavel, do que a séria, marmorea, e fria belleza da estatua que povoa a alameda. São gostos: *alii alia dabunt*.

Agora, quasi a ponto de trancarmos a nossa *resenha*, principiamos já a sentir a angustia que ámanhã nos ha de torturar, lendo-a na estampa: — e sabem porque? é porque 'neste genero d'escriptos tem sempre o editor o direito de cortar e alterar caprichosamente: aqui tira um pensamento, alli cercêa um periodo, acolá apaga uma imagem ou cancella um sotaque..... e o auctor nem sequer é ouvido!

Pois já que assim é, e que não podemos estorvar essa rasoura, tambem não consignaremos aqui detidamente os *concursos* de theologia a que temos assistido; e o bom e o máu, que 'nelles colhemos; — nem tão pouco voltaremos mais, embora fartos de logrados ocios, a resenhar accontecimentos, baldando assim aquell'outro chavão que diz « cesteiro que faz um cesto faz um cento, tendo verga e tempo. » (?)

ANNUNCIOS.

Methodo Facilimo para aprender a ler, tanto a letra redonda como a manuscripta, no mais curto espaço de tempo possivel; por Emilio Achilles Monteverde. Approvado pelo Conselho Superior d'Instrucção Pública. 6.ª edição, muito melhorada, augmentada e ornada de grande numero de lindas estampas. — Preço 100 réis, em brochura.

Resumo da Historia de Portugal; por Emilio Achilles Monteverde. — 3.ª edição.

Vendem-se, em *Lisboa*, nas livrarias de João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8; na da Viuva Bertrand e filhos, aos Martyres, á esquina da travessa da Figueira, e nas de quasi todos os livreiros: — no *Porto*, na de Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, rua dos Caldeireiros n.os 11 e 12; na de Moré, rua de Sancto Antonio n.os 42 a 44, e outras; e em todas as capitaes dos districtos administrativos: — no *Rio de Janeiro*, na loja de E. e H. Laemmert, rua da Quitanda n.º 77, e nas de outros livreiros, tanto d'aquella cidade, como das demais do *Imperio do Brasil*.

***N. B.* Ás pessoas que quizerem alguma porção de exemplares d'estas obras, de 50 até 150, se abonará a commissão de 10 por cento; de 150, até 250, 12 por cento; e de 250 para cima, 15 por cento; devendo dirigir-se, para este fim, á livraria acima mencionada de João Paulo Martins Lavado.**

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSULTAS

QUE AO GOVERNO DE S. M. DIRIGIU A FACULDADE DE MATHEMATICA.

PRIMEIRA CONSULTA.

Senhor: — O conselho da faculdade de mathematica, a quem foram presentes algumas ponderações feitas pela direcção do observatorio astronomico, sobre os embaraços, que a fórma e capacidade do edificio, onde actualmente se acha estabelecido o mesmo observatorio, oppõem á bôa collocação de alguns instrumentos que hoje possue, e á accommodação d'outros, que por ventura venha a adquirir; vai respeitosamente elevar á soberana presença de V. M. as considerações que se lhe offerecem relativas áquelle objecto, e as providencias que lhe parecem mais adequadas para prover de remedio aos inconvenientes que actualmente existem, e cuja remoção é de urgente necessidade.

O actual edificio do observatorio offerece os seguintes inconvenientes:

O telhado da sala dos capellos encobre parte do céu do lado do norte. E só póde fazer-se uso da marca meridiana do sul.

O rasgo projectado no terrado inferior para uso do instrumento de passagens no primeiro vertical não descobre senão um arco de 19° a leste e oeste do zenith. E não póde collocar-se uma marca do lado do nascente.

A contiguidade do pateo da universidade, e da rua, á casa d'observações, póde ser causa de perturbação do socego, que 'nellas é necessario, e de oscillações do edificio.

Para dar ao Equatorial a melhor collocação, que o observatorio permitte, tem d'apear-se o torreão central até á casa do Sector zenithal, e de construir-se um pégão, que venha desde o fundamento do edificio, e atravesse a primeira abobada.

Para collocar firmemente o instrumento de passagens no primeiro vertical, é necessario construir um pégão sobre o qual assentem os pilares; e repartir a casa d'aula por uma parede, que deve ser forte para dar mais segurança á abobada onde se tem de fazer o rasgo.

Para que seja permanente o serviço regular e assiduo das observações, é indispensavel uma casa contigua ao observatorio, onde habite, pelo menos, o porteiro.

Ora a despeza do rasgo no terrado inferior, da repartição da casa da aula, dos dois pégões, do apeamento do torreão central até á casa do Sector, e da habitação do porteiro, não póde ser menos de trez a quatro contos de réis.

E, apezar d'ella, sempre o observatorio será acanhado em casas d'observação; nem haverá 'neste edificio logar onde se accommodem novos instrumentos.

O edificio do observatorio do Castello, que apenas ficou em começo, offerece pelo contrario as seguintes vantagens:

O horizonte é mais desaffrontado, descubrindo-se toda a parte do céu onde devem fazer-se observações com o Circular-meridiano e com o instrumento de passagens no primeiro vertical; e poderão collocar-se marcas a distancias convenientes nas direcções norte-sul e este-oeste.

A distancia das casas d'observação do edificio á rua dar-lhes-ha o isolamento conveniente.

A parte central do edificio, cuja immediata construcção se propõe, terá capacidade sobeja para se collocarem 'nella não só os trez instrumentos referidos, mas tambem outros que ulteriormente se obtenham.

E no resto do mesmo edificio ha accommodações sufficientes para habitação do porteiro.

O conselho tambem julga conveniente ponderar, que feitas no actual observatorio as obras mencionadas, continuará o do Castello a ser uma casa inutil, perdendo-se muitas dezenas de contos de réis já despendidas 'neste vasto edificio.

Pelo contrario a conclusão do observatorio do Castello tornará disponivel o actual para bibliotheca e aulas da faculdade de mathematica, de que o mesmo conselho tem por differentes vezes reconhecido, e já representado, a necessidade, e para o estabelecimento d'um bello observatorio meteorologico da faculdade de philosophia.

E parece ao conselho que a economia proveniente d'estabelecer 'naquelle local o observatorio meteorologico, para o qual d'outro modo será necessario erigir um novo edificio,

como já reconheceu a respectiva faculdade, juncta á que resulta de evitar no observatorio actual as despezas referidas, não dará nma somma sensivelmente inferior á que tem de gastar-se na parte central do observatorio do Castello.

Á vista d'esta exposição, e combinando o orçamento geral das obras necessarias em todo o edificio, ás quaes se refere o documento n.° 2, com o das relativas á parte central, cuja immediata construcção é urgente, indicadas no documento n.° 1, parece ao conselho que o custo d'esta parte não póde exceder nove contos de réis; e por isso tem a honra de representar a V. M.: que é indispensavel em primeiro logar a quantia de nove contos de réis para fazer desde já a obra indicada na parte central do observatorio do castello: em segundo logar é necessario mais para concluir este edificio a quantia de seis contos e quatro centos mil réis, a qual poderá ser concedida por juncto, ou em trez prestações annuaes, a contar de julho de 1858.

V. M. porém resolverá, como melhor entender em sua alta sabedoria.

Da Universidade de Coimbra: Em conselho da faculdade de mathematica de 27 de abril de 1857.

Assignados todos os vogaes do conselho.

SEGUNDA CONSULTA.

Senhor:—O conselho de faculdade de mathematica, a quem a experiencia dos annos decorridos desde a reforma de 1844, tem demonstrado a impossibilidade, por falta de tempo, de se professarem alguns dos ramos, que fazem parte do curso mathematico, e de se dar a outros todo o desinvolvimento necessario, julga do seu dever levar respeitosamente á presença de V. M. as ponderações que acha conveniente fazer sôbre este objecto, para dar aos estudos da faculdade de mathematica a extensão que exige o estado actual da sciencia.

Na 3.ª cadeira, o tempo que é necessario despender no ensino do calculo transcendente, nunca permittiu que se explicassem mais do que os primeiros elementos de geometria descriptiva.

Na 4.ª cadeira o tempo empregado no ensino de mechanica racional, não tem permittido até agora explicar parte alguma da acustica, nem dar á optica o desinvolvimento analytico que a sciencia hoje reclama.

Neste estado entende o conselho que se deve crear uma nova cadeira, para que se explique a parte transcendente da geometria descriptiva, e a parte transcendente e analytica da acustica e optica, fazendo-se tambem as experiencias convenientes, para que este ensino se torne mais proveitoso.

A creação d'esta cadeira, cuja necessidade parece ao conselho que fica demonstrada, não exige a de outra substituição, porque, depois d'ella, continuará a ser legalmente quatro o n.° dos substitutos ordinarios.

V. M. resolverá como melhor entender em sua alta sabedoria.

Da Universidade de Coimbra: Em conselho da faculdade de mathematica de 27 de abril de 1857.

Assignados todos os vogaes do conselho.

DISCURSO PRELIMINAR DA 4.ª EDIÇÃO DO METHODO PORTUGUEZ.

O sr. A. F. de Castilho brindou esta Redacção com um exemplar do discurso da introducção á 4.ª edição do seu methodo de ensino em instrucção primaria.

Rendendo o nosso agradecimento e homenagem ao empenho desvelado que o sr. Castilho mostra nutrir pela propagação e melhoramentos do ramo mais indispensavel da instrucção pública, pedimos venia ao erudito auctor para lhe offerecermos algumas reflexões, como em resposta ás sentidas queixas que faz de não vêr o seu methodo geral e officialmente adoptado na práctica do ensino do paiz.

A questão dos methodos de ensino, é uma das mais complexas, difficeis e embaraçosas da instrucção, mórmente da primaria, administrada a individuos, em que apenas se póde contar com a sensação e a memoria; *porque as cogitações, em que a luz da intelligencia lhes caminha sempre adiante da memoria,* como sem razão suppõe o sr. Castilho, não podem existir sem a reflexão, e as idêas reflexivas vêm mais tarde.

Accresce ainda a mobilidade propria da infancia; a fadiga da attenção prestada por alguns minutos ao mesmo objecto em razão da sensibilidade mais viva, e menos perseverante na tenra edade, em que a acção dos nervos é mais caprichosa, e menos regular. Condições são estas que tornam o processo do ensino mais difficil na primaria do que nos outros ramos da instrucção; e que imperiosamente demanda muita vocação pedagogica, muita dedicação, e experimentada prudencia e practica no professor.

Não é pois de maravilhar que toda a innovação em methodo de ensino seja sempre recebida com desconfiança; e que se aguardem os resultados practicos para sanccionar o methodo; sendo que a questão é toda de resolução práctica.

Ha um defeito palpavel, e sobre tudo influente na repugnancia, que se tem levantado contra o novo methodo; e esse está na

falta de um dos principios que o sr. Castilho devêra considerar tambem para base do seu methodo. As classes menos abastadas são as mais numerosas. 'Nestas o páe pede ao trabalho do filho o valor da fatia com que lhe mata a fome: e assim o filho não póde acompanhar com regularidade as diversas evoluções do ensino nas epochas dos serviços campestres. O novo methodo exige frequencia seguida e regular.

Sendo essencialmente simultaneo o methodo Castilho, é indispensavel que os alumnos tenham todos um grau igual de instrucção, e poderiamos dizer, de desenvolvimento intellectual. Com um só professor o ensino será impossivel; porque aquellas duas condições raro se acharão reunidas; e ainda que se designasse por lei uma epocha fixa de matricula, mostrando a experiencia, que um anno não basta para o ensino, no anno seguinte o differente grau de instrucção dos alumnos obrigaria a dividil-os em classes; ou a reduzir muitos d'elles a simples espectadores, o que fôra grande atrazo no desenvolvimento do ensino primario. 'Neste embaraço o que o interesse público aconselhava era a nomeação de dous ou trez professores para cada eschola, e casas separadas para ensino das classes.

E não é *a priori* que assim raciocinamos: sabemos *a posteriori* que tem sido essa a causa principal do desgosto dos mestres, e da resolução dos páes em retirarem seus filhos das escholas em que o methodo tem sido practicado.

É certo que o sr. Castilho 'nesta exposição preliminar da 4.ª edição, cede do seu primeiro plano; concede que possam dividir-se as escholas em decurias; mas com a musica, as palmas, os passos de marcha, como será possivel trabalhar cada classe isolada no ensino que lhe cabe? e se abolirem todos esses meios de animação, esse principio de vida em que o auctor do methodo confia com razão, a que fica reduzido o methodo de ensino? ao simultaneo-mutuo hoje seguido geralmente no paiz.

Conhecemos que no methodo ha cousas aproveitaveis; e uma capitalissima, que desejáramos ver geralmente adoptada, é a leitura auricular, meio reconhecido e provado de bem pronunciar e cadenciar a leitura.

Esperamos que o sr. Castilho amestrado pelas lições da experiencia, vá simplificando o seu methodo; e depurando-o de algumas excrescencias inuteis, se não prejudiciaes ao ensino. E por esta occasião felicitamos o sr. Castilho por haver abandonado a ortographia barbara e insolita, que de primeiro inventára, e restituido os seus fóros á ortographia classica da nação dos Barros, Sousas, Vieiras, e Camões.

Do que levamos dicto não se creia que o novo methodo produza sempre maus resultados no ensino. O mestre que sympathisar com elle, o que se armar com sincero empenho do crédito do methodo, e aproveitamento dos alumnos, ha de dar bons discipulos: e por esta razão fundada na experiencia de seculos, é que se deixa ao mestre a liberdade na escolha do methodo. A eschola é o professor; seja este bom; escolha o methodo que mais lhe agrade, e os discipulos sahirão bem doutrinados.

Parece-nos haver demonstrado a razão porque o novo methodo não podia, nem devia prosperar sem conceder ao tempo e á experiencia, o que razoavelmente se lhe não póde negar.

Achamos por este motivo menos fundados os queixumes do sr. Castilho.

Ninguem talvez tenha sido tão favorecido em suas tentativas, como o introductor do methodo repentino. O governo deu-lhe desde logo um ordenado pingue, além das subvenções para jornadas em visitas das escholas. Poz á disposição do commissario pelo methodo repentino, a cooperação de todas as auctoridades litterarias: ordenou os ensaios do methodo em todas escholas do reino; e isto sem saber se era bom ou mau o tal methodo; ou para melhor dizer, não ignorando que 'noutros povos, e muito illustrados se havia já ensaiado e abandonado.

E a este sincero empenho, e cooperação do governo e das auctoridades litterarias, deve o sr. Castilho o grande consumo do seu livro; porque foi necessario a todos os professores, e a muitos alumnos, compral-o. Mais auspiciosa estrêa não sabemos nós que alguem a haja alcançado.

Mas a pezar de tão bons auxilios, é innegavel que uma resistencia séria e tenaz, se ha levantado contra o methodo. *Se houvera em Portugal, em S. Miguel, no Brasil, tantas escholas d'aquelle methodo; se fôra tão notoria a excellencia e abundancia de seus fructos*, como diz o sr. Castilho, certo que elle se não queixára do abandono a que o vê condemnado; da injustiça dos homens.

Não querendo negar alguma injustiça filha dos interesses creados, da força do habito, e da má execução do methodo, cremos todavia que do contratempo é mais culpado o auctor, do que o mesmo methodo.

O sr. Castilho começou na recommendação do seu methodo por onde devera acabar. Fez-lhe a apotheose. Apregoando prodigios com um enthusiasmo, e até estylo verdadeiramente poético, deificou-o. Podia fazel-o com a mesma auctoridade com que egypcios, gregos e romanos aviavam divindades.

Mas no seculo em que a luz das sciencias vai penetrando até o mais humilde tugurio, na epocha do positivo e practico, as pomposas promessas per si só não fazem effeito, *Nec pueri credunt, nisi nondum aerere lavantur.*

Assim nunca se fundou religião, nem crença; nem ainda nos tempos das Canidias e Saganas tivera effeito esse systema. Esses elogios exagerados não ficam bem em bôcca propria; aguardam-se dos outros.

E ainda mais; condemnando os methodos de ensino adoptados, alcunhando-os de barbaros, antiphilosophicos, antimoraes, antichristãos, não só feriu todos os interesses creados por esses antigos methodos, sanccionados por dilatada práctica, deixando sem prova asserções menos reflectidas; mas offendeu os brios, e pundonor dos nossos respeitaveis classicos, dos homens mais eminentes do paiz, de todos os portuguezes em geral, doutrinados e educados por aquelles methodos, que assim parecem offerecidos em holocausto ao novo methodo pelo enthusiasmo e desejo afervorado do sacerdote da religião, que se pretende edificar.

Não busquem outra causa á primeira repugnancia, que tem encontrado a práctica do methodo Castilho.

Obrigados por ordem superior os professores a aprender, e practicar o novo methodo, destinadas mesmo algumas escholas mais acreditadas para ensaiar, e comparar vantagens do antigo, e do novo methodo, o que officialmente consta não abona muito os elogios prodigalisados. Consta que muitos professores habilitados com diploma d'este methodo pelo commissario respectivo, pediram á auctoridade superior serem dispensados d'esse methodo de ensino, em que não viam proveito e lhes desviava os alumnos das escholas. Os commissarios de estudos, e professores na maior parte desadoram o methodo; e no ensino official do Estado não consta que elle se ache em exercicio.

Não ignoramos algumas das causas da resistencia; e parece-nos antever como poderiam ser removidas. Muito podem concorrer para esse effeito as transigencias, a que o sr. Castilho declara sujeitar-se no discurso preliminar, que nos occupa: mas fôra por ventura preferivel organisar um methodo novo, aproveitando principios do methodo antigo, do de Michel aperfeiçoado pelo sr. Marceliano de Mendonça [1], e do sr. Castilho.

DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 10.

XIX.

De longos annos a Egreja catholica exerce nos paizes do Levante uma doce influencia, sob a tutella da França; e d'ahi vem, que, depois de tantos seculos de feroz despotismo e brutal tyrania, não só ainda alli se encontram fecundos germens de regeneração, mas estes se têm desenvolvido consideravelmente nos ultimos tempos. Visitar e curar os enfermos, ensinar os ignorantes, sem distincção d'origem e culto, orar por todos a Deus, agasalhar os peregrinos, e guardar os monumentos sagrados da vida e morte do Redemptor, eis ahi a nobre e gloriosa tarefa dos ministros de Deus, desde seculos, em meio dos sarracenos e arabes.

Tem os lazaristas, em Constantinopla, alguns estabelecimentos, e entre eiles o collegio de Bebek, a uma legua da capital, no qual uma numerosa mocidade recebe a educção secundaria.

As irmãs da caridade têm egualmente trez casas na mesma cidade; uma em Péra, na qual ha um *pensionato* de cem meninas, pouco mais ou menos, — um *collegio d'orphãs* com cento e trinta, — uma eschola para externas, e casa de trabalho, que recebem obra de quatrocentas, — um *hospicio d'expostos*, — um *catecumenato* para instrucção dos hereges e schismaticos convertidos, — um *dispensatorio* (sala de consultas medicas, curativo de feridas, e distribuição de remedios) e uma botica, aonde se appresentam, termo medio, por dia, quatrocentos doentes, soccorridos gratuitamente.

A segunda casa, em Galata, é um hospital de cem camas, servido por doze irmãs, e juncto a elle uma eschola e casa de lavor, nas quaes se recebem, cada dia, mais de 300 crianças.

Em frente de Bebek finalmente possuem um principio de colonia agricola d'expostos e orphãos, com quatro irmãs, e sob a direcção d'um missionario.

Ha ordinariamente em Constantinopla 20 padres lazaristas, 50 irmãs, e 30 irmãos da doutrina christã.

Na segunda cidade do imperio ottomano, Smyrna, ha trez casas de lazaristas; e em uma d'estas, em 1852, a cifra dos alumnos externos subio a 179. Ha na mesma cidade outras tantas d'irmãs da caridade, as quaes occupam-se, como em Constantinopla, no ensino, e no curativo dos enfermos.

Os irmãos das escholas christãs recebem ahi, nas suas escholas, perto de 400 meninos; e á noite dão aula aos adultos.

Desde 1847 que as irmãs estão estabelecidas em Beyrouth; e os desvelos com que trataram os cholericos em 1849, captivaram-lhes a admiração e a estima dos naturaes.

« Uma d'ellas (diz L. Veuillot) morreu attacada do flagello. Toda a cidade quiz assistir ás suas exequias; e viram-se os gregos, os judeos, os turcos, os arabes, e os catholicos seguirem o seu enterro com a expressão d'uma verdadeira dôr.

[1] Veja-se *o Methodo do Ensino Paralello da escripta e leitura*. Instituto, IV vol., pag. 244, 253 e 268.

As suas escholas na cidade e arrabaldes recebem perto de 500 meninas.

Em 1852, prestaram soccorros e distribuiram medicamentos a 34:223 enfermos indigentes; visitaram em casa a 1843, e cuidáram de 102 no proprio hospital.

A superiora exerce em Beyrouth uma tamanha, tão geral, e tão feliz influencia, que o pachá entregou-lhe a suprema direcção dos seus hospitaes! Deixam-lhe uma mui grande liberdade, e os turcos acham-se bem com isso.»

A fama das boas obras d'estas irmãs de Beyrouth chegou a Damasco; e a 26 de junho de 1854 uma nova colonia, acompanhada pelo Prefeito apostolico das missões dos lazaristas na Syria e no Egypto, e pela irmã superiora da casa de Beyrouth, entrava 'naquella cidade, a convite e instancias dos naturaes, e sôb a protecção e com o auxilio do governo francez.

«Ha cinco dias (escrevia pouco depois o *Moniteur*), que o dispensatorio (sala de consultas, curativos, e distribuição de remedios) está aberto. O numero dos doentes pobres, de todas as religiões, que se têm apresentado ahi, sobe, termo medio, a cem por dia. A eschola das meninas está egualmente aberta, e conta 120 alumnas. A casa de lavor (eschola de fazer vestidos) abrir-se-ha em breve.»

Em Alexandria, no Egypto, os lazaristas possuem dous estabelecimentos; e outros dois as irmãs da caridade, o *Hospital europeu*, no qual são recebidos os doentes de todas as religiões e nacionalidades; e a *Misericordia*, que contém um pensionato, um collegio d'orphãs, um hospicio d'expostos, escholas d'externas, e casas de lavor; e recebe, pouco mais ou menos, *trezentas* meninas. O numero dos doentes soccorridos no dispensatorio foi de 61:630 em 1853, e nas casas 6:968.

Setenta e cinco damas de caridade, uma conferencia de S. Vicente de Paulo, e um estabelecimento d'irmãos das escholas christãs, auxiliam os trabalhos dos lazaristas, e das irmãs.

A Grecia possue igualmente a uns e outras; ahi as irmãs apezar dos rancores do schisma, em 1852 instruiam a mais de 200 meninas, sendo 53 internas, e 150 externas; e das internas 40 orphãs e inteiramente desvalidas.

A invasão do cholera em 1854 veio consolidar o seu credito; e o governo, pelo orgão de seus primeiros funccionarios, prestou-lhes os mais estrondosos e significativos applausos e agradecimentos [1].

XX.

Taes eram as boas servas, as experientes e caridosas enfermeiras, os anjos de doçura e sobre-humana dedicação, as mensageiras e distribuidoras de celestes consolações, que os exercitos alliados e os inimigos, sem distincção de bandeira, nem de crença, iam encontrar 'nessas sempre famosas e memoraveis campanhas da Turquia e da Crimêa, de 1854—1856, na qual a peste e a guerra tinham de ceifar tantas e tão illustres victimas.

Os jornaes do levante e do occidente frequentes vezes se occuparam das irmãs da caridade; porque, no meio de tão brilhantes feitos d'armas, e de tão assignaladas provas do desenvolvimento das artes, das sciencias, e da navegação, no tocante á arte de matar os homens e de derribar os imperios, cousa nenhuma foi capaz d'escurecer a fama d'estas humildes salvadoras das vidas e da verdadeira civilisação.

Invejou-as o anglicanismo, quizeram imital-as os inglezes; e por fim viram-se reduzidos a implorar o seu soccorro, fazendo-lhes a justiça, de que não ha força de caridade que as excêda ou mesmo que as eguale na dedicação.

Russos e turcos lhes abriram os hospitaes; e aquelles (quem tal o acreditára?) foram mendigal-as á catholica Polonia para Sebastopol! Ouçamos o primeiro orador do mundo catholico, o P.e Ventura de Raulica, que ninguem ousará alcunhar de pouco liberal; o desterrado de Roma, porque medira, pelo seu puro pensamento e coração, o dos ambiciosos falsos amigos do pôvo; o orador d'O'Conell, o venerando ancião que París disputa hoje á capital do mundo.

Na sua obra *La femme catholique* expressa-se d'este modo:

«Parece de resto, que hoje o mundo inteiro está perfeitamente d'accôrdo 'neste ponto. Em Sebastopol são as irmãs da caridade da Polonia catholica, que o governo schismatico russo encarregou de cuidarem dos seus soldados enfermos ou feridos. Na Grecia, tendo offerecido o commandante em chefe da expedição franceza, o general Mayran, antes da sua partida para a Crimêa, ao governo schismatico d'este pequeno reino, o deixar-lhe os medicos e *as irmãs da caridade* do exercito francez para assistirem aos seus cholericos, este governo agradeceu-lhe os medicos, e não se apressou a acceitar senão as irmãs de caridade, parecendo dizer: — Aquelles poderemos havel-os de qualquer parte; estas em parte alguma as acharemos, se de vós as não recebermos.»

«Em Londres uma senhora protestante, Lady N., organisou uma *associação de mulheres caritativas*, que houvessem d'ir para o Oriente exercer ahi, no exercito inglez, as funcções que as verdadeiras irmãs da caridade exercem no exercito francez;—e os mesmos jornaes protestantes a rirem, a taxarem de loucura a empreza, e a matarem-na no berço pelo ridiculo. Lady N. deu-se por advertida;

[1] Le schisme, la France, et l'eglise en Orient, 1 vol. in 18.

e, modificando o seu plano, teve ella mesma a bôa idêa de tomar comsigo todas quantas poude reunir das irmãs de caridade nos conventos catholicos da Gram-Bretanha.

« Os mesmos turcos abriram os seus hospitaes a estas admiraveis filhas, e acolheram-nas ahi, como entes celestes.

« Eis ahi pois o schisma, a heresia e o mahometismo reduzidos a haverem de pedir ao catholicismo estes *anjos de conforto,* e a reconhecerem por este só facto, que a verdadeira caridade, *mais forte do que a morte,* é uma planta exclusivamente catholica, que não se encontra em parte alguma fóra da Egreja. »

Anteriormente dizia o mesmo escriptor: — « Todo o segredo da dedicação heroica d'estas sanctas filhas está na sublime doutrina da sua regra. É esta mesma doutrina que explica a palavra, sublime na sua simplicidade, que uma d'ellas pronunciou, ha apenas trez mezes, e que teve um echo d'admiração em todas as almas, e de ternura em todos os corações. Rebenta o cholera no exercito francez em Gallipolli; as irmãs de Constantinopla não bastam para o serviço do grande numero de bravos attacados pela epidemia: dirigem-se ás irmãs de Smyrna, e pedem-lhe que soccorram as suas companheiras, e tomem o logar d'aquellas, entre estas heroinas da caridade, que com a vida acabavam de pagar o seu desvelo angelico em salvarem a vida de seus compatriotas. A superiôra responde: — *Iremos todas, porque felizmente estamos em ferias!*

« Dest'arte, para estas grandes almas o ir cuidar dos doentes, arriscando a sua propria vida, é uma *recreação,* é uma *felicidade!* »

Logo depois o mesmo P.e Ventura, profundando mais as causas d'este singular phenomeno da absoluta impossibilidade de fazer *irmãs de caridade* em Londres, Berlin, e S. Petersburgo, apezar de reiterados esforços, accrescenta: — « Não é possivel fazer uma irmã da caridade d'uma mulher que não é catholica; como não o é egualmente cunhar com falso metal moedas de bom toque. Para fazer d'uma mulher uma irmã da caridade, é mister antes de tudo — fazer-lhe abraçar a profissão da virgindade voluntaria, e estabelecel-a 'nesta por um voto sagrado; é mistér depois — eleval-a á altura das suas penosas funcções por motivos sobre-humanos, e pelas práticas da mais perfeita piedade; é mister — fixal-a e fortifical-a 'nestas continuadamente *pela frequentação dos sacramentos da confissão e da communhão.* É na Sancta Mesa, 'neste fóco do amor de Deus, que a irmã da caridade toma o prodigio do seu amor pelo homem. Óra cousa nenhuma de tudo isto se póde fazer fóra do catholicismo, o qual só conservou em honra a profissão da virgindade voluntaria, o maior e o mais precioso dos conselhos do Evangelho, e que só possue os meios de tranformar a todo o homem, e de fazer d'elle o prodigio do que se chama um *sancto;* porque não ha sanctos fóra do catholicismo [1].

XXI.

As irmãs da caridade, que partiram de Smyrna para o Pireu, ao instante pedido do general francez, o bravo Mayran, morto no primeiro assalto da torre Malakoff, e cuja divisão tinha sido violentamente invadida pelo cholera, foram recebidas pelo almirante e depois por aquelle general com as mais singulares demonstrações de consideração. O general veiu tomal-as a bordo para pessoalmente as installar na ambulancia.

« Vendo-as, muitos soldados exclamaram: — *Agora entraremos sem medo no hospital.* »

Havia ahi muito que fazer, e tudo se fez. Um protestante, penetrado de surpreza e admiração, dizia: — *Não posso comprehender, como estas mulheres tão delicadas podem suportar tamanha fadiga! — Elle não sabe,* respondeu uma das irmãs, *que aquelle que nos sustem, é chamado o Deus dos fortes.*

Apenas acabava d'afrouxar a epidemia no acampamento, quando a povoação grega, no mesmo Pireu e na cidade d'Athenas, foi cruelmente atacada pelo flagello de Deus.

As irmãs acudiram á força do perigo. Como se houveram em umas e outras partes, dil-o-hão melhor os seguintes documentos officiaes.

Campo do Pireu, 10 d'outubro de 1854.

Minha carissima irmã.

« Não consintirei que deixeis o Pireu, sem que vos agradeça a bondade que tivestes de vir aqui, ao pedido que eu vos tinha dirigido para Smyrna, na maior força das calamidades que affligiam os nossos pobres soldados. O cholera attacava-nos com um rigor, por assim dizer, sem exemplo. Apellidámos por vós, e trez dias depois, estaveis aqui com seis das vossas boas irmãs, prodigalisando-nos todos os cuidados, toda a dedicação, que se costuma encontrar nos menores membros da vossa sancta communidade. A vossa presença nos trouxe um grande auxilio para restituir a coragem a toda a gente.

Graças por isso vos sejam dadas, minha carissima irmã! Eu vos exprimo todo o meu reconhecimento; tende a bondade de o acceitar em meu nome, e em nome de todo o corpo d'occupação, que commando. A boa lembrança, que nos deixais, minha carissima irmã, não se acabará jámais.

Apresento-vos a homenagem da minha muito sincera e respeitosa dedicação.

O general de brigada, commandante do corpo d'occupação na Grecia,

Mayran.

Assim se expressava o general, escrevendo á superiôra, proxima a voltar para Smyrna.

[1] La femme catholique, París 1855, T. 2.°, pag. 380 — 408.

A 25 de dezembro do mesmo anno o *Moniteur* publicava em Paris o seguinte.

Athenas, 26 novembro (8 dezembro) 1854.

Senhor Ministro.

«O ministro dos cultos e da instrucção pública, participando dos sentimentos d'estima e gratidão, de que está penetrada a alma de todos os habitantes da capital e do Pireu para com a nobre dedicação manifestada pelas irmãs da caridade nos momentos, em que a saude pública foi tão cruelmente experimentada, e desejando fazer chegar ao seu conhecimento uma nova expressão d'estes sentimentos, enviou-me a carta juncta, que dirige á superiôra das irmãs da caridade que estão em Athenas no Pireu. e pede-me que a faça chegar ao seu destino, etc.»

—Este officio era do presidente do ministerio grego M. Maurocordato ao ministro de França em Athenas. A carta, a que se refere, diz o seguinte:

Reverendissima senhora.

Soccorrer os enfermos, consolar os afflictos, alliviar os desgraçados, e applicar d'este modo o segundo dos grandes mandamentos, de que dependem *as leis* e *os prophetas*, é o nobre intuito da vossa sancta missão.

Esta missão sagrada não póde certamente esperar a remuneração, que lhe é devida, senão d'aquelle que disse:—«O que fizerdes a favor do menor dos meus irmãos, a mim mesmo o tereis feito.»

E na verdade que recompensa sobre a terra póde ser digna da abnegação e da dedicação, com que vos applicaes ao conforto da humanidade padecente, assim como do zêlo, todo cheio d'uma caridade tão christã, de que haveis dado ultimamente em Athenas um tão brilhante e admiravel exemplo, prodigalisando os mais assiduos cuidados, as mais dôces consolações, e os mais efficazes soccorros ás desgraçadas victimas do flagello, com que esta cidade tanto padeceu, que tiveram a felicidade d'aproveitar-se da vossa inexgotavel caridade?

No entretanto eu acreditaria faltar a um dos mais imperiosos deveres do ministerio, de que estou interinamente encarregado, se, quando no meio d'uma cruel epidemia vós aparecestes como anjos de consolação e d'esperança, eu não vos fizesse chegar a expressão official da gratidão do governo, assim como os sentimentos, de que a vossa exemplar dedicação encheu a alma de todos os gregos em geral, e particularmente dos habitantes d'esta capital.

«O Deus de caridade, que óra pune, óra consola, dignar-se-ha, como esperamos, desviar de nós a sua ira; e brevemente talvez outros desgraçados reclamarão 'noutra parte os vossos cuidados, e admirarão as vossas virtudes. Mas os votos dos infelizes, alliviados pelos vossos cuidados, seguir-vos-hão para toda a parte, reverendissima senhora; e, pelo que me toca, considero-me feliz por me ser dado transmittir-vos, assim como ás vossas nobres companheiras, a expressão do reconhecimento público, á qual tenho a honra d'ajunctar a certeza do meu proprio respeito.»

Os magistrados d'Athenas, em nome do municipio, escreveram egualmente. «Desprezando os perigos e o tédio (dizem elles) com uma coragem a toda a prova, vós haveis prestado aos enfermos todos os soccorros e consolações, e bem merecido o nome, pelo qual com justo titulo sois conhecidas.

«A nação grega não se esquecerá jámais (ficai bem certas d'isto) da vossa caridosa associação, a qual, realisando na terra virtudes evangelicas, attrahe a admiração e as sympathias de todo o mundo[1].»

Continúa. A. FORJAZ.

HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR

SALLUSTIO:

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pag. 287 do 5.º vol.

XXXIII. Em quanto isto se passa em Roma, envia Manlio alguns dos seus por deputados a Q. Marcio Rei, com a seguinte especie de manifesto:

«Attestamos os deuses e homens, general, «que não tomámos as armas contra a patria, «nem contra a vida de ninguem; senão para «defender das injustiças a nossa existencia. «Reduzidos á miseria e á indigencia pela «violencia e crueldade dos usurarios, muitos «estamos sem patria, e todos sem honra e sem «fazenda. A nenhum de nós valeu, segundo «o antigo costume, o beneficio da lei; ne«nhum conservou a liberdade, cedendo o pa«trimonio: tal foi a barbaridade do pretor e «dos usurarios! Mil vezes, compadecidos da «pobreza do povo romano, vossos maiores lhe «acudiram com decretos; e ultimamente, ain«da em nossos dias, se remiram dividas enor«mes reduzindo-as a um quarto, com geral «approvação dos homens de bem. Mil vezes «o mesmo povo, incitado, ou pelo desejo de «mandar, ou pelo despotismo dos magistrados, «se armou e levantou contra o senado. Nós, «porém, nem riquezas nem mando pedimos,

[1] La Croix et l'épée, ch. 4.º

« essas duas fontes de guerras e disputas sobre « a terra. Pedimos sim a liberdade, que um « homem de bem só deixa perder com a vida. « A ti e ao senado rogâmos, que protejais ci- « dadãos desgraçados; que nos restituais o « amparo da lei, roubado pela iniquidade do « pretor; que não nos reduzais á necessidade « extrema de buscarmos qualquer genero de « morte, depois de havermos vingado o san- « gue de nós todos. »

XXXIV. A isto respondeu Q. Marcio: « que se queriam pedir alguma cousa ao senado, depozessem as armas, e fossem humildemente a Roma: que o senado e o povo romano foram sempre tão humanos e clementes, que nunca ninguem implorára debalde o seu auxilio. »

Catilina do caminho escreveu a varios consulares e a muitas pessoas de bem, dizendo: « que opprimido com falsas accusações, e não podendo resistir ás cabalas de seus inimigos, cedia á desgraça, e se desterrava para Marselha; não porque o accusasse a consciencia de um crime tal, mas para tranquillidade da républica, e para que da sua defesa não nascesse alguma sedição. » Mui differente d'esta, lêu Q. Catulo no senado outra carta, que disse lhe fôra entregue da parte de Catilina. Eis aqui a copia:

XXXV. *L. Catilina* a *Q. Catulo*, saude. « Tua particular fidelidade, a mim por expe- « riencia grata nos maiores perigos, anima « as minhas pretenções. Por isso não intento « fazer-te a apologia do meu novo projecto: « sómente, sem que o remorso me obrigue, « quero expôr-te as razões que desculpam o « meu procedimento; razões, cuja verdade, « te juro, reconhecerás comigo. Desesperado « por injustiças e affrontas, privado de obter, « como fructo de meus trabalhos e industria, « a posição que me era devida, encarreguei- « me, segundo costumo, da defesa geral dos « desgraçados; não que eu não podesse pagar « com os meus bens as dividas contrahidas em « meu nome, (pois Aurelia Orestilla teve a ge- « nerosidade de pagar dos seus bens e dos de « sua familia as dividas, que eu contrahira « sobre caução alheia); mas porque via com « as honras homens indignos, e eu excluido « por falsas suspeitas. Este o motivo, que, se- « gundo as circumstancias, me obrigou a con- « ceber honrosas esperanças de conservar um « resto de reputação. Desejando escrever mais, « avisam-me que se armam contra mim. Re- « commendo-te Orestilla, e á tua lealdade a « entrego. Por teus filhos te rogo, que a de- « fendas de qualquer insulto. Adeus. »

Catilina, depois de passar alguns dias em casa de C. Flaminio no territorio de Rieti, provendo de armas os habitantes circumvizinhos, peitados de antemão, partiu para os arraiaes de Manlio com as fachas e outras insignias do poder supremo.

XXXVI. Tanto que se souberam estas cousas em Roma, o senado declarou inimigos do estado a Catilina e Manlio; e aos outros conjurados assignou termo, dentro do qual, todo o que não fôsse réu de crime capital, podia depôr as armas impunemente. Decretou além d'isso, que os consules fizessem levas de tropa, que Antonio marchasse logo com o exercito sobre Catilina, e que Cicero defendesse interiormente a cidade.

Em tempo nenhum me pareceu mais deploravel o imperio do povo romano. Obedecendo tudo ás suas armas do oriente ao occidente, tendo na patria a paz e affluencia das riquezas, os maiores bens na opinião dos homens; houve com tudo cidadãos obstinados em se perder a si e á républica. Apezar dos dous decretos do senado, nem um só houve de tão grande numero, que induzido pelo premio revelasse a conjuração; nem um só desertou dos arraiaes de Catilina. Tanta era a força do mal, que como peste havia inficionado os animos dos cidadãos!

XXXVII. E não traziam o espirito alheado só os cumplices da conjuração; mas até a plebe toda, desejosa de novidades, approvava a empresa de Catilina: 'nisto não desmentia ella o seu costume antigo. Sempre nas cidades os que não têm nada, odeiam os bons, louvam os máos, aborrecem as cousas antigas, suspiram pelas novas; desgostosos da sua situação, desejam transtornar tudo, e sem susto aproveitam-se dos motins e revoluções, porque a pobreza nada tem que perder.

Muitas causas precipitavam a plebe de Roma em tanta corrupção. Primeiramente, todo o infame e insolente, de nome, d'onde quer que fosse; todo o que empobrecêra por devasso; os que emfim, por maldades e torpezas haviam perdido a patria; todos estes em torrente se ajunctaram em Roma, como 'num receptaculo de escorias. Depois, muitos, lembrando-se da victoria de Sylla, e vendo a uns de soldados rasos feitos senadores, e a outros vivendo em tracto e magnificencia real, esperavam outro tanto da victoria, se se pegasse em armas. Demais, a mocidade pobre, que nos campos se sustentava de jornal, attrahida pelas liberalidades públicas e particulares, havia preferido a ociosidade da côrte ao trabalho penoso. Estes e muitos outros sustentavam-se dos males publicos. Por isso não deve admirar, que homens indigentes, de máos costumes e grandes esperanças, confundissem d'este modo os seus interesses com os da patria. Aquelles, além d'isso, cujos páes tinham sido proscriptos, os bens roubados, e a liberdade coarctada pela victoria de Sylla, esperavam o exito da conjuração com as mesmas intenções: e emfim, todos os que eram do partido opposto ao do senado, antes queriam a républica revôlta, do que ver aquelle superior em valimento; rivalidade, que, esquecida

ha muitos annos, tinha agora voltado para Roma.

XXXVIII. Porquanto, depois que no consulado de Cn. Pompeo e M. Crasso se restabeleceu a auctoridade tribunicia, homens moços, no verdor da edade e das paixões, começaram, criminando o senado, a irritar a plebe; e depois com dadivas e promessas a accenderam ainda mais, ganhando com isso reputação e poder. Com todas as forças se lhes oppunha a nobreza, defendendo apparentemente o senado, na realidade a propria auctoridade. Em uma palavra, todos os que desde aquelle tempo perturbaram a républica com motivos plausiveis, uns affectando defender os direitos do povo, outros ampliar a auctoridade do senado, cada um com o pretexto do bem público, só trabalhava na propria elevação; e sem comedimento nem modestia em suas pretenções, a uns e outros fazia crueis a victoria.

Mas depois que Pompeo foi mandado para a guerra maritima e contra Mithridátes, diminuiu-se o poder da plebe, e cresceu o dos nobres: estes obtiveram as magistraturas, as provincias e o mais tudo; estes, seguros, opulentos, e vivendo sem susto, atterraram com condemnações os tribunos, para com a sua auctoridade não exacerbarem a plebe contra elles. Porém, logo que as perturbações deram esperanças de mudança, renasceram dos corações da plebe as antigas disputas; de modo que, se Catilina ficasse superior no primeiro combate, ou este fosse indeciso, grande perda e calamidade cahiria sobre a républica: qualquer dos dous partidos, ainda ganhando a victoria, ficaria tão cançado e exangue, que não gozaria d'ella por muito tempo, sem que um terceiro mais forte lhe arrancasse o poder e a liberdade.

XXXIX. Alguns extranhos á conjuração foram desde logo unir-se a Catilina. 'Neste numero entrava Fulvio, filho de um senador, que, preso no caminho, foi morto por ordem do páe. Ao mesmo tempo Lentulo em Roma, segundo as instrucções de Catilina, alliciava ou por si, ou por outrem, quantos julgava azados para uma revolução, por sua indigencia ou máos costumes; e não só cidadãos, mas quaesquer outros, com tanto que prestassem para a guerra.

XL. Dêu portanto incumbencia a um certo P. Umbreno, que procurasse os deputados dos Allobroges, e os attrahisse, se podesse, a ligarem-se 'nesta guerra; entendendo, que as suas dividas públicas e particulares, e o genio guerreiro da nação franceza, seriam motivos sobejos para os attrahir á conspiração. Umbreno, como tinha negociado na Gallia, conhecia quasi todas as pessoas principaes das cidades, e era d'ellas conhecido. Assim, sem demora, tanto que viu os deputados na praça, depois de os interrogar um pouco sobre o estado da sua nação, com ar de quem lamenta as suas desgraças, lhes perguntou, que fim esperavam a tantos males? Depois que os ouviu queixar-se da avareza dos magistrados, e accusar o senado de lhes não ter prestado auxilio, accrescentando, que só esperavam na morte o remedio de seus males: «pois eu, tornou elle, vos « mostrarei um meio, pelo qual, se quizerdes « ser homens, escapareis a tantos infortunios.» Apenas tal ouviram, os Allobroges, summamente esperançados, rogaram a Umbreno que se compadecesse d'elles; que nada haveria, por mais difficil e aspero, que não fizessem da melhor vontade, com tanto que isso livrasse das dividas a sua patria. Elle os conduziu depois a casa de D. Bruto visinha á praça, onde, por causa de Sempronia, não era ignorada a trama; porquanto Bruto não estava então em Roma. Chamou depois Gabinio para mais auctorizar o que dizia; e na presença d'este descobriu-lhes a conjuração, nomeou os cumplices e muitos outros de todas as classes, que o não eram, para dar mais animo aos legados; e, depois de lhe terem promettido os seus serviços, despediu-os.

XLI. Porém os Allobroges estiveram longo tempo indecisos sobre que partido seguiriam. Por um lado moviam-os as dividas, o desejo da guerra, e as promettidas vantagens da victoria: pelo outro estavam as forças maiores, conselhos seguros, premios certos, em vez de esperanças incertas. 'Neste conflicto de idêas, vence emfim a fortuna da républica. A Q. Fabio Sanga, o maior protector da sua cidade, descobrem quanto haviam sabido; e Cicero, informado por Sanga d'aquelle attentado, ordena aos legados, que finjam o maior zêlo possivel pela conjuração, que procurem os demais conjurados, que lhes promettam grandes cousas, e que trabalhem por descobrir inteiramente os seus segredos.

Continúa.

O PAROCHO D'ALDEA.

(*tradusido verso por verso de Dellile*—L'Homme des champs—1832.)

Vês esta habitação modesta e pia?
É do homem de Deus, que aos céus offerta
Do povo reunido humildes preces,
E do céu sôbre a aldêa os dons esparge.
Consola os tristes; o hymeneu consagra;
Benze a ceara em viço, e benze os fructos.
Ensina o bem; — no berço acolhe o homem,
É na vida o seu guia, e á campa o segue.
De um mister tão sublime que se arrede
Quem só d'intrigas, só d'enredos cura;
Que a si tudo releva, e nada aos outros;
Que deixa por vil lucro um templo pobre;
Que em seus modos avilta o logar sancto,
E na moral do sec'lo a sua molda.
Fiel á egreja, caro ao seu rebanho,

Semelha o bom pastor ao freixo idoso,
Que das festas da aldêa testemunha,
Cem annos lhe prestou amiga sombra;
Que, do tempo apezar, sempre viçoso,
Tem visto os páes morrer, nascer os filhos.
Em seus conselhos sabio, bom, prudente,
É como a Providencia, acode a todos,
Páe dos pobres, um só não se lhe esconde!
As esmolas que faz, só Deus as sabe;
Ás chossas da miseria, onde a desgraça
Reune a dôr, e a fome, e a morte ás vezes,
Lá corre;—seu horror perde a doença,
Seus terrores a morte, e a fome o apêrto,
Previne o crime, prevenindo as faltas,
O pobre o abençoa, o rico o estima;
E ás vezes inimigos rancorosos
Sentam-se á sua mêsa, e lá se abraçam.
Seus trabalhos honrae; a velha casa
Tornae-lh'a mais decente, mas sem luxo;
Por dentro de virtudes adornada
Apresente por fóra um ar de aceio;
Se a pobreza degrada, o fausto indigna.
Com elle reparti vossas colheitas,
Enfeitae-lhe o altar, ornae-lhe o templo;
No caminho do bem segui seus passos.
Que espectaculo, ó Deus, o de uma aldêa,
Que edifica um pastor, consola um sabio!!
Não,—Roma subjugando o mundo inteiro,
Não vale a aldêa, onde a virtude mora,
Onde as orações de um, d'outro as riquezas,
Mil bens e a meiga esp'rança alli disparzem.
(F.)

O CANAL MARITIMO DE SUEZ.

Continuado de pag. 19.

A commissão depois de examinar trez projectos, o de Mr. Paulin Talabot, que queria abrir de Suez ao Cairo, do Cairo a Alexandria um duplo e vasto canal; o de Mr. Barrault que tambem queria dois canaes ligados pelo lago Menzaleh; e finalmente o de Mr. Linant, bey, que propunha a construcção d'um só canal entre os dois mares, adoptou definitivamente este ultimo projecto. Começando em Suez o canal seguirá primeiro na direcção do sul para o norte e 'numa extensão de 28 kilometros aproximadamente, o valle ou thalweg egypcio; percorrerá depois um grande circulo para penetrar na vasta bacia antigamente occupada pelo mar Vermelho, atravessando os *lagos amargos* em todo o seu comprimento; um d'estes lagos chamado Timsah e situado a 80 kilometros de Suez ficará sendo o porto interior da nova canalisação; o canal dirigir-se-ha depois em linha recta para o norte, inclinando-se ligeiramente para oeste, e virá desembocar no lago Menzaleh o qual communica com o Mediterraneo.

Em toda esta extensão o isthmo apresenta a mais propicia configuração: a de um valle comprido e muito pouco sinuoso; poucos são os logares em que o sólo se eleva a mais de dois metros acima do nivel do Mediterraneo; 'num logar sómente e 'numa pequena extensão a elevação é de 15 metros; os trabalhos de nivelamento serão por tanto de pouca monta. Com a sonda reconheceu-se, em dezenove pontos differentes, que a natureza do terreno não apresentava nenhuma difficuldade extraordinaria para a excavação; quasi em toda a parte é argila, ou sulfato de cal sem grande consistencia, ou areia que sómente está concretada em feitio de rochas em um unico ponto de pouca extensão perto de Suez. Poder-se-hia temer que os turbilhões d'areia trazidos pelos ventos viessem obstruir o canal, ou obrigar a incessantes desentulhos, se de uma parte o canal dos Pharaós, cujo leito ainda é visivel depois de tantos seculos, e da outra os *lagos amargos* e o lago Timsah, que são depressões mui pouco profundas do sólo; contendo quasi á superficiee depositos marinhos, não fossem testemunhas authenticas, solemnes e eloquentes que as areias, aliás impellidas pelos ventos com tanta força em outros logares, nunca prejudicaram, nem por consequencia prejudicarão os trabalhos do canal. A areia é compacta em toda a extenção de Suez até ao Cairo e coberta de çarças que os camellos não podem atravessar; nas duas margens do canal podem portanto plantar-se arvores que dêem sombra e frescura. Como é excessivamente provavel, segundo os calculos de Mr. Lieussou, que, conforme o vento e as marés, assim se manifestem no canal correntes em sentidos contrarios, convém que as suas paredes tenham uma certa solidez, a qual se obterá naturalmente na parte comprehendida entre o Mediterraneo e os *lagos amargos*, mas que entre estes e Suez será mister conseguir com robustos paredões.

Quando se chega do mar Vermelho a Suez, entra-se 'numa grande enseada semi-elliptica de 12 kilometros de comprimento e 8 de largura, que póde servir de ancoradouro para 500 embarcações, e cujo fundo varia entre 5 e 13 metros; dois diques, um a sud-oeste de 2:000 metros de comprimento, o outro a nor-oeste de 1:800 de comprimento, distantes 400 metros um do outro, sahirão do centro da enseada e, descrevendo uma curva, formarão um porto dominado em frente da cidade por um cáes de 800 metros de largura; o canal desembocará ao norte d'esta bacia. Do lado do Mediterraneo, o canal, depois de atravessar em comprimento de sul a norte o lago Menzaleh entrará nas dunas a 20 kilometros da antiga Peluza no meio d'um porto artificial que será chamado o porto Saïd, do nome do vice-rei do Egypto, principe esclarecido sob cujos auspicios se emprehende esta gigantesca obra; dois diques, um de leste, outro d'oeste, formarão a entrada do porto; o dique d'oeste entrará pelo mar dentro para abrigar o porto contra os ventos oeste e nor-oeste; basta que o dique mais curto tenha 2:300 metros, e o mais comprido 3:500 metros, para que os

navios sahindo do porto achem uma profundeza d'agua de 8 metros, a qual continua pelo litoral em uma extensão do 20 kilometros; a distancia entre os dois diques será de 400 metros; formarão portanto um ancoradouro, cuja superficie será de 40 hectares, onde os navios poderão entrar com todos os tempos; um ante-porto de 72 hectares de superficie, aproveitado entre os diques, irá ligar-se com a bacia de Saïd, cuja largura é de 800 metros, e a extensão de 64 hectares. É um facto evidente que toda a parte do litoral situada para diante de Peluzá, não tem variado ha dezenove seculos; que a distancia entre o mar e as ruinas da cidade é exactamente a mesma que Strabão aponta; que nas margens da bahia de Peluza, não se encontram lódos nem nateiros acarretados pelo Nilo; que 'neste ponto o mar tende mais a produzir erosões do que depositos d'alluvião, etc., etc.; não ha, portanto a receiar-se que os lódos ameacem ou destruam os trabalhos alli emprehendidos; nenhum obstaculo impede que o canal atravesse a praia immutavel de Peluza: é uma obra mais facil do que a creação do porto Malamocco em Veneza.

Em resumo: o corte d'um vasto canal entre o Mediterraneo e o mar vermelho, sem pontos de secção nem ecluzas, do comprimento de 147 kilometros, navegavel até para os navios de trez mil toneladas, com entradas nos dois mares e trez portos, um interno e dois maritimos, não é nenhuma obra difficil ou arriscada, mas simplesmente uma questão de tempo e de dinheiro. Os engenheiros do vice-rei orçaram a despesa em 162 milhões de francos, comprehendendo 14 milhões e meio para despezas imprevistas, e accidentes inevitaveis.

A commissão internacional, diz Mr. Dupin, no seu relatorio á academia das sciencias, merece os maiores elogios; não se limitou a um exame profundo dos projectos e orçamentos; propoz ainda melhoramentos importantes, que fizeram do actual projecto uma obra commum, que não offende senão que satisfaz a todos os amores proprios.

(Cosmos.) F. MOIGNO.

BIBLIOGRAPHIA.

Teoria de los puentes colgados; por D. Eduardo Saavedra; ingeniero primero de caminos, canales y puertos, profesor de mecánica aplicada de la Escuela especial del cuerpo. — Madrid — 1856.

Com a publicação d'este escripto importante, que é apenas o resumo das lições explicadas pelo auctor, no curso de 1854 a 1855, aos alumnos da classe de mecanica applicada ás construcções, quiz o sr. Saavedra, habil e bem conhecido engenheiro do reino vizinho, satisfazer a necessidade, que hoje se sente, de um tractado, que possa dirigir os engenheiros na construcção das pontes suspensas, não se havendo publicado sôbre a materia cousa que satisfaça, depois da obra de Navier — *Rapport et Mémoire sur les ponts suspendus* — a qual se vai tornando cada vez mais rara.

Pondo o fito principal em reduzir todas as fórmulas e discussões sómente ao necessario na practica, e isto por um modo accessivel aos que só possuem os conhecimentos elementares do calculo integral e da mecanica, o auctor, fiel ao seu intuito, posto que se guiasse principalmente pela obra de Navier, separou-se d'elle todavia em alguns pontos secundarios.

No capitulo I tracta de determinar as condições d'equilibrio das cadêas: já submettidas ao seu proprio pêso, que é o caso de catenaria; já submettidas a um pêso repartido uniformemente sôbre a sua projecção horizontal; já finalmente no caso real das cadêas das pontes suspensas. Para determinar em todos estes casos *a fórma da curva, o seu comprimento, a tensão nos seus differentes pontos, e a grossura da cadêa*, emprega com preferencia o desenvolvimento d'estes valores em series, e os methodos graphicos, que ao passo, que lhe apresentam soluções menos complicadas, lhe dão ao mesmo tempo resultados com as convenientes approximações.

Nos capp. II, III e IV determina as condições d'equilibrio das differentes especies de apoios; a flecha provisoria da cadêa, apreciando as suas variações, tanto as que dependem de sua natureza, como as que são devidas ao fiador e á mobilidade do apoio; e por fim as variações da flecha definitiva, resultando ou da influencia das variações da temperatura, ou do addicionamento de cargas accidentaes. Em tudo isto approveita o que ha de mais substancial e practico no trabalho de Navier.

No cap. V, para determinar os movimentos oscillatorios, não acompanha Navier nas suas formulas de analyse mais transcendente, mas segue o methodo elegante de Poncelet, mais accessivel, e cujos resultados apparecem com as approximações necessarias.

No cap. VI ensina a calcular as proporções, em que devem estar as differentes partes, que entram na construcção das pontes suspensas, e os limites, em que deve encerrar-se cada uma d'ellas, a fim de que a obra projectada reuna todas as circumstancias de economia e segurança, que são para desejar.

No cap. VII remata o seu trabalho, expondo os principaes systemas de pontes suspensas até hoje seguidos, e apresentando-nos duas tabellas uma com as propriedades physicas de alguns materiaes empregados na

construcção das pontes suspensas, e outra com as dimensões das pontes suspensas mais notaveis.

Por esta exposição resumida reconhece-se bem, que o auctor no desenvolvimento da sua theoria guardou a mesma ordem, que os engenheiros têm de seguir na formação do projecto d'uma ponte suspensa, e que, por isso, e porque encontrarão alli marcada a importancia e objecto de cada uma das fórmulas e do seu resultado, será para elles este trabalho do sr. Saavedra o melhor guia e um manual quasi indispensavel. Para o ensino, na parte correspondente da mecanica applicada, achâmos tambem este livro muito proveitoso, pela sua concisão e pelo bem deduzido da sua doutrina.

F. DE CASTRO FREIRE.

NOTICIARIO.

Instrucção pública na Grecia. Em 1856 existiam 'neste paiz 450 escholas de instrucção primaria, pelo methodo do ensino mutuo, e 300 pelo methodo simultaneo; as primeiras cursadas por 41:597 alumnos; as segundas por 10:000 (approximadamente). A eschola normal para os que se destinam a professores de instrucção primaria foi frequentada por 42 alumnos dos dois sexos.

O ensino secundario comprehende duas categorias de estabelecimentos: as escholas hellenicas, e os gymnazios. As primeiras que, ou estão collocadas debaixo da immediata inspecção do Estado, ou são dirigidas por particulares são 93, e foram cursadas por 4:992 estudantes. Os gymnazios, para onde entram os mancebos quando saem das escholas hellenicas, são 11, frequentados por 1:182 alumnos. Além d'estas ha ainda algumas escholas especiaes, como a dos *Evelpidos* dependentes do ministerio da guerra, a eschola polytechnica, a eschola d'agricultura de Firentho, etc.

A Universidade *Othão* para o ensino superior, foi frequentada em 1856 por 590 alumnos, dos quaes 22 cursavam a faculdade de theologia; 219 a de jurisprudencia; 229 a de medicina; 79 a de letras, e 42 a eschola de pharmacia. Esta Universidade conta 42 professores.

Em resumo na Grecia, cuja população apenas excede um milhão d'habitantes, ha 860 estabelecimentos d'instrucção com 1:111 professores e 56:874 estudantes.

Movimento postal em Inglaterra. O numero de cartas transportadas em 1856, em todo o reino unido foi de 478 milhões, sendo em Inglaterra 388 milhões ou em termo medio 20 por cada habitante; em Escossia 48 milhões, ou 16 por cada habitante e na Irlanda 42 milhões, ou 7 por cada habitante. O augmento do movimento postal para a Inglaterra, Escossia e Irlanda em relação ao anno passado, é respectivamente de $5\frac{1}{4}$ de $4\frac{1}{4}$ e $\frac{1}{25}$ por $\frac{0}{0}$.

Em Londres, onde o movimento foi de 40 cartas por pessoa, e nos seus suburbios distribuiu-se a quarta parte do numero total das cartas transportadas em todo o paiz.

As cartas procedentes das colonias e dos paizes extrangeiros são $\frac{1}{10}$ do numero total de correspondencias entregues no paiz.

Depois do estabelecimento do *penny postage* sextuplicou o movimento postal, pois que em 1839 sómente foram transportados 76 milhões de cartas.

'Nestes ultimos 6 annos o numero total das mortes causadas por envenenamento, em Inglaterra, foi de 3:218:—1:700 homens, e 1:518 mulheres. Os venenos mais frequentemente empregados foram; opio, strychnina, acido oxalico e acido cyanhydrico. O jornal de medicina inglez que refere esta estadistica, attribue á livre venda dos venenos a frequencia dos envenenamentos.

Segundo uma informação estatistica de Mr. Gibson, membro do parlamento inglez, contavam-se, no 1.° de julho de 1856, em Inglaterra e no paiz de Galles 58:243 crianças que frequentavam escholas pagas por suas familias; 3:966 que frequentavam escholas pagas pela contribuição dos pobres; 39:857 que frequentavam escholas pagas por differentes estabelecimentos de caridade; 52:434 que não frequentavam nenhuma eschola; e 35:827 que trabalhavam nas minas, manufacturas, e varias officinas.

ANNUNCIO.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE,

Jornal dos interesses economicos e litteratura, redactor e proprietario, *S. J. Ribeiro de Sá.*

Assignaturas para Lisboa:

Por anno	2$400
Por semestre	1$200
Por trimestre	600
Avulso	80

Para o Reino e Ilhas:

Por anno	2$640
Por semestre	1$320

Colonias e Brasil:

Por anno (moeda do paiz)	6$000

Escriptorio, rua dos Calafates, 113. — Assigna-se e vende-se no escriptorio, e rua Augusta n.° 8.

ERRATAS DO N.° 2.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
18	2.ª	25	(de resolver)	que se tracta de resolver
19	2.ª	30	interna nacionaes	internacionaes
23	2.ª	51	maior	menor

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INSTITUTO DE COIMBRA.

Sessão de 20 de maio de 1857.

Presidente o sr. Dr. Francisco José Duarte Nazareth.

'Nesta sessão fizeram-se varias propostas para serem apresentados em direcção, e votados os devidos agradecimentos aos redactores, que terminaram os seus trabalhos, procedeu-se á eleição dos socios, e foram eleitos os srs:

Dr. Miguel Ribeiro de Vasconcellos.
Dr. Adriano d'Abreu Machado.
Dr. Francisco Pereira de Torres Coelho.

Não havendo mais que tractar fechou-se a sessão.

O secretario,
J. A. de Sousa.

CADEIRA DE THEOLOGIA PASTORAL NA UNIVERSIDADE.

Em todas as faculdades da nossa Universidade ha cadeiras oneradas com tantas disciplinas, que algumas d'estas não se chegam a lêr por não o consentir o tempo deputado para ellas.

Os instituidores ou reformadores dos estudos nem sempre têm culpa 'nisto; esses constituiram-nos conforme as necessidades da sua epocha, que não são as mesmas da nossa.

As faculdades não devem dizer ás sciencias, que se não alarguem para fóra dos programmas adoptados pelos sabios, que as não conheceram bem, mas devem representar ao governo as novas necessidades do ensino para que elle proveja como lhe cumpre.

Assim o fez agora a faculdade de theologia, pedindo a creação d'uma cadeira de theologia pastoral, e remettendo ao governo o programma respectivo, que abaixo apresentaremos.

Seria util crear 'nesta faculdade outra cadeira para a historia ecclesiastica, pois havendo só uma para este ensino, apenas póde bastar para recontar os factos de mais vulto sem poder examinar as fontes e discutir as provas. Talvez conviria tambem, em vista do desinvolvimento, que a Allemanha tem dado á Exegese, crear outra cadeira de Hermeneutica sagrada [1].

Mas o que desde logo se representa como indispensavel para a nossa unica eschola normal de theologia, cujos estudantes na sua maxima parte se destinam ao ministerio pastoral, é a creação da cadeira, que ora pede a faculdade de theologia.

Eis o programma das materias, que devem ensinar-se na cadeira de theologia pastoral.

PROGRAMMA.

COMPENDIO.

Systema de Theologia Pastoral de Mauri de Schenkl, annotado por J. Laberer.

PROLOGOMENOS.

A. Origem do officio pastoral — seu fim — objecto — propriedades.
B. Noção — divisão — utilidade — necessidade da Theologia Pastoral.
C. Fontes e subsidios.
D. Historia da Theologia Pastoral.

INTRODUCÇÃO.

A. Noção do verdadeiro Pastor d'almas — suas qualidades e requisitos geraes e especiaes.
B. Preparação necessaria para o salutar desempenho d'este officio.

PARTE PRIMEIRA.

THEOLOGIA PASTORAL.

Instrucção e educação pastoral.

A. Em geral
1.° Sua excellencia e necessidade.
2.° Seu fim e materia.
3.° Sua fórma e methodo.

[1] Tudo isto se poderia fazer sem augmento de despeza admittindo-se os cursos biennaes dirigidos por um só lente.

B. Em especial
1.° Principios especiaes de instrucção e educação pastoral pública.
a. Cathequesi e seus requisitos para que seja
α. accomodada a todas as intelligencias
β. apropriada a todas as vontades.
b. Paranises ou exhortações breves—seu fim e occasião.
c. Homilias e orações sagradas, suas regras—methodo e observações, como requer a eloquencia do pulpito.
1.° Principaes regras e advertencias sobre a instrucção e educação privada—suas regras—condições e ordem.
Estas comprehendem
a. Officio de aconselhar—principalmente as pessoas menos instruidas ácerca de
α. materias religiosas;
β. deveres para com a sociedade;
γ. escolha de estado;
δ. officios de cada estado e condição.
b. Officio de admoestar e corrigir, principalmente os inimigos ou conjuges dissidentes. Importancia d'este officio e cautellas ácerca das pessoas comprimas.
c. Officio de consolar
α. em geral os afflictos por diversas causas;
β. especialmente os enfermos — os moribundos—os captivos—os condemnados á morte.

PARTE SEGUNDA.

BOM EXEMPLO.

A. Em que consiste—sua necessidade—importancia—condições principaes.
B. Decencia, que o pastor de almas deve observar.
1.° Em geral para com todos.
2.° Especialmente com os magistrados—pessoas constituidas em dignidade—clerigos—mancebos—pobres—parentes etc.
C. Decencia nas occupações da vida privada.
1.° Em geral.
2.° Em especial ácerca das
a. necessarias, como oração e estudo das cousas da religião;
b. uteis, como o estudo das sciencias—a conversação com homens de religião e de sciencia—a distracção honesta;
c. convenientes, como a administração dos bens da Egreja,—seus reparos—ordem nos negocios domesticos etc.

PARTE TERCEIRA.

ADMINISTRAÇÃO DOS SACRAMENTOS E OUTROS OFFICIOS SAGRADOS.

A. Culto divino—sua indole—especies—requisitos e ceremonias.
B. Officios Sagrados e suas prescripções ácerca de
1.° Sacrificio da Missa—como e quando se deve celebrar e applicar—defeitos que se devem corrigir etc.
2.° Solemnidades religiosas—cemiterios—exequias etc.
C. Administração dos Sacramentos: e especialmente ácerca
1.° do Baptismo—seu ministro—solemnidades etc.
2.° da Penitencia. Importancia d'esta materia—dotes que exige este sublime e difficil ministerio. Observações e regras especiaes a respeito das diversas classes, estados, condições e edades dos penitentes etc.
3.° do Matrimonio. Preparação, disposições e qualidades dos conjuges—impedimentos e modo de os remover—cautellas na celebração—esponsaes—declarações nos assentos.

APPENDIX.

Do cartorio parochial, sobre o qual se ensina.

1.° O modo de o ordenar.
2.° O cuidado que deve haver 'nelle.
3.° Cautellas ácerca dos diversos assentos.

DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado da pag. 19.

XXII.

Os acampamentos de Gallipoli e de Varna tiveram a mesma terrivel visita. Como não se julgasse sufficiente o numero das piedosas infermeiras, estabelecidas em Constantinopla, o general em chefe, St. Arnaud, recorreu, por via do governo, á superiora geral em Paris; e desde logo partiram 25 irmãs, e após ellas outras 25, asseverando a mesma superiora, que esperava poder enviar até ao numero de cem!

Iam-se alegres e animosas, correndo ao martyrio da caridade. Deixavam tudo promptamente, a patria, a familia natural, e a adoptiva, os mesmos seus caros infermos, os seus tão amados meninos, o seu pobre povo; e *com a mochila na mão, em vez de a levarem*

ás costas, (como graciosamente dizia uma d'ellas, alludindo ao pequeno saquinho azul, que traziam na mão, *sua unica bagagem)* appareceram em toda a parte, aonde a necessidade era maior, e a morte cruel arrebatava maior numero de victimas, sempre affaveis e carinhosas, sempre desvelladas, incansaveis, esquecidas das proprias privações, e unicamente sollicitas pelo bem temporal e espiritual do cholerico ou do ferido!

Que differença nas ambulancias do exercito! Tudo melhorou d'um modo surprehendente; e como não seria assim, se o grosseiro galucho, ou o infermeiro mercenario, estavam substituidos pela mulher christã, pelas irmãs da caridade!

« Creio que o Estado (escrevia-se de lá), por sua parte, não póde deixar de ganhar; ha economia em todas as despezas.

« Algumas vezes, visitando os nossos hospitaes, não podiamos deixar de rir ao ver alguns conscriptos, infermeiros improvisados, manejar os doentes como as suas armas, em tres tempos; chamal-os *pobres diabos* para os consolar, e dizer-lhes, como exhortação para a morte, que elles íam brevemente *fechar o olho,* ou *fazer a mala.* »

O soldado contemplava a irmã de caridade com um sentimento indizivel de respeito, admiração e terna confiança. « *Vós me recordaes* (dizia um delles, vendo aproximar-se do seu leito de dôr a boa infermeira) *a patria, e minha mãe!*

Quando entravam nas infermarias, as conversas inconvenientes calavam-se, as queixas abrandavam, as reluctancias aos preceitos dos facultativos acabavam. Uma só palavra da irmã era bastante.

E se, como a toda a hora se fazia preciso, era mister fallar dos sacramentos, e da tremenda passagem do tempo para a eternidade, aqui, 'neste ponto tão delicado, os sollicitos capellães (e que grande e feliz escolha a do exercito francez!) não tinham mais que aproveitar-se dos fructos de benção das palavras angelicas da irmã infermeira; a qual, suave e efficazmente, verdadeira mãe christã, havia já, sem esforço, quebrado os vinculos do peccado, e attraído para Deus a alma do moribundo.

XXIII.

Quizeramos que todos lèssem o pequeno livro, — A CRUZ E A ESPADA, especialmente a mocidade.

A patria de Voltaire, a fonte d'onde manou a torrente da impiedade, a terra do proselytismo irreligioso do seculo XVIII, é certatamente hoje o grande instrumento da bemfazeja Providencia para a regeneração do mundo! Filha primogenita da Egreja, a França, ensina ao mundo inteiro a *caridade* e a *piedade*. A guerra da Crimêa serviu tambem para dar ao mundo estes grandes exemplos, esta tão devida satisfação pelas impiedades d'outros tempos. Na maxima parte do exercito, a começar pelos generaes em chefe até aos ultimos soldados, divisava-se um profundo sentimento religioso, uma solida piedade. Eram admiraveis de coragem apostolica e dedicação sublime os padres Gloriot, Parabère, e todos os seus companheiros, jesuitas, lazaristas, e outros do exercito. Eram doces imagens d'anjos do céu sobre a terra as irmãs da caridade, nas ambulancias do mesmo. Mas o exercito era digno d'uns, e das outras, era digno do seu primeiro chefe, o piedoso marechal St. Arnaud, o amigo do padre Ravignan, o heroe d'Alma, sobre cujo peito se encontraram no momento da sua morte o escapulario, e a *medalha da immaculada Conceição!*

Escarnecei embora, se assim o quereis, discipulos d'uma eschola que já passou. Estas prácticas, que chamareis supersticiosas, mas que certamente o não são, quando vêm acompanhadas do amor de Deus e do proximo, e da obediencia á Egreja, estas prácticas, usadas sempre em epochas de fervor religioso, eram communs no exercito francez.

Generaes e soldados não se envergonhavam, antes gloriavam-se muito de as seguir; confessavam-no lealmente nas suas cartas, e nas suas conversações. Mais d'um attribuiu a conservação da vida áquelle religioso *talisman*, sobre o qual se amaçou a bala que lhes houvera de traspassar o coração.

A imagem da VIRGEM, que a Egreja sauda como *Estrella do mar, e auxilio dos christãos*, era inaugurada, com o maximo apparato, nas naus almirantes das esquadras do Mediterraneo e do Baltico.

O *almirante* Hamelin dirigindo-se á officialidade e á marinhagem do seu commando, dizia-lhes assim: — *Pois não é juncto do altar de Maria, que as nossas mães, apertando-nos em seus braços, e pondo todo o seu coração nas suas vistas supplicantes, têm experimentado por nós estremecimentos d'uma ternura ineffavel? E quando a tempestade ronca, os ventos mugem, as vagas se amontoam sobre a costa, não é ao altar de Maria, ou mesmo diante da sua simples imagem, protectora do lar domestico, que as nossas mães e as nossas irmãs, as vossas mulheres e os vossos filhos, vão recobrar a confiança e a força, pedindo protecção para algumas vidas amadas?*

Emfim não é Maria para nós todos a — PORTA DO CÉU, a ARCA DA ALIANÇA, a ESTRELLA DO MAR, O REFUGIO DO PECCADOR, a CONSOLADORA DOS AFFLICTOS?

Concluindo, disse:

« *O imperador, fazendo-vos este dom sagrado, dirige-vos as palavras, que Constantino o Grande leu no céu:* In hoc signo vinces. *Vencereis 'neste signal, vós que ides combater pela justiça.*

Esta imagem de MARIA *seja para vós um novo* LABARUM, *um escudo impenetravel, um estandarte da victoria!* »

Qual dos exercitos alliados foi grande? qual invencivel no assustador inverno de 1854? quem salvou então a causa da liberdade e da civilisação? quem destruiu Bomarsund? quem tomou Sebastopol? Quem obrigou os russos a amarem, e a respeitarem os vencedores?

Foi por ventura o mahometano, ou o sardo, ou o inglez?

Quem não sabe, que se não fosse a França, teria sido anniquilada toda a gloria da soberba Albião nos campos da Crimêa, pela miseria, e privações de todo o genero, e pelo ferro dos russos?

Quando lhes doeu muito a mortandade dos filhos, que fizeram? Foram-se ter com as humildes servas de Maria, receberam os auxilios dos papistas!

XXIV.

A guerra teve fim, mas não as molestias, sua triste e indispensavel bagagem. Muitas irmãs coroaram com a vida o sacrificio.

Foi ainda mister, o anno passado, recorrer de Constantinopla a Paris. A superiora, reunindo as irmãs, convidou para a jornada o numero pedido, quinze. Offereceram-se 45, e entre estas a irmã Melania, companheira da bôa mãe Rosaria, seu braço direito na rua *da espada de páu*.

Acceitaram a sua offerta. « Antes de partir (diz o illustre historiador da vida da irmã Rosaria) foi a irmã Melania orar sobre a sepultura d'esta, e pedir-lhe uma parte do seu coração e da sua caridade. Quando passava em Marselha, despedindo-se dos seus parentes, disse-lhe: — *Vou para o céu pelo caminho mais curto, por Constantinopla!*

Passadas poucas semanas, as cartas de Scutari annunciavam que M.^lle^ Esparbier, de Tolosa, na religião a irmã Melania, tinha morrido do typho, no exercicio das suas caritativas funcções. »

XXV.

Portugal. É de razão que fechemos esta breve memoria, dizendo o pouco que sabemos das irmãs da caridade entre nós.

A congregação da missão entrou 'neste reino em 1717, na casa de Rilhafoles, donde não nos consta que se estendesse mais lonje, e nem mesmo a principio ahi teve algum desinvolvimento. São velhos os erros de governar em Portugal! quizeram que os padres cortassem pela sua regra, para se desligarem do superior geral em França, e só obedecerem ao Patriarcha de Lisboa. Resistiram tenazmente, como deviam; e dos que tinham vindo de fóra, apenas ficou o padre José Joffreu, hespanhol. Removeu-se a difficuldade com um breve pontificio. Foi debalde; ninguem quiz associar-se á instituição adulterada. Emfim, no anno de 1738, o governo veiu á razão, e a casa pôde constituir-se, e funccionar regularmente, em ligação e obediencia com o superior geral, debaixo do nome de Seminario de S. João e S. Paulo, no mesmo sitio de Rilhafoles.

No terramoto de 1834 acabou, como as outras.

Das irmãs, apenas por provisão de 14 de abril de 1819 se auctorisou a fundação d'uma casa em Lisboa, derrogando-se, em seu beneficio, nas leis da amortisação, para que podessem adquirir quaesquer bens, que lhes segurassem um rendimento annual até oito contos de réis.

Esta provisão foi sollicitada por quem o devia ser; porque a mulher catholica é sempre, e em toda a parte a mesma; por ella vem o soccorro e allivio do pobre, e a civilisação do povo. Em Portugal e no Brasil os homens sonhavam revoluções, e as senhoras catholicas pensavam em moralisar e ajudar o pobre povo. Este era tambem para os primeiros o intuito de seus planos, na apparencia. Os revolucionarios são sempre tão democratas, quando o povo lhes convém para instrumento que derrube os que os assombram; como soberbos aristocratas, salvas poucas excepções, desde que conquistam o mando, e podem, do cume da montanha da auctoridade, dictar leis ás nações, embora no meio de ruinas!

Trinta fidalgas da primeira nobreza, e entre estas a condeça d'Oliveira, mulher do trinchante mór D. Francisco d'Almeida, assignaram um requerimento a Elrei D. João VI, então no Rio de Janeiro, pedindo auctorisação para aquella fundação; e a supracitada provisão exprime o benigno deferimento.

Por desgraça o mesmo pensamento desorganisador, que por espaço de vinte e um annos havia tolhido, no principio do seculo anterior, o definitivo estabelecimento dos lazaristas, reproduziu-se (e como é que em tal epocha não aconteceria assim?) para com as irmãs da caridade, procurando-se embora conformar o instituto da nova casa com as regras por que são regidas nos outros paizes, mas — ficando inteiramente separadas do centro e obediencia da superiora geral de Paris.

Tentou-se em vão fazer vir algumas francezas para dar principio á nova fundação; e, segundo se lê no jornal *O Domingo*, n.° 101, a muita piedade d'uma thia e d'uma sobrinha, do Lumiar, aquella por nome Escholastica Maria, foi o meio de levar a effeito o desejado intento, tomando estas o habito a 25 de março de 1821 na capella dos ex.^mos^ marquezes de Borba.

No fim do mesmo anno entraram espontaneamente sob a direcção do superior da con-

gregação da missão, em Rilhafoles; o qual se encarregou de instruir no exercicio do sancto instituto a estas, e ás mais que se lhes junctaram depois.

Por intervenção do mesmo superior, obtiveram faculdade para emittir os votos antes de decorridos cinco annos de noviciado, como era mister, segundo a regra de S. Vicente de Paulo.

A virtuosissima princeza, a sr.ª D. Maria Benedicta, depois S. M. Elrei D. João VI, e a seu exemplo outras pessoas da primeira nobreza, concorreram para o estabelecimento com os seus donativos. A 12 d'outubro de 1823 entraram oito irmãs em serviço da Casa pia, e no anno seguinte mais treze.

Apezar das preoccupações da epocha, tão bom nome tinha esta congregação, que as côrtes constituintes ouviram benevolamente, e approvaram a indicação feita pelo deputado J. V. Pimentel Maldonado, na sessão de 28 de novembro de 1821, para que se concedesse ás irmãs de Lisboa o hospicio dos frades carmelitas d'Ultramar.

São mui dignas de notar-se as razões da indicação: — « Tendo-se conservado, por espaço de quasi dois seculos, inalteravel na sua primitiva pureza, respeitada por todas as revoluções, e bem acceita a todos os partidos, a piedosa instituição das irmãs de caridade, que principiam a exercer 'nesta capital o seu penosissimo instituto, sem que ao menos tenham um domicilio proprio e commodo, em que descansem das bemfazejas e pasmosas fadigas, a que se consagram; e sendo conforme á christandade, e até ao decoro do soberano congresso, amparar, quanto cabe nas forças do thesouro nacional, um tão proveitoso estabelecimento, etc. etc. »

No seguinte anno, a 16 de julho de 1822, na capella do mesmo hospicio, tomaram solemnemente o habito, um pouco differente do que usam as irmãs francezas; e doze fizeram os votos, continuando a renoval-os annualmente, segundo a regra, no dia da Annunciação.

Além do ensino de meninas no seu hospicio, e do curativo e assistencia, de dia e noite, dos infermos pobres, em familia, tiveram a seu cargo por algum tempo duas infermarias de mulheres no hospital, e o serviço dos doentes e das meninas da Casa pia.

Actualmente apenas conta este estabelecimento 17 irmãs, algumas das quaes inteiramente impossibilitadas.

Tem uma eschola frequentada por cincoenta meninas externas, e saem a visitar alguns doentes, como infermeiras; mas tal é o estado d'abatimento a que têm chegado, pela edade e molestias, que não podem encarregar-se senão de *trez* infermos! Ainda assim mesmo deram provas da sua origem, e constante caridade na occasião da cholera.

Vivem pobremente, sendo o seu principal recurso uma subscripção mensal, com que lhes acode a caridade d'algumas das principaes familias de Lisboa.

Graças a um legado pio, e segundo crêmos, sob a protecção da muita virtuosa princeza, S. A. R. a Senhora Infante D. Izabel Maria, a 14 de junho de 1853, estabeleceu-se em Viana do Alemtejo uma nova casa, apenas com quatro irmãs, vindas de Lisboa, e dependente d'esta. E ahi, com a melhor acceitação da povoação, ensinam, e acodem, nas horas vagas da eschola, aos enfermos, que as chamam.

Depois de 1834 as Ex.mas sr.as Duqueza de Palmella, D. Eugenia, e D. Maria Miquelina Pereira Pinto Guedes, e por ventura outras pessoas, tentaram por vezes transplantar de Paris algumas irmãs, as quaes, inteiramente sujeitas á pura regra do fundador, viessem fecundar a quasi extincta semente, que por desgraça não podéra florescer na capital, pelas causas a que 'noutro logar já alludimos.

Vãos esforços! e por que motivos frivolos e inqualificaveis! Melhor é correr o véu sobre fraquezas d'esta ordem. A gloria da tentativa, e o justo agradecimento da posteridade ninguem ha que o possa tirar áquellas virtuosissimas senhoras [1].

A fundação d'uma especie de damas de caridade com o titulo de *Associação consoladora dos afflictos;* e a das *Servas de Maria*, irmãs das irmãs de caridade, manifestam de que modo a Ex.ma sr.ª D. Maria Miquelina, contrariada nas suas mais queridas e mais piedosas cogitações, se esforçou por aplanar o caminho para o final conseguimento d'aquelles nobres e caridosos intuitos.

Continúa.

A. FORJAZ.

A NEERLANDIA E A VIDA HOLANDEZA.

Continuado de pag. 90 do 5.º vol.

II.

Temos até aqui esboçado os traços principaes da historia das inundações dos rios:

[1] « No fim do anno de 1843 (diz o Sr. Garret) regressaram a Lisboa para celebrar o casamento de sua filha D. Catherina, ha muito contractado com o Conde das Galvêas, D. Francisco.

« Não podia vir com as mãos vasias quem voltava de tão sancta romagem (de Roma). Sempre piedosa, e sollicita em seu animo de bem fazer, a duqueza trazia arranjado de França o estabelecer aqui o verdadeiro instituto de S. Vicente de Paulo, fundando e dotando uma congregação d'irmãs da caridade.

« Não quero, deliberadamente não quero, referir os estorvos acintosos, que encontrou, as meticulosas e ridiculas tergiversações com que por fim lhe conseguiram annular seu piedoso voto e sanctas intenções. Mas foi assim, e grande a mágoa que com isso teve; nunca se consolou de tão inesperado desapontamento. »

Mem. historica da Exm.ª Duqueza de Palmella.

existe porém para a Hollanda outro inimigo mais terrivel ainda, que é o mar. O Rheno e o Meuse têm repetidas vezes assolado este paiz; mas, á similhança do Nilo, estes rios, quando trasbordam, fecundam no meio da sua devastação. Não acontece o mesmo com as inundações do mar; estas, pelo contrario, deixam sempre atraz de si a esterilidade e a morte. Dissemos, que na sua lucta com o Occeano, é o Rheno, que parece ter sido vencido: os desbaratos do rio podem contar-se pelas usurpações successivas do mar no solo da Neerlandia. É para este progresso do mar, que vamos dirigir agora a nossa attenção.

É um facto testimunhado não só por tradições um pouco duvidosas, mas até por documentos positivos, que a fórma primitiva da Hollanda foi alterada pelo decurso dos seculos, e que, em resultado das successivas invasões do mar, a extensão d'este paiz se tem achado cada vez mais circumscripta. Segundo uma antiga tradição, em tempos remotos descubriam-se das costas da Hollanda as costas de Inglaterra. Uma das inundações mais consideraveis, que soffreu uma porção dos Paizes-Baixos está ligada, segundo alguns geologos, com o cataclysmo, que se diz ter separado a Grã Bretanha do continente. E na verdade concebe-se bem que, tendo sido quebrada a lingua de terra que se estende entre Douvres e Calais, devia o mar 'neste movimento arruinar as antigas costas da Batavia.

Não nos demoraremos 'nestas narrações mais ou menos fabulosas, 'nestes cataclysmos talvez imaginarios, sobre a data dos quaes, pelo menos, não concordam os sabios: existe outra ordem de monumentos mais certos, os quaes provam que a constituição physica do paiz soffreu mudança desde certa epocha relativamente recente. Basta visitar com alguma attenção as costas do sul da Hollanda, para poder qualquer pessoa julgar por si mesmo da extensão das mudanças occorridas na fórma do delta. Esta plaga devastada que s'estende d'Ostende até Harlem, e d'Harlem até ao Helder; as dunas solapadas pelas vagas; os bancos d'areia cortados; tudo isto denuncia os estragos do occeano. No mez de março (mez das tempestades) vimos nós, em muitos pontos, as costas de Hollanda batidas, abaladas pelo furor das ondas, que açoitava um vento desabrido do oeste; parecia que a terra ia abater-se. Desgraçadamente é bem certo, que as barreiras erguidas contra as ondas têm cedido, umas após outras, em mais de uma praia, desde os tempos historicos. As cadêas das dunas vão sendo devoradas, e esta perda augmenta constantemente, podendo desde já marcar-se o dia, em que esta defeza natural terá de ser substituida pelos diques. É unicamente por estes parapeitos artificiaes, que mais longe para o norte, algumas praças têm podido, defender-se contra as forças invasoras do mar, e ainda assim muitas d'estas obras de pedra têm abatido em differentes pontos. Basta a propria forma da Hollanda para mostrar a contradicção, em que está com os outros deltas, e para indicar só por isso uma alteração lenta, mas continua. Tres rios como o Rheno, o Meusa, e o Escalda, que concorrem todos para descarregar as suas aguas quasi sobre um mesmo ponto geographico, deveriam ter estendido em outras epochas pelo mar dentro um promontorio, ou pelo menos uma lingua de terra similhante á que projecta o Mississipi. Mas hoje debalde se busca este promontorio: e pelo contrario os contornos da Hollanda estão rebaixados, reentrantes e comprimidos, e descrevem uma curva concava, nma chanfradura.

É um facto bem verificado, que o mar vai arruinando as costas de Hollanda: atravez dos desabamentos das arêas, os olhos podem seguir o trabalho triste e silencioso da destruição; mas existem outras testimunhas mais irrecusaveis d'este cataclysmo. Em Katvijk, a aldêa de pescadores, de que já fallámos, perto do sitio onde, sustentado pelos magnificos trabalhos da arte, corre o Rheno laboriosamente para o mar, vimos, nas marés baixas, os alicerces d'um *castello romano* (a *casa dos Bretões*) que dominava a foz do rio 'num tempo, em que elle mais novo e vigoroso, se lançava por si mesmo no Oceano. Eis uma prova evidente, de que o solo tem recuado; e não é a unica. Ainda ha lembranças de uma antiga floresta, que em tempos passados cobria a Hollanda meridional, e que avançava muito para diante para o norte; as arvores, que s'encontram deitadas nas turfeiras, a hora e meia da costa, são, segundo todas as probabilidades, os cadaveres d'esta antiga floresta, despovoada pelas tempestades e pelas cheias, ou destruida pelo machado. Tudo leva a crer que estes gigantes da vegetação do norte cresciam em terrenos bem distantes então do mar. Estas conjecturas firmam-se em certos factos positivos. Muitas das turfeiras, cuja origem é devida ás aguas doces, encontram-se hoje, especialmente do lado de Zuiderzé, ao nivel do mar. Tudo pois indica na phisionomia actual do delta vastas e profundas revoluções. Parte d'estas mudanças occorreram quasi sem desastres; mas outras vezes o homem foi pelo contrario não só testimunha, mas actor d'este grande drama da natureza. Os antigos habitadores de Hollanda morreram aos milhares no meio das guerras intestinas da terra e do mar. Os acontecimentos geographicos em que se acharam envolvidas as cidades, as aldêas, e populações inteiras, fornecem, desde as eras romanas, o objecto de uma historia tristemente authentica, á qual nem faltam as datas, nem as narrações dos contemporaneos.

A Hollanda, esta jangada immensa, que fluctua sobre as vagas do mar do norte, tem visto repetidas vezes a tempestade a dilacerar-lhe o costado, roubando-lhe os seus homens, os seus rebanhos, e as suas riquezas.

No tempo dos romanos existiam uns campos de grande fertilidade no sitio, em que o Ems entrava por tres braços pelo mar dentro. Este terreno baixo projectara uma peninsula ao nord'este, do lado d'Emden. Em 1277 um diluvio começou a destruir uma parte d'esta peninsula: trinta e tres aldêas foram destruidas[1]. A esta incursão do mar deve-se a existencia do Dollard, d'esse golfo cujo nome em hollandez significa o *furioso*, sem dúvida querendo assim exprimir a impetuosidade do choque, que rompeu os amparos naturaes, e deu passagem ás aguas. Outras inundações sobrevieram em periodos differentes no decurso do seculo XV. Em 1507 apenas tinha ficado em pé uma parte de Torum, cidade consideravel: o resto d'ella apezar da direcção dos diques e do encanamento dos rios, foi por fim presa das aguas, desapparecendo cincoenta conventos, que as ondas ou engoliram ou barreram.

(Continúa)

OS LUSIADAS.

Traducção franceza.

LES LUSIADES.

Continuado de pag. 284 do V. vol.

41.

O Moniz qu'à jamais la gloire te couronne;
Aux plus illustres noms ton nom s'est égalé,
Semblable à ce persan qu'on vit dans Babylone
S'introduire jadis sanglant et mutilé;
Darius qu'il plaça sur ce superbe trône,
Par l'éclat des grandeurs ne fut pas consolé,
Et s'écria cent fois qu'il céderait l'empire
Pour racheter le sang du généreux Zopire.

42.

La paix avait ainsi terminé ces débats,
Quand Alphonse reprend la trompette guerrière;
Dans les plaines d'Ourique appelant ses soldats
Il enflamme leurs cœurs d'une ardeur meurtrière;
Offrant aux sarrasins la mort et les combats,
Il veut jusqu'à leurs camps déployer sa bannière,
Et franchissant le Tage, au sein de leurs cités
Assaillir et braver ces peuples détestés.

43.

Combattant pour la foi, c'est au Dieu des armées
Que le pieux Alphonse a confié son sort;
De cet esprit divin les troupes animées
En invoquant le ciel vont affronter la mort.
Du Sarrasin cruel les hordes renommées
S'opposeront en vain à ce terrible effort;
Et vainement, joignant le nombre à la vaillance,
Cent maures combattront contre une seule lance.

44.

Fiers de compter cinq rois parmi leurs combattants,
Les sarrasins altiers méprisent les alarmes.
Ismar est à leur tête, Ismar qui dans les camps
Élevé dès l'enfance a vécu pour les armes.
Mille jeunes beautés qui suivent leurs amants
Sous des casques brillants ont dérobé leurs charmes;
Telles on vit jadis aux bords du Thermodon
Ces guerrières dont Mars a consacré le nom.

45.

Déja l'aube du jour chassant la nuit obscure
Annonçait du soleil les célestes bienfaits,
Quand le Dieu créateur de toute la nature
Apparut sur la croix au guerrier portugais:
« Seigneur, s'écria-t-il brûlant d'une foi pure,
J'adore votre nom, vos sublimes décrets;
Montrez au musulman, montrez à l'infidèle
Du Dieu qu'il méconnait la puissance éternelle. »

46.

Ce miracle divin enflamme encor l'ardeur
Du soldat portugais chéri de la victoire;
Alphonse qui déja régnait sur chaque cœur,
Se voit proclamer roi par la voix de la gloire;
Et le fier Africain a rugi de fureur,
Quand d'un camp à jamais célèbre dans l'histoire
Il entend retentir les cris: royal! royal!
Le magnanime Alphonse est roi de Portugal.

47.

Tel qu'on voit sur les monts le molosse en furie,
Excité par la voix et les cris du chasseur,
Attaquer plein de rage, au péril de sa vie,
Un taureau dont l'aspect inspire la terreur;
Sans relâche il le mord, le poursuit, se replie,
Saisit bientôt l'instant, s'élance plein d'ardeur
Et dompte en l'inondant d'une sanglante écume
Le féroce animal que la fureur consume:

48.

Tel comptant sur l'amour du peuple des guerriers,
Enflammé par la foi, par le Dieu qu'il adore,
Alphonse réunit ses vaillants chevaliers
Et fond avec fureur sur la horde des maures,
L'horrible cri de Mars excitant les coursiers,
Et des clairons bruyants la musique sonore
Retentissant. Tout s'arme, et les voix des soldats
Préludent en tumulte à ces affreux combats.

49.

Ainsi quand l'incendie embrasant la montagne,
Dans les bois désséchés éclate en pétillant
Et qú Éole en fureur désolant la campagne
Excite et souffle au loin ce fléau dévorant,

[1] A recordação d'este desastre acha-se consignada numa carta geografica feita para conservar a lembrança do acontecimento: lê-se ahi a seguinte inscripção breve e triste como um epitafio: *Anno* 1277 *maris innundatione* 33 *pagi hoc in loco periere*. Existe outra carta manuscripta, em pergaminho, que representa as 33 aldêas, que havia antes da innundação, com o curso dos rios e o traçado das estradas. Esta carta porém é conjectural: as cartas positivas não remontam mais alto na Hollanda do que ao meiado do seculo XVI.

Le berger qui repose auprès de sa compagne
Dans le sein des forêts se réveille tremblant,
Rassemble ses brebis et rempli d'épouvante
S'enfuit à la lueur de la flamme brillante:

50.

C'est ainsi qu'en ce jour les maures éperdus
Saisissent pleins de trouble et le dard et la lance;
Ils veulent résister, mais pâles et confus
Le honte les soutient plutôt que l'espérance.
Au choc des assaillants rien ne les retient plus;
Sur eux avec fureur le Portugais s'élance;
On les voit dispersés fuir devant le vainqueur,
En invoquant encor leur prophète imposteur.

51.

Qui pourrait célébrer de ce jour mémorable
Tous les défis sanglants et les brillants combats?
Les portugais remplis d'une ardeur indomptable
Portent de toutes parts l'horreur et le trépas;
Á cet élan terrible, à ce choc redoutable
Les monts et les rochers ne s'opposeraient pas.
Il rompent les écus, les casques, les cuirasses;
Tous leurs pas sont marqués par de sanglantes traces.

52.

On voit de toutes parts des corps défigurés;
Les têtes des vaincus roulent dans la poussière;
D'autres, le front livide et les yeux égarés,
Touchent en gémissant à leur heure dernière.
Bientôt les sarrasins pressés, désespérés
Abandonnent leur camp, désertent leur bannière;
Et ce théatre affreux de carnage et d'horreur
Inondé de leur sang en garde la couleur.

53.

Alphonse ayant vengé l'honneur de la patrie
Dans le camp africain établit ses guerriers;
Il laisse fuir au loin l'Ismaélite impie
Dont la riche dépouille embellit ses lauriers.
Alors le jeune roi de la Lusitanie
Sur son blanc écusson grave cinq boucliers,
Qui des cinq rois vaincus rappelant la mémoire,
Aux siècles à venir attesteront sa gloire [1].

55.

Amoureux des combats, méprisant le repos
De ses fiers ennemis il poursuit la défaite.
La victoire en tous lieux précédant ce héros,
Arrache devant lui l'étendard du prophète
Et toujours le succès couronne ses travaux.
Arronches, Leiria deviennent sa conquête,
Et Santarem, qui voit de ses superbes murs
Les bords heureux du Tage et ses flots toujours purs.

54.

[1] E 'nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros por que Deus fôra vendido,
Escrevendo a memoria em vária tinta
D'aquelle de quem foi favorecido.
Em cada um dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

Esta estancia não está tradusida no manuscripto original.

56.

Mafra subit ses lois. La horde musulmane
Fuit devant le vainqueur sans espoir de retour;
Il subjugue Cintra toujours chère à Diane,
Où les nymphes des bois ont fixé leur séjour;
On les voit se baignant dans l'onde diaphane
Éviter vainement les flèches de l'amour;
Le dieu qui les poursuit dans leurs grottes profondes
Les brule de ses feux jusques au sein des ondes.

57.

Et toi qui d'un héros nous rappelles le nom:
Toi que le ciel chérit, que la mer environne;
Fille du destructeur du superbe Ilion;
O reine des cités, magnifique Lisbonne!
Ta conquête surtout est le plus beau fleuron
Dont Alphonse ait orné sa brillante couronne,
Et longtemps tu bravas la valeur et l'effort
Des héros de l'Espagne et des guerriers du nord.

58.

Partis des bords glacés de la froide Allemagne
Les peuples courageux et de l'Elbe et du Rhin,
Et les preux chevaliers de la grande Bretagne
Appellent au combat l'infidèle Africain.
Leurs drapeaux réunis flottent dans la campagne;
Du magnanime Alphonse ils suivent le destin,
Et fière d'un tel chef, cette sainte milice
Entoure les remparts de la cité d'Ulysse.

59.

Cinq fois l'astre des nuits a fui loin de leurs yeux;
Cinq fois il a repris sa forme lumineuse,
On voit paraitre enfin le moment glorieux
Qui doit fixer le sort d'une cité fameuse.
C'est en vain qu'en ce jour le Maure furieux
Combât pour éviter une fin désastreuse,
Mais longtemps les vaincus résistent au vainqueur
Et l'affreux désespoir balance la valeur.

60.

Ainsi l'on voit tomber cette superbe ville
Encor fière d'avoir par un heureux effort
Au sein de ses remparts offert un sûr asyle
Contre l'affreux torrent des peuplades du nord,
Qui laissant leurs glaçons, leur patrie infertile
Répandirent partout le ravage et la mort,
Et vinrent apporter dans l'antique Ibérie,
Aux rives du Bétys le nom de Vandalie.

Continúa.

CREDITO ÁS CLASSES OPERARIAS.

Até hoje o credito, que os economistas designam com o nome de *pessoal*, não tem sido senão a confiança prestada ao homem que move um *capital movel*, o qual se crê poder segurar o pagamento do emprestimo. Um credito puramente pessoal é cousa extraordinarissima, e determinada, por motivos extra-economicos, de generosidade ou de caridade.

O conceito da abonação do tomador do credito póde ser errado, mas nem por isso deixa de ser incontestavel que esse conceito, respectivo não só a elle, mas aos garantes, é a base da confiança prestada.

Pela falta de capital em giro, ou da abonação presumida, o simples operario não póde encontrar regularmente quem o auxilie com os fundos de que precisa, muitas vezes até mesmo para fecundar uma singular habilidade; ou, se o encontra, não é senão á custa de grandes usuras.

O operario não possue individualmente *trabalho accumulado* d'alguma importancia que garanta o emprestimo; e o *futuro*, quem o póde affiançar?

Resolver o problema em beneficio das classes operarias, por um modo práctico, e em harmonia com as leis geraes do credito, não por via de sonhadas utopias, é um digno objecto para as meditações do economista, verdadeiro amigo do povo.

A Allemanha tem feito, nos ultimos annos, alguns notaveis esforços pelo resolver; e é d'estes que, em poucas palavras, vamos dar uma breve noticia. Como nos parece que a idêa nasceu do que se observa nos bancos territoriaes *de tomadores d'emprestimo*, frequentes 'naquelle paiz, notaremos quaes são os principios mais geraes da organisação d'estes, até mesmo porque, o que se tem escripto a seu respeito, é pouco exacto.

Aquelles bancos não são formados por *accionistas*. Os proprietarios associados constituem uma *agencia* d'emprestimos, sobre a garantia collectiva dos bens d'elles todos. O *papel* d'estes bancos negocea-se com facilidade por causa d'essa forte garantia collectiva. 'Nelles não ha dividendos que repartir.

Tanto 'nestes, como nos bancos territoriaes *d'emprestadores*, (capitalistas, accionistas, com um fundo em dinheiro, dividendos, etc.) o garante do emprestimo é o banco, não o individuo.

O capitalista não tem que inquirir ácêrca da abonação da pessoa, a cuja mão hajam d'ir ter os seus fundos. Uma assossiação forte responde por elles; recebe-os, e transmitte-os sob a sua responsabilidade collectiva.

Os bancos, instituidos além do Rheno por M. Schultze com o nome de *Vorschuss-Banken*, propõem-se a obter resultados analogos para as classes operarias, substituindo a fragil garantia individual pela força da collectiva.

Alguns centos ou milhares d'operarios reunem-se em sociedade, concorrendo de principio com uma modica joia d'entrada, e uma prestação mensal ainda mais modica; as quaes todavia, pelo constante effeito de todo o ajunctamento de consideraveis parcellas, tendem a tomar um grande vulto.

A direcção d'estes bancos, sobre a garantia d'este fundo, e a responsabilidade collectiva da associação pelo trabalho futuro de todos os associados, toma d'emprestimo, em nome da sociedade, os capitaes que estes precisam, para lh'os adiantar prudentemente.

Entre os socios não ha de commum senão o direito a inspeccionarem a gerencia das direcções, por elles eleitas, e a responsabilidade. *Em tudo o mais cada um socio conserva uma* plena independencia d'acção.

Cada um d'elles é auctorisado a levantar do banco, como emprestimo e a juro, até á totalidade do valor da sua joia d'entrada e das mensalidades que pagou; e ainda mesmo uma limitada quantia a maior, tudo sobre a sua unica responsabilidade pessoal, ou a sua simples assignatura.

Acima das indicadas quantias, nenhum póde obter emprestimo sem a fiança d'um outro associado.

Com os juros d'estes adiantamentos o banco satisfaz os a que se obrigou para com o capitalista, e as despezas da gerencia; e se ha algum remanescente, como effectivamente acontece, é este destinado em parte para se ir constituindo um fundo de reserva, e em parte para se repartir, como dividendo, aos associados *pro rata* de suas entradas por meio das joias e mensalidades.

É certo que, para se conseguirem estes effeitos, o juro pago pelos socios á sua propria sociedade, com quanto inferior ao que teriam de pagar ao usurario, não póde ser muito baixo.

Todavia d'ahi mesmo elles tiram interesse, porque têm direito a um dividendo, o qual vem modificar o mesmo onus.

Os adiantamentos feitos por estes bancos sobem de 18 a 19 fr. (2880 a 3040 rs.) a 1125, e até mesmo a 3750 fr. (180$000 e 600$000), quantias certamente mui consideraveis para um operario; e as quaes, como se disse, de prompto alcança com um simples fiador, seu consocio, acreditado perante a direcção.

Participam pois estes bancos da caixa economica, e dos nossos Montes pios; e tendem, segundo parece, a ampliar os incommensuraveis beneficios d'estas excellentissimas instituições, as quaes já mesmo, em ponto minimo, prestam aos seus consocios vantagens analogas. Nem recebem, nem fazem esmolas; procuram conservar a dignidade do homem no operario, fazendo-o considerar a si mesmo, como o auctor do seu proprio bem, pelo trabalho, ordem, e economia, sem o illudirem com as vãs e perigosas idêas da tyrannia do capital, e da necessidade de o tomar de graça.

Tal é em summa a idêa que formámos d'estes novos bancos, pelo que lemos a seu respeito em um novo jornal, publicado em Lausanna, com o titulo de — *Nouvel économiste*, n.º 2, de 25 do proximo abril.

É objecto digno de séria attenção, e sobre o qual mui conveniente nos parece que os verdadeiros amigos das classes laboriosas profundamente meditem.

A. FORJAZ.

REVELAÇÃO DOS CRIMES.

Continuado de pag. 7.

II.

Os criminalistas que combatem a revelação, não podendo contestar a existencia d'este dever social, e a sua efficacia na repressão dos crimes, pretendem que a obrigação de revelar, fundindo-se nas attribuições do ministerio público, e nas da policia, deixou de ser dever individual de cada um dos membros da sociedade; e que, porisso, o Estado não póde exigir o seu cumprimento, nem tornal-o effectivo com a imposição de penas. Será, por ventura, inutil o concurso dos individuos quando ha auctoridades? A funcção do magistrado dispensára o dever do cidadão?

As phases por que passou a accusação são de todos conhecidas. Sabe-se que tempos houve em que o proprio offendido era o unico admittido a accusar. Era na epocha, em que as compensações pecuniarias podiam supprir a pena, em que o fundamento do direito de punir era a vingança. Posteriormente foi a accusação exercida por todos os cidadãos, mediante a acção pública; mais posteriormente ainda, foi-o *ex-officio* pelo juiz. Uma ficção, das que então abundavam na jurisprudencia,[1] permittia que o juiz, na falta de accusador, julgasse e condemnasse como se este effectivamente houvesse existido, e querellado.

Tal foi, em poucas palavras, a marcha da accusação, e as principaes modificações por que ella foi passando.[2] Essencialmente individual a principio, não representava mais do que a vingança; seu unico fim era obter a reparação do mal material causado ao agente passivo do delicto. Depois a accusação começou a exprimir mais alguma cousa — o interesse social na repressão do crime, e no restabelecimento da ordem. A accusação por meio da acção pública, e *ex-officio* pelo juiz, é a manifestação d'este novo character. D'aqui á creação d'uma parte pública, só havia um passo. O desleixo dos cidadãos em exercerem a acção pública, apressou uma reforma cuja necessidade de ha muito se tornára manifesta. Instituiu-se, ou para me exprimir com mais exactidão, desinvolveu-se então o ministerio público.

Acabou a acção pública pela fórma com que até alli era exercida, e aos agentes do ministerio público commetteu-se a perseguição dos culpados. Foi-lhes incumbido formular a accusação, recolher as provas, apresentar a querella, requerer em juizo a applicação da pena. A accusação de dever social que até alli fôra transformou-se em funcção de magistrados. E nesta reforma interessava não só a sociedade, porque o crime ficava sendo mais energicamente perseguido; mas tambem os cidadãos, porque eram alliviados d'um penoso encargo que não podiam gostosamente cumprir. Não admira pois que um distincto magistrado francez, e ao mesmo tempo profundo jurisconsulto, dissesse que a creação d'uma parte pública fôra um grande passo para a civilisação, uma grande idêa digna em tudo dos tempos modernos[1].

É preciso, porém, não confundir acção pública com revelação; querella e accusação, com denúncia. São cousas essencialmente diversas, e que muito convém destinguir na questão que nos occupa.

A creação do ministerio público, não fez mais do que alterar o character da acção pública, e alteral-o profundamente; mas não supprimiu a revelação civica.

Entre as funcções dos seus agentes não encontramos nenhuma que substitua aquelle dever social, ou produza os seus effeitos. Bem longe disso. Uma das causas que mais concorreu para o estabelecimento do ministerio público foi, diz Faustin Hélie[2], a introducção do processo por via de denúncia, muito tempo usado sómente no fôro canonico, mas gradualmente introduzido no secular. A denúncia provocava informação judicial, e tornava por isso indispensavel a presença d'um accusador que dirigisse a informação, colhesse as provas, etc. Este accusador não podia deixar de ser um magistrado especial. D'aqui veiu, que uma das funcções dos agentes do ministerio público era receber as revelações, examinar a sua veracidade, e proceder contra o culpado, se na devassa encontrasse algum indicio que fizesse presumir a existencia do crime.

[1] Bentham foi um dos que eloquentemente demonstrou os inconvenientes d'estas ficções juridicas. Nas ord. philipinas ainda ellas se encontram; no tit. 6 do liv. V, é comparado o crime de leza magestade á lepra, a qual « enche todo o corpo sem nunca mais se poder curar, e empece ainda os descendentes de quem a tem e aos que com elle conversam . . . assim o crime de traição condemna o que o commette, e impece e infama os que de sua linha descendem, posto que não tenham culpa. » Vê-se que a consequencia da ficção é a justificação da aberrancia da pena.

[2] Faustin Hélie. Des caractères généraux de l'action publique (Revue de législation et de jurisprudence; vol 24, pag. 182 e seg.)

[1] Henrion de Pansey. De l'autorité jud. en France. Cap. XIV.

[2] Histoire et théorie de la procédure criminelle, n.° 369.

Longe de concorrer para extinguir a revelação, o ministerio público, foi creado para regularisal-a, e dar-lhe a direcção de que havia mister para ser mais efficaz.

Parece, pois, indubitavel que o dever social de revelar não se fundiu nas attribuições do ministerio público, e que o cidadão não ficou desonerado de prestar o seu concurso á acção da justiça, só porque se instituiram aquelles funccionarios.

Vejamos agora se a policia dispensa este concurso. É indubitavel que a policia é um optimo meio de repressão, que depois de seu estabelecimento os culpados muito mais difficilmente se podem subtrahir á acção da justiça; porém de tudo isso dever-se-ha deduzir que a policia dispensa a revelação civica?

A polica não é geral; fóra dos grandes centros de população existe apenas no estado rudimentar. Uma boa organisação policial encontra obstaculos sempre difficeis, e muitas vezes invenciveis. Por outro lado cumpre não esquecer que a policia não póde presencear todos os crimes; em mil hypotheses a sua acção é nulla; todos os dias temos d'isso exemplos e não admira que assim aconteça. É um logar commum dizer que as instituições humanas não podem ser perfeitas; 'nesta como em todas as outras dá-se esta imperfeição. Querer que as auctoridades deixadas a si tenham conhecimento de todos os crimes é, a meu ver, uma utopia. Parece-me portanto que a creação d'uma policia por mais bem organisada e energica que se imagine, não póde totalmente dis pensar a revelação; o que póde é tornal-a menos necessaria, fazer menos penoso o encargo de revelar — póde alliviar o cidadão; mas não desoneral-o

III.

Os adversarios da revelação instam ainda com os abusos. Partindo do principio que estes abusos são inherentes á instituição, sustentam que a revelação continúa a ser impossivel, porque voltarão com ella os mesmos inconvenientes que já fizeram proscrevel-a; presuppondo mesmo a excellencia da revelação, dizem, não convém decretal-a porque os beneficios que póde produzir, não compensarão os innumeros males a que dará causa.

Vejamos até que ponto isto é exacto.

Da revelação como de todas as instituições ainda as mais santas e respeitaveis, como do proprio christianismo, abusou-se muito, muitissimo. O seu fim foi desconhecido e postergado. Épochas houve em que a revelação deixou de servir para a repressão do crime e para a manutenção do sagrado principio da não impunidade; tornára-se uma arma terrivel nas mãos do despotismo, um instrumento da tyrannia. Os innumeros males que estes abusos produziram enchem infelizmente paginas inteiras da historia de Roma imperial, e de quasi todos os governos que se cariaram e corromperam como aquelle.

Deveremos porém argumentar d'estes tristes exemplos para a inteira supressão da revelação? Não o creio. Quando um principio bom em si, soffre applicação viciada, é claro que em vez de produzir bons resultados, só os produz pessimos. Emendem-se os abusos.

E não se diga que ha instituições em que isso não póde fazer-se. Em regra geral esta asserção é falsa; muito mais a respeito da revelação. A maior parte dos abusos a que ella deu origem, provinham de causas que hoje não existem; provinham da antiga fórma de processo, fórma essencialmente injusta, e que não podia deixar de produzir os peiores resultados. Os depoimentos das testimunhas em segredo, a pouca liberdade na defeza, o julgamento baseado não sobre a convicção do juiz, mas na maior ou menor plenitude das provas, um juiz unico, muito sujeito, por consequencia a enganar-se, ou deixar-se dominar pelas paixões, eram outros tantos obstaculos que o réu injustamente accusado encontrava, quando procurava justificar-se.

Acrescia o confisco dos bens do condemnado em proveito do accusador, circumstancia mais importante do que á primeira vista poderá parecer. A revelação deve ser gratuita: se o revelador fôr, ou podér ser movido pelo interesse proprio, torna-se-ha muito mais difficil evitar os abusos que d'ella possam provir. É verdade que no tempo do confisco havia penas gravissimas fulminadas contra os falsos accusadores; mas isto não bastava. Esta providencia, para assim dizer isolada e não sustentada pelo systema geral do processo, raras vezes havia de conter o falso accusador.

Havia ainda a nullidade completa da imprensa periodica e que faz conhecidas as injustiças e obriga os julgadores a procederem com legalidade; a fórma do governo, cuja importancia 'neste ponto facilmente se comprehende; mil outras circumstancias mais ou menos insignificantes de per si, mas que reunidas tinham uma influencia apreciavel.

Com o nosso processo actual é quasi impossivel não descobrir o falso revelador; o confisco está banido da legislação, e o accusador já não póde ter em vista apossar-se dos bens do condemnado; a imprensa é livre e póde clamar bem alto contra todas as injustiças; a fórma do governo não permitte que a revelação se torne a arma do despotismo; cessaram 'numa palavra todas as causas dos abusos: não deve pois receiar-se que elles voltem com a revelação.

E não colhe o dizer-se que, em epochas anarchicas, a revelação póde ser em vez de garantia d'ordem um elemento de desordem; porque o mesmo póde acontecer á força armada, e a todas as outras garantias sociaes. A

excellencia ou vicio d'uma instituição não deve julgar-se pelo emprego que por ventura d'ella façam, em crises sociaes, as paixões politicas, de todas as mais perigosas, porque se reputam justas. Similhante apreciação só póde, só deve fazer-se, quando a sociedade estiver assente em solidas bazes de justiça e moralidade; quando todas as instituições sociaes se desinvolverem livremente, e na sua legitima esphera; quando as paixões politicas estiverem calladas, e não trocarem as garantias de ordem em elementos de desordem.

S. H.

NOTICIARIO.

Volcão sub-marino. O ministro da marinha em França, dirigiu á academia das sciencias os extractos de duas cartas escriptas por dous capitães de navios mercantes, em que annunciam, que navegando debaixo da linha por 20 minutos, pouco mais ou menos, de latitude sul, e 30 graus de longitude oéste, pelas duas horas da manhã, ouviram um estrondo, similhante ao de uma trovoada distante, seguido immediatamente de agitações violentas; o leme tremia fortemente nas mãos do marinheiro, a tripulação mal se segurava sobre as pernas, o tempo estava sereno, e o mar manso, pelo menos sem vagas ou ondas tumultuosas; agua apanhada em um balde, não indicou elevação de temperatura; os navios continuaram a soffrer agitação até depois do meio dia.

'Nestas paragens, pensa Mr. Daussy, que existe um volcão sub-marino que lança fumo e cinzas.

O gaz na Inglaterra. — O numero de fabricas de gaz em Inglaterra é actualmente de 66. O capital que ellas representam é superior a 62 milhões de libras, e dão, termo medio, 5 por 100 de dividendo annual a seus accionistas.

O numero de pessoas empregadas 'nestas fabricas é de 24:000. A quantidade do gaz, annualmente produzida, é de 9 milhões de pés cubicos, resultado da combustão e distillação de 1:350 mil tonelladas de carvão bituminoso.

O gaz fica aos consumidores, em geral, pelo preço de 25 francos por cada mil pés cubicos.

O ouro na Australia e California. — A California não principiou a produzir ouro senão em 1848. De 12:000 libras no primeiro anno, a producção subiu em 1855 a 12.908:000 libras. As minas da Australia só foram descobertas em 1851. 'Nesse anno produziram 907:113 libras; e em 1855, 11.513:230 libras.

A Australia e California deram ambas, em 1855, 24.421:230 libras. A producção em 1856 é ainda muito maior.

Um documento publicado pelo *Board of Trade* avalia em 40 995:651 libras o ouro produzido pela Australia (Victoria e Nova Galles do Sul) desde 29 de maio de 1851, data da primeira remessa, até 31 de dezembro de 1855. Exportaram-se 11.199:000 inglezas (247:169 kilogrammas). Só a colonia de Victoria forneceu perto de $\frac{2}{3}$ da producção total.

Uma commissão nomeada pelo conselho legislativo de Victoria calcula, que os jazigos auriferos occupam na colonia mais de 20:000 quadrados de quartzo aurifero. São 20 milhares e 650 milhões de tonelladas que podem occupar 100:000 mineiros durante 300 annos. Avaliando cada tonellada de quartzo em uma libra *strel.* sómente, resulta a somma enorme de 62 milhões de libras por anno. A riqueza total da colonia é calculada aproximadamente em 783 milhões de libras. Serão pois necessarios mais de 2:000 annos para explorar tão grande riqueza.

Á vista d'isto não se deve temer, que faltem as remessas d'ouro da Australia para todas as partes do mundo.

Ultimamente acharam-se quasi á superficie da terra em Vingover (Melbourn) duas *pepites* de 188—230 onças.

Invenção dos moinhos. — O engenho de moer por força de corrente ou queda d'agua, foi inventado na Asia menor. Os Romanos o adoptaram, e bem depressa se generalisou na Italia e Grecia. A historia não diz, quem foi o inventor. Os poetas entoaram hymnos em honra da invenção. Antipater de Thessolonica exclama inspirado. « Dormí tranquillas mulheres que trabalhaveis em moer o trigo; já não tendes necessidade de fatigar os braços; deixae cantar as aves, que por seus gorgeios annunciam o despontar da aurora. Ceres encarrega ás Naiades o vosso trabalho; as nymphas obedecem, e assentadas sobre uma roda fazem-na mover. O eixo, por meio dos raios que o cercam, faz girar com violencia as pesadas mós do moinho. Eis que volvemos á vida feliz e tranquilla de nossos primeiros páes. Agora já sabemos colher sem fadigas o fructo dos trabalhos de Ceres, e preparar o nosso pão. »

Os antigos não conheceram o moinho de vento. Esta descoberta pertence ao Oriente, e só no anno de 1010 foi introduzido em França.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PÚBLICA.

1.ª SECÇÃO — N.º 219. — CIRCULAR.

Não tendo produzido os effeitos, que se esperavam para formar a estatistica geral e parcial de todas as escholas do reino, e estabelecimentos litterarios, as providencias consignadas na portaria circular de 30 de março de 1855, manda Sua Magestade El-Rei, pelo Tribunal do conselho superior d'Instrucção Pública, que o governador civil de.... faça intimar pelos administradores dos concelhos do districto a seu cargo, todos os professores e o commissario dos estudos respectivo, para que impreterivelmente remettam ao supradicto Tribunal os mappas do movimento de suas escholas, e o commissario o relatorio, que lhe pertence, até ao ultimo dia do mez de setembro de cada anno, na certeza, de que depois do dia 15 de outubro, se lhe remetterão as ordens convenientes, e a relação dos que faltaram a este cumprimento, para serem excluidos da folha dos vencimentos no mez d'outubro; e espera Sua Magestade, que esta circular tenha a devida execução, de que elle governador civil dará parte com a possivel brevidade. Coimbra, em 23 de maio de 1857. —*José Ernesto de Carvalho e Rego*, Vice-Presidente. — *Barão de S. Thiago de Lordêllo.*

O secretario geral, *José Antonio d'Amorim.*

1.ª SECÇÃO — N.º 220 — CIRCULAR.

Manda Sua Magestade El-Rei, pelo conselho superior d'Instrucção Pública, que o governador civil de.... remetta, com a possivel brevidade uma relação das escholas públicas do seu districto, que estão collocadas em edificios do Estado, municipaes, ou parochiaes, e bem assim d'aquellas, que se acham em casa arrendada, indicando, neste caso, quanto se tem despendido, e á custa de quem, nos trez ultimos annos lectivos, e nos arranjos necessarios para a sua devida collocação. Coimbra, 23 de maio de 1857. —*José Ernesto de Carvalho e Rego*, Vice-Presidente. —*Barão de S. Thiago de Lordêllo.*

O secretario geral, *José Antonio d'Amorim.*

1.ª SECÇÃO — N.º 221. — CIRCULAR.

Convindo regular pela melhor forma o serviço dos exames dos oppositores ás escholas públicas, manda Sua Magestade El-Rei, pelo conselho superior d Instrucção Pública, que o commissario dos estudos do districto de.... logo que terminem os prasos dos respectivos concursos, assigne, o mais breve possivsl dia a todos os concorrentes a cada uma das referidas escholas para se examinarem; devendo as provas escriptas, e problemas arithmeticos serem os mesmos para todos, e no mesmo dia. Coimbra, 23 de maio de 1857. —*José Ernesto de Carvalho e Rego*, Vice-Presidente. —*Barão de S. Thiago de Lordêllo.*

O secretario geral, *José Antonio d'Amorim.*

ZOOLOGIA.

OS PEIXES ELECTRICOS.

Os peixes electricos até hoje conhecidos são:

1.º A tremelga, ou torpedo—*raia torpedo.*

2.º O gymnoto, ou carapó electrico do Pará —*gymnotus electricus.*

3.º O siluro, ou bagre electrico—*silurus electricus.*

4.º O quadridente electrico—*tetrodon electricus.*

5.º O trichiuro electrico—*trichiurus electricus.*

Os dois primeiros são os que têm sido mais bem estudados, e a tremelga, ainda melhor que o gymnoto.

Tremelga, ou Raia Torpedo.

A torpedo pertence á familia das raias; e é em virtude d'este parentesco, que é designada pelo nome de *raia electrica:* os pescadores tambem lhe dão o epitheto de *tremelga, peixe magico,* pela extraordinaria propriedade de que é dotada.

É um peixe de corpo liso, chato horisontalmente, de forma oval, terminando em uma

cauda curta mas robusta, com a fórma de um disco quasi circular. Acha-se em todos os mares; é muito commum nos da Europa, especialmente no Mediterraneo, onde adquire tal grandeza, que peza ás vezes 18 a 20 libras. Nas costas do Occeano atlantico, raras vezes excede 2 pés de comprimento. Pescam-se muitas no canal da Mancha.

Na costa maritima de Portugal, e até logo fóra da barra de Lisbôa, apanha-se varias vezes a tremelga, bem conhecida pelos pescadores, pelas suas faculdades electricas.

Quando se toca com a mão uma tremelga viva, sente-se immediatamente uma forte commoção que entorpece, e até paralyza todo o braço por alguns minutos. A sensação póde comparar-se á que soffremos quando damos uma pancada com o cotovello. Mr. Matteucci avalia a força d'este choque, pelo que dá uma pilha de columnas, de 100 a 150 pares, carregada d'agua salgada.

As descargas succedem-se com extrema rapidez, e é sempre impossivel supportal-as; Walsh contou até 50 por minuto. Se a torpedo está fóra da agua, sente-se sempre grande commoção, ou se toque o animal, com os dedos, ou com um corpo bom conductor, como uma vara de metal, ainda que de muitos pés de comprimento.

Sente-se a mesma commoção, em um circulo de 20 pessoas, não isoladas, se das que formam as extremidades da cadeia, uma toca o dorso do peixe, e outra o ventre. MM. Becquerel e Breschet verificaram, que o dorso da torpedo dá electricidade positiva, e o ventre electricidade negativa. Quando os pescadores despejam as redes nos barcos, e lançam grandes massas d'agua salgada sobre os peixes, se entre estes ha alguma tremelga, logo se reconhece pela commoção que experimenta o braço que verte a agua: é um facto já conhecido pelos antigos, e de que Plutarcho fez particular menção.

Reconhece-se tambem que a descarga da torpedo póde dar faiscas, como uma machina electrica; que produz a magnetisação; que opera decomposições chimicas; e que transmittida através de um par thermo-electrico, produz signaes sensiveis de calor.

Esta propriedade da tremelga, é, assim como para todos os peixes electricos, um meio d'attaque e defeza. É por este artificio que a torpedo fulmina, mesmo a distancias, os pequenos peixes, de que quer apoderar-se, e tornando-os immoveis, facilmente os apanha.

A tremelga, sendo um peixe em geral pequeno, fraco, indolente, e privado d'armas offensivas e defensivas, difficilmente poderia viver, se a natureza a não tivesse dotado de tão extraordinario meio d'acção, que habilmente emprega para se alimentar, e para se defender de seus inimigos.

Vivendo no fundo da agua, quasi sempre escondida no lodo, como as raias, se passa proximo algum pequeno peixe, mata-o; e se é peixe maior, atordoa-o, pelas descargas de suas baterias electricas: por este meio tem sempre alimento em abundancia. Se é attacada por algum peixe voraz, defende-se melhor do que se fosse bem armada de dentes. Réaumur lançou uma torpedo dentro de uma tina cheia d'agua do mar e deu-lhe por companhia um pato; passadas algumas horas, o pato estava fulminado.

A tremelga, ainda que inferior á maior parte das raias, como peixe alimentar, é comtudo aproveitada em quasi toda a parte em que se pesca. Nos mercados d'Italia vende-se frequentemente; assim como algumas vezes no mercado de peixe de Lisboa, onde é bastante apreciada pelos gastronomos. Hippocrates recommendava o uso da carne d'este peixe na hydropisia.

Os instrumentos da funcção electrica da torpedo são de trez especies:

1.° Na metade inferior do corpo, e de cada lado da cabeça existem muitos centenares de pequenos tubos, Hunter contou até 1:182, ou prismas membranosos verticaes, apertados uns contra os outros, e subdivididos por diafragmas horisontaes, ou pequenas cellulas cheias de mucosidades. É 'nestes orgãos, e sob o imperio da vontade do animal, que se produz a electricidade.

2.° Na parte posterior do cerebro existe um lobulo, designado pelo nome de *lobulo electrico*. A sua destruição torna impossivel qualquer descarga, ainda mesmo que permaneça intacto o resto do cerebro. Sempre que se toca o lobulo, promovem-se fortes descargas, embora esté orgão esteja separado do cerebro ou da espinal-medulla. A irritação do mesmo lobulo não provoca outros phenomenos senão a descarga electrica. Toda a acção exterior exercida sobre o corpo da tremelga viva, e que determina a descarga electrica, é transmittida pelos nervos do ponto irritado, até o lobulo electrico do cerebro. A vontade que impera sobre as descargas electricas tem a sua séde 'neste orgão.

3.° Quatro volumosas ramificações de nervos do 4.° par sáem do mencionado lobulo e vão distribuir-se nas baterias electricas precedentemente descriptas. Com o corte ou ligadura d'estes nervos desapparecem os phenomenos electricos; mas para o resultado ser completo, convém ligal-os ou cortal-os todos: se o córte ou ligadura não for senão d'um lado do corpo, a descarga ainda se manifesta no outro lado. A irritação operada sobre estes nervos nunca produz outros phenomenos, senão as descargas electricas.

Gymnoto, ou Enguia electrica.

O gymnoto é um peixe muito similhante á

enguia, e por esta razão conhecido pelo nome de — *enguia electrica* — e vulgarmente — *enguia tremula*

O gymnoto é um peixe, que tem d'ordinario 2 metros de comprimento; alguns ha que são tão pesados, que carregam um homem. Tem o corpo da forma da enguia, acompanhado inferiormente de uma barbatana, formando uma especie de quilha, que se extende até á extremidade da cauda. Esta disposição faz, com que não tenha o movimento tortuoso da enguia commum, e se mova com muita mais graça. Tem a cabeça grande e chata, e a pelle revestida de uma substancia mucilaginosa.

É proprio da America meridional, encontrando-se abundantemente nos rios, ribeiros, e pantanos.

As propriedades electricas do gymnoto são ainda mais notaveis que as da tremelga; e d'aqui vem o estudo precioso que a sciencia tem feito da enguia tremula.

Seu poder electrico é tal, que fulmina cavallos e homens; é por tanto muito superior ao da torpedo. Tão poderosa acção constitue um formidavel meio de aggressão e defeza. O animal produz voluntariamente as descargas electricas, e escolhe a direcção que mais lhe convém para fulminar seus inimigos. Não é raro ver negros nas bordas das lagoas tocados pelas enguias electricas, ficarem de tal maneira aturdidos da commoção, que privados dos sentidos cáem na agua e se affogam; por esta razão os senhores prohibem aos negros approximarem-se d'essas lagôas. Quando os pescadores apanham nas redes gymnotos, e ao mesmo tempo crocodilos ainda novos, os terriveis reptis apparecem mortos, ou pelo menos paralyzados, e os peixes electricos completamente incolumes.

A pesca dos gymnotos por meio de cavallos selvagens, é descripta por Mr. de Humboldt com a belleza de linguagem tão familiar a este famoso naturalista. Reproduziremos textualmente as suas proprias expressões.

« Os Indios conduziram-nos ao Cano de Bera, bacia d'agua pantanosa, rodeada de uma pomposa vegetação, da *Clusia rosea*, da *Hymenaea Courbaril*, grandes figueiras da India, e de algumas *mimosas* de flores odoriferas. Ficámos surprehendidos, quando nos disseram, que iam empregar 30 cavallos selvagens das sávanas visinhas, para a pesca das enguias electricas. A idêa d'esta pesca, que se denomina — *embarbascar com cavallos* — é na realidade bem extravagante. O termo *Barbasco* designa as raizes de *Jacquinia*, *Piscidia*, e de qualquer outra planta venenosa, que lançadas na agua communicam-lhe a propriedade de matar, ou pelo menos de atordoar os peixes, que depois, de envenenados, ou *embarbascados* por este meio, vem boiar á superficie. Como os cavallos mettidos nos pantanos produzem um effeito similhante sobre os peixes, designam-se com a mesma denominação as duas especies de pesca, confundindo assim a causa e o effeito.

« Em quanto nos explicavam tão extranho modo de apanhar o peixe neste paiz, chegou a manada dos cavallos e de machos. Os Indios, fustigando por todos os lados os animaes, apertando-os em um circulo, obrigaram-nos a entrar no pantano. Não descreveremos, senão imperfeitamente, o interessante espectaculo que offereceu a luta das enguias contra os cavallos. Os Indios, munidos de juncos muito compridos e de arpões, collocaram-se á borda da lagôa; alguns d'elles subiram para as arvores que lançavam ramos sobre a superficie da agua; e todos, gritando e batendo com os juncos, obrigaram os cavallos a permanecer dentro do pantano. As enguias, espantadas pelo tumulto dos cavallos, defenderam-se por successivas descargas de suas baterias electricas. Por muito tempo pareceu que a victoria era a favor dos peixes; muitos cavallos e machos, aturdidos pela força e frequencia das descargas electricas, desappareceram debaixo da agua; alguns chegaram a levantar-se, e, apesar da activa vigilancia dos Indios, conseguiram fugir para as bordas da lagôa, e ahi ficaram prostrados por terra, mortos de fadiga, e com os membros entorpecidos pela força das commoções electricas.

« Muito desejáramos, que um habil pintor aproveitasse o momento em que a scena é mais animada. Os grupos d'Indios cercando a lagôa; os cavallos, de crina erriçada, com o terror e angustia pintados nos olhos, querendo fugir á tempestade que os surprehende; as enguias, quaes grandes serpentes aquaticas, nadando á superficie e perseguindo seus inimigos; tudo offerece o quadro mais pittoresco e magestoso que póde imaginar-se. Eu recordei-me do soberbo painel, que representa um cavallo entrando em uma caverna e atterrado pela presença do leão. A expressão de terror não é aqui mais energica, do que a que se observa no combate que tentámos descrever.

« Em menos de cinco minutos dous cavallos estavam já affogados. Á vista d'este primeiro resultado, julgavamos que a pesca acabaria ainda mais tragicamente, receiando que se affogasse a maior parte dos cavallos; mas os Indios nos affirmaram, que a pesca terminaria brevemente, e que só era para temer o primeiro assalto dos gymnotos. Assim foi. Quando o combate já durava um quarto de hora, os cavallos pareceram menos atterrados; não erriçavam a crina, e seus olhos exprimiam menos dor e menos assombro. As enguias, nadando com meio corpo fóra da agua, e fugindo dos cavallos em vez de os attacar, approximaram-se das bordas do pan-

tano. Os Indios lançaram-lhes, por meio de cordas, pequenos arpões, que fisgavam duas ao mesmo tempo. Arrastaram-se assim para fóra da agua cinco grandes enguias, em poucos minutos, sem que as cordas seccas e muito compridas communicassem choque algum; e mais se pescariam, se fossem precisas para as nossas experiencias.

« Os Indios affiançaram-nos, que introduzindo os cavallos dous dias successivos em uma lagôa cheia de gymnotos, nenhum cavallo morreria no segundo dia, porque os peixes electricos carecem de repouso e d'alimento abundante, para produzir ou accumular grande copia d'electricidade. »

São bem conhecidas na sciencia as propriedades electricas do gymnoto. Um d'estes peixes, remettido de Surinam para Stockolmo, viveu quatro mezes em estado de perfeita saude. Tinha 27 pollegadas de comprimento, e as commoções que produzia, eram tão violentas, que até o emprego de corpos maus conductores difficilmente obstava á sua communicação. Fulminava os peixes, mesmo a distancia, e despedia as suas descargas electricas, proporcionando a energia e violencia do choque ao tamanho e força da preza; dirigia egualmente o golpe com grande acerto. O animal perdeu a faculdade electrica, pouco tempo antes de morrer.

Na galeria de sciencias practicas em Londres, tem apparecido por varias vezes enguias electricas, transportadas vivas dos rios da America do sul, e que tem servido não só para satisfazer a curiosidade do público, mas tambem para observações e experiencias dos sabios.

Em París tambem tem sido cuidadosamente estudadas as singulares propriedades do gymnoto, verificando muitos naturalistas, que pegando em uma enguia electrica, e segurando-a com uma das mãos pela cabeça, e com a outra pelo meio do corpo, sentem-se ao tiral-a fóra da agua, repetidas e violentas commoções no espaço de 4 a 5 minutos, e com tal força, que parece que estalam os ossos, que se revolvem as entranhas, e se sentem grandes pancadas na cabeça; por muitas horas se experimentam dores vivas, e uma especie de tremor em todos os musculos, e particularmente nos das espaduas.

Referiremos agora as interessantes experiencias de Mr. Faraday, feitas em Londres, sobre as propriedades da descarga electrica do gymnoto.

Por meio de dous pratos metallicos, reunidos ás extremidades do galvanometro, e applicados sobre differentes pontos do corpo do animal, conseguiu o physico inglez determinar a direcção da descarga, reconhecendo, que as partes anteriores do peixe constituem constantemente o polo positivo, e as partes posteriores o polo negativo, dirigindo-se por tanto a corrente no galvanometro, da cabeça para a cauda.

A seguinte observação é importante.

Mergulhando os pratos collectores em differentes pontos da massa liquida habitada pelo gymnoto, observa-se, suppondo que o animal descarrega todos os seus orgãos ao mesmo tempo, que a agua é atravessada pela corrente electrica, distribuida em linhas rectas e curvas á roda das extremidades do peixe, da mesma maneira que o seria a limalha de ferro em volta de um iman, cujos pólos occupassem o logar da cabeça e cauda do peixe.

Todos os phenomenos da corrente electrica se têm obtido sobre o gymnoto, do mesmo modo, que sobre a tremelga. M. Faraday, dirigindo a descarga do gymnoto por um fio metallico disposto em spiral, no interior do qual se tinham collocado préviamente agulhas d'aço, obteve a magnetisação d'estas na direcção correspondente á da descarga da cabeça para a cauda do peixe. O mesmo phisico conseguiu a decomposição chimica, empregando o iodureto de potassio, e produziu a faisca electrica, introduzindo no circuito uma spiral electro-magnetica, e collocando dentro della um cylindro de ferro.

O apparelho, que serve d'agente a tão poderosas commoções electricas, extende-se ao longo do dorso até á cauda, e consiste em quatro fasciculos longitudinaes, compostos de um grande numero de laminas pouco mais ou menos horisontaes, membranosas, parallelas, e muito apertadas umas ás outras. Estas laminas são unidas por uma infinidade d'outras laminas mais pequenas, situadas verticalmente, mas em sentido transversal: as pequenas cellulas prismaticas e transversaes, formadas pela reunião d'estas laminas, estão cheias de uma materia gelatinosa: emfim, todo o apparelho recebe grossos nervos, ramificações dos nervos spinaes.

O gymnoto, mettido em agua, que se renove de dous em dous dias, vive muito bem, e póde sustentar-se com camarões e pequenos peixes. Em Cayenna faz-se uso da enguia electrica para electrisar as pessoas attacadas de paralysia e de dores arthriticas. A carne do costado d'este peixe é excellente, com especialidade depois de salgada ou curada ao fumo.

Outros peixes electricos.

O siluro ou bagre electrico tem 50 a 55 centimetros de comprimento. A sua bocca é armada de 6 grossos barbilhões ou tentaculos. Habita o Egypto e Senegal. Os arabes dão-lhe o nome de *raasch*, que quer dizer, trovoada. Sua força galvanica é consideravel. Geoffroy Saint' Hilaire fez experiencias curiosas sobre este peixe durante a expedição de Bonaparte ao Egypto.

O apparelho electrico d'este peixe consiste

em uma camada de tecido cellular gorduroso, que envolve todo o corpo do animal, e está situado entre a pelle e os musculos.

O tetrodon ou quadridente electrico é um bello peixe de 7 a 8 pollegadas de comprimento, com o corpo malhado de manchas vermelhas, verdes, brancas, e d'outras cores. Vive nos mares da India. Apresenta as mesmas propriedades dos outros peixes electricos.

O trichiuro electrico vive tambem nos mares da India, e pouco ou nada offerece de notavel. As suas propriedades confirmam do mesmo modo os factos observados em geral em todos os peixes electricos.

De tudo que havemos exposto, podemos deduzir os seguintes corollarios:

1.° Os phenomenos observados nos peixes electricos são da mesma ordem dos que produzem os apparelhos electricos ordinarios: —desvio da agulha do galvanometro—elevação de temperatura nos fios conjunctivos —decomposições chimicas—e faiscas electricas.

2.° Os orgãos, em que reside a faculdade de produzir commoções electricas não estão situados da mesma maneira em todos os peixes electricos: na tremelga estão collocados aos lados da cabeça, no gymnoto ao longo do dorso, e no bagre electrico em toda a extensão do corpo.

3.° Os orgãos electricos têm em todos os peixes uma constituição uniforme.

4.° Sómente varía um pouco a fórma das cellulas.

5.° Não ha ramo especial do systema nervoso, que seja exclusivamente destinado aos orgãos electricos: na tremelga são os nervos do 5.° par; no gymnoto são os nervos spinaes, e no bagre ou siluro electrico os do 8.° par.

S. DE C.

ATHMOSPHERA DA LUA.

M. Geniller, emigrado em Bruxellas, remetteu á Academia real das sciencias da Belgica a curiosa memoria que em seguida transcrevemos.

Apezar de que julgamos que o illustre auctor d'este escripto apenas aprezentou hypotheses, e não conseguiu demonstrar a existencia da athmosphera da lua, comtudo entendemos fazer algum serviço, publicando este trabalho, que reputamos bastante ingenhoso, e digno de meditar-se. A. J. T.

A maior parte dos astronomos não admittem a existencia da athmosphera da lua. Vamos examinar as objecções que se apresentam, e expôr algumas considerações, com que julgamos poder destruil-as, e estabelecer directamente a proposição contraria.

A primeira objecção é, que não se observa refracção no instante que precede a occultação das estrellas ou dos planetas pela lua, nem durante os eclipses do sol. Alguns astronomos pretendem ter observado, e até medido uma pequena refracção; mas supponhamos que nunca se observou, e vejamos se este facto basta para rejeitar a existencia da athmosphera lunar.

Se esta atmosphera existe, como a massa da lua é proximamente 82 vezes menor que a da terra, o ar deve estar muito rarefeito na superficie do nosso satellite. Quando tem logar a occultação d'uma estrella pela lua, a parte inferior d'este globo está ainda muito distante do astro. Com effeito, na lua existem, como é sabido, altas montanhas, e entretanto observa-se que o limbo que apresenta o seu disco illuminado é perfeitamente redondo. Porque se dá pois tal apparencia? Por que não apresenta o disco sensiveis chanfraduras? É porque sendo muito numerosas as montanhas na superficie da lua, a parte d'esta superficie que vemos de lado, está coberta de montanhas, das quaes a reunião dos vertices fórma para nós uma nova superficie espherica, mais elevada que o nivel dos mares da lua, se por ventura ella os tem. Imaginemos um circulo maximo da lua perpendicular á recta que une o olho do observador ao centro do astro; deverá existir sobre a circumferencia d'este circulo maximo um grande numero de montanhas, dispostas comtudo de maneira, que não formam uma cadeia continua; mas os intervallos entre umas e outras não se tornam visiveis ao observador terrestre, pela interposição de outras montanhas anterior ou posteriormente dispostas. Sendo isto assim, no instante em que a estrella está proxima a ser eclipsada pelos vertices das montanhas, a refracção não póde ser produzida senão pelo ar, que existe acima dos vertices dessas montanhas. Ora se o ar nas altas montanhas da terra é já muito raro, e pouco refracta a luz, *á fortiori* a refracção pela athmosphera lunar, nas condições que acabamos de expor, deve ser quasi insensivel.

« Tem-se observado muitas vezes nas occul-
« tações, diz John Herschel, uma illusão opti-
« ca muito notavel, e que se não explica. A
« estrella antes de desapparecer, parece ir
« além do bordo, e caminhar, algumas vezes
« bastante, sobre o limbo. Eu nunca observei
« tão singular phenomeno, mas ha d'elle teste-
« munhos inequivocos. Chamei-lhe uma illusão
« optica, mas não seria impossivel, que resul-
« tasse de profundas fendas, que haja no glo-
« bo da lua, atravez das quaes a estrella é
« vista depois de tocar o bordo. »

Tentou-se explicar este facto, dizendo que resultava d'uma illusão optica, devida a que

o disco brilhante da lua parece maior do que é na realidade. Deve-se rejeitar similhante explicação. Para que fosse admissivel, era preciso que o phenomeno se reproduzisse em cada occultação d'estrella pela parte illuminada da lua, visto que o disco nos parece sempre augmentado da mesma maneira; ora o phenomeno raras vezes se tem observado. E é inutil a hypothese das fendas no globo lunar: pelo que dissemos da distribuição das montanhas na parte da superficie da lua, que vemos de lado, o phenomeno póde explicar-se com muita facilidade.

Póde acontecer que em certas circumstancias, uma estrella, no instante do contacto com os bordos do disco da lua, esteja situada por fórma que o fasciculo de luz emittida, penetre até nós, atravez dos intervallos das montanhas lunares, os quaes, posto que não estejam rigorosamente na mesma direcção, podem com tudo dar passagem em linha recta a um raio de luz. É assim que a estrella parece ter entrado por detraz do disco, ainda antes de se ter perdido de vista.

De se não ter observado refracção, concluiu-se que a lua não tinha athmosphera; e por consequencia, que não podia ter agua. Os primeiros astronomos, que examinaram a lua com telescopios, consideraram as manchas d'este astro como mares; attendendo a que estes deviam parecer menos brilhantes do que os continentes, pela differença dos poderes reflectidores. A maior parte dos astronomos modernos negam a existencia dos mares da lua por duas razões. Primeira: a ausencia da atmosphera permittiria á agua transformar-se rapidamente em vapor, ao menos até formar uma quantidade bastante para ficar saturado o espaço ambiente da lua. Mas então este vapor produziria uma especie de atmosphera, que havia de refractar a luz, o que se não observa. A segunda razão é, que se notam sobre as manchas consideradas como mares, desegualdades, que, na opinião dos astronomos, que negam a existencia d'estes mares, são inconciliaveis com a superficie das aguas necessariamente plana.

Em quanto á primeira objecção, já lhe respondemos, explicando como as refracções seriam insensiveis para nós, mesmo com uma athmosphera lunar annaloga á terrestre, mas d'uma densidade muito menor. Quanto á segunda parece-nos muito facil responder-lhe. Admittamos que effectivamente se tenham observado desegualdades na superficie do que se chamou mares; estas desegualdades são por ventura argumento para rejeitar a existencia dos mares? John Herschel, no seu *Tractado elementar d'astronomia* adopta esta conclusão; entretanto accrescenta, que se observam sobre a lua terrenos, que têm decididamente o character de terrenos d'alluvião. Seria necessario pois admittir, que havia antigamente na lua mares, que tinham desapparecido. Que seria pois feito de toda essa agua? Refletindo nas variações de temperatura, que se produzem na superficie da lua, não é difficil conciliar a existencia d'estas desegualdades com a existencia real dos mares. A noite e dia lunar tendo cada um 13 ½ vezes 24 horas de duração, e a athmosphera sendo muito rara, deve haver frio muito intenso na parte da superficie da lua, não exposta aos raios do sol; por consequencia os mares situados nesta superficie devem estar congelados até uma grande profundidade. Quando depois por effeito do movimento de rotação da lua, experimentam a acção dos raios do sol, esta acção exercendo-se d'uma maneira continua durante 13 ½ vezes 24 horas, deve fundir em parte o gelo, e evaporar ao mesmo tempo uma grande quantidade d'agua; entretanto sendo enorme o calor latente, que exigem esta liquefacção e evaporação, a liquefacção faz-se lentamente, e deve resultar, que os gelos cubram ainda uma grande parte da superficie dos mares; e tendo o gelo um poder reflectidor maior que o da agua liquida, as partes liquidas devem parecer, vistas da terra, como cavidades sobre a superficie dos mares, e os gelos como eminencias. Eis como se concilia a existencia dos mares com as desegualdades, que se notam na sua superficie.

Apresenta-se ainda contra a existencia da athmosphera e dos mares da lua a objecção seguinte: A superficie da lua apparece-nos periodicamente sempre a mesma, sem alteração, sem manchas moveis; por consequencia não se formam lá nuvens, o que devia acontecer se a lua tivesse agua e athmosphera. Esta objecção desfaz-se com as seguintes considerações sobre o clima da lua. O ar sendo muito raro, porque a attracção exerce-se nos corpos, que estão na lua, com muito menos força, que nos da terra, o vapor da agua, que lá se forma não passa ao estado vesicular, mas existe ahi no estado de vapor invisivel, acima da superficie illuminada, como acontece com uma grande parte do vapor, que se acha misturado na nossa athmosphera. Este vapor precipita-se na parte da superficie lunar, não exposta aos raios do sol, e condensa-se ahi no estado de orvalho, ou antes de nebrina. Póde-se assim conceber a ausencia das nuvens, apezar da existencia da agua e do ar rarefeito em volta da lua.

Acabamos de refutar as objecções contra a existencia da athmosphera lunar, vamos agora apresentar outras provas, que estabelecem directamente a proposição affirmativa.

Admitte-se geralmente na lua uma grande quantidade de montanhas volcanicas; ora os volcões, que as produziram e que estiveram mais ou menos tempo em actividade, se é que alguns não o estão ainda, necessariamente

haviam de desinvolver grande abundancia de gazes. Que é feito d'esses gazes? Não devem por ventura ter contribuido para formar em volta da lua uma especie de athmosphera?

Os astronomos concordam tambem em dar uma origem commum a todos os planetas; quasi todos adoptam para este fim a theoria de Laplace, a qual se applica egualmente á formação da lua. Logo *as materias* d'este astro são com pouca differença as mesmas do nosso globo; a lua deveu passar por diversos estados, primeiro inteiramente fluida, depois condensada em um nucleo liquido, rodeado d'uma especie de athmosphera, sendo depois o nucleo envolvido por uma crusta solida, que successivamente se foi tornando mais espessa. A analogia leva-nos a concluir que a athmosphera lunar, a principio muito carregada, se rarefez e purificou pouco a pouco, deixando depositar na superficie da lua, com o progresso do resfriamento, um grande numero de substancias, ou no estado liquido, ou no estado solido.

Emfim, terminaremos pelo desinvolvimento d'uma proposição que, a ser fundada, como julgamos, seria uma prova decisiva a favor da athmosphera lunar, e contribuiria para resolver grande numero de questões, que são o objecto da meditação dos astronomos.

A proposição de que fallamos é a seguinte: *O ar existe universalmente derramado no espaço.* Muitos factos nos parece estabelecerem esta proposição. Observa-se atmosphera ao redor do sol e de todos os principaes planetas; é possivel que a atmosphera de cada um d'estes globos seja limitada? A elasticidade do ar parece ser infinita. O ar não passa ao estado liquido, submettido aos maiores frios e ás mais fortes pressões, que se tem podido obter artificialmente; o ar deve pois ser ainda gazoso nas regiões onde os partidarios d'um limite collocam este limite, pois que a temperatura dos espaços interplanetarios, parece ser sómente de quasi 60° abaixo de 0°, e que o ar ahi não está, por assim dizer, submettido a pressão alguma. Como poderia o ar deixar de dilatar-se? Obstar-lhe-ia a gravidade? Não, porque a gravidade, mesmo na superficie da terra, onde é muito maior, não se oppõe á extensão nem do ar rarefeito 'num recipiente, nem do vapor d'agua na menor tensão, nem á uniforme repartição do acido carbonico em todas as camadas da atmosphera; entretanto o acido carbonico, muito mais pesado do que o ar, cuja tensão não chega a uma decima millesima da do ar, que se reduz a liquido sob uma pressão e frio artificiaes, que se derrama na atmosphera, pois que o ar não é senão uma mistura, como se derramaria no vacuo, deveria ter um limite bem inferior ao do ar, se este ultimo gaz tivesse algum; a sua tensão deveria decrescer mais rapidamente que a do ar, como tem logar para o vapor da agua. Ora nas maiores alturas da atmosphera, onde se tem subido, encontra-se acido carbonico nas mesmas proporções: logo este gaz não tem limite, e o mesmo acontece com o ar.

Se o ar não é limitado ao redor de cada globo, deve existir derramado em todo o espaço; devendo cada globo mergulhado 'neste fluido universal, condensar em volta de si uma porção d'elle, proporcional á sua massa.

Uma ultima consideração nos leva a admittir que o ar existe universalmente derramado em todo o espaço: é a constancia da composição do ar terrestre, apezar das causas que tendem a perturbar a proporção dos differentes gazes, que formam esta mistura. Assim os volcões, as acções chimicas naturaes ou artificiaes, os phenomenos de respiração vegetal e animal, tendem a modificar continuamente esta composição, que todavia fica quasi inalteravel. Como explicar este facto? É preciso admittir que os animaes desinvolvem precisamente uma quantidade de acido carbonico egual á que decompõem os vegetaes? Que as reacções chimicas que se produzem natural ou artificialmente, tendem a compensar-se mutuamente, e constantemente a restabelecer o equilibrio? Esta conclusão não é admissivel, se existe um outro meio de explicar o facto. Ora, a proposição de que o ar existe universalmente derramado no espaço, basta perfeitamente para a explicação da constancia na composição da atmosphera. Com effeito, concebe-se que esta composição possa ser momentaneamente perturbada, quer por desinvolvimentos de gazes volcanicos ou artificiaes, quer pela respiração animal ou vegetal; mas o equilibrio deve constantemente restabelecer-se pela troca continua d'ar entre o dos espaços celestes e o de cada globo, e do nosso em particular. A força centrifuga diminuindo a acção da gravidade no equador, a uma certa altura, a acção da gravidade sobre o ar deve ser destruida pela força centrifuga. 'Nesta altura o ar deve ser lançado no espaço, isto é adquirir o seu ultimo gráo de rarefação, aquelle que tem nos espaços interplanetarios. Mas o ar das regiões boreaes, onde a gravidade não é equilibrada pela força centrifuga, deve-se precipitar para as regiões equatoriaes para ahi encher o vacuo; então novas quantidades d'ar derramadas no espaço, são continuamente attraídas para os polos, para substituir aquellas que se precipitam para as regiões equatoriaes. Portanto opera-se uma mudança continua d'ar entre o que involve cada globo celeste e o que existe derramado no espaço; o que explica o motivo porque a proporção da mistura dos gazes que formam a atmosphera terrestre, fica quasi invariavel.

Poder-se-ia objectar a esta proposição da universalidade do ar, que se fosse assim, os planetas deveriam experimentar retardação no seu movimento de revolução em volta do

sol. A esta objecção respondemos que resulta dos calculos de Newton a este respeito, que a 70 leguas de altura sómente acima da superficie da terra, o ar seria 75 milhões de milhões de vezes mais raro do que na superficie da terra ; de maneira que 'neste meio, Jupiter perderia sómente a mellionesima parte do seu movimento 'num milhão de annos.

Se as considerações que acabamos de desenvolver, são sufficientes, como accreditamos, para estabelecer a existencia de atmosphera e mares na lua, resulta que a vida animal e vegetal, deve tambem existir na superficie do nosso satellite. Entretanto, como as condições d'atmosphera, temperatura, luz, gravidade, etc., differem consideravelmente das que tem logar sobre o nosso globo, nada com certeza se póde affirmar do gráo de desinvolvimento, que ahi tenha adquirido a vida vegetal e animal.

APONTAMENTOS

Para a continuação da Bibliotheca Lusitana.

II.

Antonio Soares Barbosa.

Continuado de pag. 262 do 5.º vol.

Quem tiver conhecimento do estado de confusão, em que, entre nós, se achavam os estudos philosophicos no primeiro quartel do seculo XVIII, da grande multidão de preceitos inuteis, que se ensinavam em nossas escholas, das futeis e impertinentes questiunculas, que 'nellas se ventilavam (que sómente serviam de alimentar entendimentos frivolos e temerarios), não póde deixar de maravilhar-se, ao ver o predominio do bom gosto, e de uma judiciosa critica em alguns escriptos publicados proximamente a essa epocha, a despeito dos embaraços, que deveria suscitar ao progresso de todo o genero de estudos tão ruim methodo de ensino.

Em verdade vemos (para falarmos de livro muito conhecido) no *Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra* discutidas as mais famosas theorias, então seguidas nas mais famosas Academias da Europa, determinado o valor litterario das obras de maior nomeada, examinadas e avaliadas as falhas e imperfeições dos systemas scientificos, as bondades dos methodos de ensino, e milhares de outras questões difficeis, e tudo isto com tamanho tino, e profundidade de conhecimentos, que antes deve julgar-se aquelle escripto uma prova irrefragavel de aproveitamento na cultura de todas as boas artes e sciencias, do que documento de nossa litteraria decadencia, que 'nelle se pretende demonstrar.

Assim como em meio de geral barbaridade tivemos litteratos, que escreveram com pureza, conservando sempre acceso o puro fogo vestal em honra da linguagem, da mesma sorte no meio de uma inteira desorganisação das letras e sciencias appareceram homens doutos, que, livrando-se cautelosamente da eiva perniciosa de seu tempo, fizeram sahir turbilhões de brilhantissima luz d'entre as mais caliginosas trévas.

Temos um prazer intimo, ineffavel, quando se nos offerece occasião de tributar nossa homenagem de respeito e admiração a algum d'estes varões prestantes, fazendo seu nome, e suas obras conhecidas.

Se ao amor, que nos devóra, pelo esplendor de nossas letras, e decóro e renome de seus cultores, podesse egualar nosso talento, que bem mesquinho o conhecemos, não jazeriam *ainda sepultados em esquecimento* inglorio tantos d'estes benemeritos, dignissimos de ser lembrados, e bem conhecidos.

Continuaremos, al-de-menos, a traçar imperfeitissimos esboços d'esses magestosos quadros; tempo virá, cremol-o com vivissima fé, que algum habil artista os acabe, e desempenhe cabalmente.

Irmão no sangue, na vastidão de conhecimentos, profissão, e dignidades, é justo, que, após a noticia, que 'neste jornal [1] publicámos, de Jeronymo Soares Barbosa, demos a de Antonio Soares Barbosa; e mais tarde, se a saude nos não faltar, falaremos de Nicolau Soares Barbosa — triumvirato venerando, tão prestadio e vantajoso á patria litteratura, como o foram outros Barbosas, cuja memoria ainda hoje nos é cara pelas obras inestimaveis, que nos deixaram, fructo de muitas vigilias.

Antonio Soares Barbosa nasceu em Ancião a 5 de maio de 1734. Foi educado no Seminario Episcopal de Coimbra, e 'nelle se ordenou de presbytero, e exerceu o cargo de mestre.

Em 16 de junho de 1761 fêz a sua formatura em canones, e aos 20 de fevereiro de 1767 foi despachado professor de logica na Universidade de Coimbra; lente proprietario do primeiro anno philosophico [2] em 9 de outubro de 1772; egualado á cadeira de historia natural em 10 de julho de 1782; jubilado na dicta faculdade de philosophia em 23 de fevereiro de 1790; nomeado decano da mesma faculdade em 29 de março de 1791; socio

[1] Vol. V. Num. 22.

[2] A logica, metaphysica, e ethica (philosophia racional e moral) eram, então, as materias do ensino d'este anno, como ainda hoje o são em algumas Universidades de Allemanha; mais tarde passou para o collegio das artes esta cadeira, onde se tem conservado até agora.

da academia real das sciencias de Lisboa em 1789 (?); deputado da directoria geral dos estudos na creação da mesma junta a 11 de dezembro de 1799.

Faleceu aos 3 de abril de 1801.

Escreveu;

1.° *Compendio da historia do antigo e novo testamento com as razões, com que se prova a verdade da nossa religião: traduzido da lingua franceza para instrucção da mocidade portugueza, e dedicado ao Ex.mo e Rev.mo senhor D. Miguel da Annunciação, bispo de Coimbra, conde de Arganil etc., para uso da sua diocese, e seminario de J. M. J.* — Lisboa 1765 — 8.°[1]

2.° *Discurso sobre o bom e verdadeiro gosto na philosophia, offerecido ao Ill.mo e Ex.mo sr. Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, do conselho de S. M., e seu ministro, e secretario de Estado, etc, etc. por seu auctor, o padre Antonio Soares Barbosa, natural de Ancião no bispado de Coimbra.* — Lisboa 1766 — 4.°

Não será fóra de proposito indicar o conceito, que d'este opusculo fizeram os varões eruditos, que o censuraram.

O Dr. Fr. João Baptista de S. Caetano diz:

«O discurso, que o padre Antonio Soares Barbosa, formou, e quer fazer imprimir, *sobre o bom gosto na philosophia*, que elle com tanta honra sua, e proveito de seus discipulos ensina no bem regulado seminario, que furdou e tem estabelecido o ex.mo bispo conde, um dos mais sabios e exemplares prelados d'este reino, acredita o seu auctor, dá testemunho a favor da restauração das letras em Portugal, etc.»

É de muita auctoridade a censura do Dr. Fr. Manuel do Cenaculo, um dos grandes eruditos do seculo passado.

«O auctor d'este discurso viu com indifferença e reflexão a indole da philosophia em todas as suas especies, e os diversos methodos, com que ella tem sido cultivada. Penetrou-se do abuso, com que muitos homens, ou por ignorancia, ou por obstinação, tentaram perpetuar um costume de saber sem fundo, sem gosto, e sem proveito, e injurioso á capacidade da alma racional, que é digna só das verdades, e da perfeição.»

«O exame scientifico, que o auctor mostra haver empregado para descubrir um modo depurado e preciso de philosophar, tambem o animou contra o seu systema implicado e moroso, por meio do qual têm querido outros buscar ou entreter-se no conhecimento das cousas, que é independente, e inimigo de accessorios prolixos e inuteis.»

«'Neste escripto mostra-se o A. verdadeiramente amigo de seus compatriotas, sollicito pelo bem público, e capaz de pronunciar com decisão, pela experiencia, que adquiriu, e communicou á mocidade com tanta distincção em Coimbra, nó seminario exemplar, e merecedor da mais nobre emulação, que, para utilidade e credito de sua diocese, erigiu seu ex.mo prelado.»

«Persuade este bom philosopho a necessidade, a importancia, e o methodo de ser a applicação philosophica bem regulada, bem seguida, e simples, util á religião, e ao mundo physico.»

«Offerece um estimulo, para que os professores das outras faculdades, ainda os de melhores estudos dissipem a impertinente diffusão, com que mais se confundem, do que são illustradas as doutrinas, etc.»

Adrien Balbi no seu *Essai Statistique sur le royaume de Portugal et Algarve pag.* XXXVIII diz que este discurso fôra o que grangeára a seu A. a honrosa distincção de ser chamado pelo Marquez de Pombal em 1772 para formar, com os doutores *Vandelli e Dalabella*, a primeira faculdade de philosophia, que os estatutos da Universidade acabavam de crear.

3.° *Tractado Elementar da philosophia moral por Antonio Soares Barbosa, lente jubilado, e decano da faculdade de philosophia na Universidade de Coimbra, e socio effectivo da academia real das sciencias de Lisboa.* Coimbra 1792 — 3 vol. 8.°

Este Tractado, producto dos estudos e meditações de muitos annos, que seu auctor empregou no ensino da philosophia racional e moral, é o modelo da mais profunda e circumstanciada analyse; é um preciosissimo monumento do merito litterario de seu auctor, e um brasão dos mais gloriosos para a faculdade philosophica da Universidade de Coimbra. É um livro, que todos os eruditos se devem presar de possuir, e lêr.

O sr. Dr. Vicente Ferrer, com aquelle fino discernimento, que ninguem lhe contesta, para conhecer o melhor, que se acha escripto sobre este assumpto, apanhou d'esta obra tudo quanto julgou de mais estremada valia para o seu *Curso de direito natural*. Este facto é poderoso abonador do merito da obra, de que tractamos.

4.° *Elevações a Deus sobre todos os mysterios da religião christã — Trad. de Guadagnini.* Coimbra 1798 — 8.°

5.° *Memoria sobre a causa da doença, chamada ferrugem, que vai grassando nos olivaes de Portugal. Por Antonio Soares Barbosa.*

Foi impressa no tomo 3.° das memorias economicas para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria portugueza, publicadas pela academia real das sciencias de Lisboa.

6.° *Observações sobre um Hygrometro Vegetal. Por Antonio Soares Barbosa.*

[1] Esta obra foi auctorisada pelo conselho superior de Instrucção pública para uso das escholas públicas e particulares. — *Almanak de Instrucção Pública — pag.* 207.

Foi impressa no tomo 1.º das memorias da academia real das sciencias de Lisboa.

É bem sabido, quantas difficuldades ha em chegar a adquirir conhecimentos profundos em materias, cujos principios elementares se não hajam aprendido em edade conveniente; venceu, porém, esta grande difficuldade Antonio Soares Barbosa pelos esforços da mais aturada applicação, chegando a adquirir os conhecimentos physicos, que formavam a base dos differentes cursos da faculdade de philosophia.

7.º *Educação, e instrucção christã, em forma de cathecismo, por outro nome cathecismo de Napoles. Trad.* — 3 vol. (Inedito).

8.º *Cathecismo sobre a egreja, traduzido, e accrescentado.* 8.º — (Inedito).

9.º *Cathecismo sobre o sacrosanto sacrificio da Missa.* 8.º (Inedito).

10.º *Exposição do decreto do Concilio Tridentino sobre as indulgencias.* 8.º (Inedito).

11.º *Carta de um theologo sobre a distincção das duas religiões, natural, e revelada. Trad. do abbade Pelvert.* 8.º (Inedito).

12.º *Exame analytico da proposta de um parocho contra o parecer sobre os actos de fé, esperança, e caridade.* 8.º (Inedito).

13.º *Deducção theologica da censura feita pela auctoridade episcopal de Coimbra ás theses, que, para acto de conclusões magnas, offereceu D. José de Jesus Maria, collegial do collegio novo de Sancta Cruz de Coimbra em julho de* 1796. (Inedito).

As mencionadas theses, tendo passado pela censura academica, foram apresentadas ao ordinario, que as censurou com a prudencia e madureza propria do caracter do Ex.^mo D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.

Suscitou-se porém dúvidas sobre a execução da censura episcopal; foi encarregado Antonio Soares Barbosa de sustentar a exactidão das censuras, o que executou, desinvolvendo (segundo affirmam juizes competentes) os mais abalisados conhecimentos theologicos, e domonstrando com tanta evidencia como moderação e cordura a verdade das dictas censuras [1].

Houvéramos de fazer um longo discurso, se por ventura aqui tambem mencionassemos as relevantes qualidades moraes, que ornaram Antonio Soares Barbosa (que a virtude casa-se muito bem com a sciencia), e a respeitosa consideração, que por ellas obteve dos Ex.^mos reitores da Universidade, e bispos de Coimbra, com os quaes sempre viveu em intima amizade; estas particularidades, aliás interessantes, omittimos nós por conta da brevidade, que 'nestes apontamentos assentámos guardar.

Continúa. F. A. R. DE GUSMÃO.

[1] Esta questão tomou grande vulto, e deu occasião a algumas ordens regias, que seria util publicar.

BIBLIOGRAPHIA.

Noticia da vida e trabalhos scientificos do medico Bernardino Antonio Gomes.

Poucas são hoje as nações que não possuam a biographia dos seus *homens uteis*, d'aquelles que nas sciencias ou na litteratura, nas artes ou na industria, prestaram importantes serviços, e honraram a sua patria. Portugal infelizmente pertence a essa minoria. As vidas dos portuguezes illustres sómente são conhecidas por um pequeno numero de pessoas, que mais especialmente se dedicam a estudal-as. Nem admira que assim aconteça. O trabalho de que se ha mister para, 'neste ponto, chegar ao mais pequeno resultado é tão penoso, tão longo e quasi sempre tão enfadonho, que poucos ha que o tentem, e muito poucos que o levem ao cabo. A maior parte contentam-se com as noções superficiaes e muitas vezes pouco exactas, que depois d'uma curta indagação pódem colher. Não descem a uma analyse profunda, como o demanda a materia, só porque é difficil reunir todas as condições intellectuaes que requer este serio e profundo exame, e não é menos difficil possuir a paciencia e constancia indispensaveis para desempenharem tão ardua tarefa.

Os inconvenientes d'este estado de cousas são bem obvios, tão obvios que até escusamos apresental-os. É innegavel que faria grande serviço, e se tornaria credor dos maiores elogios aquelle que tentasse encher esta lacuna com uma collecção de biographias exactas e completas. Confiamos em que este trabalho não tardará a ver a luz pública; a sua necessidade é tal que não póde deixar de resolver algum zeloso cultor das letras patrias a emprehendel-o.

Deixemos, porém, estas considerações que nos levariam muito longe; occupamo-nos d'uma obra duplicadamente interessante pelo seu auctor e pelo objecto sobre que versa.

Tributo filial pago a uma memoria cara e veneranda a *Noticia da vida e trabalhos scientificos do Dr. Gomes*, revela no seu auctor estimaveis qualidades litterarias que é pouco vulgar encontrar reunidas. As descobertas e novas applicações de que a sciencia é devedora ao Dr. Gomes, são apresentadas e discutidas com a bem conhecida proficiencia do auctor. O methodo e clareza com que a memoria é escripta, junctamente com a fluencia e amenidade do estylo, tornam a sua leitura comprehensivel, e mesmo agradavel ainda para os não versados no conhecimento das sciencias naturaes. O auctor mostra que aos seus estudos scientificos soube junctar os litterarios; sem deixar de ser escriptor profundo, conseguiu ser ao mesmo tempo escriptor elegante.

O objecto de que tinha a occupar-se era digno de prender-lhe a attenção. Se a vida do Dr. Gomes foi curta, não podia comtudo ser mais bem empregada. É o caso de sem exageração dizer-se que a consumiu em proveito das sciencias, a que se dedicára. Como medico e como botanico o Dr. Gomes prestou relevantes serviços que jámais serão esquecidos: com a descoberta do cinchonino, um dos principios immediatos da quina, fez dar á sciencia um grande passo e concorreu poderosamente para que alguns annos depois se separasse o quinino; com as suas observações sobre varias plantas brasileiras, « não só fez conhecer 15 especies de plantas, algumas inteiramente novas, mas achou mesmo dois generos egualmente novos; » com o impulso que deu aos estudos vaccinicos ajudou muito a propagar a grande descoberta de Jenner; com os seus trabalhos, como medico das esquadras e dos hospitaes navaes conseguiu regularizar o serviço da policia sanitaria, salvar o vida a centenares de enfermos, e « concorrer para que a bandeira portugueza continuasse segura a percorrer os mares onde sempre fôra temida de inimigos, e respeitada de todos. » Estes serviços e muitos outros que seria impossivel aqui ennumerar, grangearam ao Dr. Gomes uma justa e merecida consideração dentro e fóra do seu paiz; elle teve « a satisfação de deixar 'neste mundo a lembrança de uma existencia util; » pôde transmittir a seus filhos a herança de um nome honrado e respeitado. 'Nisso foi que consistiu a sua principal recompensa; do mesmo modo que quasi todos os homens illustres, elle teve algumas vezes de soffrer injustiças; viu os seus serviços despresados por aquelles que mais valor lhes deviam dar, mas na opinião pública achou sempre plena e inteira justiça, e completo desaggravo das parcialidades dos governantes.

O auctor da *Noticia* alcançou o fim a que aspirava; conseguiu fazer devidamente conhecer e apreciar um homem illustre pela sua sciencia, util pelos seus trabalhos. Pela nossa parte agradecemos ao nosso digno consocio o prazer que nos causou a leitura da sua memoria, e pedimos-lhe venia de havermos ousado fallar de assumptos a que somos tão completamente estranhos.

S. H.

NOTICIARIO.

A agricultura na China. — A terra é cultivada na China com toda a perfeição, e na maior escala que é possivel. A agricultura é honrada, o lavrador merece tanta consideração pública, como os litteratos e sabios; e todavia a producção do solo é insufficiente para alimentar a immensa população do celeste imperio. A pesca prehenche a lacuna. Póde calcular-se no decimo da população o numero dos pescadores. Não ha artificios de pescar, que não sejam conhecidos na China, desde o singelo processo á cana até ás immensas redes d'arrastar medindo muitas milhas, desde a pesca solitaria á borda de um rio até ás pescarias no mar por meio de milhares de barcos. De dia e de noite, durante horas e semanas inteiras, o pescador chim trabalha com as redes, e apanha grande copia de peixe.

Por toda a parte o solo é cultivado com esmero. O mais pequeno canto de terra é habilmente aproveitado; nas montanhas mais ingremes são construidos terraplenos que produzem admiravelmente. Cousa alguma que possa servir para estrume é despresada. A limpeza das ruas nas cidades, é feita em grande escala, e mais com o fim de beneficiar os campos, do que em cumprimento dos preceitos da hygiene. O serviço da salubridade pública, que em geral é tão bem dirigido na Europa, é desconhecido na China, e nos grandes centros de população reinam frequentes vezes as febres e outras molestias d'infecção, devidas ás emanações fetidas dos depositos d'immundiças, que os especuladores conservam para vender aos proprietarios ruraes.

Na colonia de Hong-Kong exige-se á terra toda a producção que ella póde dar mais facilmente e em maior abundancia. A perfeita lavra do solo é reputada como um dever politico e social. Yung-Ching, um dos sabios mais venerados dos Chins, diz — « não deixeis um pé de terra sem cultura, um par de braços sem trabalho; » — e a quarta maxima do livro sagrado de Kang-Hi, que a religião manda ler no primeiro e decimo quinto dia lunar, na presença de todos os funccionarios do Estado, é assim redigida — « concedei á agricultura o primeiro logar, e á amoreira o primeiro posto, para que não faltem nem alimentos nem vestidos. » — Shia-Nung, nome do mais antigo e mais respeitado imperador da China, significa — *divino lavrador*.

Sociedade d'acclimatação em França. — Esta associação acaba de receber os seguintes animaes, que lhe envia da Asia M. Montigny.

Quatro magnificos elephantes, de 6 annos d'edade, 3 machos e uma femea — um enorme tapirete ou Anta do Brazil — um touro e uma bella vacca, da raça *geba* ou *corcovada* — uma especie de touro selvagem com immensos cornos e dotado d'extraordinaria força — quatro cabras brancas do Thibet, e um magnifico bode — dous enormes orangotangos — um soberbo cazoar negro, ou Ema da Asia,

do interior do Borneo, a qual tem debaixo do bico duas membranas vermelhas e azues de 1 pé de comprimento; tem a cabeça azul, e as pernas duas vezes mais grossas do que as do abestruz.

A mesma sociedade espera ainda alguns tigres reaes e uma especie de boi monstruoso, das florestas de Loos, animal, que parece inteiramente desconhecido, e que por sua grandeza se assemelha ao elephante.

Além de tão valiosa remessa, recebeu tambem alguns productos do reino vegetal, muito curiosos e interessantes, taes como alguns tuberculos feculentos e glutinosos, completamente novos na Europa, e que são a providencia dos habitantes da Asia, e seguro recurso contra a fome; e em fim, certa quantidade de sementes de sorgho saccarino, arroz de sequeiro, e ervilhas oleoginosas.

Producção do algodão.—De documentos authenticos, publicados em Inglaterra, resultam os seguintes factos sobre a producção do algodão, que por seu interesse e curiosidade merecem ser transcriptos neste jornal.

No principio d'este seculo, a importação de saccas d'algodão na Grã-Bretanha, era unicamente de 75:000 por anno, e hoje é de 2.100:000. O resto da Europa e os Estados-Unidos, que nessa epocha não possuiam manufactura alguma, empregam actualmente 1.900:000 saccas d'algodão mais que a somma já citada, não fallando do consumo da Asia. D'estes 4 milhões de saccas d'algodão, os $\frac{3}{4}$ são fornecidos pela America.

O valor da industria do algodão em todo o mundo é calculado em 120:000:000 libras *sterl.* A população da Grã-Bretanha emprega por anno, pouco mais ou menos, 20 *francos* por cabeça. A Inglaterra exporta para os Estados Unidos os seus productos manufacturados pelo preço de 3 fr. e 85 *cent.*, annualmente, por cabeça; para as suas colonias da America do Norte, a razão de 7 fr. e 75 *cent.*; para a França o valor de 10 *cent.*; para as suas possessões da India, o de 80 *cent.*; para a Russia, o de 13 *cent.* sómente. A Inglaterra, os Estados Unidos, e principalmente a França, manufacturam quasi todos os productos do algodão, necessarios á sua população, mas a Russia recebe esta manufactura d'outros paizes.

Avaliando a população do globo em 850 milhões d'habitantes, vê-se que o termo medio do consumo d'objectos d'algodão manufacturado para cada um d'elles, homem, mulher, ou criança, é apenas de 3 fr. e 50 *cent.*

Aquarium do collegio de França.—*Aquarium*, nome auctorisado por elegante latinidade, designa um reservatorio d'agua artificial, destinado para conservar vivos os animaes ou vegetaes que habitam as aguas doces ou salgadas.

A redoma ou vaso de vidro, de fórma quasi espherica, em que se conservam os peixes vermelhos é um verdadeiro *aquarium;* é o *aquarium* caseiro e domestico; o *aquarium* do amador, para não dizer do burguez. Imaginemos um vaso de vidro de maiores dimensões, e teremos um *aquarium* scientifico, proprio para os seres que vivem na agua doce ou na agua salgada, conforme a qualidade da agua que contém.

É um *aquarium* marino o reservatorio que actualmente se está a construir no collegio de França; a sua capacidade é calculada para conter um grande numero d'animaes das especies mais curiosas, e ainda imperfeitamente conhecidas, què habitam o mar.

Este reservatorio, de fórma rectangular, é composto de quatro columnas de ferro fundido, e de quatro vidraças, mantidas por caixilhos de ferro. Uma pedra azul da Belgica fórma o fundo da bacia. O reservatorio deve ser cheio de agua do mar, artificial, preparada por meio de convenientes porporções de sal marino, sulfato de magnesia, chlorureto de magnesio e de potassio. A agua é renovada continuamente; uma pequena roda, que mergulha no liquido, e que é movida por uma manivella, serve para agitar a agua, de tempos a tempos, com o fim de a arejar, e produzir as pequenas vagas que parecem necessarias para a existencia dos seres marinos.

Se o reservatorio fosse exclusivamente habitado por animaes, a agua bem depressa se corrompia: reconheceu-se por tanto a necessidade d'introduzir no *aquarium* plantas em pleno estado de vegetação. Os peixes exhalam acido carbonico, necessario á vida das plantas, e estas desenvolvem oxigenio, indispensavel para a respiração dos peixes.

O fundo do *aquarium* será occupado por algas, varechs, ou sargaças do mar, e outras plantas marinas, vivendo sobre um leito de areia, de rochas, e de seixos. Sobre esta camada mineral lançam-se buzios, estrellas do mar, sibas, todas as variedades d'actinias, ou anemonas marinhas, sertularias, labros, pequenos pteropodes, que as baleias consomem por milhões, sem fallar de uma grande legião d'annelides, muito curiosas.

Em summa, o *aquarium* marino, estabelecido por M. Costa no collegio de França, conservará vivas grande numero d'especies zoologicas, que muito convém estudar, e servirá com vantagem para os ensaios de fecundação artificial.

A invenção dos *aquaria* marinos é de recente data. Foi no jardim botanico de Londres, que pela primeira vez foram estabelecidos.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

DECLARAÇÃO.

O *Instituto* não é jornal do conselho superior. Acceitando com rendido agradecimento as peças officiaes, que a secretaria do conselho se digna de lhe communicar, julga fazer serviço importante ao público, dando conta do movimento da repartição litteraria. Fique-se assim entendendo.

O sr. A. F. de Castilho, honrando a redacção do jornal com um exemplar da introducção á nova edição do seu livro, rogou que d'ella se fizesse juizo sincero e franco. Assim o fez a redacção, por satisfazer o desejo do sr. Castilho. Se bem, ou mal, não somos nós competentes para o julgar. Respeitámos religiosamente os factos: escutámos a opinião dos povos; e procurámos saber quanto officialmente constava na repartição competente.

Não nos maravilha a polemica litteraria, que se pretende sustentar por occasião do artigo alludido. Admiramos cada vez mais a imaginação fecundissima do nosso poeta insigne; mas não vemos argumentos, nem factos reconhecidos e provados, que nos demovam do juizo emittido. Respeitamos a opinião do auctor do livro, louvamos o amor da paternidade com que encarece o seu methodo; mas elle sabe que para convencer não basta o bom desejo, nem mesmo a convicção propria. Quando os factos da brevidade e melhoramento no ensino nos mostrarem a verdade, seremos os primeiros em abaixar-lhe a cabeça. Por ora nas provincias não os vemos; e na capital somos apoiados pela Academia das sciencias, pelas auctoridades litterarias, e pelos professores. Não ignoramos as exigencias da instrucção primaria, confessamos a necessidade da reforma: mas não temos em conta de progresso toda a innovação; sabemos que o progresso tambem está em retroceder na desordem; e julgamos cem vezes mais perigosa a mania das innovações, do que o fanatismo da immobilidade. Se estamos em erro, não é a asserção gratuita do sr. Castilho, já gasta á força de repetida, que nos ha de desenganar. Aguarde elle a sua sentença do supremo jury nacional, unico juiz competente. Poderia ter-se auctorisado com votos muito respeitaveis, se houvera submettido o seu methodo ás exposições, e congressos, em que a instrucção primaria tem encontrado no estrangeiro logar distincto. Talvez lhe fosse mais util esse modo de proceder, do que repetir por escripto o que sempre tem dicto, sem que acrescente uma idêa nova.

Deixe-nos o sr. Castilho ir mais de vagar em materia de instrucção e educação pública. O vapor não póde ser applicado a tudo: e talvez cheguemos mais depressa ao ponto que todos nós miramos. *Os RR.*

INSTITUTO DE COIMBRA.

O seguinte discurso foi recitado em sessão pública do Instituto, no dia 10 de maio de 1856; e ainda que algum tanto alterado na fórma, o seu pensamento, argumentos, e deducção historica, conserva-se como alli foi recitado.

Não é mais do que uma rapida, e ligeira vista sobre a litteratura dos seculos que passaram; e nem mesmo as dimensões d'este periodico comportavám mais largo, e detido trabalho sobre similhante objecto.

Sirva elle ao menos de nucleo, ao qual possam mais habeis pennas, aggregar outras recordações, e soltar as dúvidas á cêrca do programma que 'nelle se desinvolve, pois só para tal fim aqui vai ser estampado.

DISCURSO

Sobre o começo da litteratura entre nós e seu desinvolvimento.

I.

Entre as questões litterarias que devem mais prender a nossa attenção pelo interesse que causa o seu conhecimento e desinvolução, mostrando-nos o progresso do estudo, e o aperfeiçoamento da sociedade civil, será, de certo, aquella que offerecer ao nosso juizo, e contemplação, qual tem sido, e é actualmente, o estado da litteratura entre nós desde os principios da monarchia. Qual era a linguagem dominante 'naquelles seculos? Que progressos fez, e por que phases tem passado a sua cultura? Marcha ainda ávante, ou declina?

Todas estas perguntas, e outras mais que

por ventura se podem fazer, offerecem aos olhos da analyse um campo tão vasto, um tão dilatado horisonte, que mal póde o pensamento abrangel-o, e muito menos a vista estender-se em sua vasta circumferencia, sem que o observador, similhante ao viajante, perdido no meio dos areaes desertos, não sossobre, contemplando o espaço infinito que tem a atravessar, para chegar ao ponto em que deve concluir a sua jornada. Attrahido por este pensamento, e desejando discutir em público este programma, entendêra o Instituto ser o objecto digno dos seus desvelos, e como tal o déra para discussão em uma das sessões do anno passado. Não teve successo algum este pensamento; e pondo de parte alguns socios que fallaram genericamente sobre elle, ninguem seguiu a sua discussão, e a causa ficando desamparada, teve o destino, que de ordinario acompanha as mais discretas intenções, e as mais acertadas lembranças que d'ordinario se mallogram, e não têm andamento.

Imitando, ou querendo imitar os Ximenes, y Masarins e Pitts, a maior parte dos nossos litteratos mettendo-se no vasto campo da politica, deixam o da litteratura; e esta, entregue aos seus proprios recursos, marcha vagarosa no seu caminho arido e difficil, em quanto aquelles ostentando sua loução̧ania tractam sómente de seus interesses individuaes. Cheio de indignação e zanga á vista de tantos desvarios, e no meio da corrupção da antiga Roma, exclamava o satirico Juvenal — Quem ha por ahi tão de ferro, e tão paciente, que possa conter-se, á vista de tantas torpezas e de tão grandes desatinos? — Deixemos pois o campo aberto á politica, para por elle correrem ás soltas os seus iniciados, e occupemonos como sociedade litteraria, cuja boa fama desejamos, em objecto que tenha mais proxima relação com a ardua e difficil republica das lettras.

Se o engrandecimento da litteratura nos mais cultos seculos da antiga Roma, marca a épocha do seu maior brilhantismo, poder e gloria; na sua decadencia observamos o seu progressivo enfraquecimento, physico e intellectual, até vir desmoronar-se aquelle collosso nas mãos dos barbaros, não enxergando já suas ruinas que mal se podem divisar com o arrebatado e rapido volver dos seculos. Persuadidos, como estamos, de que a prosperidade e grandeza das nações está na razão directa do seu desinvolvimento moral, e aperfeiçoamento intellectual, veremos e notaremos como entre nós começa a litteratura, como se vai desinvolvendo, como marcha, ou como descahe á proporção que o reino se dilata, que sua gloria se augmenta, ou fica escurecida com as phases e vicissitudes inseparaveis dos fastos das nações.

Athenas salvou-se do esquecimento, a que o destino condemna as obras da humanidade, pelos monumentos que d'ella nos deixaram, Themistocles e Phocion, pelas armas; Platão e Aristoteles, pela litteratura; Eschines e Demosthenes, pela eloquencia; Thucidides, Herodoto, e o grande Plutarcho, pela historia e annaes; Homero, Pindaro e Anacreonte pelos seus cantos harmoniosos e cheios de doçura.

A memoria gloriosa d'essa altiva e orgulhosa cidade, dominadora do mundo, ainda gira na pressurosa carreira dos seculos, porque a fizeram grande pelas armas os Fabios, Scipiões, Pompeos, e Marios: pelas lettras Tito Livio com sua historia, transmittindo-nos seus feitos gloriosos, que devem durar tanto, quanto durar o mundo: Cicero por sua eloquencia movendo o auditorio a favor ou contra um palido e enfiado reu, já quando declama *contra um Verres, ou conjurado Catilina*, já quando o sensibilisa a favor de um Quinto Ligario, ou de um M. Milão: Estacio, Virgilio, Horacio, Lucrecio, e o terno Ovidio, nas harmoniosas canções, e sonoras frautas, muito superiores ás trombetas gregas. Quem se recordaria hoje de taes imperios, e de tão grandes feitos, se as acções valorosas de seus heroes, não tivessem sido transmitidas á mais remota posteridade pelos seus discretos historiadores e facundissimos philosophos?

As antigas armadas gregas, e macedonias, não transpozeram jámais as columnas d'Hercules, nem as mortiferas, e devastadoras aguias romanas poderam nunca passar os tropicos. Este facto immortal, por altos destinos da providencia, estava reservado aos portuguezes, que sulcando os mares em todas as direcções, abriram á Europa assombrada caminhos desconhecidos, trazendo-nos de tão remotos climas as ricas preciosidades, e os finissimos perfumes do Oriente. E quem nos transmittiria o deposito de tanta gloria, se não fosse a penna eloquente de nossos hostoriadores, e a lira harmoniosa de nossos poetas?

Grande intervallo de seculos tinha passado sem que aos systemas, já conhecidos, de Platão e Aristoteles, outros novamente inventados succedessem, e apenas os philosophos d'estas escholas lhes faziam commentarios, e analyses conforme seus conhecimentos. Porfirio, Jamblico, Plotino e outros, fundaram suas escholas sobre estes mesmos systemas, segundo suas theorias, com maior ou menor modificação, até á dominação dos godos. Para desgraça, e flagello da humanidade, desceu lá d'essas geladas e frias regiões hyperboreas um Alarico, um Genserico, um Attila, e um Totila, que correndo a redondeza da terra, a deixam em um lago de sangue, e seus monumentos são totalmente destruidos. As artes e as sciencias desapparecem, e as trevas da ignorancia condensam-se por toda ella. Se a consecutiva dominação dos arabes continúa a mesma barbaridade, e a mesma ignoran-

cia, ainda a elles somos devedores de grande serviço á litteratura. Averroes e Avicena, medicos arabes, salvam da devastação dos godos os preciosos escriptos dos gregos; e o primeiro d'estes junctando em Marrocos e suas visinhanças grande cabedal de livros, salva-nos do anniquilamento em que estavam as preciosas decadas de Tito Livio, ainda ha poucos annos descobertas em Fez, e que hoje completam a sua historia: assim se salvassem tambem os fragmentos, que ainda faltam do eximio orador romano, que tractam da republica, cuja apreciação poderemos fazer, pelo que d'elles se encontra em Euzebio e Lactancio! Uma notavel circumstancia se dá em todos estes successos; porque ao mesmo passo que a invasão dos barbaros no seculo V, faz fugir do occidente da Europa as artes e as sciencias para o oriente; dez seculos depois, outra invasão de barbaros em Constantinopla, as faz voltar em sentido contrario, ao logar d'onde primeiro tinham fugido, com a tomada da mesma cidade no seculo XV: e do mesmo modo que o califa Omar faz lançar o fogo á famosa bibliotheca d'Alexandria no seculo VII, privando o genero humano dos preciosos thesouros 'nella depositados; outro califa de Bagdad, Aaron Alraschid, faz copiar em Constantinopla os melhores livros e preciosos manuscriptos da sua livraria. Gloria que com jactancia póde arrogar-se, em desforra da estupida perversidade do de Alexandria!

Mas se aos dominadores arabes ainda é devedora a litteratura de alguns serviços por elles prestados, a sua continuação, pouco a pouco a foi destruindo. O seculo XI nada offerece de notavel, e apenas percebemos um raio de luz, penetrando atravéz das espessas trevas que cobriam toda a Europa. A instituição da cavallaria faz o nucleo d'onde começa a querer apparecer a civilisação. Os trovadores, exaltando as façanhas, e galantarias de seus heroes, seguem e acompanham este periodo de tempo até ao novo apparecimento das lettras, épocha do seu renascimento, que começa a raiar no seculo XIV, e d'elle são inseparaveis. A Toscana é a primeira que nos dá a amostra. O Dante apparece: Petrarcha e Bocace seguem-se logo, e as bellas artes reapparecem com Cimabue e Gioto, tornando-se os mestres da eschola florentina, em que se immortalisaram depois os pinceis de Miguel Angelo, Correggio, Guercini e outros. Mas qual era o estado litterario do nosso reino 'nesses trez seculos decorridos depois da gloriosa acclamação do I Affonso?

Corria já o meado do seculo onze, quando D. Fernando de Castella tomou Coimbra aos mouros. Esta cidade que, com algumas outras da Beira Alta e as terras d'além Douro, fazia parte da provincia de Galliza, foi logo governada por D. Sisnando, que, sendo fidalgo castelhano, tomou o titulo de conde, e governou até sua morte, tendo depois por successor o conde D. Raymundo, casado com D. Urraca filha d'Affonso VI, e que conservou só por um anno o governo, o qual passou para o conde D. Henrique, casado com a outra filha do mesmo rei, por nome D. Thereza, de cujo commercio nasceu Affonso Henriques. Esta provincia fazendo parte da de Galliza, reconheceu durante a vida do sobredicto conde, o dominio e senhorio dos reis de Castella [1], até que D. Affonso Henriques se tornou d'ella independente pelo seu esforço, auxiliado com o do exercito, que então combatia os arabes. Os principios pois do reino de Portugal, datam d'esta épocha em diante. Procurar durante o periodo dos seus governadores o estado da litteratura e das artes na Lusitania coisa difficil será, por não termos memorias, nem documentos, que de tal objecto nos dêem noticias. As contendas suscitadas entre os filhos de D. Fernando ácerca da successão dos seus estados, junctas aos porfiados combates, que era forçoso sustentar com os mouros, senhores da maior parte do reino, obstaram a que se escrevessem memorias, ou se conservassem as que por ventura se escreveram 'neste intervallo; e reduzidos sómente a conjecturas, poderemos apenas ajuizar qual seria a linguagem vulgar 'naquella era. Se combinarmos os documentos do tempo d'este principe, e os do seculo seguinte, veremos facilmente, que a linguagem usada era o latim barbaro, misturado com palavras arabes, francezas e castelhanas, como se deprehende dos documentos que ainda se conservam em nossos archivos, e de que nos dá noticia etymologica com Ducange, o nosso incansavel, e douto auctor do Elucidario, Fr. Joaquim de Sancta Rosa de Viterbo. Não eram só os documentos de doações, compras, e testamentos; os mesmos foraes dados ás terras, e municipios; as mesmas lembranças e apontamentos particulares, acham-se todos escriptos na mesma barbara latinidade e linguagem rude d'aquelle tempo, até á aurora e começo da nossa lingua vulgar; o que me faz acreditar, que nem o latim, nem nenhuma das outras linguas, d'onde a portugueza hoje tira a sua etymologia, era então a dominante, mas o aggregado d'ellas formava a linguagem, e a locução d'aquelle tempo, adoçando-se, pouco a pouco perdendo o seu barbarismo, até chegar a formar a abundancia de phrases, a riqueza d'expressão, a elegancia do estylo, e a euphonia das palavras que encontramos nos nossos poetas e prosadores dos seculos mais cultos da nossa litteratura.

D'aqui podemos concluir que os primeiros trez seculos da monarchia foram absolutamente

[1] Veja-se a memoria sobre o mosteiro da Vacariça, nas Mem. da Academia Real das Sciencias de Lisboa. P. 1.ª

nullos, em grammatica portugueza, e faltos inteiramente de toda a sua linguagem, sem podermos saber, nem sequer apreciar a sua locução em eras tão afastadas, porque só do seculo XV por diante se começam a notar os primeiros rudimentos da lingua *ainda rude, e indigesta*. Para com effeito apreciarmos o estylo e linguagem d'aquelle seculo bastará abrirmos a chronica do *Condestabre* (D. Nuno Alvares Pereira) ha poucos annos impressa no Porto, que posto não traga a era, conhece-se contemporanea do mesmo condestavel e ser portanto dos fins do seculo XIV, ou principios do seguinte, por se referirem 'nella muito por miudo, as acções e vida politica d'este general, escripta toda em um estylo e locução tão barbara, que precisamos, como se leramos uma historia em lingua estranha, o auxilio do elucidario com muita frequencia. E quem será o seu auctor? Não o declara a mesma chronica; mas o tempo em que foi escripta, o estylo de que se serve, indica ser coeva do nosso chronista Fernão Lopes Castanheda, um dos mais antigos que temos, o primeiro que escreveu a do fundador da monarchia, que mais tarde aperfeiçoou Duarte Galvão, tambem chronista mór do reino, segundo o sentir de João de Barros, e André de Resende, que, dizem, aperfeiçoára a sua linguagem e dicção. Tão mal apurada ella se achava ainda 'naquelle seculo!

Atrazada se continua a notar a locução em todo o seculo XV, e sem embargo da lei que mandou exarar em vulgar todos os documentos que até'lli se escreviam em latim, o portuguez, como linguagem, só offerece uma sombra, do que havia de vir a ser no periodo mais culto da nossa litteratura, no seculo seguinte. Christovão Rodrigues Azinheiro, Gomes Eanes d'Azurara, Ruy de Pina, Damião de Góes, e outros deram com suas obras o primeiro signal, com que vieram depois a immortalisar-se as pennas dos Osorios, Sousas, Andrades, Bernardes e outros; e o seculo XVI, ao mesmo passo que offerece o brilhantismo da linguagem na eloquencia de seus historiadores, e na doce frauta de seus poetas, não offerece menos gloria no fulgor das armas, na civilisação e costumes, e no engrandecimento da monarchia, que acompanhava sempre o progresso da litteratura.

O meado d'este mesmo seculo offerece pois aos olhos do philologo o esplendor da nossa gloria, e o brilhantismo da nossa litteratura. Com a mudança da Universidade para Coimbra, quiz D. João III assignalar o seu reinado mandando vir de fóra os professores mais distinctos, que figuravam nas Universidades da Europa. Com esta vinda as sciencias se elevaram, a lingua latina tornou-se vulgar, e chegou a tal ponto que ainda hoje admiramos a elegancia com que escreveu Jeronymo Osorio a vida d'elrei D. Manuel em latim, que faz inveja ao mais puro dos seculos d'Augusto; assim como outros escriptores, que na mesma escreveram para serem conhecidos em paizes estranhos: a lingua hebraica, e a grega, foram tão conhecidas, e tão desveladamente estudadas que o proprio Hypocrates era lido nas aulas pelo original, e na mesma linguagem explicados os aphorismos[1] pelo professor aos seus ouvintes. Tudo quanto havia de bom nos mais cultos estados da Europa, foi conhecido no reino, e o progresso dos estudos entre nós foi tal, que muito antes de ser 'naquella conhecido o vasto imperio de Flora, e Pomona, por não ter apparecido ainda nas margens do Sena um Tournefort, nem nas do Mincio um Zinani, nem ter ainda tambem saido dos gelos da Escandinavia um Linneu para d'elle nos darem noticias, já pelas margens do Ganges passeava um Garcia da Horta, enviando-nos d'aquellas longinquas paragens exemplares das mais raras e desconhecidas plantas. A par dos Thucidides, e Livios, appareciam os Barros, Osorios, e Coutos; e primeiro que o gram Tasso immortalisasse os seus Cruzados na tomada de Jerusalem, já nas margens do Téjo se ouviam os sons belicosos *da canora tuba* de Camões, os conceitos e harmonias de Sá Miranda: e se os eccos das montanhas de Pausilipo repetiam as melodias da flauta de Sanazaro, tambem as margens do Liz, e do Mondego escutavam com attenção os sons queixosos e tristes, que 'nellas soltava Lobo em suas magoadas endeixas.

Não só sabiamos os progressos, que as lettras faziam nos paizes conhecidos, mas a todos sobrepujavamos. As chronicas portuguezas que começaram a ver a luz do dia, no seculo XVI e principios do seguinte, eram com avidez procuradas, e lidas nas côrtes da Europa. As viagens, e roteiros das navegações da India, eram traduzidas nas linguas estranhas, e publicadas 'nessas ficavam ao alcance de todos, para mais tarde, por ellas guiados, muitos aventureiros nos usurparem os direitos, que a prioridade dos descobrimentos nos dava sobre muitos reinos e differentes paizes. Com vento galerno e brando sulcavamos não só os mares desconhecidos, senão tambem os parceis custosos das sciencias e das artes, que todos se nos tornaram faceis, vencidas as difficuldades.

Como inimigos da litteratura, e destruidores do bom gosto, tem hoje a moda, 'neste nosso seculo corrompido, taxado a congregação dos padres jesuitas, uma d'aquellas que grandemente concorreu para o augmento das artes, progresso da civilisação, melhoramento da industria, e conhecimento das sciencias. Mais alto do que estão as vagas declamações de seus apostados inimigos, fallam as obras que

[1] Um distincto professor d'esta Universidade, o Dr. Antonio Honorato, que foi lente jubilado de Mathematica, e director do Observatorio astronomico, nos contou este facto, que por si só explica bem o estudo d'outro tempo!

d'elles temos, e hombream os factos que d'elles sabemos. A civilisação por meio das missões nas vastas regiões das duas Indias, o conhecimento especial dos differentes idiomas dos gentios, a que estes regulares se dedicavam; o exemplo que lhes davam no seu porte, e compostura; a hombridade e lhaneza, com que se empregavam nos mais rudes trabalhos, e no penoso exercicio do ensino e catechese, conquistou á corôa portugueza mais estados, e attrahiu ao seu dominio mais gente, do que as armadas e feitos gloriosos que tanto distinguiram os Almeidas, Castros, Albuquerques e outros. As artes, as sciencias, e a litteratura, foram d'elles tão conhecidas que com afouteza poderemos affirmar que tudo quanto ha de bom no Parnaso, e quanto encerram os vastos dominios de Minerva, se encontra nos claustros d'estes regulares. Parece que as musas, e as sciencias se acolheram debaixo de seus umbraes, para d'alli soltarem seus vôos pelas vastas regiões do mundo.

Eu não quero julgal-os pelo lado da politica, nem aprecial-os pela maior ou menor preponderancia, que poderam adquirir no animo, e conselho dos reis. Todos desejam engolfar-se 'neste pégão, aonde os leva a natural ambição, e se elles como sociedade o conseguiram, nada mais fizeram 'naquelle tempo, que não fosse hoje seguido (como a experiencia nos mostra) pelas diversas sociedades modernas, que se têm formado nos differentes estados do universo.

A julgal-os pelo lado litterario, por onde elles devem ser aqui apreciados, direi afoutamente, que 'nelles se encontra tudo quanto ha de bom e agradavel, não só nas artes e nas sciencias didacticas, senão tambem na poesia, e nos diversos poemas sobre os variados objectos da natureza, cheios de interesse e elegancia, de tal modo que bem lhes poderemos applicar aquelle verso d'Horacio:

« Nil intentatum nostri liquere poetæ. »

Para se fazer a sua apologia, bastará ler a bulla da sua extincção, em que o pontifice guiado pelas idêas do seculo, depois de allegar com vasta erudição os seus serviços, os extingue por motivos politicos, deixando debalde a seus successores a gloria da sua rehabilitação no presente seculo.

Não comportam as dimensões d'este discurso uma longa enumeração, ou mais largo catalogo dos escriptores d'esta sociedade, que escreveram em methodos didascalicos, ou cantaram em aprimorados versos latinos, e d'outras linguas, os diversos objectos da arte, e os variados phenomenos da natureza; todavia para não deixar sem prova esta asserção, lembrarei alguns, que muito honram o Parnaso. O *jesuita Signorelli* cantou os teares de seda, em versos tão lindos e agradaveis como são as mais finas cabaias da China, e os mais macios setins de Macáo. O *jesuita Baroti*, emulo e competidor de seu concidadão Ariosto, natural de Ferrara, muito amigo, e estimado de Ganganeli escreveu um poema que intitulou, — *a physica* — tão lindo e variado, como são as experiencias que nos revelam os phenomenos da natureza: o *padre Noceti* compoz outro sobre o *iris*, e outro sobre as *auroras boreaes*, tão vistosos e aprasiveis como são os heroes que elle cantou: o padre Brumoi, auctor da grande obra intitulada — o theatre dos gregos — compoz outro sobre o vidro, tão delicado e interessante como são os variados objectos, com que d'elle se adornam os mais sumptuosos e elegantes salões: não haverá enredo mais complicado talvez em incidentes, e accidentes, do que os que 'nelle se contém. É um dos mais formosos do Parnaso latino, e d'elle nos diz um sabio contemporaneo, que se tivera paciencia para copiar um livro, não deixára de o verter em linguagem, o que pena foi não o fazer! Outro jesuita chamado Lagomarsini, cantou as *fontes* em versos latinos tão elegantes, puros, e limpidos, como são as cristalinas aguas de Castalia, ou Blandusia que tanto amava Horacio. D'elle, nos diz o insigne latinista *Facciolati*, que se a lingua de Virgilio se perdera, só este era sufficiente a indemnizar-nos da falta do cantor de Mantua.

Modello de eloquencia na prosa, e de elegancia de elocução, difficilmente encontraremos quem alcance o nosso *padre Vieira*. Subtil no engenho, deleitavel nas descripções, escrupuloso na propriedade dos termos, moderado, e talvez timido no emprego do *neologismo*, é um dos mais abalisados, e puros classicos que podemos contar entre os que com elle hombream, sendo um d'aquelles de quem falla o douto bispo de Viseu, o sr. Lobo, e diz, na memoria que sobre elle escreveu, que se a lingua portugueza se perdesse por qualquer causa, 'nelle acháramos quanto era necessario para a renovar: e sobre a eloquencia do pulpito o abbade Raynal, fallando, especificadamente sobre o sermão contra as armas de Hollanda, por elle prégado na cidade da Bahia, depois de analysar a sua eloquencia, o fino e desusado modo de argumentar, não pôde resistir ao desejo de dar d'elle uma amostra, traduzindo largas tiradas que offerece ao leitor na sua historia philosophica e politica das duas Indias. Elogio este, tanto mais insuspeito, quanto é feito por pessoa pouco afeiçoada áquella ordem.

Outros mais exemplos se podiam allegar dos chronistas, do mesmo seculo XVII, e do proprio historiador de S. Domingos, que deixo de nomear por serem todos bem conhecidos, resultando do que deixo dicto, que em todo este mesmo seculo, longe de vermos decadencia na litteratura, ao contrario a vemos florescente, cheia de viço e verdor.

Definhados com a guerra de Castella, pela

subida e elevação ao throno da serenissima casa de Bragança, e novamente envolvidos na guerra da successão de Hespanha contra Luiz XIV, tomando infelizmente 'nella parte como auxiliadores dos alliados contra as pertenções do Duque d'Anjou, a nossa litteratura se resentiu de tão violento estado.

Todos conhecem o antagonismo que existe entre Marte, e Minerva; e á voz da guerra as sciencias e as musas fogem espavoridas ao estrondo das armas, e ao troar da artilharia: foi o que entre nós aconteceu; os estudos cessaram, a applicação ás sciencias esfriou; e a nova geração, que se seguiu depois da paz d'Utrecht, viu coroar seus esforços litterarios com a instituição da Academia Real de Historia nos tempos d'elrei D. João V, com os favores e auxilios, prestados por tão magnanimo monarcha. As memorias historicas, e os trabalhos litterarios de tão assignalados academicos são um monumento levantado á litteratura do seculo XVIII.

A geographia, a historia, a philosophia, e a critica marcham conjunctamente extremando o verdadeiro do falso, e immortalisando o nome dos seus associados aonde se encontram entre os da mais alta aristocracia os nomes mais baixos do povo, dignos por certo de grandes honras. Entre os Penalvas, Assecas, e outros, vemos os Barbosas, Ferreiras, e Sousas, dando conta em sessão pública de seus trabalhos litterarios, promovendo uns e outros o brilhantismo da Egreja, e a gloria do Estado; e a pezar de não ser o seu estilo tão elegante e fluente, como se nota no dos classicos do seculo XVI e XVII, acha-se comtudo 'naquellas memorias grande erudição, vastos conhecimentos de seus auctores, e uma critica muito apurada, e tudo nos faz crer, que nem a litteratura entre nós estava abandonada, nem os seus conhecimentos ainda tinham descaído, antes pelo contrario iam marchando na estrada do progresso intellectual durante o reinado do mesmo rei, como claramente se comprova pelos monumentos d'aquella epocha, escriptos em latim e portuguez, e que se encontram nas suas eruditas memorias.

A subsequente instituição da Arcadia, onde floresceram tantos genios inspirados por Apollo, fez attrahir áquelle recinto as musas, que andavam dispersas, para ornarem com as corôas de hera, a fronte viçosa dos Elpinos, Filintos, Melpomenes, e d'outros mais, que tão distinctos se fizeram 'naquella associação, onde vemos hombrear a par dos Nascimentos (Francisco Manuel), Bocages, Ribeiro dos Sanctos, e outros, a excellente cantora, e eximia traductora paraphrastica do psalterio, a senhora Oeynhâusen, com o nome arcade de *Alcipe*.

Temos até'gora visto, que pondo á parte o estilo conceituoso, a propriedade das palavras, a eloquencia da dicção e pureza da linguagem, em nada mais somos vencidos pelos escriptores do seculo XVI, hoje conhecidos pelo nome de *quinhentistas:* vejamos agora qual é o estado da nossa litteratura nos fins do passado, e no presente seculo.

Continúa.

CHIMICA.

INTERESSANTES APPLICAÇÕES DO SILICATO DE POTASSA.

M. Kulmann, de Lille, apresentou, ha pouco, á academia das sciencias de Paris, um trabalho de grande alcance e importancia, em que mostra a possibilidade d'empregar o silicato de potassa na pintura *á tempera*, e na pintura *a oleo*.

Toda a industria franceza conhece M. Kulmann, que ha trinta annos trabalha com esmero por applicar os seus conhecimentos theoricos de chimica á elucidação dos mais importantes problemas industriaes. Muitos ensaios e experiencias, pela primeira vez executadas pelo sabio chimico nos seus bellos estabelecimentos, estão hoje plenamente confirmadas pela práctica em diversos paizes. Ha portanto as mais fundadas esperanças, que os novos trabalhos emprehendidos pelo auctor para reformar os processos de pintura empregada desde seculos, sejam coroados de felizes resultados.

Este novo meio, descoberto por M. Kulmann para fixar as côres, é a continuação d'estudos anteriores sobre as applicações industriaes dos silicatos soluveis. O mesmo composto chimico, isto é, o silicato de potassa, que o auctor já empregou com tão felizes resultados para augmentar o gráu de resistencia e duração dos materiaes de construcção, póde tambem applicar-se com vantagem nas operações da pintura. Antes de dar noticia d'estes novos ensaios, convém expôr a descoberta primordial, que foi origem de tão diversas applicações.

O silicato de potassa obtem-se, projectando a silica, pouco a pouco, sobre a potassa ou sobre o seu carbonato em fusão a uma elevada temperatura, até que mais se não combine. Pelo resfriamento da massa, forma-se um vidro, muito hygroscopico, e que póde dissolver-se na agua, quando o fervermos durante muito tempo com ella, depois de o haver reduzido a pó muito tenue. A esta dissolução davam os antigos o nome de *licôr de calháo*.

Ha annos, que foi recommendado o silicato de potassa, para tornar incombustiveis as madeiras e os tecidos; e até se fez applicação d'este meio na reconstrucção do theatro de Munich, para prevenir incendios. Effectiva-

mente um *inducto* d'esta substancia, applicado como verniz, embaraça, ou pelo menos retarda a combustão dos corpos sobre que se applica ; mas a difficuldade de o empregar, o custo de sua producção, e a rijeza que communica ás tellas, tem restringido muito o seu emprego.

Foi em 1841, que M. Kulmann descobriu, que o silicato de potassa possue a singular propriedade d'endurecer e tornar compactas as pedras calcarias mais porosas e mais friaveis, que s'impregnam do *licôr de calháo*. Para communicar dureza ás estatuas de pedra, a objectos d'architectura, a muros calcareos, a inductos que ás vezes revestem estes muros, etc., e dar-lhes o gráu de resistencia de marmore, basta cobril-os, por meio de um pincel, de uma dissolução de silicato de potassa. O effeito principia a apparecer quasi immediatamente. As superficies que receberam esta camada siliciosa, endurecem rapidamente, e a uma profundidade tanto maior, quanto maior fôr a quantidade de dissolução que a pedra porosa tiver absorvido.

Qual será a explicação chimica d'este phenomeno? É provavel, que 'nestas circunstancias se fórme um composto duplo de silicato e carbonato de cal, possuindo uma rijeza consideravel e muito superior á do simples carbonato que constitue a pedra calcarea. A potassa, que resulta da decomposição do silicato, desapparece pouco a pouco, transsudando atravéz da pedra, e dissolvendo-se na humidade atmospherica, depois de ter absorvido o acido carbonico do ar.

A dissolução do silicato de potassa, tem a propriedade d'endurecer do mesmo modo o gesso ou o sulfato de cal; para communicar toda a rijeza do marmore a qualquer objecto da arte estatuaria, formado de gesso, basta cobril-o, por meio de um pincel, com um inducto de *licôr de calháo*.

O processo de M. Kulmann, para tornar mais duros e compactos os materiaes de construcção, já recebeu a sancção da experiencia. Na Inglaterra e Allemanha já s'emprega o *licôr de calháo* para a conservação dos monumentos, das estatuas, das decorações architetonicas, e em geral de todos os materiaes de construcção. Em Paris já o processo foi adoptado para endurecer as estatuas de pedra, que adornam o novo Louvre.

Depois de tão importante e ingenhosa descoberta, M. Kulmann veio tambem no alcance da interessante applicação do *licôr de calháo* á pintura. O auctor propõe o emprego d'este sal para fixar as cores na pintura sobre pedra, sobre vidro, sobre madeira, e até sobre o papel e tecidos.

Para dar um exemplo do modo d'applicação do silicato de potassa nas operações de pintura, vejamos como este sal póde substituir com vantagens os processos tão difficeis e consagrados pelo uso de tantos seculos da pintura mural.

Para obter uma pintura a fresco d'uma solidez a toda a prova, applicam-se as cores sobre a superficie mural, e rega-se depois a pintura com uma dissolução de silicato de potassa, projectando-a em chuva fina por meio de uma pequena bomba munida de um regador.

O silicato de potassa transforma a cal gorda sobre que foi applicada a pintura, em cal hydraulica artificial. O silicato calcareo, que se forma por esta reacção, combinando-se com o carbonato calcareo, produz o composto duplo de silicato e carbonato de cal, que tem a propriedade de se tornar duro rapidamente ao ar, de ser absolutamente impermeavel á agua, e de constituir uma camada transparente de duração indefinita, que garante a conservação das côres.

A applicação do silicato de potassa á pintura mural já não é actualmente uma simples possibilidade theorica. Interessantes trabalhos já têm sido executados por meio d'este processo no Museu de Berlin por M. Kaulbach, o pintor illustre, que tanta honra dá á Allemanha.

Para fazer uso do silicato de potassa na pintura do vidro, diluem-se em uma dissolução concentrada d'este sal côres mineraes, que não sejam attacadas pelos alkalis. Estas côres, applicadas com um pincel, e misturadas com o composto silicioso, endurecem promptamente, e tornam-se inteiramente inalteraveis á agua, conservando completa transparencia. Por este processo, póde por consequencia obter-se a applicação de côres transparentes sobre o vidro, sobre as vidraças das egrejas, e até mesmo sobre a porcellana, sem haver necessidade de as vitrificar pela acção do fogo.

O mesmo sal póde ser empregado com vantagem na pintura dos tecidos, substituindo a albumina, que, coagulada pelo calor, constitue o processo actualmente usado. Mistura-se a dissolução siliciosa com as tintas no momento de as applicar sobre os tecidos. Depois de alguns dias d'exposição ao ar, as tintas endurecem pela presença do silicato de potassa, e tornam-se tão permanentes como as que se applicam por meio da albumina coagulada. Os tecidos coloridos por este processo podem lavar-se e ensaboar-se, sem que as côres soffram a mais leve alteração. Ha só uma condição essencial, que se deve ter em vista, que é empregar tintas inalteraveis pelos alkalis.

M. Kulmann conseguiu por este processo applicar sobre toda a especie de tecidos, brancos ou já coloridos, as tintas — azul celeste, verde mar, minio ou zarcão, verde de zinco, sulfureto amarello de cadmio, etc. A côr negra obtem-se muito economicamente,

com o *negro de fumo*, e esta tinta, sendo constituida por carvão, isto é, por uma substancia inalteravel por todos os agentes chimicos até hoje conhecidos, tem a vantagem de não ser atacada pelo chloro e pelos actos dispendiosos e d'incommoda manipulação, constitue um dos objectos mais importantes do trabalho apresentado por M. Kulmann á academia das sciencias.

Depois de diluir as tintas na agua, triturам-se com uma dissolução concentrada de silicato de potassa, e applicam-se com um pincel por camadas successivas. O sal, endurecendo pela exposição ao ar, substitue com vantagem o oleo, que geralmente s'emprega para diluir as tintas, e pintar tectos e paredes dos edificios.

Eis em resumo as interessantes descobertas de M. Kulmann sobre as applicações do silicato de potassa.

S. DE C.

DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 57.

XXVII.

Desde 1835 que possuimos as *casas de asylo da infancia desvalida*. S. M. I. a senhora Duqueza de Bragança, coadjuvada por outras caritativas bemfeitoras, principalmente da primeira e mais antiga nobreza da capital, é o apoio, a esperança, e a vida d'estes estabelecimentos.

A não ser a concessão, difficil e tardiamente obtida, do uso d'algum pequeno edificio, o Estado nada tem feito por elles!

A difficuldade d'obter mestras, de as substituir, no impedimento das providas, e de novamente provêr as que morrem, ou abandonam, ou não servem, é immensa.

Cada nova nomeação importa uma sorte mui arriscada, um forçoso noviciado da mestra, isto é, um grande retrocesso no adiantamento dos alumnos, e na boa gerencia da casa.

É indispensavel, para que se consolide esta excellente fundação, que nos venham de França as irmãs de caridade, — mestras consumadas, e carinhosas mães dos meninos desvalidos.

Rodas d'expostos, — *collegios d'orphãos*, — *asylos de mendicidade*, — *hospitaes de todo o genero, cadêas* [1], tudo é servido por mercenarios, a quem não dóe, em regra, o mal do estabelecimento, e o futuro dos infelizes, entregues temporariamente ao seu cuidado. Estão em quanto lhes faz conta, ou os não despedem.

Como em França e 'noutros paizes, podem em Portugal as servas dos pobres, com a sua perseverante e terna caridade de todos os instantes, por vocação e obrigação, sem intuito 'noutro ganho que não seja o do céu, servil-os, socorrêl-os, cural-os, e regeneral-os.

Cada um d'estes estabelecimentos, como as junctas de caridade *(bureaux de bienfaisance)* de França, e as administrações dos hospicios, póde contractar com as irmãs o serviço e a economia do estabelecimento, vindo a ser cada um d'elles uma pequena casa das mesmas, sob a inspecção e subordinação puramente temporal d'aquelles a quem por lei ou compromisso houver de pertencer; e prestando estes ás mesmas irmãs, ou mestras, ou enfermeiras, ou visitadôras dos pobres, e distribuidôras de soccorros, os meios materiaes de que precisam para viver.

Por não escrevermos por agora um estirado livro, remetteremos o leitor para o *Dictionnaire général d'administration, publié sur la direction de Mr. A. Blanche, Paris* 1846, *verbis* — Bureau de bienfaisance, — especialmente no n.° VI, a pag. 171; — Hospices, — e — Culte, n.° V — *congregations religieuses*, etc.

André, Cours de la legislation civile-ecclésiastique, Paris, 1848 — *congregation*.

E se as circumstancias o exigirem, 'noutra occasião analysaremos mais d'espaço, e com mais profundo conhecimento da materia, esta importante legislação franceza, que devera ser o modêlo das providencias a tomar para a regeneração dos nossos estabelecimentos pios, com o auxilio e emprego das filhas de S. Vicente de Paulo.

A mesma Augusta Senhora Duqueza de Bragança, cujo adorado nome foi destinado pela providencia para representar em todas as bellas obras de caridade do seu tempo

[1] S. Vicente de Paulo occupou-se com singular affecto dos prezos e forçados. Nas cartas de M.lle Desves *(Lasieur de charité)* vê-se que as irmãs servem a prisão dos forçados (bagne) 'nalgumas partes. As mesmas, ou outras congregações hospitaleiras, encontram-se na casa de repressão de S. Lazaro, e suas admiraveis dependencias em Paris (M.lle Gouroud, *Utilité d'une voyage d'agrément à Paris*).

S. Ex.ª o sr. Marquez de Sousa-Holstein, dignissimo filho do mais esclarecido páe, e da mais virtuosa mãe, e cujas singulares qualidades o têm feito tão respeitado como estimado por todos, na Universidade, que este anno o perde saudosa, teve a bondade de nos dizer que entrou, na Belgica, 'numa cadêa de mulheres, servida exclusivamente pelas irmãs da caridade. Se a cadêa póde regenerar o homem, reformada ella devidamente, não o será senão pela mulher catholica, *Dama, ou irmã* da caridade.

'nestes reinos, consummará e consolidará as mesmas obras pela vinda das irmãs de França.

Por sua benefica e poderosa influencia, que justamente pôde o que mui altas personagens haviam anteriormente tentado em vão; e em accôrdo com as duas associações, para asylo dos orphãos, que o cholera deixou abandonados, e a consoladora dos afflictos, obteve licença para a referida fundação; a qual, como é natural, e convém para que prospere, começará a passos medidos.

Deus a abençôe!

Em harmonia com estes piedosos esforços, outras respeitaveis corporações, segundo se tem publicado pela imprensa periodica, requereram e obtiveram licença regia para fazer entrar nos seus estabelecimentos as irmãs da caridade; taes foram a direcção do hospital de S. José em Lisboa, e a Ordem terceira do Porto.

Quaesquer que hajam sido as prevenções, suscitadas contra o ex-ministro das justiças, o sr. Ferrer, por effeito das medidas que propoz, ou fez decretar relativamente á instrucção e aos bens ecclesiasticos, e ás congregações do sexo feminino, temos por certo, e gloriamo-nos de o reconhecer, que será para S. Ex.ª de não pequena honra o ter referendado os decretos da admissão das irmãs francezas.

Este passo será fundamental, se não nos céga o amor d'aquelle instituto, para a educação e morigeração das novas gerações do povo, unica esperança solida do futuro, até mesmo considerado pelo lado politico. « *A primeira pedra do edificio da liberdade é a virtude:* » —(disse-o um malvado, mas disse a verdade, e contra si fallou, o celebre padre Sieyes) e o ensino e as inspirações da virtude são o principal objecto da acção incessante da irmã da caridade sobre o pobre povo, desde a casa de berço (a *crêche*, e a roda dos expostos) até á cabeceira do leito dos moribundos, nos hospitaes.

A mulher é sempre o coração da familia, e não poucas vezes a sua cabeça.

O mundo é culto ou barbaro, conforme o logar que a mulher occupa na sociedade. Digam-no o christianismo, e o mahometismo.

A primeira educação, a base do alicerce moral e social, é toda maternal. Regenerae a mulher, inspirae-lhe a dignidade que é fructo da honra e da virtude, sanctificareis e regenerareis a familia, e por ella o Estado.

A irmã da caridade, no seu mestér d'educadora, apenas se occupa do homem, (nem outra cousa era natural) ou no berço, ou na primeira infancia. A menina, e a adulta, são os principaes e mais constantes objectos da sua sollicitude, e das suas lições, nas escholas e casas de lavor, — nas associações de patrocinio das jovens operarias, — nos estabelecimentos de regeneração moral das que aspiram á emenda da vida, — nas prisões, etc.

Venham ellas pois; e, regenerando a mulher portugueza, regenerem a familia, sanctifiquem o homem, e salvem a nação. Horrivel é o quadro dos crimes monstruosos, inauditos, bestiaes, que a imprensa periodica todos os dias registra. E porque não succederia assim? quem ha ahi que instrua o povo?!.. Os prelados nas suas visitas, nas suas practicas da cadeira da verdade?...

Os parochos, catequisando, sendo paes e mestres amorosos, principalmente dos pobres e dos meninos?...

Alguns auxiliares do clero secular, missionando, doutrinando, edificando pela práctica dos conselhos evangelicos?...

Não ousamos dar a resposta.

No provimento das escholas d'um e d'outro sexo, por via de mercenarios, todos sabem as enormes difficuldades que a auctoridade encontra. Os seus, aliás excellentes regulamentos, principalmente no que toca á doutrinação e moralisação, ficam em papel, até mesmo debaixo dos olhos dos que sabiamente os transcreveram d'outros paízes. Quando a impudencia toca os limites do mais desaforado escandalo, é força recorrer a processos que têm delongas, e hão-de ser julgados por homens, muitas vezes dominados pelos affectos.

Uma instituição, eminentemente sancta, que se préza de o ser, e sobre a qual o mundo culto e inculto emprega toda a attenção, sem que possa enxergar-lhe, nos arminhos da pureza, a mais leve mancha; — uma instituição, que emprega no ensino e na educação as lições da experiencia de todos os povos, aonde a exerce com admiração e applauso; — uma instituição, que se recruta em todas as classes, desde as familias dos principes até ás dos pobres operarios, e que se amestra no proprio centro de toda a civilisação; — offerece-vos, a vós, senhores, que tendes o mando e a superior inspecção das escholas, tudo o que haveis mister para bem fundamentardes o edificio de toda a instrucção e educação do homem e da mulher — nos asylos da infancia; — e a ulterior da mesma mulher, desde os asylos até á edade adulta.

Grande é a acquisição! Não permitta a providencia que fecheis os olhos e os ouvidos á voz de Deus, que vos clama hoje pelas necessidades do povo, e pelo arrastamento das circumstancias da época.

Para os varões, a França e outros paizes do occidente e do levante, mostram-vos os — *Irmãos das escholas christãs.*

Cremos que a sua hora não tardará tambem. Concorreremos egualmente pela fazer adiantar, quanto nos fôr possivel, com o pobre feudo de nossos escriptos, mas 'noutra occasião.

Alguns jornaes mostram-se sentidos de que todo o favor pareça dirigir-se exclusivamente para as irmãs francezas, deixando no esquecimento as portuguezas, de Lisboa.

Quereriam que antes se cuidasse de dar alento áquella pobre, obscura, e quasi extincta existencia.

Seja assim, —mas por que meios?

Não ha outros, senão os que se empregam. Quando uma corporação definha, porque lhe falta a vida que só vem d'um centro, e os conselhos e as inspirações d'uma direcção, que o fundador estabeleceu como essencial, o meio de a regenerar consiste em ligar de novo os vinculos que se quebraram, em reformar, regressando ao ponto da partida.

As irmãs de Lisboa, bem como as servas de Maria, unir-se-hão (em Deus o esperamos) com as de Paris; e formando em Lisboa uma só familia, e um unico centro, subordinado á casa central de Paris, reviverão com gloria.

« *A congregação das servas dos pobres, denominadas tambem irmãs ou filhas da caridade,* SEGUNDO AS REGRAS E DIRECÇÕES DADAS POR S. VICENTE DE PAULO » (palavras da Prov. de 14 d'abril de 1819) está auctorisada entre nós, sem condições algumas restrictivas, pela indicada provisão; e póde—sem embargo « *das leis da amortisação . . . adquirir por compras, doações, ou legados, e possuir, para seu patrimonio, bens que possam produzir um rendimento annual até ao valor de oito contos de réis.* »

Por consequencia os estabelecimentos pios, que não estão debaixo da direcção e inspecção immediata do governo, — que não são estabelecimentos de beneficencia legal ou official, não precisam de recorrer ao mesmo governo para auctorisar o que está auctorisado; além de que a lei politica não véda a associação religiosa, antes implicitamente a garante, e o Codigo penal, art. 282, resalva toda a necessidade de licença e auctorisação, uma vez que não se exceda o numero ahi fixado, e que a associação se queira limitar a uma existencia puramente particular.

Mas, em quanto ás irmãs da caridade, não é mister recorrer a estas faculdades geraes. A congregação, como tal, constituindo uma pessoa juridica, para todos os effeitos publicos, está reconhecida pelo Soberano, e admittida desde 1819.

Continúa. A. FORJAZ.

NOTICIARIO.

Descuberta de um novo planeta. — M. Hermann Goldschmidt descubriu em Paris, ás 11 horas da noite de 27 de maio ultimo, um novo planeta. É o 44 dos pequenos planetas até hoje conhecidos (asterrides), que circulam entre Marte e Jupiter; e tem o brilho d'uma estrella da 10.ª a 11.ª grandeza.

O planeta precedente já foi tambem descoberto em 1857 por M. Pogson, em Oxford, em 15 de abril, e recebeu o nome de *Ariadne*.

Molestia das vinhas em Portugal. — Extraímos de um jornal francez a seguinte noticia, que dá uma idêa da devastação que o terrivel flagello tem produzido na ilha da Madeira e nas vinhas do Douro.

O numero de pipas de vinho, colhidas na ilha da Madeira, que de 1847 a 1850, era de 16:915, desceu successivamente, em 1851 a 11:965; em 1852, a 1:871; em 1853, a 754; em 1854, a 187; em 1855, a 29; isto é, em dous annos, a producção vinicola tornou-se quasi completamente nulla!

A colheita annual das vinhas do Douro, de 1846 a 1852, era 91:553 pipas; em 1853 desceu a 74:788; em 1854, a 47:248; em 1855, a 24:774; em 1856, a 4:001!..

Origem da palavra zéro. — M. Terquem reputa plausivel a seguinte conjectura sobre a origem da palavra zéro.

Em arabe, diz o erudito auctor, zéro tem o nome de *tsefer*, que significa *vasio*, e applica-se principalmente aos moveis, *armario vasio*, *commoda vasia*, etc. Na Europa temos: *zifera*, *cifera*, em italiano; *tziferu*, em allemão; *chiffre*. em francez. Na Inglaterra conservou-se a palavra *cypher*, para designar particularmente zéro. Os arabes figuram o zéro por um pequeno circulo, ou por um ponto. Os europeus sómente se servem do pequeno circulo. No tempo da introducção dos numeros arabes, dizia-se muito provavelmente — *sefer*, o; e pronunciando o pequeno circulo como a vogal *o*, diz-se sefero, e por contracção zéro. Temos muitos exemplos de contracções ainda mais forçadas, taes como: onze em vez de *undecim*, quinze em vez de *quindecim*, etc.

Consumo do tabaco. — De 1830 a 1854, augmentou em grande escala o consumo do tabaco, e esta progressão continúa. Paris, é a cidade que mais se avantaja 'neste consumo.

Em 1839, o producto da venda d'este genero era de 9.647:783 fr., e em 1854 subiu a 17.765:023 fr. De 1839 a 1854, a quantidade de tabaco de fumo ordinario, consumido pelos parisienses, augmentou o duplo, e a dos charutos quintuplicou; em compensação, o consumo do rapé, no mesmo periodo, diminuiu sensivelmente.

Repartindo a quantidade de tabaco por todos os individuos, em numero de 420:000, que em Paris constituem a população provavel dos fumantes, isto é, todas as pessoas do sexo masculino, maiores de 15 annos, incluindo a guarnição, resulta que em 1854, cada habitante fumou, termo medio, 1,973 kilogrammas de tabaco, e 143 charutos.

Sommando a massa total de tabaco de fumo de todas as qualidades, e calculando que 250 charutos pesam 1 kilogramma, vê-se que cada pessoa consome annualmente, pouco mais ou menos, 2 kilogrammas e 0,749.

Na Inglaterra, o consumo é de 16 onças por cabeça.

População dos Estados-Unidos. — Em 1855, a população dos Estados-Unidos da America, era de 27.130:727 individuos. Em 1850, era apenas de 23.423:714. O augmento foi portanto em cinco annos de 16 por 100.

A fortuna pública d'este paiz foi avaliada em 1855, em 8.629.893:172 *dollars*.

De 1843 a 1855, emigraram de differentes paízes para os Estados-Unidos 3.400:000 pessoas.

Bibliothecas nos Estados-Unidos. — Os Estados-Unidos da America possuem 15:613 bibliothecas, contendo 4.630:411 volumes. D'estas bibliothecas, são públicas 1:217, contendo 1.446:015 volumes: 12:067 pertencem ás escholas, e contém 1.647:404 volumes: 1:988, com 542:321 volumes pertencem ás escholas do domingo: 213, com 942:321 volumes, pertencem a collegios: 130, com 58:350 volumes, pertencem ás egrejas.

Consumo do chá nos Estados-Unidos. — Consomem-se hoje nos Estados-Unidos 35:200:000 libras de chá. Sendo a população do paiz de 27 milhões d'habitantes, o consumo de chá será, pouco mais ou menos, de 1 libra e $\frac{1}{4}$ por individuo. Na Inglaterra e Hollanda é muito maior o consumo. Todo o chá gasto na America é necessariamente extrahido da China; ora avaliando cada libra em 800 réis, vê-se que o commercio americano dá sómente por este producto uma somma de 70 milhões de cruzados aos mercados de Hong-Kong, Cantão, e Chang-Hai.

Marinha mercante ingleza. — A marinha mercante da Grã-Bretanha e de suas colonias, contava em 1854, não incluindo a da India, 36:348 navios, representando 5.115:846 tonelladas, e sendo tripulados por 269:093 marinheiros.

Avaliando cada tonellada em 12 libras *sterl.*, o valor total da marinha mercante ingleza representa um capital de 60.000:000 de libras *sterl.*; este valor é porém muito maior, attendendo ao grande numero de vapores de primeira classe.

Em 1842, a marinha mercante de Inglaterra e de suas colonias, constava apenas de 30:815 navios, de 3.619:650 tonelladas, e empregando 214:609 marinheiros. Em 12 annos, augmentou por tanto 1 $\frac{1}{2}$ milhão de tonelladas, e empregou mais 50:000 homens.

A Grã-Bretanha possue um terço de tonelladas em comparação com todos os outros paízes do mundo, e conta na sua marinha mercante os maiores navios conhecidos.

Producção mineral da Inglaterra. — De quadros estatisticos, publicados annualmente na Inglaterra sobre os seus productos mineraes, se deduz, que esta industria tem consideravelmente augmentado nos ultimos annos.

Em 1838, a producção da hulha era de 25:000,000 tonelladas, e em 1855, foi de 64:453,070. Em 1838, as minas de cobre deram 13:000, e em 1855, 21:428 $\frac{1}{2}$ tonelladas.

Em 1838, o chumbo extraído foi 46:000, e em 1855, 73:091. O estanho produziu, no primeiro periodo, 5:500, e no segundo, 6:000. Em 1838, obtiveram-se 10:000 libras em peso de prata, e em 1855, 46:825 libras.

O numero d'operarios empregados nas minas da Grã-Bretanha, é 303:954, sendo 208:520 homens e 3:816 mulheres, maiores de 20 annos, e 91:641 individuos d'ambos os sexos, menores de 20 annos.

Exploram-se actualmente 172 minas de cobre, 330 minas de chumbo, 156 minas d'estanho, e 2:613 minas de carvão de pedra. Estas ultimas occupam uma superficie de 12:000 milhas quadradas.

São curiosos os seguintes calculos sobre o consumo dos dous agentes mais preciosos da industria moderna, o ferro e carvão de pedra. Em 1827, o consumo da hulha foi 22.700:000 tenelladas; em 1856, quasi que triplicou. Em 1796, o consumo do ferro foi 125:000 tonelladas; em 1806, 250:000; em 1820, 400:000; em 1827, 700:000. Por consequencia, no periodo de 31 annos, o augmento foi 540 por cento. De 1827 até o fim de 1855, o augmento foi 460 por cento.

Estes calculos merecem toda a confiança, porque são colligidos e publicados por M. Hunt, professor no museu de geologia práctica.

Construcções navaes na Inglatera. — Segundo documentos officiaes, construiram-se e registaram-se na Grã-Bretanha, em 1855, 318 navios de vela, feitos de madeira, representando a carga de 211:883 tonelladas, e 47 navios da mesma classe, de ferro, de 30:299 tonelladas; navios movidos a vapor, construidos de madeira, 38, com 3:107 tonelladas, e 195 de ferro, com 77:911 tonelladas; por tanto, um total de 1:098 navios, e 323:200 tonelladas, e um augmento sobre o anno precedente, de 296 navios e 126:158 tonelladas.

O numero de navios construidos nas colonias, e registados nos portos da Inglaterra, foi de 34, representando 21:177 tonelladas, provenientes todos das colonias da America do norte. Os navios construidos em paizes estrangeiros, e registados nos portos inglezes, foram 91, de 39:437 tonelladas.

No mesmo anno de 1855, naufragaram 600 navios inglezes.

Ultima vontade d'um astronomo. — O astronomo, M. Bolyai, morto a 20 de de-

zembro ultimo em Vasayhely, determinou no testamento, que sobre o seu tumulo não se plantasse senão uma macieira, porque, dizia elle, foi uma maçãa que inspirou a Newton as mais importantes descobertas.

Excentricidade d'um medico americano. — O doutor Warren, o Nestor da chirurgia americana, morto em Boston, d'avançada edade, fez as seguintes disposições no testamento.

Vinte e quatro horas depois da sua morte, devia fazer-se-lhe nas veias uma injecção d'acido arsenioso, e, passadas outras vinte e quatro horas, celebrar-se-iam as ceremonias funebres, prescriptas pela egreja. Feito isto, proceder-se-ia á autopsia do cadaver, com todo o cuidado, examinando especialmente certas particularidades, que elle suppunha, deviam existir na sua organisação. Finalmente, depois de submettidos os seus ossos á maceração, deviam preparar-se convenientemente para formar um esqueleto articulado, para ser conservado no museu do collegio de Boston.

A electricidade na chirurgia. — O emprego da corrente electrica como meio chirurgico de cauterisação é actualmente objecto de serios estudos.

Já se apontam factos, para mostrar que um fio de platina aquecido pela pilha, póde servir para practicar amputações. Este processo já foi ensaiado na Allemanha e França, com feliz resultado, não só em animaes, mas tambem no homem.

Em um quarto d'hora póde ampufar-se o braço ou antebraço, executando-se a operação facilmente por meio de um fio de platina aquecido por uma pilha de Bunsen. O processo serve só para cortar os tecidos molles ; a parte ossea é cortada pela serra. A superficie traumatica fica secca, e apparece apenas levemente carbonisada.

Curiosa acção da ourina sobre o ferro. — M. Porsoz chama a attenção sobre o seguinte facto importante; o ferro engatado na pedra, pelo contacto da ourina, augmenta consideravelmente de volume e chega a despedaçar a pedra. O auctor aponta factos, de desabamento d'edificios, promovido por infiltrações d'ourina ; as pedras do pedestal quebraram pela dilatação do ferro.

Emprego das urtigas. — A sociedade imperial economica de Bohemia, verificou alguns ensaios de fios fabricados com urtigas, fios que podem substituir o canhamo sem inconveniente.

A pre*para*ção das urtigas é similhante á do canhamo, e o fio que s'extrae, é d'uma finura e força extraordinarias. A historia conta, que Nestorius, no anno de 904, já tinha fallado de vélas de panno d'urtiga, e os viajantes referem, que no Japão se fabricam com esta planta cordas de grande duração. Ha muito tempo, que na Italia se fia a urtiga, e que s'emprega na fabricação do papel.

Caridade dos cavallos. — M. de Boussanelle, capitão de cavallaria, conta o seguinte facto nas suas *Observações militares.*

Em 1757, no regimento de Beauvilliers, de que o auctor fazia parte, um cavallo, já muito velho, mas muito fogoso, com os dentes já tão gastos, que não podia mastigar o feno, nem triturar a ração, foi nutrido durante dois mezes, e por mais tempo ainda o seria, se fosse conservado, por dous cavallos que comiam juncto a elle. Estes dous nobres animaes tiravam da manjadoura o feno, que mastigavam e lançavam deante de seu velho companheiro; o mesmo faziam á ração, triturando-a completamente. O testemunho de toda a companhia, officiaes e soldados, confirmam o facto.

A cholera na India. — Um jornal de Ceylão publica, sobre as causas conjecturaes da cholera na India, a seguinte noticia, que julgamos curioso reproduzir, apezar do horror que inspira.

« Já fallámos dos estragos causados pela cholera na India, durante o primeiro periodo d'este anno. As ultimas noticias annunciam egualmente, que este flagello destruidor tambem tem devastado as bellas colonias de Bourbon e Mauricia. Estas ilhas são amplamente providas de porcos de *Patna*, provincia do Indostão, que egualmente tem sido assolada pela cholera. Tanto 'naquellas colonias, como em Calcuttá, são lançados ao Ganges os cadaveres dos habitantes indigenas, em vez de os enterrar.

Quem passear, ao amanhecer em Calcuttá, para a borda do rio, ou para junto dos canaes, que cercam a cidade por trez lados, observa o terrivel e horroroso espectaculo dos porcos a comer os cadaveres dos indigenas, que foram lançados á agua durante a noite. Mas isto não é nada ainda, em comparação de *Patna*. Vêm-se milhares de cadaveres ás bordas dos rios, e os porcos engordando com carne humana. São estes animaes, que servem, depois de gordos, para fazer presuntos, toucinho, e carne salgada de fresco, o que s'exporta para Calcuttá. O grande mercado d'este porco pestifero é Mauricia e Bourbon, vendendo-o aos habitantes como um producto da Europa. Além d'isto, como estes porcos se vendem em Calcuttá, a 3 ou 4 *shellings* por cabeça, os navios de classe inferior surtem se d'elles, e assim é introduzida na Europa e America, carne de porco nutrido com carne humana! »

O auctor do artigo conclue, que é provavelmente tão hediondo alimento a causa da desenvolução da cholera morbus.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

APONTAMENTOS

Para a continuação da Bibliotheca Lusitana.

Continuado de pag. 70.

III.

Felix Avellar Brotero.

A faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra conta apenas oitenta e cinco annos de existencia, e, todavia, pode com justiça gloriar-se de que nenhuma sociedade litteraria produziu em tão limitado espaço tantos e tão distinctos professores, e assignalados discipulos.

É, na verdade, muito para louvar e admirar o extremado fervor, com que se cultivaram os differentes ramos da philosophia, logo que, depois da reforma de 1772, entre nós a fundaram os doutores Domingos Vandelli, e João Antonio Dalla Bella.

Nasceu immediatamente uma nobre emulação entre mestres e discipulos, e o progresso rapido na sciencia foi a feliz resulta de tão louvavel desvello.

O governo, com quanto absoluto, honrava os que mais se distinguiam, e até lhes concedia avultados subsidios para viajarem pelas mais florescentes nações da Europa.

A faculdade de philosophia viu-se nobremente representada no mundo litterario; um commercio intimo e animado se estabeleceu entre ella e as mais respeitadas academias, e o nome portuguez, que tamanha gloria havia adquirido por suas arriscadissimas emprezas maritimas, e profundos conhecimentos scientificos, e geographicos (em tempo que toda a Europa, á excepção da Italia, jazia nas trevas da ignorancia), appareceu, de novo, radioso, ennobrecido, e respeitado após muitos seculos de esquecimento inglorio.

Nem o amor da patria nos deslumbra, quando assim falamos da Faculdade de Philosophia.

Leiam-se as Transacções Philosophicas, as actas da Sociedade Linneana, os Annaes do Museu da Historia Natural, o novo Boletim da Sociedade Philormatica, e outros muitos jornaes scientificos, e 'nelles se achará um grande numero de memorias de nossos philosophos.

É este o mais authentico testemunho de seu relevante merecimento.

Não mencionamos as memorias que por ahi correm nas collecções de nossa academia, no Jornal de Coimbra, Investigador; etc.; raras pessoas as leem, desmerecem por portuguezas, que é nossa desgraçada sina ignorar, e menosprezar, não poucas vezes, o que entre nós se escreve, emquanto que do estrangeiro, mormente do francez, lemos tudo, e muito que, por ventura, poderiamos deixar de ler sem perda, ou antes com proveito.

Ninguem, cremos nós, ousará contestar a profundidade dos conhecimentos philosophicos do Dr. José Bonifacio de Andrade; seus escriptos os abonam.

O Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo foi tambem um sabio, de que muito deve honrar-se a Universidade.

Além das muitas e curiosas memorias economicas, que publicou, pelo seu invento (entre outros) de um novo modo de applicar ao movimento das machinas a força do vapor, grangeou para o seu nome um logar distincto na historia dos progressos do espirito humano.

A memoria sobre este invento foi lida na sessão pública da academia real das sciencias de Lisboa, de 18 de janeiro de 1805.

No ultimo paragrapho queixa-se o Dr. Constantino de que a gloria do seu invento lhe fosse roubada por Mr. Verzy, que, arrogando-se a descoberta, e propondo-a ao ministro d'Estado do interior na França, recebeu os fundos necessarios para fazer as experiencias em grande.

A estes roubos estamos nós, os portuguezes, já de ha muito acostumados.

O invento do nosso celebre mathematico, o Dr. Pedro Nunes, — de uma elegantissima divisão, ou graduação do astrolabio, por meio da qual se podem avaliar as alturas e distancias dos astros até minutos e segundos, ainda que no limbo do instrumento se não achem marcados mais que os graus, — correu seculos sob o seu nome; mas a final os francezes lembraram-se de o adjudicar a Pedro Vernier!!

Até foi necessario, que viesse o seculo XIX, para a prioridade de nossas descobertas maritimas ser posta em dúvida!

O elogio do Dr. Constantino, e o conceito, que deve fazer-se, de seu invento, pode ler-se na *Historia resumida da invenção e melhoramento das machinas de vapor — Cap.* 3.° §§.

4.° 5.° — pelo sr. Visconde de Villarinho de S. Romão.

O Dr. João Antonio Monteiro foi um sabio, que tambem muito honrou a patria pela vastidão de seus conhecimentos philosophicos, mormente no ramo mineralogico.

Temos diante dos olhos a exposição, que ao celeberrimo Hauy e Binet incumbiu fazer a Sociedade Philomatica Parisiense, da sua *memoria sobre a determinação directa de uma nova variedade da fórma crystallina do carbonato de cal, e sobre as notaveis propriedades, que elle manifesta*, lida na sessão de 24 de julho de 1813.

Não podemos resistir ao desejo de para aqui trasladar os ultimos periodos d'esta exposição tão lisongeira para o nosso compatriota.

« O sr. Monteiro era *já muito vantajosamente conhecido* por outras memorias sobre diversos assumptos de Mineralogia, que tem pontos communs com a Crystallographia. Mas esta, que acabamos de expôr, dará a ultima prova do *grau eminente*, em que este *sabio* possue a arte de manejar a theoria relativa a este objecto, e conhece os principios, que lhe servem de base [1] . »

Merece tambem menção especialissima o Dr. Thomé Rodrigues Sobral. O fogo, que os francezes lhe lançaram á casa (por conta da vingança dos males, que lhes causára com o fabrico da polvora, etc.) consummiu seus preciósos manuscriptos, e entre elles um *compendio de Chimica*. Da perda d'este ultimo, mais que dos outros, se magoava; porque era fructo de lucubrações de muitos annos [2] .

Foi varão incansavel no estudo da Chimica, com rasão denominado o *Chaptal Portuguez* [3] ; criou, e organisou o Laboratorio da Universidade, estabelecimento grandioso, e publicou muitas memorias interessantes.

O Dr. Manuel José Barjona, natural de Coimbra, merece, egualmente, honrosa commemoração.

Sustentou em suas *theses* a composição da agua muito antes que o célebre e infeliz Lavoisier a demonstrasse pela analyse (pelas diligencias de Monge em Pariz, e do nosso Doutor Sobral em Coimbra, se demonstrou depois pela synthese [4]). Foi auctor do compendio de Metallurgia (*Metallurgiae Elementa*), que compoz por ordem da sua faculdade; e publicou tambem *Taboas Mineralogicas*, que muitos annos serviram de compendio.

É lastima, que a morte nos roubasse este distincto philosopho, antes que reformasse a doutrina dos seus compendios, pondo-a a par dos conhecimentos hodiernos.

O Dr. Antonio José das Neves e Mello, natural de Coimbra, foi um extremoso cultor, e insigne professor de Botanica, sobre que deixou curiosissimas observações, e uma serie de estampas de Anatomia Vegetal. Escreveu uma interessante *memoria sobre o Amendobi* (etrachis Hypogoea) [1] e corre impressa outra memoria sua debaixo do seguinte titulo:

« Optimo, celsissimo Principi, Portugaliae Regenti, litterarum protectori munificentissimo, has circa stipae Aremnariae, atque cinchonam Brasiliensem, et alias observationes, etc. Antonius Josephus das Neves Mello, in Collimbriensi Acad. Doct. Philosoph. Hist. Nat. et agricult. profess. »

Do valioso soccorro, que prestou ao auctor da Flora Lusitana na sua composição, dão honroso testemunho as seguintes expressões do Prefacio.

« Facere hic quoque non possum, quin maximas referam gratias Cl. Ant. Jos. Nevesio, olim Botanices demonstratori *apprime intelligenti*, meaeque praxis herbariae alumno diligentissimo; quippe qui non *observationes* solum *accuratas suas* mecum amiciter participavit, verum in authographis etiam meis digerendis auxiliatricem manum prestitit. »

Expulso em 1834 da sua cadeira, e da direcção do Jardim Botanico, que enriquecera de grande numero de plantas exoticas, e indigenas, finou-se, ralado de desgostos, em 1835.

Prestaremos a devida homenagem do nosso respeito, mencionando-o tambem condignamente, ao sr. Dr. José Homem de Figueiredo Freire, que ainda em 1836 presidiu ao nosso exame de Historia Natural, fallecendo no anno seguinte. Foi successor do Dr. Constantino na cadeira, que elle regeu, e deixou-nos importantes documentos da sua intelligencia e applicação nas seguintes obras:

1.ª *Catalogo das Plantas Naturaes e Exoticas, que se encontram em S. Pedro do Sul, e suas visinhanças.*

2.ª *Monographia das Plantas Cryptogamicas.*

3.ª *Methodo practico de trabalhar com as machinas de Physica.*

Poderiamos alargar mais este nosso catalogo, mencionando outros varões notaveis por seus trabalhos philosophicos, filhos da faculdade; porém nossa intenção especial, agora, é vulgarisar alguns apontamentos biographicos do maior Botanico de Portugal (faça a divina providencia, que não fosse elle o ultimo de nossos Botanicos), cujos conhecimentos deram brado na Europa, cuja gloria litteraria quasi offuscou a dos mais distinctos de seus patriotas contemporaneos.

Continúa. F. A. R. DE GUSMÃO.

[1] *Novo Bulletim das sciencias pela Sociedade Philomatica* Num. 73 — outubro de 1813.

No *Jornal de Coimbra n.°* 36 — *parte primeira — pag.* 272 — póde ver-se a *noticia dos trabalhos litterarios* d'este insigne lente de Metallurgia.

[2] *Voyage em Portugal par M. Link* — Tom. 1.° — pag. 393.

[3] *Essai Statistique sur Le Royaume de Portugal par Adrien Balbi* — Tome Second — pag. IX.

[4] *Elementos de Chimica por Vicente Coelho de Seabra Silva e Telles* — pag. 203.

[1] *Memorias da academia real das sciencias de Lisboa — Nova Serie* — Tom. 1.° — part. 1 — pag. 8

HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR

SALLUSTIO:

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pagg. 45

XLII. Pelos mesmos tempos havia revoluções na Gallia citerior e ulterior, no territorio Piceno e Brucio, e na Apulia. Porquanto, os que Catilina para alli havia mandado, querendo, sem prudencia e quasi sem juizo, fazer tudo a um tempo, com seus conventiculos nocturnos, conducções d'armas e tiros missivos, com suas pressas e perturbações, tinham causado mais susto que perigo. A muitos d'estes prendeu o pretor Q. Metello Celer, depois de se ter informado do facto por decreto do senado; e o mesmo fez na Gallia ulterior C. Morena, que então governava esta provincia na qualidade de Logar-Tenente.

XLIII. Em Roma, Lentulo e os outros chefes da conspiração, suppondo preparadas grandes forças, assentaram, que, apenas Catilina entrasse no territorio de Fesulas com o exercito, o tribuno da plebe L. Bestia, convocaria o povo, e se queixaria do procedimento de Cicero, lançando sobre este benemerito consul o odio de tão desastrosa guerra: e que a este signal cada um dos conjurados cumpriria o seu respectivo dever. Suas disposições, segundo se dizia, eram estas: Statilio, Gabinio e muitos outros lançariam a um tempo fogo em doze logares mais opportunos de Roma, para que no meio do tumulto fôsse mais facil penetrar em casa do consul e dos outros, que destinavam matar; Cethego cercaria a casa de Cicero, e o atacaria á força aberta, e os outros conjurados cada um o seu cidadão; os filhos-familias, dos quaes a maior parte eram nobres, matariam os paes, e depois incorporados todos, romperiam por entre as mortes, incendios, e geral terror, e iriam unir-se a Catilina.

Entre estes preparos e disposisões, Cethego queixava-se sempre da frouxidão dos companheiros, que perdiam com dúvidas e delongas as melhores occasiões; que em taes casos eram mister obras, e não reflexões; que se alguns o ajudassem, atacaria elle o senado, emquanto os outros ficavam na inacção. Naturalmente bravo, violento e desembaraçado, intendia que a celeridade era tudo.

XLIV. Os Allobroges, segundo a recommendação de Cicero, vão falar, por meio de Gabinio, com os de mais conjurados; e pedem a Lentulo, Cethego, Statilio, e Cassio, juramento escripto e assignado, para o apresentarem aos seus concidadãos, pois que sem isso não seria facil movel-os a tão grande passo. Os trez primeiros dão-no sem desconfiar: Cassio promette-lhes ir pessoalmente ao seu paiz, e parte de Roma um pouco antes dos deputados.

Lentulo mandou com os Allobroges um certo T. Vulturcio, de Crotona, para que, antes de voltarem á patria, firmassem com reciprocos juramentos a alliança com Catilina; e entregou a Vulturcio uma carta para Catilina, cujo theôr era o seguinte:

« O portador d'esta te dirá quem sou. Pensa « na tua lastimosa situação, e lembra-te que « és homem: reflecte no que exigem os teus « interesses, e vale-te de todos, ainda dos mais « vis. » Mandou-lhe tambem dizer de bôcca: que, tendo sido declarado inimigo público pelo senado, porque razão não alistava tambem os escravos? que em Roma estava prompto quanto lhe ordenara; que não tardasse em vir.

XLV. Tractadas estas cousas, e ajustada a noite em que deviam partir, Cicero, informado de tudo pelos deputados, ordena aos pretores L. Valerio Flacco e C. Pomptino, que surprehendam na ponte Mulvia toda a comitiva dos Allobroges: declara-lhes o motivo d'aquella commissão, e que no mais obrem segundo as circumstancias. Em execução d'esta ordem os consules, como bons soldados que eram, á calada e occultamente cercaram a ponte. Chegando lá Volturcio e os deputados, bradou-se de parte a parte: os Allobroges, percebendo logo a emboscada, renderam-se immediatamente aos pretores. Volturcio ao principio animou os companheiros, e defendeu-se combatendo: mas vendo-se desamparado pelos deputados, pediu primeiro muito a Pomptino, de quem era conhecido, que lhe valesse; e por ultimo, aterrado, e temendo a morte, rendeu-se aos pretores, como a inimigos.

XLVI. Concluida a expedição, mandou-se logo a noticia ao consul, a quem não causou menos prazer que cuidado. Folgava na idêa de que, descoberta a conjuração, ficava a patria salva do perigo; affligia-se sobre o que faria a cidadãos distinctos, réus de tamanha traição: castigal-os sería tornar-se odioso, deixal-os impunes sería perder a républica. Em fim cobra animo, e manda vir á sua presença Lentulo, Cethego, Statilio, Gabinio, e Cepario, de Terracina, que destinava partir para a Apulia a sublevar os escravos. Todos vieram sem demora, excepto Cepario, que, tendo saído de casa pouco antes, e sabendo que estava descoberta a conjuração, havia fugido de Roma. O consul, tomando Lentulo pela mão, em attenção a ser pretor, conduziu-o ao senado, e mandou ir os outros entre guardas para o templo da Concordia. Alli convoca o senado, e no meio de uma assembléa numerosa apresenta Vulturcio e os legados, e manda ao pretor Flacco que traga as cartas e a

carteira, que os mesmos lhe haviam entregado.

XLVII. Vulturcio, perguntado sobre aquella jornada, sobre a carta, sobre o seu projecto e os motivos d'elle, ao principio inventou mil cousas, sem falar na conjuração; depois, quando lhe prometteram perdão sob fé pública, descobriu tudo, como se passara: que, havia poucos dias, se associara a Gabinio e Cepario; que nada mais sabia, do que os deputados; só ouvira dizer muitas vezes a Gabinio, que P. Antonio, Servio Sylla, L. Vargonteio e outros muitos entravam na conjuração. O mesmo confessaram os Allobroges. Lentulo negava: mas, além da carta, objectaram-lhe suas ordinarias conversações, em que costumava dizer: que os livros das sibyllas promettiam o imperio de Roma a trez Cornelios: que Cinna e Sylla já o tinham obtido, e elle era o terceiro a quem os fados o destinavam: que além d'isso era aquelle o vigesimo anno depois do incendio do Capitolio, anno, que os aruspices, segundo innumeraveis prodigios, diziam, havia de ser ensanguentado com guerras civis.

Lidas as cartas, e tendo cada um reconhecido a sua firma, decretou o senado, que Lentulo, deposto da magistratura, e os demais, fossem retidos em prizão sem ferros: e em virtude d'isto foi Lentulo entregue a L. Lentulo Spinter então edil, Cethego a Q. Cornificio, Statilio a C. Cesar, Gabinio a M. Crasso, e Cepario (pouco antes apanhado, quando ia fugindo) ao senador Cn. Terencio.

XLVIII. Descoberta a conjuração, a mesma plebe, pouco antes grande partidista da guerra, e desejosa de innovações, mudando de sentimentos, execrava os projectos de Catilina, elevava Cicero ás nuvens, e, como se a tivessem salvado da escravidão, rompia em transportes de jubilo e prazer. De todas as desordens da guerra esperava ella mais ganho do que perda: mas, quanto ao incendio, julgava-o cruel, monstruoso e summamente arruinador, principalmente d'ella mesma, cujas posses consistiam sómente nos moveis de uso ordinario e nos vestidos.

No dia seguinte trouxeram ao senado um tal L. Tarquinio, prezo, segundo diziam, no caminho, quando ia para Catilina. Prometteu elle fazer revelações sobre a conjuração, se debaixo de fé pública lhe promettessem o perdão; e mandando-lhe o consul dizer francamente o que soubesse, depoz no senado quasi o mesmo que Vulturcio, sobre o projectado incendio, a matança dos homens de bem, e a marcha dos rebeldes. Só accrescentou, que fôra mandado por M. Crasso dizer a Catilina que não se deixasse aterrar com a prizão de Lentulo, Cethego e mais conjurados; antes porisso mesmo marchasse mais depressa sobre Roma, assim para animar os companheiros, como para mais facilmente os tirar do perigo.

Porém, tanto que Tarquinio proferiu o nome de Crasso, homem nobre, muito rico, e muito poderoso; uns pensaram similhante cousa incrivel; outros, ainda que a julgavam verdadeira, intendiam que em tal conjunctura convinha mais adoçar do que exacerbar homem de tanta auctoridade; e a maior parte, obrigada a Crasso por favores particulares, clamava que o delator mentia, e que se pozesse o negocio á deliberação no senado. Cicero recolheu os votos, e por maioria se decidiu, que a denúncia de Tarquinio parecia falsa; que fosse detido em prizão, e não o deixassem livre, emquanto não declarasse quem o havia induzido a inventar tamanha calumnia. Não faltou então quem julgasse, que aquella denúncia fôra maquinação de P. Autronio, para que Crasso, compromettido tambem, protegesse com o seu valimento os outros, de cujo perigo participava. Outros diziam que Cicero ensaiára Tarquinio 'naquillo, para Crasso não perturbar a republica, encarregando-se, como costumava, da defesa dos homens máus. Ao mesmo Crasso ouvi eu depois dizer publicamente, que fôra Cicero quem lhe fizera tão grande affronta.

XLIX. 'Naquelles mesmos tempos Q. Catulo e C. Pisão, nem com empenhos, nem com rogos, nem por dinheiro, poderam mover Cicero a servir-se dos Allobroges ou d'outro delator, para accusar falsamente a C. Cesar. Ambos eram de Cesar inimigos jurados: Pisão tinha sido accusado por elle, de haver injustamente condemnado á morte por dinheiro um habitante d'além-Pó: Catulo odiava-o, porque, pretendendo o pontificado em edade mui avançada, e depois de ter servido os maiores cargos, fôra preterido pelo joven Cesar. A occasião parecia-lhes favoravel, porque Cesar, por sua grande liberalidade particular, e grandissimos donativos publicos, tinha contraido dividas enormes. Mas quando não poderam resolver o consul a practicar tão grande infamia, cada um por seu lado intrigando e espalhando mentiras, que dizia ter ouvido a Vulturcio e aos Allobroges, attraíram sobre Cesar geral indignação; a ponto, que alguns cavalleiros romanos, que estavam de guarda ao templo da Concordia, ou assustados pela grandeza do perigo, ou por nobreza de sentimentos, para darem mais claras mostras do seu zêlo pela republica, atacaram com espadas a Cesar, quando saía do senado.

Continúa.

DESALENTO.

AO MEU AMIGO

Antonio de Carvalho e Vasconcellos.

Derradeira illusão, abriste as azas,
E deixaste-me só, quando meus olhos,
Cançados de chorar, já não tem prantos.
Derradeira illusão, que me has fugido —

Ultima esp'rança; que brotou na vida
Tão cheia de pesar, ultima estrella,
Que brilhou no meu céu tão negro e triste —
Porque deixaste, assim ao desamparo,
Um peito que era teu! .. Calix amargo,
Onde esp'ranças e dor mistura a sorte,
Já todo te esgotei! — Eis-te tombado.
Vazio a meus pés! — Que mais me espera?
Sêccos os olhos tenho, o peito exhausto,
E o pobre coração ermo de esp'ranças.
Como o roble, que perde as densas folhas,
Se o outono soprou, assim perdidas
Vi minhas illusões uma após outra.
Morreram todas, tu ficaste, e eu louco
Em ti só concentrei o amor, que a todas
Out'rora consagrei; o pobre nauta,
Quando nas ondas muribundo lucta,
Mais firme abraça a derradeira prancha,
Que nas mãos encontrou. . . . . .
. . . . . Que vale a esp'rança,
Que, cedo ou tarde, o desespero apaga?
Que vale ver brilhar, por entre o manto
De noite tenebrosa, um astro d'oiro,
Se, do rijo tufão nas pandas azas,
As densas nuvens apressadas correm
Apagar o pharol que apenas fulge?
Escuras trevas são a sorte minha!
Só 'neste mundo — só! — Ai, quem não sabe
Quanta dor quanto fel o peito inunda
Áquelle, que lançando em torno os olhos
Não vê senão prazer, ventura tudo,
E sente, e sabe, e vê, que o mundo inteiro
Um só peito não tem que ao seu responda,
Quem tal não sabe não maldiga a sorte!
. . . . . .
Vivi sonhando, o despertar me mata.
Ora sonhos d'amor, ora tremendos
Sonhos de desespero, a vida inteira
Occupado me têm, e vivo ainda
Se o viver é soffrer. — Fatal verdade
A meus olhos fulgiu, deserto infindo
Se estende em torno a mim, e voz medonha
Me brada ao coração: És só p'ra sempre!
Ai meus sonhos d'amor que eu amei tanto,
Meus sonhos d'ambição onde fugistes?
Quaes seccas folhas do tufão ludibrio,
Ou calcadas no pó, ou pelas aguas
Levadas para sempre ao pego immenso,
Todos todos perdi — e vivo ainda!
. . . . . .
A fé, a esp'rança e o amor que embalam
No mundo os homens, desde o berço á campa,
Deixaram-me sem dó, sem ellas vivo
Qual astro, que deixou o trilho usado,
Em torno ao sol, que a vida e luz lhe dava,
E pelo espaço vae sem luz nem rumo.
A fé! — Ai quanta fé eu tive out'rora
'Naquelles que perdi — quantos carinhos
Eu julguei encontrar, e só desprezo,
Indiff'rença cruel encontrei 'nelles!
Tu choras coração? Cala-te louco!
Esquecidos de mim, felizes todos,
Que nem saibam sequer quanto hei soffrido.

Fallaz esp'rança, oh quantas, quantas vezes,
Me encheste o coração com vãs promessas,
Enganando sem dó, mentindo ao triste,
Que, qual o viajor pelo deserto,
Perdido foi atrás miragem linda,
Que, como um sonho vão, se esvae no espaço.
Sempre has mentido enganadôra esp'rança!
Ora fingindo o céu sereno e puro,
Quando a tormenta já bramia ao longe,
Ora mostrando 'num porvir d'encantos,
Por entre o verdejar d'eternos louros,
A gloria essa illusão que aos loucos cega.
E quando o desengano que te pisa
Sempre as pégadas me buscava amigo,
Então sorrindo me dizias: Deixa,
Deixa da gloria a trabalhosa senda;
Cingindo a fronte de jasmins e rosas,
Em meu regaço, pelas leves auras
Acalentado, vem gozar repouso;
Deixa esse mundo refalsado e louco,
E ao som da lympha, que murmura um canto
Entre os seixinhos da florida encosta,
Ao som do triste suspirar da aragem,
Por entre as folhas que o outono espalha,
Deixa correr a descuidosa vida,
Bem como a rosa, que cahiu da margem
E á tona d'agua vae boiando airosa.
E mentias tambem! — Por fim cançada
De tanto me enganar, deixas-me, triste,
Que não posso viver sem teus enganos.

Amor! Triste de mim, cruel lembrança,
Doce veneno com que, outrora louco,
Quiz a sede matar, e a longos tragos
Enchi o coração, perdi min'alma!
Amar como eu amei na flor da vida,
Amar como eu amei! Julgava o mundo
Pequeno e pobre para amor tão grande.
Amei o céu, a terra, o mar profundo,
A medonha tormenta e as negras rochas,
Onde, bramindo, a tempestade echôa.
Amei a flor do prado a selva erguida,
O murmurar sem fim da humilde fonte,
Que parece cantar d'amor endechas.
Quantas vezes, oh quantas, fui sosinho
Por essas margens do mondego á tarde,
Quando no outono tudo é triste, e a terra
Parece involta em funeral sudario,
Suspirar e gemer, dizendo um nome,
Um nome só, e a vida o céu o inferno
Tudo minh'alma 'nesse nome via.
. . . . . .
A vida! — Ai vida, que a seus pés não fosse
Passada sempre, me par'cia a morte,
Ou, mais que a morte, tremedal medonho
Onde sem luz me delirava a mente.
O céu! — Julgava que seus negros olhos,
P'ra mim voltados com fagueiro riso,
O céu, e mais que o céu, 'nest'alma ardente
Podessem derramar — Ai, luta horrivel
De gelado terror de vãos desejos,
Buscando a vida e receando a morte,
A morte sim, pois eu julgava o peito
Fragil prisão, que contivesse est'alma,
Se acaso um dia seus fagueiros olhos
Se fitassem nos meus com brando riso.
O inferno! — O inferno d'entro em mim bramia
Mortaes ciumes m'o lançavam n'alma.
Negro ciume, quem no peito as garras
Te não sentiu, ai, não maldiga a vida!
Ver seus olhos sorrir aos olhos d'outro;
Sua dextra gentil pousando airosa
'Num braço, que talvez ao peito a estreita;
Ver-lhe os labios contar segredo ingenuo,
Juncto a faces, que vão corando ao sopro,
Que puro exhala pela rosea bôcca;
Ter ciumes da flôr, do chão que pisa,
Da fonte de cristal, que as mãos lhe beija;
Sorrisos, fallas, mil gentís caricias
Ver-lhe ás mãos largas espalhar, thesouros
Que eu não pude gosar . . Ai, quem no peito
Sente d'um coração a força e vida,
Diga se eu não soffri na vida o inferno.

Ninguem me lastimou, ninguem, nem ella!
Por entre o murmurar de mil suspiros
Não fez caso dos meus. — Par'cia a terra,
Ás plantas d'ella, desdobrar gostosa
Rico tapete de mimosas flores;
Ella vaidosa com seus pés calcava,
Sem dó das tristes, as gentís boninas;
E se rasgando d'este peito as carnes,
Sangrento ás plantas, lhe podesse um dia
Lançar o coração, talvez calcasse,

Sem sequer reparar, o pobre triste —.
Noites, dias passei com as mãos erguidas,
De joelhos no chão, idolatrando
Quem p'ra mim nem sequer volvia os olhos.
Enlouqueci — perdido fui lançar-me
No torpe lodaçal da vil luxuria.
Anjos, anjos do céu, vós não me vistes!
Com as puras azas encobrindo as frontes,
Vós fugistes de mim, não vistes nada.
Ha crimes, que talvez os céus ignorem —
Tão torpes são — e que a não ser o grito
Da consciencia, por punir ficassem.

. . . . . .

Nas mãos ambas tomando a taça impura
Do mais torpe prazer, julguei que a sede
Me podia matar, bebi-lhe as fezes.
Então meus olhos desvendados viram
Que tudo é vão, que tudo é vão no mundo.
Olhei em torno, d'illusões despido,
Achei-me só com meu peccado em face,
Tive medo fugi. — Vaguei sósinho,
Longe do mundo, sem achar consolo.
Sancta consolação, anjo que aos tristes
Manda ás vezes o céu, eu não podia
Entender tua voz, só quem no peito
Tem puro o coração póde entender-te.
Descri do céu, de mim, sentindo o gelo
Do desespero a penetrar-me 'nalma.
Tornei-me um não sei que não tem nome,
Nem eu sei se vivi . . . . . .
. . . . . Então fulgiste
Longe, bem longe, oh illusão perdida!
De joelhos cahi, nos olhos seccos
Inda pude encontrar saudosos prantos,
Prantos de gratidão aos céus benignos.
E tu fulgias qual, em noute horrenda,
Pharol d'esp'rança ao já perdido nauta.
E tu fulgias como fulge ao triste
Doente, exhausto, o despontar da aurora.
E eu prostrado adorei-te e disse:
Bem vinda sejas, tu que assim consolas
Começo a vida, meu soffrer d'outrora
Passou, foi sonho, vou viver de novo
Vida d'encantos, *seja ella infinda.*
Prostrei-me, louco, ao levantar-me a noite
Mais negra ainda em torno a mim reinava.
Tinhas passado qual luzente estrella,
Que brilha, e morre na amplidão do espaço.
Por que brilhaste enganadora esp'rança?
Traiçoeiro pharol, que promettias
Porto seguro, e me arrojaste incauto
Do desespero ao insondavel pégo!
E agora vivo, se é viver angustias
Soffrer contíuas, receando a morte,
Sem fé, sem esp'rança, sem amor na vida.

Senhor, que sondas dos mortaes os peitos,
Tu lês na mente o pensamento em germen,
As negras trevas não te occultam nada,
Porvir, passado, é teu presente infindo.
Eu pequei contra ti, mas tu bem sabes
Que o remorso cruel rasgava sempre
Meu pobre coração, quando esquecido
De teu nome, Senhor, ousava louco
Queimar teu puro incenso ás torpes plantas
Dos idolos mortaes, que amor gerava —.
Tu só, tu puro amor, pódes salvar-me!
Pura fé, puro amor, esp'rança pura!
Volve os olhos p'ra mim, cria em meu peito
Um novo coração, indigno é este
De te adorar Senhor! — Ou se não queres,
Se a piedade esgotei, se a não mereço,
Põe um termo fatal ás culpas minhas,
Acaba este viver, manda minh'alma
Soffrer longe de ti, té que alfim possa,
Purificada pela dôr e o pranto,
Arder de puro amor entre os teus anjos,
N'essa gloria sem fim que aos teus destinas.

Coimbra, Maio de 57. H. O'NEILL.

DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 82.

XXVIII.

E se a letra do Codigo penal não é morta; se a Constituição é uma realidade, *os mesmos lazaristas, e quaesquer outros institutos,* podem entrar e estabelecer-se, quando quizerem, sem character de pessoa juridica, é verdade, mas sem a menor infracção das leis do Estado.

Parece-nos haver alguma cousa dos habitos e da reminiscencia de sujeição a um governo absoluto 'nesta constante tendencia em olhar para o governo, para que conceda o que a lei não tolhe, para que dê e soccorra com os fundos publicos ou com as mercês do poder supremo.

Aproveitemo-nos das leis, como cidadãos d'um Estado constitucional; — respeitemos a auctoridade, sem todavia fazer dependentes do bél-prazer dos ministros, o exercicio dos direitos; — e convençamo-nos de que quem pretende os fins, não póde deixar de sujeitar-se á prestação dos meios.

O Estado, *d'accôrdo com a Egreja*, póde supprimir, ou reformar os institutos de freiras que nos restam; quem o contesta?

Alguns com effeito correm tão degenerados da sua regra, que nem a Egreja, nem o Estado interessam em os conservar. Porcerto que os seus bens podem receber uma melhor applicação — *pia* e *religiosa*, determinada pelo mesmo indispensavel accôrdo. Com elles muito se poderia auxiliar a congregação das servas dos pobres.

Voltar a 1834, e restabelecer as ordens religiosas d'então, algumas das quaes ainda estavam mais degeneradas, que as de muitos conventos de freiras, consideramol-o tão indiscreto e impolitico, como impossivel de levar a effeito, sem gravissimas difficuldades. Ha factos desastrosos, como este, cujo remedio, depois de consumados, é peor que o mesmo mal. As ordens religiosas podem, como indicamos, voltar desde já com um character puramente particular, dentro dos limites da tolerancia da Carta e do Codigo penal.

É porém sobremodo conveniente, segundo nos parece, auctorisar algumas para que possam mais desassombrada e solidamente auxiliar o clero.

O exemplo dos governos, que se succederam em França ás orgias revolucionarias, auctorisa este pensamento. A *ordenança* de 3 de fevereiro de 1816 auctorisou o restabelecimento dos lazaristas, e da congregação do Espirito-Sancto. Estas duas ordens religiosas, e a das missões estrangeiras, são até mesmo auxiliadas no orçamento do Estado, em attenção aos seus serviços nas colonias e nos paízes, aonde levam o lume do Evangelho. Os irmãos das escholas christãs são egualmente reconhecidos

e auctorisados por differentes ordenanças, e decisões do conselho d'estado.

O tempo, que é o maior dos innovadores, e que destróe admiravelmente todas as prevenções, para não deixar subsistir senão a verdade, fará justiça ás virtudes, ao zelo, e á caridade que algumas outras congregações, ou todas, manifestem; e tanto ali, como aqui, os vindouros darão a Deus o que é de Deus.

Mas se não quereis, ou não podeis aproveitar-vos, para viver em commum e sujeitos á regra, e em activo serviço da Egreja, da liberdade que as leis civis vos consentem; se os serviços dos passados forem o vosso unico documento; como podeis aspirar a que vos seja concedido o associar-vos com um character solemne e público?

E que vasto campo ahi está aberto á piedade dos ecclesiasticos e dos seculares, e principalmente dos ecclesiasticos, que desejassem ligar-se em vida commum, e pelos votos sagrados, para viverem uma vida mais perfeita e mortificada?

Entre outros, e tantos e tão importantes intuitos, consintam-nos que lembremos um, e bem simples e facil, — a catechese.

Que motivo legal poderia tolher alguns fervorosos padres para se unirem em commum, sôb uma regra, approvada pelo Ordinario, para auxiliarem, ou antes supprirem, a deficiencia dos parochos, principalmente ensinando a doutrina pelas freguezias, além dos outros exercicios *do sacerdocio*?

Para com a sua consciencia, para o beneficio do pobre povo, para a edificação do proximo, que importava que não tivessem um character solemne e público, nem constituissem uma pessoa juridica? Seriam perante a Egreja, e uns para com os outros, como hoje succede por exemplo nos Estados-Unidos, uma verdadeira *Ordem religiosa;* embora o Estado os não reconhecesse senão como uma reunião, ou associação tolerada.

XXIX.

Mui longa vai esta digressão. Tornaremos ao nosso principal assumpto; e para concluir, permitta-se-nos apontar uma outra grande vantagem da diffusão do instituto das irmãs da caridade.

Essas as virtuosas senhoras, que nos lêrem, disculpem o que vamos a dizer de pouco lisongeiro; e dignem-se, dentro em breve tempo, 'nesta parte fazer-nos mentirosos.

As irmãs da caridade, por via da irresistivel influencia das suas maneiras, da sua doçura, zelo, e piedade, conseguem associar ás suas obras as senhoras que vivem no mundo.

Differentes instituições caritativas offerecem, na França, a prova do que dizemos; em umas dirige a dama de caridade, e executa a irmã; 'noutras dirige a irmã, e executa a dama. Sempre e em toda a parte aquellas proporcionam a estas a occasião, e a facilidade de fazerem o bem com segurança; e guiadas por assim dizer pela mão das irmãs, as damas apprendem a subir as escadas do pobre envergonhado, do enfermo desvalido, dos hospitaes, e das prisões.

A caridade é natural no coração da mulher. As senhoras portuguezas possuem-na em tão subido gráu, como as francezas; mas, na maxima parte das terras, ainda as maiores, de provincia, experimenta-se uma tal falta de desembaraço, uma tal repugnancia ao exercicio público e activo da acção caridosa, e a deixar, por um pouco de tempo, os cuidados do interior da familia para se empregarem no allivio do proximo, que todas as instituições, que demandam indispensavelmente a acção das senhoras, ou não podem formar-se, ou definham desde o principio, ou não subsistem senão á custa dos esforços, sempre precarios e irregulares, d'uma só senhora, d'um só homem, ou de poucos, em breve desanimados por cansaço, e desgosto.

Não ha muitos annos que um excellente sujeito, posto á testa d'um nascente asylo da infancia, em uma cidade importante, nos escrevia, — que nem ainda nos bazares era auxiliado pelas senhoras!

Ora esta, não indifferença, mas acanhamento, e falta de cultura, esperamos de Deus, que desapparecerá pelo exemplo das irmãs, e pelo seu contacto e dôce attracção. Que dúvidas poderão ter as senhoras em sahir ao público exercicio da caridade, acompanhadas e dirigidas por um ANJO DO CEU, pela irmã da caridade?

Que fructos não são d'esperar da associação consoladora dos aflictos, desde que se completar e fortificar pela união das irmãs! Como em França, e muito mais do que alli, pelas razões indicadas, estas serão as indispensaveis auxiliadoras das senhoras que compõem a associação; e ao mesmo tempo o vinculo, que ha de ligar, sanctificando e fecundando, instituições que deveram caminhar unidas; e que todavia, em algumas partes, parecem oppostas e quasi rivaes! . . . .

Desenganemo-nos que a união faz a fôrça; e que não é menos agradavel a Deus agasalhar, instruir e educar o menino desvalido, do que visitar o enfermo, e dar de comer a quem tem fome; e que, 'nestas cousas, nem ha differenças politicas, nem de condição, nem de origem. Todos devemos ser de tudo; e quanto mais pequena fôr a terra, e limitados os recursos, peor é remar cada um para sua parte.

Concluamos:

Expostos, abandonados por quem vos deu ao mundo: a irmã da caridade é a vossa terna mãe!

Meninos desvalidos, d'ambos os sexos: é o vosso abrigo, a vossa mestra!

Infermos pobres: é a vossa carinhosa infermeira, em vossas casas, ou nos hospitaes, qualquer que seja, por mais arriscada ou repulsante, a vossa infermidade!

Pobres todos, pobre povo: — a filha de S. Vicente é a vossa serva; deixou o mundo para servir-vos, e soccorrer-vos. Dispensa-vos de mendigar, se o precisaes, o pão nosso de cada dia; e não descança, emquanto vol-o não levar; dar-vos-ha o proprio, se for mister, e morrerá de fome.

A sua familia: — sois vós todos, quem quer que sejaes.

A sua patria: — é o mundo, ou antes é o céu, para o qual se apressam em caminhar, derramando beneficios, e abrindo-vos por elles as portas da bemaventurança.

ADVERTENCIA.

«Depois d'impresso e publicado o n.° XXVII, tivemos conhecimento dos alvarás obtidos pelas associações de N. S. Consoladora dos Aflictos, e protectora dos orphãos desvalidos victimas do Cholera, para a admissão das irmãs. São datados de 9 de fevereiro d'este anno, referendados por S. Ex.ª, o sr. Julio Gomes da Silva Sanches.»

PLAUTO EM BERLIM.

A Allemanha tem sempre sido, e é, portanto, ainda hoje, o paiz da boa latinidade.

Depois que o francez tomou, em toda a parte do mundo, o privilegio de lingua universal, apenas dous unicos paizes da Europa têm tido a ousadia de resistir á invasão franceza, continuando a cultivar, com o mesmo esmero, que d'antes, a lingua, em que falou Cicero, e em que escreveu Horacio: Roma, e uma parte da Allemanha.

A mocidade estudiosa de Berlim deu do seu gosto pela boa latinidade uma prova ao mesmo tempo brilhante e singular.

Estudantes da Universidade de Frederico Guilherme representaram no theatro real da côrte a comedia de Plauto intitulada *Captivi* (os prisioneiros), recitando-a na lingua original, e com todos os requisitos da prosodia exigida pela metrificação.

Durante os entre-actos, outros estudantes cantaram trez Odes de Horacio, uma das quaes fôra posta em musica pelo famoso Meyerber.

O auditorio compunha-se, quasi exclusivamente, de sabios e litteratos, que de differentes partes de Allemanha havia attrahido a noticia de espectaculo tão novo, e que só por certa ordem de pessoas podia ser devidamente apreciado.

El-Rei assistiu á representação, e durante ella esteve continuamente folheando um exemplar das obras de Plauto, que mandou vir, sem cujo auxilio seria quasi impossivel fazer idéa sufficiente do merecimento do espectaculo. O mesmo fizeram os outros espectadores. Todos, quantos exemplares das obras de Plauto havia pelos livreiros, foram vendidos, e por bom preço.

R. DE GUSMÃO.

ESTATISTICA DA FREQUÊNCIA

Das universidades allemãs no verão de 1853.

	Estudantes matriculad.	Estud.tes não matriculad.	Total.
Basel (Bale).....	67	?	67
Berlim.....	1491	675	2166
Bern.....	157	«	157
Bonn.....	862	34	896
Breslau.....	806	31	837
Erlangen.....	431	«	431
Freiburg (Frisburgo).....	327	29	356
Giessen.....	402	«	402
Goetingue.....	669	«	669
Gratz.....	250	93	343
Greifswald.....	204	4	208
Halle.....	616	45	661
Heidelberg.....	719	33	752
Jena.....	420	12	432
Innsbruck.....	221	33	254
Kiel.....	132	«	132
Koenigsberg.....	347	«	347
Leipzig.....	794	«	794
Marburg.....	227	20	247
Munchen (Munique).....	1893	«	1893
Micenster.....	328	«	328
Olmutz.....	200	«	200
Praga.....	1025	144	1169
Rostock.....	108	«	108
Tubingue.....	743	«	743
Vienna.....	1964	439	2403
Wurtzburg.....	705	«	705
Zurich.....	189	16	205
	16:297	1:608	17:905

No mesmo verão de 1853 o numero de professores que ensinavam nas referidas 28 universidades da Allemanha e Suissa montava a 1685.

Esta estatistica bastava para fazer advinhar o extraordinario movimento litterario d'essa nação, que imprime annualmente para cima de dez milhões de volumes. E em Portugal é quasi inteiramente ignorado o allemão!

Discussão do valor da funcção perturbadora R, *dado pela serie do n.° 48 do liv 2.° da Theoria analytica do systema do mundo de Pontécoulant, 2.ª edição, no caso em que se desprezam os quadrados das forças perturbadoras; e indagação da menor ordem dos termos d'esta serie, que dependem de um argumento dado.*

Para entrarmos 'nesta discussão devemos determinar primeiramente os valores de u, v, z que pertencem ao movimento eliptico. Para isto, servindo-nos das fórmulas do cap. 4.° do liv. 2.° da obra citada, e sendo o $r_{,}$ da pag. 355 o mesmo que o r' da pag. 282, acharemos $u=\frac{r'}{a}-1=\frac{r}{a}(1-tg^2\theta+\text{etc.})-1$, ou desprezando a 4.ª ordem de e e φ,

$$u=\frac{e^2}{2}-\left(e-\frac{3e^3}{8}\right)\cos(nt+\varepsilon-\omega)-\frac{e^2}{2}\cos 2(nt+\varepsilon-\omega)-\frac{3e^3}{8}\cos 3(nt+\varepsilon-\omega)$$

$$-\frac{1}{2}tg^2\varphi\,\text{sen}^2(v'-\alpha)\left\{1-e\cos(nt+\varepsilon-\omega)\right\}:$$

mas, continuando a despresar as quantidades da 4.ª ordem, teremos pelas equações das pag. 280 e 281

$$tg^2\varphi\,\text{sen}^2(v'-\alpha)=tg^2\varphi\left\{\frac{1}{2}-\frac{1}{2}\cos 2(nt+\varepsilon-\beta)+eP\,\text{sen}\,2(nt+\varepsilon-\beta)\right\};$$

attendendo pois ao valor de P, será

$$u=\frac{e^2}{2}-\frac{1}{4}tg^2\varphi-\left(e-\frac{3e^3}{8}-\frac{e}{4}tg^2\varphi\right)\cos(nt+\varepsilon-\omega)-\frac{e^2}{2}\cos 2(nt+\varepsilon-\omega)$$

$$-\frac{3e^3}{8}\cos 3(nt+\varepsilon-\omega)+\frac{1}{4}tg^2\varphi\cos 2(nt+\varepsilon-\beta)-\frac{5e}{8}tg^2\varphi\cos(nt+\varepsilon+\omega-2\beta)$$

$$+\frac{3e}{8}tg^2\varphi\cos(3nt+3\varepsilon-\omega-2\beta)\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\quad(1)$$

Se mudarmos no plano da orbita a origem das longitudes, conservando os mesmos os angulos v' e α, estes deixarão de ser as projecções de v e β; mas o angulo $v'-\alpha$ será ainda a projecção de $v-\beta$; e a equação $tg(v'-\alpha)=\cos\varphi\,tg(v-\beta)$ terá ainda logar: se pois tomarmos para origem das longitudes sobre a orbita uma linha tal, que dê a longitude do nodo egual a α, será $\beta=\alpha$; e por isso a equação (1) dará depois da separação do angulo $nt+\varepsilon$, e notando que com o desprezo de φ^4 é $tg^2\varphi=4\,tg^2\frac{1}{2}\varphi$,

$$\left.\begin{aligned}u=\frac{e^2}{2}-tg^2\frac{1}{2}\varphi-\Big\{&e\,\text{sen}\,\omega-\frac{3e^3}{8}\,\text{sen}\,\omega-\frac{5e}{2}\,tg^2\,\frac{1}{2}\varphi\cos 2\alpha\,\text{sen}\,\omega-e\,tg^2\frac{1}{2}\varphi\,\text{sen}\,\omega\\&+\frac{5e}{2}\,tg^2\,\frac{1}{2}\varphi\,\text{sen}\,2\alpha\cos\omega\Big\}\,\text{sen}\,(nt+\varepsilon)\\-\Big\{&e\cos\omega-\frac{3e^3}{8}\cos\omega+\frac{5e}{2}\,tg^2\,\frac{1}{2}\varphi\,\text{sen}\,2\alpha\,\text{sen}\,\omega-e\,tg^2\frac{1}{2}\varphi\cos\omega\\&+\frac{5e}{2}\,tg^2\,\frac{1}{2}\varphi\cos 2\alpha\cos\omega\Big\}\cos(nt+\varepsilon)-\Big\{\frac{e^2}{2}\,\text{sen}\,2\omega-tg^2\frac{1}{2}\varphi\,\text{sen}\,2\alpha\Big\}\,\text{sen}\,2(nt+\varepsilon)\\-\Big\{&\frac{e^2}{2}\cos 2\omega-tg^2\frac{1}{2}\varphi\cos 2\alpha\Big\}\cos 2(nt+\varepsilon)\\-\Big\{&\frac{3e^3}{8}\,\text{sen}\,3\omega-\frac{3e}{2}\,tg^2\,\frac{1}{2}\varphi\,\text{sen}\,2\alpha\cos\omega-\frac{3e}{2}\,tg^2\,\frac{1}{2}\varphi\cos 2\alpha\,\text{sen}\,\omega\Big\}\,\text{sen}\,3(nt+\varepsilon)\\-\frac{3e^3}{8}\cos 3\omega-&\frac{3e}{2}\,tg^2\,\frac{1}{2}\varphi\cos 2\alpha\cos\omega+\frac{3e}{2}\,tg^2\,\frac{1}{2}\varphi\,\text{sen}\,2\alpha\,\text{sen}\,\omega\Big\}\cos 3(nt+\varepsilon)\end{aligned}\right\}(2)$$

Sendo o $v_{,}$ da pag. 355 o mesmo que o v' da pag. 280, será

$v = v' - (nt+\varepsilon) = v + \alpha - \beta - tg^2\frac{1}{2}\varphi \operatorname{sen} 2(v-\beta) - (nt+\varepsilon)$ continuando a despresar as quantidades da 4.ª ordem, e notando que o v do 2.° membro é diverso do do 1.° por ser a longitude na orbita: fazendo pois, como acima, $\beta = \alpha$, e sendo $v = nt+\varepsilon+eP$,

será $v = eP - tg^2\frac{1}{2}\varphi \operatorname{sen} 2(v-\beta)$, ou pelo valor de $\operatorname{sen} 2(v-\beta)$, da pag. 281,

$v = eP - tg^2\frac{1}{2}\varphi \left\{\operatorname{sen} 2(nt+\varepsilon-\alpha) + 2eP\cos 2(nt+\varepsilon-\alpha)\right\}$; attendendo pois ao valor de P, será

$$v = \left(2e - \frac{e^3}{4}\right)\operatorname{sen}(nt+\varepsilon-\omega) + \frac{5}{4}e^2\operatorname{sen} 2(nt+\varepsilon-\omega) + \frac{13e^3}{12}\operatorname{sen} 3(nt+\varepsilon-\omega)$$

$$- tg^2\frac{1}{2}\varphi\left\{\operatorname{sen} 2(nt+\varepsilon-\alpha) + 2e\operatorname{sen}(3nt+3\varepsilon-\alpha-2\omega) - 2e\operatorname{sen}(nt+\varepsilon+\omega-2\alpha)\right\},$$

ou separando o angulo $nt+\varepsilon$

$$\left.\begin{aligned} v = {} & \left\{2e\cos\omega - \frac{e^3}{4}\cos\omega - 2etg^2\frac{1}{2}\varphi\cos 2\alpha\cos\omega - 2etg^2\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen} 2\alpha\operatorname{sen}\omega\right\}\operatorname{sen}(nt+\varepsilon) \\ & - \left\{2e\operatorname{sen}\omega - \frac{e^3}{4}\operatorname{sen}\omega + 2etg^2\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen} 2\alpha\cos\omega - 2etg^2\frac{1}{2}\varphi\cos 2\alpha\operatorname{sen}\omega\right\}\cos(nt+\varepsilon) \\ & + \left\{\frac{5e^2}{4}\cos 2\omega - tg^2\frac{1}{2}\varphi\cos 2\alpha\right\}\operatorname{sen} 2(nt+\varepsilon) - \left\{\frac{5e^2}{4}\operatorname{sen} 2\omega - tg^2\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen} 2\alpha\right\}\cos 2(nt+\varepsilon) \\ & + \left\{\frac{13e^3}{12}\cos 3\omega - 2etg^2\frac{1}{2}\varphi\cos 2\alpha\cos\omega + 2etg^2\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen} 2\alpha\operatorname{sen}\omega\right\}\operatorname{sen} 3(nt+\varepsilon) \\ & - \left\{\frac{13e^3}{12}\operatorname{sen} 3\omega - 2etg^2\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen} 2\alpha\cos\omega - 2etg^2\frac{1}{2}\varphi\cos 2\alpha\operatorname{sen}\omega\right\}\cos 3(nt+\varepsilon) \end{aligned}\right\} (3)$$

O valor de $v'-\alpha$ da pag. 280 dará, fazendo $Q = tg\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen} 2(v-\alpha)$,

$\operatorname{sen}(v'-\alpha) = \operatorname{sen}(v-\alpha)\cos Q - \cos(v-\alpha)\operatorname{sen} Q$, ou despresando Q^2, $\operatorname{sen}(v'-\alpha) = \operatorname{sen}(v-\alpha) - Q\cos(v-\alpha)$; mas $v-\alpha = nt+\varepsilon-\alpha+eP$, logo despresando P^3, será $\operatorname{sen}(v-\alpha) = \operatorname{sen}(nt+\varepsilon-\alpha)\left(1-\frac{e^2P^2}{2}\right) + eP\cos(nt+\varepsilon-\alpha)$; e despresando P, é $\cos(v-\alpha) = \cos(nt+\varepsilon-\alpha)$; será portanto, attendendo ao valor de P, $\operatorname{sen}(v'-\alpha) = \operatorname{sen}(nt+\varepsilon-\alpha) - 2e^2\operatorname{sen}(nt+\varepsilon-\alpha)\times \operatorname{sen}^2(nt+\varepsilon-\omega) + 2e\operatorname{sen}(nt+\varepsilon-\omega)\cos(nt+\varepsilon-\alpha) - tg^2\frac{1}{2}\varphi\cos(nt+\varepsilon-\alpha)\operatorname{sen} 2(nt+\varepsilon-\alpha)$, ou

$$\left.\begin{aligned} \operatorname{sen}(v'-\alpha) = {} & \operatorname{sen}(nt+\varepsilon-\alpha) + e\operatorname{sen}(2nt+2\varepsilon-\omega-\alpha) + e\operatorname{sen}(\alpha-\omega) \\ & - e^2\operatorname{sen}(nt+\varepsilon-\alpha) + \frac{e^2}{2}\operatorname{sen}(3nt+3\varepsilon-2\omega-\alpha) - \frac{e^2}{2}\operatorname{sen}(nt+\varepsilon-2\omega+\alpha) \\ & - \frac{1}{2}tg^2\frac{1}{2}\varphi\left\{\operatorname{sen} 3(nt+\varepsilon-\alpha) + \operatorname{sen}(nt+\varepsilon-\alpha)\right\} \quad \ldots\ldots\ldots\ldots \end{aligned}\right\} (4)$$

Sendo $z = r's = as(1+u)$, será (pag. 282),

$z = a\,tg\,\varphi(1+u)\operatorname{sen}(v'-\alpha) = 2a\,tg\frac{1}{2}\varphi\left(1+tg^2\frac{1}{2}\varphi\right)(1+u)\operatorname{sen}(v'-\alpha)$; ou substituindo o valor (2) até as quantidades da 2.ª ordem,

$$z = 2a\,tg\frac{1}{2}\varphi\left\{1 - \frac{3}{4}tg^2\frac{1}{2}\varphi + \frac{e^2}{2} - e\cos(nt+\varepsilon-\omega) - \frac{e^2}{2}\cos 2(nt+\varepsilon-\omega)\right.$$

$$\left. + \frac{1}{4}tg^2\frac{1}{2}\varphi\cos 2(nt+\varepsilon-\alpha)\right\}\operatorname{sen}(v'-\alpha),$$

e substituindo o valor (4), e aproveitando só as quantidades da 3.ª ordem, será depois das reducções,

$$z = 2a\,tg\frac{1}{2}\varphi\Big\{\operatorname{sen}(nt+\varepsilon-\alpha)+\frac{3e}{2}\operatorname{sen}(\alpha-\omega)+\frac{e}{2}\operatorname{sen}(2nt+2\varepsilon-\omega-\alpha)$$
$$-\frac{3e^2}{4}\operatorname{sen}(nt+\varepsilon-\alpha)-\frac{e^2}{4}\operatorname{sen}(3nt+3\varepsilon-2\omega-\alpha)-\frac{e^2}{2}\operatorname{sen}(nt+\varepsilon-2\omega+\alpha)$$
$$-\frac{3}{8}\,tg^2\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}3(nt+\varepsilon-\alpha)+\frac{1}{8}\,tg^2\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}(nt+\varepsilon-\alpha)\Big\};$$

ou separando o angulo $nt+\varepsilon$

$$\left.\begin{aligned}
z &= 3ae\,tg\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}\alpha\cos\omega-3ae\,tg\frac{1}{2}\varphi\cos\alpha\operatorname{sen}\omega\\
&+\Big\{2a\,tg\frac{1}{2}\varphi\cos\alpha-\frac{3ae^2}{2}\,tg\frac{1}{2}\varphi\cos\alpha-ae^2\,tg\frac{1}{2}\varphi\cos\alpha\cos2\omega\\
&-ae^2\,tg\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}\alpha\operatorname{sen}2\omega+\frac{1}{4}a\,tg^3\frac{1}{2}\varphi\cos\alpha\Big\}\operatorname{sen}(nt+\varepsilon)\\
&-\Big\{2a\,tg\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}\alpha-\frac{3ae^2}{2}\,tg\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}\alpha-ae^2tg\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}\alpha\cos2\omega\\
&+ae^2tg\frac{1}{2}\varphi\cos\alpha\operatorname{sen}2\omega+\frac{1}{4}a\,tg^3\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}\alpha\Big\}\cos(nt+\varepsilon)\\
&+\Big\{ae\,tg\frac{1}{2}\varphi\cos\alpha\cos\omega-ae\,tg\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}\alpha\operatorname{sen}\omega\Big\}\operatorname{sen}2(nt+\varepsilon)\\
&-\Big\{ae\,tg\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}\alpha\cos\omega+ae\,tg\frac{1}{2}\varphi\cos\alpha\operatorname{sen}\omega\Big\}\cos2(nt+\varepsilon)\\
&-\Big\{\frac{ae^2}{2}tg\frac{1}{2}\varphi\cos\alpha\cos2\omega-\frac{ae^2}{2}\,tg\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}\alpha\operatorname{sen}2\omega+\frac{3a}{4}tg^3\frac{1}{2}\varphi\cos3\alpha\Big\}\operatorname{sen}3(nt+\varepsilon)\\
&+\Big\{\frac{ae^2}{2}tg\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}\alpha\cos2\omega+\frac{ae^2}{2}\,tg\frac{1}{2}\varphi\cos\alpha\operatorname{sen}2\omega+\frac{3a}{4}tg^3\frac{1}{2}\varphi\operatorname{sen}3\alpha\Big\}\cos3(nt+\varepsilon)\ldots
\end{aligned}\right\}\quad(5)$$

As leis que se observam nos valores (2), (3), (5) seriam ainda as mesmas se aproveitassemos as quantidades de todas as ordens de e e φ, porque as fórmulas do movimento eliptico, d'onde estes valores foram deduzidos, conservam as mesmas leis em todos os seus termos; pelo menos aquellas de que vamos fazer applicação. A simples inspecção d'aquelles valores mostra que 'nelles o seno ou o coseno de um angulo $f(nt+\varepsilon)$ tem por coefficiente uma serie cujo 1.° termo é da ordem f, o 2.° da ordem $f+2$, o 3.° da ordem $f+4$, e assim por diante; e a mesma lei se dará nos valores de u', v', z' que são dados pelas mesmas fórmulas com as letras devidamente acentuadas.

O valor de R da pag. 356 é uma serie, cujo termo geral é

$$T = H.\,u^h.\,u'^{h'}.\,v^k.\,v'^{k'}.\,z^l.\,z'^{l'}\begin{matrix}\operatorname{sen}\\\cos\end{matrix}I(n't-nt+\varepsilon'-\varepsilon)\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\quad(6)$$

Se designarmos pela notação (p) um termo da ordem p das excentricidades e inclinações, acabamos de mostrar que u, v, z são compostos de termos da fórma

$$\Big\{(f+f_i)+(f+f_i+2)+\text{etc.}\Big\}\begin{matrix}\operatorname{sen}\\\cos\end{matrix}f(nt+\varepsilon-\omega)\begin{matrix}\operatorname{sen}\\\cos\end{matrix}f_i(nt+\varepsilon-\alpha)\ldots\ldots\ldots\quad(7)$$

e que os de u', v', z' são compostos de termos da fórma

$$\Big\{(f'+f_i')+(f'+f_i'+2)+\text{etc.}\Big\}\begin{matrix}\operatorname{sen}\\\cos\end{matrix}f'(n't+\varepsilon'-\omega')\begin{matrix}\operatorname{sen}\\\cos\end{matrix}f_i'(n't+\varepsilon'-\alpha')\ldots\ldots\quad(8)$$

Mostremos agora que as potencias dos termos (7) e (8), assim como os productos d'estas potencias, gosam da propriedade de serem compostos de termos da mesma fórma; para isto demonstraremos o theorema seguinte. Sejam as duas series

$$\left.\begin{array}{l} A^{(1)}\,x^{\alpha^{(1)}}\,y^{\beta^{(1)}} + A^{(2)}\,x^{\alpha^{(2)}}\,y^{\beta^{(2)}} + \ldots\ldots + A^{(n)}\,x^{\alpha^{(n)}}\,y^{\beta^{(n)}} + A^{(n+1)}\,x^{\alpha^{(n+1)}}\,y^{\beta^{(n+1)}} + \text{etc.} \\ B^{(1)}\,x^{\lambda^{(1)}}\,y^{\gamma^{(1)}} + B^{(2)}\,x^{\lambda^{(2)}}\,y^{\gamma^{(2)}} + \ldots\ldots + B^{(n)}\,x^{\lambda^{(n)}}\,y^{\gamma^{(n)}} + B^{(n+1)}\,x^{\lambda^{(n+1)}}\,y^{\gamma^{(n+1)}} + \text{etc.} \end{array}\right\} (9)$$

Suppondo x e y pequenas quantidades, a ordem de cada termo será marcada pela somma dos expoentes de x e y. Sejam as series (9) taes que a somma dos expoentes de x e y em cada termo exceda a unidades a dos expoentes do termo precedente; isto é, seja

$$\alpha^{(n+1)} + \beta^{(n+1)} = \alpha^{(n)} + \beta^{(n)} + a\,;\quad \lambda^{(n+1)} + \gamma^{(n+1)} = \lambda^{(n)} + \gamma^{(n)} + a \ldots\ldots\ldots\ldots (10)$$

d'onde se deduz como consequencia

$$\alpha^{(n+m)} + \beta^{(n+m)} = \alpha^{(n)} + \beta^{(n)} + m\,a\,;\quad \lambda^{(n+m)} + \gamma^{(n+m)} = \lambda^{(n)} + \gamma^{(n)} + m\,a \ldots\ldots (11)$$

Se multiplicarmos em cruz dois termos da 1.ª serie (9) pelos correspondentes da 2.ª, teremos em geral os dois productos

$$A^{(n)}\,B^{(n+m)}\,x^{\alpha^{(n)}} + \lambda^{(n+m)}\,y^{\beta^{(n)}} + \gamma^{(n+m)}\,;\quad A^{(n+m)}\,B^{(n)}\,x^{\alpha^{(n+m)}} + \lambda^{(n)}\,y^{\beta^{(n+m)}} + \gamma^{(n)}\,;$$

a ordem do 1.º é $\alpha^{(n)} + \beta^{(n)} + \lambda^{(n+m)} + \gamma^{(n+m)}$, ou pela 2.ª das equações (11)

$\alpha^{(n)} + \beta^{(n)} + \lambda^{(n)} + \gamma^{(n)} + m\,a$, que é a mesma ordem do 2.º em virtude da 1.ª das mesmas equações: d'onde se segue que, para obtermos a ordem dos termos consecutivos do producto das series (9), basta achar a ordem dos termos que se obtem, multiplicando um termo da 1.ª pelo correspondente da 2.ª e pelos outros consecutivos; de sorte que serão termos consecutivos d'este producto os da ordem dos seguintes:

$$A^{(n)}\,B^{(n)}\,x^{\alpha^{(n)}} + \lambda^{(n)}\,y^{\beta^{(n)}} + \gamma^{(n)} + A^{(n)}\,B^{(n+1)}\,x^{\alpha^{(n)}} + \lambda^{(n+1)}\,y^{\beta^{(n)}} + \gamma^{(n+1)}$$

$$+ A^{(n)}\,B^{(n+2)}\,x^{\alpha^{(n)}} + \lambda^{(n+2)}\,y^{\beta^{(n)}} + \gamma^{(n+2)} + \text{etc.}$$

os quaes pelas equações (10), são taes que a ordem de cada um differe da do que o precede a unidades, de sorte que o producto das duas series gosa da propriedade commum a ambas.

O producto de trez series similhantes ás series (9) gosa da mesma propriedade, pois que o producto de duas multiplicado pela 3.ª está no caso que acabamos de tractar; e assim por diante, seja qualquer que fôr o numero das series: e o mesmo concluiremos a respeito da serie que resulta da elevação de qualquer das series (9) a uma dada potencia, porque esta operação é um caso particular da multiplicação.

Applicando este theorema aos termos (7) e (8), veremos que, por exemplo, a potencia β do 1.º se muda em $\left\{(\beta f + \beta f_{,}) + (\beta f + \beta f_{,} + 2) + \text{etc.}\right\}\left\{\begin{matrix}\text{sen}\\ \cos\end{matrix} f(nt + \varepsilon - \omega)\right\}^{\beta}\left\{\begin{matrix}\text{sen}\\ \cos\end{matrix} f_{,}(nt + \varepsilon - \alpha)\right\}^{\beta} \ldots (12)$

Ora, sendo β impar, $\text{sen}^{\beta}x$ tem a fórma $\text{sen}^{\beta}x = A\,\text{sen}\,\beta x + A'\,\text{sen}\,(\beta - 2)\,x + \text{etc.}$, e sendo β par tem a fórma $\text{sen}^{\beta}x = B\,\cos\beta x + B'\,\cos(\beta - 2)\,x + \text{etc.}$; e $\cos^{\beta}x$ tanto no caso de β par como impar tem a fórma $\cos^{\beta}x = M\,\cos\beta x + M'\,\cos(\beta - 2)\,x + \text{etc.}$ O 1.º termo de cada uma d'estas series, mostra que em relação a elle a serie (12) segue a lei da sua raiz, que é a serie (7), por ser a ordem $\beta f + \beta f_{,}$ egual á somma dos coefficientes dos angulos nos senos ou cosenos d'esses termos; porém os outros termos dos valores de $\text{sen}^{\beta}x$ e $\cos^{\beta}x$ sendo de uma ordem superior á que é indicada pelos coefficientes dos angulos, escusaremos de attender a elles, porque o nosso fim é achar a menor ordem dos termos que dependem de um argumento dado; podemos portanto concluir que as diversas potencias de u, u', v, v', z, z', e os productos d'estas potencias serão compostos de termos que seguem a lei das suas raizes; isto é, que terão as fórmas (7) e (8): attendendo pois sómente aos termos da ordem indicada pelos coefficientes dos angulos, o termo geral (6) de R terá a fórma seguinte:

$$T = \left\{(g) + (g+2) + \text{etc.}\right\} \times \left\{(g') + (g'+2) + \text{etc.}\right\} \times \left\{(g'') + (g''+2) + \text{etc.}\right\}$$

$$\times \left\{(g''') + (g'''+2) + \text{etc.}\right\} \times \begin{matrix}\text{sen}\\ \cos\end{matrix} g\,(nt + \varepsilon - \omega) \times \begin{matrix}\text{sen}\\ \cos\end{matrix} g'\,(n't + \varepsilon' - \omega') \times \begin{matrix}\text{sen}\\ \cos\end{matrix} g''\,(nt + \varepsilon - \alpha)$$

$$\times \begin{matrix}\text{sen}\\ \cos\end{matrix} g'''\,(n't + \varepsilon' - \alpha') \times \begin{matrix}\text{sen}\\ \cos\end{matrix} I\,(n't - nt + \varepsilon' - \varepsilon) \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots (13)$$

Continúa.

J. L. SARMENTO.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

APONTAMENTOS

Sobre a Hermeneutica do direito portuguez.

I.

Definição e etymologia das palavras Hermeneutica e Exegese — exame de differentes definições de Hermeneutica Juridica — verdadeiro modo de a considerar e sua importancia para a jurisprudencia. — A Hermeneutica do direito de cada Povo além das regras geraes tem-as particulares, e uma parte theorica e outra practica — limites d'este trabalho.

A palavra Hermeneutica, derivada do verbo grego ἑρμηνεύω, que significa interpretar, explicar e tambem demonstrar e ensinar, emprega-se geralmente para designar a arte d'interpretar as palavras dos outros.

A Hermeneutica juridica é commummente definida a arte d'interpretar as leis, [1] e chamam-lhe tambem Exegese, do verbo grego ἐξηγέομαι, palavra que sendo a principio applicada á interpretação das cousas sagradas, começou depois de Leibnitz [2] a ser empregada tambem na jurisprudencia.

Aquella definição de Hermeneutica juridica parece-nos insufficiente. Em 1.° logar, porque limitada ás leis, deixa de fóra do seu quadro não só o direito consuetudinario, mas tambem differentes diplomas, que não dimanam do poder legislativo, taes como os decretos, portarias etc. [3] e as sentenças, contractos e disposições d'ultima vontade. Em 2.° logar porque suppõe que a Hermeneutica juridica deve ter necessariamente por thema um dado texto e por fim a sua explicação.

Para remediar o primeiro defeito basta substituir, como fazem quasi todos os modernos, a palavra *leis* pela palavra *direito*. 'Nesta comprehende-se realmente tudo quanto indevidamente a primeira definição excluia e conserva-se até melhor o sentido natural das palavras *Hermeneutica juridica*.

Superfluo é mostrar que esta sciencia deve applicar-se a todas as fontes do direito; mas como as sentenças, contractos e disposições d'ultima vontade são differentes do que vulgarmente se entende por fontes de direito, e parecem á primeira vista alheios da Hermeneutica juridica, daremos a este respeito uma breve explicação.

O direito ás vezes é tão rigoroso, que não permitte aos particulares o modificarem as suas disposições. Tal é por exemplo a lei que estabelece a inalienabilidade dos bens vinculados, as leis penaes, etc. Outras vezes porém limita-se a legislar sobre os casos em que os cidadãos não providenciaram, tolerando que elles regulem as suas relações por modo diverso do estabelecido na lei. Taes são as disposições, que tractam das successões legitimas, e outras muitas a respeito dos contractos. Ao direito no primeiro caso podemos com Savigny [1] chamar absoluto, e comprehende as leis imperativas e prohibitivas [2]: no segundo caso podemos, com o mesmo escriptor, chamar-lhe suppletivo, ou com outros facultativo [3].

Quando o direito é puramente facultativo, o cidadão tem de certo modo o poder de legislar: assim que aos testamentos chama com razão o §. 5.° da nossa lei de 25 de junho de 1766 actos legislativos, e o mesmo podemos dizer dos outros actos juridicos.

Estes pois têm tanto direito a pertencer á Hermeneutica juridica como as proprias leis facultativas, e nós veremos que elles devem interpretar-se, como se estivessem incorporados na propria legislação.

[1] Eckhard *Herm. Jur.* §. 22, sr. Carneiro *Prim. linh.* de *Herm.* §. 12 e outros.

[2] Na *nova method. discendæ docendæque jurispr.* publicada primeiro anonyma em 1667, e depois em 1748, diz Leibnitz que toda a sciencia de direito consta, como a de theologia, de quatro partes: a dogmatica que tracta do direito corrente, a historica que examina o tempo e modo como o direito foi introduzido, reformado ou revogado, a *exegetica* que se occupa das fontes, e a polemica. Ed. de 1748 p. 26.

[3] Vej. em Hugo *Civilist Magazin* 2.te aufl. vol. IV. pag. 89—134 uma longa demonstração de que as leis não são as unicas fontes das verdades juridicas.

[1] Tr. de Dr. Rom. liv. 1.° cap. 2.° §. 16 pag. 54 da trad. franc. de 1840.

[2] Esta distincção das leis em imperativas e prohibitivas é com razão impugnada por Savigny log. cit. p. 56, porque se não funda senão na fórma affirmativa ou negativa, que o legislador deu á lei. Comtudo acha-se adoptada por quasi todos os escriptores.

[3] O cit. Savigny censura o nome de *facultativas*, que commummente se dá ás leis a que elle chama suppletivas. Mas aquella denominação é expressiva, porque ao mesmo tempo que revela a existencia d'uma lei *subsidiaria* das declarações da vontade juridica dos particulares, mostra que estes têm o direito de *legislar* por diverso modo.

As sentenças tambem devem pertencer-lhe, porque constituem direito para as partes entre quem são proferidas.

A definição portanto, que dá por objecto á Hermeneutica juridica a interpretação do direito, é, por mais extensa, preferivel á que primeiro referimos [1].

Essa definição poderia bastar para remediar o segundo defeito da primeira, se não andasse espalhada pelos tractados e pelas escholas uma idêa falsa, por incompleta, ácêrca da missão d'esta sciencia. Suppõe-se geralmente que ella se limita a dar as regras, que nos auxiliam a transportar d'um texto dado para o nosso espirito todo o pensamento do legislador encerrado 'nesse texto. Segundo esta idêa os preceitos que nos instruem no modo de supprir as lacunas da legislação, e de resolver as contradicções que apparecem 'nella, não devem pertencer á Hermeneutica juridica. Felizmente os que sobre ella escreveram têm tido cuidado de nos dar alguns d'esses preceitos; e o uso da combinação do texto que se quer explicar, com outros logares a que chamam parallelos, é antiquissimo e mui frequente nas notas dos glosadores.

Apezar porém d'estes preceitos, como não eram filiados 'numa concepção clara da Hermeneutica juridica, esta não podia apparecer em toda a sua luz nem encaminhar-se ao seu verdadeiro fim.

Segundo a comprehendo, a Hermeneutica juridica deve ensinar-nos a reconstruir todo o direito positivo, de sorte que este fórme um systema completo e harmonico [2]. Ella demora-se ás vezes 'num texto determinado, como o architecto se demora a affeiçoar a pedra que tem de ajustar no edificio. Analysa cuidadosa uma lei, palavra por palavra, periodo por periodo; appropria-se do character e opiniões do legislador que a fez; estuda as circumstancias do tempo, em que foi publicada; investiga os motivos, que a produziram; compara-a emfim com as outras leis parallelas, que a restringem ou ampliam ou esclarecem. Mas estes trabalhos parciaes são apenas meios, de que ella se serve para chegar ao seu fim.

Esse não o tem conseguido senão depois que produziu a Synthese harmonica e completa do direito.

O seu primeiro processo é sem dúvida a analyse, mas deve ir subindo d'esta para a synthese, da qual tornará a descer para corrigir os defeitos inevitaveis da primeira, e elevando-se d'esta novamente para aquella, achará ahi muito que compôr e aperfeiçoar. Este trabalho de cada vez que se repete produz sempre algum melhoramento na jurisprudencia, porque os estudos exegeticos são tanto mais proficuos e seguros, quanto mais completos e solidos são os trabalhos syntheticos, e estes sobem tanto em perfeição quanto aquelles augmentaram em certeza e fecundidade.

A analyse muito minuciosa e exclusiva dos textos produz, como produziu já, a jurisprudencia casuistica. A synthetica, desajudada da analyse, acaba por substituir ao imperio da lei o dominio da opinião. A Hermeneutica deve reunil-as ambas para as empregar como meios, até produzir a verdadeira synthese do direito, que é o seu ultimo scopo.

Este modo de considerar a Hermeneutica permittir-nos-ha tractal-a com aquella ligação scientifica, que falta nos differentes tractados, e desde já nos auctorisa a inculcal-a como importantissima para os estudos e progressos do direito.

A Hermeneutica juridica tem (abstrahindo das regras da grammatica e logica) uma parte geral, que é applicavel ao direito de qualquer povo. Mas assim como a grammatica tem regras geraes, e outras especiaes accommodadas ao genio e indole da lingua d'um dado povo, assim a Hermeneutica tem uma parte especial appropriada ao character e structura particular do direito de cada nação. Os Hermeneuticos têm mostrado practicamente que não desconhecem esta verdade, e porisso é que Eckhard, por exemplo, tracta em separado do modo de interpretar o direito romano, o canonico e o germanico.

A Hermeneutica tem tambem uma parte theorica e outra práctica: A primeira diz os principios geraes, que devemos ter em vista para reconstruirmos o systema do direito. A segunda observa esses principios e os põe por obra, practicando essa reconstrucção, até a deixar completa.

O nosso fim é tractar da Hermeneutica do direito portuguez. Mas como as fontes do nosso direito são de mui diversa natureza e origem, o nosso trabalho teria de ser muito vasto, porque antes de applicarmos o direito subsidiario ás necessidades do nosso, temos de estudar aquelle na sua pureza, e portanto de aprender os principios privativos da sua Hermeneutica. Além d'isto, segundo o fim que attribuimos a esta sciencia, fôra mister construir com o seu auxilio todo o systema do direito portuguez, obra que não podia caber nos apertados limites d'este jornal. Restringir-nos-hemos, pois, á parte theorica da Hermeneutica do nosso direito, e na parte práctica cuidaremos só de investigar o espirito da nossa legislação, em todos os seus ramos sim, mas apenas nos pontos fundamentaes.

Continúa.

A. M.

[1] Savigny, cujas idêas adoptamos em muitas materias da Hermeneutica, reconhece a p. 202 que a interpretação juridica não se limita ás leis, mas inscrevendo o cap. 4 liv. 1.º « interpretação das leis » dá a entender que ella deve ter por base um dado texto, o que não é verdade nos casos, em que a legislação é omissa.

[2] Em que consiste a harmonia do systema formado pelo artificio do interprete, no logar proprio o diremos.

HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR

SALLUSTIO:

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pagg. 88.

L. Em quanto isto se passava no senado, em quanto, verificada a delação dos legados e de T. Voltucio, se lhes decretavam premios, os libertos e alguns clientes de Lentulo, dispersos por differentes bairros e ruas, incitavam os artifices e escravos para o tirarem da prizão; e outros procuravam cabeças de motim, costumados a excitar por dinheiro sublevações no estado. Cethego mandava rogar aos seus escravos e libertos, mais escolhidos por desembaraçados e atrevidos, que armados rompessem em tropel até onde elle estava.

O consul, apenas soube d'estes preparativos, poz sentinellas aos conjurados, como o aconselhavam o tempo e as circumstancias; e propoz em pleno senado, que se deliberasse sobre o que deveria fazer-se aos réus presos. Pouco antes, já o senado por maioria os tinha julgado traidores á républica. Então, pedindo-se em primeiro logar o parecer de Decimo Junio Silano por ser consul designado, votou elle pena de morte contra os réus presos, e contra L. Cassio, P. Furio, P. Umbreno, Q. Annio, quando se prendessem; mas ao depois, muito abalado pelo discurso de C. Cesar, disse que seguiria a opinião de Tiberio Nero, que foi: que se tornasse a votar com guardas dobradas, e depois de nova informação.

LI. Cesar, quando lhe tocou falar, pedindo-lhe o consul o voto, deu-o 'nestes termos:

« Todos os homens, padres conscriptos, que « deliberam sobre cousas duvidosas, devem « despir-se de compaixão, ira, odio e amiza- « de: quando taes affectos cegam a alma, não « pode ella ver a verdade: ninguem serviu ao « mesmo tempo a caprichos e interesses. Muito « pode um espirito livre; mas se o possuem « paixões, dominam estas, e elle nada vale. « Muitos reis, muitos povos, padres conscri- « ptos, podéra eu memorar, a quem a com- « paixão ou a ira inspiraram resoluções funes- « tas; mas prefiro lembrar-me dos rasgos de « justiça e prudencia, praticados por nossos « maiores contra os impulsos do coração.

« Na guerra da Macedonia, que tivemos com « o rei Perseu, a cidade de Rhodes, essa grande « e opulenta cidade, que devia ao povo romano « sua opulencia e crescimento, foi-nos infiel « e hostil. Terminou a guerra, deliberou-se « sobre a offensa; e nossos maiores, para que « se não pensasse, que as riquezas e não a in- « juria dos Rhodios tinham sido a causa da « guerra, deixaram-os impunes. Em todas as « guerras punicas, tendo Carthago em tempo « de paz e de tregoas commettido mil perfidias « atrozes, já mais fizeram elles outro tanto em « represalia, preferindo assim actos dignos « de si ao que com justiça podiam fazer a « seus inimigos. Tende tambem vós, padres « conscriptos, egual cautella; não possa com- « vosco o crime de Lentulo e dos outros mais « que o proprio decoro; não prezeis mais a « ira que a fama. Se é possivel achar pena « proporcionada a similhante crime, approvo a « innovação que se propõe; mas se a gran- « deza do attentado excede quanto a imagi- « nação dos homens pode inventar, limitemo- « nos aos castigos que as leis estabelecem.

« A maior parte dos que votaram antes de « mim, lamentaram com pomposa eloquencia « as desgraças do estado: pintaram os horro- « res da guerra, a triste sorte dos vencidos, « os roubos das virgens e mancebos, os filhos « arrebatados do seio das mães, as mães en- « xovalhadas a bel-prazer do vencedor, os tem- « plos saqueados, as casas, Roma inteira, cheia « de carnificina, de incendios, de armas, de ca- « daveres, de sangue, de universal tristeza.

« Mas, deuses immortaes, para que vêm taes « discursos? Para vos fazer odiar a conjura- « ção? Certo, aquelle que não se abalar com « um crime tão grande e tão atroz, inflammar- « se-ha com palavras? Não: ninguem reputa « pequenas as proprias injurias; antes o resen- « timento de muitos tem sido ás vezes maior « do que era justo. Mas nem tudo é permittido « a todos, padres conscriptos. O homem do « commum, de vida obscura, se delinquiu por « colerico, poucos o sabem; o seu nome e o « seu estado correm parelhas: mas as acções « dos grandes e poderosos são sabidas de todos. « Assim, a maxima elevação anda acompanhada « da minima liberdade: o grande não pode ter « nem amor, nem odio; e ira, menos que « tudo. O que nos outros se chama colera, « no magistrado é despotismo e crueldade.

« Sem dúvida, padres conscriptos, eu enten- « do que todos os supplicios são pequenos para « tamanho crime; mas no commum dos homens « só ficam as ultimas impressões; e, quanto aos « facinorosos, esquecem-se as suas culpas, e só « se fala nos seus castigos, quando foram um « pouco mais severos.

« Eu bem sei, padres conscriptos, que tudo « quanto ha dicto Decio Silano, homem de re- « solução e valor, o disse por amor do bem « público; que em materia tão grave nem odio « nem favor o guiaram: conheço-lhe o chara- « cter e a prudencia. Não me parece cruel o « seu voto, (e que pode haver cruel contra « homens taes?) mas é contrario á constitui- « ção da républica. Sem dúvida, Silano, ou foi « o medo ou a gravidade do delicto, que te fez « propor, sendo consul designado, um novo ge- « nero de castigo. De temor escusado é falar, « quando, pelas diligencias do nosso preclarissi- « mo consul, tantas guardas se acham em ar- « mas. Sobre o castigo posso dizer o que é cer-

« to: na afflicção, na miseria, não é supplicio » a morte, é descanço aos trabalhos: ella põe « termo a todos os males da vida, e além da « morte não ha prazeres nem mágoas.

« Mas por que motivo, deuses immortaes, « não accrescentaste no teu voto, que fossem « primeiro açoutados? Foi porque a lei patria « o prohibe? Outras leis tambem prohibem sen- « tenciar os cidadãos á morte, e só permittem « desterral-os. Foi porque os açoutes são mais « crueis que a morte? E que pena pode haver « acerba e nimiamente cruel contra réus con- « vencidos de tamanho crime? E, se foi por jul- « gares a morte castigo mais leve, como se « respeitará a lei em cousas pequenas, trans- « gredindo-a em cousas tão grandes?

« Mas, dir-me-hão, quem poderá censurar o « que se decretou contra parricidas da répu- « blica? Quem? O tempo, as circumstancias, « a fortuna, cujo capricho governa o mundo. « Sim: elles merecem tudo, o que lhes aconte- « cer; mas vós, padres conscriptos, considerai « o que ordenais contra elles. Todos os máos « exemplos nasceram de bons principios; mas « quando o governo passa ás mãos de igno- « rantes ou mal intencionados, aquelle novo « exemplo, outr'ora applicado justamente aos « que o mereciam, applica-se hoje contra os que « não o merecem.

« Os Lacedemonios, depois de vencerem os « Athenienses, elegeram trinta magistrados « para governar a républica. Estes ao princi- « pio mataram sem fórma de processo os ho- « mens mais facinorosos e malquistos; e o povo « alegrava-se e applaudia. Logo entrou a cres- « cer o despotismo; culpados e innocentes fo- « ram arbitrariamente mortos, e todos aterra- « dos; e assim com a escravidão pagou aquelle « povo bem caro a sua estulta alegria.

« Em nosso mesmo tempo, quando Sylla ven- « cedor mandou degolar a Damasippo e outros, « que se tinham engrandecido sobre as ruinas « da patria, quem não louvou tal acção? Ho- « mens scelerados e facciosos, que perturbavam « com sedições a républica (diziam todos), me- « reciam a morte. Mas esta foi a origem de « uma terrivel carnificina; pois todo o que cu- « biçava a casa, a quinta, e por fim um movel, « um vestido de outro, trabalhava por mettel-o « na lista dos proscriptos! Por isso, os mesmos « que folgaram com a morte de Damasippo, « foram d'ahi a pouco arrastados ao supplicio, « e não terminou a carniceria, senão depois « que Sylla fartou de riquezas todos os seus.

« Tal procedimento, eu não o receio nem « de M. Tullio, nem no tempo presente; mas « em um grande estado ha muitos e diversos « genios: em outros tempos, com outro con- « sul, que tenha tambem ás mãos um exercito, « pode julgar-se verdade uma impostura; e « quando, com tal exemplo, um consul por de- « creto do senado desembainhar a espada, « quem o poderá conter ou moderar?

« Aos nóssos maiores não faltou jámais scien- « cia nem valor: a soberba não os impediu de « imitar as instituições dos outros, comtanto « que fossem boas. Adoptaram as armas offen- « sivas e defensivas dos Samnites, e dos Tos- « canos muitas insignias dos magistrados; em « uma palavra, tudo quanto achavam apro- « veitavel entre alliados ou inimigos, logo vi- « nham pratical-o na patria; queriam antes » imitar os bons, que invejal-os. Mas tam- « bem 'naquelles tempos, imitando os gregos, « açoutavam e condemnavam á morte os cida- « dãos. Augmentou-se a républica; com o cres- « cer da população cresceu a intriga; a calu- « mnia entrou a atacar a innocencia, e com- « metteram-se outros crimes similhantes. Isto « fez promulgar a lei Porcia e outras, que per- « mittiram o desterro aos mesmos condemnados « á morte. Esta razão, padres conscriptos, pa- « rece-me ponderosa para não admittirmos in- « novações. Mais valor, mais sciencia houve « por certo em nossos maiores: elles de peque- « nos principios formaram um vasto imperio; « nós mal conservamos a sua honrosa herança.

« Mas quererei eu por isso, que os réus se « soltem, e vão engrossar o exercito de Ca- « tilina? De modo nenhum. O meu voto é: « confisquem-se-lhes os bens; sejam elles dis- « persos em prisões pelos municipios mais bem « fortificados; nem no senado nem perante o « povo ninguem fale mais 'nelles; e desde já « declare o senado inimigo do estado e da vida « dos cidadãos todo aquelle que fizer o con- « trario. »

Continúa.

CHIMICA.

Emprego, na pintura, do sulfato de baryta artificial, em vez do alvaiade e oxido de zinco.

É bem conhecida a importancia commercial do alvaiade ou carbonato de chumbo. É empregado principalmente na pintura, pela sua bella cor branca, por sua opacidade, e pela facilidade, com que se mixtura com os oleos siccativos. Tambem se emprega, para formar o vidro, que esmalta as faianças finas. O esmalte, que reveste os bilhetes de visitas, e que lhes dá o aspecto de porcellana, tambem se obtem pela applicação do alvaiade.

Grandes inconvenientes porém resultam do uso d'esta substancia. O primeiro, e certamente o mais grave, é a acção venenosa, que exerce sobre a economia animal, e que possue em commum com todas as combinações do chumbo. Assim, os pintores, e principalmente os operarios das fabricas d'alvaiade, são frequentemente attacados de colicas violentas, e finalmente de paralyzia dos intestinos e dos membros inferiores, que só termina com a morte.

Outro inconveniente, é a facilidade, com que se decompõe pelo gaz sulphydrico; transformando-se em sulfureto de chumbo, que é negro: as pinturas feitas com esta materia, têm o defeito d'ennegrecer em presença das emanações sulfurosas.

Para evitar estes inconvenientes, a industria moderna vulgarisou o emprego do oxido de zinco em vez do carbonato de chumbo nos principaes usos da pintura. Infelizmente porém, esta substituição não é tão vantajosa como ao principio se suppunha, porque ainda que o oxido de zinco não ennegrece pela acção do gaz sulphydrico, parece todavia que a sua manipulação não é tão innocente como se julgava.

Já ha muito, que o sulfato de baryta, misturado com o alvaiade, servia na pintura ordinaria de decoração; mas as suas applicações, depois dos recentes trabalhos de M. Kulmann, sobem de valor, e promettem uma revolução completa nos processos da pintura.

O sulfato de baryta artificial, applicado em camadas successivas, por meio da gelatina ou da fecula, na pintura *á tempera*, e com uma mistura de silicato de potassa e de fecula, na pintura *a oleo*, cobre perfeitamente as superficies, e produz tal alvura e tamanho lustre, que o mais fiño alvaiade jámais pode imitar.

Na *industria*, já este producto tem sido objecto de algumas applicações com o nome de *branco fixo*; e serve na estamparia dos papeis pintados, e na preparação dos bilhetes de visitas, lustrosos e esmaltados, para formar uma superficie branca e assetinada. Além d'isto, é inalteravel pelas emanações do gaz sulphydrico, e offerece a importante vantagem, de ficar por um preço, dous terços menor, que o do alvaiade e oxido de zinco.

Além de todas estas vantagens, o emprego do sulfato de baryta realisa uma grande economia, permittindo, em grande numero de circumstancias, substituir a pintura *á tempera* á pintura *a oleo* e a essencia de terebenthina. As condições hygienicas dos pintores melhoram consideravelmente. Não só acabam os desastrosos effeitos a que estão sujeitos os que preparam ou trabalham com o alvaiade e oxido de zinco, mas tambem se evita o inconveniente, não menos grave, do cheiro da essencia de terebenthina e de outros oleos essenciaes.

O sulfato de baryta é um producto, que se pode manipular sem receio algum, porque a sua acção sobre a economia é completamente inoffensiva. Em quanto que alguns decigrammas de alvaiade e oxido de zinco podem produzir sobre a saude profundas alterações, o sulfato de baryta pode ser ingerido na economia em doses elevadas sem perigo algum. Um pequeno cão, tendo o peso de $2\frac{1}{2}$ kilogrammas, recebeu dois dias successivos, nos alimentos, e em uma só refeição, 22 grammas de sulfato artificial de baryta, sem que apparecesse o mais leve incommodo do animal.

Por consequencia, o branco de baryta, applicado por meio da gelatina, ou ainda melhor, com uma mistura de fecula e silicato de potassa, substitue vantajosamente o alvaiade e oxido de zinco, substancias venenosas, e que não constituem côres fixas; dispensa o emprego dos oleos essenciaes; e realisa grande economia nos processos tão dispendiosos da pintura.

S. DE C.

Extracção d'uma moeda de quarenta reis, pataco, *retida por trez dias no exophago. Processo d'applicação da pinça exophagiana, promovendo ao mesmo tempo o vomito, por titillações na uvula.*

Li na gazeta medica de Paris de 14 de fevereiro do corrente, uma observação, que refere o dr. J. Kuhn de Niederbronn, ácêrca da extracção d'uma moeda de cinco francos retida no exophago, abaixo da região laryngea, para o que construiu um muito simples instrumento; e diz elle que fôra induzido a fazer a sua publicação, por ter visto em o n.° da mesma gazeta de 3 de janeiro ultimo, um caso similhante d'uma peça de moeda, extrahido do exophago, com ajuda do colchete de Graaf.

No meu caso não foi possivel fazer a extracção com o colchete de Graaf, nem com o gancho de Petit; e tambem hoje vejo que nem com o instrumento de Mr. Kuhn o seria: e como o consegui com a pinça exophagiana, para a qual proponho uma modificação, que por aquella occasião me occorreu, me deliberei a dar publicidade á seguinte observação.

No dia 18 de janeiro de 1855 se me apresentou Maria Martins, edade 14 annos, filha de José Martins Hippolyto, natural de Silveira, freguezia d'Oim, districto d'Aveiro. Tinha na sua terra, e no dia 16 do mesmo mez, mettido na bôcca um pataco, e por descuido o engulira.

O pataco desceu até perto do terço inferior do exophago, pois que a doente affirmava que o sentia abaixo das claviculas. Disse-me que a haviam collocado de cabeça para baixo, dando-lhe murros nas costas, e lhe tinham mexido com uma penna no fundo da bôcca para promover o vomito; mas o pataco não tinha saído: disse tambem que desde o successo, não podéra mais engulir cousa alguma.

Quiz verificar dando-lhe agua a beber, e mesmo com a idêa de lhe applicar algum vomitivo; vi porém que a doente nada absolutamente podia engulir. Tive toda a dúvida

em calcar o pataco para o estomago, por me lembrar que devia ter grande difficuldade em atravessar o pyloro e a valvula de Bauhim, assim como, pela sua posição, em percorrer o colon ascendente.

Em todos estes pontos devia ter grande demora, se é que chegasse a vencel-os; e ainda mesmo vencendo-os, não seria antes de ter produzido o envenenamento pelos saes de cobre, resultado da acção dos acidos do estomago e intestinos sobre o pataco: além de muitos outros inconvenientes, este foi o que me deliberou a tentar a extracção pela bôcca. e no caso de a não conseguir, indicar á doente que entrasse no hospital, para ahi se proceder á exophagothomia.

Sentada a doente 'numa cadeira, introduzi no exophago o colchete de Graaf, não conseguindo fazel-o passar abaixo do pataco; e o mesmo aconteceu com o gancho de Petit, isto talvez por não empregar certa força necessaria para distender as paredes do exophago; mas receava com ella empurrar o pataco para o estomago, por isso que o não podia amparar da parte inferior. (Vantagem que tinha o dr. Kuhn, porque além de ser uma moeda de prata, como só estava abaixo da região laryngea do exophago, como elle diz, podia com os dedos polex e indicador da mão esquerda, collocados lateralmente acima das claviculas, comprimir o exophago, e obstando assim a que a moeda descesse, empregar com o instrumento, dirigido pela mão direita, a força necessaria para com elle descer abaixo da moeda).

Conclui pois, que havia grande contracção das paredes do exophago sobre o corpo estranho; e não convindo empregar força no sentido perpendicular, achei que o meio era distender as paredes do exophago no sentido transversal, empregando para isso a pinça exophagiana.

Logo da primeira applicação consegui apanhar o pataco, fiz algumas tracções, mas a pinça largou-o; segunda tentativa, o mesmo resultado; e ainda que apertava fortemente os anneis da pinça, conheci que nas pontas não havia força para vencer a contracção do exophago: foi por isso que me occorreu a modificação que proponho a este instrumento, como abaixo menciono.

Vendo que era necessario dilatar mais o exophago, procedi do modo seguinte. Appliquei novamente com a mão direita, a pinça exophagiana, e tendo com as pontas seguro o pataco, fiz titillações na uvula com a rama d'uma penna dirigida pela mão esquerda, e no acto, em que o exophago se dilatou com o movimento antiperistaltico promovido pelas titillações, fiz novas tracções retirando a pinça, conseguindo trazer ella o pataco. Offereci um caldo á doente, e tive o gosto de lh'o ver engulir sem incommodo, não me constando que depois occorresse algum accidente consecutivo.

Recommendo a idêa de promover o vomito, como practiquei, combinado com as tracções, que tenham de fazer-se na extracção de corpos estranhos do exophago; por isso que dilatando-se elle por este meio, não só se vencerão muitas difficuldades, mas sempre se fará esta operação com mais segurança e suavidade.

A pinça de que me servi tinha de comprimento trinta e dous decimetros, e como o eixo está proximamente no meio, ficava distante dos anneis ou das pontas quinze a dezeseis decimetros. Supponho que, por ser muita a distancia, que vai do eixo ás pontas, é que não tinha força sufficiente para vencer a contracção, que o exophago exercia sobre a moeda, e com vista de a augmentar, me occorreu fazer 'nesta pinça uma modificação, consistindo em collocar o eixo no terço proximo das pontas, dando tambem aos ramos a modificação, que Mr. Charrière fez ás tenazes para a extracção da pedra da bexiga, e mesmo ás pinças de curativo; fazendo passar o ramo esquerdo por cima do direito, e este inversamente, a fim de que as pontas possam ter o maior affastamento, sem desviar muito os ramos entre si.

Este instrumento não perde nada das suas vantagens com a minha modificação, por isso que é inutil as pontas afastarem-se quando se abrem, como acontece 'naquella de que me servi, que é das communs; e se ella assim modificada se não abre tanto, é sufficiente para os usos, em que tem de empregar-se; e ficando o eixo mais proximo das pontas, ficarão estas com mais força, o que é o meu fim.

Darei uma breve descripção do instrumento de Mr. Kuhn, pela simplicidade e facilidade em se construir, quando se não possa haver outros, e mesmo porque, em casos especiaes, tem vantagens sobre os conhecidos.

Não é mais que um fio de ferro d'um millimetro de grossura e de comprimento de 6 a 7 decimetros.

Depois de se lhe ter feito desapparecer algumas asperezas, que tenha, dobra-se pelo meio, formando uma ansa de 16 a 20 millimetros de diametro transversal. Arredonda-se bem a ansa, e fixam-se as extremidades dos dous ramos uma á outra, por meio d'um fio encerado, faz-se uma especie de gancho dobrando a ponta da ansa com tenazes, tendo o cuidado de que fique com as dimensões necessarias para poder abraçar e reter a moeda, que se tenta extrair, o que se deve experimentar antes de fazer uso d'este instrumento, adaptando-lhe uma peça similhante áquella, que queremos extrair.

Para facilitar a introducção no exophago, dá-se uma acommodada curvatura aos ramos, e já se vê que segundo esta curvatura é feita

'num ou 'noutro sentido, assim o gancho se acha na face concava ou convexa do instrumento; e como o gancho pode passar adiante ou atraz da peça metallica, pode offerecer-lhe ou não a abertura conforme a tenha na face convexa ou concava; portanto, depois d'uma tentativa infructuosa, deve-se mudar a curvatura dos ramos, a fim do instrumento poder apresentar a parte aberta á peça metallica.

Coimbra 5 de julho de 1857.

IGNACIO RODRIGUES DA COSTA DUARTE.

BIBLIOGRAPHIA.

Instituições de Direito Administrativo Portuguez.

POR

Justino Antonio de Freitas,

Lente da cadeira de direito administrativo na Universidade de Coimbra.—Coimbra Imprensa da Universidade, 1857.

O direito público portuguez e o administrativo, que é um ramo d'elle, têm estado entre nós tão faltos de cultura litteraria, que quem os desejar saber a fundo precisa de entregar-se a improbas fadigas.

O direito público propriamente dicto ainda hoje se acha no estado, em que o deixaram as obras, mui valiosas sim, mas já mui affastadas do estado actual das cousas, de Mello Freire e Borges Carneiro [1].

O direito administrativo porém desde o impulso, que em 1849 lhe deram os snrs. Castro Neto, e Coelho de Campos [2], vae conciliando a attenção dos nossos homens de letras.

Comprazemos-nos de registar estes trabalhos litterarios, que harmonisam a legislação, facilitam o conhecimento dos direitos e obrigações dos cidadãos, e abrem assim o caminho á lei e á liberdade, fechando-o ao arbitrio das auctoridades e ao capricho dos poderosos.

A obra, que acima annunciamos é meritoria não sómente pelo que presta para a regularidade do serviço administrativo, mas principalmente por satisfazer a uma necessidado mui urgente no ensino d'este ramo do nosso direito.

Não havia compendio por onde se apprendesse nas nossas escholas. No primeiro anno que se abriu a cadeira de direito administrativo, tomava-se para texto o livro de *jure publico* do sabio Mello Freire. Era o mesmo, que ensinar physica pelas obras de Aristoteles. Depois adoptou-se o Manual de Vauvilliers, que logo no anno seguinte foi substituido pelo de Pradier Fodéré, compendios sem prestimo algum para o estudo do direito administrativo portuguez. Anno passado, o conselho da faculdade de direito auctorisou o professor a ordenar as prelecções, pelo modo que lhe parecesse melhor, desauctorisando assim os compendios anteriormente adoptados. É palpavel o inconveniente que resultava d'este arbitrio forçado, porque nem os alumnos tinham um livro que os auxiliasse a accompanhar a explicação do professor, e lhes lembrasse as datas das leis, nem o substituto da cadeira, quando fosse chamado a regel-a, saberia que materias se tinham explicado e quaes restavam por explicar.

'Neste aperto accudiu o sr. Justino de Freitas com as suas *instituições de direito administrativo portuguez*. Infelizmente por ora não está publicada senão a primeira parte, que tracta dos principios geraes de direito administrativo e da administração local. A segunda parte, que deve tractar da administração geral será a mais util por ser aquella sobre qne o direito é mais abundante e menos cultivado, mas o auctor promette tractal-a [1] e de certo lhe sobram as forças para levar a cabo a sua util empresa.

Na parte publicada ha uma virtude, que falta nas poucas obras, que sobre o nosso direito administrativo se tem tirado a lume; é a ordem e systema, condições necessarias tanto para o ensino como para a vida práctica, que não dá tempo para consultar muitas vezes o indice, e procurar as materias destroncadas por differentes logares do livro.

Parece-nos, porém, o compendio ás vezes um tanto casuistico, o que em parte é filho do character da nossa legislação administrativa, que a custo deixa de reflectir-se nas obras scientificas, em parte nasceu da louvavel vontade de soccorrer o ensino na grande pressa em que se achava, e em parte proviria talvez de desejo, que o auctor tivesse de appropriar o seu livro tambem para o uso dos corpos e funccionarios administrativos, perante quem as resoluções tomadas em alguns negocios especiaes pelas portarias do governo têm um valor e prestigio de certo exagerados.

Tambem nos parece que a historia devia ter no livro maior sorte.

---

[1] Com quanto Borges Carneiro intitulasse a sua obra « direito civil portuguez, » achamos ahi tractados muitos pontos de direito público até o fim do tit. 9 do liv. 1.°, e nos titulos 33 até 37 do mesmo livro. Não mencionamos uma obra do sr. conselheiro Mexia Salema por ainda não estar completa, e omittimos outras por não merecerem particular menção.

[2] Não fallamos aqui das preleções do sr. conselheiro Basilio Alberto de Sousa Pinto publicadas em 1849 por dous de seus discipulos á face dos apontamentos, que lhe tomaram na aula porque desgraçadamente esse excellente opusculo comprehende só uma pequena parte do direito administrativo.

Hesitámos se escreveriamos aqui o nome do sr. Coelho de Campos, porque as suas duas edições do Cod. Adm. annotado (1849 e 1854) são anonymas. Mas deu-nos o zelo de fazer conhecido um nome benemerito atrevimento para rompermos com a modestia do auctor.

[1] Prologo p. XI.

Em politica e administração a historia é tanto como a philosophia. Se esta nos ensina para onde nos cumpre caminhar, aquella mostra-nos o terreno, em que estamos e as forças, que nos movem, occultas na condição e indole do povo, que se não forma nem transforma 'num dia. Se nós tivessemos consultado melhor a historia, não teriamos consumido tanto tempo em experimentos estereis de bem e fecundos em males, nem teriamos rompido loucamente com o passado destruindo hoje o que amanhã precisamos de reconstruir, gastas na ruina e reedificação as forças que poderiamos empregar em melhoramentos fructuosos e solidos. Levam-nos insanas tentativas a nacionalidade; abalam-nos as instituições, arrefecem-nos as crenças, influem-nos desconfianças, ateiam-nos os odios, e fazem-nos até desgostosos da liberdade.

Felizmente já vamos atinando com o caminho, mas para que a nossa mocidade não desatine de novo, devemos enriquecel-a com a experiencia dos tempos, com o conhecimento da historia, de modo, não, que fique immovel na contemplação do passado, mas sim que não vá precipitada anticipar o futuro. Se esta sciencia é util em todo o direito, no público e administrativo, é não só util, senão indispensavel.

Nós temos, é verdade, uma cadeira destinada em parte ao estudo historico da legislação portugueza. Mas ahi a historia deve occupar-se mais de restabelecer a verdade material dos factos, do que de moralisal-os, porque não chega para mais, nem o tempo, nem a intelligencia dos alumnos principiantes. Depois em cada um dos ramos especiaes do direito, o estudo da historia toma novo aspecto, indicando-se apenas os factos principaes para serem avaliados á luz da philosophia.

Eis o que falta no aliás importante livro, de que nos occupamos [1].

Pelo menos conviria que o auctor nos desse mais conhecimento da legislação antiga, porque assim é necessario para intendermos a actual. Se, por exemplo, não soubermos que aos prefeitos de 1832 e aos administradores geraes de 1836 succederam os governadores civis, ignoraremos a quem pertencem hoje attribuições, que leis anteriores, mas ainda vigentes, conferiam ás auctoridades d'aquellas denominações.

Mas não devemos esquecer-nos de que as *instituições de direito administrativo portuguez* são entre nós a primeira obra d'este genero; e que para a levar ao estado, em que a possuimos teve seu auctor de luctar com muitas difficuldades, de que outro qualquer se não desenredaria com egual resultado. A. M.

[1] O ponto historico a que o auctor deu mais consideração é o da origem e progresso das communas (em a nota da pag. 157 e segg). Alli mesmo a historia d'esta importantissima instituição, entre nós, apenas occupa sete linhas.

NOTICIARIO.

Necrologio scientifico.—A França acaba de perder um dos seus maiores ornamentos, o barão Luiz Agostinho Cauchy, o primeiro mathematico d'esta epocha. Nascido em Paris a 21 de agosto de 1788, morreu ás 4 horas da manhã de 23 de maio ultimo em Sceaux, de 68 annos de idade, conservando até aos ultimos momentos a mesma actividade e fecundidade que sempre o distinguiram na sua longa carreira.

Desde a edade de 14 annos em que entrou na eschola polytechnica, entregue ao estudo das mathematicas, começou desde logo a tornar-se conhecido pela brilhante figura que fez 'nesta eschola; e dois annos depois attraia a attenção dos geometras, pela resolução d'um problema de grande difficuldade.

Concluido o curso da polytechnica de que M. Cauchy foi considerado o alumno mais distincto, entrou na Eschola de pontes e calçadas, e ahi conservou egualmente o primeiro logar. Acabados os estudos, começou em Cherbourg a carreira de engenheiro, e algum tempo depois era professor da eschola, de que, como alumno, havia sido já um dos maiores ornamentos. Em 1815 obteve da academia das sciencias o premio grande de mathematicas por uma memoria sobre a theoria das ondas.

Em 1830 abandonou o magisterio, para não prestar juramento á monarchia de julho. Foi então immediatamente chamado pelo rei da Sardenha, e continuou em Turim na carreira do professorado, até que, por convite de Carlos X, foi encarregado de completar a educação do conde de Chambord.

Voltou depois á França. O governo de Luiz Felippe não lhe permittiu entrar de novo nas suas antigas funcções; e o illustre geometra esteve desempregado até 1848, estudando sempre com o maior affinco, e enriquecendo as mathematicas com os mais preciosos trabalhos. Depois da acclamação da républica, M. Cauchy retomou o seu logar de professor, tendo sido dispensado do juramento; e continuou até aos ultimos instantes da vida 'naquella importante missão, que desempenhava com a maior dignidade.

M. Cauchy deixa a reputação d'um excellente homem, affavel no trato, e d'uma inabalavel fidelidade ás convicções religiosas e politicas, que tinha. Como sabio, a sua reputação é incontestavel. Não ha ramo algum das mathematicas puras e applicadas, a que o illustre nome de Cauchy não se ache ligado por alguma descoberta importante, ou aperfeiçoamento sensivel. São inumeraveis as memorias e notas scientificas que escreveu; a maior parte das quaes com muito proveito dirigem a quem se entrega ao estudo d'aquella sciencia.

M. Cauchy pertencia á secção de mechanica da academia das sciencias, de que havia sido nomeado membro em 1816; e occupava ahi a terceira cadeira, que em 1795 tinha pertencido a M. Leroy, e em 1797 a Napoleão Bonaparte. A precedencia era digna do successor.

Descoberta de um novo planeta. — Depois que em o numero do 1.° de julho noticiámos a descoberta de um novo planeta (44 dos asteroides), ao qual Mr. A. de Humboldt deu o nome de Nysa; foi já descoberto um outro em Paris por M. Goldschmidt, ás 11 horas e 30 minutos da noite de 26 de junho. O astro tem a apparencia d'uma estrella da 10.ª a 11.ª grandeza.

Com este são já trez os planetas descobertos em 1857.

Piscicultura — Ha em França um estabelecimento de piscicultura, que muito tem concorrido para propagar os processos de tão importante ramo d'industria rural. É o estabelecimento de Huningue.

O numero de pessoas, que em 1857, requisitou ovas a este estabelecimento, foi cinco vezes maior que nos dous annos antecedentes, e a distribuição foi em muito maior escala. Em 1857, participaram d'esta distribuição 59 departamentos francezes, em quanto que em 1855 e 1856 só se contaram 21 e 27. Os paizes extrangeiros tambem têm sido contemplados, sendo 9 os que em 1857 receberam semente.

O numero d'estabelecimentos e sociedades, que se occupam da piscicultura, e que estão em relações com o estabelecimento de Huningue, que em 1855 era apenas 7, subiu a 30 em 1857. Estes factos attestam verdadeiros progressos da piscicultura artificial.

Cera vegetal. — Entre os abundantes e uteis arbustos da Luiziania, ha um muito notavel, que é o *myrica-cerifera*, conhecido vulgarmente pelo nome de cerieiro da Luiziania, cirieiro vegetal.

Este arbusto. da familia das myrrhas, sempre verde, de folhas persistentes, e serriadas, tem 3 ou 4 metros d'altura, e cresce á borda dos rios, e em geral em todos os logares baixos e humidos. Produz annualmente um pequeno fructo, similhante pela fórma e volume á pimenta franceza. Este fructo, que é abundante em todos os ramos, é coberto de uma substancia branca, um pouco unctuosa, que é uma especie de cera.

Eis como se extrae este producto. Em uma caldeira de ferro esmaltada, ou de cobre estanhado, ferve-se uma pouca d'agua, na qual se mergulha o fructo, durante dous ou trez minutos, previamente involvido em uma rede fina. Ao passo, que a agua arrefece, a cera, que sobrenada, forma uma camada consistente e compacta, que facilmente se separa.

Pelos ensaios e tentativas que se tem emprehendido, está averiguado, que se o cerieiro vegetal fosse convenientemente cultivado, os seus fructos seriam mais copiosos, e produziriam muito maior quantidade de cera.

Este arbusto cresce egualmente em grande abundancia nos Attakapas e Taylor — County, Texas, Kentucky, e Florida.

Vestidos incombustiveis. — Tem-se experimentado recentemente em França vestidos incombustiveis, por meio dos quaes os bombeiros podem impunemente permanecer, por algum tempo, no meio de um edificio incendiado, expostos á acção directa das chammas, tocar e até transportar objectos incandescentes ou abrazados.

Estes fatos são formados de tecidos metalicos, d'amianto, e de panno tornado incombustivel pelo borax, alumen, e phosphato d'ammoniaco.

Universidades allemãs. — O numero dos estudantes de medicina nas universidades allemãs é 2:390, assim distribuidos:

Berlim, 265 — Bonn, 96 — Breslau, 142 — Erlangen, 106 — Friburgo, 48 — Giessen, 146 — Goettingue, 155 — Greifsewald, 101 — Halle, 47 — Koenigsberg, 85 — Leipzig, 226 — Marburg, 73 — Munich, 239 — Rostock, 19 — Tubingue, 111 — Wburzbourg, 319. —

O Decano dos estudantes da Europa. — A Universidade de Helsingfors, Finlandia, acaba de perder um dos seus alumnos, que podia passar pelo decano dos estudantes da Europa. Tinha 71 annos, vivia celibatario, e nunca quiz abandonar a Universidade, que reputava como uma verdadeira *alma mater*.

Oleo de terra. — A cidade de Rangoun na provincia de Pegu, por sua posição intermedia entre a India e a China, e por seus numerosos productos, está destinada a constituir dentro de pouco tempo uma importante praça de commercio.

O paiz produz abundantemente optimo arroz, excellentes madeiras para as construcções navaes, resinas, etc.; mas de todos os productos, o mais curioso, é o *oleo de terra*, objecto ainda novo na Europa.

O *oleo de terra* é extraido do solo, por meio de poços abertos pelos indigenas, ás vezes até 200 pés de profundidade. As minas, ou fontes d'este oleo são situadas a 150, 200, e 300 milhas de Rangoun. É limpido nos paizes quentes, e em regiões frias é verde e espesso; evapora-se promptamente.

Póde servir, segundo se diz, para fabricar

velas, e sabão, e tambem para a illuminação. Á Inglaterra já chegaram trez navios carregados de *oleo de terra*.

Phosphorescencia dos insectos. — Attribuem alguns auctores a phosphorescencia dos insectos á combustão lenta do phosphoro como parte constituinte do organismo d'estes animaes. M. Thornter Herapath, chimico inglez, reputa erronea esta opinião, porque as analyzes mais delicadas não descobrem vestigios de tal substancia no corpo dos insectos; o auctor pensa, que a luz phosphorescente se deve antes attribuir a um composto de carbonio e hydrogenio segregado por uma glandula particular.

A piscicultura na China. — Um missionario do celeste imperio, o abbade Vincent, escreve, que a piscicultura, que é conhecida na Europa, apenas ha alguns annos, é geralmente conhecida na China; não designando porém rigorosamente a epocha de que data o primeiro emprego d'estes processos.

« É um methodo bem conhecido aqui, diz este missionario, fallando do meio de multiplicar o peixe pelo transporte dos ovos fecundados, e duvido muito que o homem mais habil na Europa possa competir com o mais simples de nossos cultivadores 'nesta provincia. Nos logares que visito, ha grande apuro e perfeição 'nesta arte. Em trez mezes, os rios se povoam de peixes.

« Para colher as ovas, collocam-se em fevereiro e março molhos de palha ao longo dos rios, e todos os dias se apanham as ovas depositadas, para evitar que os peixes tão gulosos d'este manjar, as comam. Lançam-se depois em um pequeno reservatorio d'agua pouco profunda, onde não vivam peixes grandes.

« 'Nestas circumstancias, myriades de pequeninos peixes nascem das ovas sem perigo, e transportam-se depois para maiores reservatorios d'agua. Por este modo, um pequeno rio póde produzir em trez mezes mais de 500 kilogrammas de peixe.»

PROSPECTO.

ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO.

EDITORES PROPRIETARIOS

CASTRO, IRMÃO e C.ª — Rua da Boa-Vista, 4 B.

Uma empreza, por ventura habilitada com os melhores meios que a arte fornece em Portugal, começou a publicação do semanario — ARCHIVO PITTORESCO. —

Poucas palavras explicam a missão do *Archivo*.

Indo pedir á plastica a illustração das suas paginas, o *Archivo* procurou fomentar a nossa gravura em madeira, dar relevo á palavra, e abrir campo, em que as vistas curiosas espairecessem, sobre as creações da arte, da natureza, ou da phantasia.

Jornal portuguez, e para portuguezes, o fim principal que se propoz foi ser util ou agradavel a ambos os hemispherios, em que se fala a bella lingua, que immortalisou Camões.

Para o conseguir, ha de ir á natureza de Portugal, das suas ilhas, das suas possessões, e do seu irmão o Brazil, copiar os quadros, que são dignos de contemplação, e que extasiam os sentidos com a sua magestade.

A cada monumento perguntará a sua historia, a cada geração os seus costumes, a cada seculo a sua civilisação.

Penna e buril dar-se-hão mãos 'neste commettimento patriotico.

A par do que é mais distincto, entre os que escrevem na nossa rica e melodiosa lingua, fórma a intelligente e esperançosa pleiade d'artistas, cujo talento e brios o ocio forçado estava a ponto de ir amortecendo de todo.

Conseguir fazer uma publicação do genero do *Archivo*, verdadeiramente portugueza, interessante e lisonjeira ás nossas artes, á nossa historia, e consentanea a todos os nossos adiantamentos, segundo as exigencias d'esta epocha, não fôra cousa facil, se a empreza não contasse com grande auxilio local da parte de todos os seus irmãos, que povoam ambos os mundos.

De Portugal e do Brazil, das ilhas adjacentes e das possessões ultramarinas, da nossa India, e da nossa China, sollicita o *Archivo* a collaboração de todos os portuguezes, e amigos de Portugal e de seus filhos, que comprehendam bem o alcance d'esta publicação, e queiram no que escreverem cingir-se ao seu espirito.

Se este semanario offerece a todos as suas columnas, e os buris dos seus gravadores, espera que não haja occasião de se dizer jámais, que, appellando a tão fraternaes e illustrados sentimentos, corações generosos ficaram mudos, e não responderam ao abraço que de longe lhes offerecia, atravez das serras e dos mares, a empreza do *Archivo Pittoresco*.

Condições da assignatura do archivo pittoresco.

Anno	2$000
Mez	200
Numero avulso	50
Para fóra de Lisboa, anno....	2$200

As pessoas que se dignarem subscrever para o ARCHIVO PITTORESCO, poderão fazel-o em qualquer prospecto d'estes devolvendo-o aos editores proprietarios CASTRO, IRMÃO e C.ª — Rua da Boa-Vista, 4 B. Lisboa.

Discussão do valor da funcção perturbadora R, *dado pela serie do n.° 48 do liv 2.° da Theoaria analytica do systema do mundo de Pontécoulant, 2.ª edição, no caso em que se desprezam os quadrados das forças perturbadoras; e indagação da menor ordem dos termos d'est-serie, que dependem de um argumento dado.*

Continuado de pag. 96.

A simples inspecção d'este valor mostra, que quando se procura a menor ordem dos termos de R que dependem de um dado argumento, o termo geral de R terá a fórma $T=K\begin{matrix}\text{sen}\\\text{cos}\end{matrix} p(nt+\varepsilon)\begin{matrix}\text{sen}\\\text{cos}\end{matrix} q(n't+\varepsilon)\begin{matrix}\text{sen}\\\text{cos}\end{matrix} I(n't-nt+\varepsilon'-\varepsilon)$; onde K designa um coefficiente, cujo termo de menor ordem é da ordem $p+q$. O termo precedente póde mudar-se ainda em outros da fórma $T=L\begin{matrix}\text{sen}\\\text{cos}\end{matrix}\left\{(I\pm q)\ n't-(I\mp p)\ nt+A\right\}$ . . . . . (14) sendo ainda L da ordem $p+q$.

Notemos de passagem que podemos 'nesta discussão considerar I positivo no termo geral (6), pois que o signal negativo de I conservaria o signal do coseno, e apenas mudaria o do seno, isto é, o signal do coefficiente H; signal que aqui nos é indifferente considerar; podemos pois tomar I como positivo no termo (14).

Analysemos agora o termo (14), e para isso consideremos primeiramente o signal superior de q, e teremos $T=L\begin{matrix}\text{sen}\\\text{cos}\end{matrix}\left\{(I+q)\ n't-(I\mp p)\ nt+A\right\}$ . . . . . (15); chamando i' o coeficiente de $n't$, e i o de nt, será para o signal superior de p, $i'-i=q+p$; que é a ordem do coefficiente L, e para o signal inferior $i'-i=q-p$, d'onde se tira $i'-i+2p=q+p$: assim no 1.° caso a ordem do termo é $i'-i$, e no 2.° $i'-i+2p$.

Consideremos agora no termo (15) o signal superior de p, e busquemos outro termo de R da mesma fórma, e que tenha o mesmo argumento, isto é, $T'=L'\begin{matrix}\text{sen}\\\text{cos}\end{matrix}\left\{(I_l+q_l)\ n't-(I_l\mp p_l)\ nt+A_l\right\}$, sendo L' da ordem p_l+q_l; e sendo tambem $I_l+q_l=I+q$; e $I_l\mp p_l=I-p$; d'aqui se tira $p+q=q_l\pm p_l$; assim de entre os termos que tem o mesmo argumento $i'n't-int$ uns são da ordem $q_l+p_l=p+q=i'-i$; e outros da ordem $q_l+p_l=q+p+2p_l=i'-i+2p_l$; por consequencia $i'-i$ é a menor ordem dos termos que dependem do argumento $i'n't-int$.

Consideremos agora no termo (15) o signal inferior de p_l e busquemos outro termo de R da mesma fórma, e dependente do mesmo argumento, isto é, de ordem tal que seja $I_l+q_l=I+q$; $I_l\pm p_l=I+p$; d'aqui se tira $q-p=q_l\mp p_l$; assim de entre os termos que tem o mesmo argumento $i'n't-int$ uns são da ordem $q_l+p_l=q-p=(I+q)-(I-p)=i'-i$; e outros da ordem $q_l+p_l=q-p+2p_l=i'-i+2p_l$; e por consequencia, ou tomemos o signal + ou o signal − de p_l será $i'-i$ a menor ordem dos termos que dependem do argumento $i'n't-int$; e por esta analyse se conclue que taes termos existem sempre.

Se no termo (14) considerassemos o signal + em p e o signal $\pm$ em q teriamos, mudando os signaes dos angulos, $T=-L\begin{matrix}\text{sen}\\\text{cos}\end{matrix}\left\{(I+p)\ nt-(I\pm q)\ n't+A'\right\}$, d'onde se tiraria as mesmas consequencias, dizendo a respeito de $i-i'$ o que acabamos de dizer a respeito de $i'-i$.

Se uma das quantidades i ou i' fosse positiva e a outra negativa, $i'-i$ se mudaria em $i'+i$; e pelo que acabamos de mostrar, será $i'+i$ a menor ordem dos termos que dependem do argumento $i'n't+int$.

Se ambas as quantidades i e i' fossem negativas, o termo (14) mudar-se-ia em $T=L\begin{matrix}\text{sen}\\\text{cos}\end{matrix}\left\{(I\mp p)\ nt-(I\pm q)\ n't+A\right\}$, que, conservando a mesma fórma, conduz ás mesmas consequencias que deduzimos para i e i' positivos.

D'aqui se conclue que, querendo aproveitar entre os termos de R só os que forem da ordem (r) escusamos de attender aos termos que dependem dos argumentos $i'n't-int$ nos quaes seja $i'-i>r$.

Vejamos agora qual é a fórma dos termos da menor ordem que dependem do argumento $i'n't-int$.

Se no termo geral (13) mudarmos o producto dos senos ou cosenos em senos ou cosenos de arcos multiplos, elle se mudará em outros da fórma

$$T=k\begin{matrix}\text{sen}\\\text{cos}\end{matrix}\left\{(I+g'+g''')n't-(I-g-g'')nt+(I+g'+g''')\varepsilon'-(I-g-g'')\varepsilon-g\omega-g'\omega'-g''\alpha-g'''\alpha'\right\} \text{ ..(16)}$$

onde g, g', g'', g''' são numeros positivos ou negativos, e inteiros, visto que os coefficientes dos angulos nos valores de u, u', v, v', z, z', são todos inteiros; além d'isso o coefficiente k é da fórma $k = \{(g+g'+g''+g''') + (g+g'+g''+g'''+2) + \text{etc.}\}$, como se deduz da fórma do termo (13); isto é, da ordem $g+g'+g''+g'''$, sendo aqui consideradas estas quantidades como positivas, visto que em u, u', v, v', z, z', não ha expoentes negativos em $e, e', tg\frac{1}{2}\varphi, tg\frac{1}{2}\varphi'$; se pois fizermos $I+g'+g''' = i'$; $I-g-g'' = i$, teremos

$$g+g'+g''+g''' = i'-i \quad \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (17)$$

e o termo (16) tornar-se-ha em $T = k \begin{matrix}\text{sen}\\ \text{cos}\end{matrix} \{i'n't - int + i'\iota' - i\iota - g\omega - g'\omega' - g''\alpha - g'''\alpha'\} \ldots (18)$

assim, se g, g', g'', g''' forem todos positivos no argumento d'este termo, sera pela equação (17) $i'-i$ a ordem do coefficiente k; se porém alguma d'estas quantidades fôr negativa no dicto argumento, g por exemplo, a equação (17) dará $-g+g'+g''+g''' = i'-i$; ou $g+g'+g''+g''' = i'-i+2g$; será pois neste caso $i'-i+2g$ a ordem do coefficiente k; isto é, do termo (18).

A equação (13) póde achar-se de outro modo, notando que o valor de R é independente da origem das longitudes; porque tanto o angulo $(n't+\varepsilon')-(nt+\varepsilon)$, como os angulos $nt+\varepsilon-\omega$, $nt+\varepsilon-\alpha$, $n't+\varepsilon'-\omega'$, $n't+\varepsilon'-\alpha'$ que nelle entram pelos valores de u, u', v, v', z, z', são differenças de angulos contados da mesma origem: se pois no argumento do termo (18) augmentarmos as longitudes da quantidade ψ, este argumento se tornará em $i'(n't+\varepsilon'+\psi)-i(nt+\varepsilon+\psi)-g(\omega+\psi)-g'(\omega'+\psi)-g''(\alpha+\psi)-g'''(\alpha'+\psi)$, e como elle deve ficar o mesmo qualquer que seja ψ, é forçoso que seja nullo o coefficiente de ψ no mesmo argumento; será pois $i'-i-g-g'-g''-g''' = o$, ou $g+g'+g''+g''' = i'-i$, que é a mesma equação (17).

Se considerarmos agora os valores (2), (3), (5) de u, v, z, veremos que o coefficiente de $\begin{matrix}\text{scn}\\ \text{cos}\end{matrix} f\omega$ tem sempre por factor pelo menos a potencia f de e, e o coefficiente de $\begin{matrix}\text{sen}\\ \text{cos}\end{matrix} f\alpha$ tem sempre por factor pelo menos a potencia f de $tg\frac{1}{2}\varphi$; e o mesmo acontece nos valores de u', v', z': ora os angulos $\omega, \omega', \alpha, \alpha'$ só entram em R pelos valores de u, u', v, v', z, z'; mas no termo geral (18) o argumento contém os angulos $g\omega, g'\omega', g''\alpha, g'''\alpha'$, logo k tem por factor o producto $e^{s}.e'^{s'}.tg^{s''}\frac{1}{2}\varphi.tg^{s'''}\frac{1}{2}\varphi'$, sendo estes expoentes todos positivos pela razão acima dada; considerando pois sómente os termos da menor ordem no coefficiente k, isto é, sómente a parte $k = He^{s}e'^{s'}tg^{s''}\frac{1}{2}\varphi\, tg^{s'''}\frac{1}{2}\varphi'$, sendo H independente de e, e', φ, φ'; o termo geral (18) tornar-se-ha em

$$T = He^{s}e'^{s'}tg^{s''}\frac{1}{2}\varphi\, tg^{s'''}\frac{1}{2}\varphi' \begin{matrix}\text{sen}\\ \text{cos}\end{matrix} (i'n't - int + i'\iota' - i\iota - g\omega - g'\omega' - g''\alpha - g'''\alpha'),$$

que é visivelmente o termo da menor ordem que depende do argumento $i'n't - int + i'\iota' - i\iota - g\omega - g'\omega' - g''\alpha - g'''\alpha'$; e esta ordem é $g+g'+g''+g'''$, ou $i'-i$ pela equação (17).

De tudo o que deixamos dicto se segue que, suppondo reunidos todos os termos de R que dependem do argumento $i'n't - int$, o seno ou coseno d'este argumento terá por factor uma serie infinita cujo 1.° termo é da ordem $i'-i$, e os outros de ordem superior: se pois fizermos $e = h\beta$; $e' = h'\beta$; $tg\frac{1}{2}\varphi = h''\beta$; $tg\frac{1}{2}\varphi' = h'''\beta$, este coefficiente terá $\beta^{i'-i}$ por factor; e suppondo $i'-i$ successivamente egual a $0, 1, 2, \ldots . n$, etc., a serie que dá o valor de R será da fórma $R = k_0 + k_1\beta + k_2\beta^2 + \ldots + k_n\beta^n + k_{n+1}\beta^{n+1} + \text{etc.} \ldots\ldots\ldots (19)$

onde $k_0, k_1, k_2 \ldots k_n$, etc., representam funcções taes, que se não aniquilam quando $\beta = o$; para que a serie (19) fosse convergente, seria preciso mostrar que $\frac{k_{n+1}}{k_n}\beta$ tende para um limite < 1; mas para isto seria preciso conhecer a fórma dos coefficientes k_{n+1} e k_n o que não é facil; entre tanto é muito provavel que os coefficientes k_{n+1} e k_n sejam pouco differentes entre si, e por isso a sua relação pouco differente da unidade; o que, sendo verdadeiro, daria a serie (19) muito convergente por ser β muito pequeno.

O que deixamos dicto póde talvez servir de fundamento á demonstração rigorosa da convergencia da serie que dá o valor de R no caso das pequenas excentricidades e inclinações.

J. L. SARMENTO.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

DISCURSO PRELIMINAR

DA

QUARTA EDIÇÃO DO METHODO PORTUGUEZ

CASTILHO

Offerecido pelo auctor á consideração de todas as pessoas illustradas, patrioticas e influentes.

O consumo, em tão poucos annos, de uma edição de mil exemplares, d'outra de dois mil, d'outra de quatro mil; a fundação e conservação de tantas escholas, em S. Miguel, em Portugal, e no Brazil; a notoriedade da excellencia e abundancia dos seus fructos; os depoimentos favoraveis e contestes dos professores, que as regem; o louvor liberalisado no parlamento e na imprensa por tantos entendimentos dos mais distinctos, trazem já hoje confirmada a primazia do *methodo-portuguez;* primazia aliás intuitiva, e que as longas e minuciosas disputações tornaram ainda mais evidente. É um assumpto exhausto; é uma verdade assente; e já agora inconcutivel. Passemos portanto a outras considerações.

Porque não tem este methodo conquistado ha já muito as escholas todas? Por que rasão, ao passo, que se dilata pela America, permanece estacionario no paiz, que o produziu, se porventura não tem 'nelle perdido nos ultimos tempos alguma parte das suas conquistas para a civilisação? Por muitas causas obvias, e conhecidas: primeira, porque era novidade; e bastava esta; segunda, porque deslocava, ou parecia deslocar, suppostos interesses consagrados pela posse; terceira, porque se lhe não deu, como convinha, attenção e amparo; amparo positivo e efficaz; quarta, porque, além dos preconceitos, que forçosamente haviam de actuar nos espiritos da maioria dos mestres contra uma theoria, que se lhes representava difficultosa de comprehender, e contra uma práctica mais trabalhosa, segundo a elles se figurava, tinham mais que esperar para os seus interesses pessoaes e domesticos de se conservarem fieis ao passado, fosse elle qual fosse, do que de se aventurarem pelejadores voluntarios a bordo de uma náo, que, por entre cerrações e tempestades, desferia temerarias vélas, caminho de um oriente recondito á maior parte dos espiritos.

D'aqui as resistencias, d'aqui as defecções, d'aqui o estar apenas plantado e seguro um systema, que já podéra ter bracejado para toda a parte os seus ramos floridos, verdes, fructuosos, e de sua natureza multiplicativos.

Todos hoje fallam da conveniencia, da necessidade, da obrigação, de se olhar devéras pela instrucção pública; a creação de um ministerio especial para ella, acaba de ser patriotica e eloquentemente proposta, e sustentada, acceita no parlamento. Appareça esse ministerio, dignamente provido e servido, e a questão do ensino primario para o maximo numero, no menos tempo, e com os mais satisfatorios resultados, será logo das primeiras a primeira. Proceder-se-ha, sem dúvida, a um inquerito serio e amplo, tantas vezes pedido, e sempre recusado, do que são em boa verdade a eschola velha e a eschola nova; e sobre o veredicto dos factos, testemunhas eternamente insuspeitaveis, o *methodo-portuguez,* ou será de uma vez para sempre prohibido, ou de uma vez para sempre abraçado pela nação para o ensino e melhoramento de seus filhos. A coexistencia official de dois systemas oppostos em tão grave e delicado assumpto, em assumpto de tamanhas e tão vastas consequencias, é perante o bom senso, um escandalo; é perante a humanidade uma abominação, a que, de um modo ou d'outro, importa e urge se ponha ponto.

Convindo que o novo ensino seja exactamente conhecido, para poder ser avaliado; havendo muitissimas pessoas, que o ignoram; muitas, que só têm d'elle noções erroneas, ou incompletas; e não faltando até quem de industria lhe escureça os meritos, e lhe levante indesculpaveis testemunhos, vamos expôr aqui, o mais succintamente que podermos, o que é o *methodo portuguez*, convencidos, como estamos, de que os homens, que legislam, os que governam, os que administram, os que pela imprensa influem na opinião, e emfim todos os que, directa ou indirectamente, podem contribuir para o desejavel acêrto na organisação das escholas primarias, alguma vantagem acharão em fixar as suas idêas 'num assumpto que, pela sua natureza especial, rudimental e apparentemente minima,

nunca talvez occupára as suas meditações, e sobre o qual, todavia, o sentenciar com justiça ou injustiça, ninguem dirá que seja indifferente.

O *methodo-portuguez* tomou como primeira base sua, as seguintes verdades:

— *Que os alumnos, que elle tem de doutrinar, entram para a eschola do ler e escrever só iniciados, e mal, na lingua patria.*

— *Que estes mesmos alumnos são, na generalidade, crianças dotadas pela natureza, como todas as crianças, de imaginação, vivacidade, inconstancia, necessidade e desejo de instruir-se, tendencia para associar o desconhecido ao conhecido, predisposição insita para a analyse, e sobretudo (ponto capital) tão propensas á benevolencia, como á alegria, e tão instinctivamente levadas ao movimento, com que medra o corpo e a saude, como ás cogitações, em que a luz da intelligencia lhes caminha sempre adeante da memoria.*

O *methodo-portuguez* tomou como segunda base sua, o seguinte aphorismo social:

— *Que, tendo todos os homens direito a ser iniciados na sciencia, e não sendo possivel nem ao estado, nem aos particulares, ter um mestre para cada criança, ou para cada pequeno grupo de crianças, o ensino a todos preferivel será aquelle, que, sem deixar de ser completo e perfeito, se podér exercer com egualdade sobre multidões de necessitados.*

Finalmente o *methodo-portuguez* tomou como terceira base sua, o dogma fecundissimo d'este seculo:

— *Que o tempo é a maior de todas as riquezas.*

Sobre estas trez bases, bem assentes e conjunctas, a saber: indole natural da infancia; necessidade de doutrinar os mais possivel, pelos menos possivel; e economia de tempo; tractou de se constituir logicamente; e assim se compoz: de clareza, e amenidade; de rithmo, e simultaneidade; de sobriedade, e rapidez.

A clareza e a amenidade ficaram sendo sua essencia intima de *methodo;* o rithmo e a simultaneidade, o revestimento do mesmo *methodo*, o seu accessorio complementar, o seu *modo* de acção. A sobriedade e a rapidez foram producto necessario da consociação d'este *modo* com aquelle *methodo*.

O primeiro empenho do mestre sensato e humano, é ser mestre elle proprio para todos os seus ouvintes; mestre querido e escutado. O seu primeiro trabalho, é portanto fazer de toda a classe, confiada ao seu affecto esclarecido, um só alumno moral, e sempre attento; que todo elle oiça o mesmo; que todo elle entenda e pense o mesmo; que todo elle diga e faça o mesmo; uma só percepção; um só discurso; uma só voz; de cem individuos, um producto identico, uniforme, irreprehensivel. Para a resolução d'este problema, o compasso era condição imprescriptivel. O compasso, o *rithmo*, é da natureza e tem por isso mesmo um certo agrado, que lhe é privativo; não só a musica e a dança não podem prescindir do rithmo, sem se aniquilarem, senão que as marchas e evoluções dos exercitos não saberiam dispensal-o; a voga arrancada, que faz voar uma embarcação, pararia em tumulto, se com o *rithmo* se não aviventasse. [1]

Para preparar ás suas proximas lições o seu alumno collectivo com a destreza e habito rithmico, á falta de um *compassador mechanico*, recorre ás vozes regularisadas por acenos, ás palmas, que podem acompanhar essas mesmas vozes, e aos passos de marcha, que podem com estas mesmas palmas coincidir. No emprego alternado ou simultaneo d'estes trez meios naturaes, ha a vantagem hygienica do movimento e a vantagem moral do gosto, que affeiçôa á eschola, ao guia, e ao estudo. Entretanto, appressemo-nos em dizel-o: se as marchas e as palmas, com quanto empregadas em toda a parte na industriação dos recrutas, continuarem, depois d'estas explicações, a figurar-se, a algum mestre, coisas, não sabemos porque, indecorosas e inadmissiveis, embora as supprima. Priva-se de um recurso, mas não destróe o *methodo*, uma vez que suppra estas regulações do rithmo por qualquer outro *modo*, que se o não fizesse, nunca o bom senso lh'o perdoára.

Senhora do rithmo toda a classe, o instituidor, que tem de ensinar a ler palavras e a escrever palavras, principia racionalmente por fazer com que os seus curiosos discipulos pronunciem bem, e reconheçam em todas suas partes essas mesmas palavras, materia prima da leitura e da escripta; porque das trez artes de communicação dos espiritos entre si, a primeira, a fundamental, a natural [2], é a do fallar. Ensina e faz executar, sempre mediante o rithmo, a divisão da palavra em syllabas, processo de extrema facilidade, pois recitando-se de vagar qualquer vocabulo, logo por si mesma apparece esta divisão, que foi tambem, e não podia deixar de ser, o primeiro expediente a que recorreu o inventor, quem quer que fosse, da prodigiosa arte de escrever.

Não é tudo compartir os vocabulos em syllabas; pois a maior parte das syllabas hão-de ser representadas aos olhos, não por um signal unico, mas por um grupo de signaes distinctos. Passa-se portanto a segundo exercicio, filho, homogeneo d'este primeiro, e já por elle facillitado. O mestre ensina e faz exe-

[1] Ver o que sobre o rithmo escreveu com tanta philosophia como elegancia o nosso amigo Leite, director da eschola normal de Lisboa, já citado nos prologos da 2.ª e 3.ª *edição*.

[2] Mr. Court de Gebelin sustenta que o fallar é dom de Deus, transmittido pela natureza ao homem, e não invenção humana.

cutar, sempre mediante o rithmo, a divisão de cada syllaba de um vocabulo dado nos elementos sónicos, de que ella se compõe. Se, recitados pelo mestre os elementos sónicos de uma palavra, os discipulos a reconhecem: *leram auricularmente*. Se, sendo-lhes pelo mestre proposta uma palavra integralmente, elles a reduzem aos seus elementos: *escreveram vocalmente*. Estes dois processos, ou antes esta biforme repetição do mesmo processo, constitue a *leitura auricular alternada*.

Além do prestimo, que todos os pensadores reconhecerão, e que a experiencia tem demonstrado, 'neste exercicio, de predispor com mais de meia habilitação para a leitura visual, e para a escripta manual, ha ainda 'nelle duas outras grandes e provadissimas vantagens, a saber: a de clarificar a pronuncia, corrigindo em poucos dias gaguezes e vicios, que aliás se invetéram, e ficam para toda a vida; e a de emendar um espantoso numero de termos, que no uso da plebe correm geralmente estropeados.

Postos os alumnos 'neste bom e plano caminho, de decomposição e recomposição da palavra fallada, embora se não achem ainda de todo perfeitos 'numa e 'noutra práctica, principia o mestre a ensinar as lettras, isto é, os signaes visiveis correspondentes aos já conhecidos elementos sónicos.

Dos elementos sónicos, uns são *vozes*, outros *inflexões*, ou modificações ás mesmas *vozes;* a estas duas classes de elementos ouviveis, correspondem logo necessariamente outras duas classes de elementos visiveis, ou *lettras:* ás *vozes*, as *vogaes;* ás *inflexões*, as *consoantes*.

As *vogaes* e as *consoantes*, apezar de differirem entre si como os substantivos e os adjectivos, ensinavam-se misturadas; o *methodo-portuguez* extremou-as, e fez das vogaes, das *lettras substantivas*, das mais nobres, a sua primeira prelecção visual. Nas prelecções subsequentes foi agrupando as consoantes, ou *lettras adjectivas*, segundo certas relações mutuas, que entre ellas se notavam.

Tanto as vogaes como as consoantes se ensinavam, antes do *methodo-portuguez*, com duas lamentaveis deficiencias, de que resultava o desbaratarem-se, em tormentos, largos mezes para se saber o alphabeto, e ainda depois do alphabeto sabido, não se poderem logo decifrar as palavras escriptas, uma vez, que as lettras 'nellas empregadas apparecessem alli com valor diverso d'aquelle com que originariamente se haviam nomeado. A ambas as faltas acudiu previdente o methodo; mostrou em cada lettra a sombra de uma certa figura, que, ou já era conhecida pelos alumnos, ou facilmente se lhes deu a conhecer; a fórma da lettra nunca mais pôde ser esquecida; á figura, consociou-se uma singella explicação, ou divertida historia, que deu razão perceptivel do som, que á lettra, sombra sua, se attribuia. Se a lettra era das que, como o *e*, como o *o*, como o *c*, como o *s*, podem apparecer com diversos valores na leitura, a historia da sua figura, de todos esses valores deu conta e razão, todos elles ficaram, como a fórma da lettra, imperturbavel e inseparavelmente pregados na memoria.

Resultado liquido; as 50 lettras dos alphabetos maiusculo e minusculo, com todos os seus 42 valores em cada alphabeto, aprenderam-se e apprendem-se em poucas horas em vez de estirados mezes, em que se apprendiam mal, ou de todo se não apprendiam.

É da natureza do espirito humano, menosprezar e aborrecer as coisas, em que não descobre prestimo. O alumno da eschola velha odiava o estudo das lettras, cujo uso na composição das syllabas não podia advinhar; assim como depois abominava o estudo das syllabas, cujo uso na composição dos vocabulos era para elle outro mysterio; o *methodo*, pelo seu horror a arcanos insensatos, quiz que, apenas as lettras se entrassem a conhecer, se entrassem, sem mais demora, a lêr palavras; na primeira hora em que mostrou, explicou, e fixou as seis vogaes, deu a decifrar, e decifraram-se, palavras compostas só com ellas.

Logo que, contentes e exforçados com esta inesperada conquista, os alumnos decoraram avidos o primeiro grupo de consoantes, novas e numerosas palavras formadas da combinação d'estas consoantes com aquellas vogaes, e escriptas em grandes characteres no quadro preto do topo da aula, entraram a ser, como as primeiras, delettreadas e sempre rithmicamente pelo côro; e assim se proseguiu de grupo em grupo de consoantes até ao fim do alphabeto.

D'entre os variados valores com que muitas das lettras nos apparecem na escripta, versateis como outros tantos Protheus, alguns são sujeitaveis a regras. A eschola velha nunca as ensinou, nunca as soube; o *methodo*, formulou-as em um codigo breve e claro, para ir com ellas acudindo aos principiantes nas suas perplexidades.

Estas regras versificadas e rimadas, folgam as nossas crianças de as cantar; sendo esse canto mais um attractivo, que as chama para a eschola, e mais um mordente para a memoria, que, ora pelos sons musicos se recorda das palavras, ora, pelas palavras, dos sons musicos. Estes cantares, dependentes da escolha do mestre, são: 'numas partes, melodias colhidas nas melhores operas; 'noutras, toadas populares e plebeias, que, por esta via, se arrancaram ás obscenidades das ruas, para se enobrecerem com o deposito de conhecimentos uteis. Repitamos porém do canto, o que já considerámos sobre as palmas: se a algum mestre parecer indecoroso, que umas pobres crianças cantem regras na eschola, quando tantas senhoras e donzellas cantam

amores nas salas, e até nos templos se cantam as festas e as exequias, supprima tambem o canto; se a rima lhe parecer ainda pouco circumspecta, supprima a rima; se o verso mesmo lhe parecer inferior á sua gravidade, desmanche-o em prosa; comtanto porém que deixe intacta a idêa, que tinha ousado incarnar-se no metro, ornar-se da rima, enflorar-se da musica, porque a musica, a rima e o metro, são meros accessorios, emquanto a idêa entra na essencialidade do *methodo-portuguez*.

A leitura feita pelo côro nas palavras do quadro preto, varia-se e transforma-se, para renovar e prender de continuo a attenção. Ha os *termos logogriphicos*, em que as syllabas diversamente combinadas produzem outros vocabulos; ha em qualquer vocabulo o prompto expediente de lhe ir apagando tal ou tal lettra, no principio, no meio, no fim, ou do fim para o principio, seguidas, ou salteadas, o que, sobre deleitar, exerce a reflexão, pois 'num relance se deve decidir, se a combinação das lettras, que restam, é ou não, compativel com a indole da nossa lingua.

Não é tudo conhecer a lettra redonda; convem começar com cedo a decifrar a manuscripta; nada mais facil: o mestre vai insensivelmente abastardando nos seus themas do quadro a lettra romana, e inclinando-a á feição da epistolar; a poucos dias andados, uma e outra são decifradas com egual presteza.

A *pontuação*, alma do periodo, não tinha regras nem quasi se apreciava na eschola antiga; o *methodo-portuguez* mnemonisou-a por figuras, como fizera ás lettras; e, com as narrativas d'essas figuras, gravou nas memorias a quantidade da pausa, o agudo ou grave do tom e a inflexão de cada um d'esses signaes.

Em seguida á leitura côral no quadro, poz a leitura côral nos livros, e 'nesta seguiu ainda o seu modo geral de proceder: do mais simples e facil, para o mais composto, difficil e perfeito; fez primeiro traduzir o periodo a lettra e lettra nos nomes das figuras suas correspondentes; depois fez com que todas as suas lettras se traduzissem nos respectivos elementos sónicos, já repartidos para syllabas; depois, fel-os lêr por syllabas, cada uma d'ellas inteiriça e umas das outras separadas; depois, fez lêr por palavras, umas de outras desconnexas, mas cada uma já por si inteira e viva; finalmente, fez lêr as palavras, já ligadas como no uso corrente do fallar. 'Nestes trez ultimos processos, a pontuação foi dada pelo côro com exageração de tons e pausas, afim de melhor se apreciar e se reter.

A leitura individual, feita salteadamente pelos alumnos para se conservarem todos attentos, e executada moderando-se já as intonações e repoisos da ponctuação, e reduzindo-se ao que devem ser 'numa leitura animada e graciosa, completa e corôa esta parte do ensino. Não se deve deixar aqui no escuro, que o grande principio da simultaneidade não é applicado por nós só á leitura da lettra redonda, senão tambem e com egual fortuna á do manuscripto;[1] a eschola velha, mandava (e manda) a cada discipulo trazer qualquer papel de lettra de mão: uma folha de um processo, um rol da tenda, uma carta de uma cosinheira, quasi sempre sem ponctuação, sem orthographia de especie alguma, sem o minimo laibo de senso commum.

O *escrever* apprende-se quasi ao mesmo tempo que o lêr, segundo o *methodo-portuguez;* os dois estudos alternam-se e auxiliam-se; mas eis aqui, por sua ordem, e em resumo, os principaes processos d'este segundo tyrocinio.

Duas coisas são necessarias para bem escrever: *orthographia e calligraphia*. O mestre, depois de ter armado os seus discipulos de ardosias e de lapis bem tomados entre os dedos, como pennas, dicta uma palavra. Elles decompõe-n-a em elementos, no que não podem errar, e logo, em acto continuo, dizem qual é a figura, isto é, a lettra, que 'naquella palavra corresponde a cada um d'aquelles elementos, no que já podem errar, e muitas vezes erram a principio. O mestre emenda; elles repetem as figuras já correctamente.

A orthographia do vocabulo, que deve ser exarado na pedra, está segura; resta desenhar os caracteres. Uma *resenha-alphabetica*,[2] de lettra redonda e manuscripta, está patente aos olhos de todos. Cada um vae d'ella trasladando, a uma e uma, as lettras que tem de pôr. Não se tracta ainda de escriptura magnifica; e já, todavia, sob algumas d'aquellas mãosinhas vem a calligraphia alvorecendo.

Correntes 'neste primeiro processo, passam a calcar bons originaes calligraphicos, sotopostos a papel transparente ou vidro-fôsco, (*papeis-vidros*.[3])

'Nestes originaes calligraphicos ha, em cada um, um desenho simples, que, sendo calcado assim como o é a lettra, inicia para o desenho a mão bisonha, ao mesmo tempo que a aprimora no escrever. A idêa d'este enlace de dois estudos uteis, julgamos que pertence originariamente á Allemanha.[4]

Expeditos e habeis 'neste segundo trabalho, promovem-se a copiar para os mesmos vidros-fôscos, ou para as ardosias, aquelles originaes.

[1] Exercicios de leitura manuscripta para uso das escholas pelo *methodo-portuguez-castilho*, escolhidos e ordenados por Luiz Filippe Leite, director da eschola normal primaria de Lisboa. — 1 vol. — Vende-se nas lojas do costume, preço 120 réis.

[2] *Resenha-alphabetica*, grande quadro parietal, vende-se nas lojas de livros do costume, preço 240 réis.

[3] *Papeis-vidros*, vendem-se nas lojas de livros e objectos de desenho, preço 240 réis, e com uma collecção de 12 *traslados-calligraphicos*, 480 réis.

[4] Collecções de *doze* traslados d'estes, se acham á venda nas lojas do costume, preço 240 réis, e meias collecções a 120 réis.

O papel commum e a penna com tinta, são a terceira phase; mas o trabalho é ainda de copia.

A quarta e ultima é a escripta de periodo, accentuadamente dictado pelo mestre. Aqui devem os alumnos junctar pela sua reflexão propria, a uma orthographia ethimologica regular, e a um lançado de lettras elegantes, bem dispostas em linhas horisontaes e equidistantes, a ponctuação exigida pelo tom do recitador.

As qualidades da escripta dos adestrados pelo *methodo-portuguez*, são as que unicamente se devem pedir, e direi até, permittir á eschola primaria popular: *clareza com facilidade; elegancia sem luxo; acerto de orthographia e de ponctuação.*

Assim se perfazem a um tempo os dois ensinos: o da leitura, sem syllabarios somnolentos; o da escripta, sem regrados, pautas, riscos ou ligações; ambos com perenne variedade e constante satisfação.

Se algum mestre entender na sua preoccupada consciencia, que não deve renunciar a herança do compasso, lapis e régua e traslados de riscos e ligações, conserve muito embora todas essas rémoras, e torne com ellas menos atilados os olhos, e menos destra a mão dos seus discipulos; ruim serviço lhes fará, privando-os do que os nossos estão colhendo; amputará do *methodo* um ramo consideravel; mas, como respeite o resto, não o haverá esterilisado no principal.

A numeração arabiga e a romana foram, pelo *methodo-portuguez*, mnemonisadas como as lettras e a ponctuação, e com identico resultado. O uso dos numeros nos calculos pertencia a outra ordem de idêas; tinha de ficar sendo, como sempre fôra, um estudo sobre si.

O *methodo-portuguez* não facilitou, nem difficultou a arithmetica. Premuniu para ella os seus alumnos, versando-os no lêr e escrever numeros, como no seu titulo, e nos seus compromissos, se continha.

A *doutrina christã* e a *grammatica* eram tambem disciplinas independentes do lêr e escrever. A um e outro d'estes dois estudos auxiliou ainda assim o *methodo-portuguez*, já estabelecendo o rithmo, com cujo auxilio os leitorsinhos noveis podem, pela sua leitura em commum, decorar estas e quantas outras cousas lhe convenham, já tornando-os pelo gosto mais attentos, e, pelo habito de discorrerem logicamente, mais perspicazes para as idêas novas, sempre que o mestre as saiba fazer entrar para a memoria, ao revéz do que em toda a parte se practica, não á força e á escala vista, mas pelas portas da intelligencia, de par em par abertas.

Economisando mezes e annos nos dois primeiros e principaes estudos escholares, o *methodo-portuguez* deixou logo, por isso mesmo, grande campo em que podesse alargar-se a instrucção primaria popular, mórmente havendo elle preparado os espiritos com habitos logicos e mnemonicos, e ganhado, pelo amor e pelo prazer, as vontades para os livros, para a applicação, para os conhecimentos. Assim, um professor instruido, zeloso, compenetrado da importancia de seu mester, póde, sem custo, e em menos horas cada dia, do que até agora desbaratava, enchertar no seu ensino rithmico, simultaneo, luminoso e sympathico, centenares e milhares de prenoções de muitas sciencias e artes, que a indole da moderna civilisação está pedindo.

Concluâmos este rapido esboço com quatro ponderações, sobre as quaes a todos os espiritos capazes de reflectir, supplicâmos que reflictam.

As quatro mais accesas e pertinazes invectivas com que se tem pretendido fulminar o *methodo-portuguez*, são estas:

É pueril; é dispendioso; é trabalhosissimo; é inadmissivel a escholas de um só mestre, e sujeitas a continuas entradas de discipulos.

A qualificação de *pueril*, applicada a um methodo destinado a ensinar meninos, é o seu maior louvor. A prova parece-nos obvia e terminante: discipulos e mestre, mestre e discipulos, devem, quanto possivel, harmonisar-se, para que o seu commum trabalho se não mallogre. Mestre adulto, e discipulos crianças, têm indoles diversas; quasi oppostas. Quem ha de domar a sua á alheia? Os discipulos? Mas, os discipulos, são cem, e o mestre, um; os discipulos, carecem de entendimento claro, que lhes reja a vontade, e o mestre, tem-no. Emfim, o mestre, que já foi menino, que lida com elles, e os deve conhecer, póde, sem se desauctorisar, nivelar-se até certo ponto com a infancia; em quanto a infancia, que nunca passou nem pela austeridade da velhice, nem pela circumspecção da virilidade, não póde deixar de ser aquillo que Deus a fez, e que nenhuma tyrannia, por mais que delire e braveje, conseguirá aniquilar-lhe. A natureza mesma, em nome do seu Creador, em nome d'AQUELLE que ás mães sorrí nos filhos, e aos filhos sorrí nas mães, d'AQUELLE que disse em segredo aos passarinhos, ás borboletas, e aos innocentes: « Glorificae-me com a vossa alegria! » a natureza, a natureza mesma, protesta por todos os mais claros e energicos modos contra o sacrilego e absurdo tentame de um envelhecimento forçado e prematuro.

Ser o methodo portuguez inconveniente por *dispendioso*, é uma allegação, que só fará quem nunca visse as nossas escholas; o que ha 'nellas além do indispensavel para qualquer outra? Unicamente uma collecção de quadros alphabeticos, e uma resenha alphabetica: um valor de 1$240 réis. Essencial, nada mais.

Ser o methodo portuguez *trabalhosissimo*

para o mestre, é certo, se se considera que o mestre pelo *methodo-portuguez* não póde desamparar a eschola, como os outros o costumam; mas é falso, se se attende a que, para produzir muito mais, lhe sobram trez horas diarias, em vez de seis. E é ainda falso, porque, professado com verdadeira pericia, o methodo deixa o seu professor 'num descanso de movimentos e de voz *quasi absoluto*, sendo os discipulos os que tudo executam por si mesmos. Se á vigilancia se chamar trabalho, é trabalhosissimo; porque o mestre vigia sempre; mas quem de trabalho tal o quereria dispensar?

Pelo que respeita á supposta incompatibilidade do *methodo-portuguez* com as actuaes escholas, não queremos responder, que, de tal facto, se o fosse, só se poderia concluir a necessidade de se reorganisarem as escholas (o que pertence aos legisladores, e não seria difficil). Respondemos, porém, que ainda mesmo antes de se imporem ás escholas primarias matriculas aprasadas como as têm as secundarias e as superiores, o mestre primario, sem exorbitar da lei, póde, até certo ponto, conciliar tudo. Dê em cada anno lectivo um curso seguido e ininterrupto aos seus primeiros inscriptos, e só a elles; tolerando todavia, já que assim se quer, que os retardatarios, os irregulares, os que são sempre de menor valia moral e intellectual, assistam aos seus trabalhos como simples espectadores e ouvintes. O *como* práctico d'este arbitrio, já se tem expósto, explanado, motivado, muitas vezes.

Demos porém momentaneamente por concedido, o que não é concedivel, que a eschola primaria deve continuar a estar franca para alumnos vadios ao longo do anno; que o mestre, com ser um para cincoenta, sessenta, ou cem, deve doutrinar com egualdade tanto aos primeiros, como aos medios, como aos ultimos, e que, para obter alguma cousa que se possa parecer com isso, deve, com quanto se chame *simultaneo* ao seu ensino, desmanchar a sua aula em decurias, isto é, em pequenas aulas de diversos gráus, tumultuarias, indisciplinaveis, immoraes, e estereis, como em realidade são, e não podiam deixar de ser. Demos tudo isto de barato; que argumento, ou sombra de argumento se colhe d'ahi contra o *methodo portuguez?* O *methodo-portuguez* ama sim, e pede, o modo simultaneo de ensino, esse *modo*, o mais popular d'entre todos os *modos*, que só elle, o *methodo-portuguez*, o mais popular d'entre todos os *methodos*, soube converter de ficção em realidade. Entretanto (reparae bem e admirae aquelle sophisma), que tem o *modo simultaneo* perfeito com a essencia, com o intrinseco do *methodo-portuguez?* Se pelo *methodo-portuguez* se póde ensinar a um só individuo, ou a dois ao mesmo tempo, ou a muitos, ou a muitissimos, se o *methodo-portuguez* consta de uma quantidade de processos distinctos e bem extremaveis, quem não vê que o *methodo-portuguez* se póde amoldar, como outro qualquer *methodo*, ao *modo decurial*, ao *individual*, ou a qualquer outro que imaginem?!

Se querem conservar as escholas na sua anarchia immemorial, conservem-nas muito nas más horas; mas ao menos, seja antes com um methodo de ensino racional, do que sem methodo, ou com um methodo de todo o ponto antiphilosophico; não se obterá todo o producto possivel, mas sempre se ha de obter muito mais do que até agora.

Que mais concessões pertenderão de nós, depois de todas as que deixamos feitas, e que justificam a clausula que 'nesta quarta edição do *methodo-portuguez* havemos posto ao seu titulo, chamando-o *accommodado a todos os gostos*. Não querem o *modo simultaneo* absoluto? dispam-lh'o; não querem *palmas* para o *rithmo?* vedem-lh'as; não querem canto para as regras e para as orações? emmudeçam-n-o; não querem marchas? parem-n-as; não querem movimentos? paralisem-n-os; não querem alegria? atterrem; não querem amor? odeiem; mas a essencia do methodo provado efficacissimo, não a neguem, que o não permitte o bom senso; não o injuriem, que é dura ingratidão; e menos ainda o repulsem, que é sevicia não só para com a infancia, que a não merece, mas até contra a patria, a que todos nós nos devemos, e devemos tudo.

Além d'esta accommodação a todos os gostos, que nós estendemos generosos, até para dentro das raias do defeso, duas novidades apparecem na edição presente, que releva motivar. A suppressão de textos para exercicios da leitura, quaes se achavam nas precedentes, e a da orthographia phonica nas precedentes observada, e agora substituida pela etimologica. A primeira d'estas duas reformas teve por unico fundamento a economia; este livro devia reduzir-se ao minimo volume, para poder vender-se pelo minimo preço; e tornar-se assim alcançavel ao maximo numero. Os exercicios de leitura escholar podem effectuar-se en opusculos, que já existem de extrema barateza, e que nós mesmos indicamos nos logares respectivos.

A preferencia dada aqui á escripta etimologica, nenhum outro fim teve senão perimir de uma vez para sempre o ardiloso, o sophistico, e de todo o ponto falso e inconsciencioso argumento, com que, para negarem a utilidade do *methodo-portuguez*, se fingiu, perante os ignorantes, que a orthographia facil e popular, que nós amamos, e com que haviamos escripto o nosso tratado, era a mesma com que os nossos discipulos apprendiam a escrever; quando a verdade é que, em nenhuma eschola primaria, se ensinou jámais com tanta exacção, e com tanto fructo, a orthographia

difficultosa e erudita, como sempre em todas as nossas se tem feito; e a razão é palpavel: o longo trabalho de decomposição e analyse, que nós fazemos nas palavras escriptas á antiga, quando ensinamos a lêr, e que os mestres nossos predecessores nunca fizeram nem podiam, grava profundamente na memoria dos nossos ouvintes a physionomia especial de todos esses vocabulos caprichosos, que, para dizerem uma cousa aos ouvidos, mostram aos olhos outra mui diversa. Breve: nós preferimos a orthographia que irmana o fallar com o escrever, e o escrever com o lêr; e estamos persuadidos de que ella ha de prevalecer em sendo mais adulta a philosophia social; mas, á espera d'um dia, que ainda não chegou, continuamos a ensinar aos rapazinhos da rua a escreverem á latina.

Depois do muito que se ha discutido e elucidado no todo, e em cada uma de suas partes, o *methodo-portuguez*, teve-se por melhor acerto reduzir a presente edição a simples directorio práctico, despido de explicações superfluas, de justificações e suasorias importunas.

O mestre, a mestra de eschola, e a mãe de familias, encontram aqui, no mais breve quadro, o que têm de fazer para instruirem na leitura e escripta, elles, aos seus muitos alumnos; ella, aos seus filhos, ou ao seu filho unico.

Este mesmo livro, d'ora ávante pela barateza á mão de toda a gente, póde ficar sendo o primeiro texto, em que se exercitem os córos escholares, lendo-o e relendo-o. O ensino domestico e individual está claro que o adoptará.

Ás mães e aos professores só recommendamos por despedida: que, antes de entrarem no ensino práctico, leiam, e melhor será trez vezes do que uma, todo o opusculo. Uma vez imbuidos na harmonia e razão do seu systetema, seguil-o-hão com pontualidade. Nos resultados, que não tardarão em conseguir, superiores talvez ás suas proprias esperanças e ambições, lograrão a mais bella, a mais invejavel de todas as corôas.

A nossa sel-o-ha a certeza de havermos, pelos nossos asperrimos sacrificios, pelo nosso martyrio já de annos largos, e que ainda continúa, bem merecido d'elles e da patria.

A. F. DE CASTILHO.

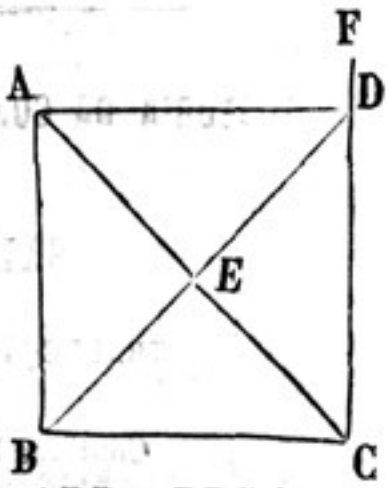
1857 — Abril —18.

GEOMETRIA.

No *Diario do Governo* de 11 do corrente, vem um communicado do sr. José Bernardo da Rosa Junior, o qual pretende ter demonstrado rigorosa, directa, e simplesmente o theorema da egualdade a dous rectos da somma dos trez angulos de um triangulo, independentemente da theoria das parallelas, e de considerações sobre o infinito e o indefinido.

A demonstração, que apresenta, em algumas partes ingenhosa, não passa todavia de um verdadeiro paralogismo.

Distingue o sr. Rosa os dous casos de um triangulo rectangulo, e de um triangulo obliquangulo; e faz no 1.° caso a construcção e demonstração seguintes:



Seja ABC o triangulo rectangulo em B: faça-se no ponto C um angulo ACF = CAB: tome-se CD = AB, e tire-se AD. Os triangulos ABC e ACD são eguaes (Eucl. liv. 1.° prop. 4.) Logo AD = BC. Tire-se BD: serão eguaes os triangulos ADB e DBC (Eucl. liv. 1.° prop. 8.) Logo são eguaes os angulos ABD e BDC. Logo são eguaes os triangulos AEB e DEC (Eucl. liv. 1.° prop. 26), e juntando a cada um d'elles o mesmo triangulo EBC serão eguaes os triangulos ABC e DBC: logo o angulo BCD é recto; mas o angulo BCD = BCA + ACD; ou (por ser ACD = CAB) BCD = BCA + CAB; mas BCD é recto; logo BCA + CAB = 1 recto.

Esta demonstração é verdadeira até ao ponto, em que considéra a egualdade dos triangulos AEB e DEC: mas quando se acrescenta que de se juntar a estes dous triangulos o triangulo EBC, resulta que são eguaes os triangulos ABC e DBC, isto não é exacto; pois só póde affirmar-se que são equivalentes. E tanto é assim que se em vez de suppor o angulo em B recto, o auctor o tivesse supposto obliquo e fizesse uma construcção identica, proseguiria com a demonstração do mesmo modo até este ponto, sendo certo que então os dous triangulos não podiam por modo algum ser eguaes, mas só equivalentes.

Continuemos. D'esta egualdade não demonstrada conclue que o angulo DCB é recto, e isto sem duvida, por ser egual no angulo em B recto por hypothese. Aqui ha um grande salto, e é onde está todo o defeito da demonstração. É verdade o que affirma o sr. Rosa, mas porque? Temos dous triangulos equivalentes e 'nelles os lados AB = DC e o lado BC commum, sendo por hypothese AB perpendicular sobre BC. Ora, 'neste caso particular é forçoso que seja DC tambem perpendicular sobre BC; porque álias, se a perpendicular abaixada de D sobre a base BC do triangulo DBC fosse outra, como deveria ser egual á altura AB do triangulo equivalente ABC, assente sobre a mesma base BC, e AB se suppoz egual a DC, teriamos o absurdo de ser a perpendicular abaixada do ponto D sobre a recta BC egual a uma obliqua tirada do mesmo ponto. Mas para chegarmos a esta conclusão

..

foi necessario recorrer ao principio de que as superficies dos triangulos são avaliadas pelo producto das bases por metade das alturas, principio, que, muito bem se sabe, é fundado na theoria das parallelas.

A demonstração pois do sr. Rosa não satisfaz de maneira alguma ao objecto, que se tinha em vista.

HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR

SALLUSTIO:

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pag. 100.

LII. Quando Cesar acabou de falar, os demais senadores votaram com uma só palavra, assentindo uns a este, outros áquelle dos dous pareceres emittidos. M. Porcio Catão, porém, ao pedirem-lhe o voto, fez a fala seguinte:

« Mui diverso é o meu pensar, padres conscriptos, quando considero as nossas circumstancias e perigos, e quando reflicto nos pareceres emittidos por alguns. Discorreram elles, parece-me, sobre o castigo de réus, que declararam guerra á patria, aos paes, aos templos, e aos proprios lares: e as circumstancias advertem-nos, que devemos antes acautelar-nos d'elles, que deliberar sobre o seu castigo. Todos os outros crimes se punem depois de commettidos: este, se não se previne, depois de perpetrado, em balde se implora a acção da justiça: tomada Roma, nada resta aos vencidos.

« Vós que preferistes sempre á républica os palacios, as quintas, os quadros e as estatuas, attendei-me, pelos deuses immortaes vos peço: se quereis conservar todas essas cousas, que, com razão ou sem ella, tanto amais; se quereis *lograr em ocio* vossos deleites, acordae em fim, amparae a républica. Não se tracta de tributos, nem de insultos feitos a alliados: estão em perigo nossa liberdade e vida.

« Muitas vezes, padres conscriptos, tenho eu falado largamente 'neste recinto; muitas me tenho queixado da avareza e do luxo de nossos cidadãos; muitos inimigos tenho grangeado por esta causa. Mas quem a si proprio, quem ao seu coração não perdoa delicto, como seria indulgente com as paixões dos outros? Ora, bem que fizessem pouco caso das minhas queixas, a républica estava salva; a prosperidade a sustentava contra a indolencia. Mas agora não se tracta, se viveremos com bons ou máos costumes, nem qual será a grandeza e a magnificencia do imperio romano; porém, se tudo isso, tal qual é, será nosso, ou cairá, e nós tambem, nas mãos dos inimigos.

« E ha quem me fale aqui em brandura e compaixão! Certo, ha muito que temos trocado os nomes ás cousas: ser prodigo dos bens alheios é liberalidade; ser atrevido no crime é valor: porisso vemos a républica reduzida a tal extremidade! . . .

« Pois que assim o quer a corrupção dos costumes, sejam embora liberaes dos bens dos alliados; sejam compassivos com os ladrões do erario; mas não desbaratem o nosso sangue, e indo perdoar a uns poucos de malvados, não deitem a perder todos os homens de bem.

« Ha pouco discorreu C. Cesar 'nesta casa, com eloquencia e arte, sobre a vida e a morte; reputando, creio eu, fabuloso quanto se conta dos infernos: que alli os máos, separados dos bons, habitam logares lobregos, immundos, hediondos e pavorosos. E porisso votou, que os bens dos rebeldes fossem confiscados, e elles retidos em prisões pelos municipios; talvez receando, que, se ficassem em Roma, fossem soltos á força, ou pelos outros conjurados, ou por gentalha assalariada: como se houvesse máos só em Roma, e não por toda a Italia! Como se o atrevimento não fosse mais poderoso, onde menos meios ha para o repellir! Por consequencia, é vã aquella medida, se Cesar ainda receia os conjurados; e se no meio do geral temor só elle não teme, devemos por-isso mesmo, eu e vós, temer cada vez mais.

« Estae portanto certos, que o que decidirdes sobre P. Lentulo e os demais, o decidis tambem sobre o exercito de Catilina e os conjurados todos: quanto maior for a vossa actividade e energia, tanto mais diminuirá o seu arrôjo; mas se vos virem afrouxar, pouco que seja, logo vos accommetterão arrogantes.

« Não penseis, que nossos maiores engrandeceram tanto a républica só pelas armas: se assim fosse, vel-a-hiamos hoje muito mais florescente, porque temos mais cidadãos, mais alliados, mais armas e mais cavallos, do que elles tiveram. Outras foram as causas, que os *engrandeceram* a *elles*, e que a nós nos faltam: dentro da patria, actividade; fóra d'ella, governo justo; uma alma livre nas deliberações, e exempta de crimes e paixões. Em vez d'estas qualidades que temos nós? O luxo e a avareza; o estado pobre, e opulentos os particulares; louvam-se as riquezas, e ama-se a indolencia; não ha differença entre bons e máos; a ambição usurpa os premios devidos ao merecimento. Mas nada d'isto deve admirar-nos: se vós consultais com as vistas só no proprio interesse; se em casa sois escravos dos prazeres, e aqui do dinheiro e dos empenhos. . .

Fig. 1ª.

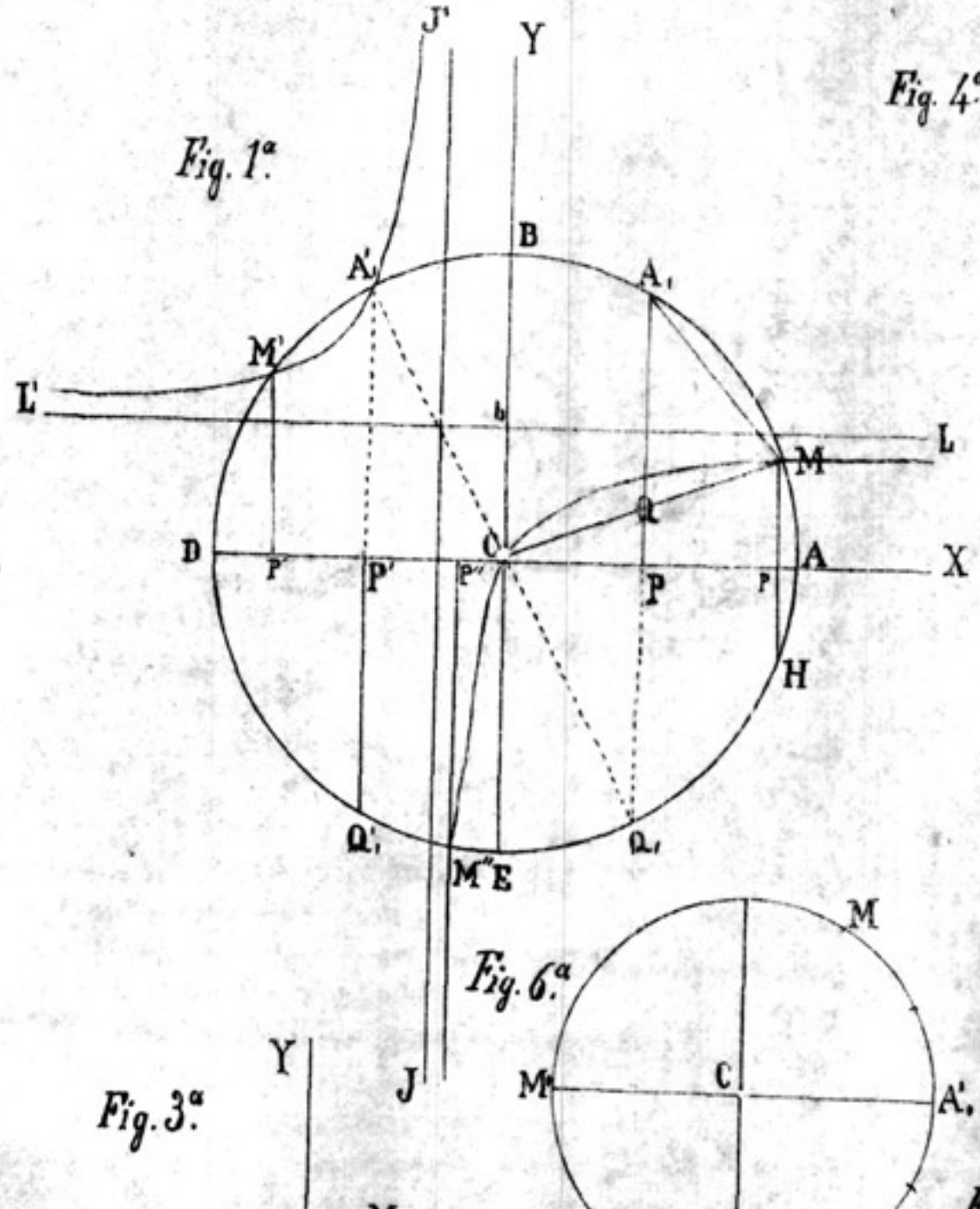


Fig. 4ª.

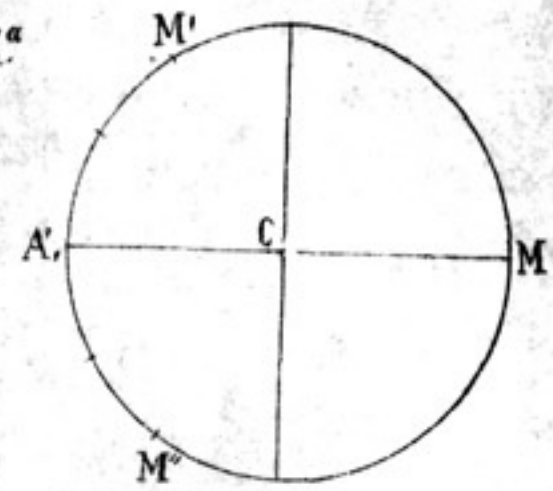


Fig. 5ª.

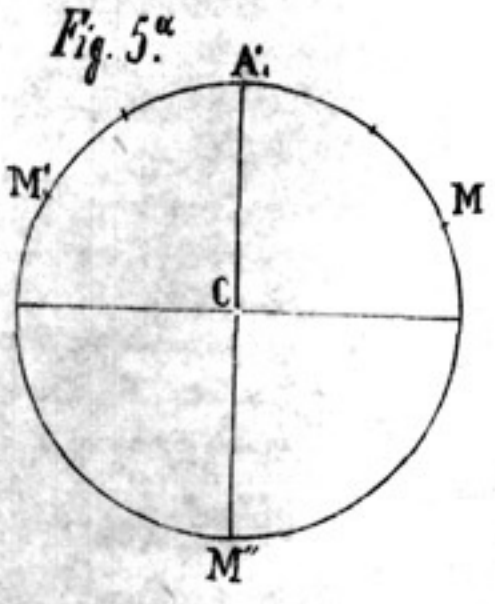


Fig. 6ª.

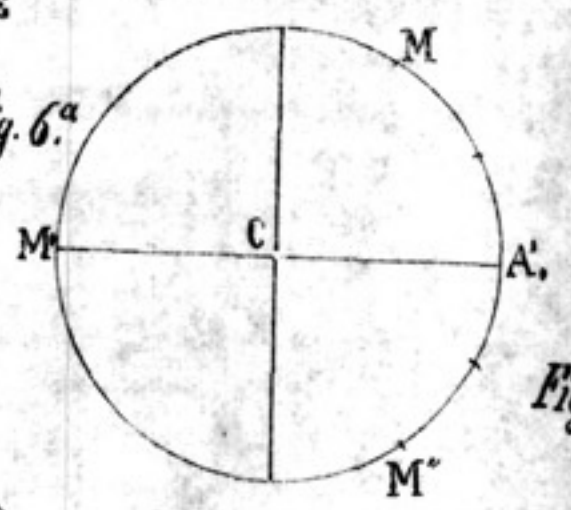


Fig. 3ª.

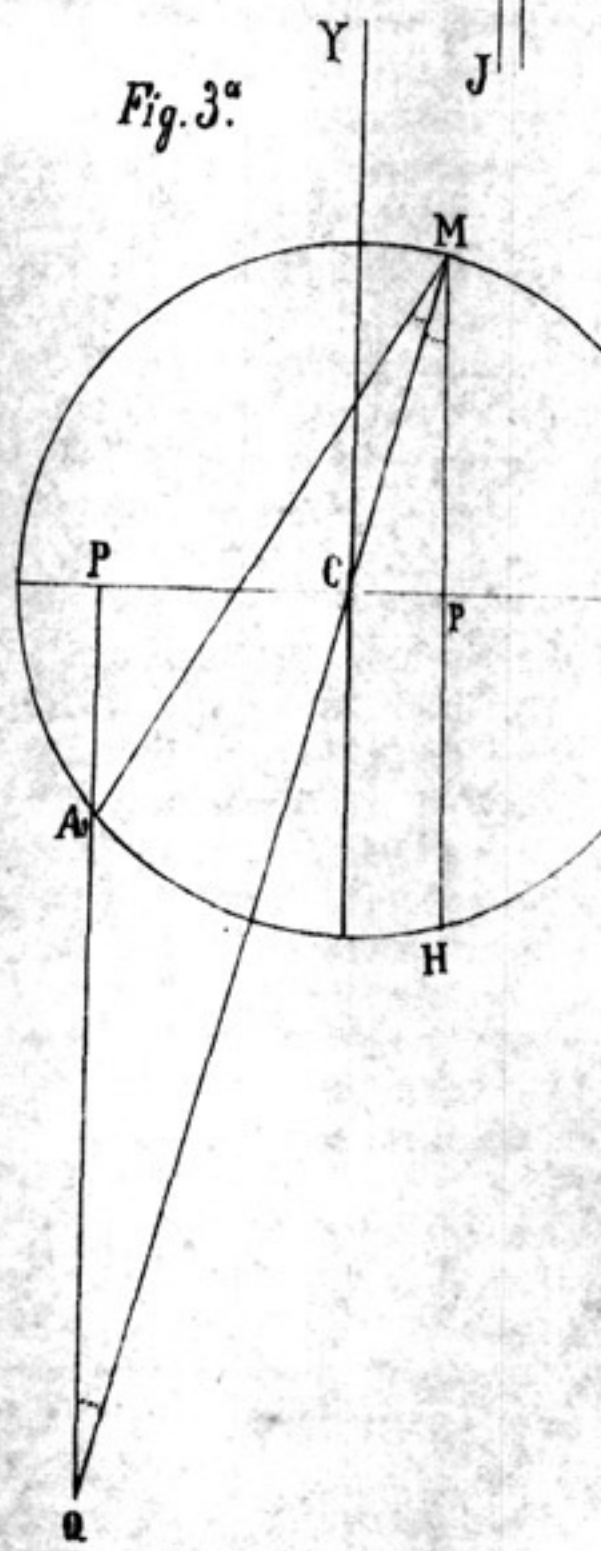


Fig 7ª.

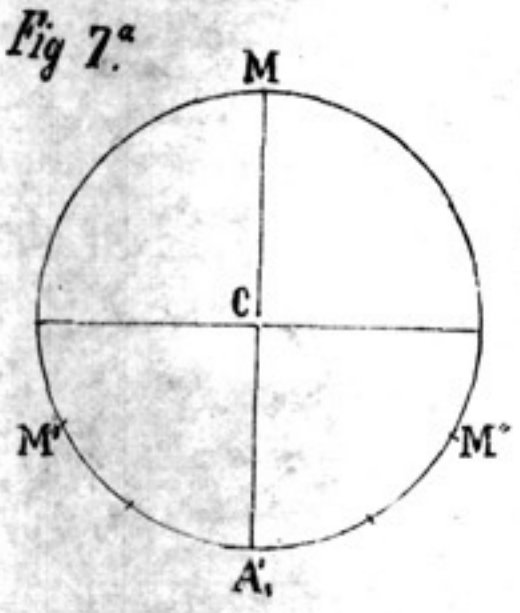
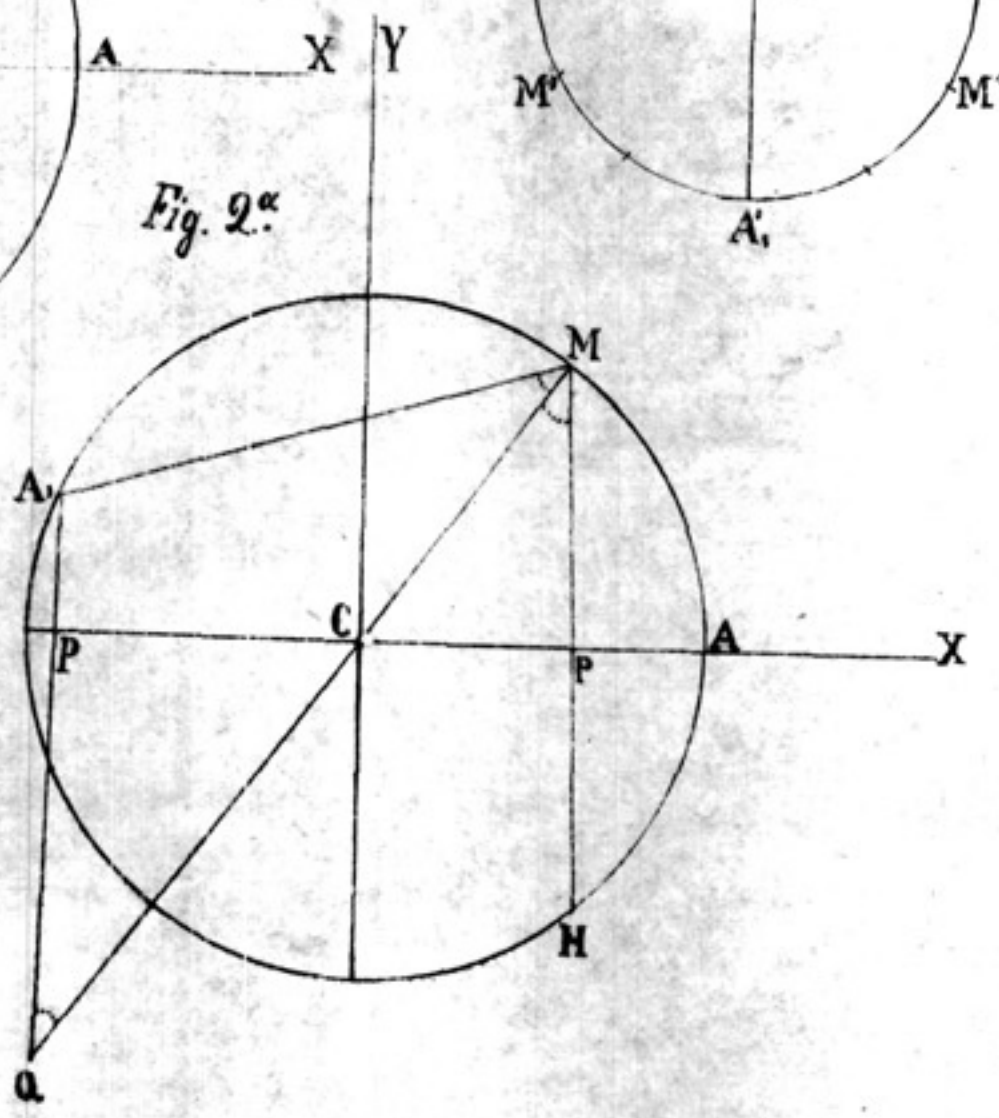


Fig. 2ª.



« Porisso é que se ataca a républica aban-
« donada. Mas deixemos isto.

« Conjuraram-se para incendiar a patria
« cidadãos dos mais nobres; chamam ás armas
« a nação gauleza, inimicissima do nome ro-
« mano; o chefe dos insurgentes, á frente de
« um exercito, está sobre nossas cabeças: e
« hesitais ainda? E ainda duvidais sobre o
« que fareis a inimigos, presos dentro de
« vossos muros? Sim: condoei-vos d'elles;
« assim o entendo eu tambem: pobres moci-
« nhos! delinquiram por ambição: mandai-os
« embora, e até armados. Ah! que se elles
« tomarem as armas, essa brandura e com-
« paixão converter-se-ha em perdição. A con-
« junctura é espinhosa; mas vós não a temeis.
« Pelo contrario temeil-a, e muito; mas iner-
« tes e frouxos, descançais uns nos outros:
« hesitais, confiados, creio eu, nos deuses
« immortaes, que tantas vezes nos maiores
« perigos salvaram esta républica. Porém não
« é com votos e súpplicas proprias de mulhe-
« res que se obtem o auxilio dos deuses:
« com vigilancia, actividade e disposições
« sensatas tudo succede bem; quem se entrega
« á indolencia e á preguiça, debalde implora
« os deuses, porque os encontra irritados e
« inimigos.

« No tempo de nossos maiores, Aulo Man-
« lio Torquato condemnou seu filho á morte,
« por ter pelejado, havendo prohibição para
« isso; e aquelle egregio mancebo pagou com
« a vida um excesso de valor. E vós estais in-
« decisos sobre o que fareis a parricidas crue-
« lissimos? Provavelmente a sua vida pas-
« sada contrabalança o crime. Sim: respeitae
« a dignidade de Lentulo, se elle respeitou
« alguma vez o pudor, a propria reputação, os
« deuses, ou os homens. Perdoae á mocida-
« de de Cethego, se não é esta a segunda vez
« que faz guerra á patria. Pois de Gabinio,
« Statilio, Cepario, que desculpa darei? Se
« elles reflectissem um pouco, teriam jámais
« formado projectos taes contra o estado?

« Emfim, padres conscriptos, se o tempo
« nos permittisse errar, eu deixaria sem diffi-
« culdade, que o successo vos ensinasse, visto
« que desprezais o que vos dizem. Mas aper-
« tam-nos de todos os lados: Catilina e o seu
« exercito têm-nos a espada na garganta; de
« muros a dentro, no coração de Roma, está
« parte dos inimigos; nem preparativos, nem
« deliberações lhes podem ser occultas: por-
« isso não percâmos tempo. Eis pois o meu
« voto: como a conspiração nefanda d'esses
« cidadãos malvados poz a républica em gran-
« dissimo perigo; como elles estão convenci-
« dos por confissão propria, e pelo depoimen-
« to de T. Volturcio e dos legados dos Allo-
« droges, de que maquinaram contra a patria
« e cidadãos, mortes, incendios e outros at-
« tentados horriveis e deshumanos: a réus
« confessos, bem como a réus convencidos de
« crimes capitaes, deve, por costume antigo,
« impor-se a pena ultima. »

LIII. Tendo-se Catão sentado, todos os consulares e grande parte dos senadores louvam o seu parecer; elogiam a sua presença de espirito; uns aos outros se increpam de timidos; só Catão é acclamado o grande e illustre: e conforme ao seu voto se lavrou um decreto do senado.

A historia e a fama dos feitos brilhantes do povo romano, na paz, e na guerra, por terra e por mar, inspirou-me a curiosidade de averiguar a causa, que sustentou tão grandes successos. Sabia eu, que muitas vezes pequenos corpos se mediram com grandes legiões inimigas; que pequenos exercitos guerrearam monarchas poderosos; que muitas vezes os Romanos supportaram tambem revezes da fortuna; que se lhes avantajaram na gloria militar os Gallos, e na eloquencia os Gregos. E depois de muito reflectir, assentei, que Roma deveu tudo a um pequeno numero de cidadãos, cujo relevante merecimento fez, que a pobreza vencesse a opulencia, e o pequeno numero as grandes multidões. Depois que a ociosidade e o luxo corromperam a républica, ainda assim se foi ella sustentando pela propria grandeza contra os vicios de seus generaes e magistrados. Roma, qual mãe sem forças, por longo tempo não produziu homens de merecimento: porém em meus dias appareceram dous de caracter diverso, mas ambos grandes, M. Catão e C. Cesar; e já que a occasião se offerece, não deixarei de retratar, o melhor que puder, a indole e o caracter de um e d'outro.

LIV. Eram pois em nascimento, edade e eloquencia quasi eguaes; eguaes em gloria e grandeza d'alma, mas cada um em seu genero. Cesar distinguia-se pela beneficencia e generosidade; Catão pela inteireza de costumes. Aquelle fez-se celebre pela doçura, e clemencia; este respeitavel pela severidade. Cesar alcançou gloria, dando, soccorrendo, perdoando; Catão nada concedendo. Aquelle era o refugio dos infelizes, este o flagello dos malvados. Gabava-se a flexibilidade do primeiro, e a constancia do segundo. Finalmente Cesar caprichava em consagrar trabalhos e vigilias aos negocios dos amigos, até com prejuizo dos proprios; nada negava que fosse digno de conceder-se; eram desejos seus um grande poder, um grande exercito, uma guerra nova, onde podesse brilhar o seu genio. Catão prezava a decencia, o decóro, e sobre tudo a austeridade na justiça. Não rivalisava com os ricos em riquezas, nem com os intrigantes em intrigas; mas competia com os valerosos em bravura, com os modestos em pudor, com os rectos em desinteresse; e querendo antes ser bom, que parecel-o, quanto menos procurava a gloria, tanto mais ella o seguia.

Continúa.

NOTICIARIO.

Banhos de limalha de ferro. — Empregam-se nos laboratorios chimicos e officinas industriaes, banhos d'areia ou *banhos-maria*, para a evaporação e distillação dos liquidos. Segundo as observações e experiencias de Mr. Ungerer, a limalha de ferro constitue um meio muito mais commodo para a transmissão do calorico.

A limalha de ferro, depois de reduzida a pó, e bem peneirada, substitue com decidida vantagem o banho d'areia. Collocando a retorta no *banho de ferro*, o liquido ferve promptamente, e a ebullição não é tumultuosa. Mr. Ungerer affirma, que distillou por este meio acido sulphurico, tão facilmente como agua pura, e que ainda não viu que uma retorta de vidro se fracturasse 'neste banho.

Longevidade. — Póde-se dizer, que o termo *ordinario* da vida é 70 a 80 annos. Os centenarios são rarissimos, apenas se contam 207 em 1.000:000 homens: os factos de longevidade de 120, 130, 140 e até 150 annos, não se podem acceitar senão com grande reserva, porque a maior parte são falsos. As mulheres vivem, em geral, mais tempo que os homens.

Casper, estudando a influencia das profissões sobre a duração da vida, achou a seguinte escala, cujos limites são: os theologos os que vivem mais, e os medicos os que vivem menos. A duração da vida nas outras profissões decresce na seguinte ordem: — lavradores, altos funccionarios, negociantes, militares, pequenos empregados, advogados, artistas, e professores.

O elephante sagrado de Sião. — A religião dominante dos habitantes do reino de Sião é o *bouddhismo*, aggravado pelas mais extravagantes practicas. Estes povos adoram os elephantes brancos, que abundam nas regiões do Sul.

Um d'estes animaes, reputado como o representante de *Bouddha* sobre a terra, possue um bello templo em Bangkok, e um palacio. Por occasião da recente embaixada de M. Montigny, os marinheiros francezes foram por favor especial admittidos a visitar tão mysteriosa habitação vigiada por um sacerdote.

O animal parece comprehender o character sagrado de que o reveste a ignorancia dos homens. É d'uma gravidade e dignidade extraordinarias. Apresenta nas pernas, pouco acima dos joelhos, grossos anneis d'ouro incrustados de pedras preciosas, e na cabeça tem um magnifico diadema de perolas finas, intercaladas de diamantes de grande valor.

Todos os dias, ao nascer do sol, o elephante apparece á porta do templo, e dá o signal da oração, contemplando o céo, e levantando a tromba, pintada de ouro. É tão grande o seu instincto, que nunca falta a esta practica diaria.

O povo de Sião, ainda que d'um character muito doce, em certas circumstancias, é fanatico até á crueldade. Tendo morrido o elephante sagrado, no estio de 1853, tal acontecimento foi attribuido pelo rumor popular ao sacerdote, que não lhe tinha prodigalisado todos os cuidados, que o estado do animal reclamava. 'Nesta persuasão, o povo correu para o palacio, exigindo a morte do padre, que com grande difficuldade escapou á indignação das turbas.

Gomma do carvalho. — M. Lagréce-Fossat dá noticia de uma gomma que sae das fendas da casca do carvalho, *quercus pubescens*, tendo a maior analogia com a gomma arabica: como esta, é soluvel ao frio, o que a distingue da cérasina: é de uma côr *vermelho-alaranjada;* conservada dentro de uma casa quente, depois de alguns dias, torna-se tão dura como a gomma arabica, e tem, como esta, uma fractura vitrea.

Projectada sobre carvões em brasa, produz um ligeiro fumo, decompõe-se sem dar chammas, augmenta de volume, e deixa, como residuo, um carvão aspero, fragil e muito brilhante. A gomma arabica apresenta os mesmos characteres.

A gomma do carvalho é quasi insipida, e parece não conter tannino, porque o sulfato de peroxido de ferro não altera de modo algum a côr de sua dissolução. É tambem uma substancia muito viscosa, como a gomma arabica.

Consumo do caffé. — A Europa importa annualmente 400:000:000 kilogrammas de caffé. Eis aqui os logares d'onde elle procede:

Cuba	55:000:000
S. Domingos	40:000:000
Guayera	25:000:000
Porto-Ricco	30:000:000
Brasil	110:000:000
Indias Inglezas	25:000:000
Indias francezas	20:000:000
Antilhas inglezas	80:000:000

O consumo annual do caffé é por cada individuo, na Inglaterra, 500 grammas, e na França sómente 200.

Insectos. — As collecções entomologicas, dizia Latreille, ainda tão imperfeitas e incompletas, conteem, pouco mais ou menos, cem mil especies!

Podemos fazer tambem outro calculo mais curioso. Cada planta nutre, pelo menos, trez especies differentes d'insectos; por consequencia o numero d'estas não deve ser menos de 360:000, attendendo ao numero das plantas actualmente conhecidas.

Considerando a immensa fecundidade dos insectos, facilmente se reconhece, que a mais pequena legião d'estes animaes, deve constar de mais milhões, que os animaes superiores contam de dezenas e centenas.

Reflectindo por outro lado, que todos os seres nutrem outros á sua superficie e dentro de seus tecidos, de seus solidos e de seus fluidos, cada insecto é um pequeno mundo habitado por outros insectos.

Nas massas mineraes e inorganicas compostas quasi inteiramente de restos fosseis, ha animaes tão pequenos, que se tem calculado, que seriam necessarios 43 milhões d'elles, para formar o menor grão d'areia. Uma só especie constitue uma parte dos Apenninos, e concorreu em grande parte para formar o dorso enorme da America, a que se dá o nome de Cordilheiras.

Cera das arvores e dos insectos.— Ha na China pequenos insectos, conhecidos pelo nome de *la-tchong*, ou insectos da cera. Os chins criam estes insectos sobre trez especies d'arvores, duas das quaes são bem conhecidas na Europa; o *nintching*, *rhus succedaneum*, de Brogniart, o *tong-tsing*, *ligustrum glabrum*, de Thunberg, e o *gonkin* ou *Kin* dos logares humidos, que é talvez da mesma familia, que o *monkin* arborescente, *hibiscus syriacus*.

A cera que se obtem d'estas arvores e dos insectos, que sobre ellas vivem, é branca, e não se parece com a cera das abelhas. É produzida por pequenos insectos, que se nutrem dos succos da arvore; depois converte-se em uma especie de gordura branca, que se agglutina aos ramos da arvore; no outono extrae-se, raspando-a, fervendo-a em agua, passando-a por um filtro, e lançando-a finalmente na agua fria, onde coagula e forma uma substancia solida. Quebrando-a, vêem-se na fractura veias brilhantes e diaphanas, similhantes ás que offerece a steatite ou pedra branca. Misturando-a com certa quantidade d'azeite, serve para fabricar velas, que são superiores ás da cera das abelhas.

Estas velas são d'um uso muito geral na China, e as arvores da cera cultivam-se em grande escala, principalmente nas provincias de leste e sul.

Logo nos primeiros dias de junho, os insectos trepam por todos os ramos, nutrem-se dos succos vegetais, e segregam um liquido, que adhere á superficie da planta, e transforma-se em uma substancia gordurosa branca, que constitue a cera da arvore. Em setembro está a cera tão agglutinada á arvore, que só se pode separar, raspando-a.

Os insectos são brancos quando nascem; e com o progresso da edade vão-se tornando vermelhos, e a final negros. É mister ter o cuidado de os depositar sobre as arvores; mas depois d'ahi collocados, reproduzem-se e conservam-se por si mesmos.

Por esta noticia, vê-se, que o *la-tchong* procede pouco mais ou menos como a abelha para produzir a cera; absorve a materia saccarina, e elabora nos seus orgãos uma especie de gordura que se solidifica pelo contacto do ar.

Quanto mais succosa é a planta, qne alimenta o insecto cirieiro, maior quantidade de cera produz o animal. Parece que as arvores de seiva muito ricca em materias saccarinas devem ser proprias para a creação d'estes insectos. A palmeira, qué produz tão abundantemente uma especie de *mel vegetal*, podia talvez servir para o sustento dos *la-tchong*. É uma experiencia que merece ser tentada.

Existe tambem em Sumatia, India neerlandeza, uma especie de formiga alada, que produz uma cera cinzenta, de que appareceram exemplares na exposição universal de 1855 em França. Á academia das sciencias de Paris tambem tem sido apresentados exemplares da cera branca dos insectos *la-tchong*.

Luz electro-magnetica.—Faraday acaba de descobrir em Londres uma nova applicação de electro-magnetismo, ou da electricidade obtida pelas machinas electro-magneticas. É a producção d'uma luz electrica esplendida, que póde immediatamente ser empregada na illuminação dos pharoes.

Arvore da quina.— É sabida a destruição, que vai experimentando esta arvore preciosa, que fornece a todo o mundo o mais seguro de todos os febrifugos: as florestas da quina vão desapparecendo todos os dias da superficie da terra.

O governo inglez, observando a carestia cada vez maior da quina, e prevendo que no futuro podia haver falta absoluta da casca milagrosa que produz a quina, mandou proceder em grande escala á cultura das *Cinchonas* na ilha de Java.

Já ha noticia, de que tão importantes ensaios têm sido coroados de felizes resultados, e que dentro de poucos annos, Java poderá abastecer de quina, não só a India, mas tambem a Europa.

Viajem scientifica.— Os alumnos da faculdade de sciencias de Lille partiram, ha pouco, em companhia de muitos dos seus professores, para uma excursão no departamento do norte. O anno passado, na mesma epocha, M. Pasteur, decano da faculdade, viajava para o mesmo fim com os estudantes pela provincia de Liege. Dumont, celebre geologo belga, costumava tambem fazer, com os seus discipulos, longas excursões geologicas: e todos os dias os jornaes inglezes an-

nunciam viajens scientificas feitas pelos professores de chimica de Glascow.

Quando se introduzirá entre nós tão importante práctica de ensino?

Tratamento das vinhas pelo pó do carvão. — M. Michel Louis, conta pela maneira seguinte um ensaio, que tentou, da substituição do carvão á flôr de enxofre, no tratamento da molestia das vinhas: « As vinhas, sobre as quaes operei, estavam totalmente tocadas do mal; e comtudo depois da primeira apolvilhação com o carvão, passados quatro ou cinco dias, os cachos estavam completamente livres do *oidium*, e tinham uma linda côr verde; a vegetação, que a molestia havia impedido, retomou então uma nova actividade. As uvas, pelo contrario, que eu tinha despresado sobre as mesmas cepas, não tinham experimentado mudanças analogas; o mal tinha feito novos progressos. »

Novo valor do raio medio da terra. — M. Babinet em uma nota lida na Academia das sciencias de Paris, em 27 de julho passado, corrige o valor do raio medio da terra, a que Poisson tinha assignado o valor de 6 366 200 metros, dando-lhe o valor de 6 370 300; e é notavel que desprezando o quadrado do achatamento, é este precisamente o valor do raio da terra correspondente á latitude, cujo quadrado do seno é $\frac{1}{3}$.

Explicação das seiches. — Todos sabem em que consiste o phenomeno até hoje inexplicavel, designado por esta palavra franceza, e que geralmente é observado nos lagos compridos e estreitos. As *seiches* são elevações subitas do nivel da agua, seguidas immediatamente de depressão. Este curioso phenomeno tem sido reputado tanto mais mysterioso, quanto que acontece espontaneamente, e por tempo perfeitamente sereno. Alguns physicos e alguns geographos, têm tido já a feliz idêa de o compararem ás variações barometricas, e attribuem-no a uma pressão atmospherica, anormal e differente, nas duas extremidades do lago: agora o coronel Strabrowski, ao serviço da Russia, n'uma interessante memoria dirigida á Academia das sciencias de Paris, adopta esta explicação, e demonstra a verdade d'ella, pela confrontação d'um grande numero de *factos*.

Applicação da photographia á astronomia. — A sociedade hollandeza de sciencias de Harlem, propõe para objecto de premio em 1858, a descripção exacta e minuciosa d'um processo photographico, com que se obtenham, em uma pequena fracção de segundo, boas imagens dos corpos celestes, como hoje obtemos já dos terrestres.

Se tal se consegue, a astronomia muda completamente de face, redobrando de interesse o seu já tão curioso estudo.

Industria typographica dos Estados Unidos. — Para avaliar o enorme consumo de livros e jornaes, que ha nos Estados Unidos, basta saber, que se contam neste paiz 750 fabricas de papel, em que funccionam 2:000 machinas. Estas fabricas produziram no anno de 1856, 270 milhões de libras de papel; e como para cada libra de papel é preciso, pelo menos, libra e meia de trapos, a producção do primeiro exigiu o emprego de 400 milhões de libras dos segundos.

Os livreiros nos Estados Unidos são, pela maior parte, ricos commerciantes. Um só livreiro de Boston encommendou ha pouco para Londres mil exemplares da *Encyclopedia britannica;* só o frete d'esta obra não custou menos de 154:000 *thalers!* Um jornal illustrado, mensal, o *Haper's Magazine*, conta mais de 170:000 exemplares!

Illuminação a gaz em Londres e Paris. — As ruas e praças públicas de Londres são illuminadas por 360:000 bicos de gaz, consumindo cada noite 13:000:000 pés cubicos de gaz. Paris não conta senão 108:733 bicos de gaz.

Estatistica curiosa. — As folhas da planta do caffé, *cafieiro*, dão por infusão uma bebida, usada por 2 milhões d'homens; 10 milhões bebem o chá de Paraguay; 40 milhões empregam a chicorea, já pura, já misturada com o caffé; 50 milhões servem-se do cacáu, ou debaixo da fórma de chocolate, ou por qualquer outro modo; 100 milhões bebem o caffé; 500 milhões o chá; 100 milhões mastigam o betel ou os seus succedaneos; 300 milhões comem ou fumam o *haschisch;* 400 milhões o opio. Emfim, todos os povos fumam, cheiram ou mastigam o tabaco.

Cerveja ingleza. — Contam-se na Inglaterra 2:290 fabricas de cerveja. O liquido, que resulta de todas estas fabricas, vende-se ao miudo em 155:144 estalagens e tavernas. Na Escossia e Irlanda é muito mais limitada esta industria; havendo na primeira apenas 12:977 lojas ou armazens de cerveja, e na segunda, 16:051.

Movimento da população em Londres. — Em 1856, houve em Londres 86:833 nascimentos e 56:786 obitos, o que dá, termo medio, 238 nascimentos diarios, ou quasi 10 por hora, e 155 obitos por dia, ou quasi 7 por hora. Está calculado, que perto de 500 pessoas se affogam todos os annos voluntariamente no Tamiza. De 5 obitos, um pertence ao hospital.

SECÇÃO DE MATHEMATICA.

Methodo facil para obter a equação final, que deve dar todos os i *valores de* h *que entram nas formulas das variações seculares das excentricidades, e longitudes dos perihelios: Pontécoulant, Théorie analytique du systéme du monde, 2.ª edição, liv. 2.°, cap. 8, n.° 64.*

Se fizermos $h - \Sigma\,[a,\ a'] = \alpha$; $\boxed{a,\ a'} = \beta$; $\boxed{a,\ a''} = \gamma$; etc.; $h - \Sigma\,[a',\ a] = \beta'$; $\boxed{a',\ a} = \alpha'$; $\boxed{a',\ a''} = \gamma'$; etc.; $h - \Sigma\,[a'',\ a] = \gamma''$; $\boxed{a'',\ a} = \alpha''$; $\boxed{a'',\ a'} = \beta''$; etc.; as equações *(k)* do n.° 64 do livro 2.° da obra citada tomarão a fórma $\alpha M + \beta M' + \gamma M'' + \text{etc.} = o$; $\alpha' M + \beta' M' + \gamma' M'' + \text{etc.} = o$; $\alpha'' M + \beta'' M' + \gamma'' M'' + \text{etc.} = o$; etc. . . . . (1); Se applicarmos a estas equações a regra de Crammer (Francoeur Math. Puras 2.ª edição de Coimbra tom. 1.° pag. 179) para a determinação dos valores das arbitrarias M, M', M'', etc., veremos que os numeradores dados por esta regra são todos nullos, por não existirem nas equações (1) termos independentes das arbitrarias; e que o denominador commum é tal, que um dos seus termos se fórma do producto dos i factores α, β', γ'', etc., cada um dos quaes contém a primeira potencia de h no primeiro termo, sendo os outros independentes d'esta quantidade; donde é facil concluir que o dicto denominador é um polynomio completo do gráu i em h sem arbitrarias. Seja $\varphi\,(h)$ este polynomio; os valores das arbitrarias serão $M = \frac{o}{\varphi\,(h)}$, $M' = \frac{o}{\varphi\,(h)}$, $M'' = \frac{o}{\varphi\,(h)}$, etc.; mas pela natureza do problema estas arbitrarias não podem ser nullas simultaneamente; é pois forçoso que seja $\varphi\,(h) = o$; e por ser $\varphi\,(h)$ um polynomio do grão i em h sem arbitrarias, como já mostrámos, será $\varphi\,(h) = o$ a equação final em h que se pretendia achar. Assim para obter esta equação, basta formar pela regra de Crammer o denominador commum dos valores de M, M', M'', etc., e egualal-o a zero.

Este methodo é muito mais simples que o empregado por Laplace no n.° 56 do cap. 7.° do liv. 2.° da Mechanica celeste; e que o segundo indicado por Lagrange na 3.ª edição da Mechanica analytica tom. 1.°, parte 2.ª, secção 6.ª, n.° 6, e tem sobre este a vantagem de não elevar o gráu da equação final, introduzindo soluções estranhas.

JACOME LUIZ SARMENTO.

Trisecção do angulo por meio da hyperbole e circulo. Interpretação d'uma solução estranha.

Do ponto C, origem das coordenadas rectangulares, como centro, e com um raio qualquer $CA = r$ descreva-se (fig. 1.ª) o circulo $A\,B\,D\,E$: seja $A\,A_1$ o arco dado, que póde ter na circumferencia do circulo descripto uma posição arbitraria; e supponhamos o problema resolvido, representando $A\,M$ a terça parte d'este arco. Tirem-se $M\,p$, e $A_1\,P$ perpendiculares a $C\,A$; teremos

$$A_1\,P = \text{sen}\ A\,A_1 = s, \qquad C\,P = \cos\ A\,A_1 = c$$

$$M\,p = \text{sen}\ A\,M = \varsigma, \qquad C\,p = \cos\ A\,M = \gamma$$

Posto isto, tirando as linhas $A_1\,M$, e $C\,M$, e prolongando $M\,p$ até ao encontro com a circumferencia em H, o triangulo rectangulo $C\,M\,p$ dá

$$\varsigma^2 + \gamma^2 = r^2 \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (a)$$

que é a equação do circulo $A\,B\,D\,E$.

Resta achar uma relação entre os senos e cosenos do arco $A\,M$, e os do arco $A\,A_1$. Ora $A_1\,P = A_1\,Q + Q\,P$: procuremos estas quantidades.

Porque $A\,M = A\,H$, e $A_1\,M = 2\,A\,M$, os arcos $A_1\,M$ e $M\,H$ são eguaes; logo os angulos $A_1\,M\,C$ e $C\,M\,H$ são tambem eguaes: logo

$$A_1\,M\,C = C\,M\,H = C\,Q\,P = M\,Q\,A_1$$

d'onde $$A_1\,Q = A_1\,M = M\,H = 2\,M\,p = 2\,\varsigma.$$

Os triangulos similhantes CQP, e CMp dão

$$Cp : Mp :: CP : QP = \frac{c_\varsigma}{\gamma}$$

Logo

$$2_\varsigma\gamma + c_\varsigma = s\gamma \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (b)$$

As equações (a) e (b) resolvem pois o problema.

A equação (a) sabemos já o que significa: a equação (b) representa uma hyperbole, referida a eixos parallelos ás asymptotas; como é facil de ver, procurando as coordenadas do centro, e transportando ahi a origem. Acha-se com effeito para estas coordenadas

$$h = -\frac{c}{2}, \quad k = +\frac{s}{2};$$

d'onde

$$xy = -\frac{1}{4} sc \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (d)$$

Tomando pois em CB a parte $Cb = \frac{s}{2}$, tirando por b uma parallela a Cx, e cortando nella para a esquerda de b uma parte $bc = \frac{c}{2}$; c será o centro da hyperbole equilatera, referida agora ás asymptotas cL e cJ; e ve-se mais pelo signal de $\frac{1}{4} sc$ que a hyperbole ha de ficar encerrada dentro dos angulos LcJ e $L'cJ'$.

As intersecções d'esta curva com o circulo hão de dar a solução pedida.

Mas antes de construir a hyperbole, vejamos se com effeito ella encontra o circulo, e em quantos pontos o encontra.

Porque temos

$$x = \gamma + \frac{1}{2} c, \quad y = \varsigma - \frac{1}{2} s \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (e)$$

a equação do circulo em x e y é

$$x^2 - cx + y^2 + sy - \frac{3}{4} r^2 = o \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (f)$$

E eliminando x e y entre (d) e (f) para achar as coordenadas dos pontos de intersecção, obteremos

$$\left.\begin{aligned} x^4 - cx^3 - \frac{3}{4} r^2 x^2 - \frac{1}{4} c s^2 x + \frac{1}{16} c^2 s^2 = o \\ y^4 + sy^3 - \frac{3}{4} r^2 y^2 + \frac{1}{4} s c^2 y + \frac{1}{16} s^2 c^2 = o \end{aligned}\right\} \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (1)$$

equações, que, por serem do 4.° gráu, nos dizem, que *em geral* haverá quatro intersecções.

Façamos desapparecer o 2.° termo da 1.ª de (1); virá

$$z^4 - \frac{3}{8}(c^2 + 2r^2) z^2 + \frac{1}{8} c (c^2 - 5r^2) z - \frac{3}{64} c^2 r^2 - \frac{3}{256} c^4 = o \ldots\ldots\ldots \quad (2)$$

E como para que uma equação do 4.° gráu tenha as suas raizes reaes, é preciso que a reduzida esteja *no caso irreduzivel*, e as raizes d'esta ultima sejam todas positivas; formemos a reduzida de (2).

$$t^3 - \frac{3}{4}(c^2 + 2r^2) t^2 + \frac{3}{16}(c^4 + 4c^2 r^2 + 3r^4) t - \frac{1}{64} c^2 (c^2 - 5r^2)^2 = o \ldots\ldots\ldots \quad (3)$$

ou $$v^3 - \frac{3}{16} r^4 v + \frac{1}{4} c^4 r^2 - \frac{1}{4} c^2 r^4 + \frac{1}{32} r^6 = 0 \ldots\ldots\ldots\ldots \quad (4)$$

que se deduz de (3) pelo desapparecimento do 2.° termo.

Ora em (4) é $$27 q^2 + 4 p^3 = 27 \left(\frac{1}{4} c^4 r^2 - \frac{1}{4} c^2 r^4 + \frac{1}{32} r^6\right)^2 + 4 \left(-\frac{3}{16} r^4\right)^3 \ldots\ldots \quad (5)$$

e desinvolvendo (5) para verificar se é $\overset{<}{=}\!\!\!\!\overset{>}{}\ o$, acha-se

$$c^2 - r^2 < o$$

visto que em geral é $c < \pm r$.

Portanto, a menos que não seja $c = \pm r$, estará (4) no caso irreduzivel; mas (3) terá sempre, e ainda 'nessa hypothese, as suas trez raizes positivas e reaes: reaes, porque tendo-as (4) *sempre* reaes, e deduzindo-se as de (3) da relação $t = v + \frac{1}{4}(c^2 + 2 r^2)$, tambem estas são reaes; e positivas, porque ou seja $c = \pm r$, ou menor, não ha em (3), que é uma equação completa, senão variações, e a regra de Descartes diz, que quando uma equação tem as raizes todas reaes, ha precisamente tantas raizes positivas, quantas as variações. Sendo pois as raizes de (3) todas reaes e positivas, tambem (2) tem todas as raizes sempre reaes; e por consequencia a primeira das equações (1).

Se fizessemos um calculo analogo para a 2.ª d'estas equações chegariamos ao mesmo resultado: mas a symetria, que 'nellas se dá, dispensa-nos d'esse trabalho, poisque a 2.ª deduz-se da primeira pela mudança de x em $-y$, de s em c, e de c em s. A 2.ª das equações (1) tem portanto egualmente sempre reaes as suas raizes.

No caso de $c = \pm r$, (4), (3), e a 2.ª de (1) dão

$$\left\{\begin{array}{l} v = -\frac{r^2}{2} \\ v = +\frac{r^2}{4} \\ v = +\frac{r^2}{4} \end{array}\right\} \quad \left\{\begin{array}{l} t = +\frac{r^2}{4} \\ t = +r^2 \\ t = +r^2 \end{array}\right\} \quad \left\{\begin{array}{l} y = o \\ y = o \\ y = +\frac{r}{2}\sqrt{3} \\ y = -\frac{r}{2}\sqrt{3} \end{array}\right\} \ldots\ldots \quad (A)$$

Para $c = \pm r$, (2) e a 1.ª de (1) dão

$$\left\{\begin{array}{l} z = \mp\frac{r}{4} \\ z = \mp\frac{r}{4} \\ z = \mp\frac{3}{4} r \\ z = \pm\frac{5}{4} r \end{array}\right\} \quad \left\{\begin{array}{l} x = o \\ x = o \\ x = \mp\frac{1}{2} r \\ x = \pm\frac{3}{2} r \end{array}\right\} \ldots\ldots\ldots \quad (B)$$

Quando fôr $s = \pm r$, os valores de v não se alteram; os de t são $t = o$, $t = \frac{3}{4} r^2$, $t = \frac{3}{4} r^2$; os de z mudam-se em $z = o$, $z = o$, $z = +\frac{r}{2}\sqrt{3}$, $z = -\frac{r}{2}\sqrt{3}$ em ambos os casos; e os de x trocam-se em valor e signal pelos de y, e *vice-versa*, o que sabiamos que devia acontecer.

Podemos tambem, sem formar a reduzida (3), certificarmo-nos de que a equação do 4.° gráu em z tem sempre as quatro raizes todas reaes.

Com effeito sabemos, que, para que uma equação $f(z)=o$ tenha todas as raizes reaes, é necessario que na equação ao quadrado das differenças não haja senão variações. Formando pois esta equação, chega-se ao resultado que desejamos: mas podemos evitar a formação d'ella, servindo-nos do theorema de *Sturm*, que dá para o nosso fim as seguintes condições:

$$-(c^2+2r^2)<o$$

$$-8c^4r^2+7c^2r^4-3r<o$$

$$112c^{10}+243c^8r^2-49221c^6r^4+122072c^4r^6-62640c^2r^8+13824r^{10}>o$$

A primeira desegualdade evidentemente se dá: para verificar as outras duas, façamos $c=\pm r\sqrt{k}$, e dividindo a segunda por r^6, e a terceira por r^{10}, será

$$-8k^3+7k-3<o$$

$$112k^5+243k^4-(49221k^3-122072k^2+62640k)+13824>o$$

Derivando a quantidade $-8k^2+7k$, e o parenthese da ultima desegualdade, vê-se que o *maximo* para a primeira expressão corresponde a $k=\frac{7}{16}$, o que dá para $-8k^3+7k$ um valor menor que o ultimo termo da desegualdade; e para a segunda expressão o *maximo* corresponde a $k=0{,}319$ proximamente, dando para valor do parenthese uma qnantidade inferior ao ultimo termo d'aquella expressão. Logo tambem por este modo fica demonstrado que (2) tem as 4 raizes todas reaes; e por consequencia tambem a 1.ª das equações (1), d'onde ella deriva pela hypothese $x=z+\frac{c}{4}$. O mesmo se applicava á 2.ª das equações (1).

Vejamos se (1) podem ter raizes eguaes, e quando as tenham, que relações deve haver para isso entre os seus coefficientes.

A 1.ª de (1) é

$$f(x)=x^4-cx^3-\frac{3}{4}r^2x^2-\frac{1}{4}cs^2x+\frac{c^2s^2}{16}=o$$

$$f'(x)=4x^3-3cx^2-\frac{3}{2}r^2x-\frac{1}{4}cs^2$$

$$R_1=1.^{o}\text{ resto}=3x^2(c^2+2r^2)-\frac{3}{2}cx(3r^2-2c^2)+\frac{3}{4}c^2r^2-\frac{3}{4}c^4$$

O resto de $f'(x)$ por R_1 é

$$R_2=-6x(3r^6+8c^4r^2-7c^2r^4)+\frac{3}{2}c(c^2-r^2)(c^4+2r^4-4c^2r^2)$$

O resto de R_1 por R_2 é

$$R_3=-c^2(c^2-r^2)(c^{12}-39c^{10}r^2+470c^8r^4-850c^6r^6+722c^4r^8-312c^2r^{10}+64r^{12})$$
$$=-c^2(c^2-r^2)K,\text{ chamando por brevidade } K \text{ ao ultimo parenthese.}$$

Este resto póde ser nullo, ou porque seja $c=o$, ou $c=\pm r$, ou $K=o$. Mas K não póde ser zero, em quanto que se tomem para c valores eguaes ou menores que $\pm r$; porque suppondo K nullo, pondo $c^2=m$, e procurando pelo methodo das derivadas o limite inferior das suas raizes positivas, acha-se que este limite é $m_1=+r^2$; e como evidentemente na equação transformada em m não ha raizes negativas, nunca póde K ser zero em quanto for $c\leqq\pm r$. Logo as unicas condições para haver raizes eguaes são $c=o$, $c=\pm r$, deduzidas dos outros factores do resto R_3. Introduzindo estas condições em (1) acha-se em todos os casos a raiz dupla $x=o$, e $y=o$: o que concorda com o que ha pouco haviamos encontrado; pois vimos, que cada uma das equações (1) tinha 2 raizes eguaes, $x=o$, $x=o$, $y=o$, $y=o$, no caso d'aquelles valores de c.

Continúa.

ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

RELATORIO

Dos trabalhos do conselho da faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, no anno lectivo de 1855 para 1856.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. — Para satisfazer ao preceito do decreto de 25 de fevereiro de 1841, tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.ª o succinto relatorio dos trabalhos da faculdade de mathematica durante o anno lectivo findo.

São bem conhecidos de V. Ex.ª os desgraçados motivos que deram logar, a que os estudos da universidade sómente podessem começar em janeiro de 1856.

Em virtude do decreto de 21 de dezembro de 1855, começaram de novo os trabalhos preparatorios para a abertura das aulas, e o conselho da faculdade approvou para servir de compendio, a continuação da nova traducção das Mathematicas puras de Francoeur. Para o melhor regimen das aulas do primeiro e segundo anno, mandou-se construir uma aula em amphitheatro, que então se julgou poderia estar prompta antes do tempo marcado para a abertura da Universidade; não tendo porém assim succedido, foi preciso buscar novo local aonde os estudantes podessem ouvir as lições d'aquelles cursos. Não posso aqui deixar de mencionar a V. Ex.ª a discordancia em que por esta occasião se acharam as duas faculdades de mathematica e philosophia, desejando aquella servir-se de uma das aulas do museu, e não se prestando esta de bom grado, e attribuindo-se o uso quasi exclusivo d'aquelle estabelecimento. Bom seria que se fizesse bem claramente entender a todas as faculdades, que os differentes estabelecimentos não são de uso exclusivo d'algumas d'ellas, mas sim destinados para que se faça o ensino com a melhor regularidade e aproveitamento dos seus alumnos.

Não achando o director do observatorio astronomico logar apropriado 'neste estabelecimento para a collocação do Equatorial, requereu que se reunisse a faculdade para com ella se aconselhar a este respeito. Foi este o assumpto de que se occupou o conselho em 27 de janeiro, sem que se podesse vir a um acordo, pedindo-se para isso mais alguns esclarecimentos.

No conselho de 28 de março, approvou-se um regulamento para a frequencia da aula de desenho, e se mandou confeccionar outro para os exames.

No conselho de 8 d'abril tratou-se novamente da collocação do Equatorial, tendo sido apresentados ao conselho alguns esclarecimentos, que havia exigido, e depois de larga discussão nada se pôde resolver definitivamente. Taes são as difficuldades que para isto offerece o edificio do observatorio.

No conselho de 28 de maio leu-se uma portaria do governo de Sua Magestade, na qual, tendo em vista a representação do dr. Antonio Joaquim Barjona, lente de medicina, em que este pondera a inconveniencia da antecipação com que 'naquella faculdade se põe termo ás respectivas prelecções, manda que os conselhos das faculdades das sciencias naturaes tenham em attenção certas regras que alli prescreve, quando marcarem o tempo em que devem terminar as suas lições. O conselho, mandando lançar esta portaria no livro das suas actas, julgou tambem que alli mesmo devia declarar, que já muito antes d'esta portaria, fôra sempre costume na faculdade de mathematica, ter em consideração, para o encerramento das aulas dos differentes annos, todas as disposições e preceitos recommendados, e que se aquella portaria se podia entender irrogando censura ás faculdades a que era dirigida, não podia esta caber á faculdade de mathematica.

No conselho de 23 de junho, depois de se ter lido a portaria do Ex.^mo Vice-Reitor, em que se faziam as recommendações do costume, lembrando-se a necessidade de muita circumspecção no julgamento das faltas dos estudantes, e no julgamento final dos actos, leu-se uma portaria do governo, que determinava se puzesse ponto no dia 30 de junho.

Os lentes do primeiro e segundo anno ponderaram então o inconveniente, que havia em não continuarem as suas aulas por mais tempo, e mostraram a grande vantagem que resultaria ao ensino, se ellas se prolongassem

até ao fim de julho, guardando-se os respectivos actos para os primeiros 15 dias d'outubro; e o conselho, depois de maduramente discutir este negocio, resolveu dirigir-se ao prelado da universidade, rogando-lhe que levasse ao conhecimento do governo a utilidade de tal medida.

O governo, porém, sem desconhecer a força das razões expendidas pelo conselho, mandou comtudo executar a disposição do decreto, que mandava pôr ponto em 10 de julho. Tomaram-se logo todas as medidas para se fazerem os actos dos differentes annos da faculdade, que terminaram no dia 30 do mesmo mez, não se poupando os lentes a sacrificio algum, e conseguindo examinar todos os estudantes, que para isso se apresentaram.

Em 30 de julho reuniu-se o conselho para distribuir os partidos, premios e distincções merecidas pelos estudantes dos differentes annos, e informar os bachareis que este anno fizeram a sua formatura. Do resultado d'este trabalho já V. Ex.ª deve ter conhecimento pela secretaria da universidade. 'Neste mesmo conselho se ponderou novamente a urgente necessidade de se imprimïr, quanto antes, o compendio d'Astronomia, do digno vogal o dr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, e por esta occasião disse o auctor, que sempre tencionára offerecer á Universidade a primeira edição; mas isto depois de regulada a impressão, a fim de o não fazer com restricções, que são necessarias para não ficar privado de proceder a nova edição, quando o exigir o progresso da sciencia; como porém a continuação d'este seu melindre dava logar á demóra que o conselho reputa prejudicial, resolvia fazer desde já aquelle offerecimento, com as condições de não se imprimirem mais de duzentos exemplares, e de se proceder desde logo á impressão.

O conselho resolveu que 'neste relatorio se levasse ao conhecimento de V. Ex.ª este offerecimento, desejando muito que seja acceite; pois só assim ficará satisfeita a necessidade que ha d'um texto accommodado ás lições d'Astronomia Práctica.

O conselho 'nesta sua ultima reunião fez a visita ao observatorio, aonde achou tudo regular, estando já perfeitamente collocado o Circular meridiano, mas não o Equatorial; e não póde deixar de lamentar as difficuldades que ainda se encontram para a boa collocação d'este instrumento, difficuldades que não podem ser vencidas, nem pelo desvelo, nem pela boa vontade de todos os empregados d'este estabelecimento.

Deus guarde a V. Ex.ª — Coimbra, 14 de agosto de 1856.

O secretario da faculdade,

Francisco de Torres Coelho.

APONTAMENTOS

Sobre a Hermeneutica do direito portuguez.

Continuado de pag. 98.

II.

Bibliographia da Hermeneutica Juridica.

Como o primeiro cuidado de quem deseja estudar uma sciencia, é indagar que mestres a ensinam, vamos poupar este primeiro trabalho aos que pretendem iniciar-se na Hermeneutica Juridica, indicando-lhes os livros, que d'ella tractam especialmente.

Cumpre, porém, prevenil-os de que a maior parte d'esses livros mal pagam o trabalho da leitura. Cheios de hypotheses, de regras e excepções infinitas, servem mais de confundir, do que de esclarecer. Diremos quaes sao, segundo a nossa opinião, os que merecem ser consultados, que se reduzem a poucos.

Não tencionamos referir senão as monographias. Mas como algumas obras geraes, pela influencia, que tiveram ou legitimamente devem ter na cultura da Hermeneutica Juridica, nos parecem dignas de menção, dar-lhes-hemos cabida no logar, que lhes pertence segundo a ordem chronologica, que é a que adoptamos, salvo no tocante aos livros dos Jctos Portuguezes, que irão referidos em separado.

Não incluimos no catalogo as obras, que tractam sómente d'um ou outro objecto da Hermeneutica, taes como as que versam sobre a interpretação das leis penaes. Essas irão indicadas nos capitulos a que disserem respeito.

A obra mais antiga que se conhece sobre a Hermeneutica Juridica, é a de *Constantius Rogerius, de juris interpretatione, Lugd.* 1549. Seguiu-se-lhe *Mathaeus Mathesyllanus de interpretatione legis extensiva, Venet.* 1557, *e Bartholomaeus Caepola*, do qual foi publicado no mesmo anno o *tractat. de interpr. jur. extensiva.* Em 1559 saiu á luz em Basilea o *Jureconsultus sive lib. de optimo genere juris interpretandi*, obra de Franciscus Hottomanus, Jcto da famosa eschola franceza do seculo XVI. Esta foi por varias vezes reimpressa e encontra-se na collecção das suas *opera* tom. II, pag. 1087. Seguem-se as obras quasi desconhecidas de *Stephanus de Federicis* (*Commentatio de interpretatione legum* Colon. 1577, Francof. 1595 e Lugd. 1636, publicada tambem no tom. I. do *tractatus tractatuum*) e de *Joham. Papyrius Massonus* (*Philocalia sive de recta juris interpretandi ratione liber* Lutet. Paris, 1605). Antes d'esta ultima obra Hugo Donellus havia publicado em Francfort desde 1589 até 1597 os seus famosos *Commentariorum libri* XXIII, tractando da interpretação das leis no liv. I, cap. 13 a 15, com aquelle

genio original, que se manifesta em todas as suas obras [1].

Seguiu-se *Val. Guil. Forsterus* com o seu *Interpres seu de interpretatione libri II*, Viteb. 1613, que tambem se encontra em Otto Thesaur. jur. tom. II, pag. 945. Esta é a monographia mais completa, que ha sobre a Hermeneutica até o apparecimento da obra de Eckhard, de que logo faremos menção. Hugo Grotius, cuja obra *de jure belli ac pacis* foi pela primeira vez publicada em Paris em 1625, tractou da interpretação das leis no liv. 2.° cap. 16, e é sem rasão considerado pelo nosso Mello Freire [2] como o primeiro que tentou reduzir a regras certas a Hermeneutica. Da mesma materia tractou Sam. Puffendorf no cap. 12 do liv. V. da sua obra *de jure naturae et gentium* 1672, e no liv. 1, cap. 17 do *Tr. de officiis hom. et civ.* 1673. Referirei aqui *Jo Domat = Les lois civiles dans leur ordre naturel*, Paris 1689, 1695, e muitas vezes reimpressas, sendo a ultima em 1830, nouv. edit. en rapport avec le Code Civil par Rémi. A parte, em que esta obra tracta da interpretação das leis foi traduzida pelo nosso bem conhecido Jcto Corrêa Telles, como logo diremos. Ha mais monographias anteriores á obra de Eckhard, que apezar de virem quasi todas mencionadas por Walchius no Prefatio ad Herm. Jur. Eckhardi, as indicaremos aqui para que esta bibliographia seja a mais completa que podérmos organisar.

Estas são as seguintes. *Henr. Hahnius Diss. de interpretatione legum, Helmstadii* 1650; *Jac. Zinckius de interpr. legum*, Vitemb. 1669; *Herman, Couringius Diss. de interpr. legum*, Helmst. 1674; *Vinc. Placcius de jureconsulto perfecto seu interpretatione legum*, Holm. et Hamb. 1693; *Jo. Henr. Hoepinerus diss. de interpr. juris*, Giesse 1698; *Ern. Guil. de Besseler de interpr. legum* Harderovici 1698; *Casp. Henr. Hornius Praelectiones juridicae de interpretatione juridica*, Vitemb. 1707 e 1728; *Jo. Cornel. Ebervein, diss. de arte interpretandi leges*, Erfordiae 1717; *F. Rapola, de Jureconsulto sive de ratione discendi interpretandique jur. civ. libri* II. Neapoli 1726, e 1766; (Esta obra que escapou a Walchius apezar de não merecer esquecimento foi traduzida em Allemão com observações por Lud. Fried. Griesinger, Stuttg. 1792); *Jo. Zach. Hartmann, programma de recta ac genuina legum interpretatione*, Kilonii 1730; *Dan. Frid. Hoheisel, primae de interpretatione juris lineae*, Halae 1731; *Jo. Laur. Holderrieder, de principiis interpretationis legum adaequatis*, Lips. 1736; *Petr. Amsink, disp. de legum in corpore juris Justinianei interpretatione*, Traj. ad Rhenum 1743; *August. a Leyser, de necessaria in legibus interpretandis circumspectione*, Vitem. 1749. Segue-se a obra classica de *Chr. Henr. Eckard Hermeneutica juris*, Lips. 1750, ed. 2.ª cum notis Car. Fried. Welchii, ibid. 1779, ed. 3.ª cum notis Car. Wilh. Welchii ibid. 1802. O valor d'esta obra é superior ao das antecedentes, sendo que até alguns a consideram como o primeiro trabalho completo sobre a materia (sr. Carneiro, Prim. lin. de Herm. Jur. §. 26); no que ha, segundo me parece, alguma exageração. Depois d'esta, varias dissertações e obras se publicaram. As de que tenho noticia são as seguintes: *Jos. Dieter Mellmann*, diss. de *interpretatione legum romanarum*, Kilonii 1770; *Christ. Gottl. Einert, disp. de legum rationibus earumque investigandi regula*, Lips. 1731; *Henr. Ge. Wittich, Princip. et subsidia hermeneuticae juris*, Goetting. 1799; *A. F. J. Thibaut, Theorie der logischen Auslegung des roem. Rechts*, Altona 1799, 2.te aufl. ibid. 1806 (Theoria da interpretação logica do Dir. Rom.); *J. Gottfr. Sammet, Hermeneutik des Rechts*, heransgeg. von Fried. Glob. Born, Leipzig. 1801 (Hermen. Jurid. publicada por F. G. Born); *Versuch einer Theorie ueber die Auslegungskunst des roem. Rechts z. Gebr. acad. Vorlesungen*, Halle 1804 (Ensaio d'uma theoria sobre a arte de interpretar o direito rom. para texto das prelecções academicas) ignoro o nome do auctor. *Carl. Salom. Zachariae, Versuch einer allgemeinen Hermeneutik des Rechts*, Meissen 1805 (Ensaio de Herm. Jur. geral); *F. Maglianus de juris interpretandi ratione*, Neapoli 1808; M. A. Mailher de Chassat, *Traité de l'interpretation*, Paris 1822, 2me ed. 1835, nouv. ed. 1845; *Fern. Fried. Weichsel, Abhandlungen ueber verschieden. prakt.* etc. J. Magdeburg 1829 (Diss. sobre diversas materias juridicas de importancia practica, tractadas tanto por direito commum, como pelo da França e Prussia). A 3.ª d'estas Diss. tracta das regras da interpretação e sua applicação practica. *Walth. Fried. Clossius, Hermeneutik d'roem. Rechts.* etc. Riga u. Dorpat 1829, Leipzig 1831; *M. G. Delisle, Traité de l'interpretation juridique*, 2 vol. Paris 1849, e com o titulo de *Principes de l'interpretation des lois, actes et des conventions entre les parties*, 2 vol. 1852. *Savigny, système des heutigen roem. Rechts*, trad. em francez por M. Ch. Guénoux com o titulo (pouco fiel) de *Traité de Droit Romain*. O cap 4.° do liv. 1.° d'esta obra (tom. 1.° pag. 201 e seg. da trad. franc.), contem um tractado breve mas o mais racional que ha sobre a materia da interpretação das leis.

Os nossos Jctos tambem escreveram algu-

[1] Donellus ou em francez Doneau, com quanto fosse superior ao proprio Cujacio na arte de interpretar as leis, esteve esquecido em França, sua patria, até ao 2.° quartel do presente seculo, em que Dupin e Lerminier mostraram a injustiça d'este esquecimento. A 1.ª edição das suas obras completas appareceu em Pisa em 12 vol. (1762 — 1770), depois em Roma (1828 — 1833) e finalmente em Florença cum notis Hellegii (1840 — 1847).

[2] Hist. Jur. Civ. Lus. §. 119 not.

ma cousa sobre a interpretação. É o primeiro Paschalis Joseph. Mel. Freire, Historia Jur. Civ. Lus. Olisip. 1788, 1794, 1800, 1806. A 3.ª edição (1800) dirigida, já morto o auctor, pelo seu panegyrista Garção, é muito preferivel á 4.ª e serviu de exemplar ás reimpressões de Coimbra. O cap. 13 d'esta obra inestimavel tracta de *recta Lusitani juris interpretandi ratione*. 'Nesta parte como em todas as obras de Paschoal, bem se conhece a mão do mestre, mas nem por isso diremos que é um tractado completo; segue-se o insigne *M. A. Coelho da Rocha nas suas instituições de Dir. Civ. Port.* 1.ª ed. Coimbr. 1840, 2.ª ediç. ib. 1848. A 3.ª edição publicada em 1852 depois da sentida morte d'este illustre professor da Universidade não é mais que uma reimpressão da 2.ª A secção 5.ª da Introd. dá algumas breves regras sobre a interpretação das leis (§§. 44 e 45). Tambem escreveu alguma cousa a este respeito outro claro professor d'esta Universidade *Antonio Ribeiro de Liz Teixeira* no seu *Curs. de Dir. Civ. Port.* P. 1, tit. prelim. secç. 4.ª Dedicou-se, porém, mais especialmente a este ramo o nosso Jcto, *José Homem Corrêa Telles no Commentario critico á lei da boa rasão* (lei de 18 d'agosto de 1769) Lisb. 1845. Esta obra é seguida d'um discurso sobre a Equidade, e da traducção do Traité des Oblig. de Pothier, P. 1, cap. 1, sec. 1, art. 7, em que se tracta das regras da interpretação dos contractos. É a melhor obra, que possuimos sobre a interpretação do direito portuguez. O mesmo Jcto traduziu a parte da obra de Domat, em que já fallei, pondo-lhe o titulo de *Theoria da Interpretação das leis*, Lisb. 1845. O nome de theoria é mal escolhido para designar uma collecção de regras deduzidas do Direito Romano. Todavia a obra é valiosa porque não e uma simples traducção, mas applica as regras á interpretação do nosso direito, e esclarece algumas materias d'elle.

Finalmente o sr. Bernardino J. da S. Carneiro deu-nos as *primeiras linhas de Hermeneutica Juridica e Diplomatica*, Coimb. 1855, sobre a qual se encontra um breve juiso critico no *Instituto* vol. IV, n.º ....

De todos estes livros recommendaremos particularmente, alem dos publicados pelos nossos Jctos, os de Forster, Eckhard, Chassat, Thibaut, Zachariae, Clossius, e Savigny. A obra de Donellus, que tambem mencionei, póde ser consultada com proveito.

Não esperem, porém, os nossos principiantes, que hão-de sair bons interpretes com a só lição d'estes mestres theoricos. Para isso lhes aconselhamos que conversem noite e dia com os excellentes trabalhos practicos dos mais acreditados Commentadores e Analystas, porque ahi acharão a arte em acção, que lhes communicará aquella habilidade, e tino, e prestesa que o artista mais adquire pelo exercicio que pela theoria. Em muitos dos Assentos da Casa do Supplicação encontrarão os nossos Jctos excellentes medelos prácticos da recta interpretação do direito pertuguez.

Continúa. A. M

HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR

SALLUSTIO:

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pag. 117

LV. Depois que o senado adoptou, como eu disse, o parecer de Catão, o consul, julgando que o melhor era aproveitar logo aquella mesma noite, para que entretanto não houvesse novidade, mandou aos triumviros apromptar o que havia mister para o supplicio, postou as guardas convenientes, e conduziu elle mesmo a Lentulo para o carcere: os pretores fizeram o mesmo aos outros presos. 'Neste carcere, depois de se subir um pouco á esquerda, ha um logar subterraneo, chamado Tulliano, de quasi doze pés de fundo, murado em torno, e coberto de abobada com arcos de pedra; o qual, pelas immundicies, escuridade e fedor, apresenta um aspecto asqueroso e terrivel.

Assim que Lentulo desceu para aqui, os algozes o enforcaram, em cumprimento das ordens dadas. Tal foi o fim que teve aquelle patricio, da mui illustre familia dos Cornelios, e outr'ora revestido da dignidade consular; fim digno de seus costumes e comportamento. Cethego, Stalilio, Gabinio e Cepario foram egualmente executados.

LVI. Em quanto isto se passava em Roma, formou Catilina duas legiões de todas as tropas que trouxera, e das que Manlio commandava. Proporcionou a principio as cohortes ao numero dos soldados; e depois, á medida que algum voluntario ou cumplice se apresentou no arraial, os foi distribuindo com egualdade, de modo que em breve completou o numero de homens em cada legião, quando a principio não tinha mais de dous mil. Mas de toda esta multidão apenas a quarta parte estava militarmente armada: o resto, tomando o que lhe offerecera o acaso, só tinha dardos, lanças e chuços.

Quando Antonio se foi approximando com o seu exercito, Catilina dirigiu a marcha pelas serras; e, evitando dar batalha, acampava-se ora do lado de Roma, ora para a parte da Gallia. Esperava todos os dias ser reforçado por numerosas tropas, se em Roma os companheiros executassem seus projectos; e entre tanto rejeitava os escravos, que a principio concorriam em grande numero a alistar-se, confiado nas forças do seu partido, e julgando tambem contrario á boa politica o parecer

confundir a causa dos cidadãos com a dos escravos fugitivos.

LVII. Espalhada no campo a noticia da descoberta da conjuração, e do supplicio de Lentulo, Cethego e outros, segundo referimos, desertou a maior parte dos que vinham attrahidos pela esperança do roubo, ou pelo desejo de novidades. Catilina conduziu os restantes por asperas serras, a marchas forçadas, para o territorio Pistoriense, com intuito de se escapar para a Gallia por veredas occultas. Porém Q. Metello Celer, que no territorio Piceno commandava trez legiões, pelo aperto, em que via Catilina, fez as mesmas conjecturas que elle; e em consequencia d'isto, mal soube pelos desertores da direcção da sua marcha, levantou o campo, e veiu postar-se nas fraldas da serra, no sitio, por onde Catilina havia de descer para a Gallia. Antonio tambem o seguia de perto, quanto o podia fazer com um exercito numeroso, que devia escolher logares mais planos, e que ia no alcance de homens desembaraçados para a fuga.

LVIII. Catilina, vendo-se cercado entre montes e tropas inimigas, malogrados os seus projectos em Roma, e perdida a esperança de fugir ou de ser reforçado, julgou mais acertado, em tal conjunctura, tentar a sorte das armas, e dar quanto antes batalha a Antonio. Convocando pois a sua gente, fallou-lhes d'esta sorte:

« Soldados! Eu bem sei, que palavras não « dão valor; que o discurso do general não « infunde coragem ao cobarde, nem fortaleza « ao timido. O soldado costuma patentear na « guerra, quanta audacia lhe inspiraram a « natureza ou o habito. Debalde se exhorta « aquelle, a quem não commovem nem os « perigos, nem a gloria: tapa-lhe o temor os « ouvidos. Convoquei-vos, porém, só para vos « fazer algumas advertencias, e vos expor ao « mesmo tempo os motivos d'esta minha reso- « lução.

« Já sabeis, soldados, quanto a frouxidão « e cobardia de Lentulo foi fatal a nós e a « elle; e como, emquanto estive esperando « de Roma os seus reforços, fiquei privado de « me retirar para a Gallia. Sabeis todos, tão « bem como eu, a nossa situação. Cercam-nos « dous exercitos inimigos, um do lado de Ro- « ma, outro do lado da Gallia. Não podêmos, « por muito que o queiramos, demorar-nos « mais tempo 'nesta posição: a falta de pão « e d'outras provisões nol-o prohibem. Para « onde quer que tentemos ir, havemos de abrir « caminho com a espada. Portanto admoesto- « vos que sejais resolutos e animosos; que no « travar da peleja vos lembreis, que levais « em vossas mãos riquezas, honras, gloria, « liberdade e patria. Se vencermos, tudo nos « ficará seguro: abundaremos de viveres, « abrir-se-nos-hão colonias e municipios; mas « se recuarmos medrosos, estas mesmas cou- « sas nos serão contrarias: nem asylos nem « amigos protegerão aquelles, a quem as ar- « mas não protegeram. Além de que, solda- « dos, elles não têm os mesmos interesses que « nós: nós pelejamos pela patria, pela liber- « dade, pela vida; elles combatem, sem ne- « cessidade, pelo poder de uns poucos. Isto « vos dobre o animo, lembrados do vosso « antigo valor.

« Era-vos livre acabar a vida em desterro « affrontoso: alguns de vós podieis, perdido « o patrimonio, mendigar em Roma soccorro « alheio; mas, porque vos parecia insupporta- « vel, vergonhoso, indigno de homens aquelle « partido, seguistes este. Se quereis sair-vos « bem d'elle, é mister intrepidez: mudar a « guerra em paz só póde o vencedor: pois, « procurar a salvação na fuga, desviando do « inimigo as armas, com que se defende o « corpo, isso é rematada loucura. Sempre no « combate o maior perigo é para os que mais « temem: a intrepidez serve de trincheira.

« Quando vos contemplo, soldados, quando « considero as vossas façanhas, grande espe- « rança tenho da victoria. Animam-me vossos « brios, edade e valor; e sobre tudo a neces- « sidade, que até dos fracos faz valentes: e « demais, o apêrto do logar obsta a que o « inimigo nos possa involver com o seu nu- « mero. Mas se a fortuna contrariar vossos « esforços, ah! não morrais sem vingança; « não prefirais ficar prisioneiros e perecer « 'num degoladoiro, á gloria de morrer como « heróes, vendendo a victoria aos inimigos á « custa de rios de lagrimas e de sangue. »

LIX. Findo este discurso, fez uma pequena pauza: e, mandando tocar á marcha, desceu com a tropa em boa ordem para a planicie. Depois retirou todos os cavallos, para dar mais animo aos soldados, vendo que para todos era egual o perigo. Elle mesmo, apeando-se tambem, formou o exercito, segundo o pedia o terreno e o numero. A planicie estava situada entre montes da esquerda, e rochedos escarpados da direita. Catilina, pois, postou oito cohortes na frente, e deixou as outras de reserva em linhas mais cerradas. D'estas tirou para a vanguarda todos os centuriões escolhidos, e os voluntarios; e dos soldados rasos, os melhores e mais bem armados. Deu a Caio Manlio o commando da direita, e a um homem de Fesulas o da esquerda; e elle, com os seus libertos e colonos, ficou juncto da aguia, que diziam ser a mesma, que Mario tivera no exercito na guerra Cimbrica.

Por outro lado Caio Antonio, não podendo, por incommodo de gota, assistir á acção, deu o commando do exercito a M. Petreio seu logar-tenente. Este postou na vanguarda as cohortes de veteranos, que tinha alistado por causa do imminente perigo, e atraz d'ellas o resto do exercito em reserva. Correndo a cavallo por todas as filas, chamando a cada um

por seu nome, exhorta-os, roga-lhes que se lembrem, que vão pelejar em defesa da patria, dos filhos, dos templos e dos proprios lares, contra ladrões inermes. Como guerreiro, que por mais de trinta annos, coberto de gloria, tinha sido no exercito ou tribuno, ou prefeito, ou legado, ou pretor, conhecia pessoalmente quasi todos os soldados e as façanhas de cada um: recordando-as, inflammava-lhes os animos.

LX. Tomadas todas as providencias, Petreio dá signal com a trombeta, e manda avançar as cohortes a passo lento. O exercito inimigo faz o mesmo. Depois que chegaram a ponto de atacar com a tropa ligeira, accommettem-se de parte a parte com grande grita; largam dardos, e arrancam das espadas. Os veteranos, lembrados de seu antigo valor, apertam vivamente os inimigos: estes resistem sem susto. É geral a coragem. Catilina com os soldados ligeiros discorre pela vanguarda, sustenta os que retrocedem, reveza os sãos aos feridos, providenceia a tudo; peleja tambem muito, e derruba muitos inimigos: faz ao mesmo tempo as vezes de um valente soldado, e de um bom general. Petreio, vendo que Catilina oppunha resistencia maior do que imaginára, ataca e rompe o centro dos inimigos com a cohorte pretoriana, o que lhes causa grande perda, e transtorna a resistencia; e depois continúa a accommettel-os por ambos os flancos. Catilina e o Fesulano morrem combatendo na frente. Catilina, vendo-se já com poucos, e derrotado o exercito, lembrado do seu nascimento e antiga gloria, arroja-se sobre um monte de inimigos, e morre pelejando.

LXI. Mas depois do combate é que se podia ajuizar da audacia e animosidade, que houvera no exercito de Catilina. Quasi todos, depois de mortos, cobriam com os corpos os postos que defenderam vivos: os poucos, que a cohorte pretoriana desbaratára, foram cahir mais longe, mas feridos todos por diante. Catilina foi achado ainda arquejando, muito distante dos seus, entre os cadaveres inimigos, conservando no semblante aquella ferocidade de espirito, que tivera em vida. Finalmente, de tão grande numero não houve cidadão distincto, que ficasse prisioneiro na acção ou na derrota: pouparam tão pouco as proprias vidas, como as dos inimigos.

Triste e sanguinolenta victoria ganhou o exercito romano. Os mais valerosos ou morreram no combate ou ficaram gravemente feridos. Muitos que sairam do arraial, ou por curiosidade, ou para saquear os mortos, revolvendo os cadaveres dos inimigos acharam, este o amigo, aquelle o hospede, aquell'outro o parente; alguns reconheceram tambem os seus inimigos. Assim por todo o campo se espalhou variamente alegria e tristeza, pezar e regozijo.

FIM.

ENCANAMENTO DO MONDEGO.

Tu, Mondego gentil, que ameno desces
D'alta coroa da Montanha Herminia,
Perdeste o curso estragador, tomando
Por entre verdes arvores sombrias.

CASTILHO.

Não é nosso intento particularisar os alvitres, que, em diversas epochas, se propozeram, para remediar os damnos causados pelo Mondego nos campos de Coimbra; a simples compilação das providencias principaes constituiria, per si só, um grosso volume.

Para não fallar dos antigos, lembraremos sómente, que já nos carceres da Junqueira se occupára Bento de Moura Portugal d'este importante assumpto [1].

O tenente general Guilherme Luiz Antonio de Valleré fôra, tambem, em 1788 encarregado de remediar os estragos, que uma proxima alluvião tinha causado na ponte de Coimbra.

Desempenhando o objecto d'esta commissão, mostrou, em beneficio da navegação do rio, a possibilidade de reunir, no tempo do verão, as suas agoas em uma só corrente [2].

Domingos Vandelli propozera, egualmente, o que sobre o *Encanamento do Mondego* lhe subministrara o seu estudo [3].

É, porém, certo, que nem a proposta de Bento de Moura, nem o projecto de Valleré, nem o plano de Vandelli, mereceram a approvação do governo.

Por aviso do secretario d'estado José de Seabra [4], de 14 de junho de 1790, foi chamado o padre Estevão Dias Cabral, famoso hydraulico, que, havia pouco tempo, regressara da Italia, onde se estremara 'nesta ordem de conhecimentos' [5].

Intima-lhe as determinações da soberana, consistindo em cinco capitulos, cada um dos quaes tractou largamente o celebre Jesuita na *Memoria*, que leu na academia real das sciencias de Lisboa, em 14 de dezembro de

[1] *Inventos, e varios planos de melhoramento para este reino, escriptos nas prisões da Junqueira*. Por Bento de Moura Portugal.

Elogio Historico de Guilherme Luiz Antonio de Valleré. Por Francisco de Borja Garção Stokler — pag. 64. Edição de Paris).

[3] *Memorias Economicas da academia real das sciencias de Lisboa* — tom. 3.°, pag. 18.

[4] Na administração de José de Seabra começaram muitas tentativas para o melhoramento das nossas communicações, pensamento seguido depois principalmente por Luiz Pinto de Sousa, e Rodrigo de Sousa Coutinho.

E em abono da verdade deve dizer-se, que, examinadas algumas providencias, e projectos d'esse tempo, parece, que, a certos respeitos, em epochas mui proximas, retrogradámos, em vez de avançar.

Memoria sobre a barra do Porto. Por João Chrysostomo d'Abreu e Cunha. *A Lei* n.° 765 — anno 1852.

[5] Vide *Memoria da vida e escriptos de Estevão Dias Cabral*, que publicámos em 1855.

1790, *sobre os damnos do Mondego no campo de Coimbra, e seu remedio* [1].

É para admirar a clareza (é um dote eminente 'neste insigne escriptor), com que descreve o lastimoso estado, em que achou os campos de Coimbra, a curiosidade, com que colligiu as varias noticias historicas sobre a fundação da ponte juncto da cidade, e finalmente a ordem, com que, sem apparato de fraseologia technica, expõe as rasões fundamentaes do seu plano, que ainda hoje é louvado [2].

Foi approvado este plano, e em alvará de 22 de março de 1791 mandado executar por seu auctor, que 'nesta obra grandiosa consumiu nove annos successivos.

Em uma memoria inedita, que possuimos, descreve miudamente todos os trabalhos, que se fizeram, e as vantagens immediatas, que d'elles derivaram para a navegação, e agricultura.

Infelizmente, pela interrupção d'estes trabalhos, se inutilisou, quasi de todo, os avultados cabedaes, que 'nelles se haviam despendido.

Ao presente os campos do Mondego offerecem um luctuoso quadro; as aguas estagnadas geram enfermidades gravissimas, que vão, todos os annos, dizimando as povoações ao longo das duas margens, e as arêas estendem já seu nefasto imperio a largo espaço, levando após si a esterilidade.

O futuro mostrará, se valem a remediar estes males as providencias, que, ultimamente, se têm ordenado.

F. A. R. DE GUSMÃO.

BIBLIOGRAPHIA.

Relatorio apresentado ao ministerio da justiça, pelo ajudante do procurador regio, Manuel Thomaz de Sousa Azevedo.

Para este relatorio, publicado agora pela imprensa, ajunctou o seu auctor os interessantes e custosos materiaes, na viagem, que emprehendeu e effeituou a *França, Inglaterra, Belgica*, e *Suissa*.

Em vez de se dar todo ás seductoras distracções, com que sabem estes paizes enleiar os estrangeiros, — e não fôra isso muito de extranhar 'num mancebo da sua edade; o sr. Sousa Azevedo quiz antes assignalar a sua passagem por aquellas terras, d'um modo que, podendo vir a ser proveitoso á sua patria, o fosse desde já, e muitissimo, á sua reputação litteraria.

D'entre tantos e tão variados objectos, que lhe offereceria o extenso campo da civilisação d'aquelles povos, não podendo dedicar-se a todos, preferiu o melhoramento das *prisões*. Escolheu o que estava mais immediatamente relacionado com as funcções públicas do seu cargo.

Sobre ser escolha de prudente, não acertaria facilmente com outro, em que prestasse mais serviços.

As prisões foram, são, e, desgraçadamente hão de ser sempre, em todos os tempos e estados, uma das necessidades mais instantes. São a egide dos direitos; — e entre nós, se pouco se tem escripto, ainda menos se tem cuidado das reformas e melhoramentos, que o progresso das idêas reclama. Não, porque devam e possam as prisões deixar de ser prisões, mas porque differente, e mui differente, cousa é adaptal-as á *retenção, segurança*, ou *correcção* dos individuos suspeitos, ou criminosos, outra é construil-as ou toleral-as de fórma, que, longe de recennarem as nodoas, que deformoseam os culpados, antes lhes accrescentam as infermidades da alma e do corpo. Em geral, estão as nossas cadêas justamente 'nesse caso.

O auctor do relatorio quiz ver se contribuia para um melhor estado, 'nesta importantissima parte da nossa administração da justiça criminal. Viu, examinou, e estudou a materia; e sobre o que viu, e as informações e estatisticas, que obteve, assentou a sua obra.

Achamol-a escripta com muita critica, e em estylo conciso, mas claro, e sufficientemente puro e fluente.

Dá uma idêa abreviada do estado da legislação penal, entre as nações, por onde andou; occupa-se da construcção, organisação, e administração das prisões, que visitou; expõe as diversas classificações e divisões dos presos, e os systemas, que por lá se empregam para os melhorar; e não se esquece nunca de apontar, d'esses systemas, o que tem dado mais proficuos resultados, com relação á moralidade e saude dos individuos.

A isso tudo, que observou, reune, em seguida, as suas mui sensatas considerações, optando pelo systema penitenciario. Chama á prisão a pena por excellencia. Tem-na como capaz de substituir no futuro todas as outras; e entretem-se com a solução d'este problema: *Como deverá cumprir-se?* — Olhando a questão pelo lado das condições necessarias aos *edificios* e *empregados*, e pelo do *trabalho*, *educação correccional*, *protecção*, e *reforma da legislação*, apresenta as reformas, que reputa essenciaes para se operar a transição para o novo systema penitenciario.

Não fecha porém ainda aqui o seu traba-

---

[1] Foi publicada na collecção das Memorias Economicas — tom. 3.º

[2] Vide *Noticias sobre o encanamento do rio Mondego*. Pelo encarregado das obras hydraulicas do rio Mondego, o dr. Agostinho José Pinto d'Almeida. — Foram publicadas no Diario do Governo de 1822 — numeros 96, 97, 98.

lho o sr. Sousa Azevedo. Entra d'ahi, no nosso Portugal, e chorando o estado lastimoso, e de abandono d'este ramo do serviço, resenha a maior parte dos vicios da sua organisação. Crê que desdizem dos principios e da fórma do governo, que nos rege; e quer que se acabe com esses vicios.

Analysa as casas do Limoeiro e Aljube de Lisboa, e a da Relação do Porto, para concluir, que, se as prisões d'estas duas cidades são más, as outras do reino ainda hão de ser peiores.

Por fim, pondo remate á sua empresa, attende á actual divisão judicial, e apertadas circumstancias do Thesouro, e traça as bases e programma da reforma, que entende se deve e póde levar a effeito desde já.

O relatorio, pois, do sr. Sousa Azevedo é um trabalho importantissimo e novo entre nós. Merece ser lido e meditado por todos aquelles, que tomam a peito a boa administração das nossas cousas.

Recommendamol-o, como escripto, que, dando honra, e muita, ao seu distincto auctor, póde ser de grandissima utilidade pública.

B. C.

NOTICIARIO.

O material d'um caminho de ferro. — O material do caminho de ferro de Leste, em França, consta de 473 machinas-locomotivas, de 9:000 carruagens e wagons, e de 3:000 pares de rodas, que antes de 2 annos receberão os carros que têm de supportar. Este material prodigioso custou 70 milhões de *francos!*

Collocando em fileira sobre uma das duas vias, a partir da estação de Paris, todas estas machinas e carruagens, occupa este immenso comboio uma extensão de 65 kilometros!

As 473 locomotivas representam uma força de 100:000 cavallos.

Em 1856, os trens percorreram 8:500:000 kilometros; as machinas, carruagens e wagons andaram 150 milhões de kilometros, que é a distancia da terra ao sol. Só as locomotivas caminharam 10 milhões de kilometros, isto é, 250 vezes a circumferencia do globo terrestre, ou 30 vezes a distancia da terra á lua!

Sobre uma superficie de 150 hectares cáe, termo medio, annualmente, um milhão de metros cubicos de chuva; é justamente esta quantidade d'agua, que as locomotivas consomem.

Se a estação do caminho de ferro de Strasburgo a París estivesse cheia de coke, tanto em comprimento como em largura, desde o pavimento até ao tecto, ao cabo de um anno, os 200:000 metros cubicos de carvão, encerrados em tão vasto espaço, teriam desapparecido no ventre das locomotivas.

Carvalho colossal. — No districto florestal de Birkenschlag, na Westphalia, ha muitos carvalhos de consideraveis dimensões e grande bellesa. Um d'elles não tem já menos de mil annos. Sua altura, medida do collo da raiz até á ponta do tronco, é de 70 pés, e sua circumferencia, pouco acima do solo, é de 39 ½ pés. Muitas raposas habitavam antigamente as concavidades do carcomido tronco. Actualmente, o carvalho offerece uma camara, onde podem estar de pé 24 pessoas. Uma porta fecha esta camara. Uma escada exterior conduz a duas plata-formas estabelecidas sobre a ramagem da arvore.

Ascensão ao Chimboraso. — Reputava-se quasi inaccessivel o cume d'esta elevada montanha das cordilheiras dos Andes na America meridional. Humboldt apenas tinha chegado a 5:909 metros d'altura, e Boussingault, a 6:004.

Dous viajantes, Remy, francez, e Brenchley, inglez, acabam de realisar ainda maior ascensão, conseguindo subir a 6:543 metros d'altura, quasi o vertice da montanha.

Uma invenção americana. — M. Oscar Commettant, que ha pouco viajou pela America, descreve, pela maneira seguinte, uma curiosa officina, estabelecida em Cincinnati:

« A fabrica compõe-se de quatro grandes re-
« partimentos ligados entre si por meio de
« pontes suspensas. Em frente, e como plani-
« cies animadas, que bem de pressa vai ceifar
« a devoradoura maquina, estão alinhados in-
« numeraveis rebanhos de porcos, pertencen-
« tes a diversos proprietarios, que os levam á
« fabrica, como se conduz ao moinho o trigo
« para moer.

« A um signal do director da officina, le-
« vanta-se uma balaustrada, que communica
« com a entrada do primeiro repartimento da
« maquina, chamado o degoladouro, e começa
« immediatamente a destruição. Os porcos,
« apertados uns contra os outros, vendo uma
« saída, precipitam-se por ella, e chegam a um
« corredor estreito, onde só podem passar um
« a um. Detidos ahi um instante, fica-lhes o
« pescoço atravessado por enormes cutelos
« movidos pela maquina. O porco, degolado
« em menos d'um segundo, é apanhado pelos
« pés, e arrastado violentamente por meio
« de harpões que o içam até uma certa altura.
« Ahi fica suspenso um momento, e passa
« adiante para um balanceiro movel, conti-
« nuamente em movimento, que mergulha o
« animal 'num reservatorio de vapor, até o
« escaldar abafando-lhe completamente a res-
« piração.

« O porco, mergulhado um instante, volta « ao cimo, e é apanhado por outros harpões, « que o arrastam para um logar onde ha um « cilindro armado de grossas escovas, obrando « em sentido contrario, as quaes apertam o « animal, e lhe fazem dar, esfregando-o, dez « a quinze revoluções em meio minuto. Este « espaço de tempo basta para tirar o cabello « do porco, e tornar-lhe a pelle branca como « a d'um frango. Depois d'esta operação é « ainda apanhado pelos harpões, que o trans- « portam a outra parte, onde é aberto pelo « ventre em todo o comprimento. Então os « operarios escolhem o que tem de ser apro- « veitado, e lançam o resto 'numa regueira, « que atravessa os repartimentos, e desagúa « no Ohio. O porco é tambem retalhado pela « maquina em todos os sentidos e symetrica- « mente; e salgam-lhe depois as peças que a « maquina deixa espalhadas, as quaes se pen- « duram no fumeiro, em quanto que as outras « partes do animal são postas em salmoura e « encerradas em barricas.

« Tudo isto se executa com tão admiravel « promptidão, que é difficil seguir os animaes « 'neste rude e multiplo trabalho de tantas « operações distinctas. »

Medalha d'honra. — O actual imperador dos francezes mandou instituir, em 13 do mez passado, uma medalha militar em honra dos soldados que fizeram parte do exercito da França, desde 1792 a 1815.

A medalha é circular, guarnecida em volta d'uma silva em relevo, por sobre a qual, e destacada na parte superior, se acha a corôa imperial de França. No centro ha o busto do grande Napoleão, e estas palavras NAPOLEON I EMPEREUR, escriptas em roda. No reverso lê-se a seguinte inscripção: A SES COMPAGNONS DE GLOIRE SA DERNIÈRE PENSÉE. S.te HELENE 5 MAI 1821, rodeiada pela data das campanhas, memoradas da maneira seguinte: CAMPAGNES de 1792 a 1815.

Inauguração do novo Louvre. — Em 14 do mez passado teve logar em Paris a inauguração d'este vasto edificio, começado em 1541 por Francisco I, concluido de 1852 a 1857 por Napoleão III, e reunido por elle ás Tulherias, que Catherina de Medicis havia mandado construir em 1564.

Por esta occasião foram distribuidas aos artistas, que trabalharam 'nesta obra monumental, medalhas commemorativas da inauguração, contendo d'um lado a data em que se effectuou, e do outro o busto de Napoleão III. O imperador assistiu a esta festa artistica, pronunciou um discurso, e fez elle mesmo a distribuição das medalhas.

O Louvre e as Tulherias reunidos formam uma superficie de quatrocentos trinta e seis mil metros. A administração encarregada d'esta vasta empresa empregou no ultimo anno trezentos mil operarios, afora os artistas occupados no interior do palacio. A despesa com a conclusão do edificio foi proximamente de dezoito milhões de cruzados.

ERRATAS IMPORTANTES.

Em o numero antecedente, pag. 123, linha 8, onde se lê « Portanto, a menos que não seja $c = \pm r$, estará (4) no caso irreduzivel; mas (3) terá sempre, e ainda 'nessa hypothese, etc. » deve lêr-se « Portanto, a menos que não seja $c = o$, $c = \pm r$, $c = \pm \frac{r}{2}\sqrt{2}$, estará (4) no caso irreduzivel; mas (3) terá sempre, e ainda 'nessas hypotheses, etc. »

Um erro de signal no calculo do fim da pag. 124 do mesmo n.º fez com que se tomasse por R_1, R_2, e R_3 quantidades differentes. O verdadeiro valor de R_1 é

$$R_1 = -3(c^2 + 2r^2)x^2 - \frac{3}{2}c(3r^2 - 2c^2)x + \frac{3}{4}c^2 r^2 - \frac{3}{4}c^4$$

O de R_2 é

$$R_2 = 6(7c^3 r^4 - 8c^4 r^2 - 3r^6)x - 3cr^6 - 9c^3 r^4 + 12c^5 r^2$$

$$R_3 = 48c^3 r^4 (r^2 - c^2)\left(c^4 - \frac{r^2}{2}\right)^2 (c^2 + 2r^2)^2$$

Portanto as equações (1) terão raizes eguaes quando fôr $c = o$, ou $c = \pm r$, ou $c = \pm \frac{r}{2}\sqrt{2}$. Os ultimos factores, pela natureza de c se vê, que não podem dar condições para as raizes eguaes.

E em o numero de 1 de agosto, pag. 102, linhas 13 e 16, onde se lê, « decimetros » leia-se « centimetros »

SECÇÃO DE MATHEMATICA.

Trisecção do angulo por meio da hyperbole e circulo. Interpretação d'uma solução estranha.

Continuado de pag. 124.

Temos até aqui tratado a questão analyticamente, e na maior generalidade, fazendo ver que a hyperbole ha de sempre cortar o circulo em quatro pontos. Interpretemos agora essas quatro soluções.

Mas notemos antes, que a eliminação entre as equações do circulo e da hyperbole podia ser feita da maneira seguinte:

Tirando de (b) o valor de ς, e substituindo-o em (a) vem

$$\frac{\gamma^2(r^2-c^2)}{(c+2\gamma)^2}+\gamma^2=r^2$$

ou $$\gamma^2(r^2+4c\gamma+4\gamma^2)=r^2(c^2+4c\gamma+4\gamma^2)$$

ou $$(4c\gamma+4\gamma^2)(\gamma^2-r^2)+r^2(\gamma^2-c^2)=o$$

ou $$4\gamma(c+\gamma)(\gamma^2-r^2)+r^2(c+\gamma)(\gamma-c)=o$$

d'onde $$(\gamma+c)(\gamma^3-\frac{3}{4}r^2\gamma-\frac{1}{4}cr^2)=o \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (6)$$

Identicamente $$(\varsigma-s)(\varsigma^3-\frac{3}{4}r^2\varsigma+\frac{1}{4}sr^2)=o \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (7)$$

equações em que ha respectivamente os factores $\gamma+c$, $\varsigma-s$.

Revertendo para as equações (1), facilmente se vê que estes factores são, $x+\frac{1}{2}c$, $y-\frac{1}{2}s$; podendo assim as equações (1) escrever-se:

$$\left.\begin{aligned}(x+\tfrac{1}{2}c)(x^3-\tfrac{3}{2}cx^2-\tfrac{3}{4}s^2x+\tfrac{1}{8}cs^2)=o\\(y-\tfrac{1}{2}s)(y^3+\tfrac{3}{2}sy^2-\tfrac{3}{4}c^2y-\tfrac{1}{8}sc^2)=o\end{aligned}\right\}\ldots\ldots\ldots \quad (1')$$

Este systema de equações, depois de desembaraçado dos respectivos factores, mostra immediatamente que a quantidade $27q^2+4p^3<o$; e por isso que $(1')$ estão no caso irreductivel. Basta fazer desapparecer os 2.os termos a estas equações, e calcular aquella quantidade, attendendo a que em geral é $c<\pm r$. Mas na equação (6) que vem já sem 2.° termo, acha-se logo, que $27q^2+4p^3=\frac{27c^2r^4}{16}-\frac{27r^6}{16}$; ou $c^2-r^2<o$.

O mesmo *mutatis mutandis* se verifica na equação (7).

Se tivessemos practicado a eliminação ao modo ordinario entre as equações (a) e (b), veriamos tambem facilmente que as equações correspondentes eram satisfeitas por $\gamma=-c$, $\varsigma=s$, bem como o são as equações (1) pelos valores $x=-\frac{1}{2}c$, $y=\frac{1}{2}s$: mas supponhamos que não deparavamos com estes factores, e procuremol-os pela analyse.

Busquemos por exemplo o factor $x+\frac{1}{2}c$.

Porque (4) está no caso irreduzivel, de nada nos servem as formulas para a resolução das equações do 4.° gráu, e somos por isso forçados a recorrer ás series para a resolução das equações (1). Ora applicando á 1.ª d'estas a regra de Newton para o desenvolvimento das raizes em serie, acham-se, para dar os primeiros termos d'ellas, considerando x e r como letras principaes, as seguintes equações

$$4x^2-3r^2=o;\ 12x^2+4cx-c^2=o \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (8)$$

d'onde $x = +\frac{r}{2}\sqrt{3}$, $x' = -\frac{r}{2}\sqrt{3}$, $x'' = +\frac{c}{6}$, $x''' = -\frac{c}{2}$

Fazendo $x = +\frac{r}{2}\sqrt{3} + z$ para achar o 2.° termo da 1.ª raiz, e substituindo em (1), vem a transformada

$$\left.\begin{array}{l|l|l|l} 16z^4 + 32\sqrt{3}\,r & z^3 + 60r^2 & z^2 + 12\sqrt{3}\,r^3 & z - 8\sqrt{3}\,cr^3 \\ \quad -16c & \quad -24\sqrt{3}\,cr & \quad -40cr^2 & \quad +c^2r^2 \\ & & \quad -4c^3 & \quad +2\sqrt{3}\,c^3r \\ & & & \quad -c^4 \end{array}\right\} = 0 \ldots (9)$$

d'onde pela regra citada as condições

$$4z^3 + 8\sqrt{3}\,rz^2 + 15r^2z + 3\sqrt{3}\,r^3 = 0 \ldots\ldots\ldots\ldots (10)$$

$$3z - 2c = 0 \ldots\ldots\ldots\ldots (11)$$

Rejeitando os valores (10), porque aliás teria a equação (1) mais de quatro raizes, temos $z = \frac{2}{3}c$, deduzido de (11).

Como em (1) entram só potencias pares de r, a equação correspondente para a 2.ª raiz obtem-se, mudando em (9) r em $-r$; e sendo o valor final de z independente de r, evidentemente é o mesmo que para a primeira raiz.

Fazendo agora $x'' = z + \frac{c}{6}$ em (1), acha-se

$$\left.\begin{array}{l|l} 16z^4 - \frac{16}{3}cz^3 - 12r^2 & z^2 - 8cr^2 \\ \quad -\frac{16}{3}c^2 & \quad +\frac{80}{27}c^3 \end{array}\right| \; z - \frac{32}{81}c^4 = 0 \ldots\ldots\ldots (12)$$

da qual resultam as equações

$$4z^2 - 3r^2 = 0; \quad 3z + 2c = 0; \quad 4c^3 + 81r^2z = 0 \ldots\ldots\ldots (13)$$

Rejeitamos os 2 valores da 1.ª de (13), porque esta equação é identica com a 1.ª de (8); o da 2.ª, porque identificaria x'' com o 1.° termo de x'''; e aproveitamos apenas o valor $z = -\frac{4}{81}\cdot\frac{c^3}{r^2}$.

Ponhamos finalmente $x''' = -\frac{c}{2} + z$ em (1) virá

$$z\left\{4z^3 - 12cz^2 + 3(4c^2 - r^2)z - 2c(2c^2 - r^2)\right\} = 0 \ldots\ldots (14)$$

Esta equação póde ser satisfeita ou por $z = 0$, ou pelo outro factor. Mas a regra de *Newton* dá para elle

$$4z^2 - 3r^2 = 0; \; 3z - 2c = 0 \ldots\ldots\ldots\ldots (15)$$

condições que têm ambas de ser rejeitadas; porque a 1.ª é identica com a 1.ª de (8), e a 2.ª identificaria x''' com o 1.° termo de x''. Logo só póde ser $z = 0$, o que annuncia que a raiz é finita; e é esta a condição propria para attestar a commensurabilidade das raizes.

Temos pois

$$x = +\frac{r}{2}\sqrt{3} + \frac{2}{3}c + \ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$x' = -\frac{r}{2}\sqrt{3} + \frac{2}{3}c + \ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$x'' = +\frac{c}{6} - \frac{4}{81}\cdot\frac{c^3}{r^2} + \ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$x''' = -\frac{c}{2}$$

Para achar outro termo das series, façamos em (9) $z=\frac{2}{3}c+u$, virá

$$\left.\begin{array}{l|l|l|l} 16u^4+32\sqrt{3}\,r & u^3+60r^2 & u^2+12\sqrt{3}\,r^3 & u+c^2r^2 \\ \quad+\frac{80}{3}c & \quad+40\sqrt{3}\,cr & \quad+40cr^2 & \quad+\frac{22}{27}\cdot\sqrt{3}\,c^3r \\ & \quad+\frac{32}{3}c^2 & \quad+\frac{32}{3}\sqrt{3}\,c^2r & \quad+\frac{7}{81}c^4 \\ & & \quad+\frac{44}{27}c^3 & \end{array}\right\}=0\ldots(16)$$

d'onde resultam

$$4u^3+8\sqrt{3}\,ru^2+15r^2u+3\sqrt{3}\,r^3=0;\ 12\sqrt{3}\,ru+c^3=0\ldots\ldots(17)$$

a 2.ª das quaes dá $$u=-\frac{c^2}{12\sqrt{3}\,r}.$$

Pondo $z=\frac{2}{3}c+u$ na equação que se deduz de (9) pela mudança de r em $-r$, resulta uma equação que é a (16) com a mesma mudança; logo

$$u=\frac{c^2}{12\sqrt{3}\,r}.$$

E substituindo em (12) $z=-\frac{4}{81}\cdot\frac{c^3}{r^2}+u$, vem

$$\left.\begin{array}{l|l|l|l} 16u^4-\frac{16}{3}c & u^3-12r^2 & u^2-8cr^2 & u-\frac{384}{2187}\cdot\frac{c^5}{r^2} \\ \quad-\frac{256}{81}\cdot\frac{c^3}{r^2} & \quad-\frac{16}{3}c^2 & \quad+\frac{112}{27}\cdot c^3 & \quad-\frac{256}{19683}\cdot\frac{c^5}{r^4} \\ & \quad+\frac{64}{81}\cdot\frac{c^4}{r^2} & \quad+\frac{128}{243}\cdot\frac{c^5}{r^2} & \quad+\frac{1024}{1594323}\cdot\frac{c^{10}}{r^5} \\ & \quad+\frac{512}{2187}\cdot\frac{c^5}{r^4} & \quad-\frac{256}{6561}\cdot\frac{c^7}{r^4} & \\ & & \quad-\frac{4096}{531441}\cdot\frac{c^9}{r^5} & \quad+\frac{4096}{43046721}\cdot\frac{c^{12}}{r^8} \end{array}\right\}=0\ldots(18)$$

Logo $u=-\frac{16}{729}\cdot\frac{c^5}{r^4}$: e

$$\left.\begin{array}{l} x=+\frac{r}{2}\sqrt{3}+\frac{2}{3}c-\frac{c^2}{12\sqrt{3}\,r}+\ldots\ldots\ldots\ldots \\ x'=-\frac{r}{2}\sqrt{3}+\frac{2}{3}c+\frac{c^2}{12\sqrt{3}\,r}+\ldots\ldots\ldots\ldots \\ x''=+\frac{c}{6}-\frac{4}{81}\cdot\frac{c^3}{r^2}-\frac{16}{729}\cdot\frac{c^5}{r^4}+\ldots\ldots\ldots\ldots \\ x'''=-\frac{c}{2} \end{array}\right\}\ldots\ldots\ldots\ldots(C)$$

Continúa.

ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

EXPEDIENTE.

Assigna-se este Jornal em Coimbra, no Gabinete do *Instituto;* em Lisboa, na livraria do sr. Cobellos, rua Augusta n.° 2; no Porto, na do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua das Hortas n.° 141; em Evora, na do sr. V. J. da Gama, collegio de S. Paulo; no Pezo da Regua, na do sr. M. Mendes Osorio.

Toda a correspondencia, *franca de porte,* será dirigida — *Á Redacção do Instituto. Coimbra.*

Preço, adiantado, por anno, ou 24 numeros, *francos de porte*	1$440
Por semestre, ou 12 numeros, dictos	800
Avulso	100
Para os srs. Assignantes os numeros, que lhes faltarem do 6.° volume serão pelo mesmo preço da assignatura annual, ou cada um	60
Os exemplares que restam dos volumes I, II, III, IV e V d'este Jornal vendem-se, cada um por	1$200

Annuncia todas as producções litterarias dos socios, que assim o desejarem, e remetterem á redacção as notas competentes; e todas as outras, de que forem remettidos dous exemplares.

RELATORIO

Do commissario dos estudos do districto administrativo de Lisboa, em 31 de dezembro de 1856.

Senhor: — O decreto de 25 de fevereiro de 1841, e a portaria circular de 12 d'agosto de 1845 impoem-me o dever, a que dou agora cumprimento. Não satisfarei de certo ao que a lei pretende, e era necessario, de modo tão cabal como desejava, porque não é possivel, nem o será, em quanto não forem attendidas algumas propostas, que tenho tido a honra de levar ao conhecimento do governo de Vossa Magestade, não adoptadas as quaes careço d'informações de facto absolutamente indispensaveis, nem posso por mim proprio prover ao que não excede ás minhas attribuições, e formar juizo seguro do que, para mais vantajoso progredir da instrucção primaria e secundaria, convem manter, corrigir, ou reformar. A falta da organisação regular da secretaria da commissão dos estudos, conforme ao que por mim foi já proposto, e a falta de meios, que me habilitem a fazer a visita litteraria de todo o districto a meu cargo com a averiguação que convem, são obstaculos para mim invenciveis, e de malefica influencia não só para o aperfeiçoamento dos estudos primarios e secundarios, mas tambem até para o ordinario regular andamento da disciplina escholar, e desempenho dos mutuos deveres dos respectivos professores e alumnos. Entretanto, seguindo o trilho, que me fiz a mim mesmo, e tirando o partido possivel dos meios de que só me é dado dispôr, procurarei desempenhar-me, quanto em mim couber, da obrigação, que me impende. Oxalá que seja tida em conta a minha boa vontade, e o zelo não mentido com que me dedico ao serviço de Vossa Magestade e do Estado; pois que será por ventura o meu unico titulo á real benevolencia de Vossa Magestade. Desenfeitado, mas respeitoso e sincero, como costumo, tractarei a materia d'este relatorio pela ordem, que se me affigura menos irregular.

CAPITULO I.

Do estado material, litterario, e moral das escholas públicas e particulares d'este districto; da aptidão e procedimento dos professores da instrucção secundaria e primaria, e da frequencia, e exames feitos no lyceu nos mezes de julho e outubro d'este anno.

A portaria de 6 d'agosto de 1845 ordena que faça parte essencial dos relatorios annuaes dos commissarios dos estudos a exposição do estado material, litterario, e moral das escholas públicas e particulares, e egualmente a informação da aptidão, zelo, e procedimento dos respectivos professores e empregados; porém, aquella portaria, explicando-se d'esta sorte, não quiz de certo ser entendida litteralmente, pois que mui graves inconvenientes deveriam resultar da exposição menos reservada de apreciações, que, forçosamente imparciaes, nem sempre haveriam ser favoraveis a alguns individuos, cuja reputação e auctoridade moral teria de padecer quebra, sem todavia poder-se obter, por meio

d'aquella exposição, nenhuma vantagem real para o progresso e aperfeiçoamento da instrucção pública, em relação ao ensino primario e secundario. Uma similhante exposição, ou relatorio, longe de ser elemento proficuo á causa da instrucção da mocidade, tornar-se-hia, se me não illudo, elemento dissolvente da disciplina escholar; não seria documento da vigilancia e zelo esclarecido da administração litteraria da auctoridade superior, destinado a extirpar abusos e conseguir melhoramentos; seria testemunho d'imprudencia, de que facilmente havia de tirar partido a malicia para proveito de poucos, e grave damno de muitos. É por este motivo que nos meus anteriores relatorios tenho sido, e agora e sempre continuarei a ser cauteloso e circumspecto em tudo quanto julgo ser antes materia d'informações confidenciaes, do que de observações de mera generalidade, que, como é sabido, a pouco alcançam. Alem de que a exposição das necessidades, que tomo em conta nas propostas especiaes, preenche sufficientemente o que na primeira vista d'olhos poderia affigurar-se a alguem, que fôra de mim menos attendido.

Entrando agora, summariamente como julgo convir, no assumpto especial d'este capitulo, permitta-me Vossa Magestade desde já notar, que quasi não tenho senão a repetir o que nos annos anteriores ha sido ponderado.

No tocante ao estado material das escholas públicas torna-se cada vez de maior evidencia a urgentissima necessidade de que as d'instrucção primaria sejam collocadas em edificios públicos, a esse fim destinados pela auctoridade, e por ella adereçados decentemente. Os professores, remunerados tão miseravelmente, como se sabe, não têm meios de as guarnecer como se ha mister, e nem mesmo sequer de poder alugar casas com bastante capacidade para numero um tanto avultado de discipulos. O preço do aluguel, particularmente em Lisboa, ha subido excessivamente, e a alguns professores aconteceu que, pagando o equivalente a ametade do ordenado que vencem, nem ainda assim poderam haver casa, que tivesse as commodidades necessarias para admittir tantos alumnos, quantos pretendiam frequentar as suas escholas! Vime na dura necessidade de auctorisal-os a fechar a porta a alumnos, cuja admissão se tornava impossivel por falta de logar na eschola! Não merecerá este facto a séria attenção do governo de Vossa Magestade? Poderão acaso, sem injustiça, os professores ser obrigados a tão arduo sacrificio? E poderá affirmar-se, que se deseja sinceramente o progresso da instrucção primaria, e que se cuida com verdadeira diligencia de promovêl-a, em quanto se consente que, aqui mesmo na capital, muitos alumnos fiquem privados da instrucção que procuram, porque os professores, faltos de meios, não podem alugar casa mais espaçosa? E todavia, senhor, é bem que Vossa Magestade não ignore, que alguns professores tem levado o seu zelo até ao ponto de mendigar auxilios particulares, ajudados dos quaes possam ou alugar casa mais apropriada ao serviço da eschola, ou ornal-a com decencia e alguma commodidade dos alumnos. E tambem julgo necessario que seja presente a Vossa Magestade, que outros professores, magoados da impossibilidade de preparar as escholas com o necessario, têm recorrido á camara municipal, fundando-se na disposição, a meu vêr clara, do art. 2 do decr. de 20 de dezembro de 1850; porem a camara, que por seus actos mostra dispôr de meios sobejos, que consome em funcções de mera ostentação, resiste pertinazmente, allegando impossibilidade de adereçar com o adorno indispensavel as escholas da capital; despesa que todavia, quando houvesse de preparal-as todas com as necessarias alfaias, não podia exceder a 600$000 r.s, como já lhe foi demonstrado. Pende a este respeito litigio na secção do contencioso administrativo do conselho de Estado, o qual é de esperar a resolva conforme ao que requer a maior vantagem do municipio, obrigando a camara a empregar uma tão diminuta porção dos seus avultados rendimentos no desempenho de um dos seus principaes deveres. Estas considerações, Senhor, não carecem de commentario, e seria por demais repetir, o que por vezes tem sido ponderado ácerca dos gravissimos inconvenientes do ensino da mocidade, nas casas da residencia dos professores respectivos.

Pelo que respeita aos edificios, onde estão collocadas as aulas da instrucção secundaria, só terei de accrescentar aqui, ao que digo no capitulo 6 com referencia ás secções central e occidental do lyceu d'esta capital, que o edificio das mercieiras, no qual está collocada a secção oriental, se acha tão damnificado, e em tal estado de desamparo, que representa um miseravel pardieiro, indecente e vergonhoso. E comtudo não seria de nenhum vulto a despesa a fazer com os reparos indispensaveis; mas não têm sido attendidas as reïteradas representações, que sobre este objecto tenho dirigido ao governo de Vossa Magestade. Em tudo estrella aziaga influe mofinamente quanto respeita ás lettras, e aos estudos, 'nesta terra, digna de melhor sorte!

Fallarei agora do estado litterario, e com muito pezar direi que subsistem os estorvos, que se oppõem a que a instrucção primaria se desenvolva e melhore, como tanto é de desejar. Nas classes menos abastadas, a necessidade que os paes têm do auxilio de seus pequenos filhos, logo que lh'o podem prestar d'alguma maneira; a carencia de meios para os vestir com alguma, posto que pouca, limpeza, e de lhes comprar livros, e o mais que

se torna indispensavel para os exercicios escholares, como taboadas, exemplares, papel, pennas etc. etc., e o receio de que seus filhos sejam detidos largas horas, durante annos successivos, nas escholas, fazendo-os apprender mais do que tem ser-lhes de precisão ou utilidade para os misteres indispensaveis das occupações a que os destinam, são, e serão por muito tempo, como têm sido até agora, a causa principal, o obstaculo invencivel a que a instrucção primaria alargue os seus limites, se diffunda, e ganhe as affeições da maioria da população. Comtudo em quanto assim não acontecer, a instrucção primaria caminhará constrangida, incerta, e sem a força necessaria para obter resultados de grande momento. Os remedios a applicar a tão grande mal, já tenho tido a honra de os lembrar: é preciso reduzir o ensino da instrucção primaria do 1.º gráu ao sómente necessario, ou indisputadamente util para o maior numero d'alumnos; é preciso procurar, por todos os meios de persuasão imaginaveis, que seja tida geralmente em conta, e desejada; e, quando se baldem estes perseverantes esforços, empregar a saudavel violencia, que se faz, mau grado seu, ao enfermo para cural-o da doença, que o avexa: é preciso que as camaras municipaes acudam com soccorros appropriados aos filhos das familias desamparadas, e que por sua muita pobreza carecem dos meios absolutamente indispensaveis, a fim de que possam frequentar as escholas com regularidade e aproveitamento. Nas classes, que vivem mais commodamente, a diversidade dos livros, de que se servem os alumnos da mesma eschola, sem que se possa conseguir que os adoptem uniformes, e a irregularidade da frequencia, tolhem as mais efficazes diligencias dos professores, nem lhes permittem recolher, senão fructo muito acanhado, muito somenos do que deviam presumir, e esperavam, de suas laboriosas fadigas. E por outra parte o local das escholas, muitas vezes a larga distancia da habitação dos alumnos, a quasi indecencia d'essas mesmas escholas, que a falta de meios não permitte ao professor tornar menos incommodas; e a multiplicidade das materias, cuja vantagem não se patentèa obviamente, das quaes se ha carregado, com menos aviso, a instrucção primaria, faz que, mórmente se os alumnos se não destinam aos estudos secundarios e superiores, se contentem d'instrucção particular insufficiente, mas que não os opprime por tão longo tempo, em quanto que os deixa em liberdade de só estudarem o que, e como julgam convir-lhes. Para prevenir e frustrar as perniciosas consequencias de taes antecedentes, já tem sido proposta a creação de maior numero de cadeiras, pagas pelo Estado; já tem sido lembrada a obrigação, attribuida por lei ás camaras, de construir ou alugar e guarnecer edificios decentes, commodos, e convenientemente situados para o ensino da mocidade; e já finalmente se tem pedido a simplificação do ensino por meio de classificação mais opportuna e philosophica.

Pelo que pertence ao estado litterario da instrucção secundaria, com quanto não o possa dizer inteiramente não lisongeiro, assim com respeito á frequencia, como ao progresso dos alumnos, comtudo sou forçado a confessar que lhe falta ainda muito para ser o que se precisa que seja; nem o será em quanto o plano dos estudos do lyceu não for completado, preenchendo-se as lacunas, que o deformam; e em quanto por meio de programmas, d'ensino e de exames, cabalmente desenvolvidos, se não prescrever precisamente aos professores que materias devem explicar, e até que ponto abrangel-as, e aos alumnos o que, e até aonde deve alcançar o estudo e applicação especial, que tem a fazer de cada uma d'ellas, a fim de se acharem habilitados de modo competente para os exames, a que têm de sujeitar-se.

Entretanto as provas do aproveitamento litterario dos alumnos do lyceu são satisfatorias, como faz fé o maximo numero das approvações por elles obtidas nos exames annuaes; exames e approvações que provam com respeito aos alumnos do lyceu; porque se toma, para ellas, em consideração a correspondente conta do anno lectivo. Em relação porém aos alumnos estranhos o argumento não procede com egual segurança, porque não está presente aquella conta, e circumstancias occasionaes, como é sabido, podem influir mais ou menos favoravelmente no acto e resultado dos mesmos exames. Comtudo foi consideravel o numero d'alumnos estranhos, que se apresentaram a exame, e que obtiveram merecida approvação.

No resto do districto não ha menção especial a fazer de factos, que demonstrem quer melhoramento algum tanto avantajado, quer notavel decadencia pelo que respeita á instrucção primaria. As causas a que fiz allusão, parte das quaes produzem effeito mais immediato, e por conseguinte mais damnoso, fóra da capital, as quaes por muitas vezes têm sido allegadas, pedindo-se providencias, que lhes annullem o pendôr maléfico, obstam a que a instrucção primaria ganhe tanto incremento, quanto a experiencia de um e outro dia faz julgar cada vez de maior necessidade. O tempo, que trará comsigo o desengano, de que a primeira instrucção é meio certo de melhorar relativamente, em todas as condições sociaes, a propria situação pessoal de cada individuo, e a successiva adopção dos alvitres já lembrados, hão de a final vencer as resistencias até hoje insuperaveis; e então se recolherão os proveitosos fructos, que, quando largamente vulgarisada, só á instrucção e

educação primaria é dado obter. Ha porém uma excepção a fazer, ao que deixo observado geralmente, a qual memorarei com indizivel satisfação, e é o movimento communicado ás populações de Mafra, e convisinhanças, pela real munificencia de Vossa Magestade, que houve por bem estabelecer 'naquella villa, a expensas de Vossa Magestade, uma eschola primaria em optimas condições para o ensino, pois que tem alcançado resultados verdadeiramente dignos de louvôr e applauso: e bem assim a eschola tambem por Vossa Magestade creada no real paço das necessidades, que foi occasião de mais que triplicarem os alumnos, que, 'naquella localidade, costumavam frequentar a instrucção primaria. E aqui me permitta Vossa Magestade lembrar a conveniencia de não ficar supprimida, como está de facto, a eschola da freguezia de S. Pedro em Alcantara, cujo professor se acha servindo de ajudante ao por Vossa Magestade nomeado para a eschola das Necessidades. O melhor serviço público requer não a suppressão d'aquella eschola, mas sim que seja transferida para um dos pontos extremos da mesma freguezia, a exemplo do que se praticou em Mafra, cuja antiga eschola, por motivo similhante, foi removida ultimamente para o Milharado.

Quanto á instrucção secundaria tem melhorado, fóra de Lisboa, nos concelhos de *Setubal, S. Thiago de Cacem, e Torres Vedras.* São dignos os professores, que regem alli as cadeiras de grammatica portugueza e latina, e latinidade; o gosto da instrucção tem tido notavel incremento, e cresceu tambem com elle o numero dos alumnos d'aquellas aulas. Assim estas estivessem todas collocadas em edificios públicos, e convenientemente apropriados ao seu destino; digo todas, porque a de S. Thiago de Cacem funcciona em edificio diverso da residencia do digno professor, mas allugado á sua custa! E assim as differentes auctoridades, e os homens, para quem as lettras devem ter valia, empregassem, por expresso ou tacito accôrdo, o influxo do logar ou da pessoa para excitar os paes a promover a instrucção dos filhos, e os filhos a aproveitar-se do tão grande beneficio, que lhes proporciona a sociedade, facilitando-lhes instruir-se e habilitar-se gratuitamente para utilidade sua propria, e de todos aquelles a quem os vinculam o sangue ou a mesma sociedade!

Não terminarei este capitulo sem dizer, como se me ordena, pouco embora que seja, da aptidão, e desempenho de seus respectivos deveres, dos professores officiaes da instrucção secundaria, dentro e fóra do lyceu; e dos da instrucção primaria, em todo o districto. Os lentes e professores das quatro secções do lyceu, assiduos na frequencia das cadeiras, que regem de propriedade, ou por substituição, mostram-se dignos pela sua applicação litteraria, e pela regularidade do seu procedimento, da importante missão que lhes incumbe na sociedade; e tornam-se credores da geral estima e consideração. Não tenho tido até agora razão, que se me affigure assaz fundada, para nenhuma grave advertencia; e, pelo contrario, sempre que, ou por motivo extraordinario, ou por bem do serviço, me tenho visto precisado a requerer d'algum d'estes professores mais do que o serviço, a que talvez só podiam reputar-se adstrictos, nenhum se recusou a prestal-o da melhor vontade. É certo, que haveria injustiça em estabelecer uma unica bitóla, como padrão do merito de todos os professores; porém, se alguns se avantajam de maneira singular, os seus nomes que andam na bôcca de todos, não podem occultar-se a Vossa Magestade, nem carecem de ser aqui mencionados; no que, por outra parte, não deixariam de dar-se inconvenientes faceis d'aventar, a não sobrevir em contrario razão muito ponderosa, ou muito especial. Outro tanto me cumpre observar com respeito aos professores d'instrucção secundaria de fóra de Lisboa; pois que, se foi necessario proceder contra um d'elles de maneira um tanto severa, contra nenhum outro se tornou preciso providenciar similhantemente; e antes a alguns tenho julgado ser devido de justiça muito louvôr.

Dos professores d'instruccão primaria não posso explicar-me por egual theor, e é com grande magoa minha, que me vejo forçado a esta declaração; porque se os da capital, examinados e approvados perante esta commissão dos estudos, são todos bons, e alguns excellentes, no restante districto estão, na maxima parte, abaixo do que lhes requerem os arduos deveres do magisterio. Tambem fóra de Lisboa ha alguns bons, talvez excellentes professores, mas são poucos. Tenho feito o que de mim depende para melhorar 'neste ramo o serviço público; tenho talvez ido álém do que está nas minhas attribuições, as quaes, levado de tão justo motivo, terei por ventura ás vezes interpretado latamente; porém pouco hei podido obter; e, ou o maior numero das cadeiras da instrucção primaria do districto ha de fechar-se, ou continuarão ainda por muito tempo a occupal-as homens menos habilitados do que se requer indispensavelmente. A razão d'isto, que tive a honra de já por vezes elevar ao conhecimento de Vossa Magestade, é a miseravel remuneração attribuida aos professores: não lhes chega para se sustentarem, e porisso não ha incentivo, que mova oppositores, quaes são precisos, a concorrer ao provimento das cadeiras.

É aqui o logar, em que mais opportunamente se me proporciona occasião de chamar a attenção de Vossa Magestade para uma falta, que reputo gravemente offensiva da lei,

a qual não foi, nem podia ser derogada senão pelos meios proprios e d'onde provêm inconvenientes, faceis de prever, e já do público mais que muito advertidos. Os mestres e mestras das casas de asylo da infancia desvalida, exercem alli o magisterio sem previo exame feito perante esta commissão. Quem os póde exemptar d'esta obrigação? Ninguem: a lei é clara e terminante. E não virá d'aqui em grande parte o nenhum progresso de taes escholas? Creio que sim. Tambem os professores das escholas de Mafra, e das Necessidades não passaram pelas provas, que a lei exige d'elles: e será isto de vantagem pública? De certo não; porque Vossa Magestade conhece, que a maior utilidade do Estado lhe vem da fiel observancia da lei; e, sobre isto, é obvio que taes transgressões, inteiramente injustificaveis, estabelecem entre funccionarios d'egual cathegoria uma desegualdade odiosa e injusta, e portanto nociva e intoleravel.

Depois d'esta causa a falta da eschola normal, tantas vezes e tão inutilmente pedida, não é menos digna de ter-se em conta. E vem aqui a pêllo supplicar de novo instantemente a Vossa Magestade, que se digne lançar olhos de protecção verdadeira e efficaz á instrucção primaria: é preciso que chegue o dia, em que das palavras se passe ás obras. Se a instrucção primaria, como tenho para mim, é um dos principaes direitos, e uma das primeiras necessidades dos povos, não ha remedio senão confessar, que os povos são credores de uma divida immensa, cujo pagamento já não é permittido demorar-lhes por mais tempo. Não tomei agora em conta o ensino particular, porque me reservo apresentar a Vossa Magestade um relatorio especial sobre este importantissimo objecto; mas não posso deixar de repetir que é de urgentissima e indispensavel necessidade um regulamento muito desenvolvido e especificado, que se observe religiosamente; e que, mediante provisões esclarecidas e cautelosas, ponha termo a grande numero d'abusos, e torne este ensino de tanta quanta vantagem deve ser para os habitantes das terras mais populosas.

Para complemento do que deixo substanciado 'neste capitulo, que, ao parecer extenso, com tudo enceta apenas assumptos de muito grave momento, darei agora o resumo do movimento litterario com respeito aos exames d'instrucção primaria e secundaria, feitos no lyceu, nas duas epochas a elles destinadas, julho e outubro, que se comprehendem no periodo decorrido desde o meu ultimo relatorio.

Frequentaram a instrucção secundaria nas differentes secções do lyceu, nos estabelecimentos particulares de Lisboa, e nas aulas do districto, 1526 alumnos, dos quaes fizeram exame em julho 261, e em outubro 197, total 458. Foram approvados em julho 216, e em outubro 155, total 371; ficando reprovados em julho 45, e em outubro 42, total 87.

Frequentaram as escholas d'instrucção primaria públicas e particulares, em Lisboa e no districto 5448 alumnos do sexo masculino, e 1484 do sexo feminino; e fizeram exame em julho 176, e em outubro 199, total 375. D'estes foram approvados em julho 145, e em outubro 151, total 296; e ficaram reprovados em julho 31, e em outubro 48, total 79.

Por ultimo cumpre-me observar: 1.° que, infelizmente, ainda este anno me vejo obrigado a declarar que não tenho como exacta a cifra da frequencia dos alumnos da instrucção primaria e secundaria 'neste districto; porque deixaram de remetter a esta commissão os mappas respectivos muitos estabelecimentos d'instrucção particular de dentro e fóra de Lisboa, e todas as escholas das casas de asylo da infancia desvalida; e são faltos da necessaria clareza e especificação os mappas, que outros remetteram; e porque, não tendo sido por ora attendida a proposta, que tive a honra de levar á presença de Vossa Magestade em novembro de 1855 para a creação, na secretaria do lyceu, de uma secção especial da commissão dos estudos, vejo-me privado dos meios indispensaveis de fiscalisar convenientemente este importantissimo ramo do serviço; assim como, por não se me terem dado os auxilios já por mim reclamados, ainda não pude fazer a visita de todo o districto; visitas, que não podem de nenhum modo dispensar-se, e sem as quaes nem esta, nem outras muitas faltas serão nunca jámais efficazmente remediadas; 2.° que, a falta de programmas, convenientemente combinados, que sirvam de norma impreterivel aos examinadores, e de guia segura aos examinandos, é causa de que, por occasião dos exames, se alevantem a tempos queixumes, que, sem serem assaz fundados, não deixam comtudo de proceder até certo ponto; porquanto, sendo em demasia vasta a materia dos exames, é facil ao examinador, sem que por isso possa em rigôr ser censurado, ir mais longe do que razoavelmente comporta a intelligencia, ainda pouco desenvolvida dos examinandos. Ao conselho superior d'instrucção pública compete prover do remedio, de que se carece.

Continúa.

INDUSTRIA DO PAPEL.

Á vista da prodigiosa fecundidade da litteratura moderna, em presença d'este impulso imperioso que dirige todas as classes da sociedade para escutar a voz da imprensa, é curioso conhecer as tentativas mais ou menos felizes, que se têm feito, para acudir á carestia das materias primas empregadas no fabrico do papel, e para fornecer aos fabrican-

tes os meios d'alimentar ás numerosas typographias, que em toda a parte do globo propagam diariamente os fructos da intelligencia, a traducção das idêas, e os productos do pensamento.

Não é nosso intento escrever a historia do fabrico do papel, e mostrar por que phases tem passado este ramo d'industria fabril desde a sua origem até hoje. O papyro da antiguidade já no seculo undecimo era substituido pelo papel d'algodão e pelo pergaminho, *membrana pergamena*, invenção do Oriente; e no anno 1320 nasceu o papel de trapo, invenção do Occidente. O pergaminho continuou ainda a subsistir; mas é bem notorio, quanto está restricto actualmente o seu uso.

É um problema, que ainda não está plenamente resolvido, o fabrico de bom papel por meio de substancias economicas; e para este fim ainda se offerecem avultados premios em França e Inglaterra.

As mais antigas fabricas de papel, estabelecidas na Europa, datam do seculo undecimo, e foram fundadas pelos arabes na Espanha e Sicilia; mas só no seculo dezeseis foi que mais floresceram.

Troyes e Essonne foram as cidades de França, que primeiro tiveram manufacturas de papel, no anno 1340. Na Allemanha, foi em Nuremberg, que o senador Ulmann Stromer estabeleceu, em 1390, a primeira fabrica.

Hoje, não ha este ramo d'industria na Sicilia; ha apenas uma fabrica nos Estados Romanos, outra na Toscana, e dezesete na Espanha.

Na Allemanha tem progredido muito esta industria fabril, contando-se 'neste paiz, comprehendendo a Austria e Hanover, 1:400 fabricas, que produzem um milhão e 60:000 quintaes de papel e cartão.

A Russia possue 177 fabricas, que rendem 3:928:976 *rublos*, valendo um rublo 4 *francos*; estas fabricas occupam 14:942 operarios.

Actualmente, em França, o fabrico do papel sobe por anno a 72 milhões de kilogrammas, pouco mais ou menos, e só Paris absorve perto de 25 milhões, sendo cinco e meio exclusivamente empregados para escrever. Apezar de tão enorme consumo, é insignificante em comparação da immensa somma que gastam os inglezes e americanos.

No anno 1853, a producção do papel, na Inglaterra, subiu a 177:633:000 libras; só uma fabrica, pertencente a M. Crompton, produz annualmente mais de 1:400:000 kilogrammas de papel. Mas a par d'isto, que publicidade se goza na Inglaterra! Os seguintes jornaes podem servir d'exemplo. A *Illustratet London News* tem uma edição de 130:000 exemplares por semana. O *Family Herald*, jornal semanal, 240:000. O *London Journal*, 510:000. A edição do *Times* é de 50:000, e algumas vezes de 70:000 exemplares, por dia. Trez grandes estabelecimentos são exclusivamente destinados para alimentar tão enorme consumo de papel.

A America consome, pouco mais ou menos, tanto papel, como a Inglaterra e França reunidas. Esta differença não se póde explicar, senão por suas instituições liberaes, por uma circulação de jornaes, de que não se faz uma verdadeira idêa, e principalmente pela grande quantidade de livros usados nas escholas.

Á vista de tão immenso consumo, não admira que o trapo se torne cada vez mais raro, e que se tentem todos os dias novos esforços para descobrir succedaneos para tão precioso elemento.

A palha é uma das primeiras substancias que se tem empregado, e conseguiu-se fabricar com ella um papel muito branco, que até serviu, por muito tempo, na Inglaterra para a impressão de um jornal semanal. É tambem conhecido o papel de palha, de cor amarella carregada, empregado especialmente nos estancos e fabricas de tabaco, em algumas lojas e estabelecimentos.

Um allemão, Schoeffer, publicou em 1772 o resultado de numerosos ensaios e tentativas, conseguindo fabricar papel, de que apresentou 60 amostras, com differentes substancias, taes como casca de salgueiro, de faia, de pilriteiro, de tilia, caules da couve, aparas da casca da batata, serradura da madeira, etc. etc.

Recentemente foram examinadas na Inglaterra varias amostras de um novo papel fabricado com as fibras da bananeira das Indias occidentaes. As qualidades d'este papel foram reputadas como superiores, e segundo se affirma, talvez que possa sair mais economico do que o papel de trapo.

Um fabricante de Wurtemberg produz papel, composto de 70 por 100 de palha, de 20 de trapo, e 10 de kaolin, que serve, como é sabido, para a fabricação da porcellana. Tambem o fabrica com uma mistura de madeira de pinheiro manso, de algodão e linho.

Outro fabricante, estabelecido em França, obteve um novo papel, da reunião de cinco plantas differentes, entre as quaes se conta o topinambor.

Finalmente, o mais curioso, e um dos mais recentes ensaios, é o de M. Jobard, director do Museu da industria belga. São excrementos do cavallo, e em geral de todos os herbivoros, que 'neste processo servem de materia prima para o fabrico do papel. Se esta tentativa fôr coroada de felizes resultados, serão roubados á agricultura muitos estrumes; mas talvez que fosse possivel compensar esta falta, convertendo em estrumes o papel velho e já sem uso.

Podiamos ainda mencionar outros ensaios, mas basta a noticia que temos apresentado, para se fazer idêa da importancia economica e social que hoje offerece a industria fabril do papel.

S. DE C.

ESTADISTICA LITTERARIA
DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NOS ANNOS LECTIVOS DE
1855–1856 E 1856–1857.

Foram as matriculas na Universidade no ultimo d'estes annos, setecentas cincoenta e trez, isto é, duzentas cincoenta e uma menos, do que no anno antecedente; o que foi devido, em grande parte, ao augmento do preparatorio — a Introducção á Historia Natural dos trez reinos, a cujo exame os alumnos tiveram de satisfazer para poderem effectuar a matricula no primeiro anno de cada uma das faculdades academicas. No anno lectivo antecedente, posto já estar estabelecido este novo preparatorio, comtudo houve d'elle dispensa por uma portaria do governo.

Estadistica do movimento dos estudantes da Universidade em 1855—1856.

Faculdades	*Matriculados*	*Perderam o anno*	*App.* Nem. discrepante	*App.* Simpliciter.	*Reprovados*	*Deixaram de fazer Acto*
Theologia.	99	10	75	4	1	8 [1]
Direito	473	20	297	43	6	107
Medicina	58	1	46	5	1	5
Mathematica	143	40	45	2	»	55 [2]
Philosophia.	212	37	58	5	1	111
Curso administrativo	19	6	7	»	»	6
Totaes	1004	114	528	59	9	292

Em consequencia do curto espaço de tempo que houve para os actos, ficaram por fazer em julho os seguintes:

Actos em outubro de 1856.

Faculdades	APPROVADOS		*Reprovados*
	Nemine discrep.	*Simplic.*	
Theologia	3	»	»
Direito.	76	14	1
Medicina	1	»	»
Mathematica	6	5	7
Philosophia	27	8	4
Curso administrat.	4	»	1
Totaes	117	27	13

As faculdades academicas conferiram aos estudantes mais distinctos, por seu talento e applicação, os premios pecuniarios, e as honras do *accessit*, que constam do mappa junto:

Faculdades	1855–1856		1856–1857	
	Premios	*Accessit*	*Premios*	*Accessit*
Theologia	5	6	7	4
Direito . . .	5	11	7	15
Medicina [3]	12	4	16	8
Mathemat.	10	12	9	6
Philisoph.	4	3	4	4
Curso adm.	»	4	»	1
Totaes . .	36	40	43	38

Estadistica do movimento dos estudantes da Universidade em 1856—1857.

Faculdades	*Matriculados*	*Perderam o anno*	*App.* Nem. discrepant.	*App.* Simpliciter	*Reprovados*	*Não fizeram Acto*
Theologia	80	3	68	5	»	4
Direito	433	18	366	38	3	8
Medicina	65	3	59	1	»	2
Mathematica	60	7	30	2	»	21
Philosophia	94	12	46	4	5	27
Curso administrativo	21	2	11	3	»	5
Totaes	753	45	580	53	8	67

[1] Falleceu um estudante no segundo anno, e por isso ha um de menos no movimento.

[2] Falleceu tambem um estudante do segundo anno.

[3] Postoque as distincções d'esta faculdade fossem conferidas respectivamente nos annos marcados no mappa, comtudo todas, com excepção d'um premio no 5.º anno, que vae contado no primeiro mappa, e que pertence ao anno lectivo de 1855 a 1856, são relativas ao anno immediatamente anterior, segundo a práctica seguida 'nesta faculdade.

Fizeram formatura nas cinco faculdades da Universidade, no anno de 1855—1856, setenta e sete bachareis, e receberam o gráu de doutor dois candidatos em theologia: em 1856—1857 houve cento trinta e nove bachareis formados, e trez doutores; um em theologia, e dois em mathematica. O resultado das informações vê-se no mappa seguinte:

Informações que obtiveram os doutores e bachareis formados nos annos abaixo mencionados.

Faculdades	1855—1856					1856—1857				
	Distinctas	*De bom por unanimidade*	*De bom por maioria*	*De sufficient. por maioria*	*De reprovação em proced.*	*Distinctas*	*De bom por unanimidade*	*De bom por maioria*	*De sufficient. por maioria*	*De reprovação em proced.*
Theologia..	4	1	4	»	»	3	2	5	1	»
Direito	2	23	19	9	»	11	15	56	16	1
Medicina ..	»	3	2	»	»	7	7	1	»	1
Mathemat.	2	»	»	»	»	2	1	1	1	»
Philosophia	»	»	5	5	4	»	4	5	4	»
Totaes..	8	27	30	14	4	23	29	68	22	2

Os pontos que os conselhos academicos assignaram para as dissertações *inauguraes* aos candidatos que defenderam theses, foram os seguintes:

EM 1855—1856.

FACULDADE DE THEOLOGIA.

1.°

S. Paul. Epist. ad Rom. cap. I, vv. 19—23.

Ad veras adcuratasque notiones obtinendas de Deo, de mundo, ideoque de homine; atque ad integras easdem, ammissa revelatione, servandas, sola ratio minime valet.

2.°

Evang. Joan. Cap. III, vv. 3—8.

Originale peccatum in omnes Adami posteros (nisi aliquis speciali privilegio excipiatur) transfunditur.

EM 1856—1857.

FACULDADE DE THEOLOGIA.

Epist. I, S. Joan. cap. I, vv. 1—3.

Mythicum Straussii systema Evangeliorum libris minime applicabile.

FACULDADE DE MATHEMATICA [1].

1.°

De barometro.

2.°

De minimo crepusculo.

[1] A faculdade de mathematica, desde 1834 até hoje, tem dado para objecto das dissertações inauguraes os seguintes assumptos:

De vibrationibus chordarum.
Machinarum, vaporum ope agentium, motum definire.

Em direito, medicina e philosophia não houve doutoramentos, e por isso não se apresentaram dissertações *inauguraes*, que em theologia são feitas em latim, em direito, mathematica e philosophia em portuguez, sendo em todas estas quatro faculdades o repetente obrigado a mandal-as imprimir.

Teve logar, durante o anno lectivo de 1855—1856, a habilitação para o magisterio, pelo systema de concursos, de doze candidatos, sendo dois em theologia, nove em direito e um em mathematica. Ficaram excluidos dois em theologia, e em direito foram preteridos trez. Posteriormente o governo annullou os concursos d'esta ultima faculdade.

Em 1856—1857 habilitaram-se nove candidatos, sendo trez em theologia, e seis em direito. Ficaram preteridos dois 'nesta facul-

Punctorum aequinoxialium motus, causas, atque effectus investigare.

Utrum caelestia corpora, quae nunc ad aequilibrium consistunt, stabili ejusdem aequilibrii forma donentur?

Quantum, et quo sensu gravia a verticali devient, dum magna descendunt altitudine, calculo subducere, terrae figura, et medii resistentia perspecta.

Corporum motus in mediis resistentibus ita definire, ut ad artis Ballisticae praxim facile accommodentur.

De principio minimae actionis.

Attractionis legem tubis capillaribus applicare.

Qua ratione fluminum motui dirigendo, aut coercendo, aggeres construendi sint.

De attractione sphaeroidum a sphaera parum aberrantium.

Quaenam methodus ad Telluris mgnitudinem figuramque detegendam, caeteris praeferenda sit.

De barometro.

De minimo crepusculo.

Todos estes objectos, com excepção do primeiro, se acham desenvolvidos em dissertações escriptas em latim, e archivadas na Bibliotheca da Universidade. O primeiro, cuja dissertação provavelmente se perdeu, foi agora por esse motivo, dado outra vez, ao actual repetente, Antonio Pinto de Magalhães Aguiar.

dade; e em theologia foram propostos, para os dois logares vagos os candidatos pela ordem da sua antiguidade.

No lyceu nacional de Coimbra matricularam-se no anno lectivo de 1855—1856 os alumnos que constam do mappa inserto a paginas 201 do 4.° volume d'este jornal; e no anno lectivo de 1856—1857 os que se lêem no mappa seguinte:

Estadistica dos alumnos matriculados no Lyceu Nacional de Coimbra no anno lectivo de 1856—1857.

Disciplinas	*Ordinarios*	*Voluntarios*	*Totaes*
Grammatica Lat..	8	16	24
Latinidade	13	45	58
Grego	5	9	14
Hebraico	9	6	15
Francez	26	42	68
Inglez	3	20	23
Allemão	2	3	5
Logica	23	17	40
Rhetorica.....	18	21	39
Historia	20	16	36
Geometria	63	35	98
Introducção.....	57	48	105
Totaes.....	247	378	525

Os exames preparatorios feitos perante o jury universitario para a matricula nas faculdades academicas, no anno lectivo de 1855—1856, deram o seguinte resultado:

Disciplinas	APPROVADOS		*Reprovados*	*Totaes*
	Nemine Discrep.	*Simpliciter*		
Latim....	140	62	121	323
Grego....	22	11	1	34
Hebraico..	9	4	2	15
Allemão ..	2	»	»	2
Francez ..	198	»	62	260
Inglez....	6	»	»	6
Logica ...	114	52	37	203
Rhetorica	110	19	13	142
Historia ..	96	26	16	138
Geometria	102	57	62	221
Introduc.	39	17	12	68
Total....	838	248	326	1412

Os exames que se fizeram em outubro de 1855, e que com os de julho de 1856 formam este mappa, já foram publicados em separado a pag. 190 do 4.° volume d'este jornal.

O resultado dos exames preparatorios, no anno lectivo de 1856—1857, vê-se no mappa seguinte:

Exames preparatorios em outubro de 1856 e julho de 1857.

Disciplinas	*Nemine Discrep.*	*Simpliciter*	*Reprovados*	*Totaes*
Latinidad.	157	82	108	347
Grego....	18	16	4	38
Hebraico .	15	2	4	21
Allemão ..	2	»	»	2
Francez ..	204	»	88	292
Inglez....	15	»	»	15
Logica ...	130	39	42	211
Oratoria ..	115	27	15	157
Historia ..	109	28	10	147
Geometria	68	53	73	194
Introduc.	150	67	55	272
Total....	983	314	399	1696

A. J. T.

A NEERLANDIA E A VIDA HOLANDEZA.

Continuado de pag. 7.

Uma das erupções do mar de mais desastrosa memoria foi a que rebentou a 18 de novembro de 1421. Setenta aldêas estavam assentes sobre uma reunião d'ilhotas formadas pelas arêas do Meusa, e n'um momento as arêas foram substituidas pelo deserto das aguas. A maré despedaçou uma comporta ao pé de Wieldrecht, da qual apenas ficou o nome. Perderam-se irreparavelmente trinta e cinco aldêas, não se podendo descobrir d'ellas vestigio algum, exceptuando apenas uma torre velha, melancholica, solitaria, chamada a *casa de Merwed*. Foi necessario, mais tarde, para fixar os logares em que se permittia aos pescadores o lançar as suas redes, reconstruir, á força de conjecturas, o curso do riacho, o velho Maas, que anteriormente á inundação atravessava aquelle paiz. Procurar nas aguas o sitio em que passava a corrente de um rio, é na verdade uma figura sombria e biblica do diluvio! O sitio em que foram destruídas as aldêas tem ainda hoje o nome de *Biesbosch*, bosque dos juncos [1].

[1] Com estas evoluções do mar estão ligadas algumas chronicas locaes. Conta-se que um rapazinho d'uma das aldêas, sobre as quaes a inundação ia estender-se, vira saltar a cima da agua alguns peixes do mar. Surprehendido com este facto, divulgou-o, mas todos se riram. Elle porém, mais prudente, dicidiu-se a fugir; e poucos dias depois sobreveiu a catastrophe. Este rapazinho foi o unico, ou pelo menos, quasi o unico da aldêa que escapou. Infelizmente, accrescentam as tradições, que tornado homem, fizera máu uso da sua sagacidade; deitou-se a roubar, e morreu enforcado.

Quem tem visto a Haya conhece a aldêa de Scheveningue, onde vae dar uma das estradas mais agradaveis que existe no mundo. Scheveningue estava d'antes afastada do mar, e agora toca na praia. Em 1570 a metade da aldêa antiga sumiu-se debaixo das ondas. A egreja actual, cuja torre encantadora parece estar pedindo ao mar que a poupe, foi erguida no meio do areal em substituição d'outra, que se havia construido a dois mil passos mais longe para o interior da costa, no centro da aldêa antiga, e que foi depois destruida [1]. Em tempo mais remoto, para a banda de Katvijk, outra aldêa de pescadores, o mar, dentro de quinze annos, e isto no seculo XVII, fizera desapparecer vinte casas, e com ellas duas ruas, que debalde se procuraram depois. Mas abreviemos esta historia que se vae tornando longa. Aquelles que se persuadem que o nosso planeta tem de perecer por meio da agua, encontrarão nos tragicos annaes de Hollanda um ante-gosto das suas prophecias sinistras. É alli que o homem tem visto, de seculo em seculo, a terra a faltar-lhe debaixo dos pés; e os abysmos do Oceano a transcender por cima dos terrenos mais florescentes, e a varrel-os como a onda que aliza as arêas.

Não se faz nos auctores latinos menção alguma do golfo enorme, pelo que tem o mar até hoje penetrado tanto adiante pelos Paizes-Baixos. Antes, pelo contrario, algumas das suas narrações indicam que a Frisa se ligava então com a Hollanda pela terra firme. Existe uma carta de 1584, na qual o seu auctor, Abrahão Ortelius, reconstruiu, seguindo o testemunho dos historiadores, a antiga configuração do paiz anterior á existencia do Zuirdzée. Por alli se estendia uma vasta região, entrecortada de diversos lagos interiores, sendo d'elles o mais consideravel o lago Flevo (*Vlieland*), de que falla Tacito. Este lago, segundo Pomponio Mello, tinha sido formado pelas enchentes do Rheno. Era atravessado por um riacho do mesmo nome (*Flevum*), que tinha a sua embocadura no mar. Um dia o Oceano arremetteu, cavou um isthmo, e entrou pelo lago Flevo: com o reforço d'este auxiliar, não tardou o inimigo a avançar pelo interior do paiz. As invasões successivas, pelas quaes uma grande porção do territorio foi transformada 'numa bahia, começaram e acabaram com o seculo XIII. Documentos comprovados, as relações escriptas pelos habitantes das provincias visinhas, e as testemunhas contemporaneas do desastre, não deixam a menor dúvida sobre a formação recente do Zuirdzée. Foi em resultado dos movimentos reiterados do mar que ficou inundada uma extensão immensa das terras baixas. Em 1205, a ilha chamada agora Wieringen, ao sul do Texel, fazia ainda parte da terra firme; foi-se depois destacando por successivos diluvios, cujas datas são conhecidas; até que, a final em 1251, a separação tornou-se completa. Alentado com estes primeiros successos, o mar lançou-se sobre um isthmo rico e populoso, que se extendia ao norte do lago Flevo, entre Staveren na Frisa e Medenblick na Hollanda; pelo anno de 1282 toda esta região estava destruida. Não é possivel espraiar as vistas pelas costas do Zuirdzée, tão lindas no verão, e ás vezes tão placidas, sem pensar nas catastrophes que deram origem a este mar, e nas cidades florescentes que encontraram a sepultura nos abysmos das suas vagas.

Estas revoluções da natureza exerceram a sua influencia na historia politica dos Paizes-Baixos. Os destinos das cidades que ficam proximas das margens do golfo, foram modificadas em virtude das mudanças occorridas na geographia d'este paiz. A importancia d'Enkhuisen, de Medenblijk, de Hoorn, antigas metropoles da Frisa, quando o espaço occupado agora pelo Zuirdzée fazia ainda parte do continente, tem diminuido desde a formação da bahia. A esta decadencia, e aos acontecimentos que a trouxeram, é que se deve o ser hoje Amsterdão uma das principaes cidades do mundo, e um dos portos mais frequentados dos navios. Em geral os viajantes, que passam em Amsterdão, deixam de visitar Marken, Urkz Schokland; estas trez ilhas do Zuirdzée são os ultimos vestigios do continente que se alluiu. Todo aquelle, porém, que se entrega ao estudo dos paizes e dos povos deve emprehender esta viagem, que é ao mesmo tempo um curso de historia. Os habitantes d'estas trez ilhas, separadas da terra firme e como desmembradas umas apoz outras pelas terriveis inundações, tem permanecido nos diversos degráus da escala moral em que foram surprehendidos pelo cataclysmo. Viajar pelo Zuirdzée debaixo d'este ponto de vista, é voltar ao passado. Que pasmo não foi o nosso ao contemplar estes restos das raças antigas, surgindo do abysmo das aguas e do oceano das edades com os costumes, linguagem, tradições, trajos e figuras d'outros tempos! Foi para nós como uma apparição das sociedades antigas. Os Batavos e os Frisões primitivos não morreram; alli os encontrareis. 'Nestas ilhas, ultimos vestigios da terra firme, e nas costas vizinhas do Zuirdzée, fica-se surprehendido ao deparar com uma reunião estranha de feições particulares, de characteres physicos, e principalmente de trajos que em nenhuma outra parte se encontram junctos, e só em paizes differentes. Estas medalhas vivas attestam a origem d'antigas raças que conservaram o seu modo de viver, seus trabalhos habituaes, as suas maneiras, e a sua physionomia distincta. Por este modo

[1] Na occasião em que foi destruida, acabava de ser erigida em parochia, tendo por muito tempo antes sido simples capella.

tem-se debaixo dos olhos a prova material d'antigos diluvios, que deixaram por toda a parte, não sómente monumentos de destruição, mas ainda fósseis d'uma ordem nova, que para assim dizer, destacam na vida as formações sucessivas da historia. Á medida que nos vamos affastando do Zuirdzée, isto é, do theatro das antigas catastrophes, vemos desapparecer, pela maior parte, nos habitantes do interior do paiz, os characteres d'esta originalidade que nos surprehendêra. Os typos vão-se apagando desde que as communicações geographicas se restabelecem. Vê-se pois que o naufragio d'uma porção do continente isolou algumas populações da sociedade dos Paizes-Baixos, e destacando-as da terra firme, parece, para assim nos exprimirmos, que as petrificou nas fórmas diversas da civilisação antiga.

A formação tempestuosa do Zuirdzée parece ter sido a consequencia de desastres ainda mais antigos. Sempre ao norte da Hollanda, encontra-se uma serie d'ilhas engastadas no Oceano como as perolas d'um collar, cujo fio se rompeu. Estas ilhas são os ultimos relevos d'uma costa que servia antigamente de trincheira aos Paizes-Baixos; este amparo foi despedaçado e as suas ruinas dispersadas pelo mar do norte. O numero d'estas ilhas diminuiu quasi de um terço desde o tempo de Plinio, pois que este naturalista contava vinte e trez entre o Texel e o Eider, quando nós agora apenas contamos dezeseis. E cumpre accrescentar que estas ilhas não são mais do que as ruinas d'outra ruina. No anno 800, Heligoland, situada na embocadura do Elba, principiou a ser atormentada pelas vagas; nos annos 1300, 1500 e 1649, outras porções de terra foram abysmadas, até que por fim chegou o momento em que ficaram de pé estas unicas reliquias da ilha originária. Um rochedo de marne vermelho, quasi da altura de duzentos pés, eis o que sobrenada ao desastre, como um d'esses grandes carvalhos que sobrevive ás florestas desapparecidas.

Cumpre porém, para sermos justos com o Oceano, que ponhamos em frente d'esta lista sombria de cidades destruidas ou abysmadas, de aldêas perdidas, de regiões annulladas, o quadro mais consolador das restituições do mar. Ás grandes destruições de terras succede quasi sempre a reacção 'numa certa escala. Entre Anvers e Nieuport alastra-se uma região baixa que, no tempo dos Romanos, comprehendia bosques, pantanos, turfeiras, e que era protegida contra o Oceano por uma cadêa de dunas; no seculo V esta cadêa cedeu ao furor das tempestades. De mar que era, antes da invasão das aguas, esta região tornou-se em terra firme, e 'nella assentou uma população bastante numerosa. Verdade é, que esta mudança foi devida, ao menos em parte, á industria e perseverança dos habitantes, que souberam aproveitar os bancos d'arêa depositados pelo mar, para recuperar, quasi palmo a palmo, o solo que o mar havia roubado. O mesmo facto se reproduziu no *Biesbosch;* tambem alli as aguas restituiram uma parte das terras que haviam engulido. O assento das aldêas submergidas é indicado actualmente pelos terrenos d'alluvião que sobre ellas se vão elevando pouco a pouco. Campos immensos, onde crescem já abundantes searas de grãos, têm, para assim dizer, feito esquecer que alli existia o mar. A vista d'estes terrenos cubertos antigamente pelas aguas, e hoje renascentes, é um dos espectaculos mais proprios para nos manifestar os caminhos, que a natureza segue para crear por meio da destruição. As aguas, transbordando com furia, vão com o tempo depositando, sobre o theatro da inundação, o contrapeso das suas conquistas e das suas violencias. Pelo movimento natural das cousas, formam-se de seculo em seculo bancos d'arêa, que vêm por fim a ser cobertos de um lodo fertil: e por este theor a terra, invadida, conquistada, engulida, torna por fim a elevar-se, e se fortifica de alguma maneira contra os seus destroços.

Interessante, quando se encara pelo lado da geographia e da historia, a formação da Hollanda não o é menos pelo lado da geologia philosophica. Por mais de uma vez tem sido objecto de indagações dos sabios, resolver, se acaso as leis em actividade sobre o globo, durante a epocha em que o nosso planeta se achava em embryão, differiam muito das que actualmente determinam a economia da natureza. A solução d'esta questão acha-se talvez na historia physica, ou, se assim nos podemos exprimir, na genese da Hollanda. Não ha dois systemas na natureza, não ha uma geologia morta, e uma geologia viva; por toda a parte em que obraram nas edades mais afastadas do globo as causas neptuninas, haviam de obrar forçosamente pelo mesmo modo com que tem operado sobre o solo dos Paizes-Baixos desde os tempos historicos. O duelo entre a terra e o mar, que nas cosmogonias antigas representa um papel tão importante, prolonga-se aqui e leva ás mesmas consequencias,—diluvios, catastrophes e mudanças na configuração do delta. O Oceano retira-se de umas costas para occupar outras, restituindo algumas vezes o que tinha roubado, e apanhando de novo o que largára, sem que a lei d'estes movimentos seja ainda completamente conhecida. N'este ponto de vista, a historia geographica da Hollanda, é, ao menos em parte, o segredo da creação revelado. A totalidade dos acontecimentos, aos quaes o solo neerlandez deve a sua origem, e as variações por que tem passado, põem-nos com effeito em bom caminho, para avaliar as

causas que têm modificado por muitas vezes, e podem modificar ainda a constituição physica do nosso globo.

Alguns factos recentes provam que o Oceano não renunciou por ora as suas pretenções sobre a Hollanda. Em 4 de fevereiro de 1825 o mar elevou-se; e as suas aguas correram para o Over-Issel, para a Frisa, para a Nort-Hollanda e para Gueldre. Esta chêa gigantesca, foi, é verdade, de pouca duração; retirou-se com o refluxo, mas deixando atraz de si o sentimento do perigo que tinham corrido os Paizes-Baixos. Á vista d'este paiz, ameaçado pelos rios, sacudido das tempestades, carregado com todo o peso das marés, deveria temer-se, com razão, pelo solo de Hollanda, pelas suas riquezas, e diremos até pela sua propria existencia, se 'nesta luta não interviesse um agente de nova ordem, uma força moral capaz de fazer contrapezo ás forças cegas da destruição. Esta força existe: temos visto até aqui o trabalho da natureza; resta-nos fallar das mudanças que a mão do homem tem introduzido na fórma geographica dos Paizes-Baixos.

Continúa.

MEMORIA HISTORICA

DO

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO,

DE MONJAS DA ORDEM DE CISTER

DA CIDADE DE PORTALEGRE.

I.

Simão de Mello, natural de Evora, foi filho de Garcia de Mello, alcaide mór de Serpa e de D. Felippa Pereira da Silva, ambos da principal nobreza d'estes reinos [1].

Findos seus primeiros estudos, sentiu-se propenso ao estado ecclesiastico, e, para lograr 'nelle dignidade, que correspondesse ao lustre de seu sangue, dirigiu-se a Roma a sollicital-a [2].

[1] D. Jorge de Mello, irmão de Simão de Mello, foi monteiro mór d'El-Rei D. João III, e Henrique de Mello, o primogenito, foi alcaide mór de Serpa, e ascendente dos porteiros mores. Seu pae era sobrinho direito de Martim Affonso de Mello, alcaide mór de Olivença, e senhor de Ferreira; de sorte que do seu sangue, e da sua casa são ramos os nobilissimos Mellos da casa de Ferreira, hoje os duques de Cadaval, os Mellos do monteiro mór, e a casa do porteiro mór.

Fr. Manuel dos Santos — Alcobaça illustrada — tit. XII — pag. 317.

[2] Assevera o licenceado Jorge Cardoso (*Agi logio Lusitano* — tom. I. pag. 435), que Simão de Mello vivêra disfarçado em Roma, para onde fôra na flor dos annos, servindo muitos o cardeal D. Jorge da Costa, sem se lhe dar a conhecer. Não acreditamos o facto; porque, não mostrando a conveniencia do incognito, mal quadrava aos altivos espiritos da reconhecida fidalguia de Simão de Mello o *baixo e degradante* estado de servidão, a que, espontaneamente, se reduzira. Seguimos, 'nesta parte, a Fr. Manuel dos Santos na *Alcobaça Illustrada* — l. cit.

Encontrou benigno acolhimento no cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa, seu compatriota, que não só o recommendou á benevolencia do Pontifice, de quem era valido, mas lhe cedeu a opulenta abbadia de Alcobaça, de que era commendatario.

E foi, 'nessa época, em obsequio a tão generoso protector, que Simão de Mello renunciou ao nome do baptismo, tomando o do novo padrinho.

Cursava D. Jorge de Mello a côrte, exercendo o cargo de esmoler mór, annexo á sua dignidade, e, quando El-Rei D. Manuel lh'o requeria, dava, tambem, sobre os negocios o conselho, que havia por mais adequado.

Escutava-a sempre com benevolencia o monarcha, e não sómente approvava, em particular, as disposições, que lhe insinava, mas até, alguma vez, chegou a romper, em público, alvarás, em que estas disposições se contrariavam, recusando assignal-os.

Mal soffriam os cortezãos tão notorio valimento, e mais odiosa lhes era ainda a nobre ousadia, com que o esmoler mór os affrontava, embargando-lhes o despacho de pretenções injustas e desarrasoadas.

Devia grangear-lhe, e, de feito, lhe grangeou poderósos, e implacaveis inimigos tão exempto e leal proceder.

Para o indispôr com El-Rei, facil lhes foi levantar pretexto coloreado, e dando, por ventura, maior vulto aos defeitos reaes, com que o notavam, acoimaram-no ainda de outros ficticios, mais reprehensiveis, e execrados.

É certo, que, ao cabo de um anno, conseguiram *deitarem-no d'alli, por dizer a verdade.*

Com estas palavras magoadas, dez annos depois da morte de D. Manuel, se queixava D. Jorge de Mello de tal procedimento a El-Rei D. João III [1].

Cremos, que esta desgraça (tão inconstante é o favor dos reis), não só o empenho de estabelecer condignamente o cardeal infante, levara D. Manuel, em 1519 [2], a instal-o pela permuta, com D. Affonso [3], da abbadia de Alcobaça pelo bispado da Guarda.

Acceitou, violentado, a nova dignidade,

[1] Constam estas particularidades de uma carta de D. Jorge de Mello para El-Rei D. João III sobre os foraes do couto de Alcobaça, e outros assumptos, transcripta nas *Provas, e Addições da Historia Chronologica e Critica* d'aquella real abbadia por Fr. Fortunato de S. Boaventura.

[2] Carvalho (*Corografia Portugueza* — tom. II — pag. 343) diz, que D. Jorge de Mello foi confirmado bispo da Guarda em 1517; Fr. Fortunato de S. Boaventura (*Historia Chronologica e Critica da real abbadia de Alcobaça* — pag. 151) assevéra, que o fôra em 1518; Fonseca (*Evora Gloriosa* — pag. 324), e Fr. Manuel dos Santos (*Alcobaça Illustrada* — tit. XII), decidem-se por 1519.

[3] Foi filho d'El-Rei D. Manuel, e da Rainha D. Maria. Nasceu em Evora aos 23 dias de abril de 1509. A este principe mandou o Papa Leão decimo o capello de cardeal no anno M. D. XVI com o titulo de bispo Zagitano. *Damião de Góes* — Chronica d'El-Rei D. Manuel — Part. II. cap. XLII.

que jamais exerceu na sua cathedral, fixando a residencia em Portalegre, que, então, pertencia áquella diocese [1].

II.

Começou logo a entender na execução do projecto de fundar, nas vizinhanças d'esta cidade, um mosteiro de Monjas da ordem de S. Bernardo, onde expiasse, entregue á penitencia, os delictos de uma juventude desregrada.

Quer-nos parecer, que tamanha quéda da fortuna, trazendo-lhe cabal desengano da caducidade das cousas da terra, seria parte, com os proprios remorsos, para lhe afervorar os dezejos de se entregar, de todo, ás do céu.

Em verdade na soltura de costumes, commum, por desgraça, 'naquella edade [2], nenhum tento ou recato guardou D. Jorge [3]; é, todavia, forçoso confessar, que, depois de entrado em annos, para reparação de tamanhos escandalos, tambem não poupou diligencias, como veremos.

Em quanto o bispo D. Jorge cuidava em erigir um monumento, que recordasse ás gerações futuras a sua piedade, empenhava-se D. Helena de Mesquita, cumplice de seus desvarios, que o acompanhara 'neste quasi desterro, em perpetuar o nome de seu filho D. Antonio de Mello, já então legitimado por El-Rei D. João III, e fidalgo de sua casa, vinculando-lhe grossos cabedaes [4].

É de presumir, que D. Jorge tambem se não esquecesse de que era pae, para promover o estabelecimento d'este filho, como o fez a respeito dos outros dous, D. Bernardo de Mello, e D. Joanna de Mello [5]; nenhumas memorias, porém, nos restam, que positivamente o attestem [6].

[1] Foi tanta a magoa de D. Jorge de Mello, diz Cardoso (*Agiolog. Lusit.* 1. cit.) pela forçada renúncia da abbadia de Alcobaça, que nunca entrou na Guarda; e accrescenta Carvalho (*Corografia portugueza* — tom. 2, pag. 343), que dizia, *que não havia de ir a terra onde matavam os bispos*. Effectivamente havia sido assassinado o seu predecessor D. Alvaro Chaves.

[2] Vide *Reflexões Historicas* pelo conselheiro João Pedro Ribeiro — parte 1.ª — n.º 17.

[3] « Nem os proprios Cistercienses disfarçam, que existia defronte do mosteiro (*de Alcobaça*) uma D. Ignez de Mesquita (*Helena de Mesquita aliás*), com quem o abbade (*D. Jorge de Mello*) tinha commercio illicito, e de que procedeu ter nada menos de trez filhos naturaes. » Fr. Fortunato de S. Boaventura — *Historia Chronologica e Critica da real abbadia de Alcobaça* — cap. IV, pag. 151.

[4] É datado o instrumento de instituição de morgado de 15 de novembro de 1522.

[5] D. Bernardo de Mello foi prior da parochial egreja de S. Pedro de Penamacor, e da de Teixeira, ambas do bispado da Guarda. D. Joanna de Mello foi abbadessa perpetua do mosteiro de S. Bernardo de Portalegre, principiando a exercer o cargo ainda em tempo de seu pae.

[6] Dos documentos do archivo do mosteiro, que tivemos presentes para a organisação d'esta memoria, nada consta a este respeito; achámos, porém, na *Gazeta dos Tribunaes* — n.º 220 — 1843 — o seguinte, sob a epigrafe — *Bastardos, em que se fizeram casas, e outros que as fundaram:* « D. George de Mello, bispo da Guarda, teve bastardo D. Antonio de Mello, Avô por varonia dos Mellos dos Paulistas e rua de Sancto Antonio em Lisboa. »

III.

Determinára, a principio, edificar o mosteiro nas célebres ruinas da antiga Medrobriga, mais conhecida hoje pelo nome de Aremenha [1]; desistiu, porém, do intento, pela insalubridade d'este formoso valle. Humido, e mal ventilado, cercavam-n'o, por todos os lados, asperas serras, avultando entre ellas o Herminio Menor [2].

Parece, que no logar denominado Provencia, e pelos antigos Valle de Flores, a distancia uma legua da cidade para o norte, chegára tambem a lançar os fundamentos ao novo edificio; mas razões eguaes ás que o dissuadiram da fundação em Aremenha, o obrigaram a desistir da obra na Provencia [3].

Assentou-a, definitivamente, no alto da Fontedeira, onde permanece ao presente, sitio agradavel, sadio, proximo da cidade, e doado, generosamente, para esse fim, pela camara municipal.

Continúa. F. A. R. DE GUSMÃO.

[1] *L. Andr. Resendii — de antiquitatibus Lusitaniae — L.* 1. *Dialogos de D. Fr. Amador Arrais — Dialogo Quarto — cap. X. — Descripção de Portugal por Duarte Nunes de Leão — cap. IX pag.* 54 *e* 55. — *Mappa de Portugal pelo padre João Baptista de Castro — parte* 1.ª — *cap.* 11, pag. 29.

[2] Os nossos antigos chamavam á Serra de Estrella *Monte Herminio Maior*, e á Serra de Marvão *Monte Herminio Menor. Vide L. Andr. Resendii etc. l. cit.*

[3] Na Provencia residia D. Helena de Mesquita ao tempo, em que se lavrou o instrumento, a que acima nos referimos.

NOTICIARIO.

Novo planeta. — M. Pogson d'Oxford, observou a 16 d'agosto um pequeno planeta da 11.ª ou 12.ª grandeza, que é talvez novo, mas que entende não dever ainda annunciar como tal, porque julga possivel, que este seja o planeta Daphne (41.º) descoberto por M. Goldschmidt a 22 de maio de 1856, e hoje perdido.

Se o astro observado não é Daphne, será um pequeno planeta de mais a junctar aos 45 hoje conhecidos, que circulam entre Marte e Jupiter.

Platanos. — M. Belloc, director do jardim botanico de Metz, enviou á academia das sciencias de Paris uma memoria sobre os platanos do Oriente e Occidente. A primeira d'estas arvores, originaria da Asia e da Grecia, importada depois pela Italia e pela França, foi submettida a um estudo cuidadoso pelo auctor. É sabido que esta arvore perde

todos os annos a casca, que cae em pedaços sobre a terra. M. Belloc fez a analyse d'esta casca, a fim de examinar se ella tinha algum valor para estrumar as terras. Achou que continha: 1.° uma materia amarella côr de palha; 2.° uma materia adstringente muito analoga ao chá, e que poderia talvez substituir a bebida chineza; 3.° fazendo-a ferver em agua, obteve uma dissolução escura, que pinta a seda da mesma côr amarella; 4.° esta dissolução evaporada deixa um extracto gommoso de côr escura que, tratado pelo acido chlorhydrico, dá cristaes brancos e opacos, dos quaes se póde extrair um principio novo, um alcaloide, ao qual o auctor deu o nome de *platinimia*. Este principio é muito pouco soluvel na agua, mas forma saes soluveis com os acidos azotico e sulphurico.

Nova explicação da surdez.— M. Beaudrimont diz 'numa carta dirigida á academia das sciencias de Paris o seguinte:

« É sabido que, fazendo-se vibrar um copo de vidro cheio d'agua, não se ouve o mesmo som que quando elle está vazio; a sonoridade é entretanto a mesma. Se no seio do liquido se desenvolve ao mesmo tempo um gaz, por exemplo o acido carbonico; a sonoridade é pelo contrario modificada, e cada vez mais sumida. Este phenomeno é devido, segundo o auctor, a que o gaz, interpondo-se entre as moleculas do liquido, e entre o liquido e os bordos do copo, produz uma falta de homogeneidade do meio, em que se executam as vibrações. Assim um copo cheio de oleo puro, ou d'agua pura, goza d'uma egual sonoridade; mas se se misturam estes dois liquidos, como então o meio não é homogeneo, a sonoridade é consideravelmente modificada.

Applicando estas considerações á constituição do ouvido, facilmente se vê que, se com o liquido da parte interna d'elle, se achar misturado um outro liquido, ou um gaz, a surdez mais ou menos completa será necessariamente a consequencia, por que os raios sonoros não poderão mais propagar-se, como no meio homogeneo primitivo. »

Marmore onyx.—Todos admiraram, diz o *Cosmos*, as bellas amostras de marmore onyx da provincia d'Oran, que faziam parte da exposição d'Algeria. Segundo M. Roy, são depositos recentes devidos a fontes thermaes interiores carregadas d'acido carbonico, como ainda ha muitas em todo o paiz. O deposito calcareo formado pela precipitação e concentração do liquido é primeiramente opaco e de estructura muito irregular; mas augmentando a quantidade d'acido carbonico, e tornando-se mais poderosa a influencia da evaporação á medida, que o liquido se evapora da superficie, o deposito passa ao estado translucido. M. Roy affirma que a natureza do deposito accusa d'uma maneira notavel não sómente a influencia das estações alternativamente quentes e frias, mas ainda a mudança do dia e da noite.

Pedaços d'este marmore quebrado, submettidos mais tarde á acção da lavagem dos marmores pelas aguas das fontes thermaes, soldaram-se naturalmente: imitando a natureza e pondo em jogo esta mesma acção das aguas thermaes, M. Roy espera chegar a soldar artificialmente pedaços destacados d'onyx, formando assim cogulos de marmore maiores, que os que possuiram os povos antigos.

Bellos effeitos da miragem.— A 7 de julho ás nove horas do noite, escreve M. Legrip á *La Science*, dois individuos de Chambon achavam-se sobre um ponto elevado, ao oeste d'esta pequena cidade. A lua cheia levantava-se por baixo d'uma pequena nuvem; a sua côr era d'um amarello-avermelhado vivo. Apenas o astro se achava acima do horisonte, os dois viajantes perceberam no ar, e quasi na altura da lua, um homem de vestia e de chapéu, trazendo ao hombro esquerdo um páu, e pendurada 'nelle uma trouxa. O homem caminhava por uma larga estrada; os viajantes viram-no passar deante da lua, e desapparecer 'num momento.

A lua encubriu-se um instante, e logo que passou a nuvem, um outro quadro se offereceu aos olhos dos dois observadores; não foi um homem, mas uma vasta extensão d'agua, uma especie de lago cercado de pastagens, de prados, d'arbustos, e d'arvores.

M. Legrip vê 'nestas apparições bellos effeitos da miragem, ou antes de reflexões extraordinarias.

Cura da hydrophobia.—Diz *La Science*, jornal scientifico de Paris, que um medico ou proprietario da aldêa Pekletz, districto de Riagsk na Russia, M. Levachoff, possue um methodo infallivel para a cura da hydrophobia. O primeiro cuidado do medico é provocar o accesso da molestia, apertando com força o membro mordido. O doente então sente-se desfallecer, perde os sentidos pouco a pouco, um sentimento de tristeza, d'inquietação, de medo, se apodéra d'elle, e vae continuadamente augmentando; succedem-se depois as nauseas, e em seguida a aniquillação completa de toda a intelligencia, sobrevindo o delirio, no qual o doente com os olhos espantados cospe sobre todos os que se approximam d'elle.

Quando por esta primeira prova o medico se assegura da presença do virus hydrophobico, começa o tractamento, que consiste em pilulas, e em um pó feito de plantas, cujo segredo passa do pae ao filho, na familia. Depois da primeira pilula o doente dorme por espaço de 4 horas e meia: accorda com pleno

conhecimento de si, sente uma ligeira transpiração, e pede uma nova doze do medicamento. Tudo termina em geral depois da 4.ª pilula; mas desde a primeira a cura está segura. Os accessos não apparecem mais, a tristeza cessou, todas as funcções se exercem como no estado de saúde. Devemos dizer para gloria d'este medico, que nunca acceita cousa alguma aos doentes que cura; cada um d'elles fica com a liberdade de fazer, querendo, um donativo á Egreja de Pekletz.

O numero dos doentes atacados da hydrophobia, e curados por M. Lavachoff, elevava-se em 5 de março de 1857 a 1791.

Morte occasionada pelo emprego da amylena.— Em 30 de julho d'este anno, diz o *Cosmos*, M. Snow administrava a amylena a um individuo de 24 annos, baixo mas robusto, para lhe fazer a operação d'um pequeno tumor no dorso. No fim de dois minutos, o doente perdeu os sentidos; ia-se começar a operação quando elle soltou uma gargalhada de loucura, que durou perto d'um minuto, durante a qual custou muito a segurar. Quando ficou socegado, posto que não tendo recuperado os sentidos, administrou-se-lhe ainda outra dóze de amylena; o doente tinha a cara virada para a mesa, e apoiada sobre os cotovellos e sobre os joelhos.

Começou-se a operação: mas antes que se tivesse concluido a sutura, os membros do doente affrouxaram, a respiração, ainda que bastante livre, tornou-se estertorosa; o pulso tinha quasi desapparecido. Viraram-no de costas, a face estava já livida e a respiração era difficil; aspiraram-lhe ar, bafejando-o; recorreram ao methodo de respiração artificial do dr. Marshall-Hall; excitaram-lhe commoções magnetico-electricas na região do coração, o qual se julgou ouvir bater um instante, ao mesmo tempo que a respiração parecia ainda regular; mas tudo foi inutil, foi impossivel tornar o doente á vida; morreu.

M. Snow attribue esta morte subita a uma acção directa da amylena sobre os musculos e os nervos do coração, sem que houvesse asphyxia: outros medicos serão sem dúvida de parecer contrario. A verdade é que o agente anesthesico produziu mais uma vez a morte, e em um caso em que nada levava a suppôr um tão triste resultado, que talvez seja devido ao doente fazer uma ou duas inspirações mais energicas do que devia ser. « O ar respirado, diz M. Snow, não deve conter mais de 15 por cento do vapor da amylema, como não deve conter mais que 5 por cento do vapor do chloroformio; se a amylena fosse administrada em quantidade determinada em um vaso de capacidade conhecida, não aconteceria accidente algum; mas eu julgava que o processo que tinha tão bem empregado com o cloroformio, teria egual successo com a amylena, e que não havia utilidade alguma em administrar o novo anesthesico, d'uma maneira, difficil e embaraçada, quando tal cautella se não tinha com o agente anesthesico, habitualmente empregado. » É um erro e um erro deploravel, que practicamente vem demonstrar a excellencia do methodo e apparelho de M. Heurteloup. Todo e qualquer agente anesthesico não deve ser administrado senão pelo nariz, ao mesmo tempo que pela bôcca se respira um ar inteiramente puro, e os vapores anesthesicos se desfazem na atmosphera.

Exposição da industria na Suissa.— Abriu-se a 27 de junho ultimo a terceira exposição da industria suissa, na ordem chronologica, mas a primeira que tem havido na confederação helvetica, pelas proporções grandiosas que assumiu.

A exposição comprehendeu todos os ramos de producção nacional, figurando, a par da industria fabril, a agricultura, a litteratura, e bellas artes.

Na secção da industria contaram-se 2:050 expositores, e 20:000 productos. Nas bellas artes, 158 expositores e 277 productos. Na secção litteraria, 103 expositores, tanto auctores como editores, e 8:000 obras, pouco mais ou menos.

A exposição agricola só terá logar de 1 a 10 d'outubro.

Vestidos que não se inflammam. — O *Medical Times* indica um meio facil de prevenir os numerosos accidentes que resultam da communicação do fogo aos vestidos das senhoras. Consiste em os ensopar em uma dissolução de chlorureto de zinco diluido d'agua; a mais fina cambraia assim preparada, submettida á acção do fogo, reduz-se a cinzas, sem dar a menor chamma.

Phosphoros. — O fabrico dos palitos e pavios phosphoricos faz-se na Austria em maior escala, do que em qualquer outro paiz. Em 1852 exportou a Austria 1.237:000 kilogrammas, no valor de 2 milhões de *francos*.

Póde avaliar-se em 5 milhões de *francos* o producto annual das fabricas austriacas.

Trez estabelecimantos dedicados exclusivamente a esta industria, em Vienna, occupam mais de 6:000 operarios. Só uma d'estas fabricas, a de M. Preschel, produz annualmente 5.350:000 caixas de 50 maços a 100 peças cada um, ou perto de 27 mil milhões de phosphoros!

A Suecia possue tambem uma das maiores fabricas que se conhecem. A producção diaria d'este estabelecimento é de 8 milhões de palitos phosphoricos!

Na França e Inglaterra contam-se alguns estabelecimentos importantes, e alguns pro-

gressos tem feito esta industria, mas estão muito longe dos da Austria.

População de Paris.— A estatistica geral de França dá em 1801, 547:756 habitantes á população de Paris intra-muros; em 1806, 580:009. O recenseamento feito em 1817 deu um resultado, 713:956 habitantes fazendo-se sómente novo recenseamento em 1826. Desde esta epocha, procede-se a esta operação, em França, de cinco em cinco annos.

Eis o que dá a estatistica até 1851:

1826, 890:905 — 1831, 774:348 — 1836, 909:126 — 1841, 935:261 — 1846, 1:053:997 1851, 1.053:262.

Vê-se, por tanto, que em 50 annos, a população de Paris quasi que duplicou.

Sociedades de soccorros mutuos.— Em França, o numero d'estas sociedades, que no fim de 1852 era de 2:438, subiu no fim de 1856 a 3:404. O numero de socios na primeira epocha era de 271:077, sendo 21:635 honorarios, e na segunda, de 426:463, contando-se 47:281 honorarios. Os fundos de todas estas sociedades eram em 31 de dezembro de 1852, 10:714:877 *francos*, e em 31 de dezembro de 1856, 16:532:310 *francos*.

Alem do estado prospero, que estas sociedades offerecem em geral, nota-se grande affluencia de mulheres a inscrever-se socias. Em 1852 contavam-se somente 26:181 mulheres, e em 1856 já haviam 47:982.

RELAÇÃO

Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrucção pública desde o dia 15 de d'abril até ao fim de maio ultimo, por despachos do conselho superior d'instrucção pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.

Antonio d'Abreu, para professor temporario da cadeira da Ponte da Barca, districto de Viana.

Domingos Fernandes Ramos, para dicto de S. Salvador de Covas,

Joaquim Maria da Silva Barreto, para dicto de Alcochete, districto de Lisboa.

José Antonio de Sousa, para dicto de Lumiares, districto de Viseu.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Cypriano José Lamego, para professor temporario da cadeira de Collos, districto de Beja.

Domingos Antonio Soeiro, para professor substituto da cadeira da Moita, districto de Lisboa.

João Cardoso da Silva, para professor temporario da cadeira de Penha Longa. districto do Porto.

Manuel José Antunes, para dicto de Monte Alegre com assento em Villa da Ponte, districto de Villa Real.

Manuel Maria de Sousa Pinto, para dicto de Longroiva, districto da Guarda.

Manuel Pereira da Cruz, para dicto de S. Mamede de Riba-Tua, districto de Villa Real.

Miguel Homem Corte Real, para dicto de Ranhados, districto da Guarda.

Alvaro José dos Sanctos Claro, para dicto de Aguas Frias, districto de Villa Real.

Domingos Frederico d'Aquino e Sousa, para dicto da Azinhaga com assento na freguezia do Olival, districto de Santarem.

Francisco José Nogueira, para dicto de Budens, districto de Faro.

João Manuel de Sousa Ferreira de Magalhães, para dicto do logar do Pico, freguezia de S. Gens, districto de Braga.

Manuel Cardoso de Figueiredo Nogueira, para dicto de Quiaios, districto de Coimbra.

Bernardo José de Loureiro, para dicto de Silves, districto de Faro.

José Corrêa d'Aguilhar, para dicto de Podentes, districto de Coimbra.

José Henriques Frazão, para dicto de Coimbrão, districto de Leiria.

Manuel Pedro Machado, para dicto de Chelleiras, districto de Lisboa.

Antonio Manuel Domingues, para dicto d'Ervidel, districto de Beja.

José Joaquim Gomes, para dicto da freguezia de Salto, districto de Villa Real.

Manuel Lopes, para dicto de Castello Mendo, dirtricto da Guarda.

Francisco Antonio d'Oliveira Pires, para dicto de Val Salgueiro, districto de Bragança.

Francisco Maria Monteiro, para dicto de Lavre, com exercicio em Evora.

João José Pereira, para dicto de S. Miguel de Milharado, districto de Lisboa.

José Antonio do Rego, para dicto de S. Marcos do Campo, districto d'Evora.

José da Costa Menna, para dicto do Tramagal, districto de Santarem.

Manuel Nunes, para dicto do Rocio ao Sul do Tejo.

Godinha das Neves Pereira de Castro, para mestra temporaria da cadeira de Arcos de Val de Vez, districto de Viana.

Maria Augusta d'Almeida Falcão, para dicta de Ponte de Lima, districto de Vianna.

Anna da Conceição da Silva Borges, para dicta de Torres Novas, districto de Santarem.

Bernarda Emilia, para dicta da Villa da Lagoa, districto de Ponta Delgada.

Maria d'Assumpção, para dicta de Thomar, districto de Santarem.

Maria Ludovina Moraes, para dicta do Crato, districto de Portalegre.

Joaquim José de Oliveira, para professor vitalicio da cadeira de Ançã, districto de Coimbra, por decreto de 27 d'abril ultimo.

João Neves Duarte, para dicto de S. João d'Arêas, districto de Viseu, por decreto de 21 dicto.

Balbina Henriqueta de Passos, para mestra vitalicia da cadeira de meninas da freguezia de Sancta Engracia de Lisboa.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Antonio Manuel Rodrigues, para o logar de porteiro do lyceu nacional de Bragança, por decreto de 6 de maio ultimo.

João José Ferreira Simões de Mólle, para professor temporario da cadeira de latim de Pombal, districto de Leiria, por portaria de 5 de maio ultimo.

José de Mattos Custodio, para professor vitalicio da cadeira de latim d'Elvas, por decreto de 12 de maio ultimo.

José Joaquim Nepomuceno Arsejas para o logar de porteiro da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por decreto de 19 de maio ultimo.

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

José Ernesto de Carvalho e Rego para lente de Prima e decano da faculdade de theologia, por decreto de 27 de abril ultimo.

Joaquim Cardoso d'Araujo para lente cathedratico da mesma faculdade, por decreto de 22 de maio ultimo.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

RELATORIO

Do commissario dos estudos do districto administrativo de Lisboa, em 31 de dezembro de 1856.

Continuado de pag. 141.

CAPITULO II.

De como deve ser creada uma cadeira de grammatica e lingua portugueza no lyceu nacional de Lisboa.

Ha cousas, que muito abreviada reflexão nos põe com evidencia aos olhos, e todavia não se tomam em nenhuma conta, senão depois que o reclamar da experiencia fórça a observação a advertil-as. Parece estranho isto, mas succede assim na realidade, e acaso na maxima parte do que muito devia importar-nos. O objecto d'este capitulo seria mais uma prova da minha asserção, se por ventura ainda carecesse de ser confirmada. É conhecida, e todos confessam a necessidade não só do estudo, e cabal conhecimento das linguas antigas e modernas, mas tambem que se faça aquelle estudo, e adquira tal conhecimento no mais curto prazo de tempo. Criam-se cadeiras, convidam-se professores, estabelecem-se programmas, subjeitam-se os alumnos a exames, que se recommendam e querem muito averiguados e escrupulosos; e comtudo falta-se ao que levissima reflexão teria demonstrado ser condição indispensavel para que não se torne quasi em pura perda todo o trabalho e toda a despesa com este motivo feita; e para que, pelo menos, o estudo das linguas se facilite, se aperfeiçôe, e obtenha com segurança os resultados, que se pretendem. Mas a experiencia veiu desenganar até os menos dispostos a prestar-lhe doceis ouvidos: constrangeu-os, desilludiu-os; e já hoje não ha quem entenda nos estudos linguisticos, que não declare de absoluta necessidade a creação de uma cadeira no lyceu de Lisboa (e em todos os lyceus do reino), que tenha por objecto exclusivo o ensino largo e sufficientemente desenvolvido da grammatica e lingua portugueza, que, completando o curso dos estudos secundarios, sirva ao mesmo tempo de preparatorio obrigado ao estudo de todas as outras linguas. Este facto, que a experiencia funda irresistivelmente, a reflexão desde muito o devia ter achado; pois que só por elle póde explicar-se o pouco progresso do maior numero dos alumnos das varias aulas de linguas, e as notaveis imperfeições, muito para lastimar, até d'aquelles que, tendo satisfeito com sufficiencia ás condições do exame, poderam conseguir ser approvados. Ignoram, geralmente, a indole da lingua portugueza, não só com relação ás especialidades da sua construcção grammatical, mas tambem no que respeita á conveniente applicação das regras geraes, a que está subordinada, e que propriamente a caracterisam. Além d'isto não alcançam a bem distinguir as differenças da significação, e a energia ou relativa ou absoluta dos vocabulos; não apreciam quanto é preciso á força dos idiotismos, desconhecem os segredos da elocução, as delicadezas da synonymia são-lhes estranhas; em uma palavra quasi que para elles é mysterio a verdadeira indole da lingua materna, e por conseguinte acham-se na impossibilidade de substituir com exacção, quer fallando, quer escrevendo, á lingua que estudam, a propria lingua. E como seria d'outra sorte? O maior numero dos alumnos das aulas de linguas vão alli matricular-se, tendo concluido apenas o estudo da instrucção primaria, estudo que, por nimiamente sobrecarregado, pela edade, em que é feito, e por outras razões conhecidas, e que por isso mesmo não especificarei agora, deixa sempre muito a desejar. Falhos na base, como poderiam edificar avantajadamente? É impossivel. É certo que alguns alumnos, por ventura muitos, preparam-se para o estudo das demais linguas com o da grammatica latina; mas nem são os mais, nem que o fossem, o conhecimento superficial da grammatica latina preenche de modo completo o que requer, para ser com perfeição comprehendida, a lingua portugueza, embora filha d'aquella, porem não identica, antes a vezes diversa, a vezes opposta, e não raro, essencialmente modificada. Entretanto prova a experiencia, que os alumnos das aulas de linguas, que só começam a aprendêl-as, obtido previamente o conhecimento da grammatica latina, fazem muito maiores progressos, e levam a todos os outros seus condiscipulos vantagem indispu-

tavel: e de tal fórma que, só dos que se lhes applicam depois de terem terminado com aproveitamento e approvação merecida, um curso regular de grammatica latina, é permittido esperar que possam adquirir no praso tão breve, que lhe está designado, conhecimento sufficiente da lingua, que estudam, para que a approvação, obtida nos exames annuaes, tenha alguma significação valiosa. É obvio que, explicando-me d'esta sorte, proponho a creação de uma cadeira distincta da de que trata o art. 47 do decr. de 20 de setembro de 1844: esta limita-se ao ensino arido das regras, mais ou menos genericas da grammatica portugueza, em quanto aquella, cuja creação tenho a honra de propôr, deve comprehender o ensino propriamente dicto, da lingua portugueza, ensino, a que não póde dedicar-se professor da 1.ª cadeira por cumprir-lhe ter peculiar attenção ao ensino da theoria e práctica da grammatica latina. Lembrar-se-hia acaso alguem de sustentar, que o professor da 1.ª cadeira facilmente obteria o que pretendo, mediante o ensino comparado das duas linguas? Não nos illudamos: deixemos á parte essa theoria, que póde deslumbrar a muitos, mas não póde satisfazer aos homens reflectidos. Supponhamos que todos os professores possuem fundamentalmente as duas linguas, como é necessario, para que o ensino comparado, que se aconselha, possa ser qual convem, afim de que o seu resultado satisfaça ao que se deseja. Ainda mesmo 'nesta hypothese, que nem todos concederiam sem difficuldade, não é possivel admittir-se o que se lembra, porque, se o professor não ignora, não conhecem os alumnos nenhuma das duas linguas; e como comparar objectos desconhecidos? como comprehender a conveniencia, o alcance, a verdade da comparação estabelecida? Salta aos olhos o absurdo. É por esta razão que, em França, o decreto regulamentar de 30 d'agosto de 1852, distribuindo em oito classes as disciplinas, que se ensinam nos lyceus, attribue ás primeiras quatro o ensino da grammatica franceza, só depois de aprendidas, cada uma de per si, as grammaticas das linguas franceza, latina, e grega, manda que, na classe de *quatrième*, tenha logar o ensino da grammatica comparada d'estas trez linguas; e que só ao depois, na classe de *troisième*, comece o estudo das linguas vivas, isto é, da Ingleza, e Allemã. Assim se observa.

Obrigado d'estas considerações, que mais largamente desenvolveria, se podesse persuadir-me de que alguem, meamente versado 'nestas materias, nutria minima hesitação a este respeito, tenho a honra de propôr a Vossa Magestade a creação, no lyceu de Lisboa, e em todos os do reino, de uma cadeira de grammatica e lingua portugueza, conforme ao prevenido no seguinte

PROJECTO DE LEI.

Art. 1. É creada no lyceu nacional de Lisboa uma cadeira de grammatica e lingua portugueza.

Art. 2. Esta cadeira é preparatorio indispensavel para o estudo de todas as linguas, quer antigas, quer modernas.

Art. 3. Os candidatos ás cadeiras dos lyceus não serão admittidos aos respectivos concursos, quando não instruirem os seus requerimentos com certidão authentica de approvação em grammatica e lingua portugueza, ou declaração de subjeitar-se previamente a este exame.

§. unico. Tambem este exame é preparatorio indispensavel para os professores d'instrucção primaria de 2.º gráu, e para os do 1.º gráu das capitaes de districto.

Art. 4. Os exames de grammatica e lingua portugueza serão sempre rigorosos.

Art. 5. O conselho superior d'instrucção pública fará programmas desenvolvidos para o ensino e exames da cadeira de grammatica e lingua portugueza.

Art. 6. Fica revogada a legislação em contrario.

CAPITULO III.

De como são necessarias duas cadeiras, uma da lingua franceza, e outra da lingua ingleza, em cada uma das secções central, e oriental do lyceu nacional de Lisboa; e bem assim dois substitutos, um para as duas cadeiras de lingua franceza, e o outro para as duas de lingua ingleza.

A falta, que a inscripção d'este capitulo indica, torna-se de dia a dia mais penosa para a mocidade, que se dedica ao estudo das linguas vivas; e por isso é para mim dever sagrado, fazendo-a constar na presença de Vossa Magestade, pedir com efficacia que de prompto seja supprimida. O estudo e conhecimento das linguas franceza e ingleza é não só necessidade da actual educação litteraria, mas tambem obrigação imposta por lei a grande numero de individuos; pois que está declarado habilitação indispensavel não só para estudos superiores, mas tambem para a admissão ao serviço público em differentes repartições do estado. Entretanto succede que, sendo trez as secções, em que 'neste lyceu se professam as disciplinas do curso geral, a lei não estabeleceu senão sómente uma aula de francez e outra d'inglez regidas por um só professor na secção central. Decr. de 20 de setembro de 1844, art. 51 §. 1.º De facto porém as duas aulas de francez e inglez não são regidas actualmente pelo mesmo professor; porque, para utilidade pública, pareceu conveniente aproveitar o serviço do professor

de francez do extincto collegio dos nobres, addido á secção oriental, onde effectivamente lecciona, tendo continuado sómente a da lingua ingleza na secção central. Cada uma d'estas aulas é frequentada por grande numero de alumnos, numero em demasia grande para que possa corresponder ao que desejam, e precisam, o esperado fructo das lições do respectivo professor; e todavia é certo que deixa de matricular-se 'numa, e 'noutra, numero ainda mais crescido, porque a distancia a que ficam da residencia dos alumnos, e a hora impreterivel d'aquella unica aula, não lhes permitte conciliar a sua frequencia com a de outras aulas. Comtudo não pode pôr-se em dúvida a injustiça practicada para com estes mesmos alumnos, requerendo-se-lhes uma habilitação, que não se lhes proporciona obter facilmente. Deve-se acabar com esta injustiça; mas não poderá isto conseguir-se senão adoptando-se o alvitre, que tenho a honra de agora suggerir. Na secção central deve funccionar, por lei, aula da lingua ingleza e franceza. Cumpra-se a lei; mas separando o ensino das duas linguas, como requer a maior regularidade do serviço, e a maior vantagem dos alumnos de cada uma das duas aulas. O actual professor opte, e seja provida 'noutro a cadeira, que este recusar. Emquanto á secção oriental, seja declarado professor proprietario da lingua franceza o professor addido, que rege alli eventualmente aquella cadeira, e seja provida 'noutro a cadeira da lingua ingleza. A nenhuma d'estas aulas faltará numero consideravel d'alumnos; e permitta-se-me observar que, alem de se attender por este modo devidamente á mocidade estudiosa, facilitando-se-lhe o conhecimento de duas linguas, hoje quasi tão necessarias como a lingua patria, se conseguirá tambem que sejam ensinadas com maior perfeição, e que os exames dos alumnos sejam feitos com segurança de mais rigorosa imparcialidade.

A creação das duas substituições, que tenho a honra de propor, é mera, mas obrigada consequencia da adopção da providencia lembrada; porque seria attender por ametade á necessidade, a que se pretende occorrer, não prevenir desde já as eventualidades dos impedimentos dos professores por motivo de molestia, e por outros não menos inevitaveis, e dignos de consideração. Em uma palavra, Senhor, o lyceu nacional de Lisboa, laborando em faltas, como a que deixo apontada, está muito longe de satisfazer não só ao que requerem as condições rasoaveis do ensino da mocidade, mas tambem, segundo tenho para mim, a divida sagrada, contrahida pelos governos para com os povos, de facilitar a todas as classes de cidadãos a instrucção, de que precisam para os misteres actuaes da vida social, e para as habilitações do serviço público. 'Nestes termos tenho a honra de propôr, e ouso esperar, que merecerá a approvação de Vossa Magestade, o seguinte

PROJECTO DE LEI.

Art. 1. O ensino da lingua franceza fica separado do ensino da lingua ingleza na secção central do lyceu de Lisboa, onde, por lei, estava a cargo do mesmo professor; e ficarão alli existindo duas cadeiras, uma da lingua franceza, e outra da lingua ingleza.

§. unico. O actual professor d'estas linguas na secção central optará qual das duas prefere ensinar.

Art. 2. São creadas duas cadeiras, uma de lingua ingleza, e outra de lingua franceza na secção oriental do lyceu de Lisboa.

§. unico. O professor de lingua franceza do extincto collegio real de nobres, ora addido ao lyceu, passará a ser professor proprietario da cadeira de lingua franceza da secção oriental.

Art. 3. É creada uma substituição para as duas aulas de lingua ingleza, e uma substituição para as duas aulas de lingua franceza das secções central e oriental do lyceu de Lisboa.

Ar. 4. O provimento assim das cadeiras, como das substituições mencionadas nos art.os 1.°, 2.°, e 3.° d'esta lei, será feito na conformidade dos regulamentos vigentes.

Art. 5. O ordenado dos professores será o que está estabelecido por lei para o professor de francez e inglez da secção central; e o ordenado dos substitutos será egual ao dos outros substitutos das differentes disciplinas.

Art. 6. Fica revogada a legislação em contrario.

CAPITULO IV.

De como os cursos das linguas franceza, ingleza, e allemã devem ser biennaes.

No meu relatorio do anno passado tive a honra de propôr a Vossa Magestade, que estudo das linguas hebraica e grega fosse completado em cursos biennaes: hoje venho propôr similhante providencia para o estudo das linguas franceza, ingleza, e allemã. Expuz então brevemente os fundamentos, sobre que, no meu entender, assenta inabalavel a razão d'aquella proposta. Se não são os mesmos, são de certo analogos, os que me limitarei agora a substanciar. Um anno lectivo, descontando-se os feriados, é espaço de tempo em demasia curto para se aprender cada uma das linguas mencionadas, de modo que o alumno, que a estuda, fique instruido sufficientemente, como é indispensavel, nas especialidades grammaticaes, e apto para a fallar, e escrever, não direi com perfeição,

porém ao menos com alguma facilidade, e sem commetter erros grosseiros. Ainda, se o tempo e a attenção do alumno se empregasse exclusivamente ao estudo linguistico, talvez não fosse impossivel que adquirisse conhecimento bastante da lingua, a que se applica, dentro do referido praso; porém, tendo vingado o abuso, tanto para lastimar, de frequentar cada alumno simultaneamente não duas só, mas trez, e até quatro disciplinas differentes, torna-se aquelle resultado de todo o ponto impossivel. E julgo desnecessario notar que, sendo verdade indisputavel o que deixo observado, como confirmam de anno a anno centenares de factos, em relação ás linguas franceza e ingleza, sóbe de força a minha observação com respeito á lingua alemã. Nem d'aqui se entenda que pretendo insinuar que são faceis, como de commum se crê, aquellas duas linguas, porque só o são para quem as ignora, que, por conseguinte, não póde julgal-as competentemente: quero tão sómente advertir que, sendo a lingua alemã de muito mais difficil comprehensão, mormente para os que a estudam não preparados com largo conhecimento das linguas latina e ingleza, e tambem da franceza, o que no tocante a estas duas é summamente arduo, no que pertence á lingua allemã, póde, sem nenhuma exaggeração, affirmar-se impossivel.

Pelo contrario, dividida a materia do ensino em dois annos, e subdivididos estes em classes, a fim de que nenhum alumno haja de perder tempo, sendo forçado a aguardar o termo do curso lectivo, e distribuindo o respectivo programma as materias dos annos com a devida intelligencia, e perspicuidade, nem ao professor fallece o tempo, de que precisa para dar ás suas explicações largo e opportuno desenvolvimento, nem o alumno se vê forçado a contentar-se de superficialissima applicação, e a prescindir dos exercicios de compôr e fallar, cuja continuação póde só dar-lhe facilidades, sem possuir as quaes engana-se quem presume saber nenhuma lingua.

Além d'isto é egualmente necessario que, no fim de cada anno, os alumnos sejam obrigados ao exame das materias do anno findo; e que o programma d'estes exames seja calculado de maneira, que nenhuma d'aquellas materias fique d'elle excluida. Parece-me inutil accrescentar, que nunca deverá consentir-se que o alumno, que não ficou approvado nas materias do 1.° anno, possa, em quanto o não fôr, frequentar as do 2.° Comtudo será permittido, geralmente, fazer exame das materias do 2.° anno, dentro da mesma epocha d'exames, ao alumno, que tiver sido approvado plenamente nas materias do 1.° anno. Não ignoro haver quem dissinta d'esta minha opinião, mas não me movem as razões oppostas; porque o prolongar o espaço de tempo dos exercicios diarios, e a distribuição d'elle pelas differentes classes, em que se quer ou suppõe a aula subdividida, que são os meios, a que se soccorrem os defensores do curso annual, de nenhum modo preenche o fim, que se pretende. Mostra a experiencia, que a longa duração dos exercicios diarios é de menos proveito, do que talvez a alguem poderia affigurar-se, porque fatigam-se o professor e os discipulos, e nada ha que tanto prejudique a attenção, e damne a intelligencia, como a fadiga, e o fastio, que é seu fructo inevitavel. Além de que fôra necessario estender em demasia a duração dos exercicios diarios para que produzisse uma somma de tempo equivalente ao que proporciona o curso biennal. Emquanto á subdivisão da aula em classes, é certo que facilita o ensino, e que portanto concorre para o aproveitamenio dos alumnos, porém tão longe está de que possa supprir a providencia, que tenho a honra de propôr, que, pelo contrario, eu desde já supponho aquella subdivisão como meio auxiliador; e, a pôr-se a condição da frequencia exclusiva, difficultava-se o que por outra parte se diz querer-se facilitar, pois que se alargaria demasiadamente o circulo periodico dos cursos dos lyceus. Pelo demais, o que se passa aos nossos olhos de dia a dia desde antigos tempos, no ensino da lingua latina, quer nas aulas públicas, quer nas particulares, e até mesmo no ensino das linguas vivas em muitas aulas particulares, deve acabar com todas as dúvidas. Esta experiencia estabelece de modo inconcusso os seguintes factos: 1.° que, apesar de mais largo espaço dedicado aos exercicios diarios, e da subdivisão das aulas em classes, é raro, direi melhor, é rarissimo o alumno, que, 'num só anno se aprompta sufficientemente para merecer approvação sem favor, quer na grammatica latina e materias connexas, quer em latinidade: 2.° que se observa outro tanto, salvas muito poucas excepções, relativamente aos alumnos das aulas das linguas franceza, ingleza, e allemã. São estes os factos, e é da sua immensa maioria, e não de uma ou outra excepção, que no meu entender, cumpre deduzir consequencias, que devam ter-se em conta. Assim que, Senhor, não só julgo que serão muitas, e de prompto resultado as vantagens de se adoptar a providencia, que proponho, mas vou até sustentar, que só assim poderá haver a certeza, de que o alumno, que obteve as duas approvações, em que o curso é comprehendido, está em circumstancias de conhecer a lingua, cuja aula ha frequentado, achando-se desembaraçado para a fallar e escrever sufficientemente. Por estes motivos, e em harmonia com o que dispõem os art.os 64 §. 2.° do decr. de 17 de novembro de 1836, e 165 do decr. de 20 de setembro de 1844, tenho a honra

de offerecer á approvação de Vossa Magestade, para terminarem de uma vez mal cabidas hesitações, o seguinte

PROJECTO DE DECRETO.

Art. 1. O ensino das linguas franceza, ingleza, e allemã, será completado em cursos biennaes.

Art. 2. A materia do 1.° anno será a grammatica especial de cada uma das sobredictas linguas, e os exercicios practicos relativos a cada uma das partes da mesma grammatica.

Art. 3. A materia do 2.° anno será a leitura, a traducção (oral e por escripto) d'auctores classicos de prosa e verso, e a composição na lingua respectiva.

§. 1.° Nas aulas das linguas franceza e ingleza não será permittido, no 2.° anno, fallar senão na lingua alli ensinada.

§. 2.° Na aula da lingua allemã não será permittido nem traduzir o allemão em francez, nem compôr o francez em allemão; mas será permittido fallar em portuguez, excepto aos alumnos repetentes.

Art. 4. Os professores de cada uma das referidas linguas, não obstante quaesquer regulamentos ou práticas em contrario, farão programmas largamente desenvolvidos, e circumstanciados para o ensino e exames assim do 1.°, como do 2.° anno, e serão obrigados a observal-os rigorosamente, depois de corrigidos ou de qualquer modo alterados, e approvados pelo conselho cathedratico do lyceu a que pertencerem.

Continúa.

A REFORMA DO ENSINO PÚBLICO EM PORTUGAL.

I.

De todos os assumptos de administração interna, o que hoje preoccupa mais, e com maior razão, o animo de quantos se interessam pelo nosso progresso moral e intellectual, é a reforma do ensino e da educação nacional.

Ninguem felizmente hoje desconhece a sua necessidade e importancia; mas nem por isso a questão se acha melhor estudada debaixo do ponto de vista practico. E não admira, que assim aconteça. Paizes mais adiantados que o nosso, laboram ainda em grandes difficuldades para chegar á definitiva resolução d'este grave problema. Ainda ha pouco mais de dois mezes, um congresso, presidido pelo principe Alberto, se reunia em Londres para acordar nos meios de prover ao melhoramento da instrucção primaria; e a Hespanha discute 'neste momento a lei geral da reforma da instrucção pública, cujas bases as côrtes acabam de votar.

É por isso muito de louvar, que a academia real das sciencias de Lisboa incumbisse a uma commissão de seus membros a redacção das bases, que deviam servir de thema á discussão pública sobre a reforma e melhoramento da instrucção nacional, de que aquella illustrada corporação pretendia occupar-se.

A commissão desempenhou-se d'aquelle honroso encargo, apresentando o projecto, que a academia adoptou para base de discussão em sessão geral de 18 de junho ultimo.

Comprehende este projecto o quadro das disciplinas e conhecimentos, que constituem a instrucção geral, em todos os seus ramos, desde a eschola popular até aos collegios e gymnasios; e a das profissões especiaes, e suas respectivas escholas e faculdades.

A commissão traçou desassombradamente um vasto plano de estudos segundo os modelos, que a organisação litteraria de outros paizes lhe offerecia, e cujos programmas adoptou, sem todavia curar dos meios practicos de levar á execução esta sua reforma; nem do destino, e futura organisação dos nossos estabelecimentos scientificos, que tanto avultam na instrucção especial. O que, porém, nos parece, que se deprehende das disposições d'este projecto, é o intuito reservado de engrandecer uma eschola com prejuizo das outras; e desmembrar as faculdades da universidade, para mais tarde reunir esses elementos dispersos, e constituir com elles a «universidade central» em Lisboa.

Com esta supposição não entendemos fazer injuria ao caracter e illustração dos dignos membros da commissão. Essa sua opinião, respeitamol-a, como filha da mais sincera convicção; mas nem por isso podemos deixar de combatel-a com egual lealdade, com não menos profunda convicção.

'Noutros paizes a reforma da instrucção geral, suscita graves difficuldades, e arrasta ao campo da discussão as mais avessas opiniões, os prejuizos d'uns, os receios de outros; as exigencias e contrariedades do espirito de partido, ou do mesquinho interesse pessoal. Entre nós esta questão não encontra nenhuma d'essas graves contestações, que tão calorosamente se tem agitado no seio das academias, e dos congressos litterarios; na tribuna, e na imprensa. Não acontece o mesmo na instrucção especial. As diversas reformas desde 1836, creando successivamente novos estabelecimentos de instrucção superior com demasiada largueza, e pouca discrição, deram logar a deploraveis rivalidades d'algumas d'essas escholas, que disputavam primazia ás mais antigas, e que buscaram por isso desde logo equiparar-se em tudo a ellas, afastando-se assim, com grave quebra

*

do ensino, do fim primitivo de suas instituições, e esquecendo um pouco a sua elevada e importantissima missão no estado das sciencias!

A eschola quiz converter-se em faculdade. A pretenção dos gráus academicos tornou-se uma questão de « palpitante interesse » para os que miravam só em supplantar as antigas instituições. A práctica foi sacrificada em grande parte ás elevadas theorias da sciencia; e a universidade, que pelo prestigio da sua existencia secular; pelas gloriosas tradicções do seu passado; pelos homens eminentes, que nas diversas sciencias tinham saído do seu seio, e pelo lustre com que sustentava a sua elevada posição na hierarchia litteraria, occupava o primeiro logar, e attrahia quasi sem excepção a flôr da mocidade estudiosa, tornou-se por isso mesmo o alvo, a que mais certeiros se dirigiam os tiros dos seus adversarios, que se não lograram derribar esse vulto gigante, que lhes parecia amesquinhal-os com a sua presença, não se descuidaram de minar-lhe a existencia.

Foi com este intuito, que em vez de se reformarem as escholas medico-cirurgicas, tornando-as verdadeiras escholas prácticas de cirurgia, se lhes augmentaram as cadeiras de medicina, para equiparar aquellas escholas á faculdade de medicina da universidade, deixando em completo abandono a cirurgia e a medicina ministrante.

Foi com esse fim, que se crearam na eschola polytechnica quasi as mesmas cadeiras que nas faculdades de mathematica e philosophia, e que por uma singular contradicção se concedeu á eschola polytechnica o exclusivo da habilitação dos alumnos, que se destinavam ás armas scientificas, com offensa dos direitos e habilitações dos filhos d'aquellas faculdades.

A universidade foi privada do seu riquissimo patrimonio em bens, que foram vendidos por conta do Thesouro, em quanto á eschola polytechnica se conservaram os bens patrimoniaes do extincto collegio dos Nobres, para sobre elles levantar um emprestimo de 100 contos de réis para as suas obras.

Em fim a todas as escholas superiores se tem permittido, que alguns de seus membros vão estudar fóra do paiz os diversos ramos das sciencias, que professam. A universidade foi a unica a quem até hoje esse beneficio se não concedeu, como se estivera já riscada do quadro da nossa instrucção pública!

A dotação dos seus estabelecimentos de sciencias naturaes, foi reduzida a ponto, que muitas vezes nem chegava para o expediente das demonstrações, quanto mais para acquisição de novos productos, compra de maquinas e instrumentos; e foram necessarias instantes reclamações de membros seus, que tinham assento em côrtes, para 'nestes ultimos dois annos se augmentar um pouco essa mesquinha dotação.

Ao mesmo passo uma legislação obnoxia, e exceptional, reduzira o magisterio da universidade a uma deploravel condição, e afastára do seu gremio muitos jovens talentosos, a quem uma expectativa pouco lisongeira descorçoava de encetarem a laboriosa carreira d'esse magisterio ao cabo de largos annos de « longa opposição. »

Um tal systema, um conjuncto de tão adversas circumstancias, 'noutro instituto, que não tivera tão solida base, fôra sobejo, para derribal-o pelos fundamentos. E todavia a universidade, desajudada de todos os meios, com que se engrandeciam as outras escholas; esquecida e como que abandonada por aquelles mesmos, a quem mais cumpria prover ao seu adiantamento, soube resistir ao embate da onda, que tão alterosa viera commettel-a.

As reformas e melhoramentos na organisação dos seus estudos, não só não encontraram na universidade a menor reluctancia, mas até foi ella a primeira, que tomou a iniciativa 'nessas mesmas reformas, de que dependia o progresso das sciencias e o adiantamento das letras patrias.

E, quando os factos fallam tão eloquentemente em abono de uma instituição, debalde o espirito de rivalidade, a ambição, ou o despeito trabalhará por obscurecer a verdade, illudir os incautos, ou estabelecer uma falsa opinião contra esse estabelecimento, que póde ter defeitos, que de facto os tem na sua organisação, como todas as instituições analogas; que nenhuma conhecemos perfeita; mas que, comparado ás outras escholas nacionaes, e até a muitas das estranhas, lhes leva incontestavel vantagem.

Destruir não é reformar. E a questão do melhoramento da nossa instrucção pública não se resolve pela discussão de um pomposo programma, nem pela adopção de um vasto systema, que em abstracto póde ser excellente, mas que practicamente póde encontrar grandes difficuldades, e tornar-se mais defeituoso, que o proprio systema, que se pretende substituir.

O que, primeiro que tudo, necessitavamos, era de examinar detidamente a organisação dos nossos diversos estabelecimentos scientificos, ver quaes os seus differentes fins, e propôr os meios de cada um corresponder precisamente ao seu destino, supprindo e ampliando o que fosse deficiente, e cortando por todas as demasias com mão vigorosa, para acabar por uma vez com essa anarchia, que se introduziu nos dominios do ensino, e que vae cada vez lavrando mais profundamente.

Mas tão grave e ponderoso assumpto não póde devidamente avaliar-se em todas as suas relações, e muito menos decidir-se só pelo

voto, embora muito auctorisado, de membros de uma d'essas corporações, que a reforma tem de comprehender no seu quadro, com exclusão dos de quasi todas as outras, egualmente interessadas na mesma obra, e que tem egual direito a serem consultadas sobre objecto tão seu.

O projecto a que alludimos foi elaborado unicamente por dois distinctos professores da eschola polytechnica, e a academia, perante quem vae discutir-se, não conta entre os seus membros nenhum socio effectivo da universidade nem das escholas do Porto, que ao menos possa dar alguma informação sobre o estado desses estabelecimentos.

E, o que mais singular é, parece haver particular empenho nessa exclusão, porque até se inculca, que a lei creadora da instrucção pública ha-de ser levada de « Jesus [1] a S. Bento » não para aqui se discutir « porque os corpos parlamentares são pouco proprios para laborarem elles mesmos obras como esta; mas sómente para ter a gloria de *chancellar* a proposta da academia [2] (!!!) »

Isto bastaria para provar qual é o principal fim a que tende o projecto da academia, se o seu proprio contexto o não revelasse mui claramente, como teremos occasião de ver.

J. M. DE ABREU.

ELOGIO HISTORICO

DO

Desembargador, Agostinho de Mendonça Falcão de Sampaio Coutinho e Povoas.

O desembargador Agostinho de Mendonça Falcão, cavalleiro professo na ordem de Christo, socio da academia real das sciencias de Lisboa, e do *Instituto* de Coimbra, nasceu em Soutomaior a 27 de agosto de 1783.

Foram seus paes Sebastião de Mendonça Falcão, senhor do morgado de Sourpires, no termo de Pinhel, e D. Anna Helena da Conceição, senhora do morgado de Soutomaior, no de Trancoso.

Não carece do explendor de appellidos o nome do sabio; logra, hoje em dia, mais cabal estimação a nobreza, que deriva das lettras, que a procedente do nascimento; quando, porém, no mesmo individuo, ambas se reunem, formoso esmalte faz a primeira no fino ouro da segunda.

Sob a direcção paterna estudou Agostinho de Mendonça as varias disciplinas, que habilitavam para o ingresso na universidade. Depois de examinado e approvado no real collegio das artes, matriculou-se, em 1799, na faculdade de canones.

Em poeticos certames consumia, 'nesse tempo, a mocidade estudiosa as poucas horas, que lhe deixavam livres as fadigas academicas.

Todos os bons ingenhos, favorecidos das Musas, corriam o páreo 'neste campo ameno, emulando os Sás de Miranda, e Ferreiras, venerandos modelos em tão gloriosas lides.

Este novo e curioso espectaculo abalava profundamente o animo de Agostinho de Mendonça; mal podia conter os vôos de seu estro ardente, inspirado pelos cantos dos jovens trovadores [1].

É que já então cultivava com esmero a divina poesia; e, mais tarde, conscio do proprio merito, não se acobardou de recitar, 'nestes comicios litterarios, alguns poemetos selectos.

Datam, com effeito, d'essa memoravel época muitas das suas poesias fugitivas, ainda ineditas, como a maior e melhor parte de suas obras.

Grangeou Agostinho de Mendonça, durante o curso universitario, avultado cabedal de conhecimentos da lingua, versando com mão diurna e nocturna nossos estimaveis classicos: eram o seu desenfadamento querido, quando feriava de mais severos estudos.

Mas esta dedicação apaixonada, o suave tracto de nossos bons escriptores, não o divertia da satisfação de seus principaes deveres; cumpriu-os sempre com o desvelo proprio de um estudante pundonoroso, empenhado em sustentar os creditos, que lograva, de distincto por applicação, e intelligencia.

Fôra, em verdade, este o conceito, em que o tiveram os condiscipulos, e plenamente confirmado pelo testemunho dos mestres, que não só o honraram com públicos e solemnes louvores, premiando-o, mas, por glorioso remate de seus trabalhos academicos, lhe votaram qualificações tão relevantes, que de maravilha se concediam taes em nossa universidade.

Concluido o curso da sua faculdade, depois de algum tempo de práctica forense, dirigiu-se em 1807 a Lisboa, a fim de habilitar-se para os logares de lettras.

Com sisudo precato se esquivou ás numerosas distracções da côrte, continuando a saborear os innocentes deleites do estudo, agora mais persistente e variado por maior copia de subsidios, e desafogo de trabalhos.

Continúa. F. A. R. DE GUSMÃO.

---

[1] O extincto convento de Jesus, cujo edificio occupa a Academia R. das Sciencias.

[2] Revista da Instr. Publ. para Portugal e Brazil N.º 1.º

[1] Os principaes eram José Joaquim Rodrigues de Bastos, varão bem conhecido pelos eminentes cargos, que desempenhou na republica, e por seus preciosos escriptos; João Antonio Frederico Ferro, que foi deputado, e secretario da companhia; José Pimentel de Mello, que morreu Juiz de Fora de Almodovar; José Joaquim Gerardo de Sampaio, hoje visconde de Laborim, etc.

O EMPORIO ITALIANO.

Recebemos do nosso collega e amigo o sr. Alexandre Meyrelles do Canto e Castro, alguns numeros do *Emporio Italiano,* jornal que se publica em Londres debaixo da direcção do conde Montemerli, um dos distinctos emigrados italianos, que actualmente se acham 'naquella côrte.

O conde Montemerli teve a arrojada lembrança de fundar na capital da Gran-Bretanha uma instituição protectora das artes, sciencias, litteratura, commercio e industria, com o fim de promover, remunerar e tornar manifestos a todo o mundo os productos do genio italiano em cada um d'aquelles ramos. Dentro em pouco o que só fôra um projecto, creado pelo enthusiasmo do amor patrio, e que a todos pareceria inexequivel pelo gigantesco da concepção, estava completamente realisado; instituida a sociedade o — *Emporio Italiano* — sob a direcção do marquez de Downshire; e publicado um periodico quinzenal, inteiramente alheio á politica, como a instituição de que é orgão e cujo titulo assumiu; — mas importantissimo pela profundeza com que ahi são tratados os objectos scientificos, litterarios, artisticos, commerciaes e industriaes.

E desejando a sociedade que esta excellente publicação correspondesse em tudo ao grandioso fim do seu instituto, determinou que os artigos insertos 'nella, fossem escriptos nas trez linguas, — italiano, inglez e francez.

A associação, adoptando esta idêa, fez um assignalado serviço ás lettras; e o seu jornal, já a outros respeitos mui interessante, ainda mais se torna por este lado, podendo servir, ás pessoas menos versadas 'naquellas linguas, de seguro guia e director, na correspondencia d'ellas.

A adopção da lingua franceza, como lingua quasi universal, é justificada para a maior voga dos escriptos alli publicados. As linguas ingleza e italiana eram de necessidade 'num jornal escripto em Londres, orgão d'uma associação protegida pela generosidade da nação ingleza, — mas jornal para a Italia, jornal que advoga os interesses d'esta nação, creado por filhos d'ella, a quem o amor da patria deu a força, para levar por diante este projecto civilisador.

A redacção está confiada ao habil escriptor A. Vera, bem conhecido pelos seus estudos sobre a philosophia allemã, e pela distincta figura com que em França desempenhou o professorado.

Para se formar uma idêa assim d'esta patriotica instituição, como do jornal que a representa, transcrevemos em seguida o projecto dos estatutos da associação, e pedimos venia para traduzir o curioso artigo do n.° 5 do *Emporio Italiano*, — *A população estacionaria em França.*

A. J. TEIXEIRA.

EMPORIO ITALIANO

FUNDADO POR

Lorenzo Montemerli, Dei conti Sandonini.

PROJECTO DE ESTATUTOS.

CAPITULO I.

Fim da Instituição.

1.° Fundar-se-ha em Londres uma Instituição protectora das artes, das sciencias, da litteratura, do commercio, e da industria da Italia.

2.° Esta Instituição (inteiramente alheia á politica) será denominada *Emporio Italiano.*

3.° O seu fim será favorecer, animar, proteger, remunerar, e tornar manifestas a todo o mundo as creações do genio italiano contemporaneo, em cada um dos ramos acima indicados, garantir a authenticidade e a boa qualidade dos productos agricolas, industriaes etc., e facilitar a sua extracção. O direito de exposição será livre para todos os italianos, qualquer que seja o paiz em que se acharem.

4.° A iniciativa das medidas tendentes a preparar as bases da Instituição ficará a cargo d'uma Juncta provisoria, composta de pessoas respeitaveis, que, de bom grado e gratuitamente, aceitarem a tarefa de prestar apoio ao Promotor, e offerecer garantias economicas á Instituição.

5.° A Juncta tomará o nome de *Juncta Instituidora,* e cessará suas funcções logo que se estabeleça a Juncta administrativa na fórma abaixo declarada.

6.° O capital necessario para a fundação d'esta Instituição será obtido mediante donativos voluntarios effectuados de uma só vez. As sommas offerecidas, os juros que d'ellas provierem, e os beneficios da instituição, serão exclusivamente empregados para o fim acima indicado; nenhum trafico illicito, nenhuns interesses particulares virão distrair o uso d'estes fundos, que deverão ser exclusivamente applicados a este objecto nacional.

7.° Logo que a Juncta instituidora tenha realisado a subscripção, ou a somma necessaria para constituir a Instituição, formar-se-ha uma Juncta administrativa composta de 1 presidente — 1 vice-presidente — 10 conselheiros — 1 secretario — 1 director-geral — 1 banqueiro-thesoureiro — 1 architecto — 1 advogado.

8.° A Juncta será formada de pessoas distinctas, inglezes e italianos.

CAPITULO II.

Modo de obter os fundos, funcções da Juncta instituidora, e das Junctas subalternas.

1.° A Juncta instituidora preparará os elementos necessarios para crear a Instituição, debaixo dos auspicios dos governos d'Italia, e

com o concurso de todos os italianos, que tomam a peito suas prerogativas nacionaes, e d'aquelles estrangeiros, e em particular os inglezes, que têm decidida sympathia pela nação italiana.

2.° A Juncta occupar-se-ha da formação, nas principaes cidades d'Italia, de Junctas cooperadoras, as quaes gozarão dos privilegios que abaixo serão indicados, e obrarão d'acôrdo com a Juncta de Londres.

3.° As Junctas d'Italia serão formadas d'um presidente, d'um vice-presidente, d'um secretario, de 6 conselheiros, entre os quaes haverá um advogado, e um banqueiro, que se encarregará dos depositos.

4.° A Juncta de Londres enviará ás d'Italia um numero (que se fixará) de listas de subscripção, que serão munidas das competentes firmas e contra-senhas, e todas numeradas por ordem. Mandar-se-hão tambem a todas as casas de commercio italianas na Europa, e nas outras partes do mundo.

5.° Logo que se obtenha uma somma formando o capital de 5.000:000 fr. em um milhão de bilhetes de 5 fr. cada um, a Juncta instituidora proclamará a Instituição constituida, e se retirará para dar logar á Juncta administrativa.

6.° A Juncta provisoria tractará de estabelecer commissões e correspondentes nos outros paizes para facilitar, e estender por toda a parte a subscripção.

7.° Haverá uma lista do nome das pessoas, das corporações, das associações, etc., que se encarregarem de recolher os donativos; e os seus nomes serão inscriptos no alto das listas de subscripção, com o das localidades respectivas, não podendo uma lista recolher fundos senão na localidade designada.

8.° Conceder-se-ha aos collectores na Europa oito mezes, e aos das outras partes do mundo um anno, para mandarem á Juncta as listas, ou dar conta d'ellas.

9.° Cada um dos collectores, concluida a subscripção, deverá remetter o producto e a lista á Juncta, á commissão, ou ao consul da localidade em que se acha, cobrando recibo.

10.° Logo que as Junctas, commissões ou consules tiverem recolhido as listas das collectas, envial-as-hão á Juncta de Londres, deixando as sommas recebidas nas mãos dos banqueiros a produzir juros, sendo possivel.

11.° Cada subscriptor receberá, da Juncta intituidora de Londres, um recibo da sua offerta, contendo escriptos no reverso os numeros correspondentes aos bilhetes da sua dadiva, segundo a ordem que tiver na serie da subscripção, na occasião em que esta chegar á Juncta; assim como o numero da classe, que occupar como subscriptor, devendo este numero concorrer, durante os trez primeiros annos da instituição, ao sorteamento dos premios, como se verá no capitulo IV.

12.° No cimo das listas de subscripção haverá uma figura allegorica da Instituição, com os numeros e contra-senhas da Juncta instituidora na primeira pagina; e na parte inferior os regulamentos principaes relativos á subscripção: a segunda, terceira e quarta paginas conterão as listas, as assignaturas, as sommas offerecidas, e as moradas dos subscriptores.

13.° Os subscriptores serão classificados em quatro cathegorias, primeira, segunda, e terceira classe de subscriptores, e n'uma quarta classe de Protectores.

14.° Pertencerão á primeira classe os subscriptores de sommas não menores, que 2:000 francos; á segunda os subscriptores de sommas não menores, que 1000 francos. A terceira será formada das duas primeiras, divididas em bilhetes de 5 francos cada um, e de todos os outros subscriptores do *minimum* de 5 francos; isto é será representada pelo numero completo de bilhetes de cinco francos. Terão o titulo de Protectores todos os individuos, que por meio da Instituição, fizerem uma encomenda d'obras d'alguma das secções do Emporio em importancia não menor de 20:000 francos, ou que subscreverem com a somma de 5:000 francos por uma só vez.

CAPITULO III.

Localidade, receita, e destino nacional e philanthropico d'esta.

1.° Erigir-se-ha 'num dos bairros centraes e mais frequentados de Londres, um edificio d'uma architectura elegante, dividido nos seguintes repartimentos: uma imprensa; um bazar para a exposição de todos os generos de industria italiana; galerias para a exposição de escultura, pintura, maquinas etc. etc. salas de estudos destinadas para estes diversos ramos; sala para representações musicaes, dramaticas, concertos, etc. etc.; um club; uma bibliotheca; um panorama, um cosmorama, um diorama; um amphitheatro para cursos artisticos, scientificos, litterarios, e industriaes; um museu, uma eschola primaria; officinas necessarias á Instituição, lojas em volta do edificio etc.

2.° A imprensa do estabelecimento será exclusivamente destinada ás publicações relativas á Instituição.

3.° Fundar-se-ha, com o titulo de Emporio Italiano, uma revista hebdomadaria ou mensal, redigida em trez linguas, — italiano, inglez e francez, a qual será o orgão da instituição, e cuja direcção se confiará a litteratos distinctos. Afóra as materias politicas e religiosas, a que o jornal hade ser extranho, occupar-se-ha de todas as questões scientificas, litterarias, e sociaes, que mais directamente contribuam prra o desenvolvimento da civilisa-

ção: dando conta em particular do estado d'estes conhecimentos na Italia; abrangendo ao mesmo tempo objectos uteis e agradaveis; e illustrando todas as obras primas italianas contemporaneas, reproduzidas por meio de gravuras, photographias, etc. etc.

4.° O bazar estará aberto para a exposição permanente de todos os generos de industrias italianas; todas as amostras dos productos industriaes ahi serão apparatosamente expostas com a indicação dos commerciantes, manufactores, e mercadores, tanto de Inglaterra como de Italia, e com os preços respectivos.

5.° As salas de exposição de pintura, esculptura, maquinas etc., serão divididas em dois repartimentos; um para as exposições permanentes dos objectos d'arte, patente aos visitadores e aos artistas, que desejarem estudar e copiar os modelos; o outro para os objectos destinados á venda. Haverá além d'isso salas d'estudo com escholas relativas a estes trez ramos.

6.° A sala de espectaculos e concertos, diurnos e nocturnos, servirá principalmente para apresentar ao publico, e tornar conhecidas as composições musicaes e dramaticas d'auctores, aos quaes seria difficil, no começo da sua carreira, vencer a concurrencia das reputações estabelecidas, assim como d'artistas em geral, que, apesar do seu merito real, são obrigados, segundo a práctica hoje estabelecida, a empregar o seu talento em proveito de especuladores particulares, antes de adquirirem reputação, e uma posição independente. A mesma sala será tambem destinada para representações musicaes e dramaticas, dadas pelo concurso das melhores companhias, com o fim de tornar conhecida a eschola italiana, tanto em suas antigas tradições, como em suas novas tendencias. Estas representações não concurrrerão nunca com a direcção dos theatros italianos já estabelecidos em Londres, e terão logar em dias differentes, etc.

7.° O club será composto d'inglezes, e italianos; e terá entrada para o gabinete de leitura contiguo á bibliotheca.

8.° A bibliotheca, estará aberta todos os dias ao público, e deverá conter uma collecção escolhida de livros classicos italianos; as obras modernas italianas mais afamadas nos diversos ramos das sciencias e das artes, ás quaes é consagrada a Instituição; as novas publicações em voga; e os principaes jornaes italianos e estrangeiros.

9.° O panorama, o cosmorama, e o diorama servirão para apresentar viagens pitorescas, as vistas das principaes cidades, e dos mais bellos logares d'Italia, etc. etc.

10.° O amphitheatro destinado a cursos litterarios, artisticos e industriaes será contiguo ao panorama; o fim d'estes cursos será dar a conhecer as obras do genio italiano, descrever o estado e os progressos da vida intellectual e civil da nação, e animar o estudo da nossa lingua e litteratura entre os nossos compatriotas, como tambem entre os inglezes.

11.° O museu e a sala d'exposição d'antiguidades serão divididas em duas partes; uma contendo objectos pertencentes ao edificio, e que devem sempre ficar em exposição; a outra os objectos destinados á venda. Haverá tudo o que se poder colher novamente descuberto em archeologia, numismatica, mineralogia, geologia, etc.

12.° A eschola primaria é instituida com o fim de offerecer os meios d'instrucção professional a todos os italianos residentes em Londres. Os italianos ha longos annos estabelecidos em Inglaterra, que veem crescer a sua familia na ignorancia da lingua materna, acharão 'nesta eschola um meio facil para a educação de seus filhos.

13.° As officinas relativas ás cinco classes ou secções da Instituição, serão reunidas na mesma parte do edificio, em que se acharem egualmente as officinas d'indicação, d'informação, commissões, agencias commerciaes, theatraes, etc. bem como o escriptorio e caixa de soccorros, á qual terão direito os italianos de boa conducta e moralidade reconhecidas, e que não forem aptos para o trabalho, ou tenham impossibilidade de o procurar, ao que o estabelecimento proverá.

14.° As lojas em volta do edificio, além de serem de grande vantagem para o estabelecimento pelo producto dos alugueres, servirão a facilitar o commercio dos italianos, a quem serão exclusivamente alugadas. Terão duas entradas, uma exterior, e outra para as galerias internas do estabelecimento, mas esta reservada sómente para o transporte das fazendas, porque o edificio não terá senão uma entrada para o público, que poderá ahi ser admittido mediante uma modica retribuição por meio de bilhetes diarios ou para um certo espaço de tempo.

15.° A estas fontes de receita indicadas nos artigos antecedentes, a Instituição juntará outras, como por exemplo, uma pequena taxa sobre o logar occupado pelos expositores; o direito de commissão sobre as vendas; uma imposição sobre o registo, penhores, commissões, encomendas feitas em beneficio ou por ordem do estabelecimento, rendimentos da imprensa, donativos voluntarios, etc. etc.

16.° Abrir-se-ha concurso, para ser apresentado por italianos um projecto, para a construcção do edificio.

17.° Uma commissão d'architectos estrangeiros, reunida á Juncta, escolherá e premiará o melhor projecto.

18.° Os projectos serão apresentados anonimos.

19.° O architecto, que obtiver o premio

será convidado a vir a Londres, para dirigir a construcção do edificio, tendo de ser coadjuvado 'neste trabalho por architectos inglezes.

20.° A construcção do edificio deverá terminar, pondo-se em execução o projecto, no espaço de dois annos, ou antes se for possivel.

21.° Apenas se constituir a Juncta instituidora, começarão as operações da Instituição em edificio provisorio, em quanto se não concluir o proprio.

CAPITULO IV.

Capitaes da Instituição e seu destino especial.

1.° A somma de 5.000:000 fr. requisitada para fundar a Instituição, será destinada aos usos seguintes:

A. Construcção d'um edificio, no todo ou em parte, fr.		4.000:000
B. Fundos applicados aos premios dos numeros correspondentes ás offertas e bilhetes dos subscriptores.		
(1.° anno) á terceira classe. Premios de 500 a 50:000 francos, fr.	400:000	
(2.° anno) á segunda classe, Premios de 1:000 a 60:000 francos, fr.	200:000	fr. 700:000
(3.° anno) á primeira classe, Premios de 2:000 a 80:000 francos, fr.	100:000	
C. Ao italiano que apresentar o melhor projecto para o edificio da Instituição fr.		20:000
D. Fundos destinados a uma caixa de soccorros para italianos, fr.		150:000
E. Para despezas da Juncta instituidora e do Promotor, fr. . . .		50:000
F. Capital applicado para premiar as descobertas e invenções italianas, fr.		80:000
Total fr. . .		5.000:000

2.° O capital destinado a remunerar os subcriptores, será empregado na acquisição d'objectos ou productos d'artistas, de sabios, industriaes, ou litteratos italianos; e far-se-hão encommendas se o numero das obras se julgar insufficiente.

3.° A somma de 80:000 fr. applicada para as invenções e descubertas italianas, será dada em premios de 20:000 fr. cada um, aos quatro italianos que apresentarem invenções ou descobertas. O principal cuidado da instituição, será auxiliar todos os italianos, auctores de novas descobertas ou invenções, adiantando-lhes dinheiros, ou garantindo-lhes a sua propriedade, e fazendo todo o necessario para a descoberta ser conhecida, applicada, e sobre tudo conservada como italiana.

4.° Serão cada anno designados fundos para remunerar os productos e trabalhos das diversas secções, que obtiverem premios. Os productos ficarão assim á disposição da Instituição, para serem vendidos ou conservados.

5.° Estando aberta a subscripção durante um anno, e confiada ao patriotismo de todos os italianos, tanto em Italia, como no estrangeiro, é de esperar, que os fundos provenientes d'ella, excederão os 5.000:000 de francos, necessarios para fundar a Instituição.

6.° Em tal caso todos os capitaes obtidos além dos 5.000:000, ficarão como fundos de reserva da Instituição, e serão postos a juro no banco de Inglaterra, ou como melhor entender a Juncta administrativa; e depois do terceiro anno, os subscriptores da somma addicional, gozarão, no quinto do valor d'ella, das mesmas vantagens que os subscriptores do capital primitivo.

7.° Os capitaes da Instituição serão depositados no banco de Inglaterra.

N.B. 8.° No caso (que reputamos impossivel) de se não poder realizar por donativos a somma necessaria para a fundação da Instituição, a Juncta instituidora poderá contrahir um emprestimo, offerecendo como garantia dos juros e do capital o estabelecimento do Emporio, e seus rendimentos; e n'esta hypothese a somma recolhida pela subscripção gozará proporcionalmente dos privilegios acima enunciados.

CAPITULO V.

Privilegios e vantagens de todos os interessados.

1.° No primeiro trimestre do anno de 1857 publicar-se-ha a *Revista*, a qual dará conta das operações do Director-geral e da Juncta instituidora, bem como de tudo que se tiver feito a bem da Instituição; e a partir da epocha da subscripção, que se abrirá no mez de abril de 1857, dará conta do progresso das offertas, publicando os nomes dos collectores e subscriptores, bem como as sommas recebidas. O subscriptor que não quizer ver o seu nome publicado, poderá no logar da assignatura pôr quatro iniciaes, e o seu donativo tornar-se-ha público por este meio.

2.° Os Protectores gozarão, durante cinco annos, de admissão pessoal no estabelecimento, e em todas as exposições diarias; d'um bilhete de admissão para duas pessoas n'um dos dias da semana; e receberão gratuitamente a *Revista*, jornal da Instituição. Os primeiros d'entre elles serão nomeados

membros honorarios da Juncta administrativa, e poderão assistir ás sessões deliberativas.

3.° Todos os membros das Junctas, ou commissões que activarem a subscripção, tanto em Italia, como no estrangeiro, terão, vindo a Londres, as mesmas vantagens que os membros da Juncta d'esta cidade, e além d'isso os privilegios dos Protectores.

4.° Todo o collector terá direito a ser inscripto como subscriptor de cinco bilhetes, por cada cem bilhetes que arranjar; cada collector d'uma somma excedente a 5:000 fr., será considerado como Protector, e terá todos os privilegios d'estes.

5.° A Juncta administrativa procurará, logo que for constituida a Instituição, estabelecer ramificações nas outras capitaes ou cidades estrangeiras, na proporção dos recursos que ellas possam offerecer.

6.° As proporções da Instituição, e os beneficios que preparar á nação Italiana, crescerão na razão do augmento de seus recursos, os quaes lhe serão inteiramente applicados.

7.° Constituida a Juncta, e obtidas as precisas garantias moraes e economicas, o Promotor Montemerli diligenciará procurar capitaes, e fará ao mesmo tempo conhecer ao público os meios que para esse fim tiver empregado. As sommas recolhidas serão depositadas em Londres no banqueiro escolhido pela Juncta instituidora.

CAPITULO VI.

Artigos addicionaes.

1.° A abertura e inauguração da sociedade serão celebradas com uma grande festa, para a qual todos os artistas italianos prestarão o concurso de seus talentos em proveito da Instituição.

2.° Dar-se-hão cada anno, em beneficio da Instituição, bailes, concertos, representações de musica e dramaticas, festas, etc.

3.° Cada anno, nos quatro mezes de abril, maio, junho e julho, convocar-se-hão em Londres 30 italianos, 6 por cada secção, com o fim de formar um congresso, cujas reuniões e trabalhos serão adaptadas ás exigencias das diversas secções, attendendo ás ligações que têm entre si, e ao auxilio mutuo, que, nos seus estudos e resultados practicos, poderão reciprocamente prestar-se.

4.° Formar-se-ha uma lista geral de todos os italianos, que têm as qualidades necessarias, para pertencer a uma das cinco secções, e d'esta lista se tirará á sorte cada anno o numero dos membros, que deverão compôr a commissão.

5.° Cada anno a commissão das pessoas designadas pela sorte, para formar este congresso, deverá proceder á extracção dos nomes, que hão de compôr a commissão do anno seguinte.

6.° Cada individuo não poderá ser mais que uma vez membro d'esta commissão.

7.° A sociedade pagará as despezas da viajem e da estada, áquelles que d'isso se quizerem aproveitar.

8.° Cada anno as pessoas que formam o congresso, proporão seis individuos, que poderão ser escolhidos em todas as classes, e em todas as profissões, desde o sabio até ao operario. Estes seis individuos serão sustentados um anno em Inglaterra, á custa da Instituição, para ahi fazerem os estudos relativos á sua especialidade.

9.° Sómente se empregarão no estabelecimento homens de probidade reconhecida, naturaes de Italia; e apenas dos estrangeiros, os absolutamente indispensaveis á Instituição.

10.° Os empregados deverão, nos trez primeiros annos, contentar-se com modicos ordenados, para assim, pela sua parte, tambem cooperarem para o bom exito da Instituição.

A POPULAÇÃO ESTACIONARIA EM FRANÇA.

Ha cinco annos que a população não augmenta sensivelmente em França. Este facto sobremaneira surprehenderá, comparando-o com o que se passa nos grandes paizes, onde o numero dos homens cresce rapidamente. Assim a Inglaterra augmenta 300:000 almas por anno, e envia annualmente perto de 300:000 individuos para as suas colonias, isto é, augmenta 500 ou 600 mil, por anno, o numero dos homens, que em todos os climas se jactam orgulhosamente do nome inglez. Só a França não augmenta no interior, e não povôa colonias no exterior.

Teve na verdade um momento brilhante depois da terrivel revolução do seculo passado. De 1801 a 1806, augmentou 64 individuos por mil. De 1806 a 1831 o augmento diminuiu ametade, e em logar de 320 almas, que devia adquirir para continuar a proporção anterior, apenas adquiriu 150. De 1831 a 1841, em dez annos, acresceram 50 por mil. De 1841 a 1846, em 5 annos, 34 por mil. Desde então quasi que não tem havido augmento.

Nos 5 ultimos annos a população parecia ainda ter augmentado 7 a 8 habitantes em mil; mas geralmente julga-se uma illusão, e attribue-se este facto a que o recenseamento de 1856, mais exacto, que nenhum dos precedentes, arrolou um certo numero d'individuos, que tinham escapado nas operações anteriores.

A grande revolução de 1789 tinha atacado a nobreza e o clero, e posto em almoeda os immensos dominios, que o antigo systema havia tomado ás familias desde a edade media. Estas restituições ao povo tinham augmentado os recursos do pobre, do cultivador, do artista; d'ahi, no principio do seculo, uma subida no augmento do povo francez, como nunca tinha havido. Mas desde então, não se deu outro caso egual. A tendencia crescente dos regimens successivos da França tem sido para subjeitar tudo a regulamentos. Fizeram de pender o exercicio d'um grande numero de profissões e de mesteres, o exercicio mesmo do direito de pensar, de fallar, d'escrever, d'adorar a Deus segundo a propria consciencia, do *visto* das secretarias do governo. São innumeraveis os casos em que não se póde ganhar pão pelas profissões as mais honrosas, se os empregados do Estado o não permittirem. O resultado das peias que este regulamento universal põe a cada passo e em todas as carreiras, é que a força vital do paiz tem enfraquecido. O numero d'homens já não augmenta, e a força physica decresce, como o provam os resultados deploraveis da conscripção; nunca houve menos homens validos em França. (*Emporio Italiano.*)

BIBLIOGRAPHIAS.

Revista de Instruccion pública, literatura y ciencias, periodico mensal.

Esta interessante publicação, que substituiu a *Revista Universitaria de Madrid*, corresponde perfeitamente ao seu titulo; e é um dos jornaes litterarios do paiz vizinho, mais digno de ser lido, tanto pelas copiosas noticias, que dá do estado da instrucção pública e dos seus diversos estabelecimentos em Hespanha; como pela sua apurada critica litteraria e scientifica; pelas memorias originaes, que apresenta, e pela selecção, com que extrae os trabalhos mais importantes dos jornaes scientificos estrangeiros.

Os leitores do gabinete do *Instituto* terão de certo tido occasião de se confirmar 'neste nosso juizo; mas nós desejaramos, que, fóra d'este circulo, aquelle jornal fosse tambem lido e apreciado, até porque, sendo tão escassas entre nós as noticias litterarias do paiz vizinho, é sempre bem vinda uma publicação, que semanalmente nos põe ao corrente do seu movimento litterario e scientifico com tanto primor e exactidão.

Assigna-se a *Revista de Instruccion pública* por 15 reales por trimestre.

J. M. DE ABREU.

LOGARES SELECTOS
DOS
CLASSICOS LATINOS,
COM A
TRADUCÇÃO INTERLINEAR, PARA USO DAS ESCHOLAS:
POR
Manuel Simões Dias Cardoso,
Professor de Latinidade no Lyceu Nacional de Coimbra.

Sobejo não será jámais todo o arrimo, que aos meninos prestar-se possa, quando elles dão seus primeiros passos na traducção do latim em portuguez. Muitos embaraços, 'nisto os enleiam e lhes suspendem o juizo, debil ainda por falta de idêas, e instavel pelo fogo da imaginação. Mas o que mais os atalha, é ordinariamente a escolha entre as diversas significações de muitas palavras latinas: vacillam sobre a noção que mais convenha ao sentido da phrase, e que mais fielmente responda ao original. Por onde, muito ha, julgaram os criticos grandemente proveitoso, nos principios, o auxilio de *traducções interlineares*, usadas já nas outras nações cultas. A nossas escholas faltava ainda um livro d'este genero.

Hoje, porém, apparece elle em fim, sob o titulo de — *Logares Selectos dos Classicos Latinos, com a traducção interlinear*, — para uso das escholas de Grammatica Portugueza e Latina; escripto novo, que a nossa terra deve ao louvavel trabalho do digno Professor de Latinidade no Lyceu Nacional de Coimbra, o sr. Manuel Simões Dias Cardoso.

Logo que a obra viu a luz pública, com gôsto a lemos; e, ao passo que a liamos, crescia em nós o desejo de a ver nas mãos dos meninos; antevendo a utilidade, que ella lhes trará sem dúvida. Muito feliz, em verdade, nos parece haver sido o traductor, não só na acertada selecção dos logares dos escriptores latinos, accommodados á instrucção, religiosa, moral e litteraria, das tenras edades; senão tambem na fidelidade dos pensamentos, na pureza da phrase, e na propriedade dos termos. Effeito é isto dos talentos grammaticos do sr. Simões, havidos de seu rico ingenho, e do estudo e exercicio largo no ensino das duas linguas.

A. C. B. DE F.

NOTICIARIO.

Novo planeta. — M. Pogson, de Oxford participa á academia das sciencias de Paris, o descubrimento, que fez, em 16 de agosto ultimo, do planeta 46. Não ha dúvida, que o planeta é novo, e não o Daphne, descuberto por M. Goldschmidt.

É notavel, que ao passo, que M. Pogson descubria este novo planeta, e duvidava da sua descuberta, julgando possivel ser o planeta Daphne, que se tinha perdido, M. Goldschmidt tornava a descubrir este, e assignava-lhe de novo a posição.

Sociedade de sciencias medicas e naturaes de Bruxellas. — Esta sociedade em sessão de 6 de julho passado, elegeu por unanimidade de votos para seu membro correspondente ao sr. Barbosa, cirurgião do hospital civil de Lisboa, e redactor da *Gazeta medica*.

Folgamos de ver, que já lá fóra é devidamente avaliado o merecimento dos nossos compatriotas.

Insectos. — Está actualmente produzindo bons resultados, em França, o emprego de agentes anesthesicos para destruir os insectos, que devoram os cereaes.

M. Herpin já em 1838 nos *Annaes de agricultura franceza*, lembrára lançar os cereaes em vasilhas, nas quaes antecipadamente se tivessem posto carvões accesos, com o fim de absorver o oxygenio do ar, e produzir o gaz acido carbonico. Conservados alli uns poucos de dias os cereaes, promptamente tinha logar a anesthesia; e quando esta não fosse bastante para a destruição dos insectos, recorria-se á asphyxia empregando o gaz ammoniacal, extraído muito facil e economicamente, misturando sal ammoniaco com cal viva.

M. Herpin reclama por isso a prioridade d'esta invenção.

Luz electrica. — Acaba de fazer-se ultimamente em França, no collegio Estanislau, um novo ensaio da luz electrica, pelo processo de M. J. Duboscq, com o melhor resultado.

Um grande pateo, onde estavam para cima de mil pessoas, 'numa reunião litteraria, foi illuminado por espaço de trez horas, por um pharol electrico. O foco elevado trez metros acima do terreno, projectou, sem intermittencia sensivel, uma luz brilhante, á qual se podia lêr a distancia de trinta metros. Collocado pela parte de traz dos espectadores, o pharol não incommodava ninguem com o brilho da luz.

A India e a alimentação da Europa. — O solo da India parece admiravelmente proprio para a producção agricola. A população india produz muito mais do que consome; é por consequencia um paiz d'exportação.

Até hoje, a distancia que separa as Indias da Europa, não lhe tem permittido exportar senão productos caros; os generos agricolas não podiam saír para tão longe. A abertura do isthmo de Suez deve porem modificar completamente estas condições.

O genio commercial e especulador deverá pois aproveitar os bellos trigos da India, que dentro de um mez poderão affluir aos principaes mercados da Europa, e a alimentação europea terá um novo e precioso elemento de uma força immensa.

A Europa não podia supportar trez annos de más colheitas, sem graves crises. A India poderá intervir beneficamente, e evitar as nossas crises de fome. A abertura do isthmo de Suez deve crear um movimento commercial, cuja importancia é impossivel apreciar exactamente.

Acclimatação universal. — Procede-se actualmente com grande actividade á troca de vegetaes uteis entre todos os paizes. É curiosa, a que acaba de ter logar entre a Algeria e algumas colonias do equador.

Do viveiro de plantas central, estabelecido em Argel, foi expedido para o jardim das plantas de S. Pedro da Martinica o seguinte: seis estufas de viagem e uma caixa, contendo uma collecção das melhores variedades de laranjeiras e outras arvores fructiferas, provenientes de diversas regiões, e naturalisadas no estabelecimento, e certo numero d'especies d'arvores linhosas, pertencentes á flora da Algeria, formando tudo uma collecção de 227 individuos e 65 especies de sementes.

Esta remessa chegou ao seu destino em perfeito estado de conservação, e as especies, que a compunham, foram installadas em boas condições.

O jardim das plantas da Martinica enviou em troca para a Algeria cinco caixas cheias dos mais preciosos vegetaes dos tropicos, constando de muitas variedades d'arvores do pão, de cacáo, da noz moscada, mangueiras, damasqueiros de S. Domingos, arbustos que produzem o cravo da India, etc.

Da Algeria tem-se feito outras remessas para a colonia do Senegal, e para o jardim das plantas da companhia das Indias em Calcuttá, esperando-se em troca collecções dos vegetaes proprios d'estes paizes.

Edições de D. Quichote. — O doutor Thebussen, biblio-maniaco allemão, ha pouco fallecido, possuia na sua bibliotheca todas as edições do D. Quichote, publicadas nas differentes linguas, e que eram as seguintes:

Em hespanhol 364, desde a primeira, que se publicou em 1605; em francez 108; em inglez 206; em portuguez 81; em italiano 98; em allemão 7; em sueco 13; em polaco 8; em dinamarquez 6; em grego 4; em russo 1; em latim 1.

Afóra estas, outras se têm publicado na America, e tambem em diversas bibliothecas

de auctores, que ultimamente se têm annunciado, figuram novas edições *d'el ingenioso Hidalgo*.

Estadistica litteraria.—No 1.° de julho de 1856 em Inglaterra e no principado de Galles 58:243 meninos de ambos os sexos, frequentavam as escholas pagas pelas suas familias; 3:966 frequentavam as escholas sustentadas pela contribuição dos pobres; 39:857 eram educados em escholas a cargo de diversos estabelecimentos de caridade; 52:434 não frequentavam eschola alguma; e 35:827 trabalhavam nas minas e em diversas officinas.

Publicação importante.—Em Hespanha publica-se actualmente um mappa, dividido em 100 folhas, que terá 35 metros quadrados; e cada folha $0^{m},70$ de cumprimento e $0^{m},50$ de largura. Este importante mappa comprehende as obras públicas militares e civis da Europa: Cada folha contém as seguintes indicações—1.° caminhos de ferro; 2.° estradas ordinarias; 3.° telegraphos electricos; 4.° telegraphos submarinhos; 5.° navegação por canaes e rios; 6.° navegação em vapores; 7.° pontos militares; 8.° fortificações.

Acha-se já publicada a parte relativa á Russia oriental e meridional.

Estatistica das universidades de Hespanha.—Em 1845 habilitaram-se nas universidades de Hespanha 737 licenciados em jurisprudencia; 633 medicos; 485 cirurgiões de terceira classe, e 132 licenciados em pharmacia.

Em 1855 habilitaram-se sómente: em jurisprudencia 185 licenciados; 112 medicos, 17 cirurgiões, e 7 pharmaceuticos.

Em 1850 o pessoal e material das universidades, custou 9:264,000 reales; o seu rendimento *foi* de 9:088,655 reales.

Em 1851 custaram aquelles estabelecimentos 7:268,000 reales, e renderam 8:017,152 reales.

Total da despeza das universidades em trez annos 24:290,000 reales; producto das matriculas e propinas 26:079,000. Deduzidas por tanto todas as despezas do pessoal e material, ainda o thesouro lucrou dois milhões de reales.

Congresso litterario.—Nos dias 22, 23 e 24 de junho ultimo se reuniu em Londres um congresso para tractar das mais importantes questões relativas ao adiantamento da instrucção primaria, sob a presidencia do principe Alberto.

O vice-presidente é o conde de Granville; entre os membros d'este congresso contam-se lord Lansdowne, lord Jonh Russel, lord Stanley, M. R. Cobden, M. Sydney, lord Littleton, muitos bispos, e M. Moseley, M. Henry Dum, M. Cook, etc.

A reunião d'este congresso, composto dos caracteres politicos mais notaveis, e dos mais eminentes representantes dos interesses administrativos, e religiosos da Inglaterra, é uma prova singular da consideração que 'neste paiz merece a educação popular, e da perseverança, com que alli se procura occorrer á instrucção das classes desvalidas.

Concilio de Trento.—Vae publicar-se na imprensa do Vaticano, que acaba de restabelecer-se, uma edição magnifica das actas e documentos do concilio de Trento, até hoje ineditos.

Esta publicação comprehenderá duas partes: a 1.ª em trez volumes em folio, conterá o —*Diarium* completo do concilio, segundo as actas originaes: a 2.ª, tambem em trez volumes do mesmo formato, comprehenderá a correspondencia dos nuncios apostolicos, dos soberanos, dos bispos, e muitos outras peças e documentos interessantes.

(Rev. de Instr. Publ.)

La perte d'un genie, Dieu seul peut la reparer.

E. PELLETAN.

Escrevemos estas linhas pungidos da mais acerba dôr. No dia 26 de setembro, pelas 9 horas da noite, falleceu 'nesta cidade o distinctissimo lente cathedratico da faculdade de philosophia, e habil professor de physica, o sr. Antonio Sanches Goulão.

O sr. dr. Goulão alem dos dons que possuia em subido gráu, de um grande mestre, e sabio abalizado, manejava com superioridade a nossa lingua, era bastante versado nas humanidades, e um orador de primeira ordem.

A facilidade com que fallava e escrevia; a exposição brilhante e clara, que tinha; o methodo que adoptava; e a prodigiosa memoria que o distinguia; eram outros tantos dotes, que contribuiam, para realçar o modo como desempenhava a espinhosa e ardua tarefa do magisterio, onde ostentava os seus vastissimos conhecimentos; e para em toda a parte manifestar com justa reputação o seu ingenho superior.

Mal diriamos nós, quando, ha pouco, o ouvimos fallar tão eloquentemente no claustro, como relator da commissão de reforma do regulamento dos concursos, que havia de ser aquella a ultima vez, em que teriamos occasião de admirar o seu talento oratorio!

Os trabalhos scientificos que deixou, são os —*Principios geraes de mechanica*— obra destinada aos seus discipulos, e muito recomendavel pela clareza e simplicidade, com que está escripta; e varios artigos de sciencia, impressos no *Instituto*, e em outros jornaes.

Aquella obra, com quanto elementar, foi

um importantissimo serviço prestado pelo sr. dr. Goulão á sciencia, e aos alumnos da faculdade de philosophia. 'Naquelle precioso livro encontram-se os principaes theoremas de mechanica, seguidos das demonstrações mais simplices, e accommodadas á capacidade de estudantes do segundo anno. Ha por vezes alli bastante originalidade, fructo de sérias lucubrações e aturado estudo; e em todo o escripto se nota a excellencia do methodo, e a correcção da linguagem.

Em paga de suas fadigas litterarias recebeu o sr. dr. Goulão uma commenda; mas a verdadeira recompensa de seus trabalhos está no elevado conceito, em que era tido pelas pessoas competentes, e na viva saudade com que por todos é chorado.

O sr. dr. Goulão morreu, tendo apenas 51 annos de edade, victima de uma hydropisia, que, no curto espaço de 15 dias, lhe consumiu a existencia.

A sciencia perdeu 'nelle um zeloso cultivador; a universidade um dos seus maiores ornamentos; e nós o insigne mestre, e amigo dedicado, a quem tributavamos merecida admiração, e rendiamos respeitoso culto.

A. J. TEIXEIRA.

RELAÇÃO

Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrucção pública no mez de junho ultimo, por despachos do conselho superior d'instrucção pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Antonio Jacintho de Mello para professor temporario da cadeira da Senhora Mãe de Deos, districto de Ponta Delgada.

Francisco Joaquim da Rosa e Lima, para dicto de Sancta Barbara do logar das Ribeiras, districto da Horta.

João Maria de Medeiros, para dicto de Sancta Barbara, districto de Ponta Delgada.

José de Sousa Sá Fontes, para dicto do logar do Pico da Pedra.

Luiz Candido d'Araujo Guimarães, para dicto da freguezia de Nave, districto da Guarda.

Manuel Caetano da Silva, para dicto de Miranda do Corvo, districto de Coimbra.

Antonio Maria Ramalho, para dicto d'Aldêa do Mato, districto d'Evora.

Antonio Maximo Coelho de Sousa, para dicto de Gonçallo, districto da guarda.

João Antonio da Silva Ramos, para dicto de Mondim de Basto, districto de Villa Real.

Joaquim Rodrigues de Seabra, para dicto da Palhaça, districto d'Aveiro.

José Fortunato de São Paio e Brito, para dicto da Quinta de Pero Martins, districto da Guarda.

José Joaquim Rodrigues Leite, para dicto de Cacia, districto d'Aveiro.

José Marcelino Ferreira, para dicto de Podence, districto de Bragança.

Manuel Antonio Torrão, para dicto de Val d'Ilhavo, districto d'Aveiro.

Manuel Thomaz Biga, para dicto d'Alter do Chão, districto de Portalegre.

Antonio Joaquim Vidal, para dicto d'Arrancada, districto d'Aveiro.

Francisco Antonio da Fonseca Moreira, para dicto de Pena Verde, districto da Guarda.

João Fernandes Longo, para dicto de Torre do Pinhão, districto de Villa Real.

Joaquim Vieira de Barros e Cunha, para dicto de Runa, districto de Lisboa.

José Henriques Tavares, para dicto da Mizarella, districto da Guarda.

Antonio Pedro Galvão, para dicto de Sancto Estevão, districto de Faro.

José Ignacio Veiga, para dicto da freguezia da Conceição.

José Mourato da Trindade, para dicto de Tolosa, districto de Portalegre.

Anastacia Maria Monteiro, para mestra temporaria da cadeira de Paredes, districto do Porto.

Felicia Bastante da Silva, para dicta de Castello Branco.

José Antonio de Moraes e Castro, para professor vitalicio da cadeira de Frandizella, por transferencia da de Mascarenhas.

Carlos Augusto Pereira do Lago, para dicto de Mascarenhas, por transferencia da de Frandizella, ambas no districto de Viseu, por decreto de 10 de junho ultimo.

Manuel Fernandes de Sousa Ribeiro, para dicto da Cumieira, districto de Coimbra, por decreto de 10 dicto.

Antonio Rabasco de Gouvêa, para dicto de Belmonte, districto de Castello Branco, por transferencia da da Lagiosa, por decreto de 9 dicto.

José de Sancta Thereza, para dicto de Canellas, districto de Villa Real, por decreto de 10 dicto.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

José Corrêa de Freitas Silva e Carvalho, para professor vitalicio das cadeiras de francez e inglez do lyceu nacional d'Aveiro, por decreto de 3 dicto.

Francisco José d'Almeida, para professor vitalicio da cadeira de latim d'Abrantes, por decreto de 10 dicto.

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

José Alves Moreira de Barros demonstrador de cirurgia da eschola medico cirurgica do Porto, para o logar de lente substituto das cadeiras cirurgicas da mesma eschola, por decreto de 3 dicto.

Francisco Antonio d'Araujo Cerveira e Serra, para o logar de bedel da faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, por decreto de 10 dicto.

Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, lente substituto da eschola medico cirurgica de Lisboa, para lente cathedratico da mesma eschola, por decreto de 17 dicto.

José d'Andrade Gramaxo, demonstrador da eschola medico cirurgica do Porto, para o logar de lente substituto das cadeiras de medicina da mesma eschola, por decreto de 17 dicto.

PRINCIPAES ERRATAS DO N.º 12.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
142	1.ª	1	ás	as
»	2.ª	30	ɔasca	casca
144	»	55	mgnitudinem	magnitudinem
145	1.ª	29	378	278
»	2.ª	27	Continuado de pag. 7	Continuado de pag. 55
149	»	5	Aremenha [3];	Aremenha [1];
»	»	9	Menor [4].	Menor [2].
»	»	16	Provencia [5].	Provencia $\frac{3}{4}$.
150	»	»	do noite	da noite
151	1.ª	13	Lavachoff	Levachoff
152	»	34	já haviam	já havia

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

RELATORIO

Do commissario dos estudos do districto administrativo de Lisboa, em 31 de dezembro de 1856.

Continuado de pag 157.

CAPITULO V.

De como é de grande necessidade que, na conformidade da lei, hajam effectivamcnte para cada uma das trez primeiras secções do lyceu nacional de Lisboa trez substitutos.

A lei de 20 de setembro de 1844 no art. 51 e §§., combinado com o art. 58, considerando, como um lyceu á parte, cada uma das trez primeiras secções do lyceu nacional de Lisboa, designou para cada uma d'ellas professores distinctos, que todavia lessem, na respectiva secção, as mesmas disciplinas. Não podia ser de outra sorte, pois que não podia a lei querer o absurdo, de que ficasse cada professor obrigado ao serviço de trez cadeiras, duas das quaes estão a mais de uma legua de distancia. Mas, se assim é (o que não póde admittir dúvida), resulta que em cada uma d'aquellas trez secções devem haver trez substitutos, um para a 1.ª e 2.ª cadeira, (grammatica latina e latinidade); outro para a 3.ª e 4.ª (principios mathematicos e philosophia racional e moral); outro para a 5.ª e 6.ª (oratoria e geographia). Não se creando estes trez substitutos, ha de acontecer o que por vezes já aconteceu, e agora mesmo tem tido logar; isto é, ha de deixar de funccionar, por falta de professor, uma ou mais cadeiras, ficando privados da instrucção correspondente os respectivos alumnos, quando a doença, ou outra causa grave, tolhe aos professores proprietarios a frequencia das suas cadeiras. Para que se torne tão manifesta, quanto convém, a necessidade da providencia, que tenho a honra de propôr, vejo-me precisado a declarar, que, durante parte do mez de novembro, e todo o dezembro, esteve sem exercicio a 6.ª cadeira da secção occidental, porque, tendo adoecido gravissimamente o professor da 6.ª cadeira da secção central, julguei de muito maior conveniencia pública, que o professor d'aquella viesse reger esta, que contava muito maior numero de discipulos, e assim providenciei. Não me occorreu outro alvitre em consequencia dos impedimentos forçados de varios professores. Preferi o menor ao maior mal. Entretanto aos discipulos d'aquella, embora poucos, faltou a instrucção, a que tinham direito indisputavel, e d'ella não houveram de carecer, se a lei tivesse sido entendida e executada como cumpria, existindo para cada uma das secções o numero de substitutos, que, na minha opinião, a lei marcou, e agora tenho a honra de propôr, e pedir.

Porém, sobre as considerações ponderadas ha ainda a reflectir (como observei já no 1.º dos meus citados relatorios), de quão grande conveniencia não póde deixar de ser para o serviço público a habilitação, theorica e práctica, obtida pelos substitutos, em quanto não passam a proprietarios de alguma das cadeiras, que provisoriamente regerem. É este o seu unico tirocinio, o qual todavia lhes é absolutamente indispensavel, não alterada a lei, que menos previdentemente lhes concedeu, desde a primeira nomeação, a propriedade das cadeiras, em que são providos.

Havida attenção ao exposto, que tenho para mim parecerá de grave momento a Vossa Magestade, supplico a Vossa Magestade, que se digne ordenar a inteira execução da lei, que não póde ser entendida logicamente de diverso modo; ou que, a ter sobrevindo algum mal cabido escrupulo, haja por bem mandar explical-a authenticamente, dando a sua real approvação ao seguinte

PROJECTO DE DECRETO.

Art. 1. Em cada uma das trez primeiras secções do lyceu nacional de Lisboa haverá trez substituições, em conformidade do disposto no art. 51 e §§., combinado com o art. 58 do decr. de 20 de setembro de 1844.

Art. 2. Cada um dos substitutos supprirá as faltas dos professores proprietarios da seguinte maneira:

§. 1.º O 1.º substituto servirá na 1.ª e 2.ª cadeira.

§. 2.º O 2.º substituto servirá na 3.ª e 4.ª.

§. 3.° O 3.° substituto servirá na 5.ª e 6.ª.

Art. 3. Quando fôr necessario, os substitutos de uma secção servirão indistinctamente em cada uma das outras secções.

Art. 4. Fica d'esta sorte explicada, e fixada a intelligencia do art. 51 e §§. e art. 58 do decr. de 20 de setembro de 1844.

CAPITULO VI.

De como é absolutamente indispensavel collocar desde já a secção central do lyceu nacional de Lisboa em edificio, que tenha as precisas condições de segurança e capacidade, e transferir para dentro das portas da cidade a secção occidental do mesmo lyceu.

O estado de ruina, a que se acha reduzido o extincto convento de S. João Nepomuceno, onde está collocada a secção central d'este lyceu, tornou-o totalmente inconveniente para o fim a que fôra destinado. Sem perigo de vida dos professores, alumnos, e empregados d'aquella secção, não é possivel que alli continuem a funccionar as aulas, a secretaria, a bibliotheca, e as commissões ou mesas de exames geraes e particulares. Por vezes tenho elevado ao conhecimento do governo de Vossa Magestade o que deixo exposto; e ultimamente, em consequencia da detida e minuciosa vistoria, a que procedeu o intendente das obras públicas de Lisboa, acompanhado de competentes mestres de obras, e architectos, e á qual eu assisti, representei energicamente, como era meu dever, pela secretaria d'Estado dos negocios do reino pedindo promptas e efficazes providencias, e até lembrando o edificio, para onde a secção central podia ser mudada, sem grande despeza da fazenda, e com proveito do serviço público (veja-se o documento juncto). Entretanto, apesar das minhas instantes sollicitações, e do fundamento manifesto e urgentissimo, que as justifica, nenhuma providencia ha sido até hoje tomada; e lá persiste, no extincto convento de S. João Nepomuceno, a secção central, sob a incessante ameaça d'impendente ruina, exposto numero tão consideravel de individuos a desapparecer de rapido da face da terra, perecendo victimas d'algum mais que possivel sinistro, desde tanto tempo receiado, contra que se tem erguido repetidas vezes a voz de cauteloso aviso, mas, ácerca do qual, quem podia e devia, nada tem providenciado! E todavia, Senhor, era agora opportuno ensejo de collocar a secção central d'este lyceu em localidade melhor apropriada, e com as indispensaveis condições não só de segurança, mas tambem de capacidade e decencia; porque (devo dizer tudo) ao edificio, onde se tem achado, e ainda continúa a achar-se collocada a mencionada secção, fallecem todas estas condições, e até a da decencia; o que tem sido causa de não se terem nunca celebrado alli todos os actos litterarios publicos, que cumpria; e é por esta mesma razão, que Vossa Magestade não tem sido supplicado para visitar aquelle tão importante estabelecimento, honrando-o com a sua augusta presença, não só em actos solemnes, mas tambem quando a Vossa Magestade approuvesse; o que havia de ser por certo de grandissima vantagem para a instrucção secundaria, observando com os seus mesmos olhos a mocidade estudiosa quanto Vossa Magestade tem a peito o seu aproveitamento. Porém, Senhor, fôra offender todas as considerações do respeito devido a Vossa Magestade solicitar de Vossa Magestade a entrada em um edificio menos decente, que a habitação particular de qualquer mesquinho cidadão. E haveremos ver prolongado sem termo este lastimoso actual estado da secção central do lyceu nacional de Lisboa? A vida de tantos cidadãos haverá de parecer ainda por muito tempo objecto de pouca valia, ou menos digno de cuidado? Não chegará em fim o dia, em que se designe, e attribua um edificio, qual se carece, ao principal estabelecimento público da instrucção secundaria de todo o reino? Não posso, nem devo crêl-o, porque Vossa Magestade ama as lettras, e sabe apreciar quanto convém attender, em todas as suas partes, esta franca e leal representação, que tenho a honra de elevar ao conhecimento de Vossa Magestade submissa e respeitosamente, mas sem circumlocuções oratorias, antes com a energia, que deve inspirar-me o zelo do fiel desempenho do meu dever, o bem da causa pública, o amor da instrucção da mocidade, e o ardente e justissimo desejo de afastar de sobre mim até sombra da terrivel responsabilidade, que para sempre me roubaria a paz da consciencia, se, por infortunio, tendo eu cessado de bradar com todas as posses do meu peito, occorresse algum accidente funesto (como de dia a dia já agora é tão possivel), que venha privar muitos filhos de seus paes, e muitos paes de seus filhos, abismando-os a todos na afflicção, e talvez que a muitos na miseria. Assim que, Senhor, porquanto assim o requer a religião e a humanidade, porquanto assim o reclama o melhor serviço publico, e porquanto ha de ser de vantagem indisputavel para a instrucção da mocidade, que Vossa Magestade promove e deseja tão ardentemente, supplico a Vossa Magestade, que haja por bem ordenar, que a secção central do lyceu nacional de Lisboa seja collocada sem mais delongas, quanto antes, em edificio, que tenha as precisas condições de segurança, capacidade, e decencia. E porque não ha de construir-se um edificio, qual se precisa, que preencha todas as indicações do art. 69 do decreto de 17 de novembro de 1836? Julgar-se-hão acaso

menos bem applicados os dinheiros, que se despenderem com a fabrica do principal estabelecimento da instrucção secundaria de Portugal? Serão applicados mais approvadamente os dinheiros gastos com obras de mero luxo, ou de utilidade incomparavelmente menor? Pelo menos, por que não hade concluir-se a reedificação do lado oriental do extincto collegio dos nobres, e collocar-se alli, juncto da eschola polytechnica, a secção central do lyceu, onde deve ser a séde da reitoria, da secretaria, e da bibliotheca; onde se deve fazer a abertura solemne das aulas da instrucção secundaria da capital; onde devem ter logar os exames por concurso para o preenchimento das cadeiras do ensino primario d'este districto, e secundario de todo o reino; onde se deve celebrar o solemne acto da distribuição dos premios; e onde finalmente deve manifestar-se a solicitude indefessa, que merece ao governo de Vossa Magestade a instrucção secundaria, elemento sem o qual a instrucção primaria não póde obter perfeição, nem a instrucção superior póde dar se quer um só passo? A minha consciencia diz-me que cumpro o meu dever, explicando-me d'esta sorte perante Vossa Magestade, e chamando com esta efficacia a real attenção de Vossa Magestade para tão importante objecto.

Pelo que respeita á secção occidental limitar-me-hei a observar, que as ponderações, que tive a honra de elevar á presença de Vossa Magestade em data de 13 de dezembro ultimo, e no §. V do meu relatorio de 1854, longe de ter perdido, tem ganho maior força: grave prejuizo público tem sido a consequencia inevitavel de não se haverem adoptado as providencias, que então, e depois, tenho tido a honra de propôr ao governo de Vossa Magestade. A conveniencia da mudança d'esta secção para dentro das portas de Lisboa, e a sua *collocação* nas proximidades da praça d'Alcantara, não póde admittir dúvida; assim como não ha razão, que justifique não se ter posto em execução até hoje, esta providencia tantas vezes lembrada e requerida.

CAPITULO VII.

De como, da não adopção das providencias, que tenho proposto nos dois anteriores relatorios, se têm seguido graves prejuizos ao progresso, e aperfeiçoamento da instrucção primaria e secundaria 'neste districto.

É fóra de duvida, que no tocante ao ensino, policia, e educação moral e litteraria das aulas públicas, e dos estabelecimentos particulares assim da capital, como de todo o districto, ha muito a reprehender, corrigir, e aperfeiçoar; e tão pouco padece dúvida, que tudo continuará 'neste mesmo estado, emquanto não se lançar mão de providencias efficazes, cuja applicação seja feita com discernimento, energia, e perseverança, e cuja observancia não soffra quebra, sendo fiscalisada com zelo e tenacidade, egual pelo menos á resistencia, que as más práctica, e os abusos, quando inveterados, oppõem a toda a sorte de emenda, e de melhoramento.

'Nessas ruins prácticas, 'nesses condemnaveis abusos interessam demasiadamente ora paixões desnobres, ora caprichos ambiciosos, e não raro melindres d'amor proprio mal entendido; sendo verdade comtudo tambem que, até certo ponto, são taes prácticas e abusos originados na falta d'experiencia, que deu logar a que fossem adoptadas menos consideradamente algumas provisões, as quaes, em vez de terem favorecido a desenvolução progressivamente aperfeiçoada da instrucção primaria e secundaria, pelo contrario a têm estorvado. Além de que, não deve omittir-se, que nasce muita parte do mal, que tanta razão temos para deplorar, de não se executarem fiel e inteiramente todos os preceitos, que a lei estabeleceu, e que sisuda e esclarecida observação convence que muito importa manter intactos, procurando-se a todo o custo o seu religioso cumprimento. As alludidas, e já reconhecidamente indispensaveis providencias têm sido por mim propostas nos meus dois anteriores relatorios, caminhando umas directa e outras indirectamente ao mesmo fim. Será preciso aqui recordal-as? São de muito recente data aquelles relatorios para que eu julgue necessario nem nomeal-as sequer. A quem por dever cumpre tomar informação e conhecimento do que representam e ponderam os que a lei chamou ao desempenho de tão penosa tarefa, de certo não carece de que lhe seja indicado o que não póde admittir-se que cessasse de lhe estar presente. Se por ventura algumas ha, que se afigurem a alguem menos reflectido desconnexas, e disparatadas com respeito ao fim, que principalmente agora tomo em conta, sobeja breve advertencia para desenganal-o, e fazer-lhe ver que todas se ligam entre si intimamente, e que todas tendem de modo mais ou menos directo, porém acorde, e impreterivel, para a emenda do passado, e para o aperfeiçoamento do futuro. Com os relatorios á vista, a demonstração deduz-se espontanea e inevitavel. Mas, se assim é, sem nenhuma dúvida, não será da mesma sorte evidente, que, só porque se não evitou, o mal medrou mais longo, e mais damnoso? Não ha a hesitar; porque teve mais tempo de profundar raizes; porque pôde accumular nocivos fructos; e porque tido em pouco, depois de reconhecido e inculcado, o remedio quasi que se torna objecto de mofa para a malicia, a que mormente deve a existencia. Fôra-me tarefa não difficil, embora laboriosa, tirar inferencias mais especificadas dos principios propostos, e

concluir de maneira mais positiva, oppondo os abusos ás suggeridas providencias, e essas providencias ás ruins prácticas: mas, qual seria o resultado? Ter-se-hia agora em maior conta o de que, quando tractado explicita e applicadamente, nenhum cabedal se ha feito? Quasi que não posso crêl-o. E, com quanto não esteja na minha organisação perder com facilidade a esperança, comtudo fórça-me a verdade a dizer, que, se me fórro ao trabalho de longas explanações, é menos pelo trabalho em si mesmo, do que pelo desgosto de o vêr inutil em relação ao fim a que só podia ser destinado.

Resumindo: nos dois meus anteriores relatorios comprehende-se uma serie de providencias essencialissimas, destinadas directa e indirectamente ao melhoramento da instrucção primaria e secundaria, pública e particular, d'este districto. Estas providencias, nem nenhumas outras, não foram adoptadas; e portanto não se corrigiram abusos, não se emendaram ruins prácticas, nada se aperfeiçoou; e não se terá com isto auctorisado o desleixo e a prevaricação? Termino, Senhor, este capitulo para não aggravar o motivo, que me impõe por dever supplicar muito acatadamente a Vossa Magestade o perdão, que preciso para a leal franqueza da linguagem, que praguentos não duvidariam acaso taxar de soltura. Vossa Magestade, recto, e imparcial, não confunde o que tão essencialmente se distingue: a minha linguagem só póde soar menos agradavel aos ouvidos, que não folgam com a expressão da verdade. Em nome d'ella, Senhor, eu peço com todo o encarecimento a Vossa Magestade, que se digne adoptar as propostas providencias, ou as que a Vossa Magestade parecer: mas de modo que, por umas ou por outras, se possa obter o resultado, que Vossa Magestade quer, e todos devemos desejar do coração, pois que vae 'nelle o bem futuro da nossa patria, que não póde separar-se do aperfeiçoamento da educação e instrucção primaria e secundaria pública e particular da mocidade estudiosa.

Aqui ponho termo, Senhor, ao relatorio d'este anno. Oxalá que não seja mais um brado lançado no deserto! Graves têm sido, como acabo de observar, os prejuizos, que têm resultado á causa da iustrucção pública, de não terem sido adoptadas as providencias, que tenho tido a honra de propôr ao governo de Vossa Magestade, solicitando-as instantemente; mas esses prejuizos aggravar-se-hão, perdurando a indifferença, que de facto se mostra para com a instrucção pública, emquanto que de palavra é apregoada com tão grande arruido. É muito para deplorar uma tal contradicção! Porém afaga-me, Senhor, consoladora esperança; porque tenho fé em Vossa Magestade, e no amor de Vossa Magestade ás cousas da nossa terra, e com muita especialidade aos estudos primarios e secundarios, indispensaveis para o melhor estar da grande maioria dos portuguezes, e base essencial dos estudos superiores. É esta esperança, que me dá ainda alentos; que, se ella não fôra, tomar-me-hia a tibieza, que tudo eiva e mata, como certa consequencia do desgosto inevitavel de vêr um sobre outro frustrados desejos ardentes, e não leves fadigas. Senhor, quando todas as classes da sociedade, em todos os angulos do reino, tiverem obtido a instrucção, que a cada uma convém, então, e só então, Portugal será feliz; porque só então os povos terão o que precisam, e só então lhes será dado apreciar devidamente o dom inestimavel, que lhes outhorgou o céu, concedendo-lhes para soberano a Vossa Magestade.

Deus guarde a Vossa Magestade, como havemos mister. Commissão dos estudos do districto de Lisboa, 31 de dezembro de 1856.

O commissario — O conselheiro, *D. José Maria de Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda.*

RELATORIO

Dos trabalhos do conselho da faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, no anno lectivo de 1856 para 1857.

Tendo o governo de Sua Magestade ordenado por decreto do 1.° d'outubro e portaria de 2 do referido mez, que as aulas da Universidade se abrissem no 1.° de novembro, e que se procedesse nos ultimos 15 dias de outubro aos actos, que por falta de tempo se não tinham podido fazer no anno lectivo antecedente, resolveu o conselho da faculdade, em cumprimento das ordens recebidas, adoptar as providencias necessarias para o serviço dos actos correr com toda a regularidade e promptidão. O mappa seguinte mostra o resultado d'este serviço.

Actos em outubro de 1856.

Annos	APPROVADOS		*Reprovados*	*Total*
	Nemine Discrep.	*Simpliciter*		
1.°	4	4	6	14
2.°	1	1	1	3
3.°	1	»	»	1
Total	6	5	7	18

Ainda que este anno lectivo começou irregular, abrindo-se as aulas 15 dias mais tar-

de do que de costume, comtudo o zelo e assiduidade, com que cada um dos professores desempenhou os seus deveres, concorreu poderosamente para o bom exito dos trabalhos litterarios dos alumnos da faculdade.

E para de todo sanar qualquer falta, que d'aquella pequena irregularidade podesse resultar ao aproveitamento dos referidos alumnos, entendeu o conselho, que devia espaçar, mesmo com sacrificio seu, o mais que possivel fosse, o tempo das aulas, reservando apenas o strictamente indispensavel para os actos dos estudantes habilitados. E resolveu assim que o ponto nas aulas da faculdade tivesse logar no dia 30 de junho, deixando ainda ao arbitrio dos professores poderem continuar até 11 de julho, se por ventura lhes faltasse tempo para a conclusão das materias, designadas nos programmas de ensino. E de feito, tendo-se posto o ponto, no dia marcado, nas aulas do 4.° e 5.° anno, foram ainda continuadas até 9 de julho as do 1.°, 2.° e 3.° anno.

Fizeram-se com a maior regularidade os actos, assim dos estudantes matriculados neste anno lectivo, como dos que se apresentaram extraordinariamente, e com frequencia anterior.

Estadistica do movimento dos estudantes da faculdade de mathematica, no anno lectivo findo de 1856 para 1857.

Annos	*N.° de matriculados*	*Perderam o Anno*	*Aprovados*		*Reprovados*	*Não fizeram Acto*
			Nem. Discr.	Simplic.		
1.°	13	3	6	»	»	4
2.°	33	3	12	2	»	16
3.°	6	1	5	»	»	»
4.°	5	»	3	»	»	2
5.°	2	»	2	»	»	»
6.°	3	»	2	»	»	1
Total	62	7	30	2	»	23

Actos extraordinarios em julho de 1857.

Annos	*Aprovados*		*Reprovados*	*Total*
	Nemine Discrep.	Simpliciter		
1.°	3	1	»	4
2.°	2	»	»	2
4.°	1	»	»	1
5.°	»	1	»	1
Total	6	2	»	8

O conselho teve a satisfação de distribuir, em resultado da boa frequencia das aulas e dos actos distinctos, partidos, premios, *accessit* e distincções, aos estudantes seguintes:

1.° ANNO.

Manuel Paulino de Oliveira — 1.° Premio.
João Pacheco Alves de Resende — 2.° dicto.

2.° ANNO.

Pedro Ignacio Lopes. . . . . } Partidos.
Candido Celestino Xavier Cordeiro } Partidos.
José de Saldanha Oliveira e Sousa } Partidos.
Luiz da Costa e Almeida. . . . . } Partidos.
Antonio de Brito Furtado de Mendonça — Premio.
João Mendes de Magalhães. . . . . } Accessit.
Caetano Xavier d'Almeida da Camara Manuel. . . . . } Accessit.
Antonio Pereira da Cunha e Costa } Accessit.
Manuel Nunes Braamcamp Freire } Accessit.
Cazimiro d'Ascenção Sousa e Menezes — Distincção.

3.° ANNO.

Alvaro Kopke de Barbosa Ayalla — Premio.
Abilio Castanheira das Neves — 1.° Accessit.
Antonio Eugenio Ribeiro d'Almeida — 2.° dicto.

4.° ANNO.

Eduardo Augusto d'Oliveira Lobo — Premio.

Tendo sido despachado, por decreto de 2 de dezembro, substituto extraordinario da faculdade, o ajudante do Observatorio astronomico, Antonio José Teixeira, resolveu o conselho, que elle exercesse as funcções de secretario, retomando as de fiscal o outro substituto extraordinario Francisco Pereira de Torres Coelho, que interinamente estava servindo aquelle logar. Foram tambem distribuidas por ambos as cadeiras da faculdade, que admittem substituição extraordinaria; pertencendo ao novamente despachado as do 1.° e 2.° anno, e ao mais antigo as do 3.°, e a 6.ª cadeira do quarto anno.

Entre as diversas providencias, com que o conselho entendeu, que devia manter a disciplina, e proseguir no rigor costumado, suscitou a disposição da policia academica, que pune os estudantes, que, sendo chamados ás lições, disserem repetidas vezes que as não viram: e para maior prova dos actos, e mais proveito dos alumnos, decidiu, que os ordinarios e voluntarios, no proximo anno lectivo, e d'ahi em diante, começassem esses actos por uma dissertação em portuguez, lida por elles, e argumentada em seguida pelo lente do anno; vindo assim a haver quatro argumentos nos actos até ao quarto anno, e cinco na formatura. Como corollario resolveu tambem o conselho que d'ora ávante fossem escriptas em portuguez e impressas as dissertações inauguraes dos repetentes.

Foi approvada para compendio a continuação da nova traducção do curso de mathematicas puras de L. B. Francoeur, que comprehende o calculo até á integração das equações das ordens superiores, e particularmente da segunda ordem, e á eliminação entre as equações differenciaes simultaneas.

O conselho, ponderando a necessidade de se adquirirem livros, onde se possa vêr o progresso e desenvolvimento, que as sciencias mathematicas actualmente têm experimentado, pediu e obteve do dignissimo prelado da Universidade, que pela dotação da bibliotheca se fizesse desde já a assignatura do Jornal de mathematicas puras e applicadas de Mr. Liouville, mandando vir cada um anno, a começar d'este, quatro volumes anteriores d'essa publicação, de maneira que, dentro em pouco, e sem despeza sensivel, se encontre na mesma bibliotheca aquella preciosa collecção. E vendo que, afóra o resumo das lições de mechanica applicada de Mr. Navier, nenhum outro livro, que sirva d'auxilio ao estudo das disciplinas da 6.ª cadeira, existe nos estabelecimentos da Universidade, fez egual pedido, e obteve egual resultado relativamente ás memorias de Mrs. Saint-Venant e Lamé, sobre aquella sciencia, as quaes julgou conveniente requisitar.

Em congregação de 27 d'abril resolveu o conselho elevar á presença de Sua Magestade duas consultas sobre objectos da maior importancia. Na primeira, expondo o grande numero de inconvenientes que apresenta o actual Observatorio astronomico, e as vantagens que pelo contrario offerece o edificio do Observatorio do Castello, que apenas ficou em começo, pedia respeitosamente, que fossem concedidos os meios pecuniarios para a conclusão d'este edificio, que pouco a pouco se podia ir continuando. Na segunda, convencido o conselho pela experiencia decorrida desde a ultima reforma, em 1844, de que é impossivel, por falta de tempo, professar alguns dos ramos, que fazem parte do curso mathematico, e dar a outros todo o desenvolvimento, que o estado actual da sciencia reclama, consultava a Sua Magestade sobre a necessidade de se crear uma nova cadeira, onde se explique a parte transcendente de Geometria Descriptiva, e a parte transcendente e analytica da Acustica e da Optica, fazendo-se tambem as experiencias necessarias, para que este ensino se torne mais proveitoso.

Tendo o director interino do Observatorio astronomico, Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, ponderado ao conselho a impossibilidade de, com o limitado numero de empregados, que actualmente existe 'naquella repartição, satisfazer assidua e regularmente aos dois serviços de calculos e observações, que incumbe áquelles empregados; e tendo proposto varios alvitres para prover de remedio a falta tão sensivel; determinou a faculdade, em congregação de 30 de junho, elevar á presença de Sua Magestade uma consulta, expondo os inconvenientes, que d'essa falta hão de resultar, e lembrando respeitosamente os meios de acudir a ella. Em congregação de 29 de agosto instou novamente o conselho pela solução d'este urgentissimo negocio.

Terminam os trabalhos da faculdade por uma exposição ao conselho dos decanos, indicando o modo de levar a effeito as construcções projectadas no Observatorio do Castello; visto ter sido a dotação da Universidade augmentada pelas côrtes 'nesta sessão legislativa, e esse augmento destinado para obras dos estabelecimentos universitarios. Como porém os recursos offerecidos não permittem, que com brevidade se concluam aquellas obras, e não é possivel conseguir-se por em quanto alli a collocação do Equatorial, o conselho de mathematica, além dos alvitres lembrados para a execução das obras, propoz tambem os meios para se levar a effeito a collocação d'este instrumento no Observatorio actual, a fim de se tirar algum proveito d'elle, em quanto se não podér collocar definitivamente no Observatorio do Castello.

E tendo sido favoravelmente acolhida esta sua exposição, escolheu o conselho, em congregação de 29 d'agosto, o seu vogal Florencio Mago Barreto Feio, para dirigir aquellas obras, devendo receber da direcção do Observatorio, por via do director interino Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, quaesquer esclarecimentos, que por ventura necessite, e ficando auctorisado, para resolver, d'accôrdo com o dignissimo prelado da Universidade, quaesquer dúvidas, que no decurso d'aquelles trabalhos possam offerecer-se. Resolveu tambem o conselho, que fosse convidado o guarda do Observatorio, Francisco Antonio de Miranda, para coadjuvar, no que esteja ao seu alcance, o vogal nomeado para esta importante commissão.

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS EM MADRID.

Resumen de los trabajos Meteorologicos correspondientes al año 1854,

Verificados en el real observatorio de Madrid bajo de la direccion de D. Manuel Rico y Sinobas, cathedratico de fisica en la Universidad central. Madrid 1857. — 1 vol. 4.° grande.

O observatorio real de Madrid começou em 1837, por ordem do governo, a serie das suas observações meteorologicas, continuadas até 1853 com algumas interrupções. 'Neste anno, porém, reorganisaram-se alli os trabalhos meteorologicos, provendo-se aquelle observatorio de novos instrumentos e apparelhos, com que

se deu começo ás observações no mez de dezembro, findando em novembro seguinte o primeiro anno meteorologico d'esta nova serie, cujo resumo acaba de publicar na obra, que annunciamos, o digno cathedratico de Physica na Universidade central de Madrid, o sr. D. Manuel Rico y Sinobas.

Para esta nova serie de observações, dirigidas por aquelle illustre cathedratico, empregaram-se os seguintes instrumentos: um barometro typo, cujas indicações forám reduzidas á temperatura de 0°, pelas tabuas de Schumacher, publicadas no Annuario meteorologico de França: um thermometro typo com escala de Fahrenheit; thermometros de *maxima*, e *minima*, o primeiro de mercurio, e o segundo de alcool; um hygrometro de bola sêca e humida; um thermometro de minima temperatura para o estudo da irradiação nocturna; outro de maxima temperatura exposto á acção directa dos raios solares, construido por Barrow: um apparelho composto de seis thermometros, construido por Newman, para estudar a temperatura abaixo da superficie da terra. Estes thermometros estão numerados de 1 até 6, e acham-se collocados a diversas profundidades do pavimento do observatorio na relação seguinte:

Num. 1 á profundidade de	3,^{m}657
» 2	3,048
» 3	2,438
» 4	1,828
» 5	1,219
» 6	0,609

Estas observações são feitas ao meio dia.

Possue tambem este observatorio o um anemometro d'Osler, para indicar constantemente pelos signaes, que deixa traçados sobre o papel, as direcções dos ventos, e sua intensidade, um pluvimetro, que se corresponde com o anemometro, e que regista a quantidade de chuva que cáe, o seu começo e fim. Para o estudo da electricidade athmospherica são alli empregados um conductor de cobre, e os competentes electrometros de Volta e de Rounalds.

'Neste primeiro anno da nova serie dos trabalhos meteorologicos, as observações foram feitas de duas em duas horas, e sómente durante o dia, em consequencia de não residirem os ajudantes dentro do edificio do observatorio, excepto nos dias dos equinocios e solsticios, em que foram de hora a hora. No restante do periodo annual de 1854, as observações começaram ás 20 horas do tempo medio de Gottinga até ás 8 do dia seguinte.

O pessoal do observatorio meteorologico é composto, além do director, de dois ajudantes.

Das observações feitas nos annos, que decorreram de 1837 até 1853, apenas se publicaram na Gazeta de Madrid alguns resumos mais ou menos exactos: o governo, porém, reconhecendo a importancia d'estes trabalhos não só em relação á sciencia, mas tambem á agricultura, commercio, e industria, ordenou, que se imprimissem os resumos annuaes das observações meteorologicas, de cujo primeiro volume, offerecido pelo digno director á bibliotheca da Universidade de Coimbra, aqui damos noticia.

Esta importante collecção, já mui util para fazer conhecer o clima de Madrid, e de uma parte do terreno comprehendido entre as cordilheiras de montanhas visinhas, e o Téjo, no interior da peninsula, promette nos annos seguintes mais amplas noticias sobre a climatologia da Hespanha, porque o governo resolveu, que a este resumo dos trabalhos meteorologicos do observatorio de Madrid se juntassem as observações feitas desde 1855 nas outras Universidades e estabelecimentos de instrucção secundaria, pelos respectivos cathedraticos de Physica, afim de que esta publicação scientifica possa apresentar um quadro approximadamente exacto dos caracteres physicos comparados, que correspondem aos climas da peninsula Iberica, como região Atlantica, e a mais ao S.O. da Europa continental.

Parece-nos, que este exemplo era digno de ser imitado entre nós, e que não fôra difficil ao governo mandar estabelecer em Coimbra e no Porto observatorios meteorologicos, que se correspondessem com o do *Infante D. Luiz*, em Lisboa, e que nos lyceus, onde existem cadeiras de principios de Physica e Chimica, se estabelecessem *postos* meteorologicos a cargo dos respectivos professores, para que, reunidos todos estes trabalhos 'numa publicação annual, como em Madrid, se obtivessem pela serie d'elles os necessarios elementos para o estudo geral do clima nas diversas regiões do nosso paiz.

Voltando, porém, ao *Resumen de los Trabajos Meteorologicos*, comprehende esta obra as observações barometricas durante o anno de 1854—oscillações diurnas do barometro—observações thermometricas, segundo o thermometro typo—temperaturas maximas e minimas —observações hygrometricas—força elastica dos vapores aquosos na atmosphera de Madrid —observações anemometricas — quantidade da agua das chuvas caida em Madrid no referido anno—evaporação espontanea—irradiação solar—observações actinometricas—temperatura da terra—electricidade atmospherica—e irradiação nocturna.

É esta portanto uma obra verdadeiramente util; onde a clareza, exactidão, e bom desempenho dos quadros e tabelas correspondem ao zelo, primor e intelligencia, com que o illustre cathedratico de Physica da Universidade central de Madrid, o sr. Synobas, se dedica a estes importantes trabalhos com reconhecida vantagem da sciencia e credito seu.

J. M. DE ABREU.

NOTICIARIO.

Descuberta de trez novos planetas. —M. Luther descubriu em Bilk em 15 de setembro passado um novo planeta; e M. Goldschmidt outros dois em Paris ás 10 horas da noite de 19 do mesmo mez.

Todos os trez novos astros são da 11.ª grandeza, e estão situados, como os precedentes, entre Marte e Jupiter.

Ficam agora sendo 49 os asteroides, que se têm descuberto. D'estes: 10 foram achados por M. Hind; 9 por M. Goldschmidt; 7 por M. Gasparis; 6 por M. Luther; 5 por M. Chacornac; 3 por M. Pogson; 2 por M. Olbers; 2 por M. Hencke; 1 por M. Piazzi; 1 por M. Harding, 1 por M. Grahan; 1 por M. Marth; 1 por M. Ferguson.

Estatistica litteraria da Sardenha. —A estatistica da instrucção elementar 'neste paiz, relativa aos dois ultimos annos apresenta os resultados seguintes:

As escholas públicas de meninos, que eram 5:338, elevaram-se a 5:922; e as escholas de meninas de 2:201, que eram, subiram a 2:901.

Existiam 'neste reino no principio do corrente anno apenas 145 escholas particulares de meninos. A falta das escholas particulares de meninas é extraordinaria: 1:151 deixaram de existir!

Nos ultimos trez annos o numero de meninos que frequentaram as escholas públicas e particulares subiu de 259:000 a 319:000.

Instrucção pública em Hespanha.— Por uma real ordem de 22 de julho ultimo nomeou o governo uma commissão de vinte membros, que devia reunir-se no dia 10 de agosto para examinar o projecto de lei da instrucção publica, que na conformidade das bases approvadas pelas côrtes, o governo pretende publicar.

Esta commissão é presidida pelo vice-presidente do conselho superior de instrucção pública, e composta de cinco senadores, e cinco deputados, e de membros e directores de todas as escholas e estabelecimentos scientificos. (*Rev. de Instr. Pul.*)

Instrucção publica na Prussia.— A Prussia é de todos os paizes da Europa, o que possue maior numero de estabelecimentos d'instrucção primaria e secundaria. Só a capital, Berlim, conta actualmente 196 gymnasios, lyceus e escholas, com 50:770 discipulos, e 1:611 professores. Os estabelecimentos livres são 113, com 24:900 alumnos e 834 professores; e os do estado, e municipaes, são 83, com 25:870 discipulos, e 777 professores.

Berlim possue além d'isto 33 salas d'asylo, 2 escholas municipaes de domingo, e 8 escholas livres de domingo; tem tambem 5 bibliothecas públicas especialmente destinadas para o povo.

Consumo da agua em algumas cidades.—París, 60 litros por cada habitante 'num dia; Dijon, 200 a 680; Marselha, 400; Carcassonna, 300 a 400; Glascow, 100; Londres 95; Liverpool, 28; Narbonna, 80 a 85; Tolosa, 62 a 78; Grenoble, 60 a 65; Montpellier, 50 a 55; Beziers, 12 a 14; Philadelphia, 60 a 70; Vienna, 60 a 65.

RELAÇÃO

Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrucção pública no mez de julho ultimo, por despachos do conselho superior d'instrucção pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Jeronymo Maximiano Guerra, para professor temporario da cadeira de Felgar, districto de Bragança.

João José d'Almeida, para dicto de Freiria, districto de Lisboa.

Rodrigo Gonçalves Barroso, para dicto de Ervededo, districto de Villa Real.

Francisco José, para dicto de Friellas, districto de Lisboa.

Giraldo Joaquim da Silveira, para dicto de Sancta Cruz, (Ilha das Flores), districto da Horta.

Hypolito Celestino de Mattos Cutrim, para dicto de Belver, districto de Santarem.

João Ferreira de Carvalho Lima, para dicto d'Arrifana de Poiares, districto de Coimbra.

Manuel Fernandes Leal, para dicto da Calheta, districto da Horta.

Manuel de Sousa Telles Pereira, para dicto de Felgueiras, districto do Porto.

Francisco Marques Figueira, para dicto de S. Martinho de Salreu, districto d'Aveiro.

Gregorio José das Neves, para dicto de Pombal, districto de Leiria.

Antonio Pinto de Azevedo, para dicto de Jou, districto de Villa Real.

João Manuel Cerqueira, para dicto de Valença do Minho, districto de Vianna.

Archanjo Henriques de S. José, para professor substituto da cadeira de Sancta Maria d'Alcofra, districto de Villa Real.

Lidia Maria Grata, para mestra de meninas de Bragança.

Antonio Xavier Esteves, para professor vitalicio da cadeira das Alhadas, districto de Coimbra, por transferencia da d'Arouca, por decreto de 22 de julho ultimo.

João José Bezerra, para professor vitalicio da cadeira d'Eiras no districto de Coimbra, por decreto de 22 de julho ultimo.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Fortunato Augusto de Sá, para o logar de continuo do lyceu nacional de Coimbra, por decreto de 22 dicto.

Antonio Francisco de Almeida, para professor vitalicio da cadeira de latim d'Abrantes, por decreto de 22 dicto.

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

Antonio Ferreira de Macedo Pinto, lente substituto das cadeiras de medicina da eschola medico-cirurgica do Porto, para lente proprietario da 3.ª cadeira da mesma eschola, por decreto de 22 dicto.

SECÇÃO DE MATHEMATICA.

Trisecção do angulo por meio da hyperbole e circulo.
Interpretação d'uma solução estranha.

Continuado de pag. 136.

Se tivessemos considerado em (1) como lettras principaes x e c, resultaria, applicando a essa equação a regra citada, $o = 16x^4 - 16cx^3 + 4c^3x - c^4$; equação que tem, como é facil de ver, 3 raizes eguaes, e por isso

$$16x^4 - 16cx^3 + 4c^3x - c^4 = (c - 2x)^3 (c + 2x) = o \ldots\ldots\ldots \quad (19)$$

e por tanto os 1.os termos das raizes seriam

$$x = \frac{c}{2},\ x' = \frac{c}{2},\ x'' = \frac{c}{2},\ x''' = -\frac{c}{2}$$

Fazendo para achar os 2.os $x = \frac{c}{2} + z$ em (1) vem

$$16z^4 + 16cz^3 - 12r^2z^2 - 16r^2cz - 4r^2c^2 = o \ldots\ldots\ldots\ldots \quad (20)$$

d'onde resulta

$$z + c = o;\quad 4z^3 - r^2c = o \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (21)$$

O valor $z = -c$ deve ser rejeitado, porque identificaria x, x', x'' com o 1.º termo de x''': e aproveitamos $z = \sqrt[3]{\frac{r^2c}{4}}$, que tem 3 valores, e por isso dá trez series differentes para as 1.as 3 raizes de (1).

Fazendo agora $x''' = -\frac{c}{2} + z$ em (1) acha-se

$$z\left\{4z^3 - 12cz^2 + 12c^2z - 3r^2z - 4c^3 + 2r^2c\right\} = o \ldots\ldots\ldots \quad (22)$$

equação que póde ser satisfeita, ou por $z = o$, ou pelo outro factor. Mas este dá pela regra de *Newton*

$$z^3 - 3cz^2 + 3c^2z - c^3 = (z - c)^3 = o \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (23)$$

O valor $z = c$ confundiria x''' com os 1.os termos das outras trez raizes, e por isso não póde servir, restando só $z = o$, como já sabiamos que devia ser aproveitado.

Temos assim

$$x = \frac{c}{2} + \sqrt[3]{\frac{r^2c}{4}} + \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$x' = \frac{c}{2} + \alpha\sqrt[3]{\frac{r^2c}{4}} + \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$x'' = \frac{c}{2} + \alpha^2\sqrt[3]{\frac{r^2c}{4}} + \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$x''' = -\frac{c}{2}$$

chamando α, α^2 as duas raizes cubicas imaginarias da unidade

Pondo em (20) $z = \alpha \sqrt[3]{\frac{r^2 c}{4}} + u$, vem

$$\left.\begin{array}{l|l|l|l} 16u^4 + 16c & u^3 + 48\alpha c\left(\frac{r^2 c}{4}\right)^{\frac{1}{3}} & u^2 + 48\alpha^2 c\left(\frac{r^2 c}{4}\right)^{\frac{2}{3}} & u - 12 r^2 c\left(\frac{r^2 c}{4}\right)^{\frac{1}{3}} \\ + 64\alpha\left(\frac{r^2 c}{4}\right)^{\frac{1}{3}} & + 96\alpha^2\left(\frac{r^2 c}{4}\right)^{\frac{2}{3}} & -24\alpha r^2\left(\frac{r^2 c}{4}\right)^{\frac{1}{3}} & -12\alpha^2 r^2\left(\frac{r^2 c}{4}\right)^{\frac{2}{3}} \\ & -12 r^2 & & \end{array}\right\} = 0 \ldots \quad (24)$$

Deduzem-se d'esta equação

$$u + c = 0\,;\; u^2 + 3\alpha\left(\frac{r^2 c}{4}\right)^{\frac{1}{3}} u + 3\alpha^2\left(\frac{r^2 c}{4}\right)^{\frac{2}{3}} = 0\,;\; \alpha\left(\frac{r^2 c}{4}\right)^{\frac{1}{3}} u - \frac{r^2}{4} = 0 \ldots\ldots\ldots \quad (25)$$

A 3.ª, unica que serve, dá

$$u = \alpha^2 \sqrt[3]{\frac{r^4}{16 c}}$$

Identicamente para a 3.ª raiz $u = \alpha \sqrt[3]{\frac{r^4}{16 c}}$

E para a primeira $u = \sqrt[3]{\frac{r^4}{16 c}}$

Logo

$$\left.\begin{array}{l} x = \frac{c}{2} + \sqrt[3]{\frac{r^2 c}{4}} + \sqrt[3]{\frac{r^4}{16 c}} + \ldots\ldots\ldots \\ x' = \frac{c}{2} + \alpha\sqrt[3]{\frac{r^2 c}{4}} + \alpha^2\sqrt[3]{\frac{r^4}{16 c}} + \ldots\ldots\ldots \\ x'' = \frac{c}{2} + \alpha^2\sqrt[3]{\frac{r^2 c}{4}} + \alpha\sqrt[3]{\frac{r^4}{16 c}} + \ldots\ldots\ldots \\ x''' = -\frac{c}{2} \end{array}\right\} \ldots\ldots\ldots\ldots \quad (D)$$

Os valores (C) e (D) podiam obter-se mais facilmente, se depois de achada a raiz commensuravel $x''' = -\frac{c}{2}$, tivessemos dividido (1) pelo factor que lhe corresponde, e applicassemos ao quociente a regra de *Newton*. Podiamos tambem evitar a eliminação na successiva formação das transformadas: porquanto consistindo o methodo em substituir em (1) o 1.º valor de x, obter uma transformada em z, depois 'nesta substituir por z o seu valor em u etc., é claro que estas substituições successivas equivalem á substituição na primitiva d'um valor de x composto da somma dos seus valores parciaes; e por isso tendo achado pela eliminação a transformada em z, basta mudar 'nesta equação (9) r em $r + \frac{4c}{3\sqrt{3}}$ para obter immediatamente a equação em u (16), etc., etc.

Notemos de passagem que é inexacto o que diz Garnier a pag. 353 da *Analyse algebrica*, 2.ª edição de Pariz. — « Advertiremos que as equações, que dão os valores de z, u, etc. devem *sempre* ser do 1.º gráu; porque d'outra maneira dariam para a proposta mais raizes do que esta póde ter » —. Evidentemente assim é *em geral;* mas quando a equação, cujas raizes se pretendem desenvolver em serie, não tiver raizes eguaes, e os 1.os termos das series d'algumas ou todas de suas raizes forem eguaes, é absolutamente necessario que o valor de z seja dado por equações de gráu superior ao 1.º, aliás confundir-se-hiam 'neste caso todas essas raizes. A 2.ª das equações (21) que aproveitámos, no exemplo que temos tractado, nos offerece a confirmação do equivoco de Garnier.

Mas deixemos esta doutrina, em que tocámos por incidente, e de que talvez um dia nos occupemos mais de espaço, e continuemos no objecto d'este artigo. O nosso fim, com o desenvolvimento das raizes da 1.ª de (1) em serie, foi mostrar um dos meios, de que a analyse dispõe, para pôr em evidencia qualquer factor commensuravel do 1.° gráu nas equações litteraes. Por um processo analogo poderiamos achar o factor $y-\frac{1}{2}s$ da 2.ª de (1).

Os factores $\gamma+c$, $\varsigma-s$, dão $\gamma=-c$, $\varsigma=s$; pelo que se vê que esta solução é estranha ao problema, visto que s e c representam respectivamente o seno e coseno do arco que se pretendia dividir em trez partes eguaes. Esta solução proveiu das equações (a) e (b) que se formaram 'num estado de generalidade maior do que o exigido para a resolução do problema: e com effeito á equação (a), que é a do circulo dado, satisfazem quaesquer coordenadas dos pontos d'este, e por isso tambem s, e $-c$; e a equação (b), onde está impressa a condição do problema pelo valor de $A_1 Q=MH$, fica egualmente satisfeita pelas mesmas quantidades: por quanto, ou quando é AM o terço de AA_1, ou quando é $A_1B=A'_1B$, temos respectivamente $A_1Q=MH$, $A_1Q_1=A'_1Q'_1$. Por onde se vê que a condição introduzida em (b) é mais geral que a requerida, e por isso apparece a solução correspondente ao ponto A'_1. 'Neste caso A_1Q e QP mudam-se em A_1Q_1 e $-Q_1P$, a primeira das quaes é o dobro de A_1P, e a segunda deduzida dos triangulos similhantes, que são agora CPQ_1, $CP'A'_1$ é $-\frac{cs}{c}=-s$. A equação (b) e a figura mostram além disto, que as coordenadas do arco dado, em nenhuma outra posição differente da marcada por DA'_1, podem satisfazer áquella equação substituidas por ς e γ.

Continúa.

ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA.

REFUTAÇÃO DE UMA PROPOSIÇÃO DE DU-BOURGUET

SOBRE O

CALCULO INTEGRAL.

É bem conhecido o principio de calculo integral, que ensina, que toda a equação differencial da ordem n tem n integraes da ordem $n-1$, nem mais nem menos. A demonstração d'este principio, a mais simples e luminosa, é sem dúvida a que deu Laplace no principio do cap. 5.°, do liv. 2.° da Mechanica celeste, cujo desenvolvimento é o seguinte:

Seja $\frac{d^ny}{dx^n}+P=o$ uma equação differencial da ordem n entre x e y; sendo P funcção de $x, y, \frac{dy}{dx}, \frac{d^2y}{dx^2}, \ldots \frac{d^{n-1}y}{dx^{n-1}}$. Supponhamos que por um meio qualquer podemos integrar uma vez esta equação; obteremos um integral da ordem $n-1$ com uma arbitraria; integrando de novo, obteremos um integral da ordem $n-2$ com duas arbitrarias; e assim por diante até chegar ao integral finito, que se obterá com n arbitrarias. Ora todos estes integraes, desde o finito até ao da ordem $n-1$, formam um systema de n equações com n arbitrarias, que chamaremos $a^{(o)}$, $a^{(1)}$, $a^{(2)}$, etc. as quaes darão pela eliminação os n valores

$$a^{(o)}=\varphi^{(o)},\ a^{(1)}=\varphi^{(1)},\ a^{(2)}=\varphi^{(2)},\ \text{etc.} \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ (a),$$

sendo $\varphi^{(o)}$, $\varphi^{(1)}$, $\varphi^{(2)}$, etc. funcções de $x, y, \frac{dy}{dx}, \frac{d^2y}{dx^2} \ldots \frac{d^{n-1}y}{dx^{n-1}}$; e estas equações são os n integraes da ordem $n-1$ da proposta.

Mostremos agora que as equações (a) são todas distinctas, e que não póde haver outra equação da ordem $n-1$ da mesma fórma, e distincta d'ellas, que satisfaça tambem á proposta; o que equivale a mostrar que o integral finito da proposta tem n arbitrarias distinctas, e não póde ter mais.

Se por meio das n equações (a) eliminarmos os $n-1$ coefficientes differenciaes, obteremos o integral finito da proposta com n arbitrarias; se porém aquellas equações não forem todas

distinctas, não será possivel a eliminação, nem se obterá o integral finito, contra a hypothese; pois que as equações (*a*) resultaram do integral finito, e das suas differenciaes até a ordem $n-1$; donde concluiremos que as equações (*a*), e as arbitrarias $a^{(0)}$, $a^{(1)}$, etc., são todas distinctas.

Suppondo porém que o numero das equações (*a*) é $n+1$; como n d'estas equações bastam para dar pela eliminação o integral finito, seguir-se-ía que poderiamos obter n integraes finitos completos, e distinctos, isto é, n valores distinctos de y em funcção de x, e de n arbitrarias, que todos satisfariam á proposta, o que é absurdo: assim as equações (*a*) são n distinctas, nem mais nem menos.

Porém Du-Bourguet no tom. 2.° n.° 454 do seu calculo differencial e integral, edição de Paris de 1811 diz o seguinte:

Nous remarquerons ici, que c'est à tort que plusieurs auteurs ont insinué dans leurs ouvrages, que les équations différentielles de l'ordre n *n'ont que* n *premières intégrales; car, indépendamment de ces* n *premières intégrales qu'on peut toujours obtenir par l'élimination des constantes, comme nous l'avons fait precédemment, on peut encore très souvent integrer l'equation différentielle de l'ordre* n *proposée de plusieurs manières différentes, ce qui donne autant de premières intégrales, ou équations différentielles de l'ordre* n—1, *qui different essentiellement entre elles, et de celles trouvées par le calcul indiqué dans l'article* 452. — E para provar a sua proposição toma a equação differencial

$$(1-x)\frac{d^3y}{dx^3}-3\frac{d^2y}{dx^2}=o \quad \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (1),$$

cujos 3 integraes da 2.ª ordem, achados pelo methodo acima exposto, são

$$c=(x-1)\frac{d^2y}{dx^2}+2\frac{dy}{dx};\ c'=x(1-x)\frac{d^2y}{dx^2}-(1+x)\frac{dy}{dx}+y;\ c''=\frac{1}{2}x^2(x-1)\frac{d^2y}{dx^2}+x\frac{dy}{dx}-y \ldots (2);$$

e acha por certos processos de calculo, que emprega, duas novas transformações para a equação (1), e para cada uma obtem um integral da 2.ª ordem, chegando assim aos dois novos integraes $c'''=(1-x)^3\ \frac{d^2y}{dx^2}$; $c^{iv}=-(1-x)^2\frac{d^2y}{dx^2}+(1-x)\frac{dy}{dx}+y$ . . . . . (3):

os quaes integrados duas vezes, e eliminadas as arbitrarias, dariam mais outros quatro integraes da 2.ª ordem da proposta, que formam ao todo nove integraes, e que, segundo affirma, são todos distinctos.

Para provar, *a posteriori*, a falsidade d'esta proposição (que provada está ella, *a priori*, pela demonstração que acima demos) basta mostrar que os dois integraes (3) estão incluidos nos integraes (2), pois que os outros quatro, sendo deduzidos pelo mesmo processo, estarão egualmente incluidos 'nelles; e é isto o que vamos fazer.

Tomando as equações (2), e sommando a primeira multiplicada por $-x$, com a 3.ª multiplicada por 2; e a mesma 1.ª multiplicada por $\frac{1+x}{2}$ com a 2.ª, vem as duas

$$x(1-x)^2\frac{d^2y}{dx^2}-2y+cx-2c'=o;\ (1-x)^2\frac{d^2y}{dx^2}-2y+cx+c+2c'=o \ldots\ldots \quad (4)$$

e tirando a 1.ª da 2.ª, vem $-c-2(c'+c'')=(1-x)^3\frac{d^2y}{dx^2}$, que se torna na 1.ª equação (3) pela equação de condição $c+2(c'+c'')=-c'''$.

Multiplicando agora a 1.ª equação (2) por $(x-1)$, e sommando-a com a 2.ª equação (4), vem $c+c'=-(1-x)^2\frac{d^2y}{dx^2}+\frac{dy}{dx}(1-x)+y$, que se torna na 2.ª equação (3) pela equação de condição $c+c'=c^{iv}$.

JACOME LUIZ SARMENTO.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

RELATORIO

Dos estudos do Lyceu nacional de Braga em 1855—1856.

Senhor! O conselho do lyceu nacional da cidade de Braga vai cumprir o dever, que lhe impõe o artigo sessenta e quatro §. 5.º do decreto de 17 de novembro de 1836, elevando á augusta presença da Vossa Magestade o relatorio do estado dos estudos no mesmo lyceu, relativo ao anno findo. As cadeiras, que formam o curso legal d'este lyceu, e as respectivas substituições, nos termos dos artigos 47, 48 e 58 do decreto de 20 de setembro de 1844, acham-se providas, á excepção da cadeira d'economia industrial e escripturação. Todas as aulas existentes foram frequentadas por maior ou menor numero d'alumnos, como mostra o mappa juncto, que faz parte d'este relatorio. A diminuta frequencia na aula de grammatica portugueza e latina, em relação aos alumnos, que 'nesta cidade frequentam a mesma disciplina, é devida principalmente á falta d'habilitação, em que se acham, quando saem das escholas d'instrucção primaria, pois que, se não todos, a maxima parte não se acham em circumstancias de poderem fazer o exame ordenado pelo artigo 68, §. unico do citado decreto de 20 de setembro de 1844, porisso recorrem antes ás aulas particulares, onde são recebidos independentemente de qualquer habilitação. A pequena frequencia 'naquella concorre para que a de latinidade seja tambem pouco frequentada; pois se limita a sua frequencia aos alumnos, que estudaram 'naquella a grammatica portugueza e latina, a alguns, que foram reprovados, quando tentaram o seu exame, e a outros que, tendo estudado em differentes aulas, se não consideram em estado de o poderem fazer. A irregularidade, com que os estudantes se matriculam 'nesta ultima aula, com a unica habilitação do exame d'instrucção primaria, e sem terem por meio do competente exame dado uma prova de sufficiencia em grammatica portugueza e latina, faz com que d'ella se não possam obter todas as vantagens, que se deviam esperar; pois que, exceptuando os que aprenderam a grammatica na aula respectiva d'este lyceu, todos os outros, ou, pelo menos, a maxima parte d'elles ignoram os seus mais rudimentares principios; donde resulta que, por maiores esforços que empregue o respectivo professor, nunca chegam a adquirir o conhecimento da lingua latina. O unico remedio, que este conselho poderia adoptar para obstar a este inconveniente, seria talvez prohibir a matricula 'nesta aula, sem prévio exame das disciplinas da 1.ª cadeira; porém, tem-se abstido de empregar este meio, por considerar, que elle fecharia as portas d'aquella aula; pois se os estudantes fossem obrigados ao dicto exame, recorreriam todos ás aulas particulares, sempre promptas a recebel-os sem habilitação alguma; ou se contentariam com a certidão d'esse exame para conseguirem os seus fins, o que lhes não seria difficil, por não ser ainda de todos bem conhecida a differença, que se dá entre aquellas duas disciplinas. A frequencia na aula de philosophia racional e moral, e principios de direito natural, foi inferior á dos annos antecedentes, e muito limitada tambem, se for comparada com o numero de mancebos, que 'nesta cidade estudam aquella disciplina, o que parece ser principalmente devido a não se acharem a maior parte dos estudantes habilitados com o exame preparatorio de latinidade, nos termos da portaria de 10 de julho de 1855, expedida a este lyceu pelo conselho superior d'instrucção pública. Não é só a falta de habilitação, com que nas aulas particulares se admittem quaesquer estudantes, que alli convida maior numero d'alumnos, do que ás respectivas aulas d'este lyceu: é egualmente a irregularidade com que se procede 'naquellas aulas, já não apontando faltas aos estudantes, já alargando os prazos das ferias, já finalmente empregando outros meios de seducção, que este conselho se abstem de referir, o que sendo em gravissimo damno da instrucção reverte unicamente em beneficio dos especuladores, mais sollicitos em promoverem os seus interesses, que escrupulosos na escolha dos meios. A aula d'oratoria, poetica e litteratura classica tem sido mui pouco frequentada, depois que se começaram a expedir os avisos regios para a ordenação do clero sem certidão do exame d'esta disciplina. O abandono, em que se acha hoje a referida disciplina, soria tambem a sorte da grammatica latina e lati-

nidade, e da philosophia, se por ventura fossem tambem dispensadas, na expedição d'aquelles regios avisos, as respectivas certidões, ou substituidas, como d'antes, por attestados graciosos, muito mais faceis d'obter, que aquellas certidões. As restantes aulas d'este lyceu continuam a ser pouco frequentadas, o que hade acontecer sempre que não seja ligado interesse ás disciplinas, que 'nellas se ensinam, ou seja tornando-as habilitação necessaria para certos empregos, e modos de vida, ou dando preferencia áquelles que, por meio do competente exame, se mostrarem 'nellas instruidos, dando-se assim execução ás sabias providencias, que se acham consignadas nos artigos 72, 73, 74 e 75, e no artigo 97 §. unico do citado decreto de 20 de setembro de 1844.

O numero dos exames de latinidade foi superior ao dos annos antecedentes; porém, o dos exames de philosophia foi inferior, o que da mesma sorte deve attribuir-se á circumstancia de não serem hoje admittidos a este ultimo exame os que não tenham sido préviamente approvados em latinidade, nos termos da lembrada portaria de 10 de julho. Tal é, Senhor, o estado dos estudos 'neste lyceu. A regularidade com que 'nelle se procede é causa de afugentar a frequencia de suas aulas. Além d'isto, o maior numero, por não dizer a quasi totalidade dos estudantes, que 'nesta cidade cursam as aulas d'instrucção secundaria, destinam-se ao estado ecclesiastico; pelo que sómente estudam o latim e philosophia, e se estudam estas mesmas disciplinas, é por que a isso são obrigados pelas sabias disposições da portaria do ministerio dos negocios ecclesiasticos de 25 de setembro de 1850. São, pela maior parte, filhos d'homens rusticos, que os mandam para esta cidade entregues a si mesmos, e sem as necessarias habilitações: por isso procuram aquellas aulas, onde conhecem que a irregularidade e a indulgencia favorecem mais a distracção e o ocio, e onde são recebidos sem aquellas habilitações. É por essa razão, que a cada passo se vêem frequentar mais os passeios, as casas de jogo e de prostituição, os botequins e os bilhares, do que os estudos. É por essa mesma razão, que mui poucos merecem ser approvados plenamente, outros são reprovados primeira, segunda, terceira e quarta vez, e muitos outros nem sequer se subjeitam aos exames, recorrendo antes ás certidões falsas dos mesmos exames, para com ellas obterem os regios avisos e a admissão ao estado ecclesiastico; outro genero d'especulação, que a impunidade tem tornado vulgarissimo, e até quasi indifferente 'nesta cidade, em despeito dos reiterados clamores, que se têm levantado contra similhante desordem. Este estado, Senhor, carece de prompto remedio; e o mais efficaz seria, segundo a opinião d'este conselho, que baixem ás auctoridades competentes as necessarias ordens, não só para que se observe a mais escrupulosa regularidade em quanto ás habilitações litterarias e moraes do clero, mas para que se estabeleçam e façam executar pontualmente regulamentos especiaes, tendentes a reprimir a distracção e desenvoltura dos estudantes, não podendo duvidar-se que os mancebos, com especialidade os que se dedicam ao estado ecclesiastico, educados assim na indolencia e na devassidão, destituidos ao mesmo tempo das habilitações indispensaveis para o alto ministerio de que vão ser encarregados, de illustrar e moralisar os povos pela doutrina e pelo exemplo, bem longe de desempenharem dignamente tão sagrada missão, antes se constituirão em verdadeiro flagello no meio da sociedade, do que a experiencia vae já offerecendo lamentaveis exemplos. Em quanto ao collegio d'educação, tendo o subdirector sido provido em um logar de escrivão e tabellião na Villa de Barcellos, para onde mudou a sua residencia no principio d'abril, e tendo-se retirado quasi todos os alumnos depois que souberam d'aquella nomeação, ficou por algum tempo interrompida a sua administração. O conselho nomeou para aquelle emprego, em sessão de 18 de junho findo, o professor substituto da 5.ª e 6.ª cadeiras d'este lyceu, e tem as mais bem fundadas esperanças, de que elle hade cumprir pontualmente a ponderosa missão de que se acha encarregado, e que a educação e instrucção da mocidade muito ha de lucrar d'ora avante, pela fiel observancia dos regulamentos approvados para a boa administração economica, litteraria e disciplinar d'este util estabelecimento. Como os estudos preparatorios de physica e chimica, e introducção á historia natural dos trez reinos fazem hoje parte integrante da habilitação legal para as matriculas na Universidade, espera este conselho, que Vossa Magestade será servido tomar em consideração a conveniencia de se accrescentar ao quadro d'este lyceu a cadeira d'aquellas disciplinas, já estabelecida em outros lyceus: e por esta occasião renova tambem respeitosamente os seus votos para que seja dotado este mesmo estabelecimento com uma cadeira de desenho, e outra de instrucção agronomica, ambas importantissimas para esta populosa provincia, essencialmente agricola e industrial. Emquanto ao material do edificio e aulas, carece elle de reparações, que se vão tornando cada dia mais urgentes, para as quaes este conselho se não acha habilitado com meios alguns, não tendo até hoje sido tomada em consideração a parte do orçamento destinada áquellas despezas, enviada ao governo no anno de 1853, e dependente do ministerio das obras publicas, nem se tendo recebido ha trez annos senão a verba ordenada pelo ministerio do reino em cada anno para as despezas do expediente.

Supplica, pois, de novo este conselho a Vossa Magestade se digne interpôr a sua real sollicitude, para que attenda quanto antes a este objecto de urgente necessidade. Espera finalmente o conselho, que Vossa Magestade será servido pesar em sua alta sabedoria a necessidade não menos urgente, e já tantas vezes lembrada, de baixarem aos lyceus os competentes regulamentos, que ha tantos annos se fazem desejar, e que muito devem concorrer para a mais conveniente interpretação e execução das leis respectivas a estes estabelecimentos, para a melhor regularidade e uniformidade do serviço em todos elles, e bem assim para a mais prompta e acertada resolução dos casos duvidosos, que não poucas vezes se offerecem á deliberação, segundo a experiencia tem mostrado. Deus guarde a Vossa Magestade. Braga, e sala das sessões do conselho do lyceu nacional, em sessão de 31 de julho de 1856. Antonio Maria Pinheiro, commissario reitor. Antonio Manuel Alvares. — Manuel Pinheiro d'Almeida e Azevedo. — José Valerio Capella. — João Pereira Pinto de Magalhães. — José Joaquim da Silva Pereira Caldas. — João Maria d'Araujo Corrêa. — José Candido de Sá Pereira. — Manuel da Conceição e Barros. — Julio Celestino da Silva. — Antonio Teixeira Leite. — Francisco de Faria Pereira da Cruz.

Está conforme. — Braga, e secretaria do lyceu nacional, 12 de março de 1857. — O secretario, *Manuel Pinheiro d'Almeida e Azevedo.*

Mappa geral demonstrativo do movimento do Lyceu nacional de Braga no anno lectivo de 1855 a 1856.

DISCIPLINAS	MATRICULADOS *	PERDERAM O ANNO	FIZERAM EXAME			APPROVADOS			REPROVADOS		
			Alumnos	*Estranhos*	*Total*	*Nem. Discr.*	*Simpliciter*	*Total*	*Alumnos*	*Estranhos*	*Total*
Instrucção Primaria	»	»	«	189	189	90	65	155	»	34	34
Grammatica Portugueza e Latina	4	2	»	»	»	»	»	»	»	«	»
Latinidade	38	16	15	172	187	58	73	131	»	56	56
Arithmetica e Geometria	11	8	2	»	2	2	»	2	»	»	»
Philosophia Rac. e Moral	30	8	19	63	82	37	32	69	1	12	13
Oratoria, Poetica e Litteratura Classica	4	3	1	»	1	1	»	1	»	»	»
Historia, Geographia e Chronologia	9	7	»	»	»	»	»	»	»	»	»
Lingua Franceza	15	12	1	4	5	3	1	4	»	1	1
Lingua Ingleza	6	6	»	»	»	»	»	»	«	»	»
Lingua Grega	3	1	1	»	1	1	»	1	»	«	»
Totaes....	120	63	39	428	467	192	171	363	1	103	104

* A somma total dos individuos matriculados foi apenas 98, procedendo a differença de se haverem alguns d'elles matriculado em diversas disciplinas. A dos estranhos examinados no lyceu foi 242. Total individual 340.

Braga e secretaria do mesmo Lyceu, 14 de março de 1857. — O secretario, *Manuel Pinheiro d'Almeida e Azevedo.*

A REFORMA DO ENSINO PÚBLICO EM PORTUGAL.[1]

II.

O simultaneo estabelecimento de universidades e escholas especiaes, não é um facto novo, nem imcompativel na organisação litteraria dos mais cultos paizes da Europa.

A sciencia professa-se larga e profundamente nas faculdades sem exclusão das suas applicações. Estas occupam o principal logar nas escholas especiaes, e constituem o ensino complementar das profissões technicas.

A *faculdade* e a *eschola*, segundo os seus especiaes fins, seguem parallelamente os progressos das sciencias nas suas variadas phases; o aperfeiçoamento das bellas artes; a cultura das letras, o desenvolvimento das mais vastas applicações industriaes, sem que uma procure occupar o logar da outra, nem ultrapassar os limites, que o bem do ensino, o interesse da instrucção, e a boa organisação dos estudos lhes assignaram.

Aqui não ha privilegios, nem exempções, que os não reconhecemos no estadio das sciencias: mas ha condições, que são rigorosamente necessarias para o maior e melhor aproveitamento do ensino; que nascem da diversidade dos fins, a que a sciencia tende; dos muitos e variados objectos, que ella abrange; e tambem das diversas e variadas necessidades da organisação social, e da situação moral e politica dos differentes povos.

A *universidade*, como centro e fóco de toda a instrucção superior, é uma instituição tão necessaria e tão util, como a *eschola*, que habilita para as profissões technicas.

[1] V. pag. 157.

A sciencia sem as applicações seria tão esteril, como a arte, privada da luz da sciencia, ficaria eternamente estacionaria. Centralisar as sciencias para lhes dar a força e unidade, que nasce do concurso das maiores intelligencias; da reunião de todos os elementos do saber humano; do mutuo auxilio, e dos communs esforços das gerações literarias que no volver dos tempos se vão succedendo umas ás outras, era uma condição indispensavel para assegurar o progresso das letras; para dilatar o campo das observações; para alimentar o genio vivificador da sciencia, e perpetuar as tradições do ensino nacional 'nesses grandes fócos do saber e da illustração universal.

O estabelecimento das universidades na meia edade symbolisava, apezar da rudeza dos tempos, esse grandioso pensamento, a cuja realisação as primeiras nações da Europa culta deveram em grande parte os seus mais assignalados progressos na carreira das sciencias e das letras; a cultura do espirito, e o germen fecundo de todas as refórmas e melhoramentos da moderna civilisação.

A sciencia pura e especulativa, que viera acolher-se nas universidades, pôde, pelo vigoroso impulso que d'estas instituições recebera, libertar-se do jugo da escholastica, e traduzir-se 'nessas numerosas e importantissimas applicações, que constituem hoje a mais bella e gloriosa pagina na historia dos progressos do espirito humano.

Tal foi o resultado das profundas e laboriosas investigações, dos assiduos trabalhos, e dos communs esforços em prol da sciencia no seio das universidades.

A eschola veiu mais tarde occupar uma parte importante nos trabalhos practicos; nas applicações industriaes, nas artes thechnicas, que pelo seu extraordinario desenvolvimento não podiam já professar-se com toda a extensão 'num só instituto a par das altas theorias de sciencia, e das suas mais transcendentes applicações.

Eram as necessidades da vida social; o adiantamento da sciencia; o interesse dos estudos, que tornavam inevitavel esta refórma.

A eschola não nasceu por tanto como uma rival das faculdades para lhe disputar fóros, e prerogativas, de que não carecia para satisfazer a sua missão; nem para inverter a ordem dos estudos, e estabelecer uma lucta interminavel e pueril entre ella e as universidades, procurando não só tornar-se completamente independente; mas até substituil-as, arrogando-se para isso o exclusivo do ensino superior das sciencias naturaes e politicas em todos os seus ramos.

D'esta *inconsiderada* pretenção, banida em todos os outros paizes, estamos dando ainda o triste exemplo, com gravissimo prejuizo do ensino, em todas as questões, que entre nós se têm suscitado, sobre a refórma dos estudos superiores!

E a propria Academia R. das Sciencias no projecto, que adoptou para base da discussão sobre a refórma do ensino publico, não hesitou em consignar essa pretenção das escholas em termos, que não deixam a menor duvida sobre os fins d'essa pretendida refórma «que o corpo legislativo só terá a gloria de chancellar, e o poder executivo a honra de promulgar. (!!!)»

O projecto da Academia não reconhece, nem menciona dos actuaes estabelecimentos de instrucção superior, além das escholas do Exercito, e Naval, senão a *eschola polytechnica*— unica, cuja organisação designa, e cujas attribuições estabelece:

«A eschola superior preparatoria para as profissões scientificas do estado (officiaes das armas scientificas, engenheiros de todas as especialidades etc.) chama-se *eschola polytechnica* — e consta de trez secções.»

Como *faculdades* mencionam-se unicamente — a das *letras* e *philosophia*, e a de *sciencias;* mas a eschola polytechnica, segundo o projecto, se não comprehende esta ultima, como parece, fica não só egual mas até superior a ella:

«Na faculdade de sciencias ensina-se:

«Na 1.ª secção — As mathematicas transcendentes.

«Na 2.ª secção — A physica, a chimica e a historia natural.

«A Eschola Polytechnica consta de trez secções:

1.ª Sciencias mathematicas transcendentes.
2.ª Sciencias physicas e naturaes.
3.ª Sciencias administrativas e economicas.»

«A faculdade de sciencias, diz tambem o projecto, é preparatoria para a medicina.»

Mas, sendo os cursos da polytechnica os mesmos, que os d'aquella, se não a propria faculdade; é evidente que a polytechnica, além de ser preparatoria para as profissões scientificas do estado, é egualmente preparatoria para a medicina, de que havendo, segundo o projecto, uma só eschola e não faculdade, não póde essa ser outra senão a eschola Medico-Cirurgica de Lisboa.

A creação portanto da faculdade de sciencias na capital, é a consequencia d'este projecto: mas se as disciplinas que hão de constituir o curso d'esta faculdade são as mesmas que as da 1.ª e 2.ª secção da eschola polytechnica, parece, que um d'estes estabelecimentos se ha de fundir no outro; e se nos disserem, que, embora as disciplinas sejam communs, diverso e mui diverso é o methodo e o fim do ensino na eschola, e na faculdade; então perguntaremos a razão por que o curso da faculdade de sciencias não é, como em França, habilitação necessaria para a admissão na eschola polytechnica?

Nem por outro lado póde ficar duvida, de que a eschola polytechnica é considerada como

preparatoria para a de medicina, porque o projecto diz:

«A eschola polytechnica é preparatoria para as *profissões technicas* do serviço público.»

E o mesmo projecto estabelece como escholas especiaes «*das profissões propriamente technicas* —as dos engenheiros, officiaes das armas facultativas, e *medicos*.»

Eis-aqui como a eschola polytechnica absorve completamente as faculdades de mathematica e philosophia; e concentra em si o monopolio de todo o ensino superior das sciencias naturaes physico-mathematicas.

Mas não se limitam a isto só as pretenções da futura reforma para engrandecer aquella eschola e tornal-a o nucleo da «universidade central.»

Ha na polytechnica uma secção (a 3.ª) de — sciencias economicas e administrativas — que certo não figuram 'neste quadro, senão para constituirem o — curso administrativo — que é habilitação necessaria para os logares de administração.

Ao passo, porém, que todas as disposições d'aquelle projecto tendem ao engrandecimento d'esta eschola, e que a suppressão das trez faculdades de sciencias medicas, mathematicas e philosophicas na Universidade de Coimbra fica subentendida no plano d'esta reforma, não se propõe uma unica das providencias, sem as quaes aquella eschola só terá de *polytechnica* o nome.

O concurso para a admissão 'nella — o gráu de bacharel em — sciencias, como preparatorio indispensavel para essa admissão — o internado e outras muitas condições, que se exigem em França, todas são cuidadosamente omittidas 'neste projecto, o que mais claramente ainda indica, quaes são as verdadeiras aspirações d'esta tão inculcada reforma.

Não são porém estes os unicos inconvenientes, que nos parecem dignos de reparo no projecto da illustre commissão da academia.

J. M. DE ABREU.

O SELLO GRANDE DE INGLATERRA.

O atrevido ladrão que, por ventura, em sombria noite, penetrasse no gabinete do Lord Chanceller, e, aproveitando a ausencia d'este alto funccionario, se pozesse a remecher nos montes de papeis que de certo cobrem a sua meza, acharia provavelmente um cofrezinho de oito pollegadas cubicas, coberto de couro, e adornado com as armas reaes sumptuosamente douradas, cuja solida fechadura de Bramah lhe indicaria que o seu conteúdo não era de pequeno valor. Se, proseguindo suas investigações, arrombasse o mysterioso cofre, acharia dentro dois discos de prata, applicados um contra o outro e similhantes, perdôenos o leitor a trivialidade da comparação, a duas tampas de cassarola de folha de Flandres; separando-os um do outro, encontraria gravado na superficie interna de um a effigie de S. M. a Rainha Victoria, sentada no throno e rodeada das virtudes cardeaes; e na do outro S. M. montada em um cavallo ricamente ajaezado e accompanhada de um pagem. Estes dois discos de prata devem ser considerados pelo chanceller como o seu mais precioso thesouro; a simples posse d'elles, ainda desacompanhada de qualquer alvará, titulo ou documento, constitue-o a segunda personagem do reino, juiz supremo do tribunal da chancellaria, presidente da camara dos lords, com o ordenado annual de 14.000 lib. st. e um immenso patronato ecclesiastico e civil; além d'isto entregando-lh'os, o soberano dá-lhe o mais distincto signal de confiança que póde outorgar, porque põe á sua mercê quasi todos os poderes inherentes ao throno. Estes dois discos de prata são os cunhos que se imprimem nas duas faces do pedaço de cera, que fórma o sêllo, vulgarmente chamado «sêllo grande de Inglaterra,» e que é o appenso indispensavel de certos actos do soberano. A imposição d'este sêllo ainda mesmo quando determinada por auctoridade illegal, torna valioso e irrevogavel, até sem o consentimento dos trez-estados do reino, qualquer documento que *possa* emanar do soberano; portanto a pessoa que o possuir, poderia, se quizesse trair o seu mandato, perdoar ao maior criminoso, conferir a quem lhe parecesse o mais alto gráu de nobreza, conceder cartas de foraes a todas as cidades e municipios; poderia 'numa palavra, exercer a maior parte das prerogativas pertencentes ao soberano. Por isso, com razão se chama ao chanceller «guarda da consciencia real.»

Quando se considera a alta importancia que tem este emblema da realeza, custa a crer que o soberano o tenha deixado sair da sua mão. Com tudo já em bem remotos tempos se encontra um «Lord Guarda do sêllo.» Antes de Duarte o Confessor, ainda os diplomas eram sanccionados por meio de uma cruz de tinta de ouro; mas desde que se introduziu o uso do sêllo grande, escolheu-se para guardal-o uma pessoa distincta pela sua sciencia e merecimento; o soberano lançava ao pescoço da pessoa escolhida o cordão de que pendia o sêllo grande, e recommendava-lhe ao mesmo tempo que so o empregasse «para honra de Deus e d'el-rei.»

Os sêllos grandes eram em principio muito grosseiros; o mais antigo que se conhece é apenas um pedaço de chumbo prezo par um cordão de seda a uma carta de Duarte o Confessor. O chumbo foi pouco depois substituido pela cera; e Guilherme o conquistador, assim como muitos dos seus successores, empregavam cera verde, para indicar a natureza perpetua do documento. Este uso ainda

subsiste para os sêllos das cartas, diplomas de pariato e outros documentos que têm duração illimitada. Stowe affirma que Guilherme I empregava um methodo muito simples para sellar os seus actos; cravava seus reaes dentes no pedaço de cera destinado a receber a impressão do sêllo.

Antigamente, e mesmo ainda hoje, os guardas do sêllo real recebiam enormes propinas, cada vez que sellavam qualquer documento. Difficilmente se poderá avaliar as enormes sommas que rendia aquelle emprego. O rei João, carecendo de dinheiro, poz em hasta pública o logar da guarda do sêllo real, e um certo Walter Gay comprou-o por 5:000 marcos (61:000 lib. st.). Um outro guarda do sêllo, John Maunsel, usava não nomear para os beneficios ecclesiasticos que iam vagando, de modo que chegou a desfructar em certa epocha setecentos d'estes beneficios. Cento e cincoenta annos depois eram taes os rendimentos do cargo de chanceller, que Beaufort, que então exercia aquelle logar, pôde emprestar a Henrique V tão grossa somma, que este monarcha para garantia do pagamento entregou a sua propria corôa ao chanceller.

As fortunas colossaes que podiam fazer os guardas do sêllo, e a grande importancia que lhes dava este logar, obrigavam o soberano a entregar o sêllo sómente áquellas pessoas sobre quem podesse inteiramente descançar, o que não deixava d'apresentar muitas vezes difficuldades. Assim Henrique III tendo de saír por algum tempo do seu reino, não encontrou ninguem que na sua opinião fosse digno e capaz de exercer o logar de guarda do sêllo. Depois de procurar por muito tempo um chanceller, resolveu-se a confiar o sêllo a sua mulher Leonor, a qual não sómente sellou, durante a sua ausencia, todas as cartas e documentos, mas além disso presidiu ella mesmo ao tribunal da chancellaria, ouvindo as partes e publicando sentenças. As suas funcções judiciaes sómente foram interrompidas temporariamente por um accidente privativo do seu sexo, o seu parto. Quando restabelecida, reassumiu as suas funcções judiciaes, e conservou o sêllo grande durante quasi um anno.

Os antigos inglezes tinham pelo sêllo grande uma especie de veneração supersticiosa; não sómente reconheciam o soberano como unica fonte da justiça, da clemencia e da honra, mas além disso entendiam que esta justiça, esta clemencia e esta honra, não podiam ser dispensadas senão por aquelle intermediario. A este respeito conta-se um facto notavel: quando Henrique VI, da edade de nove mezes, presidiu, levado nos braços de sua ama, ao seu primeiro conselho, collocaram-lhe sobre os joelhos o sêllo grande, e sobre este as suas mãozinhas, como para lhe communicar uma virtude real; o chanceller tomando depois entrega do sêllo, ficou investido, pelo facto d'esta posse, de todos os poderes pertencentes ao soberano.

Estas idêas do XV seculo farão, talvez, sorrir o leitor; porém é preciso não esquecer, que quasi quatrocentos annos depois, quando o estado de demencia de Jorge III lhe não permittiu sanccionar o *bill* para a regencia de seu filho, os grandes jurisconsultos da epocha, começando pelo illustre Camden, parecem ter seguido idêas quasi similhantes. Declararam que o rei, com quanto não podesse na sua *capacidade natural* obrar como soberano, gozava, com tudo, na sua *capacidade politica* d'uma optima saúde, visto que o rei politico era o sêllo grande; e por meio d'este rei politico foi que o *bill* recebeu a sancção legal. Esta doutrina de Lord Camden foi admittida e approvada pelos jurisconsultos e estadistas que lhe succederam. D'ella resulta que ha hoje em Inglaterra dois soberanos; o soberano *natural* que é a rainha Victoria, e o soberano *politico* que se compõe das duas tampas de cassarola cuja historia estamos referindo.

Continúa.

MONUMENTOS DE COIMBRA[1].

III.

Templo de Sancta Justa.

Do vetusto mosteiro de clerigos claustraes de Sancta Justa não resta hoje o minimo vestigio[2].

No seculo dezesete ainda estava em pé o templo, e os claustros, e na sepultura do fundador, D. Rodrigo, se liam alguns versos latinos[3].

Ao presente um largo, denominado *adro de Sancta Justa*, proximo das olarias, apenas indica o logar, onde campeára, sobranceiro ao Mondego, o cenobio antigo.

Sumiu-se na voragem, que sorveu os mosteiros de S. Domingos, e S. Francisco, de Sancta Anna, e Sancta Clara.

Tantum aevi longinqua valet mutare vetustas![4]

Havia já muitos annos, que na egreja parochial de Sancta Justa entravam as inundações do rio; redrobraram em 1708, e a 17 de fevereiro d'este anno determinou o bispo conde D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, que para a egreja de Santiago se trasladasse a imagem do Sancto Christo, celebrando ahi,

[1] Vide *O Instituto* — vol. 5.º

[2] Monges da caridade chama Jorge Cardoso a estes clerigos no *Agiologio Lusitano* — tom. 1. pag. 6: «O mosteiro de S. Cruz teve sempre muitas demandas c'os *monges da caridade*, que moravam em S.ta Justa de Coimbra.»

[3] Gasco — *Antig. de Coimbra* — cap. IV, — pag. 24.

[4] Virg. — Aen. liv. III, — v. 415.

simultaneamente, os officios divinos as duas collegiadas.

A 24 de agosto de 1710 o mesmo bispo, assistido do seu cabido, benzeu, e lançou, na extremidade do norte da rua da Sophia, a primeira pedra do novo templo, que é de uma só nave, e de simples, mas elegante fabrica.

Era unicamente d'este templo, que saía, todos os annos, a procissão do Anjo Custodio, instituida por El-Rei D. Manuel [1].

Hoje acha-se deserto, e abandonado, pela extincção da parochia respectiva; e, fallecendo os meios de conservação, em breve cairá em ruinas.

Apressamo-nos, por isso, a recolher as memorias, que ainda nos transmittem as duas lapides, encravadas nas paredes externas do templo, juncto do seu portal.

Pelos annos do Senhor de 1100 *se fundou a egreja antiga, e havendo já muitos, que as inundações do rio entravam 'nella, sendo estas continuas com terriveis tempestades no inverno de* 1708, *aos* 17 *de fevereiro do mesmo anno, por ordem do Ill.^mo sr. D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, bispo conde, se fez procissão de preces com a imagem do Sancto Christo, a qual se recolheu á igreja de Santiago, e 'nella se collocou a sobredicta imagem na tribuna do altar maior, e os padres d'esta egreja ficaram celebrando os officios divinos com os beneficiados da mesma.*

Aos 24 *de agosto de* 1710 *veiu a este sitio o Ill.^mo sr. bispo conde Antonio de Vasconcellos e Sousa, e 'nelle com toda a solemnidade, e assistencia dos reverendos capitulares necessarios, e concurso do povo benzeu a primeira pedra, a qual se lançou ao canto d'esta parte, e fez as mais ceremonias da egreja.*

R. DE GUSMÃO.

OS LUSIADAS.

Traducção franceza.

LES LUSIADES.

Continuado de pag. 56 do IV vol.

61.

Quels murs résisteront à ce jeune héros
Si Lisbonne n'a point arrêté sa vaillance?
Il vole à des combats, à des succès nouveaux;
La victoire le suit, la terreur le devance.
Bientôt Torres-Vedras et l'antique Obidos
Toute l'Estremadura a subi sa puissance;
Il soumêt Alemquer où la voix des échos
Répète le murmure et la chute des eaux.

62.

Attaquant l'ennemi dans son plus sûr asyle,
Jusqu'au delà du Tage il poursuit ses succès.
On le voit envahir cette terre fertile
Qui s'enrichit des dons de la blonde Cérès.
Fuyant cette demeure autrefois si tranquille
Le Maure voit brûler, dévaster ses guérets;
Elvas, Moura, Serpa cèdent à sa vaillance
Et la riche Alcacer reconnait sa puissance.

63.

Et ces arcs fastueux par le luxe embellis,
Orgueilleux monuments de l'antique industrie,
Cette noble cité qui de Rome jadis
Osa se déclarer l'émule et l'ennemie,
Lorsque Sertorius entouré de proscrits,
Transportait Rome au sein de la Lusitanie,
La superbe Evora décerne à son vainqueur
Un surnom qui devient le prix de sa valeur.

64 et 65.

Les maures possédés d'une aveugle démence
Ont détruit Trancoso par la flamme et le fer;
Bientôt Béja saccagée atteste la vengeance
D'un peuple généreux, mais juste autant que fier.
Vainement Palmella veut tenter la défense;
Cezimbra, qui reçoit les tributs de la mer,
Cède encore au héros, et bientôt la victoire
Le couronne en ces lieux d'une nouvelle gloire.

66.

Le roi de Badajoz superbe et généreux
S'avançait entouré d'une nombreuse escorte;
Il venait secourir les maures malheureux
Et réunir aux leurs sa brillante cohorte;
Mais de même qu'on voit le taureau furieux
Dans la saison ardente où l'amour le transporte
Veiller sur sa conquête, et fier et mugissant
Fondre comme l'éclair sur le pâtre imprudent:

67.

Ainsi le Portugais se livre à sa furie,
Et se précipitant sur le Maure étonné,
Il disperse à l'instant cette troupe ennemie;
Il foule sous ses pieds l'Africain consterné.
Bientôt leur seul désir est celui de la vie;
Le soldat par son chef se voit abandonné;
Il fuit en annonçant à l'Afrique alarmée
Que soixante guerriers ont détruit une armée.

68.

Alphonse à ce combat sanglant et glorieux
Fait succéder encore de nouvelles conquêtes;
Sa voix a réuni ses guerriers valeureux,
Et de nouveaux lauriers couronnent bientôt leurs têtes.
Les sarrasins jadis superbes, orgueilleux,
Pressés dans leurs foyers, accablés de défaites,
De leurs fiers ennemis cessent d'être rivaux
Et livrent Badajoz aux armes du héros.

69.

Mais du Dieu tout-puissant l'éternelle justice
Qui, ne laissant jamais les crimes impunis,
Des mortels quelquefois différe le supplice
Pour que le repentir éclaire leurs esprits,
Dieu, qui couvrant ce roi d'une main protectrice
Le rendit victorieux de ses fiers ennemis,
Accomplit à la fin dans sa juste colère
La malédiction terrible d'une mère.

[1] Ouve dispensaçam do papa, pera se em seus regnos celebrar a festa do Anjo Custodio no terceiro domingo de julho, e no mesmo dia ordenou que se fizesse uma procissam tão solemne como a de Corpo de Deos, o que tudo em quanto viveu se compriu mui perfeitamente.

Damião de Goes. — Chronica d'El-Rei D. Manuel — quarta parte — cap. LXXXVI.

70.

Bientôt dans la cité qu'il vient de conquérir
Le peuple de Léon le surprend et le presse.
Alphonse vainement s'arme pour le punir;
Il ne peut écarter la foudre vengeresse;
Au milieu des guerriers qui viennent l'assaillir
Son coursier indompté le renverse et le blesse.
Dieu lui fait expier, en l'accablant de fers,
La honte et les malheurs que Thérèse a soufferts.

71.

N'accuse plus le sort, ô superbe Pompée,
Du désastre éclatant qui ternit tes exploits,
Lorsqu'en un seul instant ta troupe dissipée
Fit tomber ta puissance et ta gloire à la fois!
Ne frémis plus de voir ta redoutable épée
Se briser sous le fer du vainqueur des gaulois;
Toi, qui portas du Phasis aux remparts de Syenne
La terreur de ton nom et de l'aigle romaine;

72 et 73.

Toi, dont le Syrien, l'habitant de Colchos,
Et l'Arabe ont suivi la pompe triomphante,
Ne te plains plus de voir tant de brillants travaux
S'éclipser tout-à-coup dans les champs de Pharsale!
Vois Alphonse couvert de lauriers aussi beaux
Eprouver du destin l'inconstance fatale,
Et tant de fois vainqueur, montrer à l'univers
Ses triomphes ternis par un fameux revers.

74.

De retour à la fin au sein de sa patrie,
Après avoir subi l'épreuve du malheur,
Il s'arme de nouveau contre le Maure impie,
Et Santarem en lui voit son libérateur.
Mais aux transports guerriers dont son âme est remplie
On lui voit allier une sainte ferveur,
Et, par ses soins pieux, des autels magnifiques
D'un martyr de la foi reçoivent les reliques.

75.

Cessant enfin le cours de ses nobles travaux
Alphonse, surchargé de lauriers et d'années,
Remit son glaive aux mains d'un plus jeune héros,
Et Dom Sancho remplit ses grandes destinées.
Les armes, la valeur des ces guerriers nouveaux
Du plus brillant succès partout sont couronnées;
Séville a vu trembler les maures égarés,
Et de leur sang impur les flots sont colorés.

76.

Sancho, déja vainqueur de l'arabe infidèle,
Sur ses premiers lauriers ne se repose pas;
Il s'élance soudain où la gloire l'appelle.
Béja doit son salut aux efforts de son bras;
Les maures ont frémi; l'Afrique se rappelle
Tant de sanglants revers, tant de honteux combats;
Et l'on entend partout dans cet empire immense
Retentir à la fois le cri de la vengeance.

77.

On les voit accourir de ces brûlants climats,
Où régnait le géant qui terrassa Méduse;
Des remparts de Singi, si féconds en soldats,
Et des bords escarpés de l'antique Ampéluse
Les numides errants s'élancent aux combats.
Pour venger tants d'affronts nul bras ne se refuse;
Mille clairons d'airain résonnent à la fois
Et l'Afrique s'ébranle à leur terrible voix.

78.

Sous le drapeau du chef de ces hordes lointaines
Treize rois musulmans rangent leurs étendarts;
Ils brûlent les cités, ils dévastent les plaines,
Et Santarem bientôt les voit sous ses remparts.
Pour renverser ces murs les troupes africaines
Épuisent vainement la science de Mars;
Dom Sancho les défend et ce prince s'annonce
L'héritier de la gloire et du sceptre d'Alphonse.

79 et 80.

Apprenant les dangers de ce jeune héros,
Le roi court le sauver et venger sa patrie:
Intrépide vieillard, il dérobe au repos
Encore les derniers jours d'une si noble vie.
Ces guerriers, qui cent fois sous les mêmes drapeaux
Ont vu fuir devant eux le Sarrasin impie,
Suivent leur chef auguste et volent aux combats
Pour la millième fois affronter le trépas.

81 et 82.

Leur valeur a bientôt décidé la querelle;
Déja l'on voit tomber le chef des musulmans;
A ses vieux favoris la victoire est fidèle;
Partout la mort les suit, partout leur sang ruisselle;
Les champs sont parsemés d'armes et de turbants;
Et le héros chrétien s'empresse de rendre gloire
De ce dernier triomphe au Dieu de la victoire.

83.

Le magnanime Alphonse après tant de travaux
Voit enfin terminer ses grandes destinées;
Et tant de fois vainqueur, cet illustre héros
Est lui même vaincu par le poids des années.
La pâle déité qui préside aux tombeaux
Pose sur lui ses mains froides et décharnées;
La sombre Libetine a réclamé ses droits
Et le héros subit ses immuables lois.

84.

En cet instant fatal des grottes taciturnes
Retentirent, dit-on, de lamentables cris;
On vit errer partout des fantômes nocturnes,
Et des monts ébranlés s'écrouler en débris;
Les fleuves éplorés renversent leurs urnes,
De leurs flots débordés inondant les pays;
Et répétant le nom que chaque voix prononce,
Pendant longtemps l'écho répond Alphonse . . . Alphonse!

85.

Dom Sancho lui succède, et ce vaillant guerrier
Est digne de porter le sceptre de son père.
Du plus grand de nos rois cet illustre héritier
Poursuit de ses succès la sanglante carrière.
Dans l'Algarve bientôt pénétrant le premier
Ce prince a déployé sa bannière;
Les arabes vaincus ont fui de toutes parts,
Silves voit les chrétiens camper sous ses remparts.

Continúa.

BIBLIOGRAPHIA.

La Ilustracion Medica,

Periodico de ciencias medicas, propagador de toda classe de conocimientos útiles, adornado con retratos y otros grabados.

A redacção do *Instituto* de Coimbra, recebeu com satisfação os primeiros numeros da

Ilustracion Medica de Madrid, e, remettendo aos seus dignos redactores o *Instituto*, estima ter esta nova occasião de assim concorrer para a reciproca diffusão da litteratura e das sciencias nos dois paizes, Hespanha e Portugal, que, apezar de approximados na linguagem e posição geographica, estão desgraçadamente separados nas suas relações sociaes a tal ponto, que é pouco facil avaliar devidamente 'num o movimento scientifico do outro.

A *Ilustracion Medica* não se limita ao desenvolvimento da anthropologia; occupa-se tambem das sciencias philosophicas, e das suas applicações á agricultura e ás artes; e tem opo fim disseminar os hodiernos conhecimentrs d'estas sciencias na classe medica, e melhorar a sua situação.

Na verdade é nobre e elevado o pensamento que pretende realizar, a redacção da *Ilustracion Medica*, porque tanto os medicos encarregados do magisterio, como os que se dedicam á clinica, só poderão cumprir dignamente a sua missão, acompanhando constantemente o desenvolvimento das sciencias medicas e philosophicas, e todavia nem sempre o podem fazer, principalmente os clinicos das povoações ruraes, quer pelo elevado preço dos livros, quer por não terem d'elles judiciosa noticia.

Não é menos importante o outro fim, a que se dirige o referido jornal, advogando os interesses da classe medica, afim de que a sociedade recompense condignamente, os que consomem a sua existencia votados completamente ao sacerdocio de aliviar os soffrimentos dos seus similhantes; e promovendo uma boa organização do serviço de saude pública para conseguir o bem estar e o aperfeiçoamento da humanidade.

Felicitamos portanto os dignos redactores da *Ilustracion Medica*, desejando que prospere esta sua empreza, tão conforme com as indicações do presente seculo.

Publica-se este jornal em Madrid, nos dias 5, 15, e 25 de cada mez.

Assignatura por trimestre em Hespanha 20 reales, para o Estrangeiro, 70 reales por anno. Saiu á luz o primeiro numero em 5 de setembro proximo passado.

J. F. M. P.

NOTICIARIO.

Nomes dos novos planetas. — Na sessão da academia das sciencias de Paris de 5 do passado lêu-se uma carta de M. Goldschimidt participando que o planeta 45 recebêra o nome de Eugenia, dado pela imperatriz dos francezes, á qual o illustre descubridor se dirigiu para esse fim.

M. Babinet que tinha sido incumbido pelo sabio astronomo de escolher nome ao planeta 49, acaba de lhe dar o de Pales.

Dos asteroides descubertos por M. Goldschimidt só falta dar nome ao 48: M. Elie de Beaumont foi encarregado de o escolher.

Não consta por ora que o tenham recebido os planetas 46 e 47, o primeiro descuberto por M. Pogson, e o segundo por M. Luther.

O acido carbonico como agente anesthesico. — M. Ozanan julga que o ether obra como agente anesthesico, porque na occasião em que se inspira, se decompõe, dando logar á formação de gaz acido carbonico em grande quantidade. O mesmo diz que acontece com todos os outros agentes anesthesicos.

Como não ha ainda experiencias concludentes, que justifiquem esta asserção, emquanto não fôr confirmada, não passa de mais uma hypothese, que espera a sancção do tempo: comtudo não ha duvida que o acido carbonico é um verdadeiro agente anesthesico. M. Paul Broca, analysando um importante trabalho de M. Follin, chama a attenção sobre os felizes resultados, que se podem esperar das injecções do gaz acido carbonico na bexiga, e da acção anesthesica d'este gaz.

Prepara-se antecipadamente o acido carbonico, deitando acido sulfurico sobre marmore pulverisado; recebe-se o gaz, que se desenvolve 'nnm balão de caoutchouc, ou 'numa bexiga de porco com um tubo de torneira, o que é mais simples. Sonda-se o doente com uma sonda de gomma elastica, communicando com o reservatorio de acido carbonico por um tubo de caoutchouc vulcanisado, 'numa de cujas extremidades se introduz a ponta da torneira metalica, na outra a parte exterior da sonda, e para practicar a operação não ha mais do que comprimir com as mãos o balão, que serve de recipiente ao gaz.

O tempo d'esta operação é ordinariamente acompanhado por um pequeno ruido especial. A bexiga do doente gradualmente dilatada, sobe dentro em pouco até á região hypogastrica, e com facilidade se verifica, pela percussão, a existencia de uma massa gazosa. Emfim, antes de tirar a sonda aperta-se ou liga-se o tubo de caoutchouc. O acido carbonico assim introduzido na bexiga começa logo a ser absorvido; passada uma ou duas horas, é facil verificar pela percussão, que o volume do gaz diminuiu consideravelmente: de ordinario, porém, a absorpção é assaz demorada para que algum acido carbonico fique na bexiga até á primeira repulsão da urina, ainda mesmo quando esta operação não tem logar senão trez ou quatro horas depois. Os doentes sentem então, que alguma coisa analoga ao ar lhes passa pelo canal urinario, ao mesmo tempo, que a urina. Depois da primeira expulsão d'este liquido nenhum gaz fica na bexiga, a não ser alguma tão pequena quantidade, que não se torna sensivel pela percussão. Todavia a acção anesthesica do acido

carbonico prolonga-se até á manhãa do dia seguinte.

População. — A civilisação parece ter mais influencia na população de qualquer paiz, do que o clima e extensão territorial. Na Grã-Bretanha contam-se 1:480 habitantes por cada legua quadrada; na França, 1:200; na Prussia, sómente 895; e a Russia offerece apenas 202 habitantes para a mesma superficie. Nas possessões asiaticas d'esta ultima nação, não existem mais de 46 habitantes por dez leguas quadradas. Na nova Hollanda oriental, não ha mais de 23 habitantes por cem leguas quadradas, espaço que na França teria uma população de perto de 120:000 almas.

Na Europa, calcula-se, termo medio, que ha 472 habitantes por legua quadrada; e para a mesma superficie, 184 na Asia, 40 na Africa, 20 na America, e 37 na Occeania.

Utilidade dos fetos. — Pouco caso se faz, em geral, dos fetos; a maior parte dos lavradores queimam estas plantas, e poucos as empregam para cama do gado.

Resulta, porém, dos recentes trabalhos do chimico francez, M. Malagutti, que estes vegetaes, depois de seccos, contém mais de 2 por 100 d'azote. Comparando este resultado com o que dá a analyse da palha dos cereaes, conclue-se que o feto contém cinco vezes mais azote. Por consequencia, o feto convertido em estrume, é muito mais util que o estrume ordinario, porque encerra maior quantidade de substancias proprias para a nutrição das plantas, do que o estrume fabricado com a palha dos cereaes. M. Malagutti verificou, que 1:000 *kilog.* de feto, secco ao ar, equivalem a 3:500 *kilog.* d'estrume ordinario, porque é sabido que 1:000 *kilog.* d'este estrume pouco mais têm de 4 *kilog.* d'azote.

Devem por tanto empregar-se os fetos na cama dos animaes, não só para economisar a palha, necessaria para o sustento do gado, mas para melhorar o fabrico dos estrumes.

RELAÇÃO

Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrucção publica desde o dia 1.º d'agosto até o dia 15 de setembro ultimo, por despachos do conselho superior d'instrucção pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Duarte de Mello da Motta, para professor temporario da cadeira d'Almeirim, districto de Santarem.

Henrique do Rosario da Costa Barbeita, para dicto de Cerva, districto de Villa Real.

José Fernandes Rapozo, para dicto da Capinha, districto de Castello Branco.

José Trindade da Fonseca, para dicto do Carregal, districto de Vizeu.

Manuel da Cunha Lima, para dicto de São Sebastião de Darque, districto de Viana.

Antonio Peixoto Monteiro, para dicto de Sancto Adrião de Vizella, districto do Porto.

Manuel Joaquim da Rocha, para dicto d'Azeitão, districto de Lisboa.

Antonio Augusto d'Almeida, para dicto de São Mamede da Ventosa, districto de Lisboa.

João do Carmo Ferraz, para dicto de Campo Maior, districto de Portalegre.

Joaquim Julio de Gouvêa Guedes de Figueiredo, para professor substituto da cadeira de Cever, districto de Villa-Real.

Maria Fortunata da Conceição, para mestra de meninas d'Escalhão, districto da Guarda.

Antonio Carlos Bigotte, para professor temporario da cadeira do Sabugal, districto da Guarda.

Caetano da Paz Brandão, para dicto de Bucellas, districto de Lisboa.

Domingos Martins, para dicto de Alcantarilha, districto de Faro.

Francisco Xavier Pereira de Sá, para dicto de São João de Tarouca, districto de Vizeu.

Jeronymo Cazimiro Quaresma, para dicto de Penella, districto de Coimbra.

José Ferreira do Casal, para dicto de S. Lourenço d'Asmes, districto do Porto.

José Ramos Ferrão, para dicto d'Oliveira do Conde, districto de Vizeu.

Manuel José da Silva, para dicto de Chorense, districto de Braga.

Maria Julia Drumond, para mestra temporaria da cadeira de meninas da ilha do Porto Santo, districto do Funchal.

Antonio Domingues da Conceição, para professor vitalicio da cadeira de São Vicente de Louredo com exercicio na freguezia de São Jorje, districto d'Aveiro, por decreto de 27 d'agosto ultimo.

José Maria d'Andrade, para dicto de Maceira-Dão, districto de Vizeu, por decreto de 19 d'agosto ultimo.

Joaquim Antonio de Barros, para dicto d'Aljustrel, districto de Béja, por decreto de 19 dicto.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

José Maria da Silva, para professor da cadeira de arithmetica, algebra elementar, principios de trigonometria plana, e geographia mathematica do lyceu nacional de Santarém, incorporado no seminario patriarchal, por transferencia da cadeira de philosophia racional e moral e principios de direito natural do mesmo estabelecimento, por decreto de 7 d'agosto do corrente anno.

Miguel Moreira da Fonseca, para *professor* vitalicio da cadeira de latim de Villa Nova de Foscôa, districto da *Guarda*, *por decreto* de 7 de setembro corrente.

Manuel Joaquim Pereira Saraiva, para o logar de guarda do Museu portuense, por decreto de 7 de setembro corrente.

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, para vogal do conselho superior d'instrucção pública, por decreto de 19 d'agosto ultimo.

Antonio Bernardino de Menezes, para o primeiro logar vago de substituto extraordinario da faculdade de theologia da Universidade de Coimbra.

Damazio Jacintho Fragoso, para o segundo logar vago, por decreto de 30 de julho ultimo.

José Alves Moreira de Barros, para o logar de secretario e bibliothecario da eschola medico-cirurgica do Porto, por decreto de 7 de setembro corrente.

Feliz da Fonseca Moura, para o logar de pharmaceutico da eschola medico-cirurgica do Porto, por decreto de 26 d'agosto ultimo.

SECÇÃO DE MATHEMATICA.

Trisecção do angulo por meio da hyperbole e circulo.
Interpretação d'uma solução estranha.

Continuado de pag. 179.

Passemos agora a descrever a hyperbole.

Como as coordenadas do ponto C satisfazem á equação (d), a curva passa por este ponto, e como sabemos já a posição das asymptotas temos os elementos necessarios para descrever a curva.

Conhecidas as intersecções d'esta com o circulo, as coordenadas em M, M', M'' determinam os seguintes arcos

$$M\begin{cases}\text{sen } (2i\pi+\alpha) & \cos (2i\pi\pm\alpha)\\ \text{sen } ((2i+1)\pi-\alpha) & \end{cases}$$

$$M'\begin{cases}\text{sen } (2i\pi+\theta) & \cos ((2i+1)\pi\pm\theta)\\ \text{sen } ((2i+1)\pi-\theta) & \end{cases}$$

$$M''\begin{cases}\text{sen } (2i\pi-\lambda) & \cos ((2i+1)\pi\pm\lambda)\\ \text{sen } ((2i+1)\pi+\lambda) & \end{cases}$$

sendo $\pi=180°$; i um inteiro qualquer; $\alpha=AM$; $\theta=AMM'$; $\lambda=AMM'M''$.

Portanto temos para a intersecção M o arco $2i\pi+\alpha$; para M' $(2i+1)\pi-\theta$; para M'' $(2i+1)\pi+\lambda$. O primeiro é o terço do arco $6i\pi+a$: o segundo de $6i\pi+\pi-a$: o terceiro de $6i\pi+\pi+a$: visto ser $\alpha=\frac{a}{3}$, $\theta=\frac{2\pi+a}{3}$, $\lambda=\frac{4\pi+a}{3}$. Por consequencia estas trez soluções correspondem respectivamente aos arcos a, $\pi-a$, $\pi+a$, como é sabido.

A mesma construcção dá pois $\frac{1}{3}a$, $\frac{1}{3}(\pi-a)$, $-\frac{1}{3}(\pi+a)$: evitando assim fazer uma construcção particular para os dois casos do arco maior que 90°, ou maior que 180°, tal como a indicada nas fig. 2.ª e 3.ª

Os quadros (A) e (B) e a equação (e), ou as equações (6) e (7) dão

Quando $a=2i\pi$, $c=r$, $s=o$ (Fig. 4.ª)

$$A'\left\{c=o,\ \gamma=-r\right\}\text{ solução estranha}$$

$$M\left\{c=o,\ \gamma=r\right\}\text{ 1.ª intersecção}$$

$$M'\left\{c=\frac{r}{2}\sqrt{3},\ \gamma=-\frac{r}{2}\right\}\text{ 2.ª dicta}$$

$$M''\left\{c=-\frac{r}{2}\sqrt{3},\ \gamma=-\frac{r}{2}\right\}\text{ 3.ª dicta}$$

Quando $a=\left(2i+\frac{1}{2}\right)\pi$, $c=o$, $s=r$ (Fig. 5.ª)

$A'_1\left\{\varsigma=r,\ \gamma=o\right\}$ solução estranha

$M\left\{\varsigma=\frac{r}{2},\ \gamma=\frac{r}{2}\sqrt{3}\right\}$ 1.ª intersecção

$M'\left\{\varsigma=\frac{r}{2},\ \gamma=-\frac{r}{2}\sqrt{3}\right\}$ 2.ª dicta

$M''\left\{\varsigma=-r,\ \gamma=o\right\}$ 3.ª dicta

Quando $a=(2i+1)\pi$, $c=-r$, $s=o$ (Fig. 6.ª)

$A'_1\left\{\varsigma=o,\ \gamma=r\right\}$ solução estranha

$M\left\{\varsigma=\frac{r}{2}\sqrt{3},\ \gamma=\frac{r}{2}\right\}$ 1.ª intersecção

$M'\left\{\varsigma=o,\ \gamma=-r\right\}$ 2.ª dicta

$M''\left\{\varsigma=-\frac{r}{2}\sqrt{3},\ \gamma=\frac{r}{2}\right\}$ 3.ª dicta

Quando $a=\left(2i+\frac{3}{2}\right)\pi$, $c=o$, $s=-r$ (Fig. 7.ª)

$A'_1\left\{\varsigma=-r,\ \gamma=o\right\}$ solução estranha

$M\left\{\varsigma=r,\ \gamma=o\right\}$ 1.ª intersecção

$M'\left\{\varsigma=-\frac{r}{2},\ \gamma=-\frac{r}{2}\sqrt{3}\right\}$ 2.ª dicta

$M''\left\{\varsigma=-\frac{r}{2},\ \gamma=\frac{r}{2}\sqrt{3}\right\}$ 3.ª dicta

Ficam assim interpretadas todas as quatro soluções, que apresentam as intersecções do circulo dado com a hyperbole. Na realidade só trez resolvem o problema da trisecção do arco, mas isto provêm, como vimos, de que as equações resultantes da eliminação de x e y vinham embaraçadas dos factores *estranhos á questão* $x+\frac{1}{2}c$, $y-\frac{1}{2}s$; porque o calculo deu o que devia dar: isto é, mostrou, ainda no caso de se não separar esta solução, que havia sempre 4 raizes reaes da equação do 4.º gráu, e que portanto sempre a hyperbole cortava o circulo em 4 pontos.

ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

RELATORIO

Do commissario dos estudos do districto administractivo do Funchal de 1855—1856.

Senhor! Sou obrigado a fazer, cada anno, dois relatorios, em que dê conta do resultado das visitas de inspecção que tiver feito ás escholas do districto a meu cargo, uma no mez de fevereiro, outra no mez de agosto.

No mez de fevereiro ultimo, não visitei as escholas do districto; porque não podia saír do Funchal, sem interromper o curso da cadeira a meu cargo, sem faltar ás minhas obrigações de professor no lyceu nacional d'esta cidade.

Em agosto, tambem o não fiz; porque logo nos primeiros dias do mez, caí de cama com severo ataque de cholera-morbus, que por muito tempo me deixou incapaz de todo o serviço.

Mas, antes de adoecer, tinha eu visitado as escholas da cidade. Logo que me achei restabelecido, dirigi aos professores de ensino primario a circular inserta no n.° do « Semanario Official, » appenso sob n.° 1; e pelas respostas que obtive aos quesitos annexos á mesma circular e pelos mappas de frequencia remettidos a esta repartição, posso approximativamente formar do estado das respectivas escholas a idêa que tenho a honra de elevar á augusta presença de Vossa Magestade, no presente relatorio.

CAPITULO I.

Movimento das escholas primarias do districto no anno lectivo de 1855—1856.

Pelo mappa juncto sob n.° 2. Verá Vossa Magestade que, no anno lectivo de que tracto, funccionaram 'neste districto trinta e cinco escholas de ensino primario, a saber: quatorze escholas *públicas*, quatorze *municipaes*, e sete *particulares*.

As escholas públicas foram, treze do sexo masculino, e uma do feminino.

Esta foi frequentada por cento e setenta e trez meninas: das quaes cento e trinta e nove existiam do anno antecedente, entraram trinta e quatro, sairam sessenta e seis, e ficaram existindo no fim de junho cento e sete.

'Naquellas, a matricula subiu a seiscentos e oitenta e nove alumnos: dos quaes existiam do anno antecedente quatrocentos e quarenta e sete, entraram duzentos e quarenta e dois, saíram durante o anno cento e trinta e quatro, e ficaram para o seguinte quinhentos e cincoenta e cinco.

As escholas municipaes foram — sete do sexo feminino — e sete do masculino.

As primeiras foram frequentadas por quinhentas e cincoenta e uma alumnas: das quaes, trezentas e setenta e duas existiam do anno antecedente, entraram cento e setenta e nove, saíram cento e cincoenta e trez, e ficaram para o seguinte anno quatrocentas e trinta e oito.

As outras foram frequentadas por trezentos e trinta e quatro alumnos. D'estes, existiam do anno antecedente duzentos e sessenta e quatro, entraram setenta, saíram cincoenta e trez, e ficaram para o seguinte duzentos e oitenta e um.

Funccionaram sete escholas particulares: trez do sexo masculino, quatro do feminino.

Estas foram frequentadas por cento e quarenta e duas alumnas, das quaes, existiam do anno antecedente cento e oito, entraram quarenta e quatro, saíram vinte e trez, e ficaram existindo cento e dezenove.

Aquellas foram frequentadas por trezentos e quatorze alumnos. D'estes, existiam do anno antecedente cento e oitenta e dois, entraram cento e trinta e dois, saíram oitenta e nove, e ficaram para o seguinte anno duzentos e vinte e dois.

As escholas, a que me aqui refiro, são tão sómente aquellas, cuja frequencia me é conhecida pelos mappas que remetteram a esta commissão dos estudos os respectivos professores.

Mas, afóra essas, tambem funccionaram vinte e uma escholas mais, de cuja frequencia não tenho conhecimento. Estas, cumpre dividil-as em trez classes; porque, umas são escholas, que deixaram de existir pelo decurso do anno, outras são escholas, cujos professores morreram de cholera, e outras são aquellas, cujos professores ainda não remetteram a

esta repartição os competentes mappas de frequencia; porque querem ver se assim esquecem á auctoridade que tem a cargo promover a habilitação d'elles.

Pertencem á primeira classe:

1.° A eschola de meninas, que tinha na freguezia de S. Martinho, pela camara municipal d'esta cidade, D. Emilia Fortunata Cardoso;

2.° A eschola de meninas, que tinha em S. Gonçalo, Thereza Barbosa Nunes, a quem encarregou a camara municipal da regencia d'outra eschola da freguezia de Sancta Maria Maior;

3.° A eschola de meninas, que tinha na freguezia da Ribeira Brava, pela respectiva camara municipal, Carlota Adelaide Camacho;

4.° A eschola de meninas, que, pela camara da Ponta do Sol, tinha 'nesta villa D. Maria Martha Jardim;

5.° A eschola do sexo masculino, que, pela camara municipal de Camara de Lobos, tinha na villa Anselmo Baptista de Freitas.

Pertencem á segunda classe:

1.° A eschola de meninas, que tinha na freguezia de S. Martinho, pela camara municipal d'esta cidade, Joanna Vieira Bettencourt;

2.° A eschola particular de meninas, que tinha, na freguezia de S. Pedro, D. Helena Telles de Sanct'Anna;

3.° A eschola particular de meninas, que tinha, na mesma freguezia, Maria Candida dos Reis;

4.° A eschola particular do sexo masculino, que tinha, na mesma freguezia, Antonio Joaquim de Vasconcellos.

Pertencem á terceira classe finalmente:

1.° A eschola particular do sexo masculino, que tem, na freguezia de S. Pedro, Antonio Barnabé Soares;

2.° A eschola particular do mesmo sexo, que tem, na mesma freguezia, Eustachio Joaquim da Silveira;

3.° A eschola particular do mesmo sexo, que tem, nos campos da villa da Ponta do Sol, Vicente Figueira d'Ornellas;

4.° A eschola particular do mesmo sexo, que tem, na freguezia de Sancto Antonio, Francisco João de Andrade.

5.° A eschola particular do mesmo sexo, que tem, nos campos da villa de Machico, Theotonio Joaquim de Brito;

6.° A eschola particular de meninas, que tem, na freguezia de S. Pedro, Maria do Nascimento Abreu;

7.° A eschola particular do mesmo sexo, que tem, na freguezia de S. Gonçalo, Joaquina do Soccorro Gonçalves;

8.° A eschola particular do mesmo sexo, que tem, na mesma freguezia, Silvana Constança;

9.° A eschola particular do mesmo sexo, que tem, na freguezia da Sé, Maria José d'Araujo;

10.° A eschola particular do mesmo sexo, que tem, na freguezia de S. Pedro, Eugenia Cyrilla Vella;

11.° A eschola particular do mesmo sexo, que tem, na freguezia de Sancto Antonio, Maria Pereira de Jesus.

Vê-se, portanto, que as trinta e cinco escholas de que dou conta, foram frequentadas por dois mil duzentos noventa e sete alumnos de ambos os sexos. E comparada a frequencia d'estas escholas com a que tivera no anno antecedente, eis-aqui os resultados a que se chega:

1.° Nas escholas públicas a frequencia augmentou. No anno antecedente a matricula fôra de setecentos e treze alumnos; 'neste subiu a oitocentos e sessenta e dois. Parece-me poder attribuir este augmento ás instancias, que o ex.^{mo} prelado diocesano e eu temos feito para com os parochos, a fim de suadirem aos paes de familias, seus parochianos, que mandem os filhos á eschola.

2.° As escholas municipaes têm diminuido de numero e de frequencia. As camaras dos concelhos ruraes têm supprimido, sob pretexto de falta de meios, quasi todas as escholas que haviam creado a instancias do ex-governador civil José Silvestre Ribeiro. A camara do Funchal parece estar na idêa de supprimir toda a eschola, cuja cadeira fôr vagando. Acabou com duas escholas de meninas na freguezia de S. Martinho, e com uma na de S. Gonçalo. Acabou com a sessão nocturna nas escholas do sexo masculino, sob pretexto de habilitar-se para fazer face ás despezas de uma eschola nocturna para adultos, dentro da cidade, sob direcção de um professor público, em conformidade com uma requisição que lhe eu fizera; mas até hoje ainda a camara não satisfez a esta requisição. O que mais tem contribuido, além d'isso para o atraso em que se acham as suas escholas, é a falta de inspecção e premios com que outr'ora estimulava o zelo dos professores, e a emulação dos alumnos.

3.° Na estatistitica do anno preterito dei conta de vinte e duas escholas particulares; na d'este anno só menciono sete. De muitas outras que existem, nada sei officialmente; porque, não obstante reïteradas requisições que tenho feito ao governo civil, no sentido da portaria do conselho superior d'instrucção pública, de 30 de março de 1855, ainda não tive o gosto de vêr que se mandasse fechar uma só eschola por não ter o respectivo professor cumprido com a obrigação imposta pelo artigo 16 do decreto regulamentar de 20 de dezembro de 1850.

Antes de fechar este capitulo, cumpre-me dizer que os numeros acima exarados são extrahidos dos mappas de frequencia, remettidos a esta repartição pelos respectivos professores; mas, quanto a mim, pouca ou ne-

nhuma confiança merecem estes mappas; porque, embora venham *vistos* e *referendados* pelos administradores de concelho e pelos presidentes das camaras municipaes, como estes funccionarios não usam verificar por seus olhos a effectiva frequencia das escholas, cujos mappas assignam, a formalidade de sua assignatura não augmenta nem diminue a veracidade da cifra de cada um.

Muitas vezes tenho visitado varias escholas; nunca vi que a frequencia de alguma se ajustasse exactamente com a cifra do respectivo mappa. Ha em todas as escholas públicas e municipaes grande numero de alumnos, que, apenas matriculados, logo deixam de comparecer. Mas, como os professores entendem ser-lhes conveniente que da frequencia de suas escholas se faça idêa avantajada, deixam-lhes ficar os nomes no registro da matricula, e depois trasladam estes nomes para os mappas de frequencia. Quem, portanto, julgar da frequencia de uma eschola pela matricula d'ella, estranhamente se engana.

CAPITULO II.

Estado material, moral e litterario das escholas do districto.

De todas as escholas públicas, as unicas que se acham estabelecidas em edificios do estado, são, a eschola central, a da freguezia do Campanario, a de Ponta Delgada e a de Sancta Cruz. Todas as mais têm por local edificios pela maior parte improprios para o intento, uns pertencentes ás camaras municipaes, outros aos respectivos professores. A sala da eschola pública da extrema leste d'esta cidade é tão baixa, tão pouco ventilada, e tão acanhada, em relação á frequencia, que infunde serios receios pela saude dos alumnos.

Excepto a eschola central, nenhuma outra tem a mobilia requerida pela regularidade do serviço e commodidade dos alumnos. Escholas ha, cujos alumnos escrevem sôbre os bancos com os joelhos no chão, á mingua de mesões, em que o façam commodamente. A razão é porque as camaras municipaes não curam de cumprir a obrigação, que a este respeito lhes impõem o decreto de 20 de dezembro de 1850, e a portaria do conselho superior d'instrucção pública de 13 de maio de 1853. Por vezes lhes têm requisitado os professores mobilia nova, de que carecem, ou o simples repairamento de alguma, que têm velha e estragada; mas a nada se movem as camaras. « Falta de meios, » é a desculpa banal, com que despedem todas as requisições d'esta ordem.

Pelo que toca a utensilios escholares, como livros, louzas, mappas etc., ha em cada eschola pública um pequeno deposito para serviço dos alumnos pobres exclusivamente. Este deposito é o producto de uma subscripção por mim promovida parat al fim; vae-se de dia para dia exhaurindo de maneira tal, que, se não houver meios para refazel-o, em breve se extinguirá de todo; e os alumnos pobres ficarão, como estavam d'antes, sem os utensilios indispensaveis para sua educação. Isto é tanto mais para sentir, quanto é certo que bem raros são os filhos de paes abastados, que se apresentam na eschola com os livros requisitados pelo professor, segundo a classe a que cada um pertence.

Já d'aqui vê Vossa Magestade, que, debaixo da influencia de todas estas precisões, rara é a eschola, que segue com exacção o methodo simultaneo puro, ou o mixto de mútuo e simultaneo, como quer o regulamento interno. Qualquer d'estes methodos requer a eschola dividida em classes; mas classes, só as póde haver onde alumnos da mesma força usem dos mesmos livros, e practiquem simultaneamente os mesmos exercicios. Se porém a muitos faltam livros, e outros os trazem differentes dos adoptados na classe a que pertencem, como póde a lição para todos ser a mesma? Como póde o methodo ser o simultaneo? Ainda na maior parte das escholas o unico methodo seguido é o individual.

Em seguida á inspecção de aceio, começam e terminam os exercicios escholares por uma *oração*, que vem no fim do chamado *cathecismo pequeno de doutrina christã*. Tenho porém observado que em muitas escholas, por incuria dos respectivos professores, já tem esta práctica degenerado em rotina; é um exercicio, para assim dizer, authomatico, que os labios executam, sem tomar 'nelle parte o espirito nem o coração dos alumnos. Tenciono dar aos professores algumas direcções, com o intuito de evitar-se este inconveniente.

Depois da oração, todas as escholas começam pelo exercicio da *leitura;* mas nenhuma ha que no ensino d'este ramo siga outro methodo, que não seja o da soletração ordinaria. Até as escholas urbanas pouco progresso têm feito a este respeito; porque, ao passo, que o professor se encarrega da lição dos mais adiantados, deixa os principiantes entregues a decuriões ordinariamente sem zêlo nem experiencia, cujo serviço nunca elle inspecciona. Raro é o professor que executa este exercicio, como lh'o prescreve o regulamento; raro é o que faz com os alumnos a analyse grammatical do texto, que lêem; ainda mais raro o que dirige o exercicio de modo, que cultive a intelligencia dos alumnos, que lhes faça penetrar no sentido do texto, e que lhes dê noções prácticas de orthographia e declamação.

O exercicio a que todos os professores dão mais tempo e cuidado, é o da *Calligraphia*. Todos se esmeram porque os alumnos *pintem bem* lettras; mas mui poucos satisfazem ao que a este respeito determina o regulamento. Em vez de darem aos alumnos exercicios de

dictação e redacção, para assim os habilitarem a escrever e compôr correcta e orthographicamente, contentam-se com fazel-os copiar um traslado ou um trecho do primeiro livro, que encontram: d'onde resulta que os alumnos, ao cabo de quatro e cinco annos de eschola, se escrevem bonito, não redigem certo o mais insignificante bilhete.

As disciplinas de *grammatica*, *arithmetica*, *historia* e *geographia*, que o regulamento quer que sejam ensinadas racionalmente, de modo que cultivem mais a intelligencia, que a memoria dos alumnos, mais a memoria das ideas, que a das palavras, continuam a ser ensinadas, como o eram antes d'elle. Limita-se o professsor a marcar no livro, que serve de texto á lição, um pequeno trecho, que elle não explica, e que o alumno recita de cór no dia seguinte sem o ter entendido. Por mais esforços, que eu tenha feito por convencer os professores da improficuidade d'este methodo, não ha conseguir d'elles, que adoptem outro; porque nenhum mais facil para quem ensina, com quanto seja o mais difficil e inutil de todos para quem aprende.

Este é o mesmo methodo, que preside ao ensino da *religião*. Infelizmente para a cultura moral do educando, ensino tão importante acha-se convertido 'num habito, para assim dizer, mechanico, que não vae ao coração, que não emenda nem corrige nada. Fiz com que o ex.^{mo} prelado diocesano adoptasse, como cathecismo d'esta diocese, o grande e o pequeno cathecismo do arcebispado de Paris, já adoptado por muitos prelados do reino. Do pequeno cathecismo dei muitos exemplares aos alumnos; e do grande, dei um exemplar a cada professor, para guiar por elle as explicações, que houvesse de dar ao texto do livro dos alumnos. Mas inutil prevenção! O mais que fazem os professores, é obrigar os alumnos a recitarem de cór o pequeno cathecismo; e nenhum recorre ao grande para lhes explicar oralmente o que por certo não entendem, resumido como vem no texto, que decoram. Alguns professores, na vespera do domingo e dia sanctificado, lêem aos alumnos a epistola e evangelho do dia seguinte, mas a maior parte d'elles não o faz por falta de livro para o intento. Nenhum accompanha os alumnos á missa, como quer o decreto regulamentar de 20 de dezembro de 1850; porque dizem que « elles não comparecem para este fim nos domingos e dias sanctificados. »

No ensino da *moral* ainda mais funesto se torna este methodo. Se o alumno recitar de cór a parte do *Manual encyclopedico*, em que se tracta da materia, dão-se os professores por desobrigados de tudo mais. Não explicam nem fazem repetir coisa alguma; não aproveitam algum dos variados incidentes, que a todo o momento lhes offerece a vida escholar, para chamarem a attenção dos alumnos sobre a práctica dos deveres moraes, inspirando-lhes os sentimentos de respeito e amor mutuo, que tanto lhes devem facilitar a práctica do bem. Uma vez, que os alumnos lhes dêem conta de certas definições e classificações, cuja exactidão não averiguam, pouco se lhes dá que a doutrina decorada lhes chegue ao coração, que lhes pautúe e regule as acções.

O regulamento interno tem posto á disposição dos professores um razoado systema de *premios* e *castigos*, de que poderiam servir-se vantajosamente, sem risco de desmoralisação para os alumnos. Raro é porém o professor, que usa de taes meios de disciplina. Tudo o que não fôr doestar os rapazes com palavras duras, ou flagellal-os com a palmatoria, são prácticas, de que não entendem, e que têm em conta de utopial.

A conclusão, que d'aqui tiro é que o ensino da instrucção primaria nas escholas d'este districto ainda está muito áquem do grau de perfeição a que aspira o regulamento interno; porque os mais dos professores não executam o regulamento; e não o executam, uns, por não quererem dar-se ao trabalho, um pouco mais arduo, que lhes imporia a observancia d'elle; outros, porque não podem fazel-o, á mingua de decuriões com capacidade e zêlo para se encarregarem da direcção d'uma classe.

Nas escholas ruraes principalmente a execução do regulamento lucta, ao presente, contra um obstaculo, a meu vêr, insuperavel: é que os paes dos alumnos, em os vendo em estado de lhes lerem uma carta e fazerem uma conta de sommar, logo os retiram da eschola. Rarissimo é o alumno, que adquire assaz d'instrucção, para servir de decurião na eschola, que frequenta. Em quanto o ensino não fôr obrigatorio entre nós; em quanto a lei não disser « que um páe só póde tirar o filho da eschola quando este haja concluido o curso d'ella, » difficultosamente poderão os professores ter habeis decuriões, que os coadjuvem a manter a ordem e disciplina da eschola.

Salva porém esta circumstancia, que não depende da vontade dos professores, a inobservancia do regulamento em tudo o mais é consequencia necessaria da falta de pontualidade d'elles. Para executar o regulamento é mister comprehendel-o, para comprehendel-o estudal-o, e para estudal-o ter assaz de capacidade, vocação e zêlo pelo serviço. Ora, como estas, infelizmente, não são qualidades mui vulgares entre os funccionarios de uma classe tão mal retribuida, a consequencia é que, embora haja as melhores leis e regulamentos litterarios, a falta de execução esteriliza e mata tudo; e a inspecção das escholas, qual se acha constituida, não é sufficiente para promover e afiançar esta execução.

Continúa.

MEMORIA

Sobre os inconvenientes da cultura dos arrozaes, em relação á saude pública.—Impropriedade d'esta cultura no concelho da Louzã, districto de Coimbra.

Não pretendo mostrar aqui a pestifera influencia dos pantanos: seria uma insigne loucura; assim como o mais obstinado e louco pyrrhonismo duvidar d'essa influencia. Pretendo mostrar simplesmente, que os arrozaes são verdadeiros pantanos arteficiaes; que nas terras, em que se cultiva o arroz, grassam as mesmas molestias, que nos paizes pantanosos; que os meios até aqui propostos para obstar á nocividade dos arrozaes são insufficientes, ou antes nullos, porque não produzem o effeito desejado, e alguns irrisorios; e que o concelho da Louzã é improprio para tal cultura, que d'elle se deve proscrever absolutamente.

O arroz semeia-se em tabuleiros horisontaes, com motas de mais de dois palmos d'altura, que ficam cheios d'agua estagnada todo o verão e parte do outono, tempo em que se ceifa o arroz. Alli nascem, crescem, vivem e morrem muitas plantas estranhas á seara, que se não podem tirar pela monda, e milhões d'animalculos que se desinvolvem 'naquella agua encharcada: tudo alli apodrece; e a flor do arroz, caindo na agua, augmenta aquelle cumulo de podridão. Aquella agua encharcada e infecta, está constantemente evaporando pelos calores do estio effluvios e miasmas deleterios.

Nenhuma d'estas substancias venenosas é levada pela corrente, porque a agua não corre; transborda pelas aberturas de communicação, que as motas têm na parte superior, e fica em remanso em toda a extensão do tabuleiro. Os cultivadores têm por costume, dizem que para bem da seára, escoar a agua de dias a dias, o que ainda é mais prejudicial; porque diminuindo a massa da agua, mais se concentram as materias animaes e vegetaes em putrefação, fica quasi descuberto o fundo lodoso dos tabuleiros, e a evaporação putrifera deve ser muito mais activa.

Nos paizes pantanosos, (á parte a peste endemica no Egypto, a cholera-morbus no Indostão, e a febre amarella nas Antilhas, que em differentes epochas têm devastado a população do globo); além da miseria e mesquinha constituição physica e moral dos seus habitantes, grassam principalmente as escrophulas, o escorbuto, as obstrucções, as hydropesias, e as febres intermitentes: e no tempo dos calores extensas epidemias de febres de pessimo caracter, e desinterias putridas, que matam aos centos os desgraçados habitantes.

As mesmas molestias, a mesma constituição cachetica dos habitantes se observam nos paizes em que se cultiva o arroz. « A cultura do arroz, diz Zimmerman, é particularmente nociva, porque é necessario innundar o terreno muitas semanas depois de o ter semeado. Levantam-se dos arrosaes vapores tão perigosos, que as cidades visinhas podem soffrer grandes estragos..... Os habitantes das visinhanças de Tortona e Novára, onde se cultiva arroz em grande abundancia, têm todos um habito cadaveroso [1] » .... « Temos visto, diz Foderé, os cultivadores dos arrozes do Piemonte e Milanez; se a cultura do arroz é vantajosa; se faz a prosperidade dos habitantes principaes dos paizes em que ella se tem adoptado, destróe a massa do povo, dizimando-a todos os annos; e a sua existencia raras vezes passa além de 40 annos. Esta mesma cultura produz effeitos analogos nos Estados Unidos d'America . . . [2] » etc. Julgo desnecessario, e até seria fastidioso e pedantesco, amontoar citações e transcrever o que dizem os auctores de Medicina sobre a nocividade dos arrozaes; basta dizer que não conheço um só, antigo ou moderno, que se quer o ponha em dúvida.

Os pathologistas, que não tractam d'esta materia especialmente, o fazem indirectamente, quando tractam da influencia pestifera dos pantanos: chegando alguns a inclinar-se a que não ha febre intermittente, sem ter por causa emanação pantanosa: como, entre outros, Requim, que a prematura morte privou de concluir o seu excellente tractado de pathologia. Não me parece que esta doctrina se deva seguir absolutamente; antes estou persuadido que podem existir febres intermittentes, que se não podem attribuir a essa causa, e eu as tenho observado: mas as epidemias estou convencido que não têm outra causa senão a infecção pantanosa; bem como que as febres intermittentes, que ha annos grassam 'neste districto, são sómente produzidas pelos arrozaes.

Alguns governos se têm visto na necessidade de prohibir a cultura do arroz em alguns paizes pela espantosa mortalidade que se lhe seguiu; aconteceu no Auvergne e Roussillon; e outros, condoidos tambem da desgraça do povo, tentaram adoptar esta providencia, mas não o poderam conseguir, pela invencivel opposição, que encontraram nos grandes proprietarios, ecclesiasticos e seculares, que tiravam todo o lucro dos arrozaes, deixando ao desgraçado povo as molestias e a morte: foi o que aconteceu no Piemonte.

Se lançarmos os olhos, sem prevenção, para o que se passa no nosso Portugal, veremos que todas as terras, em que o arroz se cultiva, são doentias; e que muitas, que o não eram, se têm tornado pela cultura d'esta planta. Deixando o que se passa em Setubal e Alca-

[1] Zimmerman — Trait. d'exp. T. 2.°, pag. 401 e 402.

[2] Fodèré — Trait. de Médicine Leg. T. 5.°, pag. 153.

cer do Sal, no Alemtejo, e em algumas terras do Ribatejo, olhando para o nosso districto, vemos que Villa-Verde, juncto da Figueira, terra muito saudavel, soffreu uma terrivel epidemia de febres, no anno em que alli se cultivou arroz: muitas casas se fecharam; e os habitantes amedrontados, e ensinados pela experiencia, proscreveram tal cultura, não querendo continuar a comprar a riqueza a troco da saude e da vida. Em todo o districto as terras, em que o arroz se cultiva, são a patria das febres intermittentes, obstrucções, e hydropesias. Finalmente os factos acontecidos 'neste concelho, levam á maior evidencia, sem ser necessario outras provas, a influencia nociva e verdadeiramente pestifera dos arrozaes.

Um proprietario no antigo concelho de Serpins, haverá dezoito ou dezanove annos, semeou d'arroz, na margem direita do Ceira, juncto da sua habitação, uma certa extenção de terreno. A agua era tirada do rio, para onde voltava no fundo do arrozal. Séguiu-se 'nesse verão uma epidemia de febres intermittentes e remittentes, em todos os povos visinhos: muitas pessoas morreram, e morreu o mesmo gado, que bebeu a agua do rio ao fundo do arrosal. O proprietario, ou pelo meu conselho, ou talvez amedrontado com o resultado da experiencia, e receoso de que a auctoridade interviesse e lhe prohibisse tal sementeira, não semeou arroz no anno seguinte. A epidemia não appareceu; e 'nesse anno e nos seguintes não houve mais molestias do que costumava haver. Passados alguns annos, o mesmo proprietario tornou a semear arroz, em maior quantidade; uma epidemia similhante se seguiu; e mais extensa.

Este concelho da Louzã póde dizer-se que é muito saudavel, excepto os logares situados nas margens do rio Ceira, e ribeira d'Arouce. Fóra d'aquelles logares posso dizer com verdade, que em vinte seis annos poucas febres tractei no concelho. As molestias, que aqui mais grassam, são as agudas das visceras thoracicas no inverno e primavera. No anno proximo passado encheram d'arrozaes todo o concelho; e chegou a mania a ponto de destruirem as sementeiras do milho e feijão, que estava nascido, para semearem arroz! Os proprietarios recolheram arroz, é verdade; mas o povo, as doenças, a miseria e a morte!

Principiou a desinvolver-se no mez de julho, e durou até o fim do outono uma epidemia de febres intermittentes, e remitentes, e alguns typhos. As perniciosas foram muito vulgares. Muitas vezes as intermittentes apresentavam-se com symptomas tão insolitos (Feb. interm. lavatae) que só pela epidemia se podia instituir o tractamento; e só pelo resultado d'este se podia chegar ao conhecimento da natureza da molestia.

Era lastimoso ver as mães sem meios algun, ardendo em febre, com os filhinhos moribundos nos braços, pedindo que lh'os soccorressem! Seria necessario ter coração de bronze para se não magoar em extremo, vendo familias inteiras, de cinco e seis pessoas, em miseraveis habitações todas estiradas na terra, ou quando muito em cima de palha com alguns farrapos, que mal lhe cobriam a nudez, sem terem meios alguns de soccorro; e muitas vezes nem quem lhe chegasse uma gota d'agua para mitigar a sêde ardente que os devorava! Não sei; não tenho côres bem vivas com que pinte ao natural os horriveis e afflictivos quadros, que vi 'naquelles mezes, 'neste desgraçado concelho! Eis o que faz a sêde da riqueza! o que faz a ambição e avareza; e a imprudencia de se tractar tanto de leve o objecto de maior consideração — a saude pública! Todas as inflamações das visceras thoracicas ao 3.° ou 4.° dia tomavam o caracter ataxico; e nos mezes de setembro e outubro vieram as diarrhêas e dysenterias complicar as febres. Não apparecia febre, que não fosse complicada ao menos com diarrhêa. Na freguezia de Villeirinho, quasi todos os doentes, que morreram, foi de dysenteria.

Não se póde saber com certeza o numero de doentes, que houve no concelho; porque nem ví a quarta parte, nem tinha tempo para fazer notas: mas, não serei exagerado, se disser que passaram de 1:800 ou 2:000, os doentes que houve no concelho, de molestias que se podiam e deviam reputar causadas pelos arrozaes.

Houve dia em que vi 40 doentes novos; e não vi, como já disse, a quarta parte, apesar de me não poupar a trabalho, de dia e de noite. O habil cirurgião do partido chegou a não poder montar a cavallo; e os mesmos barbeiros, estes homens tão perigosos, mas necessarios actualmente, fizeram serviços, informando-me de muitos doentes, que não podia ver; e instituindo o tractamento que lhe mandava. Em todo o concelho houve 269 obitos; tendo havido no anno antecedente 171; e em outros muitos menos: augmentando por consequencia 98. D'aquelle numero pertencem a esta freguezia de S. Silvestre 124; e exceptuando 9, que morreram da cholera, ficam 115. Esta freguezia tem mil e tantos fogos, e ha uns annos por outros de 50 a 60 obitos; houve por consequencia um excesso em 1855, de 55 obitos pelo menos, que se não póde attribuir senão aos grandes arrozaes.

A epidemia não se limitou á classe pobre; muitas pessoas ricas foram victimas: e mesmo dentro d'esta villa, aonde póde dizer-se nunca houve sezões, poucas pessoas, ainda das mais abastadas, deixaram de ser atacadas de sezões, ou d'outras febres.

A mortalidade ainda que foi grande, como se vê acima, muito maior seria, se não fosse a caridade d'alguns cidadãos que proveram

muitos doentes de dieta e remedios. Este concelho é pobrissimo: a riqueza está concentrada em meia duzia de casas; não ha meio algum de soccorro nas calamidades públicas, senão a caridade.

Os males, porém, não terminaram com a colheita do arroz, muitas pessoas ficaram com sezões; obstruidas; e hydropicas: sobreveiu a estação chuvosa, que tem sido muito longa: faltas de todos os meios hygienicos e pharmaceuticos; ou têm morrido, ou arrastam uma vida valetudinaria e miseravel. Além d'isto a colheita do arroz não foi abundante; aos habitantes pobres, que cultivam as terras dos ricos, e os obrigaram a semear arroz, faltou o pão, e vivem actualmente nos horrores da fome e da miseria.

O concelho de Poiares, que fica ao norte, foi sempre victima da epidemia, porque os miasmas pestiferos dos arrozaes da Louzã, foram levados áquelle concelho pelas correntes atmosphericas dos ventos do sul e sudoeste, que têm soprado quasi constantemente desde o principio de setembro. Este facto prova a falsidade da opinião dos que suppõem, que as emanações pantanosas ficam circumscriptas em muito pequeno espaço: pelo contrario são levadas a grandes distancias; só d'este modo se póde explicar o apparecimento de molestias d'infecção pantanosa aonde não ha pantanos nem aguas encharcadas.

Continúa J. P. DA SILVA PINTO.

A zootechnia e as artes agricolas não podem considerar-se como partes da agricultura.

INTRODUCÇÃO.

Talvez que o pequeno trabalho, que hoje publicamos, seja por alguem taxado de inutil e ocioso. Discutir se a zootechnia e artes agricolas pertencem ou não á agricultura, poderá parecer uma questão estranha, e mesmo opposta á indole essencialmente práctica dos estudos agricolas. Dir-se-ha que considerar estes ramos como sciencias, examinar as relações, que têm entre si, é pretender nobilital-os com brazões emprestados, dando-lhes fóros de sciencias, quando não passam de simples artes.

Em quanto á primeira dúvida advertiremos que não ha estudos alguns speculativos ou práticos, em que seja licito prescindir do methodo ou da organisação das materias, que os constituem, e que, sem isto, o tractado de qualquer sciencia ou arte, tornar-se-hia um cahos sem utilidade alguma.

Relativamente á segunda dúvida entendemos, que o que se tornaria inutil e ocioso, era discutir se a agricultura é sciencia ou arte, questão escholastica, já—permitta-se-nos a expressão — bastante sediça, e que só póde tomar a peito quem ignorar as idéas racionaes e philosophicas de Ampère, Comte, e de todos os que têm escripto sobre a philosophia das sciencias.

Outra dúvida, que, se nos não enganamos, mais consideração merece, póde ainda apresentar-se. Estará a opinião, que seguimos, em contradicção com o principio da unidade da sciencia em todas as epochas reconhecida como verdadeira? Se a sciencia é uma só, para que hão de multiplicar-se ainda mais as divisões dos conhecimentos humanos, oppondo assim á unidade e simplicidade a complicação e a multiplicidade? Porque hão de separar-se coisas, que naturalmente se acham ligadas e em dependencia reciproca?

Admittimos a unidade da sciencia, idéa racional e philosophica, que ninguem contesta. A divisão dos conhecimentos humanos é um meio artificial de accommodar á nossa limitada razão o grande numero de objectos, cujo estudo se tornaria impossivel, se assim não fosse facilitado. E a necessidade d'esta divisão cresceu ao passo, que o progresso e a civilisação foram augmentando com improbos trabalhos e preciosas descobertas o valiosissimo thesouro dos humanos conhecimentos. A area, que os comprehende, por tal fórma se tem alargado e estendido, que hoje ninguem póde dizer-se encyclopedico, ninguem podendo, como os antigos philosophos, abraçar a sciencia toda da sua epocha.

Não cremos, que a intelligencia dos philosophos modernos seja inferior á dos antigos, e comtudo o quadro dos seus conhecimentos é muito mais limitado e circumscripto.

A sciencia de hoje é mais vasta e difficil, do que a dos tempos passados. E ainda mesmo a um genio mais sublime, do que Aristoteles, Platão ou Pythagoras, seria agora impossivel possuir toda a sciencia da nossa epocha, como aquelles philosophos possuiram a dos tempos, em que viveram. Presentemente quem, fazendo o que ha alguns seculos fez um nosso insigne compatriota, se propozesse a defender theses *de omni re scibili*, passaria com razão por louco rematado.

Nos nossos tempos nas especialidades sómente podem distinguir-se os grandes homens. Buffon, Linneu e Cuvier, tornaram-se celebres na historia natural; Laplace nas mathematicas; Lavoisier na chimica; Bichat na anatomia. E pela vastidão da sciencia o proprio estudo das especialidades impossivel seria, se o não auxiliasse uma classificação methodica dos conhecimentos.

As sciencias, pois, não são mais do que divisões artificiaes da sciencia universal, e os numerosos pontos de contacto, e as intimas relações, que entre aquellas se encontram, são uma prova bem evidente da unidade d'esta.

Estudar a astronomia sem o auxilio da mechanica, é tão impossivel, como apprender a chimica sem conhecer physica; ou saber medicina sem previos conhecimentos de zoologia e botanica. Ha demais alguns objectos, que se acham tractados em muitas sciencias. As propriedades dos corpos brutos estudam-se na chimica e na mineralogia; a meteorologia é tractada na physica e na geographia physica, e alguns fazem d'ella uma sciencia especial; o mesmo succede com a paleontologia, cujo estudo póde competir, na actual organisação dos conhecimentos, tanto á geologia, como á zoologia, ou mesmo constituir uma sciencia distincta.

Vê-se por estes e outros factos similhantes, que a classificação e organisação das sciencias são ainda muito imperfeitas. Corrigir inteiramente os defeitos, que apresentam, é talvez impossivel em razão da unidade da sciencia universal, mas aperfeiçoal-as tanto, quanto ser possa, parece-nos empreza digna das meditações dos philosophos. Se a separação das sciencias é indispensavel como meio de instrucção, quanto mais perfeito for esse meio, tanto mais facil e proficuo será tambem o fim que por elle nos propômos obter — o estudo dos conhecimentos humanos.

Todavia na difficil e laboriosa empreza da classificação e distincção das sciencias debalde nos cançarêmos, se não houver um principio, que nos guie e regule, que nos sirva de fio de Ariadne 'neste complicado labyrintho. Esse principio está na consignação dos caracteres, que toda a sciencia deve apresentar, para que como tal possa ser considerada. Tendo sempre em vista este preceito procuraremos evitar: 1.° que coizas similhantes sejam estudadas em sciencias diversas; 2.° que objectos essencialmente differentes se estudem na mesma sciencia.

Bem sabemos que a primeira regra em alguns casos não póde ter applicação pelas intimas ligações, que existem entre varias sciencias; mas muitas vezes tambem não se observa, podendo e devendo observar-se. Os corpos brutos, por exemplo, estudam-se especificamente na chimica e na mineralogia. Ora por que hão de os mesmos corpos, sem outra differença mais do que a de origem, ser descriptos com nomes e formulas differentes em sciencias diversas? Parece-nos racionalissima e digna de consideração a reforma proposta por Baudrimont para acabar com similhante irregularidade.

Em quanto á segunda regra, é susceptivel d'uma applicação mais geral, e muito ganharia a philosophia, se, na organisação de todas as sciencias, ella fosse seguida e observada. Com o fim de mostrar a necessidade da sua applicação á agricultura foi, que emprehendemos o trabalho, que ao juizo dos leitores vamos submetter.

Sous le rapport de la connaissance, tout art, comme toute science, est un groupe de verités demontrées par la raison, reconnues par l'observation, que réunit un caractère commun, caractère qui consiste, soit en que ces verités se rapportent á des objets de la même nature, soit en se que les objets, qu'on y étudie, y sont considérés sous le même point de vue.

AMPÈRE—*Essai sur la philosophie des sciences.*

I.

O homem, contemplando as obras magestosas da creação, admirando os grandes e sublimes phenomenos naturaes, não póde deixar de entregar-se, com empenho e com interesse, á observação a ao estudo d'esses factos, d'esses sêres, que por toda a parte o cercam, nos espaços celestes, ou na superficie da terra, na extensão dos continentes ou no seio dos mares, na natureza inorganica e sem vida, ou no mundo vivo e organisado. Este estudo tão interessante como elevado, que tem por fundamento a observação do universo inteiro, constitue o objecto das sciencias naturaes.

Mas nem sempre o homem, observando a natureza, procura satisfazer o desejo de saber, e a curiosidade, que lhe é propria; muitas vezes tem em vista um outro fim, que é tirar das forças e dos seres naturaes os serviços, que a industria lhes póde exigir, fim, sem dúvida, tão util e proveitoso, quanto o primeiro é grande e sublime. O estudo, por meio do qual se alcança este, tem tambem por fundamento a observação, pertence por isso ainda ás sciencias naturaes; mas além da observação funda-se em considerações de outra ordem, que dão ás sciencias que d'elles se occupam uma indole e organisação especiaes.

No primeiro caso, em que as sciencias naturaes tem por objecto o conhecimento dos sêres naturaes, denominam-se sciencias naturaes puras ou de observação, no segundo caso, em que além do conhecimento d'esses sêres, se occupam tambem das suas applicações, chamam-se sciencias naturaes applicadas.

Á primeira classe pertence a mineralogia, a botanica, a zoologia, etc., á segunda a metallurgia, a agricultura, a zootechnia, etc. Ainda que cada uma das ultimas d'estas sciencias vá buscar grande parte dos seus principios fundamentaes á sciencia correspondente, de que se deriva, nem por isso se deve considerar a distincção entre umas e outras, como escusada e desnecessaria. As sciencias naturaes puras occupam-se egualmente de todos os factos, ou de todos os sêres; as applicadas tractam unicamente d'aquelles, que têm alguma utilidade na indus-

tria; e no estudo d'estes mesmos não attendem senão ás propriedades, de que dependem as suas applicações industriaes. Ha além d'isso nas sciencias applicadas a parte economica, que falta absolutamente nas sciencias puras.

Assim a metallurgia, ainda que grande parte dos seus principios seja tirada da mineralogia, não póde de modo algum fazer parte d'esta sciencia. O fim da mineralogia é ensinar-nos as propriedades e caracteres dos differentes mineraes, dando toda a importancia á sua natureza, e nenhuma á sua utilidade; scientificamente o mineralogista liga ao ouro o mesmo interesse, que ao carbonato calcareo; estuda a prata com tanta attenção, como o quartz ou a argilla. Não assim o metallurgista. Este occupa-se unicamente dos mineraes uteis, que convém explorar; importa-lhe mais a extracção d'elles, do que as suas propriedades: e os caracteres physicos de tão grande valor para o mineralogista são-lhe quasi todos indifferentes. Estudar os diversos processos de extracção, e examinar quaes d'elles se devem adoptar 'nestas ou 'naquellas circumstancias, tal é o fim do metallurgista, em quanto que o mineralogista pouco attende á extracção, e nada ás considerações economicas.

Do mesmo modo a botanica tornar-se-hia muito defeituosa, se na descripção geral das plantas, chegando ás especies cultivadas, as considerasse de um modo alheio á historia natural. A botanica estuda os vegetaes no seu estado natural, como a natureza os apresenta; a descripção dos processos agricolas, as considerações economicas tendentes a fazer adoptar uma cultura de preferencia a outra, todas as operações, que têm por fim modificar o vegetal, tornando-o mais proprio a dar taes ou taes productos, a sêr empregado 'nesta ou 'naquella industria, são coisas inteiramente estranhas á botanica, e de que ella não póde occupar-se.

A zoologia seria tambem uma sciencia disforme, se tractasse dos animaes domesticos com todo o desinvolvimento, que o assumpto requer, desinvolvimento, que deve sempre ser encarado de uma maneira especial e em conformidade com os fins, a que esses animaes pelo homem são destinados.

O zoologista, que estuda a natureza, e não a utilidade ou as applicações dos animaes, não tracta da creação e educação d'aquelles, que se têm conseguido domesticar; tanta razão tem para estudar a veterinaria do boi ou do cavallo, como as doenças do veado, do tigre ou de qualquer outro animal selvagem.

Da reconhecida necessidade de separar da botanica e da zoologia estudos, que lhes tirariam o caracter de unidade e simplicidade, que lhes é essencial, objectos que se não fundam exactamente nos principios que regulam a sua organisação, nasceram outras duas sciencias — a agricultura e a zootechnia; — a primeira, que tem por objecto a cultura das plantas, cujos productos servem de alimentos ao homem e outros animaes, ou de materias primas ás differentes industrias; a segunda, que se occupa da creação e educação dos animaes domesticos.

Continúa. A. F. SIMÕES.

O SELLO GRANDE DE INGLATERRA.

Continuado de pag 186.

Outra prova da crença, que têm os inglezes na virtude mysteriosa e inexplicavel do sêllo grande, é a maneira como é hoje empregado nas cartas dirigidas pelos soberanos a simples particulares. Duas especies de documentos são sellados com este sêllo. As cartas de privilegio exclusivo, as *commissões*, etc., dirigidas a todos os subditos da rainha e chamadas cartas-patentes, têm o sêllo preso á sua extremidade inferior por meio d'um cordão de sêda, e a cêra empregada 'nestes casos, é, como já se disse, amarella e algumas vezes verde. Quando o documento é importante, vae resguardado dentro d'um estojo de pelle côr de camurça, sobre o qual se estampam as duas faces do sêllo. Porém, nas cartas dirigidas a um simples particular, o sêllo é então empregado como sinete, e serve para impedir que todos as possam lêr. O modo de applicar o sêllo 'nestes casos, é o seguinte: enrola-se o pergaminho do documento até formar um maço do comprimento de duas pollegadas; d'este maço sae uma pequena tira onde se escrevem os nomes e titulos da pessoa a quem a carta é dirigida; o maço é apertado com um cordão, cujas duas extremidades se ligam uma á outra, por meio d'um pedaço de cêra do tamanho de um franco, que facilmente se segura, exercendo sobre elle uma pequena compressão com os dedos pollegar e indicador, depois basta tocar no documento com um dos dois discos do sêllo, para elle immediatamente ficar *sellado* e por tanto revestido da dignidade de carta régia.

Ninguem melhor do que Carlos I comprehendeu a importancia do sêllo do reino; por isso póde conjecturar-se qual seria o seu regozijo, quando um mensageiro lhe levou a York este instrumento que elle julgava tomado pelo parlamento. Porém, se a sua alegria foi grande, menor não foi a malogração do parlamento, quando viu que perdera aquelle emblema da realeza, com o qual elrei podia legalmente fazer proclamações, ou promulgar quaesquer decretos, em quanto que o parlamento sem elle não podia proceder a eleições

para substituir algum de seus membros, nem practicar qualquer acto de administração. Depois de ter discutido, esperado e resado, não poucas vezes, intentou mandar fabricar um novo sêllo grande para seu uso particular. Este objecto era de summa importancia; mas os gravadores eram raros 'naquella epocha, e os que havia, temendo que o rei vencesse, e mandasse executar á risca um antigo estatuto de Duarte III, que castigava com a pena capital, todo aquelle que imitasse ou contrafizesse o sêllo grande, não se atreviam a cumprir com as ordens do parlamento. Porém, não ha obstaculos que não vença o dinheiro: não tardou que apparecesse um certo mestre Symonds, que se comprometteu a fabricar um novo sêllo, perfeitamente similhante ao que elrei tinha, com tanto que lhe pagassem 40 lib. st. adiantadas, e 60 depois de concluida a obra. Este fac-simile foi executado, e o parlamento serviu-se d'elle, até que o governo républicano se reputou tão consolidado, que pôde ter um sêllo proprio, do qual foram excluidos com a maior cautella, todos os emblemas reaes. O antigo sêllo do reino, tomado pelo parlamento, por occasião da capitulação de Oxford, foi despedaçado por um serralheiro, na *barra* da camara dos communs.

Depois da restauração o sêllo grande de Inglaterra esteve algumas vezes muito arriscado. No reinado de Thiago II foi entregue ao odioso Jeffreys; porém el-rei poucos dias antes de abdicar tinha um tal receio que este importante instrumento caisse nas mãos dos seus inimigos, que alojou Jeffreys no seu palacio de Whitehall, com o fim de ter o sêllo continuamente debaixo da sua protecção pessoal, e, para assim dizer, debaixo dos seus proprios olhos. Na vespera do dia em que abandonou o reino, pediu o sêllo ao chanceller; e quando atravessava o Tamisa, lançou no rio este emblema da realeza, persuadido de que sem elle seria impossivel o exercicio das funcções reaes. Ainda que assim fosse, a sua acção comtudo 'nenhuma influencia teria tido nos negocios, porque decorridos alguns dias, um pescador trouxe na rede o desgraçado sêllo, e o entregou ao conselho privado.

Em 1784, quando era chanceller lord Thurlow o sêllo grande desappareceu de veras. A habitação do Lord chanceller foi roubada, e entre outros objectos de preço, levaram os ladrões o sêllo grande do reino que nunca mais se encontrou. O conselho privado foi convocado para a manhã do dia seguinte ao do furto, a fim de tomar conhecimento do facto; e procedeu-se com tanta diligencia, que trinta e seis horas depois estava prompto um novo sêllo. Lord Thurlow continuou por oito annos ainda a exercer as funcções de chanceller, mas durante este tempo, nunca deixou de dormir com o sêllo grande debaixo do travesseiro.

O sêllo grande foi momentaneamente perdido por lord Eldon, em circumstancias bastante burlescas. Este illustre magistrado comprehendia perfeitamente a importancia do deposito de que estava encarregado, para o que contribuíra muito o modo singular com que o seu soberano lhe entregára o sêllo. O proprio lord Eldon conta-nos no seu diario, que tendo ído ao paço receber o sêllo, encontrou Jorge III sentado 'num canapé, com a casaca abotoada e o sêllo mettido do lado esquerdo entre o colete e a casaca. Elrei vendo o chanceller tirou o sêllo e entregou-lh'o dizendo « Aqui o tendes; eu vol-o dou *do coração.*»

Com estas palavras reaes sempre presentes na memoria, lord Eldon nunca se deitava sem collocar elle mesmo o sêllo no seu quarto. Uma noite, era em 1812, acordou de repente, com um incendio em casa. A primeira cousa em que pensou foi no sêllo. Correu ao escondrijo onde o tinha, arrancou-o d'alli e foi a toda a pressa enterral-o 'num quintal situado por de traz da casa. Voltando depois ficou tão espantado, diz elle no seu diario, de ver as criadas que tinham saltado da cama em habitos menores, e que ajudavam os bombeiros a apagar o fogo, e ao mesmo tempo tão assustado com os perigos em que estava lady Eldon, que pela manhã não era possivel recordar-se do alegrete em que enterrára o sêllo. « Não se podia, accrescenta elle, conceber cousa mais ridicula, que ver todas as pessoas de casa occupadas em esgravatar a terra para dar com o sêllo ». Cremos que foi esta a ultima vez em que grande risco correu de perder-se.

Continúa.

ARREDORES DE COIMBRA.[1]

VI.

Lapa dos Esteios.[2]

É este o aprazivel sitio,
A gruta amena e florida,
Onde gozei entre amigos
O dia melhor da vida.
CASTILHO.

Remontando a vêa do Mondego até obra d'um quarto de legua para cima da cidade, encontra-se, na margem do poente, um gracioso retiro, selvatico sem aspereza, e como que enfeitado sem arte.

Dissereis, que, em hora de contentamento, o fizera a natureza, para algum dia hospedar,

[1] Veja-se *O Instituto* — n.º 13 — vol. IV., e n.os 3, 8, 11 e 12 do mesmo Jornal — vol. V.

[2] Dá-lhe este nome uma grande rocha lavada pelas aguas da margem esquerda do rio.

no regalo d'aquellas sombras, seus mais dedicados amigos [1].

É certo, que, todos os annos, como em romaria, concorrem a tão aprazivel estancia alguns cultores das musas; e em legado piedoso, por tradição academica, se vae transmittindo ás successivas gerações d'estudantes, o dever de celebrar as suas funcções poeticas 'nesta

> ..... gentil gruta formosa
> Toda vestida de musgo,
> Coberta d'hera viçosa,
> Recamada, perfumada
> De jasmim, de myrto, e rosa,
> Á sombra de verdes freixos,
> Á sombra tão amorosa.

Convidára, primeiro, a visitar o sitio o puro, e perfumado dos seus ares, a vária presença da terra e aguas, o sussurar dos ramos abanados das viraçãões, a melodiosa querella das aves; attrahiram, depois, alli os passos não só as nativas graças de tão ameno quadro, mas a grata recordação dos primevos cantores das suas bellezas.

Já não ha hoje memorar a *Lapa dos Esteios*, sem que logo occorram os nomes dos Castilhos [2], dos Lemos [4], dos Pimenteis [3].

Possam os que, depois d'elles, inspirados pelo sol do Mondego, e cheios de toda a primavera das suas margens, se junctarem para similhantes festins, transmittir á posteridade canticos tão maviosos, como os que lhe legaram estes insignes vates.

R. DE GUSMÃO.

BIBLIOGRAPHIA.

ELEMENTOS DO PROCESSO CIVIL.

SEGUNDA PARTE

POR

Francisco José Duarte Nazareth, lente cathedratico da faculdade de direito, socio do Instituto de Coimbra, da Academia real das sciencias de Lisboa, e deputado ás côrtes.

Veio agora a lume este novo trabalho de jurisprudencia práctica. É um bellissimo *tractado* sobre execuções, embora o seu illustre auctor o baptize, por honestidade, com o nome de *elementos*.

No seu primeiro livro com este titulo — Elementos do Processo Civil, — occupou-se da organisação judiciaria, e das noções geraes do processo, seus actos, formalidades e ordem, até á sentença em primeira instancia, concluindo com a materia dos recursos. O merecimento e proveito d'essa obra foi immediatamente reconhecido; e obteve toda a boa acceitação, que merecia.

O distincto professor logo, no prologo d'esse livro, se poz em divida com o público, quando disse, *reservando-nos escrever tractados especiaes — sobre execução de sentenças — e sobre os processos especiaes, summarios, summarissimos e executivos, com as respectivas fórmulas.*

A presente publicação, pois, ainda não completa o quadro, que traçára para os seus Elementos do Processo Civil; mas adeanta-o muitissimo. Abrange quanto diz respeito ao processo de execução de sentenças, mandados executivos ou de *solvendo*, e autos de conciliação, sem se esquecer das fórmulas d'esse processo.

Bastante, 'neste ramo, já tinham escripto os nossos trez grandes praxistas, Pereira e Sousa, Almeida e Sousa, e Correia Telles; — mas os dois primeiros viveram afastados da epocha das reformas, que se têm feito no processo; e o ultimo, por não ser esse o seu intento, nem deu ás doutrinas do seu *Manual do Processo Civil* aquella extensão, que ellas pediam; nem resolveu muitas das questões do direito, que a toda hora estão nascendo, e se agitam no processo, principalmente na execução das ultimas providencias; nem comprehendeu, porque não podia, as alterações, que, posteriormente áquelle seu escripto, tem soffrido a legislação.

O sr. Nazareth suppre todas essas deficiencias, — tracta essas questões; indica os escriptores, que se podem consultar; está em dia com a legislação; e dá ás doutrinas a extensão conveniente.

Necessaria aos seus ouvintes, e utilissima a todos os que militam no campo forense, esta continuação dos Elementos do Processo Civil do sr. Nazareth por si mesma se recommenda.

B. C.

NOTICIARIO.

Cura do escorbuto. — A *Revista colonial* indica o uso do çumo do limão como meio prophylactico e curativo do escorbuto. Para preparar o çumo dos limões expremem-se estes fructos com a casca; mistura-se com alcool o succo obtido, e guarda-se em caixas, que contêm dezoito garrafas de dois litros cada uma. É applicado dez dias depois, e cada doze, que deve ser tomada ao jantar, compõe-se de çumo de limão, 14 grammas; assucar, 42 grammas; agua, 112 grammas.

---

[1] Póde ver-se a sequencia da descripção na *Primavera* do sr. Castilho — pag. 79, 2.ª ed.

[2] *A Lapa dos Esteios — Soláo* — Pelo *sr. José Freire de Serpa Pimentel.*

[3] Veja-se a *Primavera*, e *Escavações Poeticas* do sr. Castilho.

[4] Veja-se o *S. João Poetico*, pelo sr. João de Lemos na *Revista Universal Lisbonense* — tom. III., pag. 558, e *O Trovador* — pag. 386.

[5] Veja-se *O Trovador* — pag 17.

Abestruzes. — No viveiro central do governo francez em Argel, obteve-se ha pouco a incubação natural dos ovos de abestruz. Por este resultado de longas tentativas temos a certeza de ver reproduzir-se no estado de domesticidade a maior de todas as aves. Parece que as experiencias tentadas no estabelecimento de Hamma são as unicas, que até hoje tiveram um exito feliz.

NÃO FOI SONHO?

Á memoria da Ex.ma Sr.a D. Maria Candida de Carvalho Coutinho e Vasconcellos.

Versa est in luctum cithara mea, et
organum meum in vocem flentium.
JOB. CAP. XXX.

Não foi sonho? Ai de mim! É pois verdade,
Que a virgem, que na harpa da tristeza
Dava cantos d'amor á natureza,
Já do mundo não é, mas sim de Deus?
Não foi sonho, Senhor? A branca rosa,
Que entre espinhos viveu, o brando lyrio,
Que cingiste de luz e de martyrio,
Nova estancia buscou nos córos teus?

Do Mondego corri ás verdes margens;
Quiz vel-a ainda uma vez. Adormecida,
Em brancas, largas roupas envolvida,
Divisei-a da aurora entre os clarões.
— Vive! vive! Disse eu: Sorri 'num extasi;
Em sonhos transportada é que procura
Novos carmes d'amor e de ternura,
Mais canticos na patria das visões. —

Ai mentida illusão! Ai louca esp'rança,
Que os turbidos sentidos me affagaste,
E tão prestes depois me abandonaste!
É morta. Sei-o já. Rasgou-se o véu,
Caiu a venda d'encantados olhos.
Esse vulto, que eu vi á luz da aurora,
Era a sombra ligeira, seductora,
Da virgem, que a fugir buscava o céu.

É morta. Sei-o já. Dil-o o nordeste,
Que arranca as folhas de que o chão se véla;
O silencio da triste filomela,
Que escondida nas balças se calou.
Dizem-no as nuvens, que no espaço doira
Desmaiado clarão d'um sol extincto;
Estes lamentos, que na terra sinto,
Do breve outono, que ella tanto amou.

É morta. Sei-o já. Dil-o este dobre,
Que nas tôrres o bronze balanceia,
Voz de finados, que no ar vagueia,
Pedindo aos que ainda vivem compaixão.
É morta. Não duvido. Esta tristeza,
Esta voz, que nos lembra a eternidade,
A prece, que hoje entôa a christandade,
Tambem por ella implora uma oração!

Tel-a-has, pobre amiga, que tão cêdo,
Como estrella cadente, que não dura,
Te sumiste no pó da sepultura,
Deixando-nos a dôr de te perder.
Tel-a-has; e em paga supplicar-te venho,
Que peças para mim a Deus o esforço
Com que martyr, sem queixa e sem remorso,
Sorriste resignada até morrer.

E mais tarde, depois, talvez em breve,
Quando a parca sem dó meus dias conte,
Irei tranquillo recostar a fronte
No leito derradeiro. Então feliz,
Ai! feliz, se ao teu lado, de mãos dadas,
Em affecto d'irmão, sem par, divino,
Vendo o mundo correr a esse destino,
Que a vontade do Eterno impor lhe quiz.

Leiria, 2 de novembro de 1857.

A. X. R. CORDEIRO.

RELAÇÃO

Dos indivíduos nomeados para os seguintes logares de instrucção pública desde o dia 15 até ao fim de setembro ultimo, por despachos do conselho superior d'instrucção pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Antonio da Conceição Teixeira Vidal, para professor temporario da cadeira de Villa Marim, districto de Villa Real.

André José Ferreira, para dicto das Antas, districto de Vizeu.

Antonio Maria Pereira Lima, para dicto do extincto Couto de Souto, districto de Braga.

Domingos Ayres Lopes, para dicto de Galafura, districto de Villa Real.

João Joaquim da Silva, para dicto de Pouzadella, districto de Braga.

Joaquim Lopes Neves, para dicto da Villa da Feira, districto d'Aveiro.

Joaquim Maria da Silva, para dicto de Cadima, districto de Coimbra.

Joaquim Pereira Pedrosa, para dicto da Carpalhosa, districto de Leiria.

José Lopes Viegas para dicto da Villa d'Olhão, districto de Faro.

Silvestre Manuel d'Almeida, para dicto de Portel, districto d'Evora.

Alexandre José Victor Montanha, para dicto de Collares, districto de Lisboa.

Antonio Emilio Pereira d'Azevedo, para dicto d'Oliveirinha, districto d'Aveiro.

Antonio Ferreira Vitella, para dicto de Riba Pinhão, districto de Villa Real.

João Antonio de Moraes, para dicto de Villa Verde do Extremo, districto de Villa Real.

João Luiz Corrêa Junior, para dicto de Cabeçudos, districto de Braga.

Valentim Caetano dos Sanctos, para dicto de Bunheiro, no logar da Egreja, districto d'Aveiro.

Carlota Henriqueta Pinto de Carvalho, para mestra temporaria da eschola de meninas d'Alijó, districto de Villa Real.

Antonio Joaquim do Cadaval, para professor vitalicio da cadeira d'Evora Villa, districto de Leiria, por decreto de 15 de setembro ultimo.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Antonio José da Rocha, para professor temporario da cadeira de latim de Sancto Tyrso, districto do Porto, por portaria de 22 de setembro ultimo.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.



Foi Deus servido de leval-o para si.... para lhe pagar na gloria os trabalhos padecidos cá na terra.

Fr. Bernardo de Brito — *Chronica de Cister.*

Um denso véu de lucto involve a Egreja Lusitana; um pranto justificado inunda as faces de todos os seus filhos.

O chefe d'esta Egreja, o pae d'estes filhos, jaz ahi cadaver sob a lagem do mausoleu; — o nome d'elle vae ser inscripto para sempre na pedra dos tumulos!

O virtuoso D. Guilherme Henriques de Carvalho, Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa, deixou de existir: aprouve a Deus limitar-lhe os soffrimentos da vida, para lhe antecipar a merecida recompensa no Céo.

As lagrimas derramadas sobre as reliquias do varão, que foi, são já um tributo insuspeito de admiração e saudade, em que as gerações futuras têm de assentar a justiça, que lhe farão.

O Instituto não é, nem devia ser o ultimo em tão dolorosa homenagem á memoria de um dos seus socios honorarios, que mais o ennobreciam; porque juncta esta obrigação especial ás que de mais lhe cabem como portuguez e crente.

O Instituto chora a perda de um dos seus irmãos mais dignos: Coimbra—patria do illustre finado—lamenta, com extremos de mãe, a falta de um de seus mais benemeritos filhos.

Intelligencia superior, caracter honradissimo, cidadão prestante, ecclesiastico modélo cumpriu, dignamente a sua missão no mundo; e o mundo seria ingrato recusando-lhe um justissimo feudo, ao menos na campa, se não gravasse 'nella, a par do seu nome, as palavras: FOI UTIL.

Tal remorso não torturará por certo o coração de ninguem; porque todos, todos ahi estão a avivar as poucas lettras d'esse eloquente elogio—resumo de uma honrosa biographia inteira,—nas expansões de acerba dôr pela morte do venerando Prelado.

Possam estas demonstrações dos homens, e, sobretudo, uma profunda fé na eterna felicidade dos justos, ser, no decurso dos tempos, o estimulo para lhe desafiar imitadores, como são hoje para nós consolação e lenitivo.

Respeitemos em tão penoso lance os decretos da Providencia, que assim nol-o impõe o dever de christãos; e, como christãos e agradecidos, não nos esqueçamos d'implorar a Divina Misericordia para o repouso d'aquelle, que já na terra a não implora em nosso auxilio.

O balsamo da Religião, sempre efficaz, poderoso sempre, é o unico que póde suavisar-nos a passagem de um grandissimo pesar para uma saudade ainda maior.

> É certo que, se foram grandes os sentimentos na sua morte, muito maiores serão as saudades da sua vida.
>
> Padre Antonio Vieira — *Palavra de Deus.*

UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Resumo das relações das faltas que deram os Estudantes de Direito no mez de outubro de 1857, *com as qualificações que receberam na Congregação de* 18 *de novembro de* 1857.

1.º Anno Juridico.

N.os dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
11	24.....	1	por abonar
12	31.....	1	idem
13	30, 31.....	2	abonadas
15	17.....	1	por abonar
18	31.....	1	idem
19	26.....	1	idem
36	27..	1	abonada
39	27.....	1	por abonar
40	31.....	1	idem
42	19.....	1	idem
45	30, 31.....	2	idem
46	24.....	1	abonada
51	23, 27.....(a)	2	por abonar
59	31.....	1	idem
60	23, 26, 28, 31.....	4	idem
62	31.....	1	idem
63	27.....	1	idem
66	28.....	1	idem
72	26, 27, 28.....	3	abonadas
80	31.....	1	por abonar
82	31.....	1	idem
87	31.....	1	idem

(a) As faltas do n.º 51 estão abonadas na cadeira de Encyclopedia Juridica, mas não o estão na de Direito Natural, e por isso reputam-se não justificadas para o effeito da *triplicação*, salvo o recurso que ainda compete para a congregação de dezembro.

2.º Anno Juridico.

N.os dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
27	17, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31..	11	abonadas
28	20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31.....	9	idem
34	17.....	1	por abonar
37	26.....	1	idem
42	(27, 28,) 30, 31.....	4	(2 abon.), 2 por abon.
48	26, 27, 28, 30, 31.....	5	abonadas
53	17.....	1	por abonar
63	24, 30.....	2	idem
64	26, 27, 28, 30, 31.....	5	abonadas

N.B. O dia 31 foi de sabbatina assim na aula de Direito Romano, como na de Direito Publico.

3.º Anno Juridico.

N.os dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
5	26, 27, 28, 30, 31.....	5	abonadas
15	23, 24.....	2	idem
18	27.....	1	por abonar
19	19.....	1	idem
25	30.....	1	idem
26	17.....	1	idem
27	30.....	1	idem
29	24.....	1	idem
41	17.....	1	idem
50	19.....	1	idem
54	23.....	1	idem
58	30.....(a)	1	idem
60	24.....	1	idem
66	19, 26.....	2	idem
70	(26) 27, 28, (30,) 31 (b)	5	(2 abon.), 3 por abon.
77	21, 23, 24.....	3	abonadas
80	26.....	1	por abonar
85	21, 23, 24, 26, 27, 28..	6	abonadas

(a) A falta do n.º 58, a pezar de abonada em Direito Civil, acha-se por abonar na aula de Direito Admin., e por isso está subjeita á triplicação.

(b) As faltas do n.º 70 estão por abonar na aula de Direito Eccl. nos dias 27, 28 e 31, e com quanto as de 27 e 31 estejam abonadas em Direito Civ., e a de 28 em Direito Admin., são consideradas como não abonadas para o effeito da triplicação, accrescendo que a de 28 foi de sabbatina em Direito Eccles.

4.º Anno Juridico.

N.os dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
9	19.....	1	por abonar
17	31.....	1	idem
24	20, (23, 24, 26).....	4	(3 abon.), 1 por abon.
25	24, 31.....	2	por abonar
30	26.....(a)	1	idem
41	24.....	1	idem
63	27.....	1	idem
72	20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31.....	9	idem
78	27.....	1	idem
91	31.....	1	abonada
92	27.....	1	por abonar

(a) A falta do n.º 30 foi dada na aula de Direito Commercial em dia de sabbatina.

5.º Anno Juridico.

N.os dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
2	26.....	1	por abonar
6	27.....	1	idem
22	26.....	1	idem
51	23, 24.....(a)	2	idem
52	26, 27, 28	3	abonadas
65	31.....	1	idem
67	30, 31	2	idem
71	26.....	1	por abonar
81	30.....	1	idem
89	19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31	10	abonadas
93	(26, 27, 28,) 30.....	4	(3 abon.) 1 por abonar
94	27.....	1	por abonar
98	17, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31 (b)	11	idem

(a) As faltas de 23 e 24 do n.º 51, a pezar de abonadas nas aulas de Direito Criminal e Práctica, como o não estão na de Hermeneutica, ficam subjeitas á triplicação, salvo o recurso que ainda compete para a congregação de dezembro.

(b) Este Estudante requereu em Congregação de 18 de novembro a abonação d'aquellas faltas, que déra por molestia fóra de Coimbra, mas o documento comprovativo não vinha legal, e por isso lançou-se-lhe o seguinte despacho — Satisfaça ao disposto no art. 9 do Regul. de 30 d'outubro de 1856.

CURSO ADMINISTRATIVO.

Cadeira de Direito Natural.

N.os dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
2	23, 30, 31	3	por abonar
26	30, 31	2	idem

Cadeira de Economia Politica.

N.os dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
2	20, 21, 24, 26, 28	5	por abonar
26	24.....	1	idem

Militares matriculados voluntarios em Economia Politica.

N.os dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
3	20, 21, 24, 26, 28.....	5	por abonar

Extracto das resoluções, sobre faltas, adoptadas em congregação da faculdade.

1.ª Todas as resoluções sobre faltas e suas qualificações serão publicadas por edital do prelado affixado nos geraes da Universidade, de modo que entre esta publicação e a immediata congregação de faltas nunca medeiem menos de 4 dias.

2.ª Para evitar toda a confusão no escripturar as faltas, os estudantes de direito conservarão todo o anno o numero, com que se matricularam. Este numero nunca será alterado ainda que venha a ficar sem effeito a matricula de qualquer estudante.

3.ª As dissertações serão entregues, até o dia designado pelo lente respectivo, ao bedel da faculdade, o qual passará recibo aos estudantes, e o cobrará do lente a quem entregar as dissertações, o que deverá fazer no dia immediato áquelle, em que houver findado o prazo concedido aos estudantes para o desempenho d'esta obrigação. O mesmo bedel apontará os que houverem faltado a ella, designando nas relações esta falta pela letra — D — que escreverá adeante do numero do estudante, que não cumpriu.

4.ª O bedel em vez de fazer como até aqui tantas relações de faltas quantas as aulas, fará uma só para cada um dos cinco annos, da qual se imprimirão ou lythographarão na imprensa da Universidade sete exemplares, que o bedel assignará, e dos quaes entregará dous a cada um dos lentes do anno e um ao secretario do conselho da faculdade. O bedel porá toda a diligencia na expedição d'este serviço, sollicitando sob sua responsabilidade as ordens necessarias para que a imprensa o não demore.

5.ª Os lentes, que abonarem umas faltas e deixarem de abonar outras do mesmo estudante, não só declararão adeante do numero d'este o total das que reputam justificadas mas passarão um traço sobre os algarismos, que representam os dias das faltas abonadas para que assim se possam extremar as qualificações correspondentes a cada falta.

6.ª O secretario da faculdade logo depois da congregação de faltas cuidará de remetter ao prelado uma nota do numero e qualificação das de cada estudante dadas no mez antecedente. O mesmo secretario participará ao prelado todas as decisões de quaesquer recursos sobre faltas.

7.ª Os requerimentos dirigidos á congregação serão lançados 'numa caixa cuja chave ficará em poder do prelado. O local, em que deva achar-se esta caixa, será designado pelo mesmo prelado.

8.ª A abonação das faltas occasionadas por fallecimento de pessoa conjuncta comprehenderá trez dias continuos, quando o fallecimento fôr de páe, mãe, avô ou avó, e dois dias tambem continuos, se o fallecimento fôr de irmão, ou irmã.

OS PRELUDIOS.

(Traducção da XLVI Meditação Poetica, de Lamartine.)

Das tranças d'ebano espremendo o orvalho,
Suave refrigerio á terra em braza,
A noite silenciosa vem descendo
Dos pincaros da serra, e traz comsigo
As sombras por cortejo e os brandos somnos.
Já foi horã d'encantos! . . . porém hoje,
Qual fogueira que o vento não aviva,
Minh'alma tenta em vão cobrar alento,
Já triste e sem vigor, se fina e murcha;
O socego lhe peza! Ó lyra! Ó genio!
Musica interior, maga harmonia,
Harpas sonoras, que eu ouvia ao longe,
Como um echo a vibrar dos córos d'anjos,
Em quanto é tempo ainda, em quanto pulsa
Este meu coração, vinde afagal-o.
E tu, que prestas fogo á minha lyra,
Meu anjo inspirador, ah! vem tentêa,
Caprichoso, os preludios que mais amas.
Lá vem! lá desce! ouviu-me! eu sinto as cordas
Do alaúde no vôo estremecer-lhe,
E o fremito sonoro
Passar-me o coração, soprar-me o estro!

Por que descem tão queixosas
As aguas que as margens beijam,
Estas cannas ciciosas,
Estas ribeiras saudosas
Que murmuram? que desejam?

Por que suspira escondida
A rolinha no arvoredo,
Quando só, d'aza estendida,
Em beijos ao esposo unida,
Perde a voz, ama em segredo?

E tu, anjo de candura,
Que de amor embriagada,
Sonhas prazer e ventura,
Por que gemes com tristura
Em meu peito reclinada?

Mais fresca que a fresca aurora,
Mais limpida que estas aguas,
Linda flôr, que o mundo adora,
Não pôde o tempo até'gora
Turbar-te o peito de maguas:

Mas teu coração suspira,
Soffre da dor o quebranto,
Na face o prazer te expira,
Vem o riso e se retira,
Assoma aos olhos o pranto.

Com o prazer avergada,
É porque a nossa fraqueza,
Qual canna ao sôpro dobrada,
Mesmo á festiva toada
Dá o accento de tristeza;

Ou talvez extasiada
A nossa alma já divisa
Do prazer a breve estrada,
Onde a vida mais fadada
Em suspiros se deslisa.

Deixa o zephiro ancioso
Roubar-te do pranto o véu;
Foge o tempo precioso,
Mas no espelho radioso,
Reflecte as côres do céu.

Em carreira pressurosa
Tudo corre á sua sorte,
Ao mar a onda queixosa,
Aos ventos a flôr mimosa,
Dia á noite, e vida á morte.

Porém qu'importa, ó querida,
Na viagem destinada
O termo incerto da vida!
Se ella nos corre florida
Sobre a onda socegada?

Com tanto que na passagem,
Em casto amor embebido,
Eu contemple a tua imagem,
E chegue em fim á paragem
Como um nauta adormecido.

Nos calices de safira
Dorme a brisa descançada;
Da pomba o arrulho expira;
Murmurando se retira
A vaga da praia amada.

Deixemos, ó doce vida,
Em casto abraço estreitados,
Nós tambem esta guarida;
Ao céu, ao céu, a mim unida,
'Num suspiro transformados!

Oh! quebra-me esta corda amollecida!
Meu coração por ella não se afina,
Nem amor acha sons, que bem lhe quadrem;
Só póde, só quem ama, revelal-os.
Suspiros que do peito ardendo sobem,
Lagrimas de prazer, que os olhos toldam,
Um silencio, um olhar, um meigo accento,
Dizendo e repetindo sempre o mesmo,
Dizem mais que os teus sons, ó branda lyra:
Cabe o amor ao amor, o mais ao genio.
Se no meu coração vibrar pretendes,
Mais fortes sons arranca ás brandas cordas.

Lá oiço ao longe, como voz que trôa,
Ruidoso sôpro, que estremece os ares,
Qual d'aguia a ponta d'aza
Que no pesado vôo as aguas roça.
Oh! quem me déra um mar, um mar sem praias!
Quem me déra, de noite á luz dos raios,
Ao sôpro d'aquilões, em náu sem mastro,
Rasgar do Oceano as humidas campinas . . .

Té ao fundo descer, subir-lhe aos cumes,
Co' a vaga mergulhar ao negro abysmo,
E de lá em cachões arremessado,
Vir boiar como a espuma á flôr das aguas!
'Neste embate de horror e de deleite,
De vida e morte vezes mil suspensa,
Póde ser, que a minh'alma em seus terrores
D'um ignoto prazer se repassasse;
E prestes a abysmar-se em noite infinda
Inda um momento se agarrasse á vida,
Como um homem caido d'alta rocha
Tenta co'as mãos em sangue inda suster-se.
Mas sempre caminhar a mesma estrada;
Vêr a vida a esvair-se gôta a gôta;
Mas seguir passo a passo, arrebanhado,
Humanas gerações, inutil pêso,
Que nasce por nascer, e logo morre,
Que em cada primavera a terra expelle,
Qual no inverno o carvalho em nossas matas
Expelle ao vento as ressequidas folhas:
Sem 'sp'rança e sem prazer seguir na vida,
Como um batel que dorme em aguas mortas,
Vêr em esforços vãos gastar-se a alma,
Vêl-a nas mãos da sorte a enferrujar-se:
Pensar sem descobrir; não achar termo
Á ardente aspiração; brilhar debalde
Com facho que esmorece e não se apaga . . . ,
Eis a sorte commum . . . eis minha sorte!
Trilharam nossos páes a mesma senda,
Nossos filhos depois, da sorte ao peso
Curvados, seguirão o mesmo trilho.
Todos definham, morrem, passam todos,
Mas, afóra os mortaes, o mais persiste!

Tu que a minh'alma confortavas,
Anjo meu, porque assim de tom mudaste?
Parece um echo da torrente surda
Que rola os prantos na mansão das dores!
Porque é esse gemer, como as rajadas
Do vendaval nos troncos ressequidos?
Porque choras venturas já passadas?
Acaso, o que não é, já foi outr'ora?
E ha de o pesar vir sempre em nossas festas,
Sombra infausta, sentar-se ao nosso lado?
Ha de fazer-nos com olhar sinistro
Das aterradas mãos cair as taças?
Não : desviando a face, ao esquecimento,
Ao segredo da vida, recorramos.
Um adeus ao passado e em altos cantos
Minh'alma arroja aos sublimados feitos.

Que sons guerreiros meu ouvido escuta?
E o clarim, o rincho do corcel:
A corda ensanguentada
Retine como a espada
Na chapa do broquel.

Deu signal a trombeta, e sôa ás armas!
— Ás armas — vão os echos repetindo
Mais ligeiros que o vento, pelos campos
Dispersos esquadrões acodem prestes.
Sobre os cerrados flancos, 'num instante,
As legiões s'estendem como as azas
Sombrias de um abutre; os insoffridos
Intrepidos frisões os freios trincam.
Dorme 'inda o raio; — lugubre silencio
Sobre essa multidão sinistro paira.
Só se ouvem passos de cem mil soldados,
Como os de um homem só, correndo á morte;
Dos carros o rodar; corseis que rincham;
Mil ordens que retinem pelos ares,
E o rugir das bandeiras desfraldadas,
Que nos campos rivaes soltando as dobras,
Ora parecem da victoria ao sôpro
Por si mesmas voar d'encontro á gloria;
Ora dos pavilhões tombando ao longo,
Sobre as hostes lançar um véu funereo.

Já dos campos na frente os bronzes trôam:
Respondem, cruzam-se os trovões da guerra;
Nos inflamados tubos mal contido,
Como o sôpro da morte o raio estala,
E arroja a bala, que raréa as filas.
Bem como o lavrador, que vae e volta,
E que sem descançar, rasgando o valle,
Abre ao lado de um rego um novo rego,
O projectil fatal assim percorre,
As filas uma a uma assim derruba.
Cáe aqui um heroe em flôr ceifado,
Que ostenta em seu olhar valor, orgulho;
No seu elmo, que a luz despede a espaços,
Ondeava de um corcel a negra clina:
Foi-lhe o elmo brilhante alvo da morte;
Fulminado de um tiro que não sente,
N' arena tomba como um feixe d'armas,
E o seu corcel que sente as redeas frouxas,
E que vê de um relance o dono em terra,
Volve atraz, e o fareja, e morto o chora.
Cáe além um guerreiro, que nas lides
Da guerra encaneceu; que outros amores
Não teve afóra as armas, e a bandeira,
Constante norte seu, sua saudade . . . . .
Cega a morte discorre em seus estragos:
Um morre todo inteiro; além, qual tronco
Que o machado desfez, dispersos membros
Outro no pó saltar vê em pedaços,
E pelo chão tentando inda rojar-se
Em borbotões de sangue um rasto deixa.
Exangue, semimorto, inda escapar-se
Nos braços de um amigo outro procura;
Unidos seio a seio a morte os colhe,
Co' a dita ao menos de morrerem junctos.
Com livido clarão debalde os raios
Se cruzam sem cessar: bravos soldados,
Como as ondas, que rasga a pròa ousada,
Apagam logo a esteira fumegante,
Sobre os corpos dos mortos vêm intrepios
Em novas filas arrostar co' a mote! . .

Mas já cançados d'esta morte ingloria,
Os dois campos rivaes, ardendo em raiva,
Vêm por fim a travar-se, misturando
De sangue os turbilhões no duro embate.
Ao pêso dos corceis abrem-se as filas,
Que abobeda metallica resguarda;
Cruza-se o fogo ao fogo, o ferro ao ferro;

Flammejam embatendo-se as fileiras;
Em torrentes de fumo horrido trôa
Inflammado o salitre, e brilha, e corre
Da linha ao longo, a encobrir-lhe a sorte,
Ou fatal, ou de gloria, em densa nuvem.
Das gargantas assim de oppostas serras,
'Num leito, que as aperta, despenhadas,
Duas torrentes vêm luctar raivosas;
Bate a onda na onda; arcando sobem
Enormes vagalhões com furia insana;
Toldam-se os ares co'a alvejante espuma,
E o ruidoso fragor acorda os echos;
Mas no leito, que as prende, sempre em luta
Suas ondas por fim unidas rolam.

. . . . . .

Já não ronca o trovão... ouvis? Lá se erguem
Do campo funerario mil concertos:
A fanfarra, o clarim, harpas sonoras
Com suave harmonia os ares ferem;
Depois afastam-se, e escutar permittem,
Sumidos quasi, os ais dos moribundos!...
Ao longe, o val' seguindo, inda resoam;
Mas gela o coração, as fibras tremem,
Quando lembra, que no ar que assim se agita,
'Stão dos mortos talvez passando as almas!
Eis que o sol de repente as nuvens rasga,
Dando ás scenas d'horror clarão funereo;
Os seus raios no solo humedecido
Lagos de sangue á vista nos descobrem,
Corseis jazendo, e carros em pedaços,
No pó dispersos mutilados membros,
D'armas, corpos, destroços confundidos,
E os pendões a cobrir rimas de mortos!

. . . . . .

Correi agora, amigos, mães, esposas!
Vinde os filhos contar, e irmãos, e amantes!
Vinde ás ruinas disputar c'o abutre
Esse arrimo á velhice, esses amores.
Que prantos vão correr! Quantos gemidos
Nas cidades em lucto vão soltar-se,
Antes, tristes mortaes, que a terra possa
A custo renovar perdas de um dia!
Impassivel no entanto a natureza
Segue no giro seu sem dó dos homens:
Ha de vir ámanhã a rubra aurora
Nos broqueis espelhar-se dos finados,
Ha de o rio lavar sanguentas margens,
Hão de os ventos varrer infectos ares,
E ha de a terra, adubada d'estes restos,
Com flores encobrir ossadas frias!

Silencio anjo de fogo! Que aterrada
Minh'alma geme aos sons das bronzeas cordas,
E segue em ancia os teus guerreiros passos,
Qual coche, que os corseis voando arrastam!
Fugindo a tanto horror meus olhos tristes
Chorosos buscam mais risonhas praias.
'Nessa lyra não tens um som que alente?
De ouvir não folgas do pastor a flauta?
Quando, de um parreiral sentado á sombra,
Sozinho esquece as horas, despertando
O murmurio do rio, a voz dos echos
Com sons, que nos encantam lastimosos?
Muitas vezes, á tarde, na collina,
Para um só não perder me ponho á 'scuta;
N'alma então, por momentos acalmada,
Sinto c'os sons passar fagueira brisa,
Mais grata, que a sombra dos arbustos,
Ou que o fresco das aguas, que murmuram..

Um vento me afaga a lyra;
Será d'ave que a roçou?
Sua voz no peito expira,
E a pobre corda suspira,
Como a cana, que vergou!

Valles paternos! campos! choça humilde,
Da encosta do outeiro pendurada,
Cujo tecto semelha o ninho occulto
Nos tufos da ramada;

Sombras, relvas!! portão, em cujo ádito
Sentado, como um rei no throno seu,
Vinha meu páe contar os seus rebanhos!
Abri! abri... sou eu.

Eis o templo de Deus da pobre aldêa;
Já das torres ouvi grato soído;
Parece, que uma voz da infancia aos dias
Me chama em tom sentido!

Sim, meu berço d'infancia, a ti eu volto,
A abraçar-me aos teus lares protectores;
Ao mundo disse adeus... com vós me quero,
Nasci entre pastores!

Como elles, em pequeno, pelos campos
Seguia até á noite o anho errante:
Folgava de lavar-lhe na ribeira
O vélo alvejante.

Nos ramos de um chorão me balouçava,
De tronco em tronco aos ares me subia;
E dos ninhos da rôla era o primeiro
Que os ovos recolhia:

Amava os sons que á tarde o ar espalha,
Dos carros o chiar c'o duro attrito;
O som da campainha suspendida
Ao collo do cabrito.

E depois, ao deixar éden tão grato,
Como um vazo d'aromas impregnado,
D'ineffavel prazer, longe do mundo,
Tinha o peito inundado!

Sitios p'ra mim sagrados, dae-me asylo!
E vós qu'inda estes lares afagaes,
Salgueiros, que eu plantei, curvae os ramos
Ao irmão que choraes.

Sou eu; reconhecei-me, ervas que piso,
Vós troncos, onde ás vezes me trepava,
Echo triste, onde ao longe, no silencio
Minha voz ressoava:

Não venho aqui trazer, amenos campos,
Nem saudades, nem sonhos do futuro,
Eu venho adormecer-me em vossos berços,
Buscar descanço obscuro.

Com alma pura despertar co' a aurora,
Elevar a oração ao Deus do dia,
Vêr as flôres, que brotam orvalhadas,
Ostentando alegria;

Perfumes aspirar, que a serra exhala,
Ou nos bosques gozar doce frescura;
Ao sôpro da manhã ver como ondeam
As messes na planura;

Á fonte conduzir tenra novilha,
Lançar á cabra o trevo perfumado,
Ou vêr curvando a fronte os brancos toiros
Ao jugo costumado;

O arado conduzir, rasgando as leivas,
Na parede espalmar velha parreira;
Ou no seio do prado abrir os regos
Ás aguas da ribeira.

Do seu pão repartir c'o pobre afflicto,
Á noite, ao pé da porta, em paz sentado,
E a descançar por fim cerrando os olhos
Sem pena e sem cuidado;

Sentir, não os contando, em paz serena
Os dias deslisar sem arruido,
Como a arêa, que marca na ampulheta
Horas que tem fugido;

Vêr da arvore pender os doces fructos;
Castos fructos d'amor ter a seu lado;
Dizer-lhe um terno adeus na hora extrema:
Mortal, que mais te é dado?

. . . . . .
. . . . . .

Expira voz, morre o canto; adeus ó anjo!
Á mansão te remonta da harmonia:
Deram-me os cantos teus treguas ao pranto...
Fallava-lhe... no céu já não me ouvia!!

F.

... Du moins à son nom qu'on dresse un souvenir.

J. Lefevre.

Falleceu ha pouco em Coimbra um dos maiores ornamentos da Universidade, um dos seus mais distinctos filhos, o sr. José Machado de Abreu, Barão de Sanct'Iago de Lordello. Não bastára a prematura e irreparavel perda dos srs. doutores Goulão e Bellarmino; poucos dias depois, ja a morte descarregava novo golpe, o sepulchro recebia uma terceira e não menos illustre victima.

Em presença de tamanha dôr que nos resta senão resignar-nos? Curvemo-nos diante dos decretos da Providencia; oremos por alma d'aquelle, a quem Deus na sua infinita sabedoria houve por bem arrancar d'este mundo de provação e miseria.

O sr. José Machado de Abreu, fôra, ha alguns annos, Vice-Reitor e depois Reitor d'esta Universidade; e, em consequencia dos serviços que prestou durante o exercicio d'estas funcções, agraciado com o titulo de Barão de Sanct'Iago de Lordello, e uma commenda da ordem de Christo, ficando ao mesmo tempo com as honras de Reitor. Era membro do Conselho Superior d'instrucção pública, e no desempenho das obrigações, que lhe impunha este cargo, mostrou sempre o maior zelo, e deu não equivocas provas da sua rectidão inconcussa, e ao mesmo tempo da vastidão de conhecimentos que possuia. Era lente cathedratico na faculdade de direito, e professor de direito commercial. Gozava da merecida reputação de um habil e distincto mestre, querido e respeitado por todos os seus discipulos.

O sr. Barão de Sanct'Iago entregava-se a um assiduo e aturado trabalho; o seu espirito paciente e laborioso era naturalmente propenso ao estudo. Infelizmente deixou poucos [1] escriptos; comtudo podemos mencionar como um valioso serviço que prestou á sciencia, a nova edição do Codigo Commercial enriquecida por elle com importantes appendices, contendo a nossa legislação commercial posterior á publicação d'este codigo.

Ainda que austero no cumprimento do que reputasse dever seu, a sua bondade era proverbial 'nesta terra. A um extremo amor da legalidade junctava um vivo desejo de favorecer sempre que podia, sem quebra das suas obrigações.

Apesar de ter abandonado ha muito a profissão de advogado, que exercêra com a maior distincção, por alguns annos no Brasil, durante o governo do Infante D. Miguel, o sr. Barão nunca se recusou a prestar gratuitamente e de bom grado, aos que vinham consultal-o, o auxilio das suas luzes, e a experiencia da sua longa práctica.

Acommettido nos ultimos dias de outubro ultimo de uma ligeira constipação, o sr. Barão de Sanct'Iago previu, desde o começo da molestia, que estava proximo o termo da sua vida. Muito antes de até mesmo se desconfiar, que o seu estado apresentava perigo, quiz fazer as suas ultimas disposições; e poucos dias depois pediu e recebeu, como verdadeiro e fervoroso christão, os ultimos sacramentos. A doença porém caminhava a passos largos; progrediu com medonha rapidez, e apesar

[1] Entre outros sabemos que ha nos papeis de sua ex.ª umas notas ao Cod. Commercial.

dos desvelados cuidados dos distinctos medicos que o cercavam, o sr. Barão de Sanct'Iago exhalou o ultimo suspiro no dia 21 de novembro passado ás 11 horas da noite.

A noticia da sua morte espalhou em Coimbra verdadeira e pungente magua. É que todos conheciam o que valia o sr. Barão de Sanct'Iago de Lordello, e a perda que soffriam com o seu prematuro e infausto fallecimento.

S. H

NOTICIARIO.

Descuberta de um novo planeta, — Mr. Luther, director do Observatorio de Bilk, descubriu em 19 d'outubro passado um novo planeta, que fica sendo o 50.° do grupo. O astro tem o aspecto d'uma estrella da 10.ª grandeza, e está situado, como os precedentemente descubertos, entre Marte e Jupiter.

Dias depois do annuncio d'esta descuberta, Mr. Leverrier apresentou á Academia das sciencias de Paris uma carta de Mr. Maury, director do Observatorio de Wasinghton, communicando que em 3 d'outubro Mr. Fergusson descubrira um novo planeta, que julgava ser o 47.°, porque ignorava ainda as descubertas de Mr. Pogson, e Goldschmidt.

Mr. Leverrier accrescentou por essa occasião, que fazendo no Observatorio imperial a comparação entre as posições do planeta de Mr. Fergusson e o 50.° de Mr. Luther, fôra levado a crêr a identidade dos dois astros: porque, reduzidas ao dia 3 d'outubro, as coordenadas do planeta 50.° differem quando muito 20′ das observadas por Mr. Fergusson; e esta differença é facil de explicar pelo movimento proprio do astro.

Mr. Luther posteriormente, em carta dirigida á Academia, reconhece tambem a identidade do seu planeta com o de Mr. Fergusson: e rectifica que este o descubrira não a 3, mas a 4 d'outubro.

A mais alta montanha do globo. — Até 1847 considerava-se como o ponto mais elevado da superficie da terra o monte Dewalagiri, situado em Népaul, a 80.° de longitude e 28.° de latitude; a altura d'esta montanha é de 8:176 metros acima do nivel do mar. Mas em 1847, o coronel Waugh, por determinações precisas, provou a existencia de uma montanha ainda mais alta; é Kanchinjinga, no Sikkin, situada a 85.° de longitude e 27.° de latitude. Esta montanha, d'uma altura de 8:582 metros, tem por consequencia 406 metros mais que o Dewalagiri.

Mais recentemente, o coronel Waugh, que dirige as operações trigonometricas da India, pelos calculos relativos ás posições e alturas de todos os picos do Himalaya, desde Assam até Sufedkho, em uma extensão de mais de 18.° de longitude, reconheceu a existencia de uma proeminencia ainda mais elevada do que as precedentes, situada a 27.° 59′ 17″ de latitude norte, e 84.° 37′ 42″ de longitude leste de Paris. Tem 8:840 metros d'altura; excede por tanto 258 metros a de Kanchinjinga, e 664 a de Dewalagiri. É por consequencia a montanha mais elevada que actualmente se conhece. É mais alto 4:030 metros, ou mais d'uma legua, que o *Mont-Blanc*, a montanha mais alta da Europa.

O coronel Waugh deu-lhe o nome de Monte *Werest*, porque não descobriu que no paiz fosse designado por alguma denominação local e particular dada pelos indigenas.

Novo producto alimentar. — Entre as substancias alimentares, que figuraram na exposição universal de 1855, appareceu um producto trazido da Africa, e que póde tornar-se um objecto de grande consumo commercial e industrial; é o *pão de dika*.

O *pão de dika* é formado d'amendoas, grosseiramente trituradas, e amassadas a certa temperatura. É uma substancia de côr cinzenta escura, semeada de pontos brancos, unctuosa ao tacto, d'um cheiro similhante ao do cacáu torrado e amendoa tostada, de sabor agradavel, levemente amargo e adstringente, analogo ao do cacáu.

A arvore, que produz o *pão de dika* chama-se *oba* no Gabão. É um mangueiro, *mangifera gabonensis*, da familia das terebenthaceas, especie ainda não descripta. É muito commum em toda a costa d'Africa, desde Serra Leôa até Gabão. A sua grandeza differe da da *mangifera indica*, e é pouco mais ou menos a dos nossos carvalhos; tem 15 a 20 metros d'altura, e 75 centimetros de diametro, suas flores brancas são similhantes ás da *mangifera indica*, mas as folhas são mais curtas e menos lanceoladas; o fructo, denominado *iba*, é amarello, da grossura de um ovo de cisne, e comestivel pelos indigenas; contém uma amendoa branca, oleaginosa, de gosto agradavel.

É com esta amendoa, que se prepara o *pão de dika*, que combinado com outros elementos, fórma parte da alimentação dos naturaes. Por ora não se conhece outro emprego d'este fructo. A incuria dos negros é tal, que grande quantidade d'estas sementes é abandonada aos ratos, que são tão gulosos por ellas, que, dentro de poucos dias, todos os fructos são abertos, e as amendoas devoradas por estes roedores. A colheita faz-se em novembro e dezembro, e é facillima.

Pela simples ebullição na agua, ou pelo calor e pressão, extraem-se 70 a 80 por 100 de materia gorda solida de *pão de dika*. Esta substancia oleaginosa muito analoga á manteiga de cacáu, pelo aspecto, pelo sabor, pelo cheiro e consistencia, é fusivel a 30.°

O *pão de dika*, considerado como um alimento rico em principios nutritivos, póde adquirir certa importancia commercial. A parte oleosa póde ser empregada na fabricação das velas e sabões, e a medicina póde aproveital-a como excellente succedaneo da manteiga de cacáu.

Existem exemplares do *pão de dika* no ministerio da marinha em França, nas salas d'exposição permanente dos productos coloniaes.

Facto extraordinario. — Mr. Sidney-Jones, certifica o facto, unico na sciencia, d'uma obliteração completa da aorta thoracica, coincidindo com um perfeito estado de saude.

É pena não nos dar uma relação circumstanciada d'este extraordinario phenomeno. Como se fazia a circulação da metade inferior do individuo? Quaes as arterias collateraes da aorta, que substituiram a sua funcção. Que calibre tomaram? Em todo o caso a veracidade d'este facto, justifica a temeraria operação da laqueação da aorta abdominal.

Phenomeno notavel. — O dr. Alquié encontrou, no ovario d'uma mulher adulta, um tumor enorme composto de dez saccos, contendo todos manifestamente restos d'embriões, como cabellos, fragmentos d'ossos, dentes etc. resultado de concepções successivas abortadas; e tira d'este notavel facto, as conclusões seguintes:

1.° É possivel a fecundação nas vesiculas do ovario, mesmo atravéz das quatro membranas que cobrem o germen, sem estas se romperem.

2.° A gravidez intra-ovarica póde ter logar.

3.° Esta fecundação póde effectuar-se muitas vezes na mesma mulher, mesmo dez vezes em varias epochas differentes; a superfetação d'esta especie, é possivel mesmo multipla.

4.° A saida do ovulo ou postura não está necessariamente ligada com a menstruação.

5.° Os kystos desenvolvidos no ovario, nas suas proximidades, ou nos orgãos afastados da bacia, que contem cabellos ou dentes, são productos de concepção.

6.° Póde ser conhecida a existencia da gravidez intra ou extra-ovarica, pelos signaes seguintes: persistencia da menstruação, desenvolvimento na região iliaca interna d'um tumor arredondado, sem dor, estendendo-se progressivamente a todo o abdomen, de fórma irregular, apresentando naquella parte do ventre saliencias, que fornecem uma sensação manifesta de fluctuação circumscripta ás saliencias, nas quaes se percebe a presença de partes duras, osseas; alongação e obliquidade da vagina e do utero, elevados pelas connexões normaes pathologicas com o embrião, conservação da saude, contentamento da mulher por algum tempo.

No gabinete do theatro anatomico da Universidade, muzeu de peças pathologicas e anomalas, existem os rudimentos d'um feto, o qual por uma gravidez extra-uterina, e de vinte e tantos annos, está metade petrificado, e a outra metade é um tecido duro, cobrindo bastantes cabellos e um dente, completamente desenvolvidos.

Esta massa toda apresenta a fórma oval, pezando nove onças e meia; nos seus maiores diametro e perimetro, mede 21 centimetros no primeiro, e no segundo 31 centimetros e 4 milimetros; nos menores, mede 6 centimetros e 5 milimetros no diametro, e 13 centimetros e 7 milimetros no perimetro.

Existe perfeitamente conservado ha perto de 30 annos.

Domesticação dos cetaceos. — Os naturalistas, que todos os dias propõem a conquista de tantas especies uteis, ainda não se lembraram da possibilidade de domesticar os cetaceos! O homem não se tem ate hoje occupado d'estes gigantes do mar, senão para os pescar e extrair d'elles tantas tonelladas d'azeite. Pois é um erro e um crime, diz Toussenel.

O homem não sabe todo o partido, que podia tirar do auxilio d'estas locomotivas naturaes, empregando uma educação accommodada ao caracter d'estes animaes. Quando se reflectir em que uma baleia apenas gasta 15 dias para fazer uma viajem á roda do globo, não se póde deixar de lastimar, que o homem não tenha ainda tentado conquistar tão poderoso auxiliar, esse navio vivo, que corre 25 leguas por hora, e que podia servir de reboque aos navios de transporte. O que é o vapor em presença de tal velocidade?

RELAÇÃO

Dos indiriduos nomeados para os seguintes logares de instrucção publica desde o dia 1.° até 15 de outubro ultimo, por despachos do conselho superior d'instrucção publica, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Anastacio Baptista d'Aguiar, para professor temporario da cadeira da Carregoza, districto d'Aveiro.

Carlos Cezar Pinto, para dicto de Paderne, districto de Faro.

João Lopes de Carvalho, para dicto de *Vimieiro*, districto de Braga.

Joaquim Antonio, para dicto de Silves, districto de Faro.

Leonardo José d'Azevedo, para dicto de Ramalde, *districto* do Porto.

Carolina Joanna Gonçalves Braga, para mestra temporaria da cadeira de meninas de Barcellos.

D. Balbina Henriqueta de Passos, para mestra vitalicia da eschola de meninas da freguezia de São José, por transferencia da da freguezia de Sancta Engracia.

D. Antonia Maria José da Madre de Deus Ribeiro, para mestra vitalicia da eschola de meninas da freguezia

de Sancta Engracia, por transferencia da da freguezia de S. José; ambas na cidade de Lisboa: por decreto de 23 de setembro ultimo.

Calisto Curado, para professor vitalicio da cadeira de Maçans de Dona Maria, districto de Leiria: por decreto de 22 dicto.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

Aristides Pinto Ferreira de Bastos, para reger provisoriamente a cadeira de philosophia *racional e moral*, e principios de direito natural do lyceu nacional de Santarem, incorporado no seminario patriarchal: por decreto de 30 dicto.

Jeronymo Namorado de Carvalho, professor da 3.ª e 4.ª cadeiras do lyceu d'Evora, para o logar de secretario do mesmo lyceu: por decreto de 7 d'outubro corrente.

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

Bernardo de Serpa Pimentel, para o logar de lente cathedratico da faculdade de direito da Universidade de Coimbra: por decreto de 22 de setembro ultimo.

LONGITUDE DO OBSERVATORIO ASTRONOMICO DE COIMBRA.

Com auctorização da direcção do Observatorio de Coimbra, publicamos em seguida o quadro das observações, que alli se têm feito, e continuam a fazer, com o fim de corrigir a longitude do mesmo Observatorio.

É sabido que o melhor dos methodos até hoje descobertos para a determinação da differença das longitudes de dois meridianos é o das—*estrellas culminantes*,—ou o que depende das observações, feitas simultaneamente nos dois meridianos, dos intervallos de tempo, que decorre entre a passagem do bordo illuminado da lua pelo meridiano, e a das estrellas, cujas posições apparentes são proximas da da lua, porque o resultado fica independente de qualquer pequeno erro, que possa provir tanto do *instrumento das passagens*, como do relogio; pois sendo estes erros os mesmos nos tempos absolutos das duas passagens, desapparecem na differença d'estes tempos, unico elemento, que se tira das dictas observações para determinar a differença das longitudes dos dois meridianos.

A differença das longitudes entre os meridianos de Paris e Coimbra foi determinada pelo sr. José Monteiro da Rocha no principio do seculo actual, por algumas observações dos eclipses do sol, estrellas, e satellites de Jupiter; e como podia ser influenciada pelos erros do tempo absoluto marcado pelo relogio, das posições das estrellas deduzidas dos catalogos, e das taboas do sol e da lua, a direcção do Observatorio de Coimbra julgou conveniente verifical-a por meio do methodo, ha pouco descoberto, das observações das—*estrellas culminantes*,—porque d'este modo só póde ficar affectada dos erros commettidos pelo observador, e torna-se independente, tanto dos do *instrumento das passagens*, como dos do relogio, ta boas da lua, e catalogos d'estrellas: como porém 'neste methodo um pequeno erro se multiplica consideravelmente por causa do pequeno divisor, que entra nas formulas, é necessario um grande numero de observações a fim de que o resultado medio venha o mais possivel exempto d'estes erros.

As observações, que abaixo começamos a publicar, feitas no Observatorio de Coimbra, são as que vêm calculadas no Nautical Almanak para o meridiano de Greenwich; e para se calcular definitivamente por meio d'ellas a differença das longitudes dos dois meridianos, espera-se a publicação das observações correspondentes no Observatorio de Greenwich: mas tomando interinamente em logar d'ellas o seu calculo publicado no Nautical Almanak, deduziu-se por cada uma das observações a differença de longitudes correspondente; e o resultado medio entre as cem primeiras mostra já que a longitude do Observatorio de Coimbra determinada pelo sr. José Monteiro da Rocha deverá ser diminuida de 19″; pois que dando as actuaes observações 33′26″ para a longitude de Coimbra ao occidente de Greenwich, e sendo 9′22″ a longitude de Greenwich ao occidente de Paris, será 42′42″ a longitude de Coimbra ao occidente de Paris, menor de 19″ do que a longitude 43′1″ determinada pelo sr. José Monteiro da Rocha. Entre tanto para se dar esta correcção como exacta é preciso um numero muito maior de observações, as quaes continuam a fazer-se como até aqui; a maior parte d'ellas, com o *instrumento das passagens*, e com o *circular meridiano* as que vão marcadas com o signal *; sendo as ultimas em pequeno numero, porque este instrumento tem continuado a servir para as observações, que têm por fim corrigir a latitude do mesmo Observatorio, determinada no principio do seculo actual pelo sr. José Monteiro da Rocha; observações cujo primeiro resultado se encontra na ephemeride para 1858.

As differenças das longitudes entre os meridianos de Coimbra e Greenwich foram calculadas pelas formulas

$$x = \frac{15\varphi}{A' - Bx}\ ;\ \delta = 1{,}00274\,x - \varphi$$

nas quaes φ representa em tempo sideral a differença entre os intervallos das passagens da estrella e do bordo da lua observados nos dois meridianos: sendo expresso em minutos na 1.ª formula, e em horas na 2.ª; x exprime horas sideraes em ambas as formulas; A' e B são o A e B correspondentes na ephemeride de Coimbra á ascensão recta do centro da lua no instante da sua passagem pelo meridiano de Coimbra; e d é a differença das longitudes procurada. 'Nestas formulas desprezou-se a correcção devida ao augmento do semidiametro da lua no intervalo das suas passagens nos dois meridianos; porque sendo muito pequeno, a correcção seria insensivel.

Observações feitas em 1853 no Observatorio de Coimbra para a determinação da sua longitude.

Mez	*Dia*	*Astro*	*Intervallo das passagens do astro e do bordo da lua*		$t - t' = \varphi$	*Longitude de Coimbra ao occidente de Greenwich*
			Observado em Coimbra $= t$	*Calculado em Greenwich* $= t'$		
Janeiro	2	27 dos Peixes	+ 17′39″,25	+ 16′29″,18	+ 70″07	32′59″,7
	2	45 dos Peixes	— 9 18,62	— 10 29,44	+ 70,82	33 20,9
Março	3	103 do Tauro	+ 18 37,70	+ 17 8,30	+ 89,40	33 15,9
	3	136 do Tauro	— 26 18,60	— 27 48,42	+ 89,82	33 25,2
	3	139 do Tauro	— 31 6,30	— 32 35,43	+ 89,13	33 9,8
	4	136 do Tauro	+ 37 59,75	+ 36 31,60	+ 88,15	33 13,0
	4	139 do Tauro	+ 33 13,08	+ 31 44,59	+ 88,49	33 20,6
	4	ε de Geminis	— 12 47,92	— 14 16,32	+ 88,40	33 18,6
	4	d de Geminis	— 20 38,92	— 22 7,14	+ 88,22	33 14,5
	5	ε de Geminis	+ 49 36,33	+ 48 11,93	+ 84,40	33 19,2
	5	d de Geminis	+ 41 45,33	+ 40 21,10	+ 84,23	33 15,1
	5	6 de Cancer	— 30 0,00	— 31 24,44	+ 84,44	33 20,1
	5	ψ^2 de Cancer	— 37 5,67	— 38 30,65	+ 84,98	33 32,9
Abril	7	β de Virgo	+ 26 4,79	+ 25 4,24	+ 60,55	33 31,8
	7	6 de Virgo	+ 16 42,62	+ 15 41,56	+ 61,06	33 48,7
	7	γ' de Virgo	— 25 5,38	— 26 5,90	+ 60,52	33 30,7
	7	.....	..... *	.....	+ 60,98	33 46,0 (*a*)
Maio	1	α de Leo	— 23 54,67	— 25 5,78	+ 71,11	33 28,4
	1	α de Leo	— 23 54,69 *	— 25 5,78	+ 71,09	33 27,8
	5	10 de Virgo	+ 36 16,25 *	+ 35 15,59	+ 60,66	33 40,6
	5	η de Virgo	+ 26 2,25 *	+ 25 1,81	+ 60,44	33 33,3
	6	*B.A.C.* 4531	— 4 49,33	— 5 51,10	+ 61,77	33 32,0
	6	85 de Virgo	— 15 38,50	— 16 39,50	+ 61,00	33 6,9
	6	g de Virgo	+ 21 51,43 *	+ 20 49,55	+ 61,88	33 35,6
	6	*B.A.C.* 4531	— 4 48,63 *	— 5 51,10	+ 62,47	33 54,8
	6	85 de Virgo	— 15 37,38 *	— 16 39,50	+ 62,12	33 43,4
	7	5 de Libra	— 30 43,84	— 31 47,73	+ 63,89	33 14,5
	7	α^2 de Libra	— 35 36,93	— 36 41,11	+ 64,18	33 23,6

(*a*) Esta longitude foi determinada por $\varphi = 60'',98$, dado pelo meio termo entre as trez observações de β de Virgo, b de Virgo, e γ' de Virgo, feitas no dia 7 de abril com o circular meridiano, e que por esquecimento se não lançaram no livro competente.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

RELATORIO

Do commissario dos estudos do districto administrativo do Funchal, de 1855—1856.

Continuado de pag. 196.

CAPITULO III.

Da inspecção escholar.

A auctoridade dos commissarios dos estudos, qual se acha constituida pela legislação vigente, é incapaz de prestar o serviço, que teve em mira a instituição d'ella; porque é uma auctoridade sem meios para fazer bem, sem força para reprimir o mal, e até sem estes signaes externos de poder, que conciliam, em proveito do serviço, o respeito do povo.

Digo que os commissarios não têm meios para fazer o bem; porque, com a gratificação de 120$000 réis annuaes, que de bem poderá fazer um commissario? D'ahi é que elle tem de tirar toda a despeza reclamada pelo custeamento de sua repartição, e pelo transito e conducções de duas visitas, que tem de fazer, em cada anno, a todas as escholas do respectivo districto. É de presumir que, se este fôr de certa extensão, bastará esta ultima verba de despeza para lhe absorver a totalidade da gratificação, que percebe.

Depois chega o commissario a uma freguezia rural: bem longe de apresentar-se com certa independencia, fazendo algumas esmolas aos pobres da localidade, e distribuindo alguns premios pelos alumnos, que mais se distinguirem; as mais das vezes, vê-se obrigado a acceitar a hospitalidade do parocho da freguezia, ou do professor da eschola visitada. E poderá, sem quebra de sua dignidade, deixar de responder a estes obsequios com outros similhantes, que inevitavelmente hão de augmentar as despesas do seu cargo? Certo que não.

Digo tambem que o commissario não tem força para reprimir o mal; porque, chefe de uma repartição sem empregados, nem sequer tem quem o acompanhe nas visitas de inspecção, para reduzir a termo ou auto de noticia o que em taes visitas occorrer.

Supponha Vossa Magestade, que o commissario visita uma eschola, cujo professor não executa as prescripções do regulamento, ou se comporta mal. Depois de aconselhado, advertido e ameaçado pelo commissario, que ha de este fazer, se o professor, longe de obedecer, recalcitra, desattende e insulta o commissario no exercicio de suas funcções? A quem ha de recorrer o commissario? Que meio tem á sua disposição para desaggravar a auctoridade enxovalhada? Quem ha de lavrar o auto de desobediencia, que tem de servir de base ao processo, sem o qual não póde ter logar o castigo do professor refractario? Não vejo na lei remedio algum para taes occorrencias.

Até em suas relações com as outras auctoridades do districto, faz dó ver a falta de força do commissario. Todo o seu direito se reduz a fazer *requisições*. Mas se a auctoridade requisitada, por capricho ou má vontade, deixar de satisfazer á requisição do commissario, que acontece? Nada. Como ha direito d'um lado, sem dever do outro, ou, pelo menos, sem sancção, que sirva de garantia áquelle direito, torna-se este 'num direito nullo.

Muitas vezes tem o commissario de concorrer a actos publicos com outras auctoridades de egual e de inferior cathegoria. Ao passo que cada uma d'estas tem assignada na lei a precedencia, que lhe compete; ao passo que cada uma se apresenta revestida com as insignias do cargo, que exercita; só o commissario dos estudos não tem nada d'isto: é uma simples casaca preta, que vai confundir-se com os criados das outras auctoridades, e acceitar o logar, que ninguem quizer para si; porque a lei não indica qual o que lhe compete.

O commissario dos estudos é uma entidade de recente data. Desajudada da consideração, que trazem comsigo as tradições d'um cargo bem definido, se a lei a não cérca de algum prestigio, se pelo menos lhe não confere uns longes d'esta preponderancia, que compete ás cousas do espirito em concorrencia com as do corpo; é muito para recear que esta auctoridade não fique sendo uma roda inutil no mechanismo da governação do districto. A palavra em certas occasiões póde alguma cousa; póde muito mais o conceito, que se forme do merecimento da pessoa; mas nem uma

nem outra cousa per si só é sufficiente. O povo deve respeitar a auctoridade, ainda quando não conheça a pessoa, nem esta se dê a conhecer pelo que disser.

Concluo, portanto, pedindo a Vossa Magestade, que haja de prover de remedio a estes inconvenientes do serviço dos commissarios dos estudos. E se a superior intelligencia de Vossa Magestade não escusa qualquer luz, que lhe advenha dos exemplos de outros paizes, peço licença a Vossa Magestade para lembrar um precedente do governo de Hollanda. Tanto estava persuadido este governo que, em materias d'instrucção primaria, o ponto capital está na inspecção, que se der ás escholas, que, em vez de multiplicar regulamentos para systematizar a direcção d'ellas, contentou-se com dar-lhes uma inspecção forte. Mr. Cousin, que foi ao proprio paiz estudar os resultados da instituição, diz no seu *relatorio acêrca da instrucção pública 'naquelle reino*, o seguinte: « Si vous voulez sérieusement « l'éducation du peuple, sachez bien que tout « le nerf de cette éducation est dans le gou- « vernement que vous lui donnerez. Si ce « gouvernement est faible et mal assuré, l'ins- « truction primaire est sans avenir: elle pourra « bien avoir quelques moments d'éclats par des « circonstances passagères; mais il n'y a pas « de raison pour qu'elle ne retombe bientôt « dans une langueur déplorable. Donnez-lui, « au contraire, un gouvernement vigoureux « et actif: l'esprit de ce gouvernement se com- « muniquera á toute la machine et lui im- « primera le mouvement et la vie. »

Em harmonia com estas indicações vai confeccionado o projecto de reforma, juncto sob n.° 3.°

CAPITULO IV.

Do custeamento das escholas.

Para estabelecer uma eschola não basta nomear professor, e consignar-lhe, no orçamento das despezas públicas, o competente ordenado. Para estabelecer uma eschola é mister que, afóra o ordenado do professor, haja um fundo ou dotação annual, que responda pelas despezas, que 'nella têm de fazer-se: 1.° com o local para as sessões; 2.° com a mobilia escholar, com bancos, mesões, cadeira do professor, taboa preta, etc.; 3.° com os utensilios do ensino, como livros, louzas, mappas, papel, tinta, etc.; 4.° finalmente, com os premios aos alumnos, que mais se distinguirem nos exames annuaes.

Quanto ao local das sessões, entendo que o estado é que deve tomar á sua conta esta despeza. Quer tenha, quer não tenha, na localidade edificio accommodado para eschola e residencia do professor, o estado é que deve prestar o edificio; porque só assim havera escholas bem montadas, em edificios convenientemente appropriados, que satisfaçam a todas as condições hygienicas de ventilação, commodidade e aceio.

Quanto ás despezas acima contempladas sob os n.os 2.° e 3.°, entendo que a lei deve pôlas a cargo das respectivas municipalidades de uma maneira terminante e indefectivel. A educação do povo não é cousa indifferente para a boa ordem, paz e prosperidade do municipio. Se este é obrigado a sustentar os expostos, que acaso appareçam nos limites do concelho, como será exempto de contribuir para a educação d'aquelles, a cujos páes falleçam os meios necessarios para o fazerem per si? Quizera eu, pois, que na lei viesse bem expressa e definida a obrigação, que têm as municipalidades, de contribuir, conjunctamente com o estado, para a educação dos moradores dos respectivos concelhos. O estado contribue com o ordenado do professor e com o local para a eschola, o municipio, com a gratificação contingente ao professor, e com a mobilia e utensilios escholares. O modo, por que me parece poder levar-se a effeito este *desiderandum*, vai indicado no projecto de lei, appenso sob n.° 4.°

Pelo que toca á despeza com os premios aos alumnos que mais se distinguirem, essa entendo eu que deve ficar a cargo da caridade particular, mas da caridade organisada e para este fim constituida d'uma maneira judiciosa e permanente.

Minha opinião é que em cada districto administrativo haja uma *associação auxiliadora da educação pública*, a qual tenha a cargo sollicitar a maior somma de donativos voluntarios em beneficio da frequencia e progresso das escholas, e administrar com zêlo e intelligencia o producto d'elles. Como deve ser organisada esta associação, já tive a honra de indical-o no projecto de estatutos, appenso ao relatorio, que elevei á Augusta Presença de Vossa Magestade, acêrca da eschola pública de meninas do Funchal.

CAPITULO V.

Dos mappas da frequencia das escholas.

Os mappas nominaes, que os professores têm obrigação de remetter todos os annos ao Conselho Superior d'instrucção pública, e a respectiva commissão d'estudos, dão-lhes acerbo trabalho d'escripta, sem que d'esse trabalho resultem vantagens que o compensem.

Para formar-se idêa do progresso ou decadencia do ensino 'numa eschola, não faz mingoa saber qual o *nome, edade, e filiação* dos alumnos que a frequentam, nem qual a *profissão e residencia* do pae ou tutor de cada um. O conhecimento de todas estas circumstancias importa sobre-maneira ao professor; e por isso tem este obrigação de fazer expressa

menção d'ellas no registro de matricula. Ainda para o commissario dos estudos, póde ser util não ignoral-as, a fim de confeccionar e reformar, de accôrdo com ellas, o recenseamento da população educanda do respectivo districto. Mas quanto á auctoridade central e superior, não vejo de que possam aproveitar-lhe tão minuciosas informações. Para confeccionar a estatistica annual do ensino público, parece-me sufficiente haver noticia do movimento de cada eschola; saber quantos alumnos a frequentaram; e d'estes, quantos ficaram do anno antecedente, quantos entraram de novo, quantos sahiram com o curso completo ou incompleto, e quantos ficaram para a matricula do anno seguinte.

Dezejara eu, portanto, que os professores fossem alliviados d'aquelle ingrato e esteril trabalho; e que lhes fosse imposta a obrigação de enviarem todos os annos ao Conselho Superior, e á respectiva commissão d'estudos, circumstanciado relatorio, que preenchesse as indicações do preceito consignado no artigo 16 *in fine* do decreto de 20 de dezembro de 1850, preceito que bem poucos d'elles cumprem.

Para dar nexo e ordem a estes trabalhos, dezejara eu tambem que o relatorio de cada professor fosse o complexo das respostas por elle dadas a uma serie de quesitos, formulados pela auctoridade central e superior, e a elle officialmente remettidos, impressos no alto de folhas em branco, para, no resto d'ellas, exarar o professor as respostas que tivesse de dar, segundo as circumstancias especiaes da sua eschola.

Adoptado este methodo, vai presidir á confecção de todos os relatorios o mesmo pensamento commum. Então ha já possibilidade de comparar o trabalho de cada professor com o de todos os outros; ha possibilidade de generalizar e induzir; ha possibilidade de apreciar devidamente o estado da instrucção primaria em cada districto, e, pelos relatorios dos diversos commissarios d'estudos, conhecer o estado d'ella em todo o reino.

Não é de recear que os professores dêem a estes quesitos respostas inexactas. Sabendo elles que os respectivos commissarios podem verificar por seus olhos a veracidade de taes informaçôes, qual se atreverá a adulterar a verdade do facto nas respostas que haja de dar á auctoridade superior? Isto não obstante, bom é que a lei estatua qual a pena em que incorre o professor que fôr menos exacto nas respostas dadas ao inquerito official.

A idêa da reforma, que a este respeito tenho a honra de propôr, vai consignada no projecto, appenso sob n.° 5.

CONCLUSÃO.

Pede a justiça que eu não feche o presente relatorio sem mencionar, como honrosa excepção á apreciação geral que faço do serviço dos professores no capitulo II, os nomes dos trez funccionarios, cuja vocação e zêlo pelo serviço lhes têm ensinado a vencer muitas difficuldades, que outros encontram na execução do regulamento interno das respectivas escholas. São estes: Luiz Corrêa da Silva Acciaioli, professor da eschola pública da extrema leste do Funchal, — José Joaquim de Freitas, professor vitalicio da eschola da villa da Calheta, — José Bernardino de Brito, professor temporario da eschola da villa do Porto do Moniz.

Deus guarde por muitos annos a preciosa vida e augusta pessoa de Vossa Magestade, como o dezejamos e havemos mister os portuguezes. Commissão dos estudos no Funchal, aos 31 de janeiro de 1857. — O commissario dos Estudos, — *Marcelliano Ribeiro de Mendonça.*

A zootechnia e as artes agricolas não podem considerar-se como partes da agricultura.

Continuado de pag. 201.

II.

Acabamos de vêr que a mesma causa, que, em relação aos vegetaes, determinou a creação da agricultura, produziu, respectivamente aos animaes, a organisação da zootechnia, e que a primeira d'estas sciencias tem com a botanica as mesmas relações, que a segunda com a zoologia. A ligação, que existe entre a agricultura e a zootechnia, não é devida a esta analogia de origens, mas á dependencia reciproca, em que ambas se acham. São os animaes, que produzem os abundantes e ferteis estrumes, origem da riqueza do agricultor; são elles, que movem as pesadas maquinas empregadas na cultura dos campos; são elles emfim, que pelos seus productos se tornam um dos principaes elementos da industria agricola.

Não parecerão, por certo, inferiores os serviços, que a cultura vegetal presta á educação dos animaes. As gordas pastagens, produzidas pelos prados artificiaes, que o agricultor esclarecido sabe alternar com as outras culturas, servindo de alimento ao gado, influem beneficamente na qualidade dos seus productos, e a parte estraminea das plantas herbaceas, juncando os estabulos, é a molle cama dos animaes, que pouco e pouco a vão convertendo em fertilizantes estrumes.

Todavia a agricultura, sciencia mais vasta, mais antiga, e de uma maior importancia social, do que a zootechnia, tem absorvido esta ultima, considerando-a como uma das suas partes integrantes.

Já Ampère, no seu ensaio sobre a philosophia das sciencias, reconheceu, que a zootechnia não podia fazer parte da agricultura; mas o uso estabelecido desde tempo immemorial, e a necessidade d'o agricultor crear e educar os animaes, fez com que a sciencia, que tem este objecto, continuasse a ser incorporada na agricultura.

Gasparin, na introducção da sua excellente obra, marca os verdadeiros limites á agricultura, e responde victoriosamente ás objecções, que podem apresentar-se á emancipação da zootechnia, á sua separação da sciencia agricola.

Attendendo á origem das duas sciencias, examinando os seus objectos, quasi que desnecessaria parece outra discussão. De feito, ainda que tanto a zoologia eomo a botanica tenham por fim o conhecimento e o estudo de seres vivos, ha tal differença entre a physiologia animal e a physiologia vegetal, que cada sciencia d'aquellas tem uma organisação especial e bases particulares, em que se funda.

A zootechnia, portanto, e a agricultura, tendo tão differentes origens, devem tambem ser muito differentes na sua organisação, nos seus principios, e nos seus processos. E, sendo assim, como podem compenetrar-se, e formar uma só sciencia? Se a agricultura é uma sciencia, a zootechnia cai evidentemente fóra do seu dominio. Ainda mais, considere-se aquella como uma simples arte, e assim mesmo impossivel será reunir-lhe a educação dos animaes. A arte, como a sciencia, deve apresentar o character da unidade; e duas artes, que se pretendesse reunir 'numa só, apresentariam sempre signaes da sua independencia, e manifestas provas, de que não existia a verdadeira fusão, mas apenas uma mistura, cujos elementos tenderiam constantemente a separar-se.

Vê-se pois que a diversidade de origens e de objectos das duas sciencias basta para provar a impossibilidade da sua reunião: mas, para dar ainda mais solidas bases á opinião que seguimos, analysaremos com Gasparin os argumentos dos que sustentam, que a agricultura e a zootechnia formam uma só sciencia. Estes argumentos reduzem-se a dois pontos principaes: 1.° impossibilidade de conceber a agricultura sem animaes; 2.° penetração intima da parte animal e da parte vegetal da agricultura.

Em quanto ao primeiro ponto, não é rigorosamente exacto. Póde muito bem conceber-se a agricultura sem o auxilio dos animaes, e ainda que estes sejam actualmente empregados na maior parte dos paizes agricolas da Europa, ha todavia algumas localidades 'nesses mesmos paizes, em que se acha exclusivamente adoptado o systema de cultura vegetal. Na proximidade das grandes cidades, em que os estrumes se compram por preços pouco elevados, e a cultura das plantas hortenses offerece grandes lucros, tornando-se por isso quasi exclusiva, os agricultores não tractam da producção animal.

Ha outras localidades, em que o educador de animaes é perfeitamente distincto do agricultor; o primeiro vende ao segundo os estrumes, e aluga-lhe os animaes de serviço. Ora suppondo que este uso se tornava geral, a agricultura, depois do desmembramento da educação dos animaes, não deixava por esse motivo de ser a mesma sciencia.

Na America ha partes, em que a cultura vegetal é a unica adoptada: o mesmo succede em alguns cantões da China, aonde a povoação se alimenta, seguindo o regimen vegetal; e 'nalguns povos selvagens, cuja agricultura está pouco adiantada. A educação dos animaes não é pois uma parte essencial da agricultura, e, ainda que lhe seja muito util, não póde considerar-se como absolutamente necessaria e indispensavel. O agricultor póde estudar a acção dos estrumes sobre a terra, e prescindir da origem, d'onde provieram, tanto mais, quanto esta origem póde deixar de estar unica e exclusivamente nos animaes.

Supponhamos que, em vez de empregar os estrumes, se regava o terreno com dissoluções ammoniacaes, e, em logar de se applicarem ás maquinas as forças dos animaes domesticos, se applicavam as do homem ou as da natureza, taes como a agua, o vapôr, o vento etc., 'nesse caso não só a preparação do ammoniaco, mas a construcção das maquinas de vapor, ou das outras, que servissem á transmissão das forças, deveriam fazer parte da agricultura, o que seria absurdo.

Relativamente ao segundo ponto vê-se, pelo que temos dicto, que não ha penetração da cultura dos vegetaes com a educação dos animaes. O lavrador, lançando á terra os estrumes, a unica consideração a que attende, é ao preço, por que lhe ficaram, ou elles sejam *hetero-siticos*, ou *auto-siticos*.

III.

Excluindo a zootechnia da agricultura, com muito mais forte razão se devem excluir as artes agricolas. Os poucos pontos de analogia, que se encontram entre aquellas sciencias, desapparecem completamente entre as artes agricolas e a agricultura.

As artes agricolas pertencem evidentemente aos processos technologicos; fundam-se, como elles, nas forças physicas e chimicas. E não se nos objecte, que a agricultura e a zootechnia fazem parte tambem da technologia. Ainda que geralmente seja essa a opinião seguida, existem a nosso vêr bem plausiveis razões para as considerar como sciencias independentes. Em primeiro logar, um dos characteres distinctivos da technologia é modificar as

materias primas: e a agricultura e a zootechnia têm por objecto a sua producção, e não a sua modificação. Em segundo logar, os processos technologicos fundam-se nas leis physicas e chimicas; as operações agricolas e zootechnicas nas leis e forças vitaes. Mas em qualquer caso que se considere a agricultura, ou faça ou não parte da technologia, as artes agricolas não podem entrar no seu dominio.

Toda a sciencia comprehende factos analogos, ligados por uma theoria geral, e fundados em principios que lhes são communs: e os factos da agricultura, e os seus processos são inteiramente separados, completamente distinctos dos processos, que constituem as artes agricolas. A cultura dos vegetaes, desde que a semente se lança á terra até que os fructos são colhidos, funda-se na physiologia vegetal, nas forças vitaes por conseguinte. Logo que os productos começam a ser modificados pelas artes agricolas, outras forças regulam essas novas operações,—são as forças physicas e chimicas. No primeiro caso, o homem exerce a sua acção sobre seres vivos e organisados; no segundo, sobre productos organicos, mas privados de vida.

Um dos argumentos, que costumam invocar-se em favor da opinião que combatemos, é a necessidade em que o agricultor está de exercer as artes agricolas, e a utilidade que d'ahi tira. Mas porque um homem se veja obrigado a exercer differentes profissões, não se segue que ellas sejam identicas. Demais ha agricultores, que não se incumbem das artes agricolas; outros, que se occupam d'um pequeno numero, alguns de muitas: ora variando d'este modo com os individuos, com os tempos e com os logares, uma parte essencial da agricultura, esta não póde apresentar a estabilidade propria de todas as sciencias.

CONCLUSÃO.

Havemos, se nos não enganamos, demonstrado, que a zootechnia e as artes agricolas devem separar-se da agricultura, a qual, se d'este modo perde em materia, ganha em clareza e simplicidade scientifica Esta verdade começa a ser comprehendida. Os modernos livros da agricultura já não são uma miscellanea informe e arbitraria. O curso de agricultura de Gasparin, o tractado elementar da mesma sciencia por Girardin e Dubreuil, aonde não apparecem a zootechnia e as artes agricolas, apresentam a simplicidade, a ordem, e mesmo a elegancia, de que carecem as obras antigas de agricultura. Assim na *Casa rustica do seculo XIX*, o segundo e terceiro tomo, que tractam da zootechnia e das artes agricolas, são inteiramente independentes do quarto, que se occupa da economia rural; em quanto que este se acha naturalmente ligado com o primeiro e dependente d'elle. 'Noutras obras anteriores, e ainda no *Guia e manual do cultivador* do sr. José Maria Grande, a zootechnia e as artes agricolas fazem parte da economia rural. Parece-nos porém ainda menos acertado seguir tal alvitre, do que tractar d'aquellas materias em separado, como fizeram os auctores da *Casa rustica*. A economia rural, fundando-se nos principios geraes da economia politica, não póde, por modo algum, comprehender as artes agricolas e a zootechnia.

A. FILIPPE SIMÕES.

AGRICULTURA.

BANCOS TERRITORIAES.

Continuado de pag 6.

Versando esta materia, tão para acceitar-se com o mais intimo reconhecimento nas circumstancias actuaes da nossa agricultura, e de tanto momento pelos resultados promettidos e appetecidos, mais quizeramos, simplesmente, referir louvores de todos a esta excellente instituição, do que ter de pôr-nos aos *itens* com impugnadores, ou pouco judiciosos, ou muito pouco de dentro no conhecimento e alcance do ponto.

Mas já que é forçoso, para lhes ver bem a futilidade, o reproduzir arguições, e já que empenhamos vontade e estudo em aclarar a materia, e em convencer-nos primeiro, para depois podermos persuadir os outros, ou provando-lhes a verdade, ou confutando-lhes sophismas; por isso não desviaremos lançar aqui umas quantas accusações, infundadas, levantam contra a creação d'estes Bancos esses pessimistas officiosos, que, porque d'uma instituição qualquer póde dimanar algum mal, embora immenso seja o bem produzido, a condemnam para logo irremediavelmente. — Proscrever o uso, porque alguem, ignorante ou mal intencionado, póde abusar, é, sobre absurdo, maldade e roubo ao adiantamento social! — porque um homem morreu no mar, lastimemos, como Plinio, a cultura do linho, d'onde se tiram as vélas para os navios!

Vamos aos capitulos d'accusação.

Tomaremos primeiro o que reza assim: — «Os Bancos agrarios são maus; porque só utilisam á grande propriedade.»

Ainda quando fosse de todo o ponto verdade, 'neste só dizer vinha envolvida a vergonhosa condemnação dos impugnadores. Pois, porque uma qualquer cousa, sem prejudicar ninguem, utilisa a alguns, é isso causa a combater-se, a desterrar-se? — pois as largas herdades, as grandes quintas, que são incitamento e devem ser modelo constante a medianos e pequenos cultivadores, aproveitam com elles, e deverá isso ser motivo a guer-

real-os? Indigna, sobre todas, é essa inveja, e o raciocinio que 'nella se estriba.

Mas, de mais a mais, é hoje falsissima similhante affirmação. Não desconhecemos, é certo, que tal foi a mira da sua creação na Prussia: o estado politico do paiz e a ignorancia de principios economicos, hoje vulgarissimos, davam-se então mutuo auxilio, para que essa instituição, mais que todas utilissima, se não necessarissima, para o aperfeiçoamento da agricultura, se convertesse em privilegio da casta senhorial, monopolizando a sua benefica influencia á pequena propriedade. — Felizmente isso vai muito longe, e é só má fé ou ignorancia o trazel-o agora por argumento.

Os modernos estabelecimentos de credito agrario buscam, e têm conseguido de dia para dia, baixar o mais possivel a taxa ou quota de valor em terras, necessario para a admissão nos beneficios do credito agrario, a ponto de qualquer cultivador, que possua apenas terreno no valor de cem a duzentos mil réis, poder aproveitar com taes Bancos. — Na Belgica um fundo terreal de mil francos de valor (160$000 réis), tem já faculdade para ser soccorrido. Ámanhã ainda menor será a exigencia. — E, por conseguinte, infundada esta arguição.

E não menos o é, certamente, uma outra que formulam 'neste theor: — « Os Bancos agricolas são maus, por facilitarem demasiadamente aos proprietarios o contrahirem dividas. » — Esta passa d'infundada a ridicula, e de ridicula a tôla! perdoem-nos o lançarmos a phrase assim agreste, quando tal capitulo d'accusação se vem trazer ahi para a imprensa. — Pois ha de alguem querer limitar o proprietario no seu direito d'empenhar, hypothecar ou vender a sua propriedade, e mesmo lançar depois o importe *pro derelicto*, para que os pobres o apanhem a rebatinhas? Pois salvar o lavrador das garras da usura, ministrando-lhe o capital por juros modicos, é inconveniente? Pois, porque um proprietario perdulario se arruina, não deverão beneficiar-se e ajudar-se mil e mil economicos e modestos? — Livre-nos Deus de responder a quem não sente de per si taes verdades. É querer cortar embaraços com a espada de Alexandre.

O senhor das terras póde vendel-as e empobrecer, hypothecal-as e arruinar-se, empenhal-as por alto juro e vêr-se avexado a cada hora, e não lhe é dado soccorrer-se a uma instituição que apenas lhe exige um diminuto interesse! Abençoado desejo de beneficiar a agricultura!

'Neste compendiar d'objecções, tão apparatosas quanto, a todas as luzes, infundadas, não devemos occultar as contidas 'num artigo, assignado por — F. P. de M. — que se lê no n.° 12 da *Revista Universal Lisbonense*, de 25 de janeiro de 1849; as quaes tudo poderão provar em seu auctor, mesmo muita erudição e muito desejo d'acertar, mas nunca, por certo, conhecimento verdadeiro ou, melhor diriamos, sensato vislumbre da instituição, que busca combater. Asseveram-nos agora ser esse artigo devido á penna d'uma notabilidade ultimamente investida e victoriada 'num dos mais elevados cargos do nosso paiz: — não o podemos crer! Mas se tal é, isso apenas nos comprova solemnemente que, entre nós, as funcções dos primeiros cargos da républica não são incompativeis com a ignorancia, não são antagónicas com a inépcia.

De quem quer que sejam (e bem pouco curamos d'isso) vejamos as objecções. Na primeira das que tirou a terreiro diz o auctor: — « Bancos Ruraes propriamente dictos, isto é para emprestarem dinheiro sobre bens de raiz, não podem subsistir, nem fazer bem algum, antes muito mal, á agricultura. » — 'Nestas sós linhas, que são como pregão de bota-abaixo, quem não vê, para logo, o mais grosseiro desconhecimento da materia? Bastanos relembrar o que, muito ao de leve, deixamos estampado no nosso artigo precedente, para conhecermos que o character distinctivo d'estes Bancos não deve ser, nem é, o emprestar dinheiro; mas sim mobilizar, vivificar o credito. Permitta-se-nos, porém, que, antes de mais, transpassemos para aqui, e integros, os arrasoados em que desfecha. Não só não queremos, com excerptos, impanar-lhes a força, senão que temos do intimo, que a sua só leitura ou, quando muito, um pequeno commento lhes porá ao olho do sol a futilidade.

Diz elle: « *Não podem subsistir;* por que a agricultura só contrahe emprestimos a longo prazo, que nunca póde ser menor que um anno: sendo assim, o Banco ficaria sem fundos para as transacções, e para trocar as suas notas. São contra os principios, que regem os Bancos, os emprestimos a longo prazo, não só porque prejudicam os seus interesses; como porque, no caso de crise, não podem apurar os capitaes para a evitarem ou a remediarem. A causa de todas as fallencias dos Bancos de desconto têm sido os emprestimos a longo prazo: emprestando a trez mezes, que é o termo ordinario, se lhes sobrevem uma crise, em noventa dias estão salvos; mas se emprestam a um ou a dois annos, qualquer crise, por mais leve que seja, os arrúina; e como os Bancos Ruraes não fazem emprestimo senão a longo prazo, a sua fallencia é infallivel. Nem se duvide d'estes principios, porque já estão sanccionados pela experiencia feita em diversos paizes, onde se têm estabelecido Bancos Ruraes, e todos têm desapparecido por não poderem subsistir. *Nem fazem bem, antes mal, á agricultura;* porque não ha industria agricola, que produza lucros sufficientes para pagar juros, por mais modicos que sejam, e para amortizar o capital, que tivesse tomado

d'emprestimo; de que resulta que o proprietario seria forçado ou a vender a propriedade, ou a entregal-a ao Banco ficando perdido, e o Banco arruinado quando se transformasse em proprietario. »

Até aqui elle: agora nós.

Na primeira parte do seu discorrer, o grande, o insuperavel estorvo, que se antolha o auctor, dimana do « longo prazo, que nunca póde ser menor que um anno, » e, sendo assim, « o de ficar o Banco sem fundos para trocar as suas notas. » Mas que idéa terá da indole d'esta instituição, da sua vida intima, e da sua acção exterior, quem tal escreve? pois ignora que não carecem de ter aferrolhados nas burras capitaes metallicos para trocar notas, visto como os titulos de credito passam da mão do emprestado para as do emprestador, sendo apenas o Banco um como corretor e fiscalizador? pois será nunca jámais motivo a receios um prazo longo, não dizemos d'um anno, mas de cinco, mas de dez, mas de mais ainda, quando o emprestador tiver em sua mão um titulo de credito tão solido, tão infallivel, fundamentado na propriedade terreal, e revestido com a fiança do Banco, e, sobretudo, tão facilmente realizavel no mercado? pois, emfim, um qualquer lavrador e mesmo muitos não podem contrahir emprestimos na occasião das sementeiras, e solvel-os nas colheitas? São isto verdades tão manifestas, e que de per si mesmas se estão dando a conhecer tanto ao vivo, que ninguem, bem que pouco conversado 'nestes assumptos, tem direito a eximir-se de as saber.

Em seguida entra o auctor, como vimos, em considerações acêrca de prazo longo e do inevitavel prejuizo e embaraço d'este, em caso de crise, dizendo que « a causa de todas as fallencias dos Bancos de desconto têm sido os emprestimos a longo prazo. » Pois muito bem: dêmos mesmo que seja essa a causa de *todas* as fallencias; a que vêm cá os Bancos de desconto, se d'elles não ha a argumentar para estes; porque entre os territoriaes, e os de desconto, e de circulação, e de deposito ha discrimes sensiveis? E continúa: « emprestando a trez mezes, que é o termo ordinario, se lhes sobrevem uma crise em noventa dias estão salvos; mas se emprestam a um ou a dois annos, qualquer crise, por mais leve que seja, os arruina. »

Se, como nós, o famoso ministro (a ser elle o articulista) fosse criado e educado no commercio, e vivesse, durante annos e todos os dias, a vida da nossa primeira praça commercial, e conhecesse os nossos habitos, por certo não escreveria taes asserções. Trez mezes o termo ordinario d'emprestimo! é menos justo, se não nada exacto, este dizer. Trez mezes pouco mais ou menos ($90\ ^{d}/_{d}$, ou $60\ ^{d}/_{v}$) é apenas o termo ordinario dos saques sobre as praças de Londres, Liverpool, Manchester, Glasgow etc., etc., emfim, sobre as praças inglezas; mas quasi nunca das transacções do nosso commercio interno: — as vendas de vinhos na praça do Porto têm, geralmente, o prazo d'um anno, a não chegar a dezoito, e vinte e quatro mezes, quando é avultada a partida: as mercadorias d'importação d'America, o arroz, o assucar, o algodão, os couros (vaquetas e atanados) etc. têmno, em geral, de seis mezes e muito maior, sendo em grossas partidas: o mesmo accontece com as d'Inglaterra, os algodões manufacturados, as lans, o linho, as drogas, o ferro, o bacalhau, etc. e finalmente com as da Russia, a aduella de Memel, o linho de Riga etc. etc. Na praça de Lisboa é identico, ou com leves modificações, o facto.

Vendidas assim as fazendas com estes prazos, os emprestimos para realizar as compras, os saques de letras para segurança das vendas, os descontos d'aquellas, nos Bancos ou por particulares, approximam-se quasi sempre de taes prazos. — Em virtude d'isto, é, portanto, nas nossas circumstancias e nos nossos habitos, infundadissimo o affiançar noventa dias *termo ordinario*.

Se, porem, o collaborador da *Revista Universal Lisbonense* não teve em vista fallar, com especialidade, de nós; mas dos Bancos europeus e americanos, em geral (e ainda ahi lhe poderiamos mentir a asserção), permitta-nos então que lhe digamos, que foi menos reflectido, menos judicioso, não só em o não declarar, e isso era o menos, mas em vir com alheios usos em materia toda nossa, e toda applicada para nós, e isso era o muito, gerando assim infundamentadas apprehensões, que só muito tempo, muito lidar, e muito repetir a verdade podem extirpar.

Como d'inutil discussão, e, sob toda a luz, inconcludente, e, para o nosso thema, falsissimo desviamos a ponderação que apresenta, em epocha de crise, dando-nos sómente o cuidado de relembrar o occorrido na Prussia quando as aguias napoleónicas lhe sobrepairavam. Quebrando 'nesses annos todos os Bancos, ou descendo-lhes as notas a um desconto de quarenta, cincoenta e mais por –, o Banco territorial sustentava as suas quasi ao par, não subindo nunca o desconto dos titulos a mais de cinco por –! Cremos que nos não taxarão de citar, com isto, uma epocha de crise ficticia ou momentanea.

E fecha a primeira parte do primeiro resfolego d'arguições dizendo:

« Nem se duvide d'estes principios, porque já estão sanccionados pela experiencia feita em diversos paizes, onde se têm estabelecido Bancos Ruraes, e todos têm desapparecido por não poderem subsistir. » — Ora que qualquer, de bons principios, raciocinando mal, tire absurdas consequencias, ou que cego negue a existencia da luz, soffre-se, não ha remedio;

mas que, lendo e estudando e conhecendo o que vai na Europa, venha pendurar nas columnas d'um periodico, a muitos respeitos justamente gostado, um periodo como esse que ahi deixamos, é, permitta-nos o auctor, acção mais que censuravel. Então, com que, *todos* os Bancos Ruraes têm desapparecido?! Cada dia a crearem-se novos, a dilatarem os antigos e a supplicarem-se mais em todos os paizes e em todas as provincias, que sentem o benefico influxo d'uma adiantada cultura, e, não obstante tudo isto, e mesmo mentindo tudo isto, vir dizer-se na imprensa que *todos* os Bancos Ruraes têm desapparecido! Sem podermos citar todas quantas nações têm hoje d'estes Bancos, sempre lembraremos que os ha, prosperos e abençoados, na Russia, Polonia, Prussia, Austria, Baviera, Hanover, Wurtemberg, Mecklemburgo, cidades Anseaticas, Dinamarca, Suissa, Belgica, Inglaterra, e França; isto é, em toda a Europa, e, ainda mais, que não é um estabelecimento só em cada uma d'estas nações, senão que muitos e muito vastos; ora sob a influencia, mais ou menos directa, do governo, ora creações puramente particulares.

E, se alguem pensa 'neste dizer a mais leve sombra de exageração, não tem mais, que tomar, entre vinte outros, que lhe podem vir á mão fartamente documentados, o livro ha poucos annos publicado por J. B. Josseau « *Des Institutions de Crédit Foncier et Agricole dans les divers états de l'Europe.* » Lendo-o convencer-se-ha prompta e profundamente de como dizemos singela verdade, e que, entre as infundadas affirmações accumuladas pelo auctor do alludido artigo, nenhuma, talvez, vença o quilate d'esta.

Entrando na segunda parte, rompe-a com aquellas celebres palavras do pregão: « *Nem fazem bem, antes muito mal, á agricultura,* » dando-nos logo como razão muito cathegorica, « porque não ha industria agricola, que produza lucros sufficientes para pagar juros, por mais modicos que sejam, e para amortisar o capital, » e cerrando, como vimos, esta segunda parte e o monstruoso do primeiro capitulo com as duas fataes resultantes — ou a perda do proprietario, vendendo a propriedade, — ou a ruina do Banco, transformando-se em proprietario.

Fechada assim a meda das péchas, para não dizermos dos desacertos ou necedades, incumbe-nos tambem rematar 'neste lance o discurso, asseverando sómente, que não ha industria agricola que não produza lucros sufficientes para pagar juros e amortisação de todos os gastos da cultura: — attenda e entenda-nos bem o auctor e o leitor, que não dizemos juros e amortisação do *custo da propriedade;* mas sim, e unicamente, de *todos os gastos da cultura*, fito exclusivo a que se dirige toda a economia, toda a acção d'estes Bancos.

No vergonhosissimo atrazo e no ainda mais vergonhosissimo desleixo e prejuizos da nossa agricultura, o emprestar ou empregar capitaes para compra de propriedades terreaes é ter, d'antemão e comprovada por todos os modos, a evidencia de não tirar mais d'um a dois por $\frac{0}{0}$ do custo: — 'nisto estamos, como todos, completamente accordes. Mas no que não estamos, e ninguem póde estar, é em que as terras não deixem livre 4, 5, 8 e mais por $\frac{0}{0}$ das despezas de cultivo: — e, se não, diga-nos o auctor, em que paiz, e principalmente em que parte do nosso paiz, e em que genero de cultura, ha alqueire de semente lançada á terra que, na colheita, não traga á eira 4, 8, 16 grãos por cada grão semeado; isto é 400, 800, 1600 por $\frac{0}{0}$? diga-nol-o *et erit mihi magnus Apollo.*

E, porventura, esta paga larga, esta multiplicação prodiga nas entranhas creadoras da terra não resarcirá, deixando ainda muito lucro, todas as despezas da mais sollicita e adiantada cultura? Cedemos a resposta aos proprios adversarios recordando-lhes só, por demais, que o custo d'esgotar um profundo paúl, de desbravar um impervio matagal, de gaivar uma extensa marnota, de corrigir uma improductiva várzea, de colmar um necessario alpendre, ou sómente se effeitua por uma vez ou a tão largos periodos, que quasi não póde entrar em calculo. Ainda assim, tomem a quota annua que quizerem e acharão que a terra dá sempre um attrahente juro.

— Em conclusão, pois; cremos, em virtude do que levamos exposto, que o auctor do citado artigo ora desconhece, ora confunde a natureza e alcance dos Bancos territoriaes.

Continúa. A. A.

O DIA 8 DE DEZEMBRO.

A Universidade celebrou 'neste dia, com o apparato e pompa costumada, o mysterio da Immaculada Conceição de Nossa Senhora, e a distribuição dos premios aos alumnos, que mais se distinguiram pelo seu ingenho e talentos.

Deu principio a festividade religiosa, achando-se presentes na real capella da Universidade, o corpo docente, a estudiosa mocidade academica, e grande numero de pessoas de todas as classes. Officiou na missa o dr. José Gomes Achilles, lente cathedratico da faculdade de theologia, e assistiram ao altar, como diacono o substituto extraordinario dr. Damasio Jacintho Fragoso, e como subdiacono o dr. Manuel Eduardo da Motta Veiga, ambos da mesma faculdade. Recitou uma oração muito bem elaborada, e cheia da mais sublime uncção evangelica, o outro substituto

extraordinario d'aquella faculdade dr. Antonio Bernardino de Menezes.

Finda a missa, seguiu-se o prestito academico até á sala grande dos actos, onde tinha de effectuar-se a distribuição dos premios.

Ahi tomados logares pelo vice-reitor da Universidade, e pelos doutores de todas as faculdades, e entrados que foram para dentro da thêa os laureados, depois de feita a chamada pelos respectivos bedeis, recitou o dignissimo prelado o seguinte discurso:

Senhores! — Ainda outra vez me cabe a honra de presidir á solemne distribuição dos premios, conferidos aos alumnos d'esta Universidade, que, no anno escholar findo, se extremaram em boa estimação litteraria. E tão grato é hoje para mim o desempenho do meu officio; quão provado está o merecimento dos premiados; e quão recto fôra o juizo dos conselhos, que os galardoaram. Sábias, por certo, são as leis academicas, que, com a mira de fomentar e engradecer o progresso das sciencias e das lettras, mandam pôr nas mãos de taes alumnos os titulos dos seus premios, na presença dos proprios mestres, e ante o público illustrado, 'neste respeitavel gymnasio, e 'neste festivo dia.

Á solemnidade religiosa do augusto mysterio da Conceição Immaculada de Nossa Senhora, que a Universidade agradecida acaba de celebrar, segue-se agora esta, a mais brilhante das festas academicas; uma festa que não e só de Coimbra, mas de todas as cidades, de todas as terras do reino; uma festa verdadeiramente nacional. E com que fortuna, com que prazer, com que alegria, não vemos nós, senhores, irem-se perpetuando, entre distinctos academicos, os brios e as victorias! Em egual dia d'outros annos, quasi successivos, aqui receberam outros competidores as coroas de suas fadigas. Hoje sois vós, illustres e esforçados mancebos, sois vós que levais as palmas: hoje cingem vossas frontes os louros, que colhestes no certame nobre e glorioso da intelligencia.

E quão solida é a base, em que se libra a vossa gloria!.. Sim: essas viçosas palmas, esses louros immarcessiveis, não são uma prova evidente de que a sabedoria entrou no vosso coração e a sciencia agradou á vossa alma? Por vossos esforços, por vossas vigilias, por vosso aturado estudo, não vos tornastes vós os filhos mais predilectos da patria? Não conquistastes bençãos mais affectuosas de vossos paes? amor mais extremoso de vossas familias? credito mais seguro de vossos amigos?.. E que doce satisfação déstes a vossos mestres, que vos guiaram no caminho da sabedoria, inculcando-vos seu subido preço! Mas... se hoje alcançastes direitos tão gloriosos, contrahistes tambem uma divida immensa para com a patria. Laureados pela sciencia, a patria espera de vós que, não deixando murchar vossas grinaldas, sejaes os apostolos e os luminares da instrucção e do progresso legitimo, os mais fecundos elementos da civilisação e da liberdade.

E vós outros, nobres mancebos, se vossos nomes já conhecidos não são ainda por esta vez aqui memorados, não desanimeis por isso. Redobrae vossos esforços para que 'noutro egual dia resôem tambem com applauso os vossos nomes 'neste amplissimo emporio das lettras. Eia pois, entrae na liça com valor e coragem: quem sabe se o vosso novo afan, transfigurando a sorte, de vencidos hoje, vos tornará outro dia vencedores? D'est'arte o vosso triumpho será mais assignalado.

Agora, como todos militaes sob as mesmas bandeiras, exultae de prazer uns e outros; vós, pelos louros que alcançastes; e vós, por que fazeis parte dos cursos, que o galardão d'aquelles ennobrece. Exultae, paes ditosos, a quem Deus honrou em vossos filhos. Exultae, mães ternas e extremosas, que vos esmerastes em aprimorar a educação de tão dignos filhos; que enriquecestes seu espirito com os primeiros conhecimentos; que lhes dirigistes o coração pelas maximas da virtude; trasbordae agora de jubilo e contentamento. A educação que lhes déstes preparou este lustroso triumpho. Exulta tambem, ó Coimbra; as corôas que hoje cingem as frontes dos filhos mais mimosos da sciencia, são novos brilhantes que te adornam, que illustram e engradecem teu nome, para sempre memorado nos fastos litterarios da patria.

O decano da faculdade de mathematica, dr. Francisco de Castro Freire, a quem competia por escala, dirigiu logo depois aos academicos a seguinte allocução:

> Aqui as capellas dá tecidas d'ouro,
> Do baccharo e do sempre verde louro.

Senhores! — Estimular por meio de distincções e premios os corações generosos, para proseguirem com ardor na larga estrada das occupações uteis, foi em todos os tempos a práctica observada pelos legisladores sabios. Bem que as acções nobres tenham em sua mesma belleza attractivos sobejos para captivarem as almas bem formadas: é todavia innegavel, que a inconstancia dos desejos humanos, a variedade de distracções frivolas, a seducção das paixões, e as doçuras do ocio, fazem constante guerra aos mais louvaveis esforços; guerra, de que estes não poucas vezes saem vencidos.

Afervorar pois os animos tibios, dar novos incitamentos aos espiritos briosos, eis o que devem fazer todos os legisladores e povos, que desejam ver florescer, entre si, qualquer dos

uteis e variadissimos ramos da actividade humana.

Entre as primeiras necessidades das nações está indubitavelmente a da cultura esmerada das lettras e das sciencias. Diga embora o contrario o philosopho de Genebra; seus argumentos, ainda que ataviados com todas as galas de uma eloquencia seductora, não são mais que tristes sophismas, que em espiritos razoaveis, e em corações nobres, nunca acharão echo.

Raio d'essa luz divina, com que o espirito increado prendeu o nosso espirito ao seu centro de sabedoria, justiça e amor infinito, a intelligencia será sempre reputada o mais nobre apanagio da humanidade: e a sciencia, producto, lento e laborioso, de todas as intelligencias individuaes, que, de edade em edade, se vão auxiliando no seu aperfeiçoamento successivo, é tambem e será sempre, emanação da mente divina, a base mais solida da felicidade das nações.

É por isso, que todos os povos se têm esmerado tanto em cultival-a. E á frente d'elles ufana-se um peito portuguez de poder contar a sua patria.

Portugal, decorrido o primeiro periodo da sua existencia, o periodo das conquistas, que ainda assim não appellidaremos de barbaro, logo nos primeiros remansos de quietação e de paz, se voltou para a cultura das lettras. Esse rei popular, que pelos seus cuidados em grangear para o seu povo o pão do corpo, vive na historia com o sobrenome honroso de rei lavrador, não se descuidou de lhe procurar o pão do espirito; e, com este intuito, organisou, primeiro em Lisboa, depois aqui em Coimbra, (como logar mais proprio pela sua situação central, pela amenidade e salubridade do clima), esta Universidade, este primeiro centro litterario e scientifico, d'onde as verdades importantes, que os seculos fossem descubrindo e apurando, se irradiassem para todos os angulos do paiz; e levassem a todas as classes sociaes, convertida em maximas, prácticas, leis e aforismos, a luz da sciencia, que a um tempo aperfeiçoasse a vida, e ennobrecesse o seu destino.

Desde então a Universidade de Coimbra, porque foi 'nesta cidade, que, depois de ensaios de mudança, sempre mal succedidos, se fixou definitivamente aquelle estabelecimento scientifico, amparada e protegida sempre pelos nossos governos illustrados, nunca deixou de responder com lustre e subido credito ao pensamento que a creára.

Tendo tido, como todas as cousas humanas, como a nossa mesma patria, a sua epocha de decadencia, d'ella foi levantada em fim pela mão robusta do grande Pombal. Este a enriqueceu com os estabelecimentos materiaes, que a sciencia reclamava 'naquella epocha; e assentou, sobre largas e solidas bases, a sua reforma litteraria, prevendo que, sómente á sombra de tal estabelecimento, poderiam germinar e fructificar as sementes fecundas da moderna civilisação, que elle com mãos largas espalhára pelo nosso paiz.

Enumerar os filhos d'esta Universidade que, desde a sua fundação até hoje, têm illustrado a patria, já no magisterio, já nas diversas carreiras públicas, seria além de longo, alheio do nosso proposito. Permitta-se porém, que eu diga, que a Universidade se ufana de vêr, que essas escholas especiaes, que as necessidades da epocha reclamaram, e por cujo esplendor e engradecimento, dentro da esphera que lhes é propria, a mesma Universidade verdadeiramente se interessa, foram instituidas e têm sido alimentadas, pela maior parte, por filhos seus, que muito as têm accreditado, tanto dentro, como fóra da nossa terra.

Alumnos d'esta Universidade, para animar vossos brios, a fim de imitardes todos esses genios que fazem a gloria immortal d'este estabelecimento, e vos preparardes bem para poderdes um dia desempenhar com honra e intelligencia os cargos públicos, ou as profissões scientificas, os nossos Estatutos vos chamam hoje aqui, 'neste dia solemnissimo, para que em presença do vosso prelado, de vossos mestres, e perante esta assembléa respeitavel, se distribuam, em numero limitado, premios, partidos e honras de *accessit*, áquelles dentre vós que no anno lectivo passado mais se distinguiram nas lides litterarias.

Esta festa porém não é só dos laureados; é de todos aquelles, que por sua assidua applicação, regular conducta, e consequente aproveitamento, mostraram ter comprehendido toda a importancia do tirocinio universitario. A estes cabe tambem uma parte nos louros hoje ganhados. Perseverae pois, generosos mancebos, e contae, que pelo sincero amor do estudo, e pelo cumprimento de vossos deveres, a todos vos chegará tambem um dia de egual triumpho.

Mocidade academica em geral! Grande é a herança scientifica que a nossa geração herdou das gerações passadas, e que tantos commodos e gôzos tem dado, e continuará a dar á nossa edade; lembrae-vos porém, vós, que devereis ser os apostolos da sciencia, que não é só do pão que vive o homem; reflecti que todos esses commodos, todos esses gôzos materiaes se tornarão em fructos amargos e de corrupção, se a par, melhor direi, se acima d'elles se não cultivar o sentimento moral e religioso, o qual somente pode vivificar a humanidade, unil-a em laços de caridade mutua, e expurgal-a dos seus máus instinctos.

Conservae as sanctas inspirações do lar paterno, onde, a par do sentimento religioso, vossas mães depositaram em vossos tenros peitos o germen de todas as boas inclinações, e onde vossos paes vos deram o exemplo das

virtudes que nobilitam o homem. Amae a verdade sobre tudo; cultivae todos os sentimentos nobres, — a justiça, a lealdade, e a benevolencia; arredae de vós tudo quanto degrada a dignidade humana, — o egoismo, a inveja, e a presumpção atrevida. Por estes meios alcançareis a estima de vossos similhantes, e a da vossa propria consciencia, deixando do vosso sacerdocio intellectual memoria de proveitosas doutrinas e nobres exemplos, e de uma vida sem mancha.

No alto do throno portuguez tendes hoje para imitar um modelo eloquente: um monarcha joven e esperançoso, que, pela sua esmerada educação, pelo seu amor pelas lettras e pela sciencia, e pelo exacto cumprimento das virtudes christãs e sociaes, causa não só a nossa admiração, mas a dos extranhos. Seja elle o vosso exemplar; e possaes vós, um dia auxilial-o no sancto empenho de elevar, depois de tantas vicissitudes e agitações, por meio da moral, da sciencia, e da bem entendida liberdade, a nossa bella patria ao grau de prosperidade e de civilisação, de que se torna digna.

Assim correspondereis aos sacrificios e cuidados que vossos paes têm empregado na vossa educação; ás esperanças que a patria em vós deposita; e finalmente á sollicitude do nosso illustre prelado, e dos vossos mestres, que tanto se empenham pelo vosso adiantamento litterario e scientifico e pela vossa felicidade.

Alumnos premiados! por vós, e pelos vossos condiscipulos estudiosos, vinde receber dos decanos das faculdades academicas, os premios e honras de que vos tornastes dignos, e que hoje aqui vos offerece a *lusa Athenas*.

Terminada a leitura dos discursos, os alumnos foram, cada um de per si, receber da mão dos respectivos decanos o diploma, que os distinguia dos seus condiscipulos, e lhes marcava um logar de honra, conquistado pelo verdadeiro merito.

Assim terminou uma das festas mais brilhantes e solemnes, com que a Universidade de Coimbra galardôa todos os annos os trabalhos de seus filhos, estimulando-os a proseguir com ardor no improbo estudo das sciencias.

ALMANAK D'INSTRUCÇÃO PÚBLICA

PELO

Sr. José Maria de Abreu.

Na *Revista Contemporanea*, do mez d'agosto ultimo, que só agora tivemos occasião de percorrer, encontrámos, na parte da — *revista critica*, — o artigo, que nos apressamos a publicar, sobre o Almanak d'Instrucção, publicado pelo sr. J. M. de Abreu. Vemos, com muito prazer, que este trabalho do nosso illustre collega, de que já démos conta no *Instituto*, do 1.° de março d'este anno (n.° 23), e que tão apreciado e bem recebido foi no paiz, alcançou tambem os devidos elogios na imprensa estrangeira. Antes porém de transcrevermos este artigo, seja-nos permittido dizer, que, lamentando com Mr. Villetard, que uma tendencia *utilitaria* pretende sacrificar os estudos classicos ao das sciencias, não attribuimos todavia a esta circumstancia a falta de manuaes e compendios escriptos em portuguez para uso do ensino, tanto na Universidade, como nas Escholas. Á insignificante retribuição de trabalhos d'esta ordem, e á limitadissima saída que têm entre nós os livros de alguns ramos de sciencias exactas e naturaes, é que julgamos devida principalmente aquella falta, a qual, apezar de tudo, esperamos ver diminuida de dia para dia. Entre os livros que se dizem reimpressos, em Coimbra, em francez, cita-se, erradamente, o *curso de mathematicas*, de Francoeur, sendo certo que já em 1838 foi esta obra vertida em portuguez, e que a 2.ª edição da traducção foi muito alterada e melhorada, em relação ao original francez.

Eis o artigo:

F. DE CASTRO FREIRE.

Este livrinho (o almanak) moldado em parte pelos annuarios, que se publicam em França, para cada uma das nossas repartições públicas, deve prestar um verdadeiro serviço ao corpo do magisterio em Portugal, por isso que 'nelle s'encontram todas quantas noticias se podem desejar sobre as materias d'ensino, nos diversos estabelecimentos d'instrucção pública d'aquelle paiz, e sobre o pessoal dos lyceus, faculdades e escholas. Modesta, mas verdadeiramente util, dar-nos-ía logar esta públicação a podermos apresentar um quadro curioso do estado actual da tão famosa Universidade de Coimbra, mas não é este o logar proprio para isso. Não podemos comtudo deixar no silencio um facto, que ha de por certo interessar os nossos leitores, e vem a ser, que entre os livros designados officialmente para o ensino das faculdades, s'encontra um grande numero d'obras francezas, reimpressas em Coimbra, sem serem vertidas em portuguez, mostrando assim quanto se acha generalisado em Portugal o estudo da nossa lingua. Os *manuaes* e *cursos* de MM. Macarel, Jamain, Bouchardat, Chomel, Begin, Francoeur, Briand, Navier, Laplace, Deguin, Regnault, Pelouze, Fremy, Jussieu, Beudant, Burat, Tripon, Puissant, Milne-Edwards, Ganot, Orfila, Richard, etc. são classicos tanto em Coimbra, no Porto, e em Lisboa, como em Paris, Lyão e Tolosa. Se este facto póde lisongear o nosso amor proprio, dá margem tambem para se reflectir sobre

as theorias dos *utilitarios* em materia d'ensino. Eis-ahi está um paiz que, infinitamente menos que nós, dá na educação logar aos estudos classicos. Pois bem! essas sciencias a que alli se sacrificaram, ou completamente, ou em grande parte, o grego, o latim, a historia e a philosophia, approveitaram tão pouco com esse sacrificio, que nem ao menos se escreve em Portugal um bom manual de chimica, de physica, ou de historia natural. Rogamos aos adversarios dos estudos classicos, que meditem sobre este facto.

Agora, pedindo perdão aos leitores de termos levantado tão grande celeuma a proposito de um livrinho, voltemos ao nosso almanak. O que mais vivamente nos interessou no trabalho do sr. Abreu, depois da relação dos livros exigidos para os differentes cursos, e dos programmas dos estudos, foram os quadros estatisticos que s'encontram a cada pagina, e que nos dão a conhecer as despezas de cada estabelecimento, os ordenados dos empregados, o numero d'estudantes matriculados nas diversas faculdades, e o dos approvados e reprovados nos exames, no fim de cada anno lectivo. Se todas as repartições públicas dos differentes Estados, tivessem annuarios, onde se apresentassem noticias tão completas, as indagações dos estadisticos e economistas ter-se-iam consideravelmente abreviado. Felicitamos pois o sr. Abreu, por ter emprehendido um trabalho tão arido, mas summamente util. Se quizer continual-o no anno seguinte, aconselhamos-lhe que leia com cuidado o excellente annuario d'instrucção pública por Mr. Delalain; alli encontrará um grande numero de melhoramentos na parte practica, os quaes tornarão a sua publicação mais completa e por conseguinte de mais utilidade.

E. VILLETARD.

NOTICIARIO.

O jornalismo em Paris. — Em agosto do corrente anno saiam dos prelos de Paris 510 jornaes ou publicações periodicas. Unicamente 40 tractam de assumptos politicos ou d'economia social; os 470 restantes são: jornaes litterarios, 95 — jornaes de modas, 47 — jornaes do commercio e da industria, 45 — jornaes scientificos, 45 — collecções de leis e de jurisprudencia, 39 — jornaes de medicina, 25 — publicações administrativas, 17 — jornaes d'agricultura, 14 — publicações bibliographicas, 14.

Na ordem chronologica, os dois jornaes mais antigos são a *Gazeta de França*, fundada no mez de maio de 1631, e o *Jornal dos Sabios*, que data de 1665.

Os titulos mais usados são: jornal, boletim, revista, annaes, monitor, correio. Contam-se 71 jornaes, 43 boletins, 33 revistas, 22 annaes, 17 monitores, e 10 correios.

Não ha especialidade que não tenha o seu jornal. Ha o jornal dos advogados, dos cabelleireiros, dos chapeleiros, dos commissarios de policia, da illuminação a gaz, etc. Emfim, todas as sociedades litterarias e scientificas têm por orgão alguma publicação periodica.

Movimento litterario na Allemanha. — 'Neste paiz foram publicadas as seguintes obras, desde o 1.° de janeiro até 31 de junho de 1857.

Encyclopedia; *sciencia litteraria* — 108[1]; theologia — 632; jurisprudencia — 279; medicina e veterinaria — 164; sciencias naturaes, chimica e pharmacia — 277; philosophia — 49; pedagogia, livros elementares allemães, gymnastica — 327; livros para a mocidade — 83; linguas classicas e orientaes, archeologia e mythologia — 157; linguas modernas, incluindo litteratura allemã antiga — 137; historia, com os seus auxiliares, biographia — 225; geographia — 87; mathematicas astronomia — 48; sciencia da guerra, estudos sobre a raça cavallar — 84; commercio e industria — 150; florestas, caça, mineração — 32; machinas, caminhos de ferro, navegação — 50; economia domestica e rural, horticultura — 163; bellas-lettras — 333; bellas-artes — 148; livros populares — 39; maçonaria — 6; miscellaneas — 127; mappas geographicos — 85[2].

[1] Estes algarismos indicam o numero das obras, e não dos volumes.

[2] 'Neste numero vão tambem incluidas todas as reimpressões e edições novas. Podem consultar-se na livraria do sr. Dardalhon, na rua de S. João em Coimbra, dous catalogos de todas as publicações.

PRINCIPAES ERRATAS DO N.° 17.

Pag. 206. *Linh.* 11 — *onde se lê* — modêlo cumpriu, dignamente etc. — *léa-se* — modelo, cumpriu dignamente etc.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
209	2.ª	34	Ao ceu, ao ceu, a mim unida,	Eia, ao ceu, a mim unida,
210	1.ª	10	Inda um momento se agarrasse á vida,	Mais um momento se agarrasse á vida,
»	»	34	Tu que a minh'alma confortavas,	Tu que ha pouco a minh'alma confortavas,
»	2.ª	53 e 54	Sobre os corpos dos mortos vem intrepios, Em novas filas arrostar com a mote...	Sobre os corpos dos mortos vem intrepidos Em novas filas arrostar com a morte...
211	»	6	Mais grata, que a sombra dos arbustos,	Mais grata, do que a sombra dos arbustos,
»	»	12	Como a cana que vergou!	Como a canna que vergou!
212	1.ª	23	E a descançar por fim cerrando os olhos	E descançar por fim cerrando os olhos
»	»	33	Expira voz, morre o canto; adeus ó anjo!	'spira a voz, morre o canto; adeus ó anjo!

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INSTITUTO DE COIMBRA.

Sessão de 12 de novembro de 1857.

No dia 12 de novembro reuniu-se o Instituto de Coimbra para proceder á eleição dos socios, que devem constituir a nova redacção. O sr. presidente mandou ler perante o Instituto uma carta, em que Mr. E. Laboulaye, membro do Instituto de França, nos termos mais delicados e lisongeiros para o Instituto de Coimbra, agradece a esta sociedade o tel-o nomeado seu socio honorario. O Instituto votou unanimemente, que a direcção respondesse a Mr. Laboulaye, como cumpria. Leu-se em seguida um officio do sr. dr. Adriano Machado, em que este digno membro da redacção menciona os collaboradores, que mais tinham cooperado para que o jornal se publicasse regularmente 'neste ultimo trimestre, collocando á frente d'elles o sr. dr. Antonio José Teixeira, que não só collaborou com artigos, mas tomou sobre si uma grande parte da redacção, e arranjo material do jornal. São tambem mencionados 'naquelle officio os sr.es F. A. R. de Gusmão, Adrião Forjaz, Jacome Sarmento, José Maria d'Abreu, Joaquim A. Simões de Carvalho, Marquez de Sousa Holstein. O Instituto decidiu que a todos se votassem agradecimentos.

Procedeu-se á eleição da redacção e sairam eleitos os sr.es:

Joaquim Augusto Simões de Carvalho
Luiz Albano de Moraes
Albino Augusto Giraldes.

O Instituto decidiu finalmente que se escrevesse a todos os socios correspondentes, que não tinham cumprido o artigo 13 do estatuto, lembrando-lhes, que a execução d'aquelle artigo é condição essencial, para que continuem a dizer-se membros d'esta corporação.

O sr. presidente fechou a sessão eram 2 horas da tarde.

O secretario do Instituto,
Jacintho Antonio de Sousa.

O ENSINO PRÁCTICO ELEMENTAR DE AGRICULTURA.

Trez grandes factos, comprehendidos, e habilmente desenvolvidos pela illustração do seculo XIX estão hoje transformando a physionomia da instrucção popular, e preparando uma era nova a todos os interesses sociaes.

A civilisação tem introduzido na sociedade exigencias novas, fecundas, e tendentes a melhorar a situação das classes menos abastadas.

Os conhecimentos agronomicos e industriaes são hoje tão indispensaveis para acudir ás necessidades da vida, acompanhando os progressos devidos á diffusão dos raios da sciencia, como o ler, escrever, e contar são necessarios a todos para exprimir o pensamento em todos os tempos e distancias, e regular a economia da sua administração familiar.

A eschola primaria é o meio mais prompto e efficaz de vulgarisar idêas, e firmar reformas de instrucção no povo.

Á propagação dos conhecimentos de agricultura práctica, e sciencias industriaes, começada na Allemanha muito antes, responde hoje a Inglaterra e a França com numerosas instituições populares d'aquelle genero; e, o que mais é, com vantagens admiraveis obtidas no limitado decurso de trez annos.

A eschola elementar é 'naquelles povos — o conductor das idêas ás grandes massas nacionaes; o manual e o periodico litterario, — os mestres dos professores, já iniciados 'nesses ramos de ensino público pelas escholas normaes; os premios e distincções, — o incentivo, que desperta e alenta o zêlo, e a salutar emulação entre mestres e entre discipulos.

'Nesta importante cruzada de verdadeiro progresso social, 'neste movimento intellectual da geração presente, empenhada em melhorar a que nos ha de succeder, a ninguem é já licito ficar parado. Ou acompanhar esse movimento scientifico e humanitario, ou segregar-se da communhão dos povos illustrados.

Algum passo temos nós já dado 'nesse caminho de reforma. Possuimos já manuaes de agricultura e geologia, de physica, chimica, e mechanica, elaborados sob programmas do Conselho Superior de instrucção, e premiados pelo governo: temos um jornal de agricultura habilmente redigido na segunda capital do reino, e primeira da liberdade: temos já feito exposições agricolas: mas para que o impulso

seja geral, regular, e energico cumpre organisar o ensino práctico elementar.

Na falta, em verdade deploravel, das escholas normaes, em que sejam instruidos professores de escholas ruraes e urbanas nesses novos ramos de ensino primario, sigamos o exemplo dado ha pouco pela França. Convidem-se os professores, por meio de premios, a inaugurarem o novo ensino. Em Portugal não haverá menos zêlo, nem menos estudo e dedicação. Baixe essa idêa da mais elevada região do poder; e, popularisada que seja, entre o novo ensino em seu andamento regular por meio das escolas normaes primarias. Nem se creia, que entre nós não haja alguns mestres de instrucção primaria capazes de imitar o que em França se fez com reconhecido proveito.

Já 'neste periodico, e no da Associação agricola do Porto, têm sido publicados alguns artigos, como para indicar o ponto de vista do ensino elementar da agricultura práctica. No jornal portuense ha collaboradores, que sabem como se escreve em agricultura para o vulgo ignaro. Aproveite-se um ou outro d'estes jornaes, que, sendo subsidiado pelo governo, e dirigido com a conveniente adaptação ao fim, póde ser o guia seguro para mestre e alumnos. Seja esse jornal distribuido gratuito por todas as escholas primarias; e assim despontará o gosto pelo primeiro ramo de industria, que occupa talvez mais de trez quartos da população.

No intuito de realisar a idêa, que recommendamos, ahi damos um *specimen* de artigos de agricultura práctica elementar, extraído de mui acreditado periodico estrangeiro.

Cultura da herva dos morangos.

Vamos, meus amigos, diz o professor, empregar esta manhã no estudo da cultura da fragaria, uma das plantas mais interessantes das hortas. Supponho eu que nenhum de vós despreza os excellentes fructos d'esta planta.

Tenho notado, senhor, diz um discipulo, que, ao lado da vossa horta de morangos em producção, tendes outra de plantas novas, que nada produzem. Porque é isto, senhor?

Para me não faltarem morangos, meus amigos. Todas as fragarias, de que se cultiva um grande numero de variedades, se assemelham 'num ponto; o anno da plantação nada produzem, ou quasi nada; o segundo anno pouco; o terceiro muito; no quarto começam a declinar. Se a extensão do meu jardim m'o permittisse, teria eu trez taboleiros de morangos, um do primeiro, outro do segundo, e outro do terceiro anno. Não podendo ter mais de dous, vou-me arranjando, não arrancando as plantas velhas, senão quando as novas produzem. Assim é que todos os annos tenho morangos, mais ou menos; mas nunca fico sem elles.

Mas dizei-me, que meio empregaes para serem os vossos morangos os mais bellos de todas as hortas da povoação, sendo vós quem déstes a planta para todas.

O meu processo, meus amigos, é lento, mas seguro: eu o descubro a todos os que tiverem paciencia de o practicar. Mas preciso de vos dar primeiro algumas explicações preliminares. O morangueiro multiplica-se sobre tudo pelos renovos, a que chamam *braços*. Vós sabeis, que, exceptuando uma especie, a qual plantei em roda dos canteiros do jardim, todos os morangueiros produzem uma superabundancia de *braços*, que vão enraizando de distancia a distancia, pegando-se ao terreno, e dando novas plantas. A unica, que não dá braços, chama-se porisso *morango-arbusto:* este multiplica-se por divisão de suas moutas. Ora, quando se quer conservar a boa especie em toda a sua pureza, não é por meio dos *braços*, que se hade multiplicar, mas por sementeira, escolhendo os fructos mais vistosos, e na madureza mais perfeita. No primeiro anno obtêm-se unicamente plantas muito pequenas; e só no terceiro anno dão fructo. Plantam-se os melhores pés em bom terreno, bem estrumado, em distancia que se possam estender os braços, enraizar, e dar as plantas necessarias á renovação completa da horta. Esta renovação, operada cada seis annos, mantem a variedade na plenitude dos seus dotes. Tudo isto não requer mais que paciencia.

Ha muitas mais variedades de morangos do que as que tendes no vosso jardim?

De certo, meus amigos. Dir-vos-hei que ha 30 annos se tem feito na cultura do morangueiro uma verdadeira revolução. Primitivas ha só trez especies, duas da Europa, e uma da America. Os europeus aqui os tenho ambos; differem sensivelmente um do outro. O mais vulgar é o dos Alpes, chamado das quatro estações. O seu fructo é oblongo, bello, rubro, e o melhor pela fragrancia e finura de gosto; ha d'elle uma variedade de fructo branco: o pequeno morango silvestre redondo é subvariedade da mesma especie: o segundo morango europeu é mais conhecido pelo nome vulgar de morango-grande. Tenho d'elle alguns pés só para conservar a especie; porque dá pouco lucro, não dando fructo os pés machos, e occupando d'essa arte terreno inutil.

O morangueiro da America differe muito do da Europa?

Na grandeza, forma, e verde lustroso de sua folhagem assemelha-se ao nosso morango-grande. Em alguns o fructo chega a proporções enormes. A maior especie conhecida é a do Chili, cujos fructos enchem uma medida de *litro* com trinta até quarenta.

Todas as subvariedades, em numero de mais de cem, que hoje figuram nas collecções, têm sido obtidas nos Estados-Unidos, na Europa, e mormente em Inglaterra, por habeis jardi-

neiros: uma só, o escarlate de Virginia existe na America em estado selvagem, como existe em nossos jardins. Na Belgica, principalmente nos arredores de Liége e de Namur, não se cultiva ha mais de um seculo senão o escarlate de Virginia, cuja cultura se não tem vulgarisado no resto da Europa, porque não se reproduz a planta.

O morangueiro de origem americana reproduz-se?

Não, meu filho, todos os esforços têm sido inuteis para obter o morango grande como o da America, e reproductivo como o dos Alpes: o que fizesse essa conquista teria feito a sua fortuna. No emtanto em roda de Paris vêem-se campos de morangueiros não reproductivos. Os dous primeiros annos da plantação, como nada ou pouco dão, aproveita-se o intervallo entre os pés para cultura de couve e alhos, até que elles encham a terra toda, e então pagam bem toda a despeza. Eu aqui só tenho alguns dos melhores. Eis aqui a *rainha ingleza* de fructo redondo, e gosto delicado: o escarlate de Virginia egualmente redondo, e conhecido pela côr especial do fructo, e a de sua folhagem levemente azulada: o morango de Deptford, de bella côr rubra, ponteagudo, um dos melhores, que tem Inglaterra: o morango branco de Bicton, de gosto raro: e o morango Goliath quasi tão volumoso como o do Chilí. Não preciso dizer-vos que não comprei a collecção, que tenho no meu jardim. Deram-m'os; e dos que multiplicam por vergonteas não é grande favor a dádiva, porque muitas d'ellas, por demasiadas, inutilisam-nas os jardineiros: um só pé basta para com o tempo plantar um campo.

Senhor, diz um menino, o morangueiro, que vem de tão longes terras dá-se bem em toda a parte?

Sim, meu amigo; Deus lhe deu, assim como a todas as plantas uteis ao homem, grande elasticidade de temperamento. O morangueiro tanto produz no norte como no sul, no poente como em o nascente. Na Suecia, que é o clima mais agreste, é onde se comem mais morangos. Affirma-se até (mas eu não posso assegural-o) que na Groelandia, debaixo do circulo polar, é onde ha os melhores. O morangueiro, que cresce, e fructifica debaixo de tal temperatura, e que se encontra no declive das montanhas dos paizes mais calidos, é, não duvidareis, uma das mais rusticas entre as plantas cultivadas para uso dos homens.

Disseste, senhor, que o morangueiro é uma das plantas mais uteis; eu não a tinha senão por muito agradavel.

Foi de proposito que eu a qualifiquei de muito util. A sua raiz é muito usada na medicina; o seu fructo comido por muito tempo allivia da gotta; e póde até cural-a. Para individuos de vida sedentaria, é um preservativo contra molestias provindas da falta de exercicio. Já vêdes — que não é só agradavel, é util.

Occupemo-nos agora da cultura do morangueiro; vereis que não é muito complicada. Faz-se plantação das vergonteas em julho, por tempo humido, ou nublado ao menos: aproveitam-se as vergonteas primeiro formadas, e d'estas as mais proximas da planta mãe. A terra, bem cavada e estercada, será aplainada, para que a superficie fique bem egual, e depois coberta de uma camada delgada de palha comprida para manter a frescura da terra, e favorecer a péga das novas plantas. Mais val plantar de tarde que de manhã; e deve regar-se em todo o tempo sècco. Na primavera do primeiro anno é preciso cortar as vergonteas, que, tirando forças, privariam a planta de florir e fructificar no anno seguinte. A plantação por semente, quando se recorre a este excellente meio de renovar a horta, faz-se de seis em seis annos, e ás vezes mais tarde. Durante este periodo deve a plantação ser renovada por meio das vergonteas ou braços, uma ou mais vezes. Esta plantação faz-se com os braços do segundo, ou terceiro anno.

Em que distancia devem ficar os morangueiros?

É confórme a especie, e a força do terreno, que influe no vigor das plantas. Em geral em bôa terra de jardim, de fertilidade mediana, põem-se a distancia de 0,^{m}25 a 0,^{m}30 em todos os sentidos. As especies não reproductivas requerem a distancia de 0,^{m}40 a 0,^{m}50, com excepção do escarlate de Virginia, que se cultiva como o dos Alpes.

Continúa. M.

MEMORIA

Sobre os inconvenientes da cultura dos arrozaes, em relação á saude pública. — impropriedade d'esta cultura no concelho da Louzã, districto de Coimbra.

Continuado de pag. 199.

Á vista do que fica exposto, e d'outros muitos factos, uns que referem os auctores, e que por brevidade ommitti, outros que entre nós se observam todos os annos, temos por certo, que nem o mais robusto e obstinado pyrrhonismo se atreverá a negar, de bôa fé, a nocividade dos arrozaes; e que só a ignorancia, ou a má fé, podem pôr em dúvida essa nocividade.

Mas sendo tão productiva a cultura do arroz, não haverá meios d'obstar á sua nocividade? São trez os meios, que eu saiba, que se têm proposto para obstar a este gravissimo inconveniente: 1.° cultivar o arroz de montanha, que só precisa ser regado como outra qualquer planta; 2.° não consentir agua esta-

gnada nos taboleiros; 3.° desfazer as motas e lavrar as terras logo depois da colheita do arroz.

O arroz de montanha, ou de sequeiro, como lhe chamam vulgarmente, é uma variedade do—*oryza sativa*, e não uma especie differente; e só prospera em condições analogas áquellas, em que prosperam as outras variedades. Segundo alguns auctores prospera na Cochinchina, aonde com as chuvas quotidianas o terreno está encharcado d'agua. Em Portugal é um ente de imaginação, inventado para enganar o povo. O segundo meio é inexequivel; porque, ou o arrozal ha de ter agua, ou a seara não produz. Além d'isso pondo-se em práctica, póde produzir o effeito opposto, ao que se deseja, como já disse; porque como os taboleiros são horisontaes, a agua não se escôa toda; ficam sempre algumas polegadas d'ella, e como é pouca, mais facilmente se corrompe com os calores do sol, e a evaporação se torna mais activa, e mais pestilenta pela concentração das materias em putrefacção. O 3.° é mais do que insufficiente, é irrisorio; depois da evaporação dos arrozaes por trez ou quatro mezes, é que se pretende obstar a essa evaporação, por meio da lavoura das terras? Se não é má fé, é um erro grosseiro.

O unico meio para obstar á nocividade dos arrozaes é não consentir, que se semêem juncto á povoação, mas sim a grandes distancias: conhecendo primeiro bem as condições locaes, como os ventos que reinam no verão e no outono; a posição das povoações em relação aos arrozaes e ás correntes atmosphericas; não consentir que os trabalhadores vão para o arrozal antes do nascer e depois do pôr do sol; e finalmente não permittir, que andem extenuados pela fadiga e pela fome, dando-lhes bôa e sufficiente comida, e algumas bebidas alcoolicas, poucas e de bôa qualidade, com especialidade vinho.

Depois que se cultiva arroz 'neste concelho, por algumas observações, que tenho feito, inclino-me a que a planta do arroz é por si mesmo nociva, e que os arrozaes não são só prejudiciaes á saude como pantanos. O cheiro particular nauseabundo, que lançam os arrozaes, que algumas pessoas d'olfato delicado sentem a grande distancia, e lhe produz violentas dores de cabeça; a orticaria, que se desenvolve nas partes nuas das pessoas, que andam na monda do arroz, ou o manêam depois de ceifado; o cheiro particular muito incommodo, que lança o arroz no celleiro antes de descascado; e finalmente o cheiro que exhala a palha do arroz, quando começa a apodrecer, differente do que lança a palha dos outros cereaes, em eguaes circumstancias, me fazem inclinar ao que acima digo. Se tivermos occasião, continuaremos estas observações.

Á vista do que fica exposto, e que ninguem de bôa fé poderá negar, vê-se que é erronea a opinião dos que sustentam, que deve ser permittido a todos semear e cultivar arroz, em qualquer parte que queiram; e que não deve haver vistorias nem licenças. Como poderá o governo, ou as auctoridades, saber se ha ou não prejuizo em semear arroz em tal ou tal logar, se não mandar vistoriar os terrenos por homens probos e intelligentes? Acaso não terá o governo obrigação de promover o bem da maior parte, se não de todos? Dever-se-ha entender a liberdade em sentido tão lato, que se permitta tudo a todos? O que é bom, convenho que se deve permittir; mas, o que é máu, deve-se prohibir: o contrario é um principio subversivo de toda a ordem, e de toda a sociedade.

Não é forçoso que todos os povos de Portugal cultivem as mesmas plantas. Os que habitam em terras improprias para a cultura do arroz, sujeitem-se a perder o beneficio, que d'elle lhes podia resultar: e o governo deve obrigal-os a trocar um bem menor por um incomparavelmente maior. Agora em quanto ás licenças é minha opinião, que sejam gratuitas: talvez que, se o tivessem sido, se não tivessem dado tantas com gravissimo prejuizo dos povos.

Tambem é falsa a opinião dos que sustentam, que a prohibição da cultura do arroz em terras improprias priva o povo d'um bem certo por um mal incerto. O contrario é que é a verdade. O bem, que é o producto da seara, é incerto, porque póde a seara deixar de produzir por muitos motivos: e o mal é certo, porque é certa a evaporação pantanosa, e sua acção morbifica sobre a economia. É uma perversidade enorme matar certos cidadãos nas torturas da doença e da fóme, a troco do lucro, que podem dar os arrozaes a meia duzia de proprietarios: é uma iniquidade (e não sei se diga uma rematada loucura) tornar de proposito terras saudaveis em fócos d'infecção; e promover assim as epidemias. A meus olhos é menos culpado e menos máu o salteador, que põe o passageiro na alternativa da bolça ou da vida: e as auctoridades devem ser responsaveis perante Deus e os homens, se consentirem a cultura de planta tão nociva juncto d'alguma povoação.

Este concelho da Louzã é muito povoado; os logares tocam uns nos outros; tem poucos baldios; e confina com os concelhos visinhos por logares tão proximos, que não distam em algumas partes os dos differentes concelhos uns dos outros cem passos. Os logares das margens do Ceira, e da ribeira d'Arouce são doentios, como já disse; principalmente o de Fóz d'Arouce, por ser baixo, pantanoso, e fazer-se alli grande cultura de linho. Ora se os arrozaes são verdadeiros pantanos; se são tão nocivos á saude; se o arroz só se deve culti-

var em terras muito distantes de povoado; que concelho menos proprio para tal cultura do que o da Louzã?

Creio que tenho provado aquillo a que me propuz, pelas auctoridades, pela theoria, e pela experiencia. Agora para terminar este escripto, já excessivamente longo, direi, que o que até aqui fica exposto são em resumo os motivos por que me oppuz á cultura do arroz 'neste concelho, e por que prognostiquei uma epidemia, que desgraçadamente se verificou. Porém a minha debil voz ficou abafada pela ambição e avareza; prevaleceram as considerações pessoaes á saude pública; mas sentiram-se depois bem distinctamente os gemidos da doença, e os gritos da raiva, da fome e da miseria. Já se não dirá, que sou ou nimiamente medroso, ou tão invejoso, tão odiento, que quizesse só por tão indignos motivos oppor-me á cultura da planta mais productiva entre nós. Praza ao Céu que depois d'experiencia tão triste, os proprietarios se tornem mais humanos e suffoquem a sua ambição e avareza em favor do povo: e que o sr. Governador Civil casse a licença concedida, e termine taes envenenamentos 'neste concelho; e se o não fizer, teremos, e terá o desgosto, nós de presenciar, e elle de saber, que se passam scenas analogas, ás que têm occorrido em outros concelhos por eguaes motivos. Deus permitta que me engane.

Louzã, 12 de abril de 1856.

DR. J. F. DA SILVA PINTO.

PRELECÇÕES DE DIREITO PUBLICO INTERNO DE PORTUGAL

PELO

Lente de leis na Universidade de Coimbra

Ricardo Raymundo Nogueira.

PREFACIO DO EDITOR.

Ricardo Raymundo Nogueira, filho do Dr. Luiz Nogueira, e de D. Floriana Theotonia Barreto, nasceu no Porto em 31 d'agosto de 1746. Em 24 de maio de 1765 completou a sua formatura na faculdade de leis, a qual frequentára com tanta distincção que o marquez de Pombal, desejando mostrar a sua alteza, o conde de Lippe, um espectaculo litterario glorioso para o nosso paiz, escolheu o joven Ricardo Raymundo para os exames e ostentações que precedem o doutoramento.

Acabados os estudos, regressou á sua terra natal, onde como advogado da feitoria ingleza mostrou notavel aptidão para a carreira forense. Ahi se conservou até que em 30 de septembro de 1772 voltou a Coimbra na qualidade de oppositor ás cadeiras da sua faculdade, e tomou o habito da ordem de Sanct'Iago, professando no collegio das trez ordens militares d'esta cidade. Então era já tão afamada a sua reputação, que, apesar de ter pouco mais de 26 annos d'edade, foi nomeado membro da juncta de fazenda da Universidade, e d'ahi a alguns mezes (9 de junho de 1773) deputado da inquisição de Coimbra.

Não podémos averiguar em que data foi despachado substituto da faculdade de leis; mas consta, que em 29 de janeiro de 1790 fôra promovido á classe de proprietario, começando pela regencia da 1.ª cadeira de Instituta, da qual passou em 1795 para a de Direito Patrio.

Dois despachos mais acabam a historia das suas promoções universitarias; que são o de bibliothecario da livraria da Universidade (13 de maio de 1798), e o de quarto lente da sua faculdade em 4 de maio de 1800.

O reconhecido merecimento do sabio professor grangeou-lhe o logar, então muito importante, de reitor do collegio dos nobres (2 de janeiro de 1802), de membro do governo do reino (7 d'agosto de 1810), de vogal da juncta creada pelo sr. D. João VI para formar um projecto de constituição da monarchia (19 de junho de 1823), chegando por fim ao eminente cargo de conselheiro d'Estado (4 de junho do dicto anno).

Nogueira havia principiado tambem a carreira ecclesiastica, recebendo a ordem de subdiacono em 15 de junho de 1788, e teve depois a cadeira doutoral da Sé de Elvas, e posteriormente uma na de Evora. Foi censor régio e socio livre da academia real das sciencias de Lisboa.

O dia 7 de maio de 1827 foi o ultimo d'uma existencia tão gloriosa, e benemerita da Patria.

O breve esboço da vida d'este sabio, que traçamos á face d'um folheto do tão conhecido José Agostinho de Macedo [1], bastará para fazer desejada a publicação das suas producções litterarias.

Temos á vista um manuscripto que contém as prelecções de Direito Patrio de Ricardo Nogueira, e consta de trez divisões. Na 1.ª expõe as noções preliminares d'este Direito, que se reduzem a uma historia das nossas collecções, e á bibliographia da jurisprudencia nacional. Na 2.ª appresenta-nos o Direito Público interno de Portugal. Na 3.ª explica as ordenações do reino, seguindo ordinariamente a ordem dos titulos. Infelizmente esta 3.ª parte não passa do livro primeiro das referidas ordenações, e é natural, que não passassem além as prelecções d'este professor, porque era impossivel no espaço d'um anno e em uma só cadeira, que então havia para o

[1] Elogio historico do Illustrissimo e Excellentissimo Ricardo Raymundo Nogueira, conselheiro d'Estado, por José Agostinho de Macedo: Lisboa Impres. Régia 1827.

*

estudo do Direito Patrio, ensinar todas as materias, que 'neste Direito se comprehendem e que hoje se acham distribuidas por 9 cadeiras. As prelecções do referido Direito deviam ainda abranger o processo, mas esta parte, que era a 4.ª no programma de Ricardo Nogueira, falta absolutamente no manuscripto, e é provavel que faltasse tambem na leitura do anno.

Das trez divisões, que existem, principiamos a publicar a 2.ª pela predilecção, que nos merece o estudo do nosso antigo Direito Público. O mesmo auctor, dizendo a seus discipulos a razão por que não principia por este Direito, allega uma razão de methodo didactico, e outra de ordem estabelecida nos Estatutos, dous argumentos, que nos não pódem prender a nós. As *prelecções de Direito Público* formam uma obra, a todos os respeitos independente das outras, e podem saír sós a lume sem offensa do systema seguido pelo auctor.

Com isto não queremos esquivar-nos a fazer conhecidas as outras partes existentes das prelecções de Ricardo Raymundo. Ao contrario, esperamos que nos não detenha o tedio que produzem os trabalhos inglorios de editor, e que nos dure o animo de concluir a publicação d'estas prelecções, segundo as achamos manuscriptas na bibliotheca da Universidade.

Não podemos dizer se esta obra foi copiada d'algum escripto do auctor, se redigida por algum de seus ouvintes que lhe houvesse tomado nota da explicação. A quem a lêr, parecerá mais provavel a primeira conjectura. A divisão regular da obra em partes e capitulos, as notas, que ás vezes encontramos sem geito de terem entrado na prelecção, e o correcto do estylo, apesar da singeleza propria da dicção didactica, parecem inculcar, que este trabalho foi ordenado pelo proprio auctor, com o intuito de o publicar, se as agitações da politica, em que depois se emmaranhara, o não houvessem impedido de o corrigir com mais vagar, segundo o exigiam a reputação de suas lettras e a gloria de seu nome.

Para mais o pensarmos assim, concorreu termos ouvido a um illustrado jurisconsulto d'esta cidade, que ainda conheceu Ricardo Raymundo, que este projectára reduzir a systema o Direito Portuguez, e ficára desgostoso quando viu, que Paschoal José de Mello o prevenira na execução do seu plano.

Não nos atrevemos, porém, a dar por infallivel esta conjectura. Ha na bibliotheca da Universidade varios manuscriptos contendo as recitações de diversos professores de Direito Patrio. É natural que muitos d'estes trabalhos, e talvez o de que nos occupamos, fossem fructo da diligencia ou especulação d'alguns apontadores das aulas, por ventura auxiliados pelos proprios lentes. Na mesma bibliotheca ha umas lições d'outro professor, escriptas pela mesma lettra d'estas.

O tempo em que foram feitas as prelecções, que possuimos, de Ricardo Raymundo, julgamos ser o anno lectivo de 1795 a 1796. Deixando muitas razões que favorecem esta conjectura, allegaremos sómente o argumento seguinte:

Na 1.ª parte das suas prelecções (onde se tracta, como já dissemos, das noções preliminares do Direito Patrio) encontramos um trecho que diz: « Seguiu a vereda opposta o « auctor de um livro que appareceu *ha cousa « de* 14 *annos* (*em* 1781) » etc. D'aqui se vê que estas palavras foram proferidas em 1795, mas não o podiam ser no lectivo de 1794 a 1795, porque havendo sido este professor nomeado para reger a cadeira de Direito Patrio quasi ao findar o tempo das lições do referido anno lectivo, [1] não havia de encerrar o curso de Direito Patrio, com as noções preliminares d'elle, que era por onde Raymundo e seus predecessores costumavam principiar, como era natural. D'aqui se vê que estas lições não podem deixar de pertencer ao anno de 1795 a 1796.

Em quanto ao merecimento da obra que o *Instituto* vae publicar, cada um dentro em pouco o poderá apreciar por si. Permitta-se-nos, porém, lembrar em abono do sabio professor, que a não devemos avaliar pelo estado em que se acham hoje os conhecimentos historicos e politicos. Cumpre tambem não esquecer, que tendo Ricardo Raymundo de abranger nas lições d'um só anno todo o Direito Portuguez, não podia deixar de ser ommisso em algumas materias, e menos demorado em outras que pediam mais extenso commentario. Apesar d'alguns defeitos da obra, conheceremos, pelo estylo e pelo gosto com que é tractado o nosso Direito Público interno, que Ricardo Raymundo era um digno companheiro do insigne litterato Antonio Ribeiro dos Sanctos, e um illustre sectario da bella eschola que entre nós fundaram o talento e erudição de Paschoal José de Mello [2].

A. M.

INTRODUCÇÃO.

O Direito Público é aquelle que prescreve os officios das sociedades civis.

Os homens formaram républicas para viverem seguros debaixo de um imperio commum. Esta associação de individuos formou um novo corpo moral, o qual por consequencia ha de ter certos direitos e obrigações proporcionadas á sua natureza, e aos fins de sua instituição.

[1] A data d'esta nomeação é de 4 d'abril de 1795, mas bem póde ser que o nomeado não entrasse logo a reger a cadeira de Direito Patrio.

[2] A publicação das obras de Paschoal principiada em 1788, foi ultimada em 1794.

Ora um imperio póde considerar-se de duas maneiras; ou em si mesmo, ou com respeito aos outros imperios. E em razão d'estas diversas relações, é necessario que tenha tambem diversos direitos e obrigações, dos quaes uns são internos, e procedem do vinculo social que une os cidadãos entre si mesmos, e da obediencia que elles devem prestar ao imperante que designaram para os governar, e suppõem sempre sujeição; outros nascem da egualdade natural, que uma nação tem com as outras, estando entre si nas mesmas circumstancias, em que estão os homens no estado de pura natureza, e suppõem independencia.

Além disto, tanto uns como outros d'estes officios, podem proceder de uma de duas fontes; a saber, ou da mera e absoluta lei da natureza, ou da vontade dos socios, e dos pactos que elles celebraram entre si mesmos ou com outras nações.

Façamos isto mais claro com alguns exemplos.

De nação a nação. A conservação da paz, o não se offenderem, o beneficiarem-se, são preceitos da lei natural, a que todas as nações são obrigadas, sem dependencia de algum pacto ou convenção.

Mas a liberdade do commercio, o uso de suas leis, concedido aos extrangeiros no nosso territorio, a prestação de certos auxilios, etc., não nascem do mero Direito Natural, mas são consequencia de pactos e tractados que as nações celebraram entre si.

Dentro da cidade. A obediencia ao soberano, o cuidado que este deve ter em promover a conservação, e melhoramento de seu imperio, etc., são leis geraes de todas as sociedades civis, inseparaveis da sua natureza, e do fim para que foram instituidas.

Pelo contrario, pertencem á constituição e indole particular de cada Estado a fórma do imperio, a ordem da successão, o systema da magistratura, a distribuição dos impostos, a administração das rendas públicas, e em geral tudo quanto diz respeito á sua particular natureza, e comprehende os officios especiaes entre os subditos e o imperante, e entre os mesmos subditos reciprocamente uns para os outros.

Estas divisões formam outros tantos ramos diversos de Direito Público. Aquelle de que usam as nações entre si chama-se *Direito das Gentes,* ou *Publico Externo,* e subdivide-se em *Natural* ou *Absoluto,* quando vem de mero Direito Natural e *Pacticio* ou *Hypothetico,* quando nasce da convenção expressa ou tacita das nações.

O que se refere aos officios do imperante e dos subditos, chama-se *Público Interno,* e se subdivide tambem em *Universal,* que é commum a todos os imperios, e *Especial* que é proprio a cada um d'elles.

Os principios geraes do Direito das Gentes e do Público universal, são alheios do nosso instituto, e se apprenderam já no primeiro anno do curso juridico. Toca-nos pois fallar unicamente do Direito Público interno de Portugal.

No Direito Público interno ou economico de uma nação, ha duas cousas que averiguar. 1.° Em poder de quem está o summo imperio. 2.° De que maneira exercita o soberano os direitos magestaticos no governo e direcção do Estado que administra. Segundo esta divisão, serão duas as partes do presente Tractado: 1.ª Fórma e constituição do imperio portuguez; 2.ª systema da sua administração, e organisação das partes de que elle se compõe.

Continúa.

INCENDIO DE ROMA PELOS GAULEZES.—INCENDIO DE ROMA POR NERO.

(19 DE JULHO.)

> Fuere qui annotarent, XIV. Kalend. Sextiles principium incendii hujus ortum, quo et Senones captam urbem inflamaverant.
>
> TACITO.

O rapto d'Helena deu causa á guerra de Troia. A seducção de Cava originou a invazão dos Sarracenos na Hespanha. A deshonra d'uma dama etrusca produziu a tomada de Roma pelos Gaulezes.

Será isto um romance?

O pupillo Lucumonte, abusando da hospitalidade do seu tutor Aruns, cidadão de Clusium, [1] levou o esquecimento dos seus deveres a ponto de lhe seduzir a esposa.

Aruns recorreu aos tribunaes, requereu ao senado a punição do pupillo, a vindicta das leis foi-lhe recusada, a patria negou-lhe justiça.

Que fazer? Matar o seductor? Não o havia feito no principio. Esquecer a injuria? Era muito grande para ser esquecida.

D'além dos Alpes havia um povo de corpos herculeos, physionomias ferozes, grenha comprida e hirsuta.

Barbaro—arrasava todas as cidades e grandes povoações que conquistava.

Cruel — suspendia as cabeças dos inimigos pelos cabellos ás crinas dos seus cavallos.

Sobrio — os seus manjares eram a carne e o leite dos seus rebanhos,—a cama de regalo, as pelles dos seus animaes, estendidas sobre a terra.

Este povo eram os Gaulezes Senonenses. Apontando-lhe a Italia, mostrando-lhe as suas riquezas e o que ella produzia, não viria elle arrazar os muros de Clusium? Não seria vingada a affronta do cidadão?

Aruns não hesita, o filho vilipendiado trans-

[1] Clusium — hoje Chiuzi na Toscana, patria de Miguel Angelo.

formou-se em parricida. Prepara um valioso presente dos mais saborosos vinhos e azeite, que encontrou, reune-lhe alguns açafates de fructas seccas, e marcha a encontrar-se com os Gaulezes.

« Segui-me, lhes diz elle, a terra que produz tão excellentes cousas, vos obedecerá, porque é habitada por uma raça d'effeminados. »

Os barbaros não duvidam: homens, mulheres, crianças põem-se em marcha para o paiz, onde tão mimosos productos se creavam, e dentro em pouco um exercito de inimigos não conhecidos estacionava em roda dos muros de Clusium.

A alliada dos romanos estremece, pede soccorro, e a altiva do Tibre, julgando que o seu nome bastaria a afugentar os barbaros, envia como embaixadores ao campo dos Gaulezes 3 Fabios, filhos do Pontifice Ambustus.

« Com que direito fazeis a guerra aos Clusios? » Perguntaram estes.

— « Com o mesmo direito, com que vos apossastes dos Fidenates, dos Sabinos, dos Albanenses, dos Equos, e dos Volscos. » Respondeu Breno, o terrivel chefe dos cercadores.

Tudo estava dicto; mas os Fabios, em vez de levar esta resposta ao senado romano, entraram na praça e passado pouco tempo esquecidos do character, que os revestia, saíram 'numa sortida á testa dos defensores de Clusium.

Breno viu e conheceu distinctamente um d'elles, Q. Fabio; e como a violação do direito das gentes era manifesta, mandou pedir a Roma a entrega do culpado.

Entregar aos barbaros um filho de tão nobre familia! Não o consentiu o povo. Fizeram mais os de Roma — nomearam os trez Fabios tribunos militares, e quando os enviados dos Gaulezes exigiram a ultima resposta, — responderam-lhes que nenhum cidadão podia ser citado ante o tribunal, em quanto durava a magistratura de que elles se achavam investidos.

A guerra foi immediatamente declarada, e logo que a insolita resposta chegou ao campo dos Gaulezes, levantaram o cerco de Clusium, e marcharam contra a soberba Roma.

No dia 16 de julho, a poucas milhas da cidade, no sitio, em que o Alia, descendo das montanhas se precipita no Tibre, derrotaram o exercito romano, que na força de 40:000 homens, lhe havia saido ao encontro.

Nos dias 17 e 18, em quanto os barbaros, embriagados com a victoria, devastavam todo o paiz, que se estendia desde o Alia ás immediações de Roma, era a cidade abandonada.

Parte do povo retirou-se para Veios com o que pôde levar dos seus haveres, parte encerrou-se com os thesouros no capitolio, munindo-se de provisões para uns poucos de mezes.

Só no Forum, vestidos de galla, e assentados nas suas cadeiras curues, ficaram oitenta sacerdotes, e alguns velhos patricios, dispostos a lavar com o seu sangue a affronta da patria.

No dia 19 quando os barbaros entraram pela porta Collina, e se dirigiram ao Forum atravessando uma cidade deserta, viram, quaes phantasmas povoando um cemiterio, os anciões immoveis nas suas cadeiras. Por um momento tomados de respeito, detiveram os passos; mas, dentro em pouco, vendo que eram homens e não deuses, immolaram nas aras romanas os unicos, que tinham tido coragem de se offerecer ao sacrificio com a resignação d'heroes.

Fôra o signal da destruição. Roma, perdendo-os, não podia esperar mais nada. D'ahi a horas campeava a devastação e o roubo em todos os angulos da cidade; em todos elles tambem se sentia o crepitar das chammas, que em breve tempo a haviam de reduzir a cinzas!

Foi isto no dia 19 de julho, aos 365 annos da sua fundação.

Mysterios da providencia, quem vos decifra?

Esses, que do alto do Capitolio viram com as lagrimas nos olhos e as imprecações nos labios a cidade inteira abrazada; esses, que ao som terrivel do — *vae victis* — sete mezes depois compraram a liberdade a pezo d'ouro 'numa balança, em que carregava a espada de Breno, esses poderiam acazo dizer que a grande catastrophe havia de ser a origem d'outra 450 annos depois?

Certissimamente não. Pois foi. D'ahi a 450 annos, aos 815 da fundação de Roma, e 64 depois de J. Christo — no mesmo dia 19 de julho, — Nero, o monstro coroado, o assassino, pelo ferro ou pelo veneno, do irmão, da mãe, da tia e da esposa; o primeiro perseguidor dos christãos; o incensador de todos os vicios; o tyranno de praguejada memoria, lançava o fogo a Roma, sob pretexto, de que a cidade, que se havia levantado á pressa depois do incendio dos Gaulezes — era estreita e acanhada de mais para capital do mundo!

Crueldade nunca vista!

Depois que o fogo por espaço de seis dias e sete noites, estendendo-se como imagem infernal desde o monte Palatino até ás extremidades dos Esquilios, devorou os templos, palacios, porticos, e jardins d'aquella Babylonia, — Roma, a nova Phenix, resurgiu das suas cinzas, mais larga, mais esbelta, mais alinhada, mais propria a desvairar os olhos.

Resurgiu: — mas por baixo de tanto ouropel, envoltos e consumidos pela lava do incendio, estavam perdidos para a patria os despojos de todos os povos do universo, as obras primas dos pintores e estatuarios da Grecia, todos os escriptos e monumentos d'um passado glorioso.

Resurgiu: — mas atraz do palacio d'ouro do tyranno estavam as sombras ameaçadoras dos que foram victimas das chammas; estavam as extorsões e violencias, que se fizeram em toda

a Italia para supprir ás novas construcções de Roma;—e Nero, como se os remorsos lhe não pesassem, tripudiava, como as bachantes, ante o espectaculo de tanta miseria!

A. X. R. CORDEIRO.

NOTICIA BIOGRAPHICA

DE

Vicente Antonio Esteves de Carvalho.

Nasceu no logar do Tortozendo, concelho de Covilhã, em 15 d'Outubro de 1779. Foram seus páes João Lopes Alves Ferreira e D. Rosa Maria Angelica.

Entrou na Universidade de Coimbra em 1797, formando-se na faculdade de leis em 1802.

Foi despachado juiz de fóra de S. Vicente da Beira em 1810, e a 18 de fevereiro do mesmo anno, nomeado socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa.

Desempenhou o logar de juiz de fóra de S. Vicente da Beira, com intelligencia e probidade, por espaço de quatro annos, sendo, ao cabo d'elles, nomeado, por provisão de 7 de setembro de 1815, ajudante da superintendencia geral dos provimentos de bôcca da provincia da Beira-Baixa, emprego que exerceu poucos mezes, porque falleceu, então, em edade de 36 para 37 annos.

Publicou:

Memoria sobre a origem e progressos da Emphyteuse, e sua influencia sobre a Agricultura em Portugal. —Por Vicente Antonio Esteves de Carvalho. Lisboa. Na Impressão Regia. Anno 1814. Com Licença.—4.°

Observações Historicas, e criticas sobre a nossa Legislação Agraria, chamada commummente das sesmarias. Por Vicente Antonio Esteves de Carvalho, Bacharel formado em Leis, e Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa. Na Impressão Regia. Anno 1815. Com licença — 4.°

Reflexões Philosophicas sobre a origem e primeiros progressos da Propriedade. Por Vicente Antonio Esteves de Carvalho.—Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1815. Com licença.—4.°

Deixou ineditas outras interessantes memorias, como consta da *Historia e memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*— Tom. IV, parte II, pag. XXI, onde se acha a menção seguinte:

« Lêu o sr. Vicente Antonio Esteves de Carvalho uma memoria intitulada *Ligeiro Quadro das nossas Leis da Amortisação*, rica de noticias, e de reflexões de grande peso.»

Do discurso recitado na sessão pública de 24 de junho de 1816 pelo vice-secretario Francisco de Mello Franco, e impresso na *Historia e Memorias da Academia Real das Scienoias de Lisboa* — tomo V, part. I, consta egualmente o seguinte:

« Leram-se algumas interessantes memorias do sr. Vicente Antonio Esteves de Carvalho sobre os conhecimentos d'alguns dos nossos jurisconsultos a respeito do direito das Gentes. »

Antonio Joaquim de Gouvêa Pinto, dá tambem noticia de outro trabalho pela maneira seguinte:

« Vicente Antonio Esteves de Carvalho, juiz de fóra, que foi, em S. Vicente da Beira, nas suas *Noticias*, que se imprimiram *no Jornal de Coimbra* (— n.° 41, pag. 210 — p. 2), concernentes á creação dos expostos, além de nos dar excellentes idêas para nos convencermos da necessidade, que ha de olhar para este importantissimo objecto com olhos de verdadeiro interesse e humanidade, nos transmittiu a noticia de algumas ordens da intendencia geral da policia, as quaes por não existirem impressas, e só em registos de camaras, d'onde as extrahiu, podem servir de muita utilidade a este mesmo objecto, uma vez que se observem; e de que por isso faço menção no corpo d'esta obra [1] »

R. DE GUSMÃO.

NOTICIARIO.

Transfusão do sangue.—Mr. Wheatcrost, cirurgião em Cannock, acaba de practicar a interessante operação da transfusão do sangue na pessoa d'uma mulher, por nome Wood. Tendo-lhe apparecido uma hemorrhagia terrivel, logo depois do parto, a infeliz estava moribunda, e tinha já dicto o ultimo adeus a seu marido e a sua familia, quando Mr. Wheatcrost se resolveu a abrir-lhe a veia e tambem a do esposo. Injectando na moribunda 17 onças do sangue colhido no homem, a circulação restabeleceu-se; a côr e calôr reappareceram nas faces da doente; os olhos reanimaram-se; a voz recuperou mais força; e tudo caminhou bem até um completo restabelecimento, conseguindo o corajoso practico os mais felizes resultados de tão perigosa operação.

O tumulo d'Hipocrates.—Perto da aldeia d'Arnaoulti, proxima a Pharsalia, acaba de se descobrir um tumulo, que se reconheceu ser o d'Hipocrates; a inscripção tira todas as dúvidas.

No interior encontrou-se o seguinte: um annel d'ouro, representando uma serpente, o antigo symbolo da medicina, uma pequena cadeia e uma lamina do mesmo metal, e um

[1] Exame Critico e Historico sobre *Expostos ou Engeitados*—Por Antonio Joaquim de Gouvêa Pinto.

busto de bronze, que é provavelmente o de Hipocrates.

Todos estes objectos, assim como a pedra sepulchral em que está gravada a inscripção, foram offerecidos pelos habitantes turcos da localidade a Hourni-Pachá, actual governador da Thessalia, que immediatamente os remetteu para Constantinopla.

Estatistica do suicidio. — Segundo uma tabella, que um jornal francez publica, sobre a frequencia do suicidio em differentes paizes tem lugar annualmente um suicidio, em 55:108 habitantes, no governo de Moscou; em 50:313, na Sardenha; em 29:475, no governo de S. Petersburgo; em 27:488, na Belgica; em 23:263, nos Estados Unidos da America; em 19:067 na Bohemia; em 15:900 na Inglaterra; em 13:461 na França; em 10:000 em Praga; em 8:838 em Nova-York; em 8:081 na Prussia; em 7:353 em Mecklemburgo; em 5:684 na Saxonia; em 5:000 em Londres; em 5:000 em Hamburgo; em 5:000 na Dinamarca; em 3:985 em Genova; em 2:175 em Paris.

O numero dos suicidios corresponde sensivelmente ao numero de molestias mentaes, e aos differentes graus de cultura e civilisação; mas em muitos paizes a sua causa principal é o vicio da embriaguez, como em Hamburgo e Dinamarca.

População do globo. — O almanak americano para 1857 apresenta a seguinte estatistica da população do globo, assim repartida: — Africa, 100.000:000 — America, 57:676:882 — Asia e suas ilhas, 626:000:000 — Australia e suas ilhas, 1.248:000 — Europa, 263.517:521 — Polynesia, 1.500:000 — somma total, 1:049.942:403.

Este calculo dá uma população muito maior, do que a referida nas estatisticas de Balbi e Humboldt.

Caso notavel do somnambulismo. — Um jornal americano menciona um curioso facto de somnambulismo. Uma senhora de Fulton está no habito de se levantar todas as noites, somnambula, e escrever poesias em que se reconhece algum merito. Para trabalhar, accendia luz; mas hoje escreve ás escuras, porque sua familia lhe tirou do quarto os meios de se allumiar.

Marinha de todas as nações. — Avalia-se, em 2.000:000, pouco mais ou menos, o numero de marinheiros de todas as nações. Os navios de commercio de todo o mundo medem proximamente 15,000:000 de tonelladas. D'estes 15 milhões, 5 pertencem á Grã-Bretanha, e 5.200:000 aos Estados Unidos da America. O resto reparte-se por todos os outros paizes.

Medalhas romanas. — Perto de Cherburgo, em França, descobriram-se ha pouco muitas medalhas d'ouro, com effigie de Tiberio, sepultadas a 2 metros de profundidade. Appareceram tão bem conservadas, que pareciam cunhadas de fresco: foram de certo enterradas, antes de circularem, pouco tempo depois de fabricadas.

Presume-se, que estas medalhas, contemporaneas de Jesus Christo, estavam dentro de um tumulo, de que ainda appareceram alguns vestigios. Talvez que fossem escondidas, diz um jornal francez, durante as lutas entre os Romanos e Gaulezes. Prescindindo de todas as hypotheses, parece evidente, que este thesouro foi occulto na epocha da dominação romana, ha 18 seculos.

Revisão typographica. — Um typographo de Glascow levou-se em capricho de publicar um livro com a maior perfeição typographica. Seis revisores dos mais prácticos e auctorisados encarregaram-se do exame das provas; cada folha era affixada durante duas semanas, na sala grande da Universidade; e uma recompensa de 50 libras era promettida a quem descobrisse o menor erro.

Publicou-se finalmente o livro; e apesar de tantas precauções, appareceu logo um erro na primeira linha da primeira pagina, além de muitos outros no resto das folhas.

Seda vegetal. — Mr. Davir, fabricante de Paris, obteve meadas muito brancas e de fio muito tenaz, d'uma substancia textil, extraida da casca da amoreira. É uma verdadeira seda vegetal, que se presta facilmente ás operações da tinturaria. De 5 kilogrammas de casca pode extrair-se 1 kilogramma de materia textil.

Maquina para escrever. — Esta maquina foi inventada por um americano, e aperfeiçoada por um engenheiro da Prussia. Compõe-se de trez pennas metallicas, dispostas a certa distancia umas das outras, de modo que possam mover-se sobre trez folhas de papel, e ligadas entre si por uma haste metallica. Quando uma pessoa emprega a penna do meio e principia a escrever com ella, as duas pennas lateraes, da direita e esquerda, operam o mesmo movimento, e obtem-se assim trez copias em logar d'uma.

Fontes d'agua doce no mar. — Ha no fundo do oceano fontes d'agua doce que repucham verticalmente até á superficie. A agua d'estas fontes vem evidentemente do interior da terra por meio de canaes formados pela natureza, e situados debaixo do leito do mar.

Ha poucos annos, Mr. Buchanan, que viajava nos mares da India, encontrou em tempo de perfeita calmaria, uma fonte abundante

d'agua doce, a 36 leguas de distancia do ponto mais visinho do littoral. Eis-aqui portanto uma corrente d'agua subterranea, tendo mais de 36 leguas de comprimento.

A chimica e os cosmeticos.—Na aula em que um celebre professor de chimica de Berlim dava as suas lições, habitualmente frequentadas por grande numero de senhoras, o desinvolvimento de certos gazes transformou rapidamente em cores negras, azues, amarellas e violaceas, os cosmeticos de que algumas se serviam para obter uma belleza artificial, amaciando e aformoseando a pelle do rosto.

A metamorphose produzida por estes perfidos vapores, que tão desagradavelmente pintou algumas d'aquellas damas, provem da acção das emanações sulphurosas sobre o subnitrato de bismutho, que entra na composição dos cosmeticos.

A phrenologia na China.—Os medicos chins conhecem e practicam a phrenologia, ha muitos seculos. Apreciam as qualidades dos homens pela região frontal; as paixões pelo desinvolvimento das partes lateraes; os sentimentos pela elevação da abobeda do craneo. As mulheres são julgadas pelo volume da região posterior da cabeça. Os chins dão o nome de *Kio*, palavra que significa bossa, ás protuberancias do craneo. Os sacerdotes *bouddistas* são muito felizes, quando pódem patentear na sua cabeça a bossa da santidade.

Instrucção pública na Russia.—O relatorio do ministro d'instrucção pública da Russia offerece os seguintes documentos:

47 bibliothecas públicas: numero total d'estabelecimentos d'instrucção, 3:872, frequentados por 194:490 alumnos: 614 estabelecimentos particulares, com 21:893 alumnos: 2:087 pessoas d'ambos os sexos são empregadas em educações particulares. Nos quatro governos e trez territorios da Siberia, existem trez gymnasios ou lyceus, 71 escolas, e 2 instituições particulares, frequentado tudo por 4:346 alumnos.

Producção agricola de differentes paizes.—Se a França conseguisse dos 14 milhões d'hectares, que destina annualmente á cultura dos cereaes, a producção, que na Inglaterra se obtem, colheria 350 milhões d'hectolitros de cereaes, em quanto que actualmente só colhe 140 a 150 milhões.

A terra produz na Grã-Bretanha 25 hectolitros de trigo por hectar, e sustenta cinco vezes mais gados que a França, nas devidas proporções.

A Belgica obtém do solo uma producção, dupla da que ha em França. A Allemanha colhe 22 hectolitros de cereaes por hectar. A Lombardia e Piemonte alimentam 176 habitantes por kilometro quadrado. A França na mesma superficie apenas sustenta 76 habitantes.

Moedas de differentes paizes. — As proporções legaes entre o ouro e a prata em diversos paizes da Europa e nos Estados Unidos da America, são as seguintes:

França — o ouro está para a prata, como	15,50 para	1
Inglaterra	14,28 »	1
Belgica	15,79 »	1
Hespanha	15,75 »	1
Portugal	15,48 »	1
Russia	15,00 »	1
Estados Unidos	15,98 »	1

RELAÇÃO

Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrucção pública desde o dia 15 *até ao fim de outubro ultimo, por despachos do Conselho Superior d'instrucção pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Joaquim Manuel Antunes, para professor temporario da cadeira de Villa Real de Sancto Antonio, districto de Faro.

Manuel Joaquim Saraiva de Brito Almeida Serra, para dicto de Gouvêa, districto da Guarda.

Matheus Lourenço Pereira, para dicto da Castanheira.

Antonio Bernardo Mendes, para dicto de Carrazeda d'Anciaes, districto de Bragança.

Francisco de Paula Papão, para dicto de São Miguel de Machede, districto d'Evora.

João José de Sousa Azevedo, para dicto de Sancto Thyrso, districto do Porto.

Joaquim Marques Ferreira da Paixão, para dicto do Sobral, districto da Guarda.

José Maria Sardinha, para dicto do Vimieiro, districto d'Evora.

Theodoro Monteiro Ferreira e Silva, para dicto d'Alvorninha, districto de Leiria.

Theotonio Lopes Pereira, para dicto de Parada d'Ester.

Antonio Francisco de Campos, para dicto d'Alpedrinha, districto de Castello Branco.

Antonio José Matheus, para dicto das Chans, *(substituição)* districto de Vizeu.

Francisco José Pinha, para dicto d'Estoy, districto de Faro.

Honorio Anselmo de Pinho, para dicto de Barrô, districto d'Aveiro.

Manuel Alves, para dicto de Villa Fernando, districto da Guarda.

Sebastião Gonçalves d'Araujo, para dicto de São Pedro de Val Bom, districto de Braga.

Antonio de Lima Barreto, para professor vitalicio da cadeira da freguezia de Gallegos, por transferencia da de São Vicente do Pinheiro, no districto do Porto. (Decreto de 14 d'outubro ultimo)

Antonio Gonçalves Dionizio, para professor vitalicio da cadeira de Freineda, districto da Guarda. (Decreto de 17 dicto.)

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

Manuel dos Sanctos Pereira Jaidim, para o logar de lente cathedratico da faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra. (Decreto de 14 dicto)

José d'Almeida Motta, para o logar de continuo dos geraes da Universidade. (Decreto de 21 dicto)

Observações feitas em 1853 no Observatorio de Coimbra para a determinação da sua longitude. (*a*)

Mez	*Dia*	*Astro*	*Intervallo das passagens do astro e do bordo da lua*		$t - t' = \varphi$	*Longitude de Coimbra ao occidente de Greenwich*
			Observado em Coimbra $= t$	*Calculado em Greenwich* $= t'$		
Junho	3	α de Virgo	+ 34′14″35	+ 33′11″67	+ 62″68	33′ 7″1
	3	*B.A.C.* 4531	+ 24 49,68	+ 23 46,29	+ 63,39	33 29,6
	3	*B.A.C.* 4700	— 11 8,57	— 12 10,89	+ 62,32	32 55,7
	3	*B.A.C.* 4722	— 15 37,40	— 16 40,71	+ 63,31	33 27,1
	3	α de Virgo	+ 34 14,93*	+ 33 11,67	+ 63,26	33 25,5
	3	*B.A.C.* 4531	+ 24 50,06*	+ 23 46,29	+ 63,77	33 41,8
	3	*B.A.C.* 4700	— 11 7,52*	— 12 10,89	+ 63,37	33 29,0
	3	*B.A.C.* 4722	— 15 37,19*	— 16 40,71	+ 63,52	33 33,8
	4	*B.A.C.* 4700	+ 35 28,66	+ 34 21,86	+ 66,80	33 27,9
	4	*B.A.C.* 4722	+ 30 59,25	+ 29 52,04	+ 67,21	33 40,2
	4	20 de Libra	— 17 11,92	— 18 18,93	+ 67,01	33 34,2
	4	ι' de Libra	— 25 33,92	— 26 41,07	+ 67,15	33 38,4
	5	20 de Libra	+ 32 14,17	+ 31 3,08	+ 71,09	33 26,2
	5	ι' de Libra	+ 23 52,09	+ 22 40,94	+ 71,15	33 27,9
	5	δ de Scorpio	— 23 56,16	— 25 7,59	+ 71,43	33 35,9
	5	c^2 de Scorpio	— 35 33,58	— 36 44,98	+ 71,40	33 35,0
Julho	2	α^2 de Libra	+ 26 29,06	+ 25 20,10	+ 68,96	33 9,0
	2	ν' de Libra	+ 10 48,12	+ 9 38,84	+ 69,28	33 18,2
	2	*A* de Scorpio	— 35 34,94	— 36 44,10	+ 69,16	33 14,8
	2	π de Scorpio	— 40 45,25	— 41 54,47	+ 69,22	33 16,5
	3	*A* de Scorpio	+ 15 59,00	+ 14 45,06	+ 73,94	33 21,1
	3	π de Scorpio	+ 10 48,98	+ 9 34,70	+ 74,28	33 30,3
	3	α de Scorpio	— 19 37,94	— 20 51,74	+ 73,80	33 17,4
	3	τ de Scorpio	— 25 58,56	— 27 12,33	+ 73,77	33 16,6
	4	α de Scorpio	+ 35 8,87	+ 33 51,03	+ 77,84	33 13,4
	4	τ de Scorpio	+ 28 48,69	+ 27 30,44	+ 78,25	33 23,8
	4	θ de Ophiuco	— 17 26,19	— 18 44,29	+ 78,10	33 20,0
	4	*d* de Ophiuco	— 22 26,06	— 23 44,17	+ 78,11	33 20,2
	4	α de Scorpio	+ 35 9,63*	+ 33 51,03	+ 78,60	33 32,9
	4	τ de Scorpio	+ 28 49,25*	+ 27 30,44	+ 78,81	33 38,2

(*a*) Continuação da pag. 216 do numero precedente.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INSTITUTO DE COIMBRA.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E SOCIAES.

Extracto da acta da sessão de 2 de janeiro de 1858.

Estando ausente o sr. Miguel Ribeiro, director da classe, presidiu o sr. secretario Adriano Machado.

Pelas 12 ½ da tarde abriu o sr. presidente a sessão. O secretario leu a acta da sessão antecedente, que foi approvada. Em seguida passou-se á ordem do dia, que era a eleição da mesa para o presente anno. Corrido o escrutinio verificou-se terem obtido maioria absoluta os srs.

Miguel Ribeiro de Vasconcellos, para director;

Adriano de Abreu Cardoso Machado, para secretario;

Marquez de Souza Holstein, para vice-secretario.

O sr. presidente em nome da meza agradeceu á classe a honra que d'ella acabava de receber, e depois de ter feito algumas considerações sobre os trabalhos da classe no anno proximo passado, fechou a sessão pela 1 ½ hora.

O vice-secretario da classe de sciencias moraes e sociaes, *Marquez de Souza Holstein.*

Sessão da classe de litteratura, bellas lettras e artes, em 6 de janeiro de 1858.

(EXTRACTO).

Abriu-se a sessão pela uma hora p. m. Presidente, o sr. José Maria de Abreu, director da classe.

Motivada a convocação pela necessidade de satisfazer ás disposições do art. 18 dos Estatutos, e aos regulamentos da classe, procedeu-se competentemente á eleição da nova meza, que deve funccionar durante todo o corrente anno, saindo eleitos, por maioria absoluta, para

Director, o sr. José Maria de Abreu;

Secretario, o sr. A. Ayres de Gouvêa;

Vice-secretario, o sr. Antonio Bernardino de Menezes.

Proclamados os nomes dos socios eleitos, o sr. director pediu a palavra para agradecer a nova mostra de consideração com que a classe o honrava e rogar a sua escusa; — que lhe não foi acceite.

Em seguida tomou a mão na práctica para egual fim o sr. secretario, fundamentando o seu pedido em dois pontos melindrosos. A classe, porém, tendo fallado no assumpto os srs. Adriano Machado, Bernardino de Menezes, Faro e Noronha, Miguel Ribeiro, e José Maria de Abreu, decidiu egualmente não dever acceitar a escusa.

Não havendo mais nada a tractar, fechou a sessão o sr. presidente; sendo hora e meia da tarde.

Sala do *Instituto*, em 6 de janeiro de 1858.

O secretario, *A. Ayres.*

RELAÇÃO NOMINAL

DOS SOCIOS

HONORARIOS, EFFECTIVOS E CORRESPONDENTES

DO

INSTITUTO DE COIMBRA.

Presidente.

Francisco José Duarte Nazareth.

Vice-Presidente.

Francisco de Castro Freire.

Secretarios.

Jacintho Antonio de Sousa.
José Pereira da Costa Cardoso.

Thesoureiro.

Raymundo Venancio Rodrigues.

Director do Gabinete de leitura.

Marquez de Souza Holstein.

SOCIOS HONORARIOS.

Alexandre Herculano de Carvalho.
Antonio Feliciano de Castilho.
Antonio José d'Avila.

APPENSO AO N.º 19 DO INSTITUTO.

RELAÇÃO DOS ESTUDANTES

DA FACULDADE DE DIREITO

NO ANNO LECTIVO DE 1857 A 1858.

N.os	NOMES	N.os	NOMES
	1.º ANNO JURIDICO.	43	Antonio Candido da Silva Dias.
		44	Francisco Maria da Cunha e Souto.
1	Acacio de Carvalho Fontes.	45	Augusto Saraiva de Carvalho.
2	Adelino Albano da Motta.	46	Joaquim Trigueiros Pestana Martel.
3	Antonio Carlos da Costa Guerra Junior.	47	Domingos Ferreira da Rocha e Silva.
4	Antonio Manuel Ferreira Taborda.	48	Augusto Ferreira Novaes.
5	Antonio Maria Ayres de Seixas.	49	Bernardo Vieira Pinto d'Andrade.
6	Antonio Maximino Pinto Vilella.	50	Antonio Joaquim Barreira.
7	Antonio Pessoa d'Amorim Navarro.	51	José d'Almeida Carvalho e Oliveira.
8	Antonio Pinto Cabral d'Araujo.	52	José Bernardo Pereira de Vasconcellos.
9	Antonio Rodrigues David.	53	Manuel José da Costa Guim.es de Sousa.
10	Antonio de Sousa e Silva Costa Lobo.	54	Manuel Joaquim Corrêa Velloso.
11	Antonio de Sousa Teixeira.	55	Nicolau Pereira de Mello Marinho.
12	Augusto José Pereira Leite.	56	Pedro Gomes de Mag.es Pinto Pegado.
13	Elysio Freire d'Abreu Pessoa.	57	Antonio Manuel d'Azevedo e Costa.
14	Fernando de Mello Giraldes Caldeira.	58	Antonio d'Ascensão.
15	João Carlos da Costa Falcão.	59	Antonio Ramos de Carvalho.
16	João Maria da Silva Medeiros.	60	Francisco Rodrigues Pereira d'Almeida.
17	José da Cunha d'Eça Azevedo.	61	Joaquim Pedro de Sá Oliveira.
18	José Augusto Franco.	62	José Silvestre Ribeiro d'Alm.d Penteado.
19	José Jacintho Cardoso Pinto e Cunha.	63	Antonio Coelho d'Albuquerque Porito.
20	José de Souza Menezes e Lemos.	64	Antonio Duarte da Cunha e Souto.
21	Luiz Lopes Ferreira Vaz Pinto.	65	Benjamin Constante d'Amaral Netto.
22	Manuel Maria de Mello e Simas.	66	Luiz Pedro Moutinho de Gouvêa.
23	Manuel José Leite Braga.	67	José Eduardo Levita.
24	Nicolau Ribeiro Vasconcellos Abranches.	68	Manoel Quaresma Limpo de Lacerda.
25	Paulo de Mendonça Falcão.	69	Antonio Lucio Tavares Crespo.
26	Alipio d'Oliveira e Sousa Leitão.	70	Julio Manso Preto.
27	Antonio d'Almeida Mattos Carvalho.	71	Macario de Castro e Sousa Pinto Cardoso.
28	Alberto Julio Ferreira.	72	Miguel Adelino d'Almeida Pedroso.
29	Adão Cabral de Gouvêa e Castro.	73	José Maria d'Albuquerque Tavares.
30	Alexandre Manoel Ferreira d'Aragão.	74	José Joaquim Fernandes Vaz.
31	Ant.º Rebello d'Andrade de Figueiredo.	75	Antonio Barata Pinheiro Feteira.
32	Antonio Guilherme de Queiroz Sávedra.	76	Augusto Maria d'Almeida e Silva.
33	Antonio Julio de Queiroz Machado.	77	Francisco Moreira da Fonseca.
34	Daniel José Fernandes.	78	Augusto Ernesto Batalha.
35	Francisco Pereira Sarmento.	79	Joaquim de Mattos Peixoto Souto-maior.
36	Jaime Constantino Moniz.	80	Bernardino Pereira Pinheiro.
37	João Carlos de Mello.	81	Domingos José Dias de Castro.
38	José Caetano Henriques dos Reis.	82	José Joaquim d'Almeida Grave.
39	João Nepomoceno dos Reis Varella.	83	José Joaquim Rebello da Silva.
40	João Freire Themudo d'Oliveira.	84	Thomaz Emilio Raposo de Magalhães.
41	José Julio d'Oliveira Baptista.	85	Antonio José Lopes.
42	Francisco Antonio de Veiga Beirão.	86	Francisco d'Albuquerque Pinto de Paiva.

N.os	NOMES
87	João de Barbosa de Mag.es e Mendonça.
88	Abel Augusto de Campos e Castro.
	2.° ANNO JURIDICO.
1	Adriano Joaquim de Magalhães.
2	Antonio d'Almeida da Silva.
3	Ant.° d'Araujo Vasc.os de Miranda.
4	Antonio Paes Dias d'Amaral.
5	Antonio Pedro Teixeira da Costa.
6	Augt.° de Carvalho Vasques de Mesquita.
7	Augt.° Corrêa Godinho Ferreira da Costa.
8	Augusto Frederico Potsch.
9	Augusto Gonçalves Curado de Campos.
10	Diogo Ignacio de Pina Manique.
11	Eduardo José Coelho.
12	Fermino Augusto de Magalhães.
13	Francisco Manoel de Barros e Silva.
14	João Ant.° Franco Frazão Cast.°-Branco.
15	João Carlos Valladas Mascarenhas.
16	João d'Oliveira Trenas Grainha.
17	João Rodrigues d'Azevedo.
18	Joaquim d'Azevedo Araujo e Gama.
19	Joaquim Gonçalves Curado de Campos.
20	Joaquim Lourenço Vidal.
21	José Antonio d'Azevedo Borralho.
22	José Augusto da Cruz.
23	José Peixoto de Magalhães Menezes.
24	Luiz Augusto Guerreiro.
25	José Antonio Franco.
26	Manuel Emygdio Garcia.
27	Manuel Guedes Leite.
28	Feliciano Gabriel de Freitas.
29	Henrique Nunes Teixeira.
30	João Carlos Botelho Moniz.
31	Joaquim Antonio de Sousa e Silva.
32	Joaquim Taibner de Moraes.
33	Antonio Carlos de Magalhães Mendonça.
34	Antonio Joaquim do Carmo.
35	Antonio José d'Azevedo.
36	Antonio Leite Monteiro.
37	Francisco Ignacio da Calça e Pina.
38	Manuel Fernandes Coelho.
39	José Bernardo Cardoso.
40	José Germano da Cunha Mascarenhas.
41	Manuel de Jesus d'Antas d'Almeida.
42	Alexandre Magno de Campos Paredes.
43	Francisco Luiz Coutinho da S.a Carvalho.
44	Joaquim d'Almeida da Cunha.
45	Francisco José Mendes Marques.
46	Vicente Maximo da Silveira.
47	Manuel José dos Sanctos.
48	Augusto Guilherme de Sousa.
49	José Dias Corrêa de Carvalho.
50	Antonio Ignacio Vieira de Sousa.
51	Delfim Martins Ferreira.
52	Manuel Vicente Ribeiro.
53	João Carlos Freire Themudo Rangel.
54	Affonso de Mello Saraiva da Fonseca.
55	Evaristo Augusto Pedroso Brandão.
56	Jaime Coroliano Henriques Leça.
57	João Ferrão de Castello-Branco.
58	Manuel Saldanha da Gama.
59	Fausto Firmino Guedes.
60	José Gregorio Pinto Pereira.
61	Elesiario Vaz Preto Casal.
62	José Luiz Champalimaud Duff.
63	Manuel José da Silva.
64	João Lucio de Figueiredo Lima.
65	Joaquim Simões Duarte Lira.
	3.° ANNO JURIDICO.
1	Abilio Affonso da Silva Ribeiro.
2	Acacio Pedro Ribeiro Alvares de Mello.
3	Adolpho de Barcellos.
4	Adriano Evangelista Ribeiro Mermet.
5	Alfredo Elysio Cardoso de Carvalho.
6	Alvaro Martins de Lima Avellar.
7	Antonio de Campos Paes d'Amaral.
8	Antonio da Costa Fernandes Taborda.
9	Antonio da Cunha Guedes Pinto.
10	Antonio Duarte da Fonseca Fabião.
11	Antonio José Godinho Ribeiro.
12	Antonio Gonçalves Guimarães.
13	Antonio Rodrigues de Paula.
14	Antonio Teixeira Pinto Gomes.
15	Bernardino Antonio Gentil.
16	Caetano Augt.° de Carv.° Per.a de Mag.es
17	Carlos Mor.° Aranha Furtado de Mend.a
18	Columbano Pt.° Rib.° de Castro Portugal.
19	Diogo de Faria Pinho de Vasc.os e Alberg.a
20	Duarte d'Ornellas Gorjão e Napoles.
21	Elisardo Augusto Telles.
22	Fernando Affonso Giraldes Caldeira.
23	Francisco de Mello Giraldes Sampaio.
24	Franc.co d'Alm.da Cardoso Albuquerque.
25	Francisco Antonio de Sequeira e Seixas.
26	Francisco Faustino Pereira de Resende.
27	Francisco de Paula Santa-Clara.
28	Gonçalo Caldeira Cid Leitão Pinto.
29	João d'Araujo.
30	João Camossa Nunes Saldanha.
31	João Henriques de Sousa Guedes.
32	João Homem Rebello Freire d'Almeida.
33	João Lopes da Costa Rego.
34	Joaquim d'Almeida Peres.
35	Joaquim Antonio d'Almeida Miranda.
36	Joaquim Fernandes Falcão.
37	Joaquim de Figueiredo Pinto Bandeira.
38	José Barbosa de Carvalho.
39	José Manoel da Silva Pimentel.
40	José Maria de Barcellos Junior.
41	José de Mello Freitas.
42	José Maria da Silveira Montenegro.
43	José Joaquim de Figueiredo da Rocha.
44	José Maria Pinto Ribeiro.
45	Julio Augusto Henriques.
46	Luiz Pinto Coelho Soares de Moura.
47	Manuel Baptista Camossa Nunes.

N.os	NOMES
48	Manuel de Beires.
49	Manuel José Vieira Junior.
50	Miguel Moreira da Fonseca.
51	Roque Florido de Sousa Calheiros.
52	Roz.do d'Abreu Lobo Bacellar Meirelles.
53	Antonio Vicente Bigote.
54	Balthasar de Queiroz Machado.
55	Eduardo Montufar Barreiros.
56	Franc.co de Paula Albano da Silv.ra Pinto.
57	João da Silva Mendes Furtado.
58	Joaquim Pedro Seabra Junior.
59	José de Sá Coutinho Junior.
60	Antonio Silvestre do Rego.
61	Frederico Aug.to da Rocha Moniz Gomes.
62	Joaquim Manuel d'Almeida e Sousa.
63	Lucio Augusto Xavier de Lima.
64	Manuel Joaquim de Paula da Rocha.
65	Manuel Nicolau d'Abreu Castello-Branco
66	José Dias d'Araujo.
67	João de Mag.es Collaço Moniz Vellasques.
68	Joaquim Machado Cabral e Castro.
69	Vicente Machado de Faria e Maia.
70	Adolpho de Paiva Pereira.
71	José Maria Reynaud Sampaio Junior.
72	Joaquim José Monteiro.
73	Joaquim João Marreiros Netto.
74	José dos Santos Duarte Pimenta.
75	João José Pereira de Sousa e Sá.
76	Francisco Pereira Lopes de Bettencourt.
77	José d'Aguilar Teixeira Cardoso.
78	José Alfredo da Camara Leme.
79	Firmino Jacome Tasso.
80	Francisco de Paula Ottolini.
81	Manuel Sarmento Ottolini.
82	Roque d'Abreu Abranches Cast.o-Branco.
83	Bernardo d'Albuquerque e Amaral.
84	Manuel José Ferreira.
85	José da Silva Soares Pereira de Mello.
86	Francisco Xavier d'Andrade Valladares.

4.º ANNO JURIDICO.

N.os	NOMES
1	Adriano Augusto C. V. Brochado.
2	Adriano Candido Feo e Torres.
3	Agostinho Nunes d'Oliveira Costa.
4	Agostinho da Rocha e Castro.
5	Albino Augusto Guedes de Mello.
6	Antonio Augusto Pinto Machado.
7	Ant.o Coelho de Seabra Pereira Couceiro.
8	Antonio Corrêa d'Almeida Lucena.
9	Ant.o de Mag.es Barros Araujo Cardoso.
10	Antonio Theodoro Taborda Pignatelli.
11	Arthur Jorge Teixeira.
12	Arthur Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho.
13	Basilio Constantino d'Almeida Sampaio.
14	Bonifacio Alvares de Sousa Amado.
15	Carlos d'Azevedo Guerner.
16	Christovão Pedro de Moraes Sarmento.
17	Constantino Botelho de Lacerda Lobo.
18	Daniel Ferreira de Campos.
19	Eduardo da Costa e Almeida.
20	Eduardo de Sequeira Oliva.
21	Euzebio Francisco Fernandes Falcão.
22	Fernando Antonio Zamith.
23	Francisco Alves Martins Calvão.
24	Francisco Augusto Duarte da Fonseca.
25	Francisco Augusto Nunes de Mattos.
26	Francisco Augusto de Sande Sacadura.
27	Francisco Barbosa da Costa Guimarães.
28	Francisco de Bessa Corrêa.
29	Francisco Coelho Martins.
30	Francisco Jorge d'Almeida Castanho.
31	Francisco José da Costa e Sá.
32	Francisco Maria d'Amorim.
33	Francisco Pinto Coelho d'Athaide.
34	Francisco de Sá Vasconcellos Albergaria.
35	Gaspar d'Araujo Azevedo Bacellar.
36	Gualdino Alfredo da S.a Lobo de Gouvêa.
37	Guilherme Firmino da Cunha Reis.
38	João Chrysostomo Melicio.
39	Joaquim Antonio dos Reis.
40	Joaquim Hor Meyll Alvares Coelho.
41	Joaquim José de Sousa.
42	João Narciso da Costa.
43	José Augusto Mendes.
44	José Dias Oliveira da Cunha de Viamonte
35	José de Faria Pinho Vasconcellos Soares.
46	José Gonçalves da Costa Ventura.
47	José Manuel Crispiniano da Fonseca.
48	José Maria Cardoso de Lima.
49	José d'Ornellas da Fonseca Napoles.
50	José Sanches.
51	José Vieira da Silva Junior.
52	Luiz da Costa d'Azevedo Coutinho.
53	Luiz de Sequeira Oliva e Souza.
54	Manuel Antunes Galho.
55	Manuel Augusto Corrêa Bandeira.
56	Manuel Augusto Felgueiras.
57	Manuel de Barros Nobre.
58	Manuel Joaquim da Penha Fortuna.
59	Manuel Lopes Quaresma de Carvalho.
60	Manuel Sanches Duarte Goulão.
61	Martinho de França e Faro d'Azevedo.
62	Vicente Luiz d'Abranches.
63	Pedro Augusto da Silva Ferrão.
64	Luiz de Freitas da Silva.
65	Filippe Celorico Drago.
66	Joaquim Martins Nobre.
67	José Augusto Cyrne de Sousa.
68	Manuel Maria Corrêa.
69	Thomaz Raymundo da Fonseca.
70	Rufino Antonio Fructuoso.
71	Manuel José Botelho de Gusmão.
72	Manuel Ferreira Pinto.
73	Luiz Pereira d'Abranches.
74	José Maria de Freitas.
75	Caetano de Campos e Andrade.
76	Guilherme Guedes d'Amorim.
77	José Augusto Ferreira Veiga.
78	Antonio Firmino da Cunha Seixas.

N.os	NOMES
79	Francisco Antonio de Castro Lança.
80	Antonio José d'Oliveira Canto.
81	João de Mello Bandeira Coelho.
82	João de Vasconcellos Carneiro e Menezes.
83	José d'Almeida Pedroso.
84	Januario Mendes Ferreira.
85	José Dias Ferreira.
86	Carlos Manuel Ferreira Veiga.
87	Joaquim Vaz d'Oliveira.
88	José de Sousa Freire Bandeira de Mello.
89	José de Mello Borges e Castro.
90	Miguel Maria Candido.
91	Sebastião Moreira Ferreira Caldas.
92	Antonio d'Oliveira Malta.

5.° ANNO JURIDICO.

1	Adriano Theodoro de Fig.d° Malheiro.
2	Agost.° Albano da Costa Carv.° Marques.
3	Agostinho Borges de Figueiredo.
4	Alberto Malheiro Dias.
5	Albino Ferreira de Castello-Branco.
6	Alexandre Coelho Monteiro Machado.
7	Alfredo Augusto das Neves Holtreman.
8	Alfredo de Figueiredo Perry.
9	Anthero Augusto da Silveira Magessi.
10	Antonio Alberto da Rocha Paris.
11	Antonio Alvaro d'Araujo Madureira.
12	Antonio Dias da Silva.
13	Antonio Joaquim da Silva.
14	Autonio José de Faria Graça.
15	Antonio José d'Oliveira Coimbra.
16	Antonio José Paes da Silva.
17	Antonio Lopes Norte.
18	Antonio Maria de Gouvèa.
19	Antonio Maria Vieira da Costa.
20	Antonio Vieira Tovar de Magalhães.
21	Arsenio Moreira da Camara.
22	Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.
23	Augusto Cesar da Silva Mattos.
24	Augusto de Figueiredo Perry.
25	Augusto Soares Franco.
26	Carlos de Figueiredo Moniz.
27	Estevão José Lopes da Silveira e Castro.
28	Francisco Antonio Lopes Nogueira.
29	Francisco Antonio da Rocha Veiga.
30	Francisco Augusto das Neves e Castro.
31	Francisco Guilherme Roquete e Brito.
32	Francisco José dos Santos Ferreira.
33	Francisco Maria Ayres e Seixas.
34	Gonçalo Manuel da Rocha Barros.
35	Jeronimo Pereira Leite de Magalhães.
36	João Manoel Caldeira de Moura.
37	João Maria de Carvalho Pinheiro.
38	João Read da Costa Cabral.
39	João Soares de Lacerda.
40	Joaquim Gomes de Brito Lobo Coelho.
41	Joaquim Guilherme Cardoso de Novaes.
42	Jorge Leite Pereira d'Almeida Seabra.
43	José Alexandre Barjona de Freitas.
44	José d'Almeida Pereira.
45	José Francisco Rodrigues.
46	José Francisco Rosa.
47	José Maria Pereira Lopes.
48	José Pedro Agnello Gaso.
49	José Ramos Nogueira.
50	José Rodrigues de Figueiredo.
51	José Xavier Silveira da Mota.
52	Lourenço Justiniano da Fonseca.
53	Luiz Antonio Dias Guimarães.
54	Luiz Venancio Carneiro Vasconcellos.
55	Manuel Ignacio Bruno do Canto.
56	Manuel José Rodrigues da Silva.
57	Manuel de Magalhães Mexia Macedo.
58	Manuel Nunes Giraldes.
59	Manuel do Valle Campos Barreto.
60	Miguel Tudella de Sousa Lemos.
61	Simão de Calça e Pina.
62	Jayme Palmeirim.
63	Antonio Guedes da Costa.
64	Affonso Pinto de Mesquita Carvalho.
65	Antonio Augusto Ferreira de Mello.
66	Antonio Gonçalves Godinho.
67	D. Frederico Vaz Guedes d'Athaide.
68	José da Silva Lopes Cardoso.
69	José Simões Duarte Lyra.
70	Augusto Cezar de Mattos d'Andrade.
71	Luiz Philippe d'Abreu.
72	Manoel Nunes d'Oliveira Sobreiro.
73	Joaquim José de Vasconcellos Gusmão.
74	José Gonçalves Mamede Junior.
75	D. Miguel Vaz Guedes d'Athaide Malafaia
76	José de Vasconcellos Freire.
77	Antonio Rebello Farinha de Sousa.
78	Antonio Ribeiro Pinto e Mello.
79	Conde de Rio Maior, Antonio.
80	Antonio Teixeira Felix da Costa.
81	Francisco Dias Leite Sampaio.
82	Guilherme Street da Cunha.
83	João Barbosa de Mattos e Camara.
84	José de Menezes Toste.
85	Antonio Ayres de Gouvèa.
86	Carlos José d'Oliveira.
87	Francisco José d'Azevedo Coutinho.
88	Adriano Pereira Simões de Lima.
89	Augusto Climaco Raposo Bicudo.
90	José Augusto Sanches da Gama.
91	Philippe de Faria Azevedo e Araujo.
92	Jo o José de Mendonça Cortez.
93	Luiz Osorio Cabral.
94	Rodrigo Telles de Menezes.
95	Manuel Tavares do Soveral Martins.
96	Manuel José da Cunha Novaes.
97	Roberto de Lima Barreto Torres.
98	Antonio Manuel da Cunha Freitas.

6.° ANNO JURIDICO.

1	Calidonio de Soosa Coelho e Vasconcellos
2	Marquez de Sousa Holstein.

Arcebispo de Mytelene, *Dr. D. Domingos José de Sousa Magalhães.*
Conde A. Raczynsky.
Conde de Lavradio, *D. Francisco d'Almeida Portugal.*
C. J. V. Mittermaier.
Duque de Saldanha, *João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun.*
Ferdinand Dénis.
H. Shoeffer.
Eduardo Laboulaye.
José Albino Cardoso Casado Giraldes.
José Ignacio Roquette.
José Joaquim Rodrigues de Bastos.
José da Silva Tavares.
Rodrigo da Fonseca Magalhães.
Visconde da Carreira, *Luiz Antonio de Abreu e Lima.*
Visconde de Gouvêa, *José Freire de Serpa Pimentel.*
Visconde de Sá da Bandeira, *Bernardo de Sá Nogueira.*

SOCIOS EFFECTIVOS.

Classe de Sciencias Moraes e Sociaes.

Adriano de Abreu Cardoso Machado, *Secretario da Classe.*
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.
Alexandre Meyrelles do Canto e Castro.
Antonio Ayres de Gouvêa.
Antonio Bernardino de Menezes.
Augusto Cesar Barjona de Freitas.
Basilio Alberto de Sousa Pinto.
Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.
Bernardo de Serpa Pimentel.
Diogo Pereira Forjaz de Sampaio.
Francisco Antonio Diniz.
Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo.
Francisco José Duarte Nazareth.
Friderico de Azevedo Faro e Noronha.
Jacintho Antonio de Sousa.
João Chrysostomo d'Amorim Pessoa.
Joaquim Alves Pereira.
Joaquim Alves de Sousa.
Joaquim Maria Rodrigues de Brito.
José Adolpho Trony.
José Ernesto de Carvalho e Rego.
José Maria de Abreu.
Justino Antonio de Freitas.
Manuel Bernardo de Sousa Ennes.
Manuel Eduardo da Motta Veiga.
Manuel dos Sanctos Pereira Jardim.
Marquez de Souza Holstein, *D. Francisco de Souza e Holstein, vice-secretario da classe.*
Miguel Ribeiro d'Almeida e Vasconcellos, *director da classe.*
Vicente Ferrer Netto Paiva.
Vicente José d'Almeida Seiça.

Classe de sciencias phisico-mathematicas.

Albino Augusto Giraldes.
Antonio Augusto da Costa Simões.
Antonio de Carvalho Coutinho de Vasconcellos.
Antonio Joaquim Barjona.
Antonio José Teixeira.
Callisto Ignacio d'Almeida Ferraz.
Florencio Mago Barreto Feio.
Francisco Antonio Alves.
Francisco de Castro Freire.
Francisco Pereira de Torres Coelho.
Jacintho Antonio de Sousa.
Jeronymo José de Mello, *director da classe.*
João Alberto Pereira de Azevedo.
João Antonio de Sousa Doria.
Joaquim Augusto Simões de Carvalho.
José Ferreira de Macedo Pinto.
José Maria de Abreu.
José Pereira da Costa Cardoso, *secretario da classe.*
José Teixeira de Queiroz.
Luiz Albano d'Andrade Moraes.
Manuel dos Sanctos Pereira Jardim.
Mathias de Carvalho e Vasconcellos.
Raymundo Venancio Rodrigues.
Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.
Roque Joaquim Fernandes Thomaz.

Classe de litteratura, bellas lettras e bellas artes.

Adriano de Abreu Cardoso Machado.
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.
Alexandre Meyrelles do Canto e Castro.
Antonio Augusto da Costa Simões.
Antonio Ayres de Gouvêa, *secretario da classe.*
Antonio Bernardino de Menezes, *vice-secretario da classe.*
Antonio de Carvalho Coutinho de Vasconcellos.
Antonio Florencio Sarmento.
Antonio Nunes de Carvalho.
Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.
Florencio Mago Barreto Feio.
Francisco Antonio Diniz.
Francisco de Castro Freire.
Francisco José Duarte Nazareth.
Jacintho Antonio de Sousa.
João Antonio de Sousa Doria.
Joaquim Alves de Sousa.
Joaquim Augusto Simões de Carvalho.
José Adolpho Trony.
José Maria de Abreu, *director da classe.*
José Teixeira de Queiroz.
Luiz Albano d'Andrade Moraes.
Marquez de Souza Holstein, *D. Francisco de Souza e Holstein.*
Miguel Leite Ferreira Leão.
Miguel Ribeiro d'Almeida Vasconcellos.
Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.
Vicente Ferrer Netto Paiva.

SOCIOS CORRESPONDENTES.

Agostinho de Ornellas de Vasconcellos Esmeraldo e Moura.
Alexandre Magno de Castilho.

Amandio Tude Barreto Feio.
Antonio Corrêa Caldeira.
Antonio Ferreira de Macedo Pinto.
Antonio Luiz Ferreira Girão.
Antonio Maria Barbosa.
Antonio de Paula Couceiro.
Antonio de Serpa Pimentel.
Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.
Bernardino Antonio Gomes.
Carlos Ribeiro.
Daniel Augusto da Silva.
Duarte Gustavo Nogueira Soares.
Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão.
Francisco José da Cunha Viana.
Francisco Raphael da Silveira Malhão.
Guilhermino Augusto de Barros.
Henrique O'Neil.
João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens.
João de Lemos Seixas Castello-Branco.
Joaquim Januario de Sousa Torres e Almeida.
Joaquim Lopes Carreira de Mello.
Joaquim de Sancta Clara Sousa Pinto.
José Francisco da Silva Pinto.
Joaquim Simões da Silva Ferraz.
José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio.
José Joaquim dos Reis e Vasconcellos.
José Joaquim da Silva Pereira Caldas.
José Julio de Oliveira Pinto.
José Maria da Silva Leal.
José Tavares de Macedo.
José Victorino Damasio.
Levy Maria Jordão.
Luiz Augusto Rebello da Silva.
Luiz Caetano Lobo.
Luiz José de Vasconcellos Azevedo e Silva Carvajal.
Manuel de Serpa Machado.
Marcelliano Ribeiro de Mendonça.
Sebastião José de Carvalho.
Dr. Welwicht.
Thomaz Antonio d'Oliveira Lobo.
Visconde da Carreira, *Luiz Bravo de Abreu e Lima*.

SOCIEDADE PHILANTROPICO-ACADEMICA DE COIMBRA.

Uma Sociedade que tem por fim ministrar aos mancebos de talento, desajudados de fortuna, meios de seguirem a carreira litteraria para que os fadára o genio, e auxiliar aquelles que indo já adeantados nos seus Cursos scientificos, soffreram algum revés da sorte caprichosa em affastal-os do caminho incetado; uma sociedade assim recommenda-se de *per si mesmo á caridade*, e se não fôr á caridade, á philantropia da mocidade academica.

E que cousa havia mais facil do que combinarem-se os mil Estudantes que frequentam as escholas de Coimbra, 'num só sentimento generoso, ou pelo menos 'num só pensamento illustrado, para sustentarem estaas sociação utilissima?

Todavia as ultimas direcções, sentindo arrefecido aquelle piedoso enthusiasmo que havia communicado a esta instituição uma existencia esperançosa, têm luctado com difficuldades cada vez maiores que as foram pouco e pouco sopeando.

E com effeito, a direcção actual encontrou a sociedade decadente, para não dizer caida. Mas felizmente conseguiu, não só vencer parte dos embaraços, que empeciam a gerencia das administrações, ainda as mais zelosas, mas tambem grangeou á Sociedade elementos favoraveis, obtendo para ella a Protecção do nosso illustrado Monarcha, d'esse Monarcha que em tão poucos annos tem já tão longa e gloriosa historia.

Vamos publicar os documentos relativos a este ultimo acontecimento que tanto promette á nossa Sociedade.

A um Jornal Academico qual deve ser o *Instituto*, cumpre reunir todos os materiaes, que possam um dia esclarecer a historia d'uma instituição, á qual apesar de ter sómente sete annos de existencia já devem as letras patrias mais de um cultor distincto.

A. M.

Senhor: — A direcção da sociedade philantropico-academica eleva, mui respeitosamente, á soberana presença de Vossa Magestade um exemplar da obra intitulada — Memoria Historica e descriptiva da bibliotheca da Universidade de Coimbra, — cuja edição fora offerecida, pelo seu auctor, á sobredicta sociedade, de que é socio.

A direcção assás confia, que Vossa Magestade Se Dignará não só acceitar benevolamente a offerta do exemplar da referida obra, senão tambem acolher com augusta benignidade a súpplica, que a direcção tem a honra de fazer a Vossa Magestade, de Se Declarar Protector da mesma sociedade philantropico-academica, Concedendo-lhe a graça de considerar a Vossa Magestade como seu Presidente Perpetuo.

A direcção, que se ufana de ter já sustentado esta sociedade, quando ia em proxima decadencia, julgará ter-lhe prestado o maior e mais relevante serviço, e deixará nos fastos acàdemicos assignalada a sua gerencia, se, por ventura, podér conseguir de Vossa Magestade a impetrada protecção regia; para o que, sem desconhecer a grandeza de similhantes aspirações, se funda todavia no magnanimo favor e reconhecida distincção, com que Vossa Magestade anima as letras, e galardôa os sabios.

A direcção beja mui respeitosamente a real mão de Vossa Magestade.

De Coimbra, em sessão de 28 de junho de 1857.

Dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro, presidente.
Dr. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello, vice-presidente.
Dr. Luiz Albano d'Andrade Moraes e Almeida, fiscal.
Miguel Tudella de Sousa e Napoles, procurador.
Antonio Borges de Medeiros Dias da Camara e Sousa, vogal.
João José de Medonça Cortez, secretario.

Ministerio do reino — 1.ª direcção — 1.ª repartição — L. 15 n.° 418. — Sua Magestade El-Rei, a quem foi presente a representação, com que a direcção da sociedade philantropico-academica de Coimbra remette um exemplar da obra intitulada — Memoria historica e descriptiva da bibliotheca da Universidade, — que lhe fôra offerecida por um dos seus socios; e pedindo simultaneamente que Sua Magestade Se Declare Protector e Presidente perpetuo da mesma sociedade: Manda agradecer á sobredicta direcção a remessa d'aquelle importante opusculo; e annuindo, em parte, aos desejos da mesma corporação, manda, outro sim, significar-lhe, que muito se compraz em acceitar, como acceita, o titulo de Protector da sociedade philantropico-academica de Coimbra. O que pela secretaria d'Estado dos negocios do reino se lhe participa para seu conhecimento.

Paço das Necessidades, em 18 de septembro de 1857. — *Marquez de Loulé.*

Senhor: Annuindo ao desejo da direcção da sociedade philantropico-academica, Dignou-Se Vossa Magestade de a engrandecer e honrar, Declarando-Se seu Protector.

Ufana, por ter podido assignalar a sua gerencia com este facto grandioso, a direcção beija, mui respeitosamente, a real mão de Vossa Magestade, por tão distincta graça e favor.

Nem sempre se póde traduzir á palavra a natural e aprazivel sensação d'um animo agradecido, *na posse d'um grande beneficio.* A direcção reconhece, mais agora do que nunca, toda a força e exactidão d'esta verdade; e por isso,

Pondo na Soberana Presença de Vossa Magestade um exemplar dos estatutos da sociedade, limita-se a fazer sinceros votos pela preciosa vida de Vossa Magestade, por dilatados e felices annos, como todos havemos de mister.

De Coimbra, 30 de septembro de 1857.
Dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro, presidente.
Dr. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello, vice-presidente.
Dr. Luiz Albano d'Andrade Moraes e Almeida, fiscal.
Dr. Joaquim José Paes da Silva Junior, procurador interino.
João José de Mendonça Cortez, secretario.

FEBRE PUERPERAL.

> **Medici ac chirurgici ex artis obstetriciae notione permultos *morbos mulierum*, ac infantum melius dijudicare et curare discunt.**
>
> **PLENCK.**

INTRODUCÇÃO.

A funcção physiologica, que tem por fim a expulsão espontanea do feto e seus annexos através das partes naturaes da geração, — denomina-se *parto.* — A sciencia, que d'ella se occupa, chama-se *tocologia;* de τόκος — parto, λόγος — tractado, ou doutrina.

Practicamente a expressão *parto* designa a simples expulsão espontanea, ou a extracção artificial do feto viavel através do canal vulvo-uterino. O complexo de leis ou de preceitos, que se devem empregar para conseguir cada um d'estes fins, toma o nome de *arte obstetricia.* Assim o entendia Plenck quando dizia: — *scientia, quae methodum docet, qua parturiens mulier in partu naturali, et difficili, adjuvari possit.*

É uma operação natural verdadeiramente mecanica, susceptivel de demonstração geometrica: (Levret.)

É a saida do infante e seus annexos para fora do utero: (Maygrier).

É a emissão, expulsão ou excreção d'um infante a termo, determinada pela contracção do utero, e disposição das partes genitaes da mulher: (Boivin).

Consiste na expulsão do feto para fora do utero, onde se tem desinvolvido durante todo o tempo da gravidez: (Desormeaux).

É o esforço expulsivo do utero para o nascimento do infante capaz de viver fora do seio materno: (Burns).

É a sahida do feto para fora do seio de sua mãe: (De la Motte).

Basta a simples leitura d'estas definições para *conhecer que não preenchem o seu fim,* e dão uma idêa inexacta do que se deve entender pela palavra — *parto.*

É no exercicio da arte obstetricia, que principalmente se appresentam as occasiões, em que os soccorros da medicina são d'uma necessidade evidente, d'uma efficacia palpavel. A vida de um ou dois individuos cheios de saude depende muitas vezes d'uma manobra mais ou menos habil, d'uma indicação mais ou menos apropriada. Eis o motivo por que, desde a origem da medicina, a arte obstetricia tem merecido as attenções de todos os que se entregam á elevada missão de curar os seus similhantes, e alliviar os seus soffrimentos.

Antes da dissolução da sociedade pythagorica os Asclepiades tinham em suas mãos o imperio da arte de curar: — e transmittiam uns aos outros os seus conhecimentos como

uma herança de familia. O segredo era simplesmente confiado aos que tivessem dado provas da *iniciação*. Uma especie de eschola juncto de cada templo destinado a Esculapio se havia formado para o ensino da medicina.

Quando os discipulos de Pythagoras revelaram os mysterios, e alguns, votando-se á arte de curar, introduziram o uso de visitar os doentes em suas casas; os sacerdotes d'Esculapio não poderam conservar por mais tempo o segredo sob pena de perder o predominio medico, que até alli tinham obtido. Os que serviram o templo de Gnido foram os primeiros, que deram á luz as maximas e regras da sua practica medica. Os Asclepiades de Cos imitaram o exemplo de seus collegas, e publicaram uma serie de tractados, a que mais tarde se deu o nome de *obras hippocraticas*, e que constituem um dos mais preciosos monumentos da antiga medicina.

Entre elles figuram alguns escriptos destinados á arte dos partos, e ás doenças das mulheres; distinguindo-se principalmente o que se intitula — *De superfetatione*, — e que resume os conhecimentos dos Asclepiades sobre este objecto. O seu merecimento é incontestavel, se attendermos á época em que foi escripto.

Os aphorismos d'Hippocrates contêm preceitos practicos d'arte obstetricia, que ainda hoje não se devem absolutamente despresar. Sirvam d'ex. os aph. 38 da secção 4.ª e os 35-42-48-51-55-60-61-62 da secção 5.ª

O costume já antigo e infelizmente conservado, até certo ponto, em nossos dias, de se confiar a mulheres, pela maior parte ignorantes, a direcção dos trabalhos do parto, devia obstar necessariamente aos rapidos progressos da arte obstetricia. Os cirurgiões do seculo XVI conheceram a importancia d'este ramo das sciencias medicas, mas nenhum a elle se entregou com tanto zelo como Jaime Guilherme, e Francisco Rousset, medico do duque de Saboia. Este ultimo foi um dos mais acalorados defensores da operação cesariana, que, conhecida dos antigos gregos e romanos, havia sido completamente abandonada.

Diminuindo cada vez mais o prejuizo, que excluia os medicos da arte dos partos, abria-se uma nova éra á arte obstetricia, que saindo da velha rotina começava a tomar uma forma verdadeiramente scientifica. Francisco Mauriceau publica em 1668 o seu tractado das molestias de mulheres gravidas e puerperas. Chamberlen, parteiro de Londres, inventa o *forceps;* que, modificado primeiramente por Smellie na Inglaterra, e Levret na França, tem prestado valiosos serviços á arte obstetricia.

Á medida que se multiplicavam os estabecimentos d'instrucção e beneficencia em todas as capitaes da Europa, se creavam escholas practicas de partos, onde discipulos d'ambos os sexos vinham beber as sãs doutrinas, e combatiam os vicios rotineiros da ignorancia.

Assim foi que nasceram os genios, que florescem em nossos dias; foi assim que mesmo entre o sexo feminino appareceu quem ousasse publicar o fructo d'uma exacta observação.

O mester do medico parteiro não se limita a observar e dirigir o acto da parturição, nem simplesmente a executar as manobras indicadas em casos de dystocia.

O parto é uma funcção mui complexa: — o utero o seu orgão principal. A mulher gravida acha-se collocada em circumstancias muito especiaes: — as modificações, que têm logar no utero reagem sobre toda a economia, e dão lugar a phenomenos, que muitas vezes constituem estados pathologicos particulares. *Uterus infinitimarum aerumnarum in mulieribus causa.* (Democritus ad Hipp. *de natura humana*). O medico parteiro não deve desamparar a mulher 'neste estado, e o estudo dos incommodos, que sobrevêm durante a gravidez, é um objecto digno de merecer as suas attenções.

Os cuidados do parteiro devem continuar e augmentar depois do parto. A mãe, e o recem-nascido são dois individuos, cuja existencia se deve vigiar. No estado de puerperio dão-se phenomenos, que são o complemento da funcção do parto, mas que nem sempre se executam normalmente. Muitas vezes phenomenos pathologicos se manifestam, revestindo um character especial, e o medico acha-se constituido na obrigação de soccorrer a mulher, que acaba de ser mãe.

A febre puerperal é molestia que frequentemente acompanha o estado de puerperio, e por isso cumpre ainda ao medico parteiro d'ella occupar-se.

1.ª PARTE.

HAVERÁ DIFFERENÇA ENTRE A FEBRE PUERPERAL, A METRO-PERITONITE, E PHLEBITE UTERINA?

Idêa geral de febre.

I.

A classe das febres, continuamente influenciadas pelos variados systemas, que têm reinado na medicina, é uma das partes mais vastas, confusas e indeterminadas da pathologia.

Denominada pelos auctores gregos Πυρετὸς, πυρεξις: pelos latinos *febris*, *pyrexia;* pelos italianos *febbre;* pelos hespanhoes *frebre*, *calentura;* pelos inglezes *fever;* a origem etymologica da palavra *febre*, vem, segundo alguns auctores do verbo latino *fervere*, ou do substantivo *fervor*, porque se suppunha que os humores eram postos em movimento á maneira

d'um liquido em ebullição. Outros a fazem derivar do verbo *februare*, julgando a febre uma operação salutar. que a natureza emprega com o fim de purificar a economia.

A palavra *febre* designa os phenomenos mais salientes d'um estado morbido, caracterisados por augmento de temperatura. Os gregos empregavam por isso a expressão πυρετὸς para designar o calor febril. Assim o entende Van-Swinten quando diz: « Prior derivatio « (a fervore) magis respondet communi opi- « nioni veterum medicorum, qui calorem dixe- « runt febris essentiam; πυρετὸς, enim et πυρεξις, « hac significatione passim apud veteres Grae- « cos usurpantur. » Tal é tambem o parecer de Sauvages e de todos os que têm meditado os escriptos antigos. Riolan diz: « Hippocrates « febrem appellat ignem, et febricitantes igne « correptos. »

Numerosas são as definições que se têm dado de febre, o que provém evidentemente de que a maior parte dos medicos desejam introduzir na definição a idêa que formam da causa intima, da essencia da febre. Em medicina tal methodo de definir não é o mais seguro. A definição que tem por base a enumeração rapida dos principaes characteres d'uma cousa, é preferivel.

« Quum bilis aut pituita calefacta fuerit, « totum reliquum corpus ab his calescit, et « vocatur hoc *febris*. Calescit autem bilis aut « pituita, *intrinsecus quidem a cibis, et poti- « bus*, a quibus etiam nutritur ac augetur: « extrinsecus autem a laboribus ac vulneribus, « et a calido nimium calefaciente, et a frigido « nimium frigefaciente. (Hipp. liber 1.^us *de* « *morbis*).

« Quum sanguis percaluerit, et vim depu- « lerit, ac rursus ad suam naturam redierit, « concalescit simul et pituita, et bilis sanguini « permixta; et sanguis ipse seipso multipliciter « calidior evadit. His igitur percalefactis, ne- « cesse est, febrem succedere post rigorem, « prae sanguinis caliditate. (Idem).

« Febres plurimae a bile fiunt Species « ipsarum quatuor sunt, praeter eas quae ab « occultis doloribus generantur. Nomina ipsa- « rum sunt: — continens, quotidiana, tercia- « na, et quartana.

« Continens itaque appelata, a plurima ac « meracissima bile provenit..... Quotidiana « vero post continentem a plurima bile gene- « ratur;..... Terciana autem longior est « quam quotidiana, et a pauciore bile gignitur.

« Quod autem quartanae febres atrae bilis « participes sint, vel hinc condiscere licet.... « (Hipp *de nat. hominis*).

Por esta breve exposição que fizemos da pyretologia hippocratica, se mostra quão distante se achava o modo de pensar do sabio velho de Cos, das doutrinas hoje adoptadas. A febre era o augmento de calor 'num dos 4 liquidos ou humores da economia.

Galeno concorda com Hipp. e a eschola de Cos ácerca da existencia do calor anormal, como essencia das febres. Assim o exprime quando diz: « Essentia quidem febrium est « in genere caloris praeter naturam (Galeno. « *De febribus* lib. 1.^us cap. 1.^us) » Mas elle vae mais longe: assigna-lhes mais dois characteres essenciaes: — o desenvolvimento primordial do calor no coração, e a perturbação geral de funcções. Coherente com estes principios diz: « Febris est immodice auctus calor; ut « et hominem laedat, accensus in corde, et « procedens ab eo in totum corpus. » Segundo o calor anormal se fixava nos espiritos, na parte solida do coração, ou nos seus humores, assim se originavam as febres ephemera, hectica, e putrida. A alteração da pituita originava a febre quotidiana; a da bilis, a terçã; a da atra-bilis, a quartã. « Ex pituita putri, « quotidiana; ex utraque bile, flava quidem, « terciana: atra autem, quartana efficitur. « (Galeno liber 2.^us *de febribus* cap. 2.^us) » « As febres continuas têm sua origem na bilis, e soffrem diversas divisões. (Idem.)

Foi sobre estas idêas systematicas, que muito tempo se apoiou a pyretologia. Durante a meia edade e até ao principio do seculo XVIII a doutrina Gallenica predominou na sciencia com mais ou menos modificações. Então começou uma das epochas mais brilhantes da pyretologia. Vanelmont recusa admittir a podridão dos humores como essencia da *febre*, e sustenta que esta não é mais do que uma indignação do *archéo* para expulsar da economia uma substancia estranha, e nociva. O frio indica o estado de medo, e d'esgotamento do archéo: o calor, os esforços e os movimentos aos quaes elle se entrega.

Willis rejeitando as antigas theorias humoristas inclina-se a que sómente o sangue é susceptivel d'effervescencia por um excesso de calor, e de produzir as febres. O sal, o espirito, o enxofre, a agua, e a terra eram os principios componentes do sangue. A fermentação produzida 'nestes diversos elementos dá origem ás differentes febres.

Ha um principio intelligente, que tende a expellir as partes impuras e prejudiciaes ao sangue; a operação que para isto tem lugar denomina-se *febre*. Assim o julga Sydenham.

Hoffmann busca a causa proxima do movimento febril 'numa affecção espasmodica dos systemas nervoso e vascular, caminhando primeiramente da peripheria para o centro, e expellindo depois os liquidos em sentido contrario.

A maior espessura do sangue ou espontanea ou devida a causas estranhas, produzindo a estagnação d'este liquido nos vasos, augmentava a quantidade de sangue contida no coração. Este orgão reagindo multiplicava as suas contracções, e produzia a febre, que tambem se originava por influxo consideravel

dos fluidos cerebral e nervoso sobre os musculos. Tal é a doutrina de Boerhaave, exposta no aph. 574 quando diz. « Ergo velocior re- « ciprocus influxus liquido cerebellosi et ner- « vosi, in musculos, et sanguinis in vasa, et « cava cordis. »

Um espasmo nas extremidades dos vasos é para Cullen a causa proxima, a essencia das febres. (Cullen. Medecine pratique pag. 20 tom. 1.er)

Para Broussais a febre é sempre o resultado d'uma irritação primitiva ou sympathica do coração; em virtude do que este orgão precipita as suas funcções.

Nem o calor anormal do corpo humano, como julgavam os antigos; — nem a acceleração do pulso como julgava Boerhaave constituem por si só o character da febre. Estes dois caracteres devem existir reunidos, terem alguma duração, e serem precedidos d'uma sensação de frio. « Tria illa phenomena, hor- « ripilatio, pulsus velox, et calor, in omni « febre ab internis causis orta, semper ad- « sunt. (Van Switen). » Perturbações funccionaes devem completar o quadro symptomatologico do estado morbido, que denominamos *febre*, e que é devido a um augmento d'acção, a uma exaltação ou hypersthenia do elemento vascular.

Esta exaltação do systema circulatorio existe ora isoladamente, ora precedida, ou acompanhada de lesões phlegmasicas em algum orgão da economia.

Assim se dividem as febres em *essenciaes* ou *ideopathicas* e em *secundarias*, ou *symptomaticas*; objecto este sobre o qual não estão d'accôrdo todos os pathologistas.

Continúa.

F. A. ALVES.

O SELLO GRANDE DE INGLATERRA.

Continuado de pag. 202

O sêllo do reino conserva ainda hoje toda a sua antiga importancia; as mesmas leis, que sabiamente declararam o rei immortal, tomaram tambem acertadas providencias para que o reino nunca estivesse sem um sêllo grande; e se por ventura é necessario fazer um sêllo novo, o antigo sómente se destroe depois de prompto aquelle que o hade substituir. A creação d'um sêllo novo é um verdadeiro negocio d'Estado: o soberano convoca o conselho privado, e alli o gravador d'elrei apresenta os desenhos para o novo sêllo. Escolhem-se os desenhos, faz-se o molde; quando está prompto reune-se de novo o conselho para approvar o sêllo; então é que o rei o entrega ao chanceller, que fica *ipso facto* revestido de todas as dignidades que já mencionámos. Antigamente havia ainda outra ceremonia: o novo chanceller devia, perante o conselho, sellar por sua mão um documento, a fim de mostrar que se achava habilitado para cumprir com os deveres do seu cargo; do mesmo modo que ainda hoje os *shérifs* de Londres e de Middlesex são obrigados, antes de tomarem posse dos seus logares, a dar uma prova da sua intelligencia e aptidão, e essa prova consiste em contar certo numero de pregos e aparar algumas varas. Porém, os sêllos usados naquella epocha, apesar de chamados grandes eram pequenos, comparados com os de hoje; não tinham talvez mais de duas ou trez pollegadas de diametro, e não era mais difficil sellar com elles um documento, do que lacrar uma carta com um sinete. Comtudo parece que o sêllo grande tem ido crescendo na razão directa do augmento do poder real, e hoje é tamanho, que o nobre Lord, seu guarda, de certo queimaria os dedos se tentasse sellar com elle algum documento; por isso ha dois empregados adestrados « o aquece-cera » e o « sellador » encarregados d'este mistér.

A creação d'um sêllo novo não é ceremonia mais solemne do que a destruição do antigo. Esta operação é feita pelo soberano em sessão do conselho. O rei toca com um martello no antigo sello, que desde então deixa legalmente de existir, e fica sendo propriedade do chanceller. Esta propriedade tem hoje maior valor do que antigamente, porque o sêllo que era de cobre até 1815, é desde então de prata. A este respeito lembra-nos uma contestação curiosa que teve logar quando Guilherme IV *quebrou* o sêllo do seu antecessor. O chanceller no tempo de Jorge IV era lord Lyndhurst, mas quando se acabou de fazer o sêllo de Guilherme, achava-se revestido d'aquella dignidade lord Brougham. Ambos pretendiam o sêllo antigo e allegavam, um que era aquelle o sêllo do reinado transacto, outro, que o sêllo era válido atè ser quebrado pelo novo monarcha. A contestação foi levada perante o rei que, achando bôas razões a favor d'ambos os litigantes, decidiu que se désse a cada um d'elles metade do sêllo. O ourives de S. M. engastou estas duas metades em custosas molduras de prata, que elrei mesmo apresentou aos dois ministros, dizendo-lhes, que deitassem sortes para decidir como deveriam ser distribuidas.

O chanceller, que recebe sempre o sêllo das mãos do proprio soberano, não o pode voltar senão a este, ou a quem por elle fôr mandado especialmente para este fim, com uma ordem por escripto, revestida da assignatura real.

Quando o cardeal Wolsey caiu no desagrado d'elrei, os duques de Suffolk e de Norfolk tentaram tirar-lhe o sêllo, em virtude de uma ordem puramente verbal do rei; porém o

cardeal recusou entregar aquelle importante deposito, e os nobres mensageiros tiveram de ir buscar a ordem por escripto que pedia o ex-chanceller.

Não era raro vêr os Tudors e os Stuarts pedirem o sêllo emprestado por alguns dias aos seus chancelleres, afim de poderem com elle validar decretos e mercês, que os chancelleres levados de receio ou de escrupulo, não queriam sellar.

O sêllo grande, de cuja posse dimana toda a auctoridade do chanceller, presume-se presente sempre que este exercita alguma das suas funcções politicas ou judiciaes. Porém, para evitar que o sêllo seja continuamente transportado d'um logar para outro, usa-se hoje não levar perante o chanceller senão a bolsa ricamente bordada destinada a receber o sêllo, e sómente quando ha que sellar algum documento, é que se tira do logar em que costuma estar guardado.

(*Revue Britannique.*)

PRELECÇÕES DE DIREITO PUBLICO INTERNO DE PORTUGAL

QUE FEZ

Ricardo Raymundo Nogueira

NO ANNO LECTIVO DE 1795 A 1796.

Continuado de pag. 235.

PARTE 1.ª

Da fórma e constituição do Imperio Portuguez.

CAPITULO 1.

D. Affonso VI de Castella tinha o imperio supremo dos Estados que lhe obedeciam.

A fórma de governo de Portugal é de Monarquia pura e independente, porque todos os direitos da soberania estão na mão do Rei. E esta foi sempre a natureza do nosso reino, desde que D. Affonso VI o deu em dote ao conde Henrique.

Esta proposição tem duas partes; 1.ª que Portugal ficou separado de Castella, e independente, quando foi dado em dote; 2.ª que a sua constituição desde o principio foi puramente monarchica.

Para melhor provarmos uma e outra cousa, cumpre primeiramente separar os factos incontestaveis dos controversos.

É certo que o conde D. Henrique casou com D. Theresa, filha de D. Affonso VI. — Que recebeu Portugal em dote, e o direito de fazer conquistas aos Mouros. — Que D. Affonso Henriques, successor de seu páe, foi acclamado Rei depois da batalha do campo d'Ourique. — Que este reino é ha muitos seculos soberano e independente de toda a vassalagem. — Que o governo actual de Portugal é monarchico.

Até aqui todos convêm.

Os pontos controversos são: 1.º em que tempo e de que maneira adquiriu Portugal a independencia. 2.º Em que tempo e de que maneira ficou sendo perfeita monarquia desde a época da sua total separação de Castella.

Uma e outra cousa queremos nós que se verificasse na occasião, em que elle foi dotado ao conde Henrique.

A materia é embaraçada e obscura pela distancia dos tempos. Comtudo procuraremos provar a nossa opinião, demonstrando com a evidencia que póde haver em factos de tanta antiguidade as trez proposições seguintes.

I. Affonso VI era Monarcha absoluto.

II. Podia separar do resto dos seus Estados as provincias, que deu em dote a seu genro.

III. De facto as separou, e as deu ao conde Henrique com o imperio supremo e independente.

I. *Affonso VI era Monarcha absoluto.* Parece que os reis de Leão e Castella (quanto se póde julgar na falta de monumentos e principios, que então havia) tiveram sempre todos, ou, ao menos, os principaes e mais importantes direitos da Magestade.

Para o provarmos cumpre examinar o ponto de mais longe, e subir ao tempo da fundação do Imperio Gothico, comparando a constituição d'elle com as dos reinos, que se estabeleceram sobre as suas ruinas.

Eram os Godos descendentes dos antigos Germanos, dos quaes refere Tacito [1] que tinham reis a quem obedeciam. Estes reis, porém, não eram absolutos: julgavam das cousas de menor importancia, e as maiores tractavam-se perante todo o povo, e por seu voto se decidiam, posto que fosse sempre necessaria a presença do Rei.

Portanto estes reis eram mais uma especie de Magistrados particulares, que presidiam a certos logares e territorios, e julgavam as causas entre seus habitantes, do que principes soberanos a quem obedecesse a Nação toda [2].

E até parece que não tinham poder de impôr penas capitaes, porque Cesar diz que esta auctoridade se costumava conceder aos Magistrados a quem se confiava a administração da guerra, o que mostra que ella lhes não pertencia geralmente em tempo de paz.

Esta extrema liberdade de que usavam os Germanos, era consequencia do estado da Nação, e de seus costumes, e uso de viver.

[1] *De morib. Germ.*, cap. 7, 11.
[2] Caesar *de bell. Gall.*, L. VI, cap. 22.

Elles se occupavam inteiramente na caça e na guerra, contentando-se de alimentos simplices, e grosseiros, e de vestiduras de pouco preço; cuidavam pouco da agricultura; e até não conheciam a propriedade perpetua dos campos, pois que os Magistrados repartiam todos os annos as terras entre os cidadãos, assignando a cada um as que devia cultivar [1].

Era pois forçoso que em taes circumstancias fosse o vinculo civil muito frouxo entre elles, e que, accostumados a uma vida errante, soffressem mal o freio das leis e a auctoridade de um superior. Este é geralmente o estado dos povos, entre os quaes não estão ainda em todo o seu vigor as divisões dos dominios, e que se applicam pouco á agricultura.

D'aqui concluimos que o governo entre os Germanos era informe: que os que elles chamavam reis, tinham uma auctoridade limitada, e sujeita ás deliberações dos congressos nacionaes; mas que estes mesmos congressos irregulares na forma e tempo da convocação, e no methodo de decidir os negocios, apresentavam um systema muito imperfeito e mal combinado de democracia.

Porém, depois que estas nações deixando as regiões da sua origem, invadiram as provincias da Europa situadas em mais favoravel clima, e havendo expulsado os romanos e subjugado os naturaes habitantes d'estas provincias, fizeram 'nellas assento, e lançaram os fundamentos de um novo imperio, era forçoso que se apartassem de seus antigos costumes, e abraçassem um systema de governo mais regular, mais bem combinado e mais proprio do estado de civilisação, em que iam entrar.

Isto effectivamente aconteceu na Hespanha, porque havendo os barbaros commettido grandes estragos na sua entrada, e posto tudo a ferro e fogo, seguiu-se uma fome horrorosa em que elles mesmos padeceram muito; e então viram que lhes era necessario mudar de systema, e entraram por conseguinte a repartir as terras entre si, applicando-se á agricultura [2], e fizeram leis certas, não só para os Godos mas para os mesmos provinciaes.

Desde esse tempo adquiriram os vinculos civis maior força e consistencia, e os reis não foram já simplesmente generaes, como d'antes eram, mas obtiveram maior poder e auctoridade, ainda no tempo da paz. Elles pois administravam justiça aos povos, nomeavam os governadores das provincias, e exercitavam outros muitos direitos magestaticos sem dependencia de alguem. Comtudo é certo que elles não eram verdadeiros Monarchas, nem gozavam de todos os direitos da soberania. Portanto a forma de governo entre os Godos era mixta, e participava de monarchica e aristocratica. [1] Isto se prova bem das leis d'aquelle tempo, as quaes foram todas feitas nos concilios, com approvação e conselho dos bispos e grandes, sendo estes concilios não só assembleas ecclesiasticas, destinadas para resolver os negocios da religião, mas verdadeiras côrtes em que se tractavam os interesses civis e politicos, concernentes á boa administração do Estado.

Assim vemos infinitas leis, feitas nos concilios toletanos, nos quaes foi tambem publicado o celebre codigo gothico. Alarico diz tambem no commentario ou lei de reboração que precede ao seu codigo, que elle o compozera com assistencia dos nobres e prelados [2].

Porém, depois que os Mouros entraram em Hespanha, e os reis de Leão lhes principiaram a fazer guerra, expulsando-os pouco a pouco das terras que haviam occupado, parece que a forma do governo se alterou, e que estes novos soberanos tiveram maior auctoridade, que os reis Godos, sendo verdadeiramente Monarchas absolutos e supremos.

Porque, quanto se póde conjecturar no meio da obscuridade e falta de monumentos d'aquelle tempo, parece que os fidalgos e bispos não exercitavam já algum dos direitos da soberania, mas que todos elles estavam incorporados na pessoa do Rei, posto que elle os não podesse algumas vezes manter em todo o rigor por causa das continuas e sanguinolentas guerras, em que a Hespanha andou envolvida por tanto tempo.

É verdade que os grandes arrogavam a si grande auctoridade sobre as terras que possuiam a titulo de *feudo*, e que as mesmas côrtes do reino, em que ao principio concorriam só os grandes e bispos, e depois tambem os procuradores do povo, eram consideradas como assembléas de grande auctoridade, e que 'nellas se costumavam estabelecer as leis, e impor os tributos.

Mas julgo que nem os direitos dos senhores dos *feudos*, nem a auctoridade das côrtes entraram pelos direitos essenciaes da soberania, em prejuizo dos reis.

Emquanto aos feudos. 1.° Porque os *feudos* dependiam todos do Rei, de quem os senhores recebiam a investidura, obrigando-se a certo serviço militar. 2.° Porque o governo feudal, que por estes tempos se estabeleceu por toda a Europa, fez em Hespanha menores progressos, do que nas outras partes [3], nem eu sei que os senhores usassem entre nos de direitos tão exorbitantes, nem arrogassem tão grande

[1] Caes., l. c. Tacit. *de morib. germ.*

[2] Roder. Tolet. *Wandal. Hist.* c. 11, 12. Paul. Oros. L. 7 c. 40. S. Isidor. *Wandal. Chron.* Saavedr. *Chron. Goth.* p. 29.

[1] Das causas da mudança do governo entre as nações de origem germanica, veja-se Montesq. *espr. des lois*, liv. 9 c. 8.

[2] Veja-se o dicto commentario, cujas palavras refere Saavedr. *Chron. Goth.* p. 360.

[3] Veja-se D. João Francisco de Castr. *Discurs. crit. sobre las leyes*, tom. III decis. 1.ª divis. 3.ª n.° 13 p. 17.

auctoridade como em outros reinos. Em França, por exemplo, achamos ainda no tempo de S. Luiz, que morreu em 1270, um grande numero de senhores que tinham direito de bater moeda (excepto de ouro e prata); [1] privilegio que não sei que em Hespanha fosse concedido a vassalo algum.

Emquanto ás côrtes. Tinham estas voto consultivo, mas não decisivo. Propunham ao Rei o que julgavam conveniente para o bom governo do reino, e com ellas consultava a maneira de repartir os impostos, de os arrecadar etc. mas a decisão era sempre sua, e estava em seu arbitrio approvar ou rejeitar os planos, que se lhe appresentavam.

D'esta regra exceptuamos o reino de Aragão, onde as côrtes exercitavam a auctoridade suprema junctamente com o Rei na imposição dos tributos, declaração da guerra etc. e até em algumas cousas lhe eram superiores [2].

Mas d'esta mesma excepção se colhe a soberania dos reis de Hespanha por aquelle tempo, porque os de Aragão foram tambem principes soberanos, e absolutos ao principio; e na occasião de um interreino, em que os aragonezes tractaram de eleger novo Rei, é que se fez o celebre fôro de *Sobrarve*, lei fundamental d'aquelle imperio, pelo qual se ampliaram os poderes das côrtes, e se creou o celebre magistrado, chamado *Justiça Mór* ou *Justiça de Aragão*, para o qual se appellava das sentenças proferidas pelo Rei.

Nem é de admirar que o novo imperio que fundaram os reis de Leão sobre as ruinas do Gothico fosse perfeita Monarchia, antes o contrario seria menos provavel. O governo militar é sempre absoluto, e dá ao general uma auctoridade sem limites. D'onde vem que ainda as nações, que na paz não consentiam ser regidas pelo arbitrio de um só homem, se sujeitaram a esta forma de governo em tempo de guerra.

Achando-se, pois, os hespanhoes em continua guerra com os Mouros por espaço de muitos seculos, e sendo a necessidade de se defenderem d'elles o motivo, porque se sujeitaram ao imperio de seus novos reis, era forçoso que o governo fosse todo militar, e que os principes, occupados quasi unicamente nos cuidados da guerra, e presidindo a um povo de soldados fossem monarchas absolutos.

Não negamos que se podem apontar alguns factos, de que se colha que os grandes arrogaram algumas vezes direitos que são inherentes á magestade. Mas respondemos que na perturbação e desordem d'aquelles tempos calamitosos, não é muito que a ambição os tentasse a excederem as raias, dentro das quaes se deviam conter, quando vemos que elles ainda em occasiões de maior tranquillidade quizeram por muitas vezes commetter similhantes usurpações. As muitas providencias dadas pelos nossos reis a este respeito, que se referem na historia de direito patrio mostram até que ponto chegaram as suas pretenções.

Além de que, estas injustas usurpações dos grandes foram algumas vezes cohibidas pelos reis, e se outras vezes as dissimularam, foi ou por fins politicos, ou por não terem idêas claras dos direitos da soberania como hoje temos. O mesmo dizemos acêrca das côrtes.

De tudo isto vimos a concluir que D. Affonso VI era Monarcha absoluto, e que esta forma de governo não era nova entre nós, quando o conde Henrique casou, pois que a ella estava sujeito o imperio hespanhol de que Affonso era soberano.

Continúa.

[1] Millot. *Hist. de Franc.* tom. I p. 316.

[2] Jeronym. Martel. *Forma de celebrar côrtes em Aragon.* Isto foi estabelecido no Foral de Sobrarve, que era a lei fundamental de Aragão. Vid. Hieron. Blancas, *Aragonens. rer. commentar. ann.* 842. Hisp. Illustr., tom. II. p. 588.

VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO.

Continuado de pag. 11.

LIVRO PRIMEIRO.

ELEGIA SEPTIMA.

Os estames fataes (que nem aos deuses
É dado dissolver) fiando as Parcas,
Este dia e este heroe vaticinaram:
Raio cruel das Aquitanas gentes;
Cujo tremesse subjugado o Átax.
— E foi como o disseram! — pasma agora,
Vendo os novos triumphos, o romano,
E sob algemas os contrarios chefes!
D'alvos corceis tirado o eburneo coche
Mostrava-te, Messala, ornada a fronte
Com a corôa d'invenciveis louros.

Mas não, sem mim, tu conseguiste a gloria!
Nos Pyreneus Tarbella é testimunha
E as praias do Santónico oceano;
São testimunha do Árar as correntes,
O Rhodano veloz, Garumna claro,
E do Lyger azul Carnutos loiros.

Porventura tambem cantar me é dado,
Tranquillo Cydno, teu ceruleo curso,
Placido serpeando em váus serenos?
Quantos barbaros Cilicas sustente
Frígido o Tauro, remontado ás nuvens?

Direi eu, como a nivea, sancta pomba,
Intacta voe por cidades cento
Na Palestina Syria; e como Tyro,
A sabia Tyro, que primeira aos ventos

[1] No fim da edição, apresentaremos o ultimo estado da sciencia a respeito dos pontos que Ricardo Raymundo tractou com menos exactidão. *Nota do Editor.*

As velas confiou, alongue as vistas
Dos altos torreões ao vasto oceano;
E quanto abunde o fertil Nilo em aguas,
Quando o árido campo abraza Syrio?
— Fecundo Nilo, que não possa o vate
Tua origem narrar, nem em que sitios
Occultes, em mysterio, tuas fontes!
Por ti, chuvas não pede a terra tua,
Nem sêcca a herva a Jove implora orvalhos:
Erguendo-te canções a estranha gente,
Douta no prantear o boi de Memphis,
O seu Osíris reverente admira.

D'Osíris a habil mão foi quem primeiro
O arado construiu e a terra virgem
Volveu com ferro e ao sulco inexperiente
A semente lançou e colheu pomos
D'arvore, até então, desconhecida.
Elle foi que ensinou a empar a vide
E a verde côma a decotar co'a foice;
Elle o primeiro, a quem as roixas uvas,
Por pés não-costumados espremidas,
Deram seus mimos, o licôr jucundo.
Licôr que fez dobrar ao canto as vozes
E, em cadencia, mover os nescios membros;
Que ao lavrador, quebrado de fadigas,
Desvanece no peito amargas penas;
E aos afflictos mortaes produz allivio,
Bem que a dura calceta aos pés lhe sôe.

Não tens, Osíris, nem pezar, nem luctos;
Mas chorêas, e canto e amor suave;
Mas muita, vária flôr e de corymbos
Na fronte a c'rôa; mas o flavo manto
Descendo a te cubrir a planta airosa,
E os vestidos de Tyro e a doce frauta
E o cabaz portador dos sacros votos.

Eia, vem para nôs; e com mil festas,
Com jogos mil o Genio solemnisa
E as fontes banha com licôr profuso.
D'elle a madeixa nitida, formosa
Ha de exhalar suavissimos perfumes,
E no collo e cabeça hão de avultar-lhe
De rescendentes flores as grinaldas.
— Que assim tu venhas hoje: o puro incenso,
Em honra tua, queimarei e os bolos,
E o doce mel Mopsópio hei de offertar-te!

A ti, Messala emfim, succeda prole
Que do páe as acções augmente, e esteja
De ti, já velho, em torno veneranda.
Nem cancem no louvor, ao que demoram
Alba no lar antigo e a terra Túscula,
As obras immortaes nas amplas Vias:
— Pois, por teus cofres o cascalho e o seixo
Com habil arte lá se agrega e adhere.
Thema serás de cantos ao colono,
Tardo voltando da cidade immensa
C'os não trilhados pés. — E tu condigno
De festas mil, Natal, por longos annos,
A mais e mais brilhante a nós regressa.

A. A.

NOTICIARIO.

Cem mil homens nutridos com areia do mar. — È uma epigraphe original, mas que perde o caracter de paradoxo, depois de se ler o seguinte:

Leigh, chimico de Manchester, descubriu, que com areia ordinaria e soda se compõe uma colla muito economica, que póde substituir com grande vantagem a colla de farinha de trigo, no fabrico dos estofos d'algodão. Os fabricantes de Lakburn collaram 400 a 500 peças com esta nova substancia, e deram-se bem com esse systema. Ora, a farinha de trigo que até agora se empregava para este uso, era em tal quantidade, que podia, por calculos bem fundados, servir d'alimento a 100:000 pessoas. Logo Mr. Leigh descobriu o meio d'alimentar 100:000 homens, empregando a areia em vez do trigo no fabrico da colla.

A medicina na Austria. — Pelas noticias estatisticas mais recentes, existem no imperio da Austria 6:398 medicos, 6:200 cirurgiões, 19:000 parteiras e 3:000 pharmaceuticos. Ha portanto um medico e um cirurgião para 6:000 habitantes, e um pharmaceutico para 42:000.

RELAÇÃO

Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrucção pública desde o dia 15 até ao fim de novembro ultimo, por despachos do Conselho Superior d'instrucção pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Antonio Nunes Serra, para professor temporario da cadeira de Souto da Casa, no districto de Castello Branco.

Antonio Francisco Pereira, para dicto do Pedrogão, no de Beja.

Antonio Julio Mendes Cardoso, para dicto dos Arcos de Val de Vêz, no de Viana do Castello.

João d'Elvas Portugal, para dicto de Bemquerença, no de Castello Branco.

José da Purificação Moraes Calado, para dicto da Bemposta, no de Bragança.

Alexandre Martins de Freitas, para dicto de Caldellas, no de Braga.

Antonio Vieira de Figueiredo, para dicto de Cêa, no da Guarda.

Eduardo Alves Izidoro Pinto Horta, para dicto d'Alcaçovas, no d'Evora.

Francisco Pinto Lobão, para dicto de Ferreiros de Avoes, no de Viseu.

Joaquim dos Sanctos Affonso, para dicto de Sancta Comba, no da Guarda.

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

Miguel Leite Ferreira Leão, para o logar de lente cathedratico da faculdade de Philosophia na Universidade de Coimbra, por decreto de 17 de novembro ultimo.

Observações feitas em 1853 no Observatorio de Coimbra para a determinação da sua longitude. (*a*)

Mez	*Dia*	*Astro*	*Intervallo das passagens do astro e do bordo da lua*		$t - t' = \varphi$	*Longitude de Coimbra ao occidente de Greenwich*
			Observado em Coimbra $= t$	*Calculado em Greenwich* $= t'$		
Julho	4	θ de Ophiuco	— 17′25″12 *	— 18′44″29	+ 79″17	33′47″4
	4	*d* de Ophiuco	— 22 26,37 *	— 23 44,17	+ 77,80	33 12,2
	6	λ de Sagitario	+ 32 32,00	+ 31 10,59	+ 81,41	33 20,1
	6	τ de Sagitario	— 6 19,57	— 7 41,39	+ 81,82	33 30,1
	6	ψ de Sagitario	— 15 5,81	— 16 27,01	+ 81,20	33 14,9
	6	τ de Sagitario	— 6 20,12 *	— 7 41,39	+ 81,27	33 16,6
	6	ψ de Sagitario	— 15 5,50 *	— 16 27,01	+ 81,51	33 22,5
	30	σ de Scorpio	— 32 27,75	— 33 40,24	+ 72,49	33 33,7
	30	α de Scorpio	— 40 36,68	— 41 48,83	+ 72,15	33 24,2
	31	σ de Scorpio	+ 20 59,06	+ 19 42,31	+ 76,75	33 29,3
	31	α de Scorpio	+ 12 50,00	+ 11 33,72	+ 76,28	33 17,0
	31	θ de Ophiuco	— 39 45,87	— 41 1,71	+ 75,84	33 5,5
	31	*d* de Ophiuco	— 44 45,69	— 46 1,58	+ 75,89	33 6,8
Agosto	1	θ de Ophiuco	+ 16 36,88	+ 15 17,09	+ 79,79	33 16,2
	1	*d* de Ophiuco	+ 11 37,12	+ 10 17,21	+ 79,91	33 19,2
	4	*b* de Sagitario	+ 36 21,94	+ 35 2,91	+ 79,03	33 26,5
	4	*c* de Sagitario	+ 30 40,12	+ 29 21,34	+ 78,78	33 20,2
	4	π de Capric.	— 31 44,19	— 33 2,53	+ 78,34	33 9,0
	4	χ de Capric.	— 35 50,25	— 37 8,74	+ 78,49	33 12,8
	6	η de Capric.	+ 43 28,12	+ 42 16,39	+ 71,73	32 56,4
	6	δ de Capric.	+ 36 30,12	+ 35 17,64	+ 72,48	33 17,1
	6	67 de Aquar.	— 20 7,88	— 21 19,49	+ 71,61	32 53,1
	6	λ de Aquario	— 29 30,51	— 30 42,49	+ 71,98	33 3,3
	6	γ de Capric.	+ 43 27,81 *	+ 42 16,39	+ 71,42	32 47,9
	6	δ de Capric.	+ 36 29,25 *	+ 35 17,64	+ 71,61	32 53,1
	6	λ de Aquario	— 29 31,19 *	— 30 42,49	+ 71,30	32 44,6
Outubro	2	ι dos Peixes	+ 29 22,50	+ 28 9,88	+ 72,62	32 57,3
	2	19 dos Peixes	+ 22 54,10	+ 21 40,29	+ 73,81	33 29,7
	2	*d* dos Peixes	— 11 16,13	— 12 28,86	+ 72,73	33 0,2
	2	45 dos Peixes	— 16 20,88	— 17 34,01	+ 73,13	33 11,2

(*a*) Continuação da pag. 240 do numero precedente.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INSTITUTO DE COIMBRA.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E SOCIAES.

Extracto da acta da sessão de 31 de janeiro de 1858.

Presidente o sr. director da classe.

O sr. presidente expoz que havia recebido um officio da direcção do Instituto, acompanhado d'uma memoria que o sr. Conde de Rio Maior, Antonio, offerecia a fim de ser admittido em o numero dos socios do Instituto, e que em consequencia d'isso havia ordenado a convocação da classe para nomear uma commissão que désse o seu parecer sobre este objecto na fórma do Regimento.

Nomeou-se com effeito a commissão, para a qual saíram eleitos os srs. Nazareth, Jacintho de Sousa, e Marquez de Souza Holstein.

Está conformе. — Coimbra, 31 de janeiro de 1858. — O secretario da classe, *Adriano Machado*.

AGRICULTURA.

BANCOS TERRITORIAES.

Continuado de pag. 224.

Proseguindo na tarefa de tomar, aos impugnadores da nossa querida instituição, conta das mais ponderosas arguições, não muito pelo miudo, como o desejaramos, mas segundo comportam as dimensões do *Instituto*, aqui lançamos o segundo capitulo d'accusação com que veio á praça o collaborador da *Revista Universal* precitada.

Diz elle: — « Entre nós já existiram poderosos Bancos Ruraes e ainda existem muitos. » — Este ponto, por conseguinte, é todo nosso, todo exclusivamente com Portugal. E 'nelle, ou muito mal o apreciamos, teve o auctor em vista dois resultados; [a]) impugnar a necessidade da sua creação no nosso paiz, por já existirem; e [b]) negar, sobretudo, a sua utilidade, ainda a minima, tanto para a agricultura, como para os banqueiros; a não ser que mais quizesse asseverar a sua perniciosidade.

Para apoiar o primeiro, adduz o Terreiro público de Lisboa, o Thesouro público, a Companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro, as extinctas Ordens Religiosas, e as actuaes Irmandades e Confrarias das provincias, exornando todas estas instituições com o nome de Bancos Territoriaes! Ora, é convicção nossa, e muito profunda, e sêl-a-ha, sem dúvida, de qualquer, ainda mesmo medianamente conhecido com a natureza d'estes Bancos, que não vale a pena escrever um unico monosyllabo, para rebater a affirmação de ter sido o Terreiro público de Lisboa um Banco territorial, nem de haver sido o emprestimo effeituado pelo Thesouro Público uma operação bancaria, segundo os dictames dos Bancos territoriaes. Não vale a pena, não. O auctor do artigo, desconhecendo de todo, ou attentando menos bem nas operações characteristicas d'estes Bancos, e vendo que essas instituições tinham feito emprestimos á agricultura, classificou-as para logo em Bancos territoriaes; como se o simples facto do emprestimo symbolisasse o bastante para uma tal classificação. Foi um capricho injustificavel, ou uma ignorancia pretenciosa.

Com egual aspereza, porém, lhe não tomamos em mal o dar esse nome á Companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro; por isso que, como já advertimos no principio, havia 'nella traços, embora poucos e rudimentarissimos, que revelavam alguma feição do fecundo auxiliar agricola. Era o principio tomando vulto, era a idêa incarnando na sociedade; mas bem longe estava de ser uma creação completa, perfeita, com uma individualidade inconfundivel e de prodigiosos recursos para o desinvolvimento agrario, como são as de hoje. Era o impulso omnimodo e inquebrantavel do ministro-rei a manifestar-se em leis admiraveis e a derramar-se em estabelecimentos uteis; mas com todos os defeitos que são sempre o cortejo dos primeiros ensaios e da falta d'experiencia.

Ora é menos sensato, e devia ser vergonha, o procedimento de vir, hoje, argumentar com esses quaesquer defeitos contra ulteriores melhoramentos, e, sobretudo, quando estes já estão, até á saciedade, comprovados. Devia,

devia ser vergonha; não sabemos dizel-o por outras palavras! — e tanto mais, que já nos vamos enfastiando d'ouvir repetir, sem critica, estas mesmas arguições até nos logares donde havia a presumpção de que só se derramaria luz, só se apostolaria verdade.

Mas, emfim, que alguem, menos pensado e menos corrente com as cousas da nossa terra, nos viesse repetir esses queixumes, pelo desvantajoso exito da Companhia, não nos admirava; porque havia de tirar sempre essa conclusão, descurando apreciar o assumpto por todas as suas numerosas circumstancias. Que, porém, nol-os venha fazer um escriptor que, além de dever ser consciencioso, tem a presumpção de lido e conhecedor de toda vida da Companhia, é isso não para admiração, mas para assombro. Não é em ter ella sido um grande Banco rural, como deliciosamente lhe chama o illustre collaborador da *Revista*, que ninguem ha de ir esmiunçar os motivos da sua desvantagem, a desejar conhecel-os, senão que nas imperfeições da sua ecconomia e natureza, *nos impoliticos privilegios* que lhe concederam governos ineptos, nos gravosos encargos com que a oneraram, fazendo-a levantar o bello edificio da Academia de Commercio e Marinha, construir o solido caes que desde a Porta-Nobre corre, quasi completo, até á Cantareira, melhorar em muitos pontos o curso, e as margens do Douro, e perfazer tantas outras obras utilissimas e, finalmente, para não alongarmos razões, na inveja, na guerra constante que lhe moveram os inglezes, como testimunham os repetidos officios da côrte de S. Jaimes apresentados pelo conde Kinnoull, pelo enviado Ed. Hay, por Walpole e outros.

'Nestas, e em varias outras circumstancias, é que ha de procurar e achar as causas da má fortuna da Companhia quem, com animo sincero, as desejar conhecidas, e nunca em ter sido um Banco territorial, o que effectivamente não foi, senão em alguma diminuta *feição*, como já notamos.

Pelo que entende com as extinctas Ordens Religiosas e com as actuaes Irmandades e Confrarias das provincias, guarde-nos Deus de dizermos ao *sr. F. P. de M.* que nenhuma d'essas corporações fez, nem faz, uma unica operação de Banco territorial. — Este assumpto, porém, curiosissimo, o de determinar qual a influencia d'estas corporações na nossa agricultura, e o como podem tornar-se muito prestantes de futuro, ser-nos-ha convite para um artigo especial, quando tracejarmos um *projecto de bancos territoriaes em Portugal*.

Entrando, agora, com o segundo resultado, que o auctor teve em vista, — o negar abertamente a utilidade, ainda a minima, dos taes Bancos, tanto para a agricultura, como para os banqueiros; — escutemos-lhe, na espressão propria, os prantos do tão mal pago desaffogo. Diz elle: « avultadissimos capitaes espalharam estas corporações pelos proprietarios agricolas de todo o reino. Estes capitaes ou já se perderam ou estão quasi perdidos, e comtudo a agricultura nenhum melhoramento tirou d'elles. . . »

Acabado de transcrever este ultimo periodo, vemos-nos no apêrto de reflectir alguns momentos, para compôr a resposta. O *Instituto* é um periodico grave e cortez, quanto lhe cabe. Estuda, para discutir; discute, para esclarecer-se; esclarece-se, para evangelizar a verdade: lastima os desvios; mas não sabe insultar adversarios. O apodo picante e acerado deve cahir-lhe despontado e inoffensivo, se, por descuido, chegou a produzil-o.

Replicando, pois, a esta menos-considerada arguição, simplesmente nos permittimos dizer que os avultadissimos capitaes espalhados por todas essas corporações, se não adiantaram, quanto era possivel, a nossa agricultura, e, sobretudo, em intensão, a adiantaram, todavia, em muitas partes, e, principalmente, em extensão. Querer affirmar que a área cultivada, hoje, no nosso paiz é egual á que agricultavam nossos avós, um seculo atraz, ou mesmo dizer que nenhum processo se melhorou, nenhuma cultura nova se introduziu, nenhum instrumento se aperfeiçoou, e, emfim, que estamos, em tudo, como estavamos, é, apenas, vangloriar-se com uma opinião singular que todas as certezas desmentem. Os capitaes, derramados de todas essas instituições, fecundaram, como não podiam deixar de fecundar, o solo em que cahiram; porque todo capital é trabalho accumulado, e todo trabalho é origem d'adiantamento.

Se é mister relembral-o, o argumento que qualquer póde tirar dos mosteiros, fundados em todas as nossas provincias, é superior a toda excepção. Em torno de cada mosteiro, desamparado no seu ermo, levantava-se logo a choça, e d'ahi a pouco apinhavam-se os casaes, e as gandaras principiavam de cubrir-se de verdura, e as encostas a desentranhar-se em minas d'agua, e os cabeços a coroar-se de pinheiros. Passados não muitos annos, a solidão era povoado, a esterilidade era abundancia, e a penuria afastava-se de dia para dia, e, por todos os lados, d'esse centro vivificador. Este é o facto incontestavel; e se d'elle não fluiram quantos bens podiam e eram para desejar, é por que algumas vezes o mosteiro, esquecendo as leis canonicas e as civis, aspirava a enriquecer, apertando o lavrador com usuras nada moraes, e exigindo-lhe, nas colheitas, as medidas estipuladas, que depois, pelo anno adiante, e em epocha propria, mandava vender aos mercados por preço vantajoso, vindo assim a tomar para si um lucro que deveria ser estimulo áquelle.

De tudo isto, porém, o que resalta, forçadamente, é a summa conveniencia de verda-

deiros Bancos territoriaes, e nunca os futeis lamentos de que esses capitaes se perdessem, e nenhum melhoramento tirasse d'elles a agricultura do nosso paiz.

Em seguida, alonga o auctor considerações em que desconhece as mais vulgares verdades d'economia politica, ignorando, sobretudo, que o primeiro capital da industria é o braço do artifice. Não o accompanharemos 'nellas, para virmos tomar-lhe conta do terceiro capitulo, substanciado d'esta maneira:—« Na Escossia não ha Bancos Ruraes; e os da Allemanha têm uma especialidade inapplicavel a Portugal. »

Ora, que na Escossia os ha, mais ou menos rigorosamente taes e muito proveitosos para a agricultura d'essa parte do reino-unido, poupa-nos repetil-o a citada obra de *Josseau;* e querer 'neste passo entrar-lhes pelas especialidades seria um lavor, alem de diffuso, inutil para o nosso proposito. E, demais, que conclusão racional se poderia tirar de ahi os não haver? ou de terem taes ou taes particularidades menos boas? — Pede-os, por ventura, alguem, para Portugal, como esses taes a que o auctor allude? ou haverá mesmo sombra d'injustiça ou desgraça e erro economico na faculdade de venderem a hypotheca, quando o devedor falte, voluntariamente, ao contracto? —A nenhum d'estes quesitos é mister responder; visto como todo o que sabe pensar lhes responderá, para logo, com copia de razões instantes e concludentes.

Quanto agora á especialidade dos d'Allemanha, inapplicavel a Portugal, simplesmente nos cumpre dizer que o sr. *F. P. de M.* a deduz d'um facto estranho á verdadeira natureza dos Bancos territoriaes, e esse mesmo apresentado d'uma maneira menos exacta; qual é o—« ser muito limitado o commercio e industria dos diversos paizes da Allemanha, e não podêrem portanto os capitalistas collocar ahi seus fundos. »

Se a considerarmos em relação a Inglaterra, não ha dúvida que assim é; mas, se a olharmos relativamente ás outras nações em que ha Bancos territoriaes, e absolutamente em si, não poderemos dizer, sem vergonhoso desconhecimento, que a industria e commercio interno d'Allemanha sejam *muito limitados*. E que o sejam ou não, o erro palmar do nosso articulista vê-se de tomar elle esta razão como fundamento, para os capitalistas collocarem seus dinheiros na agricultura, ignorando que os Bancos desejados não têm, por principio, a accumulação dos dinheiros dos capitalistas.

Mas, emfim, que os haja ou não na Escossia, e que os d'Allemanha tenham centenas d'especialidades, não é isso, por certo, argumento que nos inhiba d'estudar os optimos que ha 'noutros paizes, e, menos ainda, que nos estorve d'importal-os, modificando-os com quaesquer condições particulares nossas, ou com os melhores preceitos que a experiencia tem sanccionado. O illustre collaborador da *Revista* campou em não dizer senão menos judiciosas ponderações; mas sempre, o que só é para lastimar em tão má causa, com arremettimento de verdades inimpugnaveis.

Finalmente, eis-nos com o ultimo capitulo das suas observações que compendiou d'esta fórma:—« Para se crearem em Portugal Bancos ruraes é mister alterar toda a nossa legislação hypothecaria. »

Já, no começo d'este nosso imperfeitissimo trabalho, tocámos, ao de leve, este momentoso assumpto; sem, todavia, deixarmos de declarar, desde logo, que não accreditavamos plenamente insuperavel a difficuldade. Seremos agora mais explicitos.

A nossa legislação hypothecaria é um cahos em que o absurdo, a desordem, as incongruencias, e a facilidade de stellionato refervem, amalgamando-se e repellindo-se, d'um modo indecifravel e horrivel. A interpretação, aprimorada e conscienciosa, dos jurisconsultos adormece impotente, para só acordar, capciosa e voluvel, nas alicantinas do fôro. É isto facto conhecidissimo de todos os dias, para que hajamos necessidade de perder tempo em o descrever. Apertados por instante dever todos lhe supplicam remedio; mas, até hoje, debalde. Cada nova lei, na materia, é um novo escolho, na práctica: as contradicções e as desconfianças ouriçam-se a cada hora, de mais em mais!

Virá, por ventura, o projectado Codigo Civil pôr termo a este vergonhoso e prejudicialissimo estado, adoptando o systema do *registro hypothecario* allemão, com algumas poucas modificações do francez, e sardo, e anniquillando o incoherente decr. de 24 d'outubro de 1836 e toda a mais, encontrada e cahotica, legislação posterior que entre nós tem sanccionado o utilissimo principio do registro de todas as hypothecas? Desconfiamos que não, desgraçadamente.

Guardando, porém, sómente os nossos bons desejos de ver terminadas estas contendas, fujamos tão intrincada materia, para nos conchegarmos ao nosso exclusivo thema, chamando a inquirição as razões com que o nosso auctor buscou provar a sua asserção. Diz elle: « Se creados os bancos ruraes se lhes não concedesse sobre as hypothecas um privilegio superior a todos . . . ; os Bancos ruraes não podiam subsistir. » E dicto isto, desfere o seguinte *porque:* — (ouçamos-lh'o bem e com um só pequenino commento, entre parenthesis, para lhe realçar a *justeza*) — « porque em breve se esgotariam os seus capitaes (quaes, se o Banco os não tem?) e em logar d'elles só teriam demandas, cujo resultado era perderem uma grande parte do capital (?) e o resto que salvassem seria em bens rusticos

. .

de pouco ou nenhum valor (notemos bem a phrase; *de pouco ou nenhum valor*). »

Effectivamente, o fecundo periodista quiz só zombar, escrevendo este *porque*. Não cabe em nossa humilde intelligencia ajuizar o contrario, — a não acolhermos o parecer de que quizesse experimentar a sua faculdade inventiva em imagens horrorosas!

Desfiemos um pouco mais o tal *porque*. —

Em primeiro logar, diz que « em breve se esgotariam » os haveres do Banco, confessando assim, sem, talvez, o querer, a extrema necessidade, a funda ancia que a nossa agricultura tem de capital que a vivifique; e desde logo vem com a terrivel apprehensão de que « em logar d'elles só teriam demandas, » dando assim a entender, que os tomadores d'emprestimo não seriam lavradores honrados, mas velhacos apostados para burlar seus contractos e defraudar a generosa instituição: e, em segundo logar, compraz-se em estampar, sem critica nenhuma, a tal assustadora conclusão, de que « o resto que salvassem (os Bancos) seria em bens rusticos de pouco ou nenhum valor, » como se os emprestimos fossem nunca possiveis sobre bens de *nenhum valor!*

Que todos estes dizeres não são senão infundadissimos, sabem-no quantos entendem a natureza d'estes Bancos; por isso que elles não concorrem para a negociação dos emprestimos, sem verificarem as qualidades do tomador, o fim para que são pedidos, e o valor e circumstancias do fundo terreal; e finalmente, porque, sobre tudo isto, jámais o emprestimo sobe a metade, ou quando muito a dois terços do valor venal do predio. ¿Como pois admittir racionalmente, e em vista de tudo isto, ainda quando a práctica o não tivesse, como tem, comprovado irrefutavelmente, que os Bancos se podem arruinar, e se arruinarão sem remedio, segundo affiança o nosso auctor? Desprezou elle por acaso, escrevendo esse periodo, a experiencia dos outros paizes ou ignorava-a? . . . .

Depois d'estas primeiras razões, ou melhor, des-razões, com que veio a lume, para vigorar a sua asserção, eis-nos com o seu ultimo periodo que a todos os respeitos deve ser tido como ultimo. Na sua integra, e sem scholios, reza assim: « Na hypothese de se lhes conceder aquelle privilegio, os males seriam de maior magnitude; porque não era só o Banco que os soffreria: os seus effeitos seriam acabar todas as hypothecas legaes e privilegidas, ficando sem segurança alguma o que tivesse emprestado capital para se edificar ou adquirir a hypotheca, a mulher casada para o seu dote, o orphão sobre os bens do tutor, e similhantes: subvertia-se finalmente a ordem social! »

Sancto Deus! até onde a cegueira póde arrastar um escriptor e um ministro! Uma de duas: ou o ex.^mo^ sr. *F. P. de M.* não pensou o que escrevia, ou não escreveu o que pensava. Confundindo ou não sabendo algumas claras disposições da nossa legislação hypothecaria, mal podia crer que, escrevendo o pavoroso corollario « SUBVERTIA-SE FINALMENTE A ORDEM SOCIAL, » estampava o mais perduravel testimunho da sua insciencia 'nestes assumptos! Valha-nos Deus com estes escriptores que, sem o quererem, tanto mal estão fazendo ao progresso do nosso paiz, com as suas incurias e erros diarios!

Se o collaborador da *R. Univ. Lisb.* quizesse dar-se o incommodo d'estudar a legisção vigente, acharia que, sem mesmo se conceder ao Banco sobre as hypothecas um novo privilegio, superior a todos, nenhum dos casos que aponta, ou outros similhantes, e aos quaes appensa o terrivel « *subvertia-se a ordem social!* » poderia já preferir á hypotheca do Banco. No actual estado da nossa legislação e através dos labyrinthos das disposições posteriores, o assento d'esta materia, ainda venerado no fôro, é, para o nosso caso, a lei de 20 de junho de 1774: — e ahi, depois d'estabelecida « a regra geral decisiva » no concurso das preferencias, diz o §. 36: « Exceptuo em terceiro logar o credor, que concorreu com os seus dinheiros para se romper, e reduzir a cultura qualquer paúl, ou terra inculta, para que, a respeito das bemfeitorias, seja primeiro graduado, que outro qualquer credor, por mais antigo, e privilegiado que seja. »

Dicto isto, será ainda mister trazer mais alguma razão, para demonstrar quão de leve andou no seu artigo o nosso auctor? Cremos que não.

E por isso e por que já vai extensa em demasia esta nossa imperfeitissima memoria aqui lhe pomos fecho, sonegando escriptas muitas considerações e deduções que o leitor, ainda sem o pensar, sentirá claras e decisivas, para a verdade que sustentamos. A. A.

PRELECÇÕES DE DIREITO PUBLICO INTERNO DE PORTUGAL

QUE FEZ

Ricardo Raymundo Nogueira

NO ANNO LECTIVO DE 1795 A 1796.

PARTE 1.ª

Da fórma e constituição do Imperio Portuguez.

Continuado de pag. 205.

CAPITULO II.

D. Affonso VI podia dar a soberania de Portugal ao conde Henrique, separando este reino dos de Castella e Leão.

Os escriptores de direito público questionam se o soberano póde alhear todo ou parte do territorio, que lhe está sujeito.

Uns dizem que este poder não faz parte dos direitos da magestade porque o summo imperio foi destinado para o imperante administrar a republica, e não para a alhear, e transferir para outrem como se fosse patrimonio seu proprio.

Outros fazem differença entre os reinos patrimoniaes e usofructuarios, e dizem que nos segundos o soberano, que governa o estado como usofructuario, salva a propriedade, não tem faculdade de alhear o imperio ou alguma parte d'elle; mas que nos primeiros, por isso mesmo que possue aquelle territorio como senhor, póde usar livremente d'este dominio, e dispôr, a seu arbitrio, das provincias, que lhe obedecem, da mesma maneira, que disporia de seus bens e fazendas [1].

Esta opinião, porém, é alheia da razão e contraria aos principios de direito público. *Dominio* e *imperio são cousas muito diversas* e que nenhum parentesco tem uma com a outra. O Senhor tem um direito absoluto de usar a seu arbitrio das cousas, em que tem dominio, de converter em utilidade propria todos os seus fructos e rendimentos, e até de abdicar de si o senhorio d'ellas, e transferil-o para outrem, com os pactos e condições, que bem lhe parecerem.

Pelo contrario o imperante não procura a propria utilidade mas a da Nação a que preside. E a este fim deve dirigir todo o seu cuidado e applicação. Por consequencia elle não póde ceder perpetuamente os direitos do summo imperio, que tem para administrar a republica, a um terceiro que não foi chamado pelas leis fundamentaes; não póde alienar livremente o estado e seus habitadores do mesmo modo que alguem aliena os seus bens e possessões.

Mas posto que estes principios sejam verdadeiros em these, e seja certa a proposição, que o direito *de alhear arbitrariamente todo ou parte do Estado não é inherente ao summo imperio nem se deve contar entre os direitos magestaticos;* comtudo póde haver muitos casos, em que o soberano pelo concurso de circumstancias particulares aliena justamente parte de seus estados, pelo pedir assim a utilidade e conservação do todo, a qual sempre deve ser para elle lei sagrada. E isto é o que effectivamente aconteceu na doação de Portugal feita por D. Affonso VI a seu genro.

Para nos persuadirmos da justiça d'esta doação, cumpre advertir que de trez maneiras, ao que entendo, podemos considerar valida e legitima a alheação, que faz um soberano de parte ou de todo o seu Estado.

1.ª Quando aliena parte do reino para salvar o resto, como por exemplo, no fim de uma guerra, em que os vencidos cedem aos vencedores uma porção de territorio para cessarem as hostilidades e evitarem a perda total.

2.ª Quando as leis fundamentaes, pacto ou costume, constantemente practicado, d'aquelle imperio admittem similhante desmembração; como se o Rei por lei ou costume legitimo costuma dividir o reino entre seus filhos por testamento, ou dar parte d'elle em dote ás filhas, ou tambem se conquistando alguma provincia, no tractado da entrega se pactuou que ella poderia ser desmembrada do imperio a que accedia, e erigida em reino separado quando ao vencedor lhe parecesse conveniente.

3.ª Quando os povos, que habitam a parte desmembrada, se sujeitam espontaneamente ao novo soberano, e não tentam sacudir o jugo e restituir-se á liberdade natural, porque d'esta maneira ainda que a desmembração fosse ao principio injusta vem a revalidar-se depois, e a auctoridade do novo principe fica estavel e permanente pela subjeição do povo e pelo seu consentimento.

Ora por todos estes trez principios se mostra, que D. Affonso VI podia justamente separar Portugal da corôa de Hespanha para o doar ao conde Henrique. Porquanto:

1.° esta doação foi feita no tempo em que os reis de Hespanha trabalhavam em expulsar os mouros das terras que occupavam. E por consequencia a segurança e conservação do Estado pedia que em uma provincia situada nas fronteiras, e por isso mais exposta aos ataques dos mouros, se désse o imperio supremo e absoluto a um capitão experimentado, o qual não só a defendesse, mas a fosse dilatando, e ganhando aos inimigos novas terras: o que elle não faria com tanto zelo se houvesse de conquistar para outrem.

2.° Não consta que as leis fundamentaes de Hespanha prohibissem a divisão [2]; antes se mostra com repetidos exemplos, que era costume antiquissimo dividirem os reis entre seus filhos os estados de que eram senhores. E sem irmos mais longe achamos logo um exemplo em D. Fernando o Grande, páe de D. Affonso VI, o qual em seu testamento dividiu as provincias e cidades que lhe obedeciam entre seus filhos, Sancho, Garcia e Affonso, e suas filhas Urraca e Elvira [3].

Deve tambem advertir-se que 'nesta repartição foi Portugal uma das provincias desmembradas e fez a porção de D. Garcia E por consequencia D. Affonso VI não fazia mais que seguir o exemplo de seu pae, não

[1] Vid. Genuens. de officiis L. 11, c. 7, n.° 10.

[2] *Julgo que assim era* no tempo de D. Affonso VI porque seu pae repartiu a Hespanha entre os filhos. Mas depois achamos a divisão prohibida na partid. 2.ª tit. 15 liv. 5, onde se diz que isto é fôro e estabelecimento antigo.

[3] Este costume não era particular da Hespanha. Em França os reis da primeira e segunda raça, partiram os estados entre seus filhos a seu arbitrio, *Diction. Univer.* art. *France* t. 19, p. 579.

só em alienar parte de seus estados mas até em observar 'nesta alheação e desmembração á mesma fórma, que elle tinha practicado.

Nem esta fórma de divisão era já nova no tempo de D. Fernando, pois Fr. Antonio Brandão [1] mostra que já antes d'elle, assim no tempo dos Suevos, Alanos, e Godos, como no dos reis de Leão tinha Portugal sido por varias vezes reino separado de Hespanha, e sujeito a seu Rei proprio.

3.° Finalmente, ainda que não houvesse estas razões, e D. Affonso VI effectivamente não tivesse poder para desmembrar o reino e dar Portugal ao conde Henrique; para esta separação ficar valida e se julgar legitima bastaria a tacita aceitação do povo, provada pelo unanime consentimento com que se sujeitou ao novo principe e reconheceu o seu imperio.

Todos os monumentos d'aquelle tempo attestam a sujeição dos portuguezes, o amor, e lealdade, com que obedeceram a seus novos soberanos e a total separação em que se puzeram a respeito de Hespanha, de cujos reis nunca mais quizeram depender, fazendo os ultimos esforços para lhes resistirem todas as vezes que elles voltaram as armas contra Portugal.

Concluimos, pois, que D. Affonso VI *podia* transferir para o conde Henrique a soberania de Portugal; porque esta desmembração era de summa importancia para a conservação do imperio hespanhol, era auctorizada pelo costume e repetidos exemplos de seus antecessores, e foi ratificada pela aceitação e unanime consentimento dos portuguezes.

Sendo pois certo, que D. Affonso VI *podia* fazer a doação, resta ver se elle *realmente a fez*.

CAPITULO III.

D. Affonso VI deu ao conde D. Henrique a soberania de Portugal, quando lh'o dotou. I. O conde Henrique era senhor absoluto de Portugal ao tempo da morte de seu sogro.

Os escriptores da Historia de Portugal não convém na epocha, em que o nosso reino se separou de Hespanha e entrou a ser Estado independente.

Julgam uns que isto acontecêra logo no principio, e que o conde Henrique recebera de seu sogro o senhorio absoluto do territorio, que lhe foi dotado na occasião, em que casou com D. Thereza. É esta opinião de Duarte Nunes de Leão [2], de Manuel de Faria e Sousa [3], de Francisco Velasco de Gouvêa [4], de André de Rezende [1] e de João Pinto Ribeiro [2].

Outros fixam a independencia do nosso reino no tempo, em que nasceu D. Affonso Henriques; e dizem que D. Affonso VI cheio de contentamento pelo nascimento de seu neto, livrara o conde Henrique de toda a sujeição, e lhe concedera a soberania das terras de Portugal, as quaes elle até então havia possuido como feudo dependente da corôa de Leão. O auctor d'esta opinião é Fr. Bernardo de Brito [3] e pela sua auctoridade a seguiram alguns, principalmente em nossos dias [4].

Finalmente outros querem que os portuguezes se livrassem do poder de Hespanha por violencia e meios de facto, e não por direito. E dizem que isto acontecera no tempo de D. Affonso Henriques, o qual havendo conseguido muitas victorias dos mouros foi acclamado Rei pelas suas tropas antes da batalha do campo d'Ourique, e sendo confirmado pelo summo Pontifice, fez o reino tributario á Sé apostolica. Assim o dizem Marianna, Sandoval, e geralmente os auctores hespanhoes e, entre os nossos, Duarte Galvão, e Rodrigues Mendes da Silva [5]. E até alguns seguem que o feudo e vassalagem de Portugal durára até o tempo de D. Affonso III [6].

O ponto seria facil de decidir se tivessemos a doação feita ao conde Henrique, mas Fr. Antonio Brandão affirma que ella se não acha nos archivos de Portugal nem de Castella, e que apezar das diligencias, que fizera na torre do Tombo, e consultas a pessoas doutas não podera descobrir luz alguma. Tambem falta a noticia do testamento de D. Affonso VII no qual, segundo o costume d'aquelles tempos, é provavel que se achasse alguma declaração ácêrca da maneira com que elle havia disposto de seus estados.

É verdade que o bispo de Tuy, Prudencio de Sandoval, na chronica de D. Affonso VII diz que Portugal ficou por testamento de D. Affonso VI a sua filha. Mas não declara se colheu isto do mesmo testamento, ou se o refere pelo que vulgarmente se diz, e escrevem alguns auctores.

'Nestas circumstancias todo o nosso discurso se fundará em argumentos de conjectura, deduzidos da combinação dos factos, que nos offerecem as memorias d'aquelle tempo; e o caminho que seguiremos será este: sendo

[1] Mon. Lus. P. III, Liv. 10, cap. 6.
[2] Chron. do conde D. Henrique.
[3] Europ. Port. tom. II, P. 1, c. 1 n. 1.
[4] Justa acclam. de D. João 4.°, P. 2., Pont. 1.° §. 11.

[1] Antiquit. Lusit. IV de Orichiens. agr.
[2] Injustas success. dos reis de Leão e Castella §. 3.° tom. 2, pag. 67.
[3] *Mon. Lus.* P. II, liv. 7, c. 30.
[4] *Deducç. chronol. Paschoal Hist. Jur. Lus.* c. V §. 36.
[5] *Mariana* L. X, c. 1. *Illescas* tom. I in fin. *Sandoval chron. de Affonso VII.*
[6] *Galvão, Chr. de D. Affons. Henr. cap.* 1. *Rodr. Mend. da Silv. Genealog. Real de Hespanha.*
[7] Veja-se Fr. Ant. Brand., Mon. Lus., P. III, liv. 8, cap. 9 pr.

certo que nossos reis chegaram a ser soberanos absolutos de Portugal sem dependencia de Castella, como todos confessam, em que tempo é mais provavel, que o nosso reino adquirisse esta independencia, e ficasse sendo um Estado separado de Hespanha?

Entre as diversas opiniões, que ficam referidas, parece-nos mais provavel a que fixa a epocha da independencia de Portugal no tempo, em que foi dado em dote a D. Henrique. E julgamos que D. Affonso VI lhe derá logo 'nesta occasião todos os direitos de soberania, sem alguma obrigação de feudo ou outro signal de sujeição.

Para provarmos isso mostraremos:

1.° que o conde Henrique e seus successores foram soberanos em Portugal sem dependencia alguma dos reis de Leão desde o tempo em que D. Affonso VI morreu:

2.° que, provada a independencia de Portugal já 'neste tempo, não ha outra epocha em que se lhe possa assignar o principio com tanta probabilidade como na occasião do casamento do conde Henrique.

I.

Portugal era independente de Hespanha ao tempo da morte de D. Affonso VI [1].

O primeiro fundamento com que se prova esta proposição, é o absoluto silencio dos escriptores e monumentos antigos. Fr. Antonio Brandão desafia os que seguem a opinião contraria, para que lhe apontem alguma escriptura ou memoria antiga, digna de fé, em confirmação d'ella.

Nem basta dizer-se que este argumento é negativo e por isso não prova: porque não são estas cousas de qualidade, que, se alguma hora se pozessem em execução, deixasse de ficar d'isso alguma memoria.

A este silencio dos monumentos accresce, que D. Rodrigo arcebispo de Toledo, escriptor antigo, supposto se persuadisse, que Portugal estivera sujeito a Castella até á morte do conde Henrique, isto é, ainda trez para quatro annos depois da de D. Affonso VI e assim o diga em um logar (a que logo responderemos), comtudo continuando a fazer menção das cousas de Portugal, nunca mais toca em similhante sujeição, nem a suppõem existente no reinado seguinte [2].

É, pois, o seu silencio uma grande prova a nosso favor, pois sendo contemporaneo de D. Affonso II e D Sancho II, hespanhol e apaixonado pela sua patria, se não calaria, nem deixaria de chamar rebellião ás guerras de D. Affonso Henriques contra Castella.

Mas além do seu silencio temos outro argumento na maneira com que elle relata o caso da prisão de D. Affonso Henriques, quando foi captivado em Badajoz por D. Fernando Rei de Leão; pois diz que offerecendo-lhe D. Affonso Henriques o reino em resgate, Fernando lhe respondera, que se contentava de que elle lhe restituisse as terras, que lhe havia tomado em Galisa e outras partes, e que ficasse embora com o reino de Portugal, que lhe pertencia [3].

2.° Prova-se isto mesmo da guerra, que moveu o conde Henrique a sua cunhada D. Urraca, Rainha de Castella, depois da morte de D. Affonso VI. Diz Fr. Antonio Brandão [4], que a causa d'esta guerra fôra querer Henrique succeder no imperio de Hespanha, por cabeça de sua mulher, a quem como a filha mais velha pertencia a corôa; e que por isso proseguira pelas armas o direito que julgára pertencer-lhe.

É certo que esta opinião tem muita difficuldade, pelo que pertence a affirmar que D. Thereza era mais velha que D. Urraca. Mas seja isto como fôr, sempre na historia d'esta guerra achamos o que nos basta para o nosso intento; a saber que ella se fez entre Castella e Portugal, como entre dous Estados soberanos e independentes; que D. Urraca tractou o conde Henrique de egual, sem que nem da parte d'este appareça acto de sujeição, nem da parte d'ella pretenção de superioridade.

3.° Por morte do conde Henrique governou a rainha D. Thereza por espaço de dezeseis annos, e em todo este tempo não apparece acto algum de sujeição que ella fizesse a sua irmã. Antes consta que a rainha de Castella celebrou contracto com a de Portugal, no qual lhe promette muitas terras em Castella e Leão, com condição que lhe não fizesse guerra, nem désse favor a seus contrarios [5].

E até parece que D. Thereza estava persuadida que o reino ficára sendo seu por morte de seu marido, e que em quanto vivesse podia reinar com exclusão de seu filho, e até dispor da corôa a beneficio de quem quizesse.

Dá logar a esta conjectura a repugnancia que ella mostrou em largar o governo, sendo necessario a D Affonso Henriques, quando chegou á edade propria para reinar, fazer-lhe guerra, e obrigal-a por força a descer do throno, e o facto que refere Brandão, apoiado na Historia dos Godos; a saber, que ella como senhora proprietaria d'este reino escolhera para successor a D. Bermudo Peres, casado com D. Urraca sua filha [6].

[1] D. Affonso VI morreu em 1109, e D. Henrique em 1112.

[2] Vej. Fr. Ant. Brand., Mon. Lus., P. III, L. 8, c. 9.

[1] *Roderic. Tolet., de reb. Hispan.*

[2] *Mon. Lus.*, P. III, liv. 8, c. 9.

[3] Brand. *Mon. Lus.* d. P. III, L. 8, c. 9.

[4] Mon. Lus. P. III, L. 9, c. 23. Vej. a Chron. Goth. que vem no Append. d'esta P. III, n.° 1.°

4.° Elrei D. Affonso VII de Castella havendo alcançado algumas victorias dos Mouros, Aragonezes, e Navarros, celebrou côrtes na cidade de Leão em 1134, e 'nellas tomou o titulo de imperador, dizendo (como refere Marianna [1]), que lhe parecia, pois tinha por sujeitos e feudatarios os Aragonenzes, os Navarros e os Catalães com parte de França, que bem lhe quadrava aquella corôa e magestade.

Ora quem duvida que se Portugal fosse então feudo da corôa de Hespanha o havia certamente nomear entre os outros? Logo, esta omissão prova que nem o nosso reino tinha alguma sujeição a Hespanha, nem os reis de Hespanha a pretendiam. E esta segunda parte mostra, que elles não descobriam o mais leve pretexto para aspirarem a similhante direito, porque aliás seria impossivel que D. Affonso VII não contasse Portugal entre os feudos de Castella.

Nós vemos que os reis põem nos seus titulos estados, que não têm, só porque algum dia os possuiram ou porque têm pretenções a elles. Como deixaria, pois, Affonso VII de metter o senhorio de Portugal entre os outros de que faz menção, se com effeito o tivesse, ou se seus antepassados o houvessem tido, e elle julgasse que lhe pertencia?

De tudo isto se conclue que Portugal era já então reino separado da Hespanha, em o qual os nossos principes exercitavam um poder absoluto e independente, não apparecendo depois, da morte de Affonso VI, facto algum, que prove sujeição a Castella.

Continúa.

VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO.

Continuado de pag. 251.

LIVRO PRIMEIRO.

ELEGIA OITAVA.

D'um terno riso, d'amoroso acêno,
De meiga phrase murmurada a *occultas*,
Nunca pude esquivar-me a abrir o enigma!
E não, que eu sortes haja, ou conscias fibras,
Nem que das aves o trinar me agoure:
Preso em magas prisões, a mesma Venus,
Não sem muito penar, foi minha mestra.
De fingir cessa, pois; Amor abraza,
Quem constrangido a seu poder se acurva.

Que te aproveita agora o fino esmero
No annelar dos cabellos delicados,
E haver-lhes tanta vez mudado a fórma?
De brilhante carmim ornar as faces,
E ter-te douta mão cuidado as unhas?

Já embalde o vestido, embalde o amicto
Varias, e teus pés apouca justos
A fivela apertada. — Ella te enleva,
Bem que sem fucos venha, ou se lhe ennastrem,
Com mimos d'arte, as nitidas madeixas! —
¿Da noite, acaso, no silencio a velha
Com philtros te embruxou, com magos carmes?
Seu canto da campina attrae os fructos:
Seu canto á serpe irada o rastro pára;
E até seu canto do saudoso carro
Tenta a lua descer, e, a não soarem
Os ares percutidos, conseguira-o.

¿Mas ai! louco de mim! porque lamento,
Que ao misero damnasse o philtro? os carmes?
Feitiços não emprega a formosura:
— Seu damno foi roçar o lindo corpo,
Longos beijos beber nos roseos labios.
. . . . . [1]

Difficil, pois, não sejas tu ao moço;
Que Venus a altivez com maguas pune.
Nem dadivas exijas; dons offerte
Velho amante importuno, suspirando
Em teu seio aquecer os tibios membros.
D'assetinada face, e sem a barba
Aspera a maguar no abraço, um moço
Gentil é bem mais caro do que o ouro;
E, em teus candidos braços enleiando-o,
Regias pompas desdenha, engeita, ó Phóloe!
. . . . . [2]

Nem diamantes, nem perolas ajudam
A que adormece em solitario leito
Sem requestos d'amor, no frio inverno.
Ah! tarde o amor, bem tarde a juventude,
Quando alveja a cabeça, é suspirada:
Então, mil arrebiques; — o cabello,
Da nóz co' a verde casca então se tinge,
Os annos mascarando; então, se arrancam
Os que mais brancos a cabeça affeiam
E as faces com pommadas se remoçam.
Mas, tu gozos requinta, em quanto o tempo,
Que rapido se esvae na leve fuga,
Teus dias orna de recentes flores.
Maratho não opprimas; — ¿em vencel-o
Que gloria colhes? Contra o torpe velho
Te encrudesce, donzella. Ao joven poupa;
Eu t'o rogo: — não é d'epilepsia
Atroz soffrer, é seu amor *immenso*
Que assim lhe rouba a côr, e o traz tão pallido!

Ai, misero! que prantos dolorosos
Do peito arranca contra a tua ausencia;
Que lagrimas saudosas não derrama!
—«Porque assim me despreza? (exclama o triste;)
Vencivel era a guarda: ao terno amante
O deus d'amor a seduzir ensina;

[1] Liv. 10, cap. 8.

[1] Omittimos aqui um verso e mais abaixo outros pela mesma razão por que já cerceámos alguns na Elegia 4.ª (*Instit.* V vol. pag. 238).

[2] Vid. not. anteced.

E eu sei de Venus as furtivas traças:
Como brando exhalar suspiro ancioso
E sem ruido algum colher mil beijos,
Como, alta noite, me introduza occulto
E sem nenhum sussurro as portas abra.
Mas artes taes que valem, se despreza
Meu pobre coração e foge ingrata
Até do proprio leito; ou, se promette,
Pérfida, em breve, meu querer illude,
E a noite passo minha dôr velando!
Se acaso me affiguro que donosa
Ha de vir a meus braços, doido creio
O minimo rumor ser d'ella a planta!...»—
Estanca, moço, para sempre os prantos,
Que não se dobra a ingrata, e já teus olhos,
Cançados de chorar, te volvem cego!

Lembro-te, ó Phóloe, que desdens odeiam
Os deuses immortaes, nem os abranda
Nas sacras aras o queimado incenso.

Tambem Maratho, outr'ora, não prevendo
Que um deus ultriz sobre elle se librava,
Tristes amantes motejava nescio:
E até se conta, que dos prantos rira,
Detendo em van espera ancioso amante.
Hoje, orgulhos detesta; hoje, insoffrido
Da porta encára as chapeadas trancas.

—Se não refreas a vaidade, o Phóloe,
O castigo te aguarda.—Com que votos
Ai! d'este dia anceiarás a volta!

A. A.

O DR. JOSÉ MONTEIRO DA ROCHA[1].

O varão, de quem passo a dar uma ligeira idêa, foi um d'aquelles phenomenos raros, em sciencias exactas, e que deixou um nome glorioso á sua patria, nome que o tempo, que tudo gasta, não poderá riscar da memoria dos sabios, que tanto se empenham sempre em transmittir á posteridade a noticia dos grandes homens, que por suas letras e virtudes se apartam do vulgo ignorante, e adquirem um nome eterno, tal como o illustre sabio, de quem tenho a honra de fallar.

O Dr. José Monteiro da Rocha era natural de Canavezes, onde nasceu no dia vinte e cinco de junho, do anno de mil setecentos trinta e quatro. Florescia então a Companhia de Jesus, e as artes e sciencias não estavam tão atrazadas, como algumas pessoas dizem, antes bastantes provas e documentos se nos apresentam de contrario, e que dão incontestavel testemunho do que era Portugal 'nessa epocha.

[1] Transcrevendo da *Instrucção Publica* estes apontamentos biographicos de um dos sabios mais eminentes que honraram a Universidade, cremos, que prestamos grato serviço a nossos leitores.

Um genio tão grande, como o de José Monteiro da Rocha, não podia deixar de attraír as vistas e attenções dos Jesuitas, que tiveram o gosto de o registar no cathalogo dos seus companheiros, e a honra de o possuir no seu gremio, onde se conservou até á expulsão da mesma Companhia.

Expulsos os Jesuitas de Portugal, José Monteiro da Rocha se retirou para a Bahia de Todos os Sanctos, d'onde voltou depois ao reino, e estabeleceu a sua residencia em Coimbra.

Foi aqui que elle tomou conhecimento com D. Francisco de Lemos, reitor da Universidade, o qual o apresentou ao Marquez de Pombal, para ser um dos collaboradores dos estatutos da mesma Universidade, no anno de mil setecentos e setenta e dous.

Por decreto de onze de setembro do mesmo anno, foi provido na cadeira de Sciencias Physico-Mathematicas; por decreto de sete de outubro, do mesmo anno, foi admittido a receber o gráu de doutor, e encorporado na faculdade de mathematica, o qual lhe foi conferido no dia nove do dicto mez e anno, pelo ex.mo Marquez de Pombal, logar tenente de Sua Magestade El-Rei, o Senhor D. José I, na reforma da Universidade de Coimbra, cuja solemnidade teve logar na sala grande dos actos.

Por carta regia de quatro de junho de mil setecentos oitenta e trez, foi o Dr. José Monteiro da Rocha nomeado para a cadeira de Astronomia. Em virtude do regio aviso de trinta e um de julho do mesmo anno, foi nomeado vice-reitor da Universidade, pelo ex.mo Principal Castro, reformador reitor, começando a exercer o dicto logar em outubro, do mesmo anno, e continuou a exercel-o até ao dia vinte e trez de maio de mil oitocentos e quatro, em que foi chamado á côrte, por haver sido nomeado pelo Senhor D. João VI, então Principe Regente d'estes Reinos, mestre do Serenissimo Principe da Beira, e dos Serenissimos Senhores Infantes, seus irmãos, como se póde vêr da Nobreza Litteraria, que dei á luz em 1854.

O Dr. José Monteiro da Rocha havia sido jubilado na cadeira de Astronomia, com as honras e privilegios da mesma, por carta regia de quatro de abril de mil setecentos noventa e cinco. Por outra carta regia, da mesma data, foi nomeado na qualidade de decano da faculdade de mathematica, e lente de Astronomia, director perpetuo da referida faculdade, e do Observatorio Astronomico da Universidade.

Por carta regia de dois de junho, de mil oitocentos e um, obteve a mercê da commenda de Portalegre, na Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo (sendo já conego magistral da Sé de Leiria, desde o anno de mil setecentos noventa e um); estes beneficios foram conce-

didos aos professores da faculdade de mathematica, pela Bulla *Scientiarum omnium*.

Finalmente por carta regia de dezoito de agosto de mil oitocentos e quatro, foi o Dr. José Monteiro da Rocha conservado em todas as preeminencias, e ordenados do logar de vice-reitor, podendo 'nelle ser empregado de novo, quando o real serviço o permittisse.

Não podendo acompanhar ao Rio de Janeiro os seus reaes discipulos, em mil oitocentos e sete, por se achar na edade de setenta e trez annos, e cançado de tantos trabalhos, e serviços á sua patria, falleceu na sua quinta de S. José de Ribamar, no dia onze de dezembro de mil oitocentos e dezenove, deixando por herdeiro da sua livraria a seu augusto discipulo o Senhor D. Pedro IV, então principe: esta livraria se acha hoje na real bibliotheca de Sua Magestade, na Ajuda.

Tractam da vida e escriptos do Dr. José Monteiro da Rocha — *O Magazin Encyclopedic*. 1.° vol., 1805, pag. 247 — 2.° vol. pag. 83. *Almanak do Barão de Zach*, maio 1805, pag. 445 e 455. *Lalande*, Astronomie, pag. 871, art. 11. Em Portugal não me recordo ter visto cousa alguma ácerca d'este sabio.

Não se me estranhe, que não sendo eu mathematico, publique estes apontamentos biographicos do Dr. José Monteiro da Rocha; tambem não sou medico, nem cirurgião, e tenho prompta para dar á luz, uma *Nobiliarchia Medica*, com a noticia dos *physicos móres, cirurgiões móres, medicos e cirurgiões da real camara*, desde o Senhor Conde D. Henrique, até Sua Magestade Fidelissima, o Senhor D. Pedro V, que Deus guarde, tudo provado com documentos de fé indubia, e segundo o systema da minha *Nobreza Litteraria*, tão apreciada dos nacionaes intelligentes, como dos sabios estrangeiros.

Lisboa, 20 de janeiro de 1858.

FRANCISCO ANTONIO MARTINS BASTOS.

BIBLIOGRAPHIA.

Almanak de Coimbra para 1858, *segundo depois do bissexto. Primeiro anno da sua publicação.* 1 *vol. in* 8.° *Coimbra: typ. de J. T. A. Pacheco.* 1857.

O Almanak não é novo em Portugal. O primeiro, de que temos noticia, foi publicado em 1782, épocha, em que alguns membros da academia real das sciencias o redigiram com o titulo de *Almanak de Lisboa*, e continuaram depois por alguns annos. Mas seguiu-se um longo espaço de tempo, sem que este fosse secundado por outros escriptos do mesmo genero. Vivia, vida robusta, é verdade; mas desacompanhado, e mais como publicação scientifica, do que meio de instrucção popular.

Só mais tarde é que o Almanak foi vulgarisado entre nós. Deve-se este serviço aos redactores do jornal litterario a *Revista popular*, pela publicação do seu *Almanak popular*. Depois foi como um diluvio d'elles: estava já introduzido o gosto: o povo lia: instruia-se; e procurava pelo seu livro. Data d'então o grande desenvolvimento, que têm hoje estes escriptos, sobresaindo a todos o excellente Almanak de lembranças do sr. Alexandre Magno de Castilho.

Comtudo Coimbra só para 1837 deu o seu primeiro Almanak. *Folhinha popular curiosa e instructiva*, tal foi o modesto titulo com que appareceu, publicado na Imprensa de Trovão e C.ª em 1836, este livro, que além de muitos acontecimentos historicos notaveis, épochas civis e politicas, antigas e modernas, continha, em linguagem popular, varias noções de astronomia, physica, meteorologia, etc. Posto que publicado anonymo, sabemos que um dos collaboradores d'este Almanak era o distincto lente de mathematica, o sr. Antonio Honorato de Caria e Moura.

A segunda tentativa d'este genero, emprehendida em Coimbra, foi o Almanak d'Instrucção Pública do sr. José Maria d'Abreu, lente cathedratico de philosophia; publicação, que já tem sido avaliada pela imprensa do paiz e do estrangeiro, e de que este jornal fallou em tempo competente.

Hoje cabe-nos noticiar um terceiro ensaio no livrinho, que ha pouco sahiu á luz, fructo do estudo e meditação de dois jovens d'esta terra, bastante instruidos e sobre maneira modestos.

Lêmol-o com avidez: e por entre os variados artigos, de que consta, achámos muitos de subido interesse e reconhecido merito. E ainda que o não consideramos uma obra completa no genero, julgamol-o muito superior a um primeiro ensaio litterario, como este foi para seus auctores.

É sobre tudo recommendavel a ordem que presidiu á confecção d'este Almanak. Os sessenta e trez artigos, que o compõem, são pela maior parte de mui proveitosa instrucção, e foram escolhidos com muito acêrto e bom gosto. Com effeito distribuir pelos dias do anno os acontecimentos mais notaveis da historia: commemorar alguns d'elles, tractando de preferencia os que directa ou indirectamente dizem respeito á nossa Coimbra, foi um optimo pensamento, que tornou o livro assaz apreciavel, e lhe deu merecida popularidade.

Não podemos todavia, já que fallamos d'este ponto, eximir-nos a lembrar aos jovens auctores, que dar maior desenvolvimento a esta parte do Almanak seria um grande serviço prestado á instrucção do povo; e que nos pareceu tambem, permitta-se-nos a phrase, muito

pesada de poesia, ou antes de versos, esta publicação. É certo que os conhecimentos historicos são os que mais contribuem para a instrucção; e a poesia, que instrue e deleita, deve ser aproveitada, mas com muita reserva. Em bellas lettras não ha meio termo — ou bom ou nada. Algumas poesias ha no Almanak dignas de ahi figurarem; mas tão grande abundancia d'ellas cança o leitor, e diminue o valor do livro.

No artigo — *Ephemerides historicas de Coimbra* — notámos, que alguns acontecimentos, ahi apontados, são demasiadamente pueris, para merecerem as honras de commemoração historica: e, posto que crêmos na bôa fé e imparcialidade dos auctores, pedimos-lhes que de futuro remedeiem este inconveniente, mesmo para se não suppor, que influiu o espirito partidario na escolha dos objectos commemorados.

Lançamos aqui estes reparos com o fim unico de contribuir para o melhoramento d'um escripto de tanta utilidade; e posto que lhe encontremos alguns defeitos, se nos annos seguintes os seus auctores quizerem proseguir 'nesta empresa, desde já lhes agouramos, que o seu Almanak ha de ser um dos mais estimados, com especialidade em Coimbra, e 'nesta provincia.

Recebam pois os srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, e Pedro Augusto Martins da Rocha, os nossos sinceros parabens por esta publicação, que lhes faz honra: e releve-nos a sua modestia o não termos podido resistir a estampar-lhes aqui os nomes, a despeito da contrariedade que com isso hão-de soffrer. São dignos de se tornarem conhecidos dois mancebos, applicados e intelligentes, que trocam os gozos e passatempos da sua edade, pelos incommodos e trabalhos do estudo, desgraçadamente tão mal retribuidos entre nós.

A. J. T.

NOTICIARIO.

Mar de sargaços. — O mar de sargaços está situado entre os Açores, as Canarias, e as ilhas de Cabo Verde. É um espaço, egual em extensão, ao valle do Mississipi, coberto de plantas, denominadas, *hervas do golpho*, *uvas dos tropicos*, *etc.*, *fucus natans*, e de tal modo agglomeradas, que os navios são muitas vezes ahi embaraçados na sua derrota.

Quando os companheiros de Christovão Colombo descobriram esta crusta de vegetação sobre o mar, julgaram que a navegação acabava ahi. Ás vezes esta camada de sargaços do mar é tão consistente, que parece possivel andar sobre ella.

Eis aqui como um auctor explica, porque o mar de sargaços occupa sempre o mesmo logar. Quando a cortiça, palha, ou outros corpos leves fluctuam na agua d'uma bacia, imprimindo a esta agua um movimento circular, todas as materias fluctuantes se reunem no centro, onde ha menos movimento. Tal é o effeito produzido no Oceano Atlantico do norte pelo movimento circular das correntes maritimas, e o mar de sargaços denuncia o centro d'esse movimento de rotação. No mesmo logar, em que Colombo, na sua viagem de descobertas, o encontrou, tem permanecido até hoje, oscillando regularmente do norte a sul, com as estações, e restabelecendo-se sempre das desordens passageiras que lhe causam os ventos e tempestades.

Observações exactas, que já datam de 50 annos, a respeito dos limites de deslocação do mar de sargaços, demonstram, que sua posição media não tem mudado. Esta vegetação maritima superficial é a prova immutavel do movimento circular, de que o *gulf-stream*, a primeira e mais importante das correntes pelagicas é o documento mais characteristico, corrente de rotação, de que já Colombo dizia — tenho como certo, que as aguas do mar se movem como o céo, de leste para oeste. — Os roteiros das garrafas, que os navegantes lançam ao mar, com as notas de suas viagens, e grande numero d'informações authenticas attestam do mesmo modo a existencia d'esse movimento circular.

Caso notavel de teratologia. — O *British medical journal* dá a seguinte noticia d'um caso notavel de teratologia, verificado pelo dr. Ch. Murray.

A 4 de junho de 1857, A. C., depois do tempo normal da gravidez deu á luz um filho, bem desinvolvido e robusto. D'entre o sterno e embigo do recemnascido sae o corpo d'outro filho mais pequeno, sem cabeça, e com as extremidades superiores rudimentares. Tanto a criança parasita, como a outra, são do sexo masculino. Esta continúa, desde que nasceu, no exercicio normal de suas funcções, e só soffre e chora, quando se imprime algum movimento ao corpo acephalo de seu irmão.

Influencia benefica do girasol. — O observatorio de Washington, tão habilmente dirigido por M. Maury, é cercado de pantanos, que na estação calmosa desenvolvem miasmas, que tornam perigosa a habitação e residencia 'naquelle estabelecimento.

Ora, os sabios do observatorio descobriram, que as plantações do girasol, *helianthus*, neutralisam as influencias morbidas d'aquelle local. A convicção de M. Maury sobre a efficacia d'esta plantação, é tal, que o illustre astronomo tenciona habitar o observatorio, na proxima estação de febres, quando até agora era costume abandonal-o 'nessa época.

A cadeira de physica vegetal em Paris. — Um decreto do governo francez concedeu ha pouco ao ministro da instrucção pública um credito extraordinario de 42:000 *francos*, para serem exclusivamente applicados á installação completa do novo curso de physica vegetal, creado recentemente no Museu d'historia natural, e regido por M. Ville. Galeria d'experiencias, laboratorio d'analyses, material completo e independente, nada faltará ao estabelecimento da nova cadeira.

As esmeraldas. — Em uma memoria de Lewy sobre a formação e composição das esmeraldas, o auctor estabelece as seguintes conclusões: 1.ª — a formação das esmeraldas teve logar pela via humida; 2.ª as esmeraldas contém na sua constituição certa quantidade d'agua, e uma substancia organica, que parece ser um carbureto d'hydrogenio; 3.ª na composição das esmeraldas, a quantidade d'oxigenio das bases está para a quantidade d'oxigenio da silica na relação de 1 para 4; 4.ª a côr verde das esmeraldas é devida á materia organica que contéem.

Parece na realidade difficil, diz o auctor, attribuir a côr verde d'estas pedras preciosas ao oxido de chromio, como até hoje se tem pensado, porque as analyses apenas descobrem quantidades insignificantes d'este oxido.

Tanto mais fundada parece esta opinião, quando se vê, que a granada chromifera, conhecida pelo nome de *ouwarovite*, contém 23,5 por 100 de oxido de chromio, possuindo a mesma bella côr verde da esmeralda, não contendo esta senão decimas millionesimas partes do dicto oxido. Devem pois admittir-se duas causas differentes da côr dos dous silicatos, porque quantidades tão diversas d'oxido de chromio não podiam produzir o mesmo effeito em ambos os mineraes.

Além d'isto, attendendo aos seguintes factos; que se póde aquecer a granada chromifera ao maçarico, sem perder a sua côr e transparencia, e que a esmeralda se torna incolor e opaca, a um calor rubro sombrio; que este mineral contém uma materia organica; e que o poder tintorial de certas substancias organicas, por exemplo, a *chlorophylla*, é muito energico e pronunciado; parece plausivel, que é na causa que o auctor aponta, que reside a origem da côr verde das esmeraldas.

Transfusão do sangue. — São conhecidas as interessantes experiencias de Prevost e Dumas, que mostraram, que sangue de carneiro ou de vacca mata os coelhos como um violento veneno, e que sangue de mammiferos injectado nas veias de patos produz quasi repentinamente convulsões extremamente violentas e a morte.

Dieffenbach, Bischoff e Mueller, verificando, que o sangue desfibrinado póde ser injectado com menos perigo do que o sangue contendo fibrina, pensaram que este principio constituia provavelmente um veneno para um animal d'especie differente. Tambem se attribuiu o phenomeno á desegualdade de diametro dos globulos sanguineos.

M. E. Brown-Sequard, estudando recentemente a questão, diz que os sangues venoso e arterial não differem um do outro, em seus effeitos toxicos, senão pelas diversas quantidades d'oxigenio e acido carbonico que contêm, e conclue de muitas experiencias, que a acção toxica do sangue d'um animal injectado nos vasos d'um individuo d'outra especie, depende principalmente da presença d'acido carbonico em grande quantidade, e que o sangue d'um animal vertebrado não é venenoso para outras especies de vertebrados, ainda mesmo muito diversas.

RELAÇÃO

Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrucção publica desde o dia 1 até ao fim de dezembro ultimo, por despachos do Conselho Superior d'instrucção publica, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Agostinho Francisco de Figueiredo, para professor temporario da cadeira de Lageoza, no districto da Guarda.

Augusto José Gonçalves Fino, para dicto do Espinhal, no de Coimbra.

Bento José Gonçalves, para dicto de Covas, no de Villa Real.

João Antonio Lopes Carneiro, para dicto de São Salvador d'Eiro.

Antonio Pereira da Encarnação, para dicto de Miranda do Corvo, no de Coimbra.

Balthazar Pinto Lobo, para dicto da Trindade, no do Porto.

José Antonio Ramalho, para dicto de Lagoaça, no de Bragança.

Antonio Joaquim da Fonseca Mattos, para professor vitalicio da cadeira do Lamegal, no da Guarda (Decreto de 2 do corrente).

Joaquim dos Reis Garcia, para o logar de ajudante da eschola de ensino mutuo da cidade de Castello Branco (Decreto de 9 dicto).

João Antonio Gomes de Sousa, para professor vitalicio da cadeira da villa de Melgaço, por transferencia da do extincto Couto de Fiaes, no districto de Viana (Decreto de 15 de dezembro ultimo).

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Antonio Mendes Diniz da Gama, para o logar de professor das cadeiras 1.ª e 2.ª do lyceu nacional de Beja (Decreto dicto).

José Antonio Branco, para o logar de fiel e agente da bibliotheca nacional de Lisboa (Decreto de 16 dito).

Antonio Carlos da Silva Vieira professor da lingua grega addido ao lyceu nacional de Lisboa, para a propriedade e serventia vitalicia da cadeira d'egual disciplina estabelecida na secção central do mesmo lyceu (Decreto de 26 dicto).

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

Diogo Pereira Forjaz de Sampaio, para o logar de lente cathedratico da faculdade de direito na Universidade de Coimbra (Decreto de 10 dicto).

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INSTITUTO DE COIMBRA.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E SOCIAES.

Extracto da acta da sessão de 14 de fevereiro de 1858.

Estando ausente o sr. *director da classe*, Miguel Ribeiro, presidiu o sr. secretario Adriano Machado.

Aberta a sessão pelas 11 da manhã, o vice-secretario leu a acta da antecedente, que foi approvada.

Em seguida, o sr. presidente mandou lêr o parecer da commissão eleita para examinar uma memoria remettida ao Instituto, pelo sr. Conde de Rio-Maior, Antonio de Saldanha.

Depois de uma breve discussão procedeu-se ás duas votações por escrutinio secreto, na conformidade do regulamento do Instituto, art. 47, §. 2, e art. 48, §. 1, e verificou-se ter ficado approvado para socio effectivo da classe de sciencias moraes e sociaes do Instituto de Coimbra, o sr. Conde de Rio-Maior, Antonio.

O sr. presidente levantou a sessão; eram 12 da tarde.

O vice-secretario da classe de sciencias moraes e sociaes, *Marquez de Souza Holstein*.

AGRICULTURA.

RELATORIO DA SOCIEDADE AGRICOLA DO DISTRICTO DE COIMBRA.

Senhor! — A Sociedade Agricola do districto de Coimbra, vem hoje respeitosamente pôr nas mãos de V. M., em singela e concisa exposição, o *relatorio geral*, que o art. 22 do *regulamento* de 23 de novembro de 1854 lhe impõe, e cujas disposições guardou, assim como as do art. 19 do mesmo.

A vastidão e importancia dos objectos agronomicos, e em especial os assumptos, segundo o programma das materias ácerca das quaes as sociedades agricolas devem ser ouvidas, (art. 35), designados em quesitos para cada uma das secções, não podiam deixar á sociedade a menor dúvida sobre as difficuldades que encontraria em haver os esclarecimentos indispensaveis sobre *especialidades* em cada uma das localidades, e tantos em numero da mesma especie e local, que, afferidos uns pelos outros e confrontados, mais seguramente se podesse assentar a sua verdade; e bem mais lhe era isto necessario, que em materia de tal novidade entre nós, as informações e esclarecimentos, quer collectivos, quer individuaes, raro é que se não resintam do máu habito, de satisfazer *por cumprir ou pouco mais ou menos*, sem a conscienciosa exactidão, ou a mais possivel approximação á verdade, por que só valem similhantes informações.

Mas, Senhor, se a Sociedade Agricola d'este districto appresentando a V. M. esta singela exposição, não póde lisongear-se de appresentar obra em que se vejam trabalhos proficuos sobre a primeira fonte de riqueza nacional, os desejos, que a todos animam já 'neste ensaio, auguram o exito futuro de seus esforços e perseverança, inclinando V. M. a uma sociedade nascente aquella efficaz protecção, que só lhe dará o animo preciso para aplanar, ou pelo menos curvar, tantos tropeços e difficuldades levantados pela ignorancia, pelos preconceitos, e pela força esteril da rotina. Só assim poderá concorrer a Sociedade para se abrir o verdadeiro caminho da *prosperidade*, e fôra trahir suas intimas convicções, se não accrescentasse — *da independencia nacional*. A Sociedade que tem postos os olhos 'neste alvo de gloria para V. M., tambem os não póde desviar dos meios e esforços com que o governo de V. M. concorra e se empenhe effectivamente em levantar o padrão que symbolise o reinado d'um novo — REI LAVRADOR.

Seguindo a ordem das secções, este relatorio appresentará, em cada uma d'ellas, a exposição das materias designadas nos quesitos respectivos dos programmas, em tudo o que lhe fôr possivel, segundo os esclarecimentos obtidos e examinados.

SECÇÃO 1.ª

1.° *Gados.*

O gado vacum, que os mappas officiaes dão em numero de 27:510 cabeças no anno

proximo passado, está longe de attingir a somma que as necessidades do serviço agricola reclamam, e ainda mais longe de fornecer os bons productos de carnes e de leite. A raça dominante no districto é a serrana ou gallega, a qual, esforçada no trabalho, sobria e docil, é, em verdade, muito propria para o trabalho de lavoura ou carretos, em um districto tão accidentado como este, sobretudo nas serras. Esta raça, porém, ainda assim com esta aptidão, posto que degenerada pela maior parte, não é a mais propria, economicamente fallando, nem para o talho, nem para a producção de leite: as despesas com o engordo, e sustentação para cada um d'estes fins, não seriam compensadas pelos productos respectivos. Para o talho seria especialmente importante a introducção da raça do Minho, a qual é preciosa debaixo d'este ponto de vista.

O leite de vacca é pouco, ou quasi nada usado; porque as vaccas são empregadas como os bois nos trabalhos; e quer os novilhos sejam para os talhos, quer para criar, não se aproveita o leite das mães, nem antes nem depois de desmamados, havendo 'nesta parte da industria pecuaria profunda ignorancia, ou pelo menos desleixo, em tirar o melhor proveito sem prejuizo das crias. Ha algumas vaccas hollandezas, e mais algumas *turinas*, que são variedades d'ellas; mas tão poucas que talvez não excedam ao numero de 20.

Conviria muito introduzir a *raça transmontana*, que, além de ser muito propria para os trabalhos agricolas, fornece as tão estimadas vaccas leiteiras, conhecidas pelo nome de *molares*. As vaccas do Algarve, ou da *raça algarvia*, tambem boas para o trabalho, mansas e muito leiteiras, estão no mesmo caso.

A deficiencia do gado vaccum para o trabalho e fornecimento de productos uteis depende: — 1.° da má alimentação, que não sendo proporcionada ao rigor do trabalho, lhe encurta a duração, e o não deixa fornecer bôa carne, se se tenta por fim engordal-o para isso; e quasi nunca se tenta; entre o largar do jugo e o cair debaixo do ferro não ha espaço de tempo; e o descanso reparador e a conveniente alimentação não produzem os seus beneficos resultados; — 2.° de não ser *economicamente* propria para o engordo e producção de leite a raça dominante; — 3.° da quantidade de novilhos e novilhas que entra nos talhos; — 4.° em fim, da successiva degeneração da raça, pelo nenhum cuidado na escolha do touro e da vacca, mesmo quando a alimentação em geral, é estabular, e ainda peor quando é em pastos communs. Esta deficiencia de gado vaccum debaixo dos trez importantes pontos de vista, trabalho, carnes, e leite, torna-se mais sensivel por sua damnosa consequencia, que é a *falta de estrumes*, sem os quaes nunca o agricultor colherá bons productos, que recompensem seus trabalhos.

O gado cavallar, asinino e muar, é não só deficiente, mas sobre tudo abastardado. A cifra official no anno de 1856 foi de 7:306 cabeças do cavallar, 6:778 dictas do asinino, e 1:201 dictas do muar. Esta *falta e defeito* é muito sensivel; não para o serviço de lavoura 'neste districto, onde todo se exige exclusivamente do gado vaccum, mas para transportes, já de tiro, já de carga, já de sella.

O gado muar é rarissimo; e é tanto mais para sentir esta deficiencia, se se considera quanto estes animaes são prestadios; valentia, segurança, força de tiro, soffrimento na fadiga e na fome, são qualidades, que a indole desconfiada e sestrosa lhe não tira. Augmental-o, e melhoral-o como convém, não será possivel em quanto se não melhorar a raça asinina. Esta é degenerada e insufficientissima para as necessidades, especialmente dos pequenos proprietarios, e sobretudo nas localidades pobres, e cujas communicações com as principaes povoações, mais ou menos distantes, são pessimas como em geral as d'este districto. Se crusados com boas raças hespanholas se melhorassem e crescessem em numero, grande proveito se tiraria, já para obter o bom serviço que presta um animal, cujos dotes são frugalidade, paciencia, força, e até ligeireza de movimentos.

O gado lanar é pouco, e a cifra official só se elevava a 120:681 cabeças no anno de 1857; e em geral, é máo, sobre tudo no concelho de Coimbra e nos contiguos. Aqui os rebanhos quasi só são formados do refugo comprado nos rebanhos das serras, quando descem aos campos do Mondego, ou quando passam para buscar outras pastagens. Os concelhos, em que se cria mais d'este gado são — Miranda do Corvo (23.000 cabeças), — Taboa (13:535 dictas) — Arganil (12:798 dictas), — Coimbra (8:994 dictas), — Monte-mor Velho (7:520 — Oliveira do Hospital (8:400 dictas). A nenhuma selecção dos individuos para casta, — a ignorancia do verdadeiro systema, que 'nesse crusamento só póde dar a boa raça, — a ignorancia dos pastores ou descuido na alimentação e regimen adequado, etc. etc., eis-ahi as causas permanentes, por que este preciosissimo ramo de industria pecuaria não fornece lãs e carnes na *quantidade* e *qualidades* devidas, e corre sempre expôsto a *frequentes epizootias*. E se em tudo isto vai perda de grande riqueza, não vai menor mal á saúde dos povos.

O gado caprino elevava-se, segundo os mappas officiaes, a 46:754 cabeças no anno de 1857. Tem diminuido 'nestes ultimos tempos, sobre tudo no concelho de Coimbra: e se a diminuição continuar, a boa agricultura

por toda a parte o applaudirá, sobre tudo no ramo *matas* e *florestas nascentes*.

O gado suino, apesar de ser um objecto de criação, em geral, de todas as povoações, não é bastante para as necessidades do consumo. Em 1857 elevava-se este gado ao numero de 51:453 cabeças. Os concelhos mais productores são os — de Monte-mor-velho (6:400 cabeças), — o de Coimbra (7:002 dictas, — o da Figueira da Fóz (3:762 dictas), e o de Soure (3:938 dictas); e, em geral, é uma observação, que são maus todos aquelles, em que não predomina a creação do gado caprino. E a este respeito, é muito para notar, que um concelho como o de Mira, creando só 15 cabras crie tambem 2:600 porcos (mappa official de 1857), e que o concelho de Penacova, creando 8:930 cabras, não possa crear senão 2:400 porcos, menos que o pobre concelho de Mira!

É a raça do *porco grande da Beira* a que é geralmente empregada pelos creadores, preciosa — pela sua admiravel fecundidade, — pela voracidade aproveitadora de toda a avaria e sobejo do casal e da familia, — e promptidão com que seus individuos são cevados, produzindo uma carne *muscular* ou *magra*, abundante e saborosa. Esta raça, em geral não tem degenerado, porque o interesse dos creadores os obriga á boa escôlha do varrão e da porca, e são as boas qualidades dos leitões, que no mercado se procuram e pagam bem. A *raça alentejana*, tão propria para a producção da *gordura* ou *toucinho*, não é empregada pelos creadores; importam-se, porém, muitos individuos d'ella para consummo. — Tambem não ha creação ou engordamento em ponto grande, isto é, feita por um só proprietario, como no Alemtejo; nem o engordo é em montados, mas só em curraes ou cortêlhos. — O emprego do sal, aliás tão importante, é quasi desconhecido na alimentação d'estes animaes, sobre tudo na ceva.

2.° *Prados.*

O districto não tem prados artificiaes propriamente dictos ou permanentes, pois não merecem este nome alguns pequenos ensaios, e rarissimos, d'algumas plantas pratenses, como luzerna, sanfeno, etc. A *serradella* (ornithopus sativus, Brot) e a *herva de semente* ou *raygran* dos inglezes (Lolium perenne, Lin.) constituem alguns prados; mas nem o numero, nem a extensão d'estes representam a immensa importancia, que têm estas plantas, indigenas e espontaneas, a primeira fornecendo bom pasto temporão na primavera em terrenos arenosos e aridos, e a segunda em terrenos com alguma frescura, ou arenosos de sub-solo argiloso, ou nos altos humidos e frios. A qualidade alimenticia d'esta ultima planta, além d'outras qualidades, dá-lhe um merito, que talvez nenhuma outra graminea exceda, para ceifar em verde, e sobre tudo para ser pastada, pullulando debaixo do calcar dos gados.

O *trevo* dos *prados* (Trifolium pratense, Lin.) conhecido pelo nome de trevo encarnado, vai-se introduzindo com reconhecida vantagem para todos os gados, e até para o suino; e tanto mais, que, como é annual, a sua cultura presta-se á dos cereaes no mesmo anno.

Em geral, além das gramineas e mais hervas nascediças, como balanco (avena barbata, Brot.) etc., os pastos em verde são feitos de cevada, centeio, aveia e hervilhaca, cortados na primavera. — e pelos milhos que se arrancam nas mondas durante a cultura dos milheraes; e nos fins do outono, e durante o inverno são as palhas dos differentes cereaes, que fazem o alimento principal, ou exclusivo dos gados.

A palha do milho é quasi o exclusivo do gado vacum na ultima estação. — O emprego de raizes, como nabos, etc , para sustento dos gados, é desconhecido, e ainda mais o pasto arboreo, que tão util poderia ser, quando as terras estão afructadas, para o gado vacum e lanar. Os ramos e folhagem do choupo, salgueiro, etc. etc., seriam optimo recurso como o são na Italia e na Suecia; e a amoreira multicaule, sobretudo, ha poucos annos introduzida neste districto, pela facilidade com que se dá, e pela sua rapida e pomposa vegetação em folhagem desde março até fins de novembro, poderia ser, plantada á roda das propriedades, muito mais importante para isto, do que para a industria sericola, em que, segundo o introductor, não tem merecido prácticamente os louvores, que se lhe apregoaram.

Finalmente nos muitos terrenos baldios tanto publicos como particulares, e mais ou menos extensos, que ha em todos os concelhos, os povos, não distinguindo os publicos dos particulares, pascem os seus gados indistinctamente. — Esta posse adquirida por muitos modos, que o direito não apoia, offende 'num caso o *direito de propriedade*, e em todos os casos os interesses publicos e particulares, oppondo-se á cultura dos baldios aproveitaveis, e á arborisação florestal dos outros.

Ha outro compascuo ainda mais intoleravel em terras particulares, e não baldias, mas sujeitas á cultura annual de cereaes: — são os pastos communs nos campos de Coimbra e Monte-mor-Velho. A respeito d'estes a Sociedade agricola adopta plenamente o pensamento da Camara Municipal de Coimbra, quando, representando a V. M. contra os mesmos pastos, disse: « E esse abuso é a *violação d'um direito* com todas suas perniciosas consequencias, — é o obstaculo ao pleno uso do direito de propriedade, e ao mesmo tempo a todo o possivel melhoramento agricola nos campos

de Coimbra. » A sociedade, sem ainda levantar mão d'este ultimo objecto, reserva-se para mostrar, em occasião opportuna, o quanto os pastos communs nos campos de Coimbra se oppõem a todo o desinvolvimento da industria pecuaria.

Continúa.

FEBRE PUERPERAL.

1.ª PARTE.

HAVERÁ DIFFERENÇA ENTRE A FEBRE PUERPERAL, A METRO-PERITONITE, E PHLEBITE UTERINA?

Idéa geral de febre.

Continuado de pag. 247.

II.

Da existencia das febres essenciaes.

A distincção entre febres essenciaes e symptomaticas achava-se estabelecida desde a mais remota antiguidade, quando Broussais appresentou doutrina opposta.

Não existem febres essenciaes. Todos os movimentos febris, que observamos, são consequencia da inflammação, que é o facto inicial e characteristico. Eis a base da doutrina chamada physiologica, proclamada por Broussais, seguida por alguns pathologistas, e ainda hoje sustentada por outros, apesar da reacção, que contra ella se está operando.

A existencia de febres tendo a sua séde *unicamente* no systema onde se manifestam os principaes symptomas, consistindo por conseguinte numa simples exaltação do systema vascular, independente d'uma affecção phlegmasica anterior ou concomitante, que a possa explicar, não se póde deixar d'admittir no estado actual da sciencia. Eis o que constitue as *febres essenciaes* ou *idiopathicas*.

Ninguem duvida que as phlegmasias, principalmente as agudas, occupam o primeiro logar na etiologia das febres; mas estas não são a causa unica e exclusiva.

Se muitas vezes a inflammação d'um orgão dá origem a uma reacção do systema vascular, e á manifestação do movimento febril, que cessa ordinariamente quando termina o estado phlegmasico local, nem sempre se dão circustancias tão favoraveis á admissão exclusiva do principio proclamado por Broussais.

Existem estados febris, que de modo algum se podem ligar a lesões phlegmasicas existentes no systema onde se dão os phenomenos morbidos, ou diverso.

A ausencia completa de lesão phlegmasica local, o seu desenvolvimento simultaneo ou consecutivo em relação aos symptomas geraes, e ás vezes em tão pequeno gráo, que de modo algum póde explicar a extensão das alterações funccionaes, são razões que nos fazem estabelecer uma distincção entre o estado febril, que assim se nos manifesta, e o que acompanha ou segue a inflammação d'um ou mais orgãos. Phenomenos percussores abrem a marcha das febres primitivas, constituindo os *prodromos*. O desenvolvimento por epidemia, a transmissão por infecção ou contagio, e finalmente as alterações hematologicas formam um verdadeiro contraste com as febres *secundarias* ou symptomaticas.

A anatomia dos fluidos tem sido summamente vantajosa ao estudo da pathologia; e o conhecimento da constituição anatomica e physiologica do sangue tem servido de base para uma verdadeira distincção entre as duas classes de febres, de que nos estamos occupando.

As analyses d'Andral e Gavarret e outros dão o seguinte resultado para 1000 partes de sangue:

		Dumas.	Becq. e Rodier.
Agoa	790	790	779
Fibrina	3	3	2,2
Albumina	68	70	69,4
Globulos rubros..	127	127	141,1
Materiaes solidos do sôro etc....	12	10	8,3
	1:000	1:000	1:000,0

Logo que qualquer d'estes principios constituintes augmente ou diminúa proporcionalmente aos outros, dão-se phenomenos pathologicos, que diversificam muito segundo a alteração se dá num ou outro principio. O augmento absoluto da fibrina, que póde elevar-se até 10,5, é phenomeno constante das phlegmasias, assim como a diminuição de globulos rubros. A persistencia da fibrina na cifra normal, ou a sua diminuição absoluta até 0,9 characterisa as febres *primitivas* ou *essenciaes*.

Tal é a lei a que nós podemos chegar em consequencia das exactas e rigorosas observações d'Andral e Gavarret.

As idéas modernas tendem para um humorismo racional, não fundado em alterações das propriedades physicas dos humores, como o dos antigos, mas baseado nas modificações dos elementos anatomicos, que entram na sua composição. « Je ne comprends, diz Andral, « pas plus la possibilité de quelque notion pré- « cise et véritablement utile sur les modifica- « tions du sang, sans l'intervention de l'ana- « lyse, que je ne comprends la possibilité de « reconnaitre, sans les dissections, les modifi- « cations des organes. »

Mas não é só nas alterações hematologicas que devemos ir buscar os elementos para uma verdadeira distincção entre as febres symptomaticas e idiopaticas. Durante as pyrexias

costumam muitas vezes desenvolver-se inflammações locaes, que chamamos *secundarias*, porque a febre forma a alteração primitiva, e representa mais particularmente a molestia.

Estas inflammações secundarias distinguem-se das primitivas, que produzem as febres symptomaticas. A mais notavel d'estas differenças é a sua obscuridade a tal ponto, que inflammações multiplas, e disseminadas se formam muitas vezes sem conhecimento dos doentes, e sem se revelarem aos medicos pelos symptomas d'inflammação, mas unicamente pelos productos morbidos.

Porém, se ellas adquirem tal intensidade, que o doente, e o medico vêm no seu conhecimento, então já o estado morbido local está por extremo adiantado. É necessario que a inflammação tenha excitado reacção da parte da economia, e o doente sinta a lesão local; ou que esta, tendo terminado pela suppuração, dê sahida ao pus.

As inflammações primitivas, que dão origem ás febres symptomaticas, comportam-se d'uma maneira inteiramente diversa. Os symptomas locaes patenteam-se com toda a evidencia, e as perturbações funccionaes se seguem immediata e facilmente.

Esta obscuridade de symptomas inflammatorios 'num caso, e a sua excitabilidade, e facil desenvolvimento no outro, comprehendem-se facilmente. Nas inflammações primitivas a parte ameaçada achava-se no estado normal; gozava de toda a sua sensibilidade e força de reacção, quando o estimulo morbido a impressionou. Perturbadas as suas funcções, excitada sua sensibilidade, e sympathias, resultam vivos soffrimentos para o doente; e para o observador mudanças exteriores immediatas, que indicam a séde e intensidade do mal. Pelo contrario, quando se formam as inflammações secundarias, todos os tecidos estão ja 'num estado morbido, que modificou as suas propriedades. Ás febres é que melhor cabe a expressão de *morbi totius substantiae*. Os vasos capillares, que hão de ser a séde da inflammação, participam da molestia geral. Quando passam ao estado inflammatorio não se patenteam sensações dolorosas, nem algum dos outros symptomas, que indiquem inflammação. As outras partes não reagem, e as sympathias morbidas, que poderiam ser provocadas pelas phlegmasias nascentes, perdem-se nos phenomenos geraes da molestia. As inflammações secundarias têm muita tendencia a disseminar-se, a apparecerem em pontos multiplicados, e isto não acontece ás phlegmasias primitivas.

Nas febres symptomaticas é evidente o modo como se gera o movimento febril geral. A irritação dos capillares sanguineos transmitte-se mui facilmente a todo o apparelho circulatorio. A intima ligação dos dois apparelhos explica a intima ligação da inflammação e da febre.

Nas febres essenciaes ou idiopathicas o processo ainda é muito obscuro. A physiologia pathologica das pyrexias está até certo ponto involvida com o denso véu do mysterio. Em todo o apparelho circulatorio é que se passam os phenomenos variados, que characterisam as pyrexias. Mas a sua causa immediata não existe em phlegmasia, ou alteração organica das paredes do coração, e dos vasos. Difficilmente se conceberia que uma febre ephemera, ou um simples accesso de febre intermittente dependesse de lesão grave d'orgãos tão importantes.

Onde existe a causa real, a séde primitiva da pyrexia? Ao systema nervoso recorreram Albrecht Thaer, Robert Reid, Dugès, Robert Latour, Pew, Clutterbuck. É este systema que primeiramente soffreu a impressão morbida, primeiro termo de toda a formula etiologica. Mas qual o ponto sobre que actuarão de preferencia? Será nas divisões do grande sympathico destinadas a acompanhar as arterias até ás redes capillares? (Duges). Será no systema nervoso ganglionar? (Robert Latour). Será no proprio cerebro como o julga Pew, Clutterbuck, etc. e como o parece indicar a dor e peso de cabeça quasi constantes, e a difficuldade no exercicio das funcções cerebraes?

A pyrexia é uma molestia geral, posto que todos os seus principaes symptomas tenham logar no apparelho circulatorio. É um acto de todo o organismo; pertence a todos os systemas, recebe de todos impulsão simultanea. Uma desordem da innervação se deve admittir como o primeiro anel da serie de phenomenos, cuja reunião e encadeamento constitue a pyrexia.

Esta perturbação produz uma excitação anormal na actividade do systema nervoso, e por conseguinte em todos os que com elle se acham intimamente ligados, contando-se em primeiro logar o systema vascular sanguineo. Reconhecemos muitas vezes causas debilitantes, que, obrando sobre o systema nervoso, o tornaram mais excitavel. Esta nota é mui importante para a therapeutica. Galeno não andou bem quando disse: « febris, ut « febris est, curatio est humectare et refrige- « rare. »

Mas não se julgue que as causas debilitantes são as unicas capazes de produzir as pyrexias. Causas excitantes podem obrar sobre o systema nervoso, e produzir directamente a excitação das funcções d'este systema. Com muita razão diz Hildenbrand: « Hallucinantur « illi, qui disponens ad omnes febres momen- « tum quaerunt in debilitate. »

O sangue, como estimulo directo dos orgãos circulatorios, deve representar um importante papel nas theorias pyretologicas. Recebendo moleculas prejudiciaes e provocado-

ras de phenomenos morbidos nada custa a conceber, que elle se torne o agente immediato da excitação vascular. Mas qual é a alteração, que dá ao sangue estas propriedades? Será constante e sempre identica? Até hoje apenas se podem formar conjecturas, crear suppositções. Graveau, levado por estas considerações, estabelece um grupo de molestias intermedio ás phlegmaticas, e pyrexias, a que chama *intoxicações*.

Ha pois duas classes de febres, opinião esta admittida já no tempo de Galeno. « Distinguere autem opportet in singulis aegrotantibus; primum quidem, si sine loci affectu sit febris, vel ex humorum putritudine, velque solus spiritus sit alteratus; deinde si membrum affectum febris sit causa, et quaenam sit ejus affectio. (Galenus liber 2.ºˢ cap. 3.)

N'umas o movimento febril resulta da lesão phlegmasica local. Assim o attestam os symptomas durante a vida, e as lesões depois da morte. N'outras o movimento febril não é directamente subordinado a nenhuma outra doença; tem uma existencia distincta; percorre os seus differentes periodos, manifesta signaes e symptomas, que lhe são proprios. Assim é que concebemos a *essencialidade* das febres, e não como os antigos, que as faziam 'neste caso depender d'alterações nas propriedades vitaes. Póde existir lesão local, mas esta pela sua pouca intensidade, e pela ordem de desinvolvimento não estar ligada á etiologia do movimento febril; antes se póde considerar como sua consequencia.

Continúa. F. A. ALVES.

BIBLIOGRAPHIAS.

Almanack da Instrucção Pública em Portugal. Segundo anno — por José Maria de Abreu, lente cathedratico da faculdade de Philosophia na Universidade de Coimbra.

Publicou-se, ha poucos dias, o segundo anno do excellente Almanack do sr. dr. Jose Maria de Abreu.

Este segundo volume, complemento indispensavel do primeiro, contém muitas e mui interessantes noticias ácerca dos nossos estabelecimentos d'instrucção pública; os mappas dos exames no bimestre passado, e das matriculas no presente anno, tanto na Universidade, como nas academias e escholas d'instrucção superior e secundaria; um reportorio ou indice da legislação novissima sobre instrucção pública; a relação dos socios das mais importantes sociedades scientificas e litterarias de Portugal; os necrologios dos membros do magisterio, fallecidos durante o anno de 1857, etc., etc.

O sr. J. M. de Abreu, entendeu, e a nosso vêr com razão, que seria inutil repetir no Almanack d'este anno algumas das noticias appresentadas no do anno passado; porém esta suppressão foi de sobejo compensada com as importantes addições que encontramos 'neste 2.º volume.

O plano da exposição das materias foi tambem este anno um pouco modificado; tracta-se primeiro do pessoal de cada um dos estabelecimentos d'instrucção pública; depois da parte litteraria, e finalmente da economica. Esta distribuição parece-nos mais acertada do que a do Almanack de 1857, e seria perfeita se infelizmente o indice alphabetico do Almanack não fosse um pouco resumido; não é facil achar immediatamente, com os dados que elle nos fornece, qualquer materia que queiramos examinar; assim se quizermos saber o movimento dos exames no lyceu de Coimbra, teremos de procurar a palavra *lyceu* e folhear todas as paginas consagradas a este estabelecimento, até darmos com os mappas dos exames; parece-nos que se houvesse no indice a palavra *exames* ou *estadistica d'exames*, seguida do nome dos estabelecimentos em que estes exames foram feitos, parece-nos, dizemos, que as indagações seriam muito mais faceis e curtas.

Por esta occasião tomaremos a liberdade de lembrar ao sr. José M. de Abreu, que o seu Almanack ganharia muito se comprehendesse tambem os mais importantes e acreditados estabelecimentos particulares d'instrucção e educação, a respeito dos quaes pouco ou nada se sabe fóra dos logares onde elles existem. Não ignoramos a immensa difficuldade que tem a realisação d'esta idêa; affigura-se-nos, porém, que não será insuperavel, se, como é d'esperar, os chefes de cada um d'aquelles estabelecimentos ministrarem as necessarias indicações.

Sentimos tambem não encontrar no Almanack de instrucção pública a estadistica dos estudantes da Universidade e Lyceu de Coimbra, classificados por districtos administrativos do reino e demais paizes de sua naturalidade. Na relação official dos estudantes do anno de 1853 para 1854 encontra-se esta estadistica; porém, de então por diante deixou ella de publicar-se, por motivos que ignoramos. O sr. J. M. de Abreu faria, a nosso ver, um importante serviço se no seu Almanack continuasse aquella publicação. Apesar de julgarmos exagerada a opinião d'aquelles que dão á estadistica uma importancia demasiada, que ella, por ora, não póde ter, parece-nos que seria util o trabalho que lembramos, e que poderia fornecer á commissão d'estadistica ultimamente creada alguns dados importantes.

Perdôe-nos o illustre auctor do Almanack de instrucção pública estas curtas reflexões, suggeridas pelo vivo empenho que nós tambem,

como sua ex.ª, professamos pelo adiantamento da nossa instrucção pública, e pelo derramamento da educação.

Felicitamos sincera e cordealmente o sr. J. M. de Abreu, pela perseverança com que progride na sua laboriosa e improba tarefa, já tão habilmente encetada o anno passado. O serviço que o seu Almanack póde prestar á causa da instrucção pública em Portugal, é grande e valioso. Até ha pouco, forçoso é confessal-o, ainda que nos peje dizel-o, até ha pouco tinhamos mais cabaes informações ácerca da instrucção pública de outro qualquer paiz, da França, por exemplo, do que ácerca da nossa. Desappareceu agora esta vergonha, e graças ao excellente Almanack do sr. José Maria d'Abreu, podemos hoje perfeitamente conhecer todo o organismo da nossa instrucção, os seus vicios e as emendas de que carece. S. H.

Folgámos de vèr, ha pouco, as composições latinas, em prosa e verso, publicadas pelo sr. Francisco de Paula Sancta Clara, estudante do 3.º anno de direito: são ellas — uma *Ode Saphica;* e em separado — *Poemata Adlocutionesque duae.* — Por estes escriptos, manifesta o ingenhoso e estimavel moço, não só o cabedal de latinidade que já possue, senão que lhe são favoraveis as musas latinas. Já desd'o tempo em que elle nos ouvira, com gosto vimos madrugar 'nelle a generosa inclinação para o bello, a viveza d'imaginação, e um coração sensivel aos incantos da poesia. E, se antes quizeramos ver agora aquelles opusculos na lingua, com que fomos creados, tão rica! tão suave! tão louçã! todavia, como é, ainda hoje, estimada prenda o bem latinizar, grande louvor cabe ao sr. Sancta Clara, pela publicação dos mesmos escriptos. Emb'ora não tivesse elle o tempo necessario para lhes dar a ultima lima; embora só depois dos annos verdes possa o gosto transluzir bem puro e bem fino; muito ha que louvar 'naquelles ensaios. Prosiga o auctor a proveitosa licção dos bons exemplares; que, assim, nos dará, por certo, lucubrações cada dia mais aprimoradas, *linenda cedro et laevi servanda cupresso.* C. B.

NOTICIARIO.

Telegraphos electricos.—Não contando as linhas maritimas, a Europa tem actualmente 38:703 milhas de fios telegraphicos para transmittir noticias por terra. A Grã-Bretanha possue 10:000. Allemanha e Austria, 10:000. A França, 8:009. A Russia 5:000. A Italia, 2:500. A Suissa, 1:503. Paizes baixos, 600. Espanha e Portugal, 600 [1].

Nos estados Unidos contam-se 33:000 milhas de linhas terrestres. Na America do Sul, 1:500. Na India 50:000. A Australia, que, ha dois annos, tinha já 2:000 milhas, acaba d'estabelecer mais 600 de Melbourne a Sydney, 220 de Melbourne a Bondigo, e 108 de Melbourne a Bellarat.

Podem hoje calcular-se portanto, em 79:563 as milhas de fios telegraphicos terrestres, por meio dos quaes as diversas partes do mundo podem instantaneamente communicar as suas noticias.

Os polypos calcareos.—No oceano equinoxial, e principalmente no estreito de Torres, entre a nova Hollanda e a Papoasia, os polypos calcareos crescem com tal intensidade, que se o seu desinvolvimento seguir sempre a mesma lei, este estreito, dentro de 20 annos, ficará interceptado em toda a sua largura, que em certos pontos é apenas de 5 kilometros. Quando este estreito foi descoberto, em 1605, não se contavam em todo o seu comprimento, de 150 kilometros, senão 26 ilhetas, havendo hoje já 150.

Applicações do vidro.—Custa a comprehender, como o vidro, esta materia tão fragil, se presta como a seda, excedendo-a até em côr e brilho, a todos os caprichos de fiação e tecelagem. São bem conhecidas as formas artisticas, graciosas e elegantes, de que é susceptivel esta substancia; é bem sabido, como as mãos habeis do artista manipulam o vidro, e o reduzem a fios 16 vezes mais delgados, que um cabello; mesmo no nosso paiz tem apparecido as mais bellas exposições d'objectos de vidro, que encantam e fascinam o expectador.

Admira-se actualmente em Bruxellas uma d'estas prestigiosas exposições, onde entre muitas cousas maravilhosas, apparecem fructos, flores, aves, que por seu tamanho, feitio, poupa e cauda lembram os mais bellos e raros beijaflores, magnificos navios em que não falta a mais pequena corda, e emfim, lindos e delicados chapeus para senhoras, que a mais habil modista não poderia imitar. Tudo isto produz o maior enlevo e assombro, e tudo é de preço modico.

Longevidade.—Em cada milhão d'habitantes, contam-se na França, 101:495 indi-

[1] Estes calculos estatisticos, que os jornaes francezes reproduzem, são do *Rathical Mechanic's Journal.* A respeito do nosso paiz, não ha exactidão, no estado actual das communicações telegraphicas, porque desde que se completou toda a linha, d'Elvas até Valença, e contando as ramificações secundarias, os fios dos telegraphos electricos, só em Portugal, occupam maior extensão, do que a arbitrada para toda a peninsula, pelo mencionado jornal.

viduos com a edade de 60 annos — na Belgica, 88:432 — na Dinamarca, 87:657 — na Suecia, 78:187 — nos paizes baixos, 76:982 — na Grã-Bretanha, 72:910 — na Sardenha, 71:602.

Em quanto á edade secular, observa-se, em geral, que as mulheres, são as que offerecem mais exemplos. O clima de Inglaterra parece ser o mais propicio para a longevidade secular. Contam-se 'neste paiz 15 centenarios em um milhão d'habitantes, em quanto que a proporção é apenas de 7,3 na França, 7 na Belgica, 2,6 na Suecia, e 1,3 nos paizes baixos.

Descobertas do seculo 19. — Na *Illustrated London News* lê-se o seguinte:

Desde o principio do mundo, ainda não houve meio seculo mais fertil em invenções importantes, do que a primeira metade do seculo 19.

Antes de 1800, não se tinha ainda feito applicação do vapor á mecanica. Foi em 1807 que appareceu o primeiro barco a vapor, lançado por Fulton; e hoje, só nas aguas da America ha 3:000. Em quasi todos os paizes do mundo os rios são navegados por barcos a vapor.

Em 1800, não havia caminhos de ferro, e só nos Estados Unidos ha actualmente 8:797 milhas de ferro-carris, que custaram 286 milhões de dollars. Na Inglaterra e America contam-se 22:000 milhas de vias ferreas. A locomotiva transpõe agora em algumas horas distancias, que outrora exigiam muitos dias para se percorrerem.

Em 1800, gastavam-se duas semanas para transmittir uma noticia de Philadelphia a Nova Orleans; hoje, basta um segundo, graças á telegraphia electrica.

O galvanismo foi descoberto em março de 1800, e o electro-magnetismo em 1821.

Em 1800, não se conhecia a luz do gaz; hoje qualquer cidade d'alguma importancia é illuminada por este meio.

Em 1839, teve logar a admiravel invenção de Daguerre. A descoberta do algodão-polvora e do chloroformio verificou-se alguns annos depois.

Finalmente, a chimica agricola e applicação das machinas á agricultura têm sido a origem fecunda d'immensos progressos para a producção da terra.

Degeneração adiposa do coração. — M. Aran tractou um homem, muito habituado a bebidas espirituosas, que succumbiu rapidamente sem causa apreciavel de morte tão prompta. Procedendo á autopsia, o habil medico reconheceu, que o coração apresentava apenas traços de fibras musculares, estando a maior parte do orgão reduzido a materia adiposa.

Nova planta textil. — M. Lafond de Caudaval propõe uma nova planta textil, destinada a substituir o trapo na fabricação do papel.

O canamo bravo, *arundo festucoides*, é uma planta vivaz, que cresce abundantemente sem cultura em vastos terrenos de Argel. Em trinta milhões d'hectares, vinte estão cobertos d'esta planta. O trapo vale 270 a 300 *francos* a tonellada, e a massa preparada com o canamo bravo póde ser vendida pelo terço, tirando o agricultor ainda grandes beneficios.

Parece, que os antigos já fizeram uso d'esta planta textil, mas receia-se que o papel fabricado com ella, não tenha a necessaria consistencia. Comtudo, M. Lafond responde a esta objecção, appresentando já papel muito resistente, fabricado com o canamo bravo.

RELAÇÃO

Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrucção publica desde o dia 1 até ao fim de janeiro ultimo, por despachos do Conselho Superior d'instrucção publica, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

João José da Silva, para professor temporario da cadeira de S. Sebastião da Serra d'El-Rei, no districto de Leiria.

José Antonio Corrêa Felgueiras, para dicto de São Paio d'Antas, no de Braga.

Lino Alberto de Sancta Clara, para dicto do Paião, no de Coimbra.

Manuel Martins Gesteira, para dicto da Povoa de Varzim, no do Porto.

Francisco Lopes Pereira, para dicto de Salamonde, no de Braga,

Francisco Marques Perdigão, para dicto do Freixo, no de Coimbra.

João Duarte d'Oliveira, para dicto de Cebolães de Cima, no de Castello Branco.

José Joaquim Pereira d'Abranches, para dicto d'Aldea das Dez, no de Coimbra.

Manuel Pinto de Paiva Madureira, para dicto d'Arouca, no d'Aveiro.

Luiz Lopes da Cunha Junior, para professor vitalicio da cadeira da villa de Manteigas, no da Guarda. (Decreto de 30 de dezembro ultimo).

Leopoldo de Jezus Monteiro, para professor temporario da cadeira d'Avelloso, no districto de Vizeu.

Manuel Augusto da Fonseca, para dicto da villa de Moura, no de Beja.

Francisco de França Tavares e Cunha, para dicto das Varzeas, no de Vizeu.

Honorio Anselmo de Pinho, para dicto de Bellasaima do Chão, no d'Aveiro.

José Rodrigues d'Assumpção, para dicto da villa do Coruche, no de Santarem.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Francisco Guilherme José Faure, para professor vitalicio das cadeiras de lingua franceza e ingleza do lyceu nacional de Leiria. (Decreto de 26 de janeiro ultimo)

Roberto Augusto da Costa Campos, para o logar de Amanuense do Real Archivo da Torre do Tombo. (Decreto de 27 dicto).

João José da Fonseca e Costa, para professor vitalicio da 5.ª cadeira do lyceu nacional d'Evora. (Decreto de 26 dicto).

Observações feitas em 185? no Observatorio de Coimbra para a determinação da sua longitude. (*a*)

Mez	*Dia*	*Astro*	*Intervallo das passagens do astro e do bordo da lua*		$t - t' = \varphi$	*Longitude de Coimbra ao occidente de Greenwich*
			Observado em Coimbra $= t$	*Calculado em Greenwich* $= t'$		
Outubro	27	♑ de Capric.	+ 19′48″44	+ 18′36″60	+ 71″84	33′21″3
	27	δ de Capric.	+ 12 49,50	+ 11 37,81	+ 71,69	33 17,2
	27	58 de Aquar.	— 32 8,06	— 33 20,04	+ 71,98	33 25,3
	29	μ' de Aquario	+ 36 46,69	+ 35 34,32	+ 72,37	33 40,5
	29	φ de Aquario	+ 27 34,00	+ 26 21,85	+ 72,15	33 34,3
	30	21 dos Peixes	+ 44 43,88	+ 43 29,54	+ 74,34	33 22,8
	30	ε dos Peixes	— 28 39,00	— 29 53,88	+ 74,88	33 37,3

(*a*) Continuação da pag. 252.

REFLEXÕES ÁCERCA DA PASSAGEM DAS EQUAÇÕES DO MOVIMENTO ELLIPTICO PARA AS DOS MOVIMENTOS HYPERBOLICO E PARABOLICO.

Laplace no liv. 2.°, n.° 22 da Mecanica Celeste achou, para a determinação do movimento de um astro em uma secção conica, as trez equações seguintes,

$$\frac{t\sqrt{\mu}}{a\sqrt{a}} = u - e \operatorname{sen} u\,,\quad r = a(1 - e\cos u)\,,\quad tg\,\frac{1}{2}v = \sqrt{\frac{1+e}{1-e}}\,tg\,\frac{1}{2}u \ldots\ldots \quad (1)$$

o angulo auxiliar u é o que os Geometras chamam anomalia excentrica; e tanto este, como os angulos $\frac{t\sqrt{\mu}}{a\sqrt{a}}$ e v são contados do perihelio.

No caso do movimento elliptico a 2.ª equação (1) dá $\cos u = \frac{a-r}{ae}$; mas o maior valor positivo de $a - r$ é ae, e o seu maior valor negativo é $-ae$; será pois $\cos u < 1$, ou u real no movimento elliptico.

No caso do movimento hyperbolico a é negativo, e $e > 1$; e a 2.ª equação (1) dá $\cos u = \frac{a+r}{ae}$; mas o menor valor de $a + r$ é ae; será pois $\cos u > 1$, ou u imaginario no movimento hyperbolico.

No caso do movimento parabolico a é infinito e $e = 1$; chamando pois D a distancia perihelia ou $a = \frac{D}{1-e}$; a 2.ª equação (1) muda-se em $r = \frac{D}{1-e}(1 - e\cos u)$, donde se tira $\cos u = \frac{D - (1-e)r}{De}$, que, por ser $e = 1$, dá $\cos u = 1$, ou u nullo no movimento parabolico.

De tudo isto, e da simples inspecção da 1.ª equação (1) encluiremos tambem que a anomalia media $\frac{t\sqrt{\mu}}{a\sqrt{a}}$ é real no movimento elliptico, imaginaria no hyperbolico, e nulla no parabolico: o que podiamos concluir immediatamente do valor de $a^{\frac{3}{2}}$, que no 1.° caso é real, no 2.° imaginario, e no 3.° infinito.

Laplace transformou as equações (1), relativas ao movimento elliptico, nas do movimento hyperbolico fazendo a negativo, $e>1$, u e $\frac{t\sqrt{\mu}}{a\sqrt{a}}$ imaginarios; e transformou as mesmas equações nas do movimento parabolico fazendo-lhes mudanças que equivalem a fazer a infinito, $e=1$, u e $\frac{t\sqrt{\mu}}{a\sqrt{a}}$ nullos. Entre tanto as equações dos movimentos hyperbolico e parabolico podem achar-se directamente, accommodando a estes dois casos as equações differenciaes, e integrando-as; é isto o que vamos fazer.

As equações differenciaes, cuja integração deu as equações (1), são as seguintes,

$$dv=\frac{\sqrt{a(1-e^2)}\,.\,dr}{r\sqrt{2r-\frac{r^2}{a}-a(1-e^2)}},\qquad dt\sqrt{\mu}=\frac{r\,dr}{\sqrt{2r-\frac{r^2}{a}-a\,(1-e^2)}}\ldots\ldots\quad(2)$$

que as hypotheses de a negativo, e $e>1$ tornam em

$$dv=\frac{\sqrt{a(e^2-1)}\,.\,dr}{r\sqrt{2r+\frac{r^2}{a}-a(e^2-1)}},\qquad dt\sqrt{\mu}=\frac{r\,dr}{\sqrt{2r+\frac{r^2}{a}-a\,(e^2-1)}}\ldots\ldots\quad(3)$$

a 1.ª póde mudar-se em

$$dv=-\frac{d\left(\frac{a(e^2-1)\frac{1}{r}-1}{e}\right)}{\sqrt{1-\left(\frac{a(e^2-1)\frac{1}{r}-1}{e}\right)^2}},\text{ cujo integral é } v=\text{arc.}\left(\cos=\frac{a(e^2-1)\frac{1}{r}-1}{e}\right),$$

ou

$$r=\frac{a(e^2-1)}{1+e\cos v}\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\quad(4)$$

que é a equação da hyperbole, sendo o angulo v contado do perihelio; e por isso se não juntou ao integral a constante arbitraria.

A 2.ª equação (3) muda-se em $\frac{dt\sqrt{\mu}}{\sqrt{a}}=\frac{r\,dr}{\sqrt{r^2+2ar-a^2(e^2-1)}}$,

para a integrar façamos $r=s-a\ldots\ldots\ldots\ldots\quad(5)$

que a transforma em

$$\frac{dt\sqrt{\mu}}{\sqrt{a}}=\frac{s\,ds}{\sqrt{s^2-a^2e^2}}-\frac{a\,ds}{\sqrt{s^2-a^2e^2}}=\frac{s\,ds}{\sqrt{s^2-a^2e^2}}-\frac{a\frac{ds}{\sqrt{s^2-a^2e^2}}(s+\sqrt{s^2-a^2e^2})}{s+\sqrt{s^2-a^2e^2}}=$$

$$=d.\sqrt{s^2-a^2e^2}-a\,.\,\frac{d(s+\sqrt{s^2-a^2e^2})}{s+\sqrt{s^2-a^2e^2}};\text{ cujo integral é}$$

$$\frac{t\sqrt{\mu}}{a\sqrt{a}}=\sqrt{s^2-a^2e^2}-a\log.(s+\sqrt{s^2-a^2e^2})+c\ldots\ldots\ldots\quad(6)$$

Façamos $\sqrt{s^2-a^2e^2}=ae\,tg\,\omega$, e virá $s=\frac{ae}{\cos\omega}\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\quad(7)$

e substituindo na equação (6), virá $\frac{t\sqrt{\mu}}{\sqrt{a}}=ae\,tg\,\omega-a\log.\left(\frac{ae}{\cos\omega}+ae\,tg\,\omega\right)+c$, ou

$$\frac{t\sqrt{\mu}}{a\sqrt{a}}=etg.\,\omega-\log.\left(\frac{1+\text{sen}\,\omega}{\cos\omega}\right)+c'\ldots\ldots\ldots\ldots\quad(8)$$

sendo porém $$\frac{1+\operatorname{sen}\omega}{\cos\omega}=\frac{\left(\cos\frac{1}{2}\omega+\operatorname{sen}\frac{1}{2}\omega\right)^2}{\left(\cos\frac{1}{2}\omega+\operatorname{sen}\frac{1}{2}\omega\right)\left(\cos\frac{1}{2}\omega-\operatorname{sen}\frac{1}{2}\omega\right)}=\frac{1+tg\frac{1}{2}\omega}{1-tg\frac{1}{2}\omega}=$$

$$=\frac{tg\frac{\pi}{4}+tg\frac{1}{2}\omega}{1-tg\frac{\pi}{4}\,tg\frac{1}{2}\omega}=tg\left(\frac{\pi}{4}+\frac{1}{2}\omega\right),$$

a equação (8) se mudará em $$\frac{t\sqrt{\mu}}{a\sqrt{a}}=e\,tg\,\omega-\log.\,tg\left(\frac{\pi}{4}+\frac{1}{2}\omega\right)+c';$$

mas é $t=o$ quando $r=a\,(e-1)$, ou $s=a\,e$, isto é, quando $\omega=o$; logo $c'=lg.\,tg\frac{\pi}{4}=o$;

fica portanto $$\frac{t\sqrt{\mu}}{a\sqrt{a}}=e\,tg\,\omega-\log.\,tg\left(\frac{\pi}{4}+\frac{1}{2}\omega\right)\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\quad(9)$$

substituindo em (5) o valor (7) de s, virá $$r=a\left(\frac{e}{\cos\omega}-1\right)\ldots\ldots\ldots\ldots\quad(10)$$

e egualando este valor com (4), será $\frac{e^2-1}{1+e\cos v}=\frac{e}{\cos\omega}-1$, ou $\cos v=\frac{e\cos\omega-1}{e-\cos\omega}$,

donde se tira $1-\cos v=\frac{(e+1)(1-\cos\omega)}{e-\cos\omega}$, $1+\cos v-\frac{(e-1)(1+\cos\omega)}{e-\cos\omega}$; será por-

tanto $$\frac{1-\cos v}{1+\cos v}=\frac{e+1}{e-1}\cdot\frac{1-\cos\omega}{1+\cos\omega},\text{ ou }\frac{\operatorname{sen}^2\frac{1}{1}v}{\cos^2\frac{1}{2}v}=\frac{e+1}{e-1}\frac{\operatorname{sen}^2\frac{1}{2}\omega}{\cos^2\frac{1}{2}\omega},\text{ isto é}$$

$$tg\frac{1}{2}v=\sqrt{\frac{e+1}{e-1}}\;tg\;\frac{1}{2}\omega\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\quad(11)$$

As equações (9), (10), (11) são as mesmas que achou Laplace, a 1.ª dá ω em funcção de t, e depois as outras duas determinam r e v.

Façamos agora $a(1-e)=D$ nas equações (2), e teremos

$$dv=\frac{\sqrt{D(1+e)}\,.\,dr}{r\sqrt{2r-\frac{r^2}{a}-(1+e)D}};\quad dt\sqrt{\mu}=\frac{r\,dr}{\sqrt{2r-\frac{r^2}{a}-(1+e)D}};\quad\text{fazendo depois } e=1,$$

e $a=\infty$, virá $$dv=\frac{\sqrt{D}\,.\,dr}{r\sqrt{r-D}},\quad dt\sqrt{\mu}\,\frac{r\,dr}{\sqrt{2}\,.\sqrt{r-D}}\ldots\ldots\ldots\ldots\quad(12)$$

3

A primeira póde tomar a fórma $$dv=\frac{d.\left(\frac{2D}{r}-1\right)}{\sqrt{1-\left(\frac{2D}{r}-1\right)^2}},\text{ cujo integral é}$$

$$v=arc\,.\left(\cos=\frac{2D-r}{r}\right),\text{ ou }\quad r=\frac{D}{\cos^2\frac{1}{2}v}\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\quad(13)$$

que é a equação da parabola, sendo o angulo v contado do perihelio; e por isso se não juntou ao integral a constante arbitraria.

Substituamos o ultimo valor de r na 2.ª equação (12), e teremos

$$\frac{dt\sqrt{2\mu}}{D\sqrt{D}} = \frac{dv \,.\, \operatorname{sen}\frac{1}{2}v}{\cos^4\frac{1}{2}v\sqrt{1-\cos^2\frac{1}{2}v}} = \frac{dv}{\cos^4\frac{1}{2}v} = \frac{dv\left(\operatorname{sen}^2\frac{1}{2}v+\cos^2\frac{1}{2}v\right)}{\cos^4\frac{1}{2}v}, \text{ donde se tira}$$

$$\frac{dt\sqrt{\mu}}{D\sqrt{2D}} = \frac{d.\left(\frac{1}{2}v\right)}{\cos^2\frac{1}{2}v} + 2tg^2\frac{1}{2}v \,.\, \frac{d.\left(\frac{1}{2}v\right)}{\cos^2\frac{1}{2}v},$$

cujo integral é

$$\frac{t\sqrt{\mu}}{D\sqrt{2D}} = tg\frac{1}{2}v + \frac{1}{3}tg^3\frac{1}{2}v \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (14)$$

contando-se o tempo desde o perihelio, onde $v=o$.

As equações (13) e (14) são as mesmas que achou Laplace; a 2.ª dá v em funcção de t, e a 1.ª determina depois o valor de r.

Mostremos agora que a 1.ª equação (1) dá um unico valor real de u para cadá valor de t: seja $y=u-e\operatorname{sen}u-\frac{t\sqrt{\mu}}{a\sqrt{a}}$, e será $\frac{dy}{du}=1-e\cos u$, quantidade positiva, por ser na elipse $e<1$; logo y cresce positivamente com u desde $u=o$ até $u=\infty$; e é uma funcção contínua por serem finitas todas as suas derivadas em ordem a u: sendo porém y negativo quando $u=o$, e y positivo quando $u=\infty$, haverá um valor real de u que torne $y=o$; e este valor será unico, por ser, como vimos, y uma funcção sempre crescente.

O mesmo podemos mostrar a respeito da equação (9); para isso façamos

$\log. tg\left(\frac{\pi}{4}+\frac{1}{2}\omega\right)=x$; e chamando c a base dos logarithmos hyperbolicos, virá

$$c^x = tg\left(\frac{\pi}{4}+\frac{1}{2}\omega\right) = \frac{1+tg\frac{1}{2}\omega}{1-tg\frac{1}{2}\omega}; \text{ donde se tira } tg\frac{1}{2}\omega = \frac{c^x-1}{c^x+1}; \text{ mas } tg\omega = \frac{2tg\frac{1}{2}\omega}{1-tg^2\frac{1}{2}\omega};$$

será pois $tg\omega = \frac{c^{2x}-1}{2c^x}$; e a equação (9) tornar-se-ha em $\frac{t\sqrt{\mu}}{a\sqrt{a}} = \frac{e}{2}\cdot\frac{c^{2x}-1}{c^x}-x$;

seja $y=\frac{e}{2}\frac{c^{2x}-1}{c^x}-x-\frac{t\sqrt{\mu}}{a\sqrt{a}}$; como $\frac{dy}{dx}=\frac{e}{2}\cdot\frac{c^{2x}+1}{c^x}-1$ é positivo por ser na hyperbole $e>1$, a funcção y cresce positivamente com x desde $x=o$ até $x=\infty$, e é contínua por serem finitas todas as suas derivadas em ordem a x; mas é y negativo quando $x=o$, e y positivo quando $x=\infty$; haverá pois um valor real de x que torne $y=o$; e este será unico por ser y uma funcção sempre crescente.

Finalmente a equação (14) dá tambem um unico valor real de v para cada valor de t: para o mostrarmos façamos $tg\frac{1}{2}v=z$, $\frac{3t\sqrt{\mu}}{D\sqrt{2D}}=k$, e a equacão (14) mudar-se-ha em $z^3+3z-k=o$; que tem uma raiz real positiva por ser de gráu impar, e negativo o seu ultimo termo: seja a esta raiz, e dividindo o seu 1.º membro por $z-a$, virá $z^2+az+a^2+3+\frac{a^3+3a-k}{z-a}=o$; mas $a^3+3a-k=o$ por ser a raiz da equação; fica pois $z^2+az+a^2+3=o$; e esta equação deve dar as outras duas raizes, que são $z=\frac{-a\pm\sqrt{-3(a^2+4)}}{2}$, ambas imaginarias: assim a equação (14) dá um unico valor real de v para cada valor de t.

De tudo isto concluimos, que tanto no caso do movimento elliptico, como nos dos movimentos hyperbolico e parabolicó, a cada valor de t corresponde um systema unico de valores de r e v.

JACOME LUIZ SARMENTO.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

PRELECÇÕES DE DIREITO PUBLICO INTERNO DE PORTUGAL

QUE FEZ

Ricardo Raymundo Nogueira

NO ANNO LECTIVO DE 1795 A 1796.

PARTE 1.ª

Da fórma e constituição do Imperio Portuguez.

Continuado de pag. 260.

CAPITULO IV.

Responde-se aos argumentos com que se intenta provar a sujeição de Portugal, ainda depois da morte de D. Affonso VI.

Os hespanhoes impugnam a independencia do nosso reino, e trazem varias razões para mostrar que, não só o conde Henrique, mas ainda seus successores, foram sujeitos á Hespanha.

Elles dizem:

1.° Que o conde D. Henrique reconhecera sempre vassalagem á corôa de Castella emquanto vivera. E o provam com o logar do arcebispo de Toledo, D. Rodrigo, *de reb. Hespan.* L. VII, cap. 5: « *Comes Henricus coepit aliquantulum rebellare, non tamen subtraxit dominium toto tempore vitae suae.* »

Mas a isto se responde, que este escriptor, allucinado pela paixão, erra aqui contra a verdade da historia; pois é constante d'ella, e attestado pelos mesmos escriptores hespanhoes, quaes são Marianna e outros, que o conde Henrique esteve em guerra com a rainha D. Urraca por todo o tempo, que sobreviveu a D. Affonso VI.

Fr. Antonio Brandão, na P. III da *Mon. Lusit.* L. VIII, cap. 9 e 14, quer mostrar que esta guerra fôra para sustentar os direitos, que a rainha D. Thereza tinha á herança dos reinos de Leão e Castella, como filha mais velha d'el-rei D. Affonso VI; de maneira que o conde Henrique não sómente não reconhecia vassalagem a Castella, mas até queria ser ahi senhor.

Porém, sem entrarmos 'nesta averiguação, basta, para o nosso intento, ser certo, que elle fez guerra a sua cunhada e que lhe tomou varias terras em Leão e Galiza, (as quaes ficaram unidas, por sua morte, á corôa de Portugal), e por conseguinte, que em sua vida se mostrou independente da Hespanha, e *subtraxit dominium* contra o que affirma o arcebispo de Toledo.

Dizem:

2.° Que os reis de Hespanha pretenderam de D. Affonso Henriques, que em signal de sujeição lhes pagasse tributo, e assistisse ás côrtes de Leão, como feudatario d'esta corôa; e que D. Affonso Henriques, supposto repugnasse ao principio, comtudo, depois de vencido por força d'armas, promettera fazel-o, e reconhecera por sua propria confissão o direito dos reis leonezes.

Emquanto á primeira parte, é certo que el-rei de Castella pretendeu que D. Affonso Henriques lhe pagasse o tributo, depois que este foi acclamado rei no campo de Ourique. Isto se prova de uma carta escripta pelo mesmo D. Affonso Henriques a S. Bernardo que traz Brito, na Chron. de Cister [1], na qual diz que tendo tomado o titulo de rei, el-rei de Castella se queixara d'isto ao papa, o qual, pelo seu legado, lhe intimou que ou largasse o dicto titulo, ou ao menos pagasse tributo ao rei de Castella.

Porém, reflectindo-se attentamente na substancia da referida carta, conhece-se bem que ella serve mais para provar a independencia de Portugal do que para a combater.

a) Porque mostra que el-rei de Castella só então quizera obrigar D. Affonso Henriques a pagar-lhe tributo, e por consequencia que nunca antes o tinha pago, nem se lhe havia pedido.

b) Porque se vê que a causa d'elle pretender o dicto tributo era só por haver D. Affonso tomado então o titulo de rei: de maneira que a queixa, feita por el-rei de Castella ao papa, fundava-se em ter D. Affonso Henriques tomado o referido titulo, e o papa, deferindo a esta queixa, dava-lhe a escolha ou de largar aquelle titulo, ou de, ao menos, pagar tributo aos castelhanos.

Logo, é manifesto que a pretenção do tributo não era absoluta, e que D. Affonso Hen-

[1] L. III. c. 4, D. José Barbos. Catal. das rainh. p. 53.

riques (ainda mesmo segundo o requerimento d'el-rei de Castella) podia exemptar-se de a pagar, abdicando o titulo de rei, que havia tomado.

c) Porque a mesma carta prova que D. Affonso Henriques repugnou pagar o tributo pretendido, negou a obrigação, e pediu ao papa, que assim o declarasse; e, ou por devoção, ou por temer que o papa se deixasse mover do poder d'el-rei de Castella, offereceu-se a fazer o reino tributario á Sé Apostolica.

E, que toda a disputa fosse ácêrca do titulo de rei, que o nosso soberano então havia tomado, parece colligir-se (além das razões já referi las) de uma carta de Innocencio III a D. Sancho I: « *caeterum, quum idem pater tuus, usque ad tempora Alexandri papae praedecessoris nostri ducis esset nomine appellatus, ab eodem meruit obtinere, ut tam ipse, quam ejus haeredes regio nomine vocarentur* [1].

Em uma palavra, el-rei de Hespanha levava a mal que D. Affonso houvesse tomado o titulo de rei; recorreu ao papa, a quem os principes, em aquelles tempos, chamavam de ordinario para arbitro de suas controversias; e D. Affonso 'nesta carta pede a S. Bernardo, que lhe faça ver a sua justiça para que elle não insista em favorecer el-rei de Castella.

Mas que razão haveria para el-rei de Castella se oppôr a que D. Affonso Henriques tomasse o titulo de rei? Com que direito o pretendia elle obrigar a abdicar o dicto titulo? E por que razão queria o papa, que D. Affonso Henriques com effeito largasse o nome de rei, ou pagasse tributo ao de Castella? Não são todos estes factos um argumento forte, de que Portugal era sujeito a Hespanha, e dependente dos soberanos d'este imperio? Eis-aqui uma reflexão, que naturalmente deve excitar a pretenção do rei de Hespanha, que deu occasião á carta de que temos fallado.

Julgo, porém, que não será difficultoso responder a este argumento, se bem advertirmos nos costumes e modo de pensar d'aquelle tempo.

Consta da historia, que D. Affonso VII de Hespanha havia tomado o titulo de imperador nas côrtes de Leão em 1134. Era, pois, natural que elle, segundo as preoccupações do seu seculo, se persuadisse, que nenhum dos principes da Hespanha, aos quaes se julgava superior, não só em poder, mas em auctoridade, podia tomar novo titulo de dignidade sem seu consentimento; e por consequencia, que levasse a mal o nome de rei, de que D. Affonso Henriques principiava a usar.

Os imperadores tiveram nos seculos de ignorancia pretenções d'esta natureza, e se consideravam superiores aos reis. Sigismundo, imperador de Allemanha, vindo a París no tempo de Carlos VI (1415), tomou no parlamento o primeiro logar, como se fosse rei de França, e creou um cavalleiro; e até quiz, estando em Leão de França, erigir em ducado o condado de Saboia, o que se lhe não consentiu [1].

Em quanto á segunda parte, affirmam, que D. Affonso Henriques, sendo captivado por D. Fernando, rei de Leão, em Badajoz 'numa batalha em que teve a infelicidade de quebrar uma perna, alcançara a liberdade debaixo da condição de ir ás côrtes de Leão, assim que podesse montar a cavallo; e que, para salvar a palavra, que dera, nunca mais se pozera a cavallo, querendo com este pretexto fraudar a sua promessa.

Mas este argumento pouca força tem, porque a promessa de D. Affonso Henriques, em que elle se funda, não se prova; antes ha graves razões para assentar que o facto foi muito diverso do que se representa.

O primeiro auctor, que fez menção de tal promessa, foi Lucio Marineo, siculo, cujos escriptos mostram que sabia pouco das cousas de Hespanha, em que se engana a cada passo, e nas de Portugal estava tão hospede, que fallando de D. Affonso Henriques, e tendo referido, que elle tomára Lisboa, vencera os mouros na batalha do Campo de Ourique, e prendera sua mãe, conclue assim: *de quo nihil ultra legimus, neque quis fuerit finis ejus, compertum habemus* [2].

Temos, além d'isso, a nosso favor o testemunho de D. Rodrigo de Toledo, e de Lucas Tudense [3], os quaes contando a historia da prisão de D. Affonso Henriques na occasião, em que quebrou a perna em Badajoz, accrescentam que ficara tão mal tractado d'ella, que nunca mais se pôde pôr a cavallo, sem dizerem uma só palavra do supposto pacto [4].

Nem a causa d'esta guerra foi outra mais do que haver D. Affonso Henriques sitiado Badajoz, que apezar de ser dos Mouros, reconhecia a el-rei de Leão com tributo: e por isso as condições da paz consistiram na restituição das terras, que os portuguezes haviam tomado, ficando D. Affonso pacifico senhor de seus Estados, como já dissemos [4].

Dizem:

3.° — Que a sujeição de Portugal no tempo de D. Affonso Henriques se prova pela celebre promessa de Egas Moniz.

Eis como referem este caso.

D. Affonso VII, fazendo guerra a Portugal,

[1] Mon. Lus. P. III, L. 10, c. 10. Baron. IV. 12 ad ann. 1179, n. 16.

[1] Millot Élém. de l'hist. de France, t. II, p. 187. Os nossos auctores, preoccupados d'estas idêas, contam como privilegio do nosso reino o não dever vassalagem ao imperador. Vid. Cabedo, P. II, decis. 7, n. 4.

[2] Vej. Fr. Ant. Brand. *Mon. Lus.* P. III, L. 11, c. 14.

[3] Com elles concorda Rogerio de Hovader, escriptor inglez contemporaneo de D. Affonso Henriques, de que faz menção Brand. *Mon. Lus.* P. III, L. 8, cap. 9.

[4] Cit. Brand.

por este se querer subtrahir da obediencia, que lhe devia, poz sitio a Guimarães. Estando a villa em grande aperto, Egas Moniz foi ao campo hespanhol, e alcançou do mesmo D. Affonso, que levantasse o sitio, promettendo-lhe que el-rei de Portugal iria ás côrtes de Leão. E, não querendo D. Affonso Henriques ratificar o pacto, appresentou-se Egas Moniz em Toledo, entregando-se com sua mulher e filhos nas mãos de D. Affonso VII, e offerecendo a vida de todos a trôco da palavra mal cumprida, da qual o houve este principe por quite, admirado da sua honra e lealdade.

Alguns de nossos escriptores reprovam esta historia, e negam a ida de Egas Moniz a Castella; porém, Fr. Antonio Brandão [1] os nota de atrevidos, porque rejeitam uma tradição antiga, e recebida. sem haver monumentos authenticos, que a contradigam.

Porém, o mesmo Brandão julga, que a causa por que D. Affonso VII entrara em Portugal 'nesta occasião, e pozera cerco a Guimarães, fôra para se vingar da perda que havia soffrido na batalha de Val de Vez, em que D. Affonso Henriques o derrotara.

Elle se persuade que el-rei de Castella na occasião em que perdeu a dicta batalha, isto é, em 1128, viera em soccorro de sua thia, a rainha D. Thereza, que estava cercada no castello de Lanhoso por seu filho, o infante D. Affonso Henriques; e diz que os portuguezes se temiam que elle, com sombra de dar favor á rainha, tractasse de sujeitar a terra de Portugal, e fazer-se senhor d'ella; offerta que, segundo alguns escrevem, lhe fizera a mesma rainha, para o obrigar a vir em sua ajuda [2].

Posto isto, podemos dizer — 1.° que, se esta offerta foi verdadeira, D. Affonso VII em virtude d'ella pretendia que seu primo D. Affonso Henriques lhe ficasse sujeito; e que este foi o motivo d'elle entrar então em similhante pretenção, de que seus antecessores se não haviam lembrado. 2.° Que ainda suppondo, que tal offerta não houve, sempre é certo que esta segunda entrada de D. Affonso VII em 1129, quando poz cêrco a Guimarães, foi para se vingar da rota de Val de Vez; e portanto era natural, que, sendo-lhe favoravel a sorte das armas, quizesse pôr condições duras aos vencidos, podendo-se d'ahi concluir, que, se elle com effeito exigia que D. Affonso Henriques fosse ás côrtes leonezas, fundava esta pretenção na superioridade de suas forças, e não em algum direito antecedente, como acontece geralmente nas capitulações, em que os vencedores dictam a lei a seu arbitrio. — 3.° que D. Affonso Henriques não estava obrigado a fazer boa a capitulação, que Egas Moniz concluira sem auctoridade sua. E com effeito os que referem esta historia, dizem que elle recusou fazel-o, e dão este motivo á ida de Egas Moniz a Toledo, aonde, como dissemos, se foi presentar ao rei de Castella com sua familia, para se offerecerem como victimas da falta de observancia do pacto a que se obrigára.

Accresce a isto, que, supposto haja toda a razão para assentar que Egas Moniz fizera esta jornada a fim de se entregar nas mãos de el-rei de Castella, em satisfação de uma promessa, que lhe havia feito em nome de seu principe, e não podera desempenhar; comtudo, Fr. Antonio Brandão [1] julga que esta promessa não fôra de fazer que D. Affonso Henriques fosse ás suas côrtes, porque não consta que os reis d'aquelle reino intentassem soberania em Portugal. Persuade-se, pois, que talvez houvesse promessa de restituição de algumas terras de Galiza, que D. Affonso VII pretendia, e o infante havia em seu poder.

São estes os principaes argumentos com que se combate a primeira proposição, que estabelecemos, para provar o tempo da independencia de Portugal.

Se, pois, é verdade, que o nosso reino era independente de Hespanha ao tempo da morte de D. Affonso VI, é necessario procurarmos, d'ahi para traz, uma época, em que com maior probabilidade se possa fixar esta independencia.

Continúa.

[1] Brand. cit. L. 11, cap. 14.
[2] *Mon. Lus.*, P. III, L. 9, cap. 19.

CHIMICA ORGANICA.

FERMENTAÇÃO.

Na sessão de 21 de dezembro de 1857 da Academia das Sciencias de Paris foram lidas differentes memorias sobre varios pontos scientificos de grande importancia, e que, em extracto encontramos nos *Comptes-rendus* das sessões da mesma Academia. Uma das mais interessantes é de Mr. Pasteur sobre a fermentação alcoolica.

Todos sabem que os phenomenos da fermentação têm sido explicados por differentes modos, figurando hoje na sciencia a tal respeito duas theorias principaes: uma que considera o fermento como uma especie de ser organisado, de cujo desenvolvimento resulta a destruição da força, que une as moleculas do corpo fermentavel, e d'ahi, na fermentação alcoolica, o desdobramento do assucar em alcool e acido carbonico; outra, devida a Liebig, que admitte que o fermento em decomposição pela acção do oxigeneo produz um movimento, que se transmitte de molecula a molecula até á completa decomposição da materia saccarina.

[1] *Mon. Lus.*, P. III, L. 9, cap. 16.

É egualmente sabido que para a fermentação ter logar é indispensavel um certo gráo de temperatura, e a presença do ar atmospherico. Segundo a primeira hypothese, o oxigenio do ar é necessario para o desenvolvimento do ser organisado que constitue o fermento; na segunda theoria, o mesmo oxigenio serve para determinar a decomposição da levadura, dando assim o primeiro impulso ao movimento, á acção chimico-dynamica, a que se reduz, 'nesta hypothese, a fermentação.

A memoria de Mr. Pasteur, a que nos referimos, tem por fim mostrar que a theoria da organisação do fermento nem é absurda, como pretende Liebig, nem destituida de fundamento. Na fermentação alcoolica ha dois casos a considerar, conforme a levadura obra sobre a agua assucarada pura, ou na presença de materias albuminoides. No primeiro caso esgota-se o fermento, e se torna improprio para de novo promover a fermentação; no segundo o fermento conserva-se activo, e, o que mais é, no fim da operação apparece maior quantidade do que a que se tinha empregado,— o que prova que o fermento se regenera, isto é, que se fórma novamente uma quantidade maior do que a que se consome na operação. A decomposição do fermento, quando se gasta ao contacto da agua pura com assucar, é um dos factos, que mais importam á theoria de Liebig. « Se a fermentação, diz este auctor, fosse uma consequencia do desenvolvimento e multiplicação dos globulos, estes não a excitariam na agua assucarada pura, que carece das condições essenciaes á manifestação da actividade vital, — faltando 'nella a materia azotada necessaria á producção da parte azotada dos globulos. » Se é certo que o fermento bem lavado, lançado na agua pura com assucar, apenas se altera e destroe, é impossivel que a fermentação alcoolica seja um acto correlativo ao desenvolvimento de globulos. É isto porém o que Mr. Pasteur nega afoutamente, pretendendo, contra a opinião de Liebig, que na fermentação com agua e assucar puros ha ainda, como sempre, um acto de organisação vital, e que, todas as vezes que esta organisação dos globulos se effectuar por qualquer modo, é sempre tambem acompanhada do desdobramento do assucar em alcool e acido carbonico. Vejamos as experiencias, em que se funda Mr. Pasteur.

Tomem-se, diz elle, duas quantidades eguaes de fermento recente, bem lavado, e ponha-se uma d'ellas em fermentação com agua pura e assucar. Depois de ter extrahido da outra toda a sua parte soluvel, fazendo-a ferver em muita agua, filtre-se para separar os globulos. Ajunte-se depois ao liquido uma porção de assucar egual á que se empregou na primeira fermentação, e uma pequenissima quantidade de fermento, que não póde alterar, em quanto ao pezo, os resultados da experiencia. Estes globulos assim semeados, para logo começam a germinar, o liquido perturba-se, e um deposito de fermento se forma pouco a pouco; — parallelamente effectua-se o desdobramento do assucar, já sensivel depois d'algumas horas. Este resultado era facil de prever; mas, o que principalmente importa notar, é que, determinando por este modo a organisação em globulos da parte soluvel da segunda porção de fermento, desdobra-se um pezo consideravel d'assucar. 'Numa das experiencias de Mr. Pasteur, 5 grammas de fermento fizeram fermentar em seis dias 12,9 grammas d'assucar. A parte soluvel d'uma egual porção da mesma levadura determinou a fermentação de 10,0 grammas d'assucar em nove dias, — esgotando-se tanto o fermento empregado no primeiro caso, como o que se desenvolveu da semente no segundo.

Em resumo, diz Mr. Pasteur, quando se provoca a organisação em globulos da parte azotada soluvel da levadura da cerveja, desdobra-se uma quantidade d'assucar, que se approxima ao pezo total do assucar, que póde fazer-se fermentar com uma porção de fermento bruto egual a que serviu á extracção d'esta parte soluvel. A pequena differença entre os dois resultados parece, aliás, facil de comprehender. Com effeito, o desenvolvimento dos globulos deve ser difficil na agua de fermento muito diluida, e, por outra parte, a ebullição na agua tambem com difficuldade tira ao fermento toda a sua parte soluvel, provavelmente encarcerada no interior dos globulos.

Prende directamente 'nestes resultados, continúa Mr. Pasteur, a explicação d'alguns phenomenos que têm sempre parecido extraordinarios na historia da fermentação. Observara já de ha muito Mr. Thenard, que o fermento de cerveja podia ser desseccado a 100 gráos, ou levado á ebullição sem perder sensivelmente a sua energia. 'Nestas circumstancias só passado mais tempo se declara a fermentação e esta marcha mais vagarosamente. Estes factos curiosos são ainda invocados pelos chimicos que partilham as idêas de Liebig, e desprezam a influencia da organisação na causa dos phenomenos, que nos occupam. Uma temperatura de 100 gráos deve com effeito destruir todo o principio de vida no fermento de cerveja, e todavia este obra depois de ter soffrido tão elevada temperatura, seguida ou não d'uma desseccação prolongada. A explicação d'estes phenomenos parece a Mr. Pasteur naturalissima. Segundo elle, não são os globulos que no fermento de cerveja representam o papel principal, mas sim a organisação em globulos da sua parte soluvel. Das experiencias, que acabamos de referir, resulta com effeito, que a suppressoã

dos globulos formados não altera sensivelmente o effeito total sobre o assucar. Ora, seguramente, tanto importa separal-os da sua parte soluvel pela filtração, como serem mortos a uma temperatura de 100 gráos, deixando-os misturados com essa parte soluvel. Por outro lado, pondo o fermento em ebullição, os globulos, separados pelo filtro, ficarão quasi completamente inertes pela ausencia da sua parte soluvel.

Mas, dir-se-ha, como se póde estabelecer a fermentação do assucar, se é sómente devida á organisação da parte soluvel dos globulos, quando estes têm sido paralysados pela temperatura de 100 gráos? A esta objecção responde cabalmente Mr. Pasteur. A fermentação, diz elle, estabelece-se 'neste caso espontaneamente, como 'num liquido saccarino natural, no sumo das uvas, da canna d'assucar, etc. D'esta maneira se explica a demora e maior duração da acção do fermento, que acima notamos, quando este é deseccado préviamente á temperatura de 100 gráos.

Vê-se pois, que em todos os casos, ainda os menos proprios apparentemente para nos fazer crêr na influencia da organisação nos phenomenos de fermentação, o acto chimico que os characteriza é sempre correlativo d'uma formação de globulos lenta e progressiva como esse acto chimico.

Outra observação de Mr. Pasteur, não menos interessante pela nova phase por que vae fazer passar as theorias da fermentação, vem confirmar por outra parte as precedentes illações. Era principio assentado, que o fermento nada cede, e nada toma á materia fermentavel. Mr. Pasteur estabelece, pelo contrario, que o fermento recebe alguma coisa do assucar; que este é um alimento d'aquelle; que não ha equação, emfim, entre as quantidades d'alcool e de acido carbonico, e o peso total do assucar, que se torna incristalizavel. Se tomarmos com effeito duas quantidades eguaes de fermento recente e lavado, e pesarmos uma d'ellas depois de deseccada a 100 gráos, o seu peso é sempre inferior, segundo Mr. Pasteur, ao da outra porção egualmente deseccada a 100 gr., mas depois de se ter empregado na fermentação d'uma quantidade d'assucar em excesso. Se este facto, bem como os de mais que deixamos consignados, são inteiramente exactos, não poderemos deixar de concluir com Mr. Pasteur, que a fermentação alcoolica é um acto dependente d'um phenomeno vital, d'uma organisação de globulos, na qual o assucar toma uma parte directa, fornecendo uma porção dos elementos da substancia d'estes globulos. Importa pois averiguar os factos, repetindo as experiencias de Mr. Pasteur. Faceis são ellas; nem exigem muito tempo, nem apparelhos complicados, nem grandes despezas. Não seja tudo applicação e utilidade material. Dê-se algum tempo tambem ao estudo das questões theoricas.

A base, o ponto de partida de todas as applicações uteis, tem sido, quasi sempre, a theoria, e hoje não ha uma descoberta d'utilidade, que não prenda mais ou menos directamente 'nalguma idêa theorica. Por isso é que no seguinte n.° do Instituto daremos um extracto d'uma nota de Mr. T.L. Phipson, ácêrca da putrefacção a 35.° abaixo de zero, que o A. explica pela condensação do oxigeneo, e pela estabilidade provavel do ozone a esta temperatura.

Esta explicação liga-se com effeito ao objecto de que nos temos occupado, por tender a modificar as idêas theoricas geralmente recebidas ácerca da putrefacção, e, por consequencia, de todos os phenomenos da mesma natureza. A. G.

A TUTELLA DO GOVERNO NA INDUSTRIA.

A sociedade não é um facto voluntario e contingente: é um facto necessario e legitimo, que não depende da vontade do homem. O homem, disse profundamente Trebutien, pertence á sociedade mesmo a seu pesar.

A doutrina, que assenta na falsa supposição d'um estado natural, — e que vogou, principalmente, no fim do seculo passado, em que se pretendeu freneticamente derrubar o magestoso edificio das leis providenciaes, que originam a harmonia social, não tem hoje, felizmente, um unico admirador illustrado.

Que a sociabilidade é uma das leis providenciaes, impostas pelo creador ao mundo moral, e uma condição essencial da conservação, vida e progresso da humanidade, demonstram-no evidentemente a natureza physica e moral do homem, e a historia de todos os povos. A sociedade não é um producto da imaginação humana. A sua base é mais solida. O poder, que a dictou, tinha mais sabedoria, do que todas as intelligencias humanas reunidas.

Eu rejeito todas as organisações da sociedade, filhas da intelligencia humana. Creio firmemente na harmonia e progresso, que resultam da livre acção das leis providenciaes, a que Deus confiou o desenvolvimento successivo da humanidade. Se o cimento da organisação social fosse invenção do homem, então — sancto Deus! — cada um dos modernos reformadores dos vicios da sociedade appareceria pela manhã, á porta do seu gabinete, pallido, e com todas as feições characteristicas, que distinguem o innovador ousado, appareceria, digo, com um plano de reforma na mão. Cada um, julgando, que a entrada no templo das sciencias, era um privilegio seu, exaltaria heroicamente as transcenden-

*

tes vantagens, que a sociedade receberia da adopção do seu projecto d'organisação artificial.

Uma organisação social, producto da intelligencia d'um sabio, seria acerba e violentamente guerreada por aquelles que desejassem ardentemente a ovação dos resultados de suas vigilias. As revoluções seriam infinitas, e o progresso da humanidade impossivel.

Os reformadores modernos desconhecem a natureza humana. Querem aniquilar o homem. Pretendem sopeal-o, suppondo que todos os males d'elle resultam, não attendendo a que elle tambem faz e practica o bem. Querem a destruição da liberdade: fulminam o livre arbitrio do homem. Aspiram ao dominio da sociedade. Desejam, que esta seja inteiramente governada pela sua intelligencia. 'Numa palavra promovem o despotismo.

Loucos!! A actividade intellectual existirá apenas em seu cerebro? Estarão todos os outros homens sujeitos, em corpo e alma, á vontade caprichosa e perversa d'estes supposstos philantropos modernos, que, com a doçura nos labios, aspiram ao mais immediato, ao mais universal, ao mais feroz dos despotismos? Não, mil vezes não.

A sociedade tem leis vitaes, que o seu supremo fundador lhe prescreveu. O mechanismo social revella, como o mechanismo celeste, e o mechanismo do corpo humano, a alta sabedoria do Creador, e ostenta sua gloria. Quem dominou a materia pela acção de certas leis, estabeleceu tambem a harmonia do mundo moral, curvando, em seu desenvolvimento, a ordem social ao imperio de certos principios. A altissima intelligencia do Creador derramou a harmonia, não só entre as moleculas inertes, mas tambem entre os agentes livres. É até a mechanica social, que mais vivamente annuncia a intelligencia infinita de Deus, pois que o mundo, que Newton admirava, obedece a leis de que não tem consciencia, em quanto que no mundo moral cada atomo é um sêr animado, pensante, dotado d'esta energia maravilhosa, d'este principio de toda a moralidade, de toda a dignidade, de todo o progresso, attributo exclusivo do homem — a liberdade.

Não é, felizmente, verdadeira a doutrina d'aquelles escriptores, que acreditam, que a humanidade marcha a passos de gigante para uma ruina fatal. Fôra impiedade suppol-o. De mais, era preciso desconhecer a acção, por extremo benefica, quando é livre, das leis, que a dirigem. As leis do valor não conduzem á injustiça; as da renda á desigualdade; as da população á miseria; as da herança á esterilidade, como infundadamente se tem pretendido. Os interesses humanos são harmonicos, quando as leis providenciaes, a cuja acção Deus entregou o progresso da humanidade, se realisam livremente; quando lhes não são oppostos pela mão do homem ruinosos obstaculos. Sim, as leis, que o Todo-Poderoso destinou á direcção suprema da sociedade, não a perdem; melhoram-na physica, intellectual e moralmente. Não é, pois, preciso encadeal-as, restringil-as, modifical-as, regulal-as, nem substituil-as por outras, filhas da intelligencia humana, que é apenas pallido e debil reflexo da augusta intelligencia do Creador.

Os sectarios ardentes do communismo, do socialismo, do systema prohibitivo e protector (que todos intentam fazer triumphar a mesma idêa, manifestando-a comtudo mais ou menos claramente), vêem apenas a epiderme da sociedade. Condemnam o mechanismo social, antes d'estudado em seus mysteriosos arcanos. Vêem o mal, mas não lhe averiguam as causas. Decidem logo *ex cathedra*, que todos os males, que definham a sociedade trazem origem das leis providenciaes, que a regulam.

Acham mais efficazes os productos vacillantes e imperfeitissimos da sua escandecida imaginação do que os productos da intelligencia suprema... Impios e ignorantes!... Não vêem que os males, que aleivosamente imputam aos effeitos das leis providenciaes, resultam das modificações, das alterações, das perturbações, que elles proprios têm causado 'nessas leis! Não attendem a que a maior parte das calamidades e miserias sociaes, que, verdadeira ou ficticiamente, os entristecem, são effeitos da doutrina, que propagam, isto é, do despotismo, do constrangimento, da injustiça e roubo legal, que deificam, e nunca da liberdade, da justiça, da propriedade, que fulminam! As doutrinas communistas não restauram a sociedade; porque anihilam o homem; porque o vergam ao peso do mais duro despotismo; porque lhe arrebatam a liberdade; porque lhe extinguem o amor do trabalho; porque lhe contestam a propriedade dos productos de suas faculdades (um dos principios mais sanctos e universaes); 'numa palavra, porque legitimam o roubo, admittindo o fatal axioma — *tirar a uns para dar a outros* (causa de quasi todas as desgraças sociaes).

Com as doutrinas socialistas acontece o mesmo. O fim, que os socialistas têm em vista é o mesmo, que se propõem obter os communistas, — é o despotismo, — o imperio cruel do homem sobre o homem: os meios é que são apparentemente differentes.

O socialismo nega, como o communismo, a propriedade, que tem sido, e será sempre, uma condição essencial do progresso physico e moral da humanidade. É pois, sob este systema, nullo o incentivo para o trabalho. Querem tambem os socialistas, que todos os homens sejam heroes, desconhecendo cabalmente a natureza humana.

Os systemas, prohibitivo e protector, são

tambem manifestações, mais ou menos claras, do despotismo, da destruição da liberdade, do trabalho individual, da ponderação e equilibrio das riquezas por meio do roubo legal, por meio ainda do odiosissimo principio, tirar a uns para dar a outros, e produzir assim a egualdade!! A sociedade melhora-se, mas é pela troca, pela concurrencia, e pelo estabelecimento d'um governo com attribuições racionaes.

A troca é a sociedade, disse profundamente F. Bastiat. É realmente impossivel conceber a vida e desenvolvimento, physico, intellectual e moral da sociedade sem a troca. As necessidades do homem são infinitas, e suas forças limitadissimas. Separado de seus similhantes não poderia provêr, mesmo ás mais urgentes de suas necessidades. Para o homem a soledade é a morte inevitavel. Nem Daniel de Foë pôde arrebatar ás garras da morte o seu Robinson, senão fazendo-o approveitar alguns resultados do estado social.

Póde dizer-se, que, na solidão, as necessidades do homem excedem o numero e actividade de suas faculdades: pelo contrario na sociedade. Se o homem, em suas relações com o Creador, se distingue, de todos os outros animaes, pelo sentimento religioso, em suas relações com seus similhantes, pela equidade, e, no que lhe diz respeito, pela moralidade, distingue-se ainda, com relação aos meios de vida e desenvolvimento, por um phenomeno notavel, isto é, pela troca. A troca é a mais poderosa alavanca do progresso da humanidade. Mas onde está o poder civilisador da troca? Em seus effeitos. A troca importa a união de forças e a separação das occupações. Occasiona a divisão do trabalho, tanto individual, como territorial, que tantas maravilhas ha operado. Os innumeros beneficios com que a troca tem enriquecido a sociedade, explicam-se pela vantajosissima influencia, que ella exerce sobre o trabalho, sobre os agentes naturaes da producção, sobre as faculdades do homem, e finalmente sobre os capitaes. A troca, operando no trabalho, divide-o, por assim dizer, ao infinito, e a quantidade e qualidade dos productos augmentam.

Mas não são menores as vantagens da troca, quando se considera com referencia aos agentes naturaes da producção, porque faz, quando é livre (condição essencial), com que as forças productivas da natureza, desegualmente distribuidas sobre a face do globo, sejam aproveitadas por toda a humanidade, sem necessidade de remuneração, porque são dadivas de Deus, e conseguintemente para todos.

Se referimos a troca ás faculdades do homem, ainda mais nos deslumbram os prodigios, que ella produz. As sciencias não teriam chegado ao gráu de desenvolvimento, que hoje têm, se os homens não communicassem reciprocamente seus pensamentos, suas descobertas. A troca considerada sob este ponto de vista é que vem reparar o effeito da desigualdade na energia das faculdades humanas.

Mas a troca não opera todos estes beneficos effeitos, senão quando se manifesta sob o dominio da liberdade. Se a troca é livre, o homem attende ás suas aptidões especiaes: consulta as vantagens naturaes com que a natureza o enriqueceu, e applica-se a uma producção especial. Presta serviços, e recebe em troca serviços, ou o representante d'elles; assim é que satisfaz as suas necessidades. Os agentes naturaes da producção são utilisados em larga escala.

Uma grande porção de trabalho, que, em condições differentes, teria de ficar opprimindo o homem, é posta a cargo da natureza: assim é que uma dada quantidade de trabalho realisa uma serie, cada vez mais ampla, de satisfações: assim é que vai sendo diminuido o trabalho, que é o unico que merece retribuição, e augmentando a quantidade das satisfações: 'numa palavra assim é, que os homens se approximam invencivelmente d'um nivel commum, physico, intellectual e moral, nivel que se eleva cada vez mais. Eu quero a troca livre, porque creio na harmonia dos interesses humanos. Quero a liberdade para todas as transacções humanas, porque a troca tem seus limites naturaes. Ella não se verifica com effeito, senão em quanto occasiona vantagens ás pessoas, que 'nella figuram. A intervenção do Estado nas trocas não póde, pois, ser senão prejudicialissima ou inutil. Se a troca encerra vantagens para as pessoas, entre as quaes se verifica, prohibil-a é o maior dos absurdos, o mais duro despotismo; é inhibir o homem de gozar os beneficios, que o creador lhe prodigalisou.

Dir-se-ha, que o homem póde enganar-se, errar. Sem dúvida, pois que elle tem o livre arbitrio. Mas o erro e bem assim o mal, têm sua missão civilisadora. O erro e o mal importam o soffrimento, ou para aquelle que se lhes entrega, ou para seus similhantes. No primeiro caso, é coarctado o homem no caminho do mal pela grande lei da reponsabilidade, no segundo pela solidariedade.

E demais, não é tambem o Estado composto d'homens? Têm acaso os governantes uma natureza privilegiada? São por ventura infalliveis? Não os cegam as paixões?

Ora, desde que a troca deixa d'offerecer beneficios, detem-se naturalmente. Não é mister que o Estado venha prohibil-a: e não póde ordenal-a, nesta hypothese, sem offender o principio sancto da propriedade, sem a admissão do qual, disse M. Thiers, o mundo teria ficado barbaro.

Eu disse tambem, que a concurrencia era

um activo agente do melhoramento physico, intellectual, e moral da sociedade. Com effeito, a liberdade do trabalho é a condição mais essencial do desenvolvimento da sociedade.

Continúa. ANTONIO FRANCISCO TAVARES.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Resumo das relações das faltas que deram os Estudantes de Direito nos mezes de outubro, novembro, dezembro e janeiro, com as qualificações que têm tido nas Congregações competentes.

1.º Anno Juridico.

N.os dos Estud.	Total das faltas desde outubro inclusive até janeiro inclusive		Qualificações
1	uma		por abonar
2	uma		idem
3	uma		idem
4	dezesete		14 abon. 3 por abon.
5	duas		por abonar
7	uma		abonada
8	quatro		por abonar
11	quatro		idem
12	sete		6 abon. 1 por abon.
13	trez	(1)	2 abon. 1 por abon.
15	trez		por abonar
17	uma		idem
18	duas		idem
19	cinco	(2)	3 abon. 2 por abon.
20	onze		10 abon. 1 por abon.
21	trez	(2)	3 abonadas
25	uma		por abonar
26	duas		1 abon. 1 por abon.
27	trez		abonadas
30	sete		por abonar
31	vinte e sete	(3)	16 abon. 11 por ab.
34	dez		abonadas
36	trez		idem
38	duas		por abonar
39	duas		idem
40	nove		6 abon. 3 por abon.
41	uma		por abonar
42	uma		idem
44	uma		idem
45	dezenove		abonadas
46	doze		9 abon. 3 por abon.
47	duas		por abonar
48	quatro		abonadas
49	duas		por abonar
50	duas		abonadas
51	(4)		
52	duas		por abonar
53	duas		idem
58	duas		abonadas
59	sete		3 abon. 4 por abon.
60	quinze		7 abon. 8 por abon.
61	uma		por abonar
62	trez		idem
63	sete		5 abon. 2 por abon.
64	duas	(2)	por abonar
65	nove		3 abon. 6 por abon.
66	trez		2 abon. 1 por abon.
67	uma		por abonar
69	cinco		1 abon. 4 por abon.
70	duas		por abonar
71	uma		idem
72	quatro		3 abon. 1 por abon.
73	duas		por abonar
75	treze	(3)	abonadas
76	uma		por abonar
77	uma		idem
78	cinco		2 abon. 3 por abon.
79	uma		por abonar
80	cinco		3 abon. 2 por abon.
82	quatorze		10 abon. 4 por abon.
83	quatro		2 abon. 2 por abon.
84	duas		por abonar
86	uma		idem
87	duas		idem
88	nove		5 abon. 4 por abon.

(1) A falta que deu este estudante em 3 de novembro, foi abonada pela congregação em virtude de reclamação do lente de Encyclopedia Juridica, mas como a falta comprehendia tambem a aula de Dir. Rom., duvidamos se deverá reputar-se plenamente abonada, e, na dúvida, a mencionamos como não abonada.

(2) Os estudantes, a que se refere esta nota, além das faltas indicadas, têm uma de Dissertação por abonar que equivale a trez faltas.

(3) Os estudantes, a que se refere esta nota, obtiveram licença para entregarem mais tarde a Dissertação, que por molestia prolongada não poderam entregar nos prazos marcados.

(4) Este estudante já tem o anno perdido por mais de 39 faltas.

2.º Anno Juridico.

N.os dos Estud.	Total das faltas desde outubro inclusive até janeiro inclusive		Qualificações
3	seis		3 abon. 3 por abon.
5	uma		por abonar
6	vinte e oito	(1)	abonadas
7	seis		5 abon. 1 por abon.
8	seis		3 abon. 3 por abon.
11	uma		por abonar
12	seis		4 abon. 2 por abon.
13	cinco		3 abon. 2 por abon.
16	quatorze	(1)	por abon.
17	uma		idem
18	trez	(2)	idem
22	uma		abonada
24	quatro		por abonar

N.os dos Estud.	Total das faltas desde outubro inclusive até janeiro inclusive	Qualificações
25	cinco	3 abon. 2 por abon.
26	uma	por abonar
27	onze	abonadas
28	nove	idem
29	trez (2)	2 abon. 1 por abon.
31	uma	por abonar
32	seis	3 abon. 3 por abon.
33	trez	por abonar
34	duas	idem
35	quatro (2)	2 abon. 2 por abon.
36	trez	por abonar
37	seis	1 abon. 5 por abon.
38	vinte	15 abon. 5 por abon.
39	quatro	por abonar
41	trez	idem
42	seis	2 abon. 4 por abon.
43	uma	por abonar
44	vinte e duas	abonadas
45	seis	3 abon. 3 por abon.
46	sete	5 abon. 2 por abon.
47	duas	por abonar
48	seis	5 abon. 1 por abon.
49	uma	por abonar
50	trez	idem
51	trez	idem
52	seis	2 abon. 4 por abon.
53	cinco (3)	por abonar
54	trez	idem
55	seis	3 abon. 3 por abon.
56	cinco	1 abon. 4 por abon.
57	trez	abonadas
58	uma	por abonar
59	duas	idem
60	trez	idem
61	trez	idem
62	quatro	3 abon. 1 por abon.
63	quatorze	4 abon. 10 por abon.
64	cinco	abonadas
65	trinta e trez (1)	idem

(1) Os estudantes, a que se refere esta nota, têm, além das faltas indicadas, algumas de Dissertação, sobre as quaes têm requerimentos pendentes da congregação.

(2) Uma das faltas, não abonadas, dos estudantes, a que se refere esta nota, é de sabbatina.

(3) O n.º 53, além das faltas indicadas, uma das quaes é de sabbatina, têm outra de Dissertação por abonar.

3.º Anno Juridico.

N.os dos Estud.	Total das faltas desde outubro inclusive até janeiro inclusive	Qualificações
1	uma (1)	por abonar
4	uma	idem
5	quatorze	10 abon. 4 por abon.
7	quatro	1 abon. 3 por abon.
10	sete	6 abon. 1 por abon.
11	uma	por abonar
12	uma	idem
13	uma	idem
14	uma	idem
15	quatorze	8 abon. 6 por abon.
16	uma	por abonar
17	doze	abonadas
18	trez	por abonar
19	trez	idem
20	duas	idem
21	dez	6 abon. 4 por abon.
22	duas	por abonar
24	uma	idem
25	dezenove	15 abon. 4 por abon.
26	uma	por abonar
27	dez	5 abon. 5 por abon.
28	duas	por abonar
29	trez	idem
30	duas	idem
31	quatro	2 abon. 2 por abon.
32	dezesete	16 abon. 1 por abon.
33	cinco (2)	3 abon. 2 por abon.
35	trez	por abonar
36	duas (3)	idem
38	trez	idem
39	uma	idem
41	duas	1 abon. 1 por abon.
42	uma	abonadas
43	(4)	
44	uma	abonada
46	duas	idem
47	duas	por abonar
48	duas	abonadas
49	uma	por abonar
50	duas	idem
52	dezeseis	7 abon. 9 por abon.
53	duas	por abonar
54	seis	1 abon. 5 por abon.
55	trez	2 abon. 1 por abon.
56	duas	por abonar
57	uma	idem
58	seis	abonadas
59	duas	por abonar
60	quinze	3 abon. 12 por abon.
61	oito	7 abon. 1 por abon.
62	cinco	1 abon. 4 por abon.
63	quatro	3 abon. 1 por abon.
64	cinco	2 abon. 3 por abon.
65	trez	por abonar
66	duas	idem
67	duas	abonadas
68	quatro	idem
70	onze	9 abon. 2 por abon.
71	doze	11 abon. 1 por abon.
73	duas	por abonar
74	uma	idem
76	uma	abonada
77	quatro	3 abon. 1 por abon.
78	quatro	por abonar

N.os dos Estud.	*Total das faltas desde outubro* inclusive *até janeiro* inclusive	*Qualificações*
80	uma	idem
82	cinco	abonadas
83	duas	por abonar
84	oito (5)	3 abon. 5 por abon.
85	sete	6 abon. 1 por abon.
86	dezesete	3 abon. 14 por abon.

(1) Esta falta é de sabbatina.
(2) Além das faltas mencionadas tem uma de Dissertação por abonar.
(3) Uma d'estas faltas é de sabbatina.
(4) Têm o anno perdido por mais de 39 faltas.
(5) Além das faltas indicadas tem uma de Disertação, e duas, das que estão por abonar, são de sabbatina.

Continúa.

FEBRE PUERPERAL.

1.ª PARTE.

HAVERÁ DIFFERENÇA ENTRE A FEBRE PUERPERAL, A METRO-PERITONITE, E PHLEBITE UTERINA?

Continuado de pag. 270.

III.

Da febre puerperal.

A doutrina de Broussais predominando nas sciencias medicas, e procurando localisar todas as affecções, fez com que muitas vezes se tomasse o effeito pela causa, e se julgasse como molestia aquillo que não era senão o seu resultado.

A febre puerperal, (childbed fever, puerperal fever, dos inglezes; Kindbett fiebers, dos allemães, febre pyogenica das mulheres puerperas, de Voillimier) soffreu egual sorte. Admittida desde remotas eras como entidade pathologica, foi mais tarde riscada do quadro nosographico, e substituida por metroperitonites e phlebites uterinas, complicando o estado de puerperio. Hoje, porém, a fobre puerperal voltou a occupar novamente o logar, que lhe pertencia, e a ser considerada como um *estado pathologico distincto da metro-peritonite, e phlebite uterina.*

A febre puerperal é uma molestia geral, aguda, febril, que ataca as mulheres puerperas, dando logar a lesões anatomicas variaveis, e ás vezes nullas. Eis a definição que d'esta molestia dá Valleix, e com a qual nos conformamos.

As lesões anatomicas, que se dão na febre puerperal, são diversas, como differentes são as formas, que ella nos apresenta. Ha algumas comtudo que se podem considerar como constantes: taes são as alterações hematologicas, e a presença de pus em diversos pontos da economia, quando a molestia tem tido alguma duração.

A fluidez do sangue, a ausencia de coagulos é phenomeno mui frequente, que tambem se patentêa quando o sangue é tirado da veia mesmo durante a vida. Bouchut observou a reducção do elemento fibrinoso á cifra de $\frac{1}{1100}$ ou $\frac{3}{1000}$, molleza e facilidade de dilaceração no coagulo sanguineo. Ha casos em que a cifra da fibrina augmenta no principio da molestia, como foi observado por Botrel nas epidemias de Rennes em 1842 e 1844. Nem com tal nos devemos admirar, se considerarmos que a fibrina costuma augmentar nos ultimos mezes da gravidez, e elevar-se á cifra de 4,8 o maximo (Recquerel, Rodier, Andral); e que a epidemia observada por Botrel tinha por symptoma caracteristico e principal a inflammação dos vasos lympathicos do utero; e em quaesquer circumstancias, que sobrevenha uma inflammação, o augmento de fibrina é phenomeno constante.

Bouchut menciona uma alteração do sangue, que achou desacompanhada d'outra qualquer lesão: a existencia de globulos maiores, que os globulos rubros, incoloros, franjados na sua circumferencia, e reunidos entre si. Serão globulos de pus? A formação espontanea do pus poder-se-ha admittir? Julgamos mui provavel a opinião de Monneret, e Valleix: « Os globulos purulentos de Bouchut são globulos rubros alterados. »

O amollecimento do utero é phenomeno quasi constante. A sua superficie interna apparece coberta d'um detrito de espessura variavel, côr de borra de vinho ou negro, despegando-se facilmente, e com cheiro caracteristico. É mui frequente existir amollecimentos em outros orgãos; pulmões, baço, figado, rins etc. Taes são, em resumido quadro, as alterações, que se observam, quando a molestia corre com rapido progresso.

A existencia de pus, ou outro qualquer signal d'inflammação, jámais se encontra em parte alguma da economia: apenas uma serosidade escura, ou levemente sanguinea, se acha derramada na cavidade do peritoneo; mas sem que este apresente signaes alguns d'inflammação. Este liquido encontra-se tambem em outras serosas. As analyses chimicas destroem a idêa dos que suppunham, que este liquido era o resultado d'uma metastase leitosa. (Pujot, Levret, Bordeu). É alcalino, e dotado de propriedades irritantes, e as partes solidas, que 'nelle se encontram, são uma mistura de fibrina, e albuminia.

O apparecimento do pus em pontos diversos tem logar sómente quando a doença se prolonga. A cavidade peritoneal, a da pleura, os musculos, as articulações, os vasos venosos do utero, os seus lymphaticos, o proprio tecido uterino, as trompas, os ovarios, são as

multiplicadas sédes dos derrames purulentos, resultado de diversas phlegmasias, que pelo decurso da molestia se podem desenvolver, e que terminam pela suppuração.

A peritonite é uma das affecções locaes mais frequentes (Gardieu, Gasc, Tonnellé, Hugener). Geral ou limitada no peritoneo, que cobre o utero, e os orgãos da pequena bacia, é quasi sempre complicada com inflammação no utero, constituindo a metro-peritonite. Os signaes d'inflammação do peritoneo estendem-se desde a simples injecção d'este orgão, até á formação de novas membranas, e derrames purulentos. Bidault, e Arnoult encontraram os ovarios volumosos, amollecidos, e infiltrados de pus.

Os signaes necroscopicos da inflammação podem estender-se a todo o tecido uterino, ou limitar-se simplesmente a alguns dos seus elementos anatomicos: as veias, e os lymphaticos acham-se frequentemente inflammados sem que o resto do tecido uterino esteja lesado. Cruveilhier cita casos de febre puerperal, em que sómente os lymphaticos appareceram affectados. Botrel notou que na epidemia de Rennes em 1842 e 1844 esta modificação era mui frequente, em opposição com o que se havia observado na epidemia, que se desenvolvera na clinica de París no anno de 1838. Os lympathicos inflammados, e em suppuração appresentam grande augmento de volume, e dilatações no seu trajecto; o collo e partes lateraes do utero, a superficie dos ligamentos largos e os ovarios, são os pontos mais frequentemente affectados. Porém, ás vezes estende-se aos ganglios, que circundam o systema de Pecquet. Velpeau, Nonat, Tonnellé, Duplay dizem haver encontrado pus no canal thoracico.

Além d'estas alterações ha outras accessorias, e existentes em diversos pontos da economia. As mais frequentes são: derrames purulentos na cavidade das pleuras, e nas synoviaes articulares; abscessos pequenos, e multiplos na espessura dos musculos, nos seus involucros cellulosos, e nas articulações; pneumonias lobulares, abscessos do pulmão, do figado, do baço, dos rins; infiltração de pus na pia mater, e na substancia cerebral, são phenomenos não mui raros na affecção de que nos occupamos, e que não são a consequencia da absorpção de pus á superficie do utero, e seu deposito *directo* nos pontos onde se manifestam os abscessos, sem que préviamente ahi houvesse um processo inflammatorio, e a formação da membrana pyogenica. Como consequencia d'um estado geral da economia, de condições, que fazem desenvolver inflammações suppurativas 'nestes diversos pontos, se devem elles considerar.

Para completarmos esta parte importante da febre puerperal, diremos, que ha casos em que não é possivel descobrir a mais pequena alteração anatomica na parte solida da economia. Landouzy assim o observou.

O canal intestinal, e as materias 'nelle contidas, tambem algumas vezes se ressentem. Os folliculos de Brunner acham-se mais desenvolvidos; as placas de Peyer com alguma inflammação; os contentos intestinaes córados de bile; o canal intestinal nimiamente distendido por gazes.

Pela anatomia pathologica não se póde dizer que a metro-peritonite, ou a phlebite uterina, sejam estados constantes da febre puerperal. Muitas vezes a necroscopia nada nos diz ácêrca da existencia de phlegmasias.

O amollecimento do utero, de per si só não é indicio d'inflammação, se não houverem conjunctamente focos purulentos. A inflammação, antes do periodo da suppuração, produz o endurecimento, e não o amollecimento do orgão, em consequencia da coagulação da lympha plastica, que se extravasa, e se derrama nos intersticios das fibras musculares do utero. O amollecimento é effeito de causas diversas. Não é só a inflammação, que o produz. Alterações hematologicas, modificando a nutrição do orgão, podem fazer-lhe experimentar modificações taes, que se siga o amollecimento. Isto succede muitas vezes na febre puerperal. O utero e outros orgãos encontram-se amollecidos sem que haja o menor indicio d'inflammação.

Como corollario do que havemos dicto, podemos estabelecer as seguintes leis:

1.ª A inflammação do peritoneo, do utero, e dos seus vasos venosos não é lesão constante na febre puerperal. Quando existe, é ordinariamente acompanhada de focos purulentos 'noutros pontos da economia, os quaes tambem podem existir sós.

2.ª Lesões variadas acompanham a febre puerperal. São mais constantes a fluidez do sangue, e o amollecimento dos diversos orgãos.

3.ª Ás vezes nota-se a ausencia completa de lesões na parte solida da economia.

4.ª O amollecimento dos diversos orgãos nem sempre é devido a um estado phlegmasico.

Continúa. F. A. ALVES.

NOTICIARIO.

Levadura artificial. — M. Ludewig, hungaro, descobriu uma levadura artificial d'effeito constante, de facil emprego, e d'um preço muito menor, por consequencia muito preferivel a todos os respeitos á levadura de cerveja, podendo substituir esta em todos os empregos, e libertando assim muitos paizes do tributo que 'neste genero pagam á Inglaterra e Hollanda.

O novo fermento é extraido da cevada, dos feijões e favas, depois de germinadas. O inventor foi a Paris, para confirmar e realisar as suas experiencias; e a applicação do novo fermento ao fabrico do pão tem sido coroada de bons resultados.

O jornalismo no mar. — Ha pouco tempo annunciou-se, que um prélo devia funccionar diariamente a bordo do *Great-Eastern*, e que este colossal navio teria um jornal especial, vendido por 3 *pences* cada numero.

O *Great-Eastern-Chronicle* será portanto uma folha original; não circulará por todo o mundo, como os outros jornaes, mas viverá apenas dentro do navio, e em tão limitado espaço achará variado alimento para os seus artigos, para os seus folhetins, para as suas noticias diversas e para os seus annuncios.

Agulha de fazer meia, encontrada no figado. — Fez-se esta observação em uma mulher, que morreu no hospital S. Jorge de Leipsig. O fragmento da agulha tinha trez pollegadas de comprimento, e appareceu muito enferrujada. Não se descobriram signaes alguns de ferida, nem nos tegumentos do abdomen, nem no estomago, nem no proprio figado. A familia da doente não deu esclarecimentos. Presume-se, que o pedaço da agulha foi engolido pela mulher, e que percorreu tantos tecidos, sem provocar accidentes na sua passagem.

EXPEDIENTE.

Dedicada ao Instituto, recebemos do nosso distincto consocio o sr. João de Lemos, a sua mimosa comedia original — *Um susto feliz* — publicada na collecção do THEATRO MODERNO.

Agradecendo a offerta, o Instituto balda-se a encomios, e não sem razão, por isso que já pelo público é gostado este trabalho do illustre poeta, para ter a esperança de ser colhida por novos *sustos* egualmente *felizes*.

RELAÇÃO

Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrucção pública desde o dia 1 até ao fim de fevereiro ultimo, por despachos do Conselho Superior d'instrucção pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Guilherme d'Abreu Macedo, para Professor temporario da cadeira de Canhas, districto do Funchal.

Mariano Antonio de Carvalho, para dicto das Entradas, no de Beja.

Antonio Pereira Cortez, para dicto de Sernande, no do Porto.

Avelino José de Campos, para dicto de Ribeira de Soaz, no de Braga.

Luiz da Cunha Coelho de Barbosa, para dicto de S. Vicente do Pinheiro, no do Porto.

Pedro Leite, para dicto de Mozellos, no d'Aveiro.

Antonio Lopes Ribeiro dos Santos, para dicto de Longa, Vizeu.

Joaquim Antonio Saraiva Sampaio, para dicto de Bornellos, no da Guarda.

Antonio Caetano da Guerra, para dicto de S. João de Gafete, no de Portalegre.

Domingos Antonio Antunes, para dicto de Sobreposta, no de Braga.

João Antonio Soares, para dicto de Lebução, no de Villa Real.

José dos Santos Teixeira Botelho, para dicto da Villa do Redondo, no d'Evora.

Manuel José Soeiro Borges, para dicto de Sendim no de Vizeu.

Manuel Marques Leite, para dicto de S. Vicente da Beira, no de Castello Branco.

Virginia do Carmo Trancoso, para mestra temporaria da cadeira de meninas da Villa de Vinhaes, no de Villa Real.

Bernardo José Rodrigues, para Professor vitalicio da cadeira da freguezia do Barreiro, por transferencia da de S. João do Monte, no de Vizeu (Decreto de 10 de fevereiro ultimo).

Luiz Candido d'Araujo Guimarães, para Professor vitalicio da cadeira de Nave, no da Guarda. (Decreto dicto.

José Rodrigues Pereira Junior, para dicto de Sobreira Formosa, no de Castello Branco (Decreto dicto).

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Francisco Maria de Carvalho, para Professor vitalicio das cadeiras de Arithmetica e Geometria com applicação ás artes, e de Philosophia Racional e Moral, em curso biennal, da cidade de Lamego (Decreto de 17 dicto.)

Clemente Pereira Gomes de Carvalho, para Professor da 3.ª e 4.ª cadeiras do Lyceu Nacional d'Aveiro (Decreto dicto).

João Oliveira Casquilho, para Professor vitalicio da cadeira de Latim de Thomar (Decreto de 10 dicto).

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

João Mendes Arnaut, para o logar de Lente Proprietario da nova cadeira da Eschola Medica Cirurgica de Lisboa. (Decreto de 3 dicto).

AVISO DA ADMINISTRAÇÃO.

Com o seguinte numero termina o 6.º anno d'esta publicação.

A Administração continuará a remetter o INSTITUTO *aos srs. assignantes que em tempo competente não mandarem revogar suas assignaturas, rogando aos que estão em atrazo, que satisfaçam a importancia devida, antes de começar o novo anno d'este jornal.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte *á redacção do* INSTITUTO.

Preço da assignatura { por anno . . 1$440 / por semestre 800

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

AGRICULTURA.

RELATORIO DA SOCIEDADE AGRICOLA

DO

DISTRICTO DE COIMBRA.

Continuado de pag. 268.

2.ª SECÇÃO.

Mattas e florestas.

Bem limitados esclarecimentos póde offerecer esta secção, porque muito escassas foram as informações, que pôde colher sobre o estado de cultura florestal 'neste districto.

A cultura das mattas e florestas no districto de Coimbra, está hoje muito abandonada. A destruição dos arvoredos caminha a passos largos; todos cortam, e poucos ou ninguem planta. São taes os effeitos d'esta devastação, que já começa a sentir-se a escassez de combustivel, e de madeiras de construcção, devendo temer-se as mais fataes consequencias em um futuro bem proximo.

Por toda a parte se observam estes tristes resultados, concorrendo para isto, não só a grande extensão, que se tem dado á cultura dos cereaes, das vinhas e olivaes, mas tambem o bom preço das lenhas, e o avultado consummo das madeiras, que annualmente se empregam nas construcções civis e navaes, o que tudo convida o lavrador a arrotear novos terrenos, e a sacrificar a cultura florestal aos interesses do commercio e d'outros ramos da industria agricola.

Na Figueira da Foz todos os annos se constroem muitos navios; e as madeiras empregadas, são pela maior parte fornecidas pelo districto de Coimbra, sendo tambem avultada a exportação de madeiras, que pela barra do Mondego se faz para portos nacionaes e estrangeiros.

As noticias, que esta secção pôde colher do estado de cultura das mattas e florestas nos respectivos concelhos, são as seguintes:

No concelho de Mira ha uma grande matta pública, tendo talvez trez leguas de circumferencia, consistindo a sua vegetação, quasi na totalidade, em pinheiros e camarinheiras ou urzes de camarinhas. Este ultimo fructo é aproveitado na distillação para o fabrico d'agua ardente.

Ha muitos terrenos incultos, que se podiam aproveitar para plantação florestal, abundando principalmente os terrenos arenosos, que se torna urgente semear de pinhaes, para obstar á invasão das dunas, que ameaçam submergir tão populoso concelho, situado no littoral.

No concelho de Cantanhede, á excepção do pinhal da Tocha, que é matta pública e de dominio municipal, a cultura florestal pertence quasi na generalidade a particulares, constando pela maior parte de pinheiros bravos, e poucas vezes dos mansos.

A sementeira dos pinheiros faz-se, lavrando o terreno, semeando a granel, e cobrindo com a grade. Depois de crescidos os pinheiros, derramam-se e desbastam-se, a fim de melhor e em mais curto espaço de tempo se desenvolverem, e crescerem bem direitos.

No littoral d'este concelho existem terrenos públicos incultos, que muito convém aproveitar com sementeiras de pinhaes, com o fim de impedir a invasão e destruição, pelas dunas, de terrenos particulares, que lhe ficam contiguos, e já destinados á cultura de cereaes.

Existem tambem varios pantanos, e terras alagadiças, que podem esgotar-se com a plantação d'arvoredos appropriados.

Além do consummo dentro do concelho, é limitado o commercio das lenhas e madeiras. Não ha outros productos de cultura florestal; não ha medronheiros, nem cortiça.

No concelho de Montemor o Velho existem pequenas mattas e trez montados ou charnecas de logradouro commum, de grande extensão, nas freguezias de Pereira, Tentugal e Arazede, e cujo sólo é muito appropriado para a plantação de mattas e florestas.

O pinheiro é a arvore que pela maior parte povoa as mattas d'este concelho, estando esta cultura em estado lastimoso, havendo a maior devastação para aproveitar lenhas, e sendo de pouco valor o commercio de madeiras para construcção.

Existem tambem dois grandes paúes, um em Sancto Varão, e outro em Pereira, tendo o primeiro mais de 150 geiras de extenção, e que podiam aproveitar-se com a plantação d'arvoredos.

No concelho da Figueira da Foz ha duas mattas, a nacional de Fôja, e a de Ceiça; e além d'estas o pinhal do povo no limite de Quiaios: as duas primeiras estão debaixo da vigilancia do administrador das mattas do reino; acham-se em bom estado de conservação, tendo grande valor principalmente a de Fôja: não obstante os grandes córtes, que em diversas occasiões alli se tem feito, e designadamente com applicação para as obras da foz do Mondego, assim no tempo em que a empreza fez as suas obras, como pela actual direcção das mesmas.

O pinhal do povo, que em 1846 foi completamente destruido, tem sido em parte agricultado. Era, porém, muito vantajoso, que alli se renovasse uma sementeira florestal em grande escala.

Egualmente ha 'neste concelho terrenos baldios, que poderiam, com grande vantagem, servir para sementeiras de pinheiros, principalmente no monte Cabo-Mondego, onde já 'noutro tempo existiu um bom pinhal. E em Lavos, perto do littoral, ha tambem bons terrenos que semeados de pinhal, poderiam de futuro ser de grande utilidade nacional, e livrariam as povoações proximas da progressiva marcha das dunas, que de dia para dia vão cobrindo os terrenos cultivaveis.

No concelho de Condeixa ha algumas mattas e montados publicos e particulares, em regular estado de cultura e conservação. Os pinheiros e carvalhos são as arvores, que geralmente as povoam.

Além dos mattos para estrumes, e lenhas, as mattas d'este concelho produzem muitas madeiras proprias para construcções, algumas das quaes são empregadas na Figueira da Foz para construcções navaes. Não se notam 'neste concelho pantanos e terras alagadiças.

No concelho de Soure contam-se algumas mattas públicas e particulares, soffrendo as primeiras grande estado de ruina, e as segundas sendo bem conservadas. Os carvalhos, sobreiros, e pinheiros são as arvores, que pela maior parte as povoam.

Ha tambem muitos terrenos públicos, ou municipaes incultos, e alguns pantanos particulares.

No concelho de Miranda do Corvo ha duas mattas particulares, uma no sitio de Tremoa, e outra no local de Fraldeu, mas muito deterioradas, porque o povo as devasta para cortar mattos e lenhas. A arborisação consta de carvalhos, sobreiros, medronheiros e castanheiros, sendo sómente estas ultimas arvores as que são cultivadas, fazendo-se de dois em dois annos o necessario desbaste.

Estas mattas produzem, além das lenhas e madeiras, muita cortiça, castanha, e medronhos que são distillados para o fabrico d'agua ardente.

Os montados públicos são do dominio da camara, e servem para os povos 'nelles apascentarem os gados, e roçarem mattos para estrumes.

Ha muitos terrenos públicos e particulares incultos; mas não existem pantanos, ou terras alagadiças, a não ser uma pequena porção de terreno junto ao Vidual.

No concelho da Louzã ha extensos baldios, que ainda ha 24 annos eram povoados de espessas mattas de carvalhos, castanheiros, medronheiros e pinheiros. Hoje todos estes terrenos estão despovoados d'arvores, sentindo-se grande escassez de madeiras e lenhas. A causa d'este grande mal provém do pouco respeito, que ha á propriedade, porque o povo tem devastado as mattas das serras, e invadido e destruido os pinhaes particulares. Cumpre pois promover com efficacia as sementeiras e plantações, e executar com rigor as leis, que reprimem a devastação das arvores.

No concelho da Pampilhosa existem duas mattas públicas na freguezia de Cabril, uma denominada a do Batoco, e outra a do Cabril, a primeira composta de castanheiros, sobreiras, azinheiras, e medronheiros a que tambem chamam ervedeiros, e a segunda constando sómente de azinheiras. Tambem na freguezia de Fajão ha uma matta pública, de pouca importancia, povoada principalmente de medronheiros e sobreiros. Além d'estas mattas ha alguns pinhaes, em geral insignificantes, do dominio particular.

'Neste concelho não ha pantanos, nem terras alagadiças, mas muitas serras incultas, que todas se podem aproveitar, arborisando-se.

Houve tempo em que 'neste concelho havia abundancia de madeira de castanho, sendo hoje muito rara. De lenhas ha abundancia.

No concelho d'Oliveira d'Hospital ha abundancia de mattas particulares, mas poucas públicas, e ambas em pessimo estado de conservação. Os pinheiros, carvalhos, castanheiros e medronheiros, são as arvores, que geralmente as povoam.

Em outro tempo havia grande exportação de madeiras d'este concelho, não só de pinheiro, mas de carvalho e castanheiro, mas hoje é muito limitada. Os medronhos vão sendo aproveitados para o fabrico d'agua ardente; mas esta industria é por ora em pequena escala, porque o povo derrota os medronheiros, para lenhas, e para arrotear os terrenos para a cultura dos cereaes.

Sente-se grande falta de lenha, porque pertencendo os pinhaes, pela maior parte a grandes proprietarios, estes têm grande cuidado na conservação dos pinheiros, que reservam para madeiras, vendendo sómente os que o vento lança por terra.

Não ha 'neste concelho terrenos paludosos; mas ha grande porção de terra inculta, que

podia aproveitar-se para plantação de mattas e arvoredos.

No concelho de Taboa existem, uma bem cultivada matta particular, em Mouronho, pertencente a Luiz Antonio, outra que faz parte do passal do prior da freguezia de Taboa, e algumas outras menos importantes. As arvores, que mais as povoam, são os pinheiros, sobreiros, carvalhos e castanheiros.

D'este concelho, principalmente da freguezia de Mouronho, faz-se todos os annos grande exportação de madeiras e cortiça. Sente-se em geral falta de lenha.

Não ha pantanos, nem terras alagadiças; mas muitos terrenos incultos, publicos e particulares, que são aproveitados em pasto de gados, e rôço de mattos para estrumes, quando aliás podiam arborisar-se.

No concelho de Penacova ha grandes porções de terrenos particulares arborisados pelos pinheiros, e tambem soutos de castanheiros, de córte de 4 em 4 annos. A serra que se extende desde a cêrca da matta do Bussaco até Penacova, está despovoada d'arvoredos, e serve para a pastagem de gados, convindo muito arborisar a sua maior extensão, porque a isso se presta a natureza do terreno.

As lenhas e madeiras, tanto de pinheiros como de castanheiros são um producto importante d'este concelho.

Ha alguns medronheiros; mas só agora começa a ser aproveitado o seu fructo para agua ardente, porque de ordinario estas arvores são cortadas logo que servem para tapumes nas margens dos rios, e para empas de videiras.

Os sobreiros, carvalhos e outras arvores são em tão pequena quantidade, e tão pouco importantes, que não merecem especial menção. Não ha pantanos, nem terras alagadiças.

No concelho d'Arganil ha, na freguezia da Bemfeita, uma importante matta, chamada da Margaraça, pertencente á mitra de Coimbra, que tem pouco mais ou menos uma legua de circumferencia. Esta matta acha-se em máu estado de conservação, porque tem sido mal administrada.

Mattas particulares ha apenas duas dignas de se mencionar; uma na villa d'Arganil pertencente á casa de D. Maria Izabel de Mello, da quinta das Cannas em Coimbra, outra em Villa-Cova, na cêrca do extincto convento, hoje pertencente a José Cupertino. Estes arvoredos estão em bom estado de conservação, porque têm sido constantemente vigiados por seus donos. As arvores, que mais povoam estas mattas, são carvalhos, sobreiros e castanheiros.

Existem muitos terrenos incultos tanto municipaes, como particulares, que muito convinha aproveitar com plantação de pinheiros, e outras arvores; porque apenas ha lenhas e madeiras sufficientes para o consumo dentro do concelho, e não para exportar. Não ha terrenos pantanosos.

No concelho de Penella não ha mattas, nem montados públicos; mas só particulares, e em estado de decadencia. As arvores, que os povôam, são apenas carvalhos, sobreiros, medronheiros, havendo tambem alguns pinheiros, e soutos de castanheiros. Existem algumas pequenas mattas de medronheiros, cujo fructo apenas no anno passado começou a aproveitar-se, e com bom resultado, para o fabrico d'agua ardente. Só a cortiça é que tem sido ha poucos annos exportada.

Ha tambem alguns terrenos publicos e particulares incultos, que poderiam uns arborisar-se, com carvalhos, sobreiros e castanheiros, e outros com pinheiros, porque vae escasseando a lenha e a madeira em algumas localidades do concelho. Não ha pantanos nem terras alagadiças.

No concelho de Coimbra os baldios de mais importancia estão situados nas freguezias de Botão e Souzellas, pertencendo ao dominio municipal.

Montados particulares ha muitos, em differentes freguezias, constando a sua vegetação principalmente de tójos e urzes de varias especies, e murta, que se criam expontaneamente.

De mattas particulares, abundam pinhaes, tanto de pinheiros bravos, como mansos; sendo as mattas de mais importancia, a d'Antanhol, pertencente ao Visconde de Maiorca, a de S. Jorge, dos herdeiros de José da Silva Carvalho, ambas compostas de pinheiros, carvalhos, sobreiros, folhados e medronheiros, situadas ao sul do Mondego; e ao norte, sobre o monte do Rol, a matta de Ferreiras Pintos Bastos, composta quasi toda de pinheiros mansos, e nos aros de Coimbra a floresta, pertencente aos mesmos donos, composta de choupos, que se calculam no numero de 60 mil pés.

Ha uma importante, e rendosa matta nacional, administrada pelo director das obras públicas do districto, na margem direita do rio, proximo á cidade, composta de choupos, salgueiros, freixos e vimeiros.

Em geral o estado das mattas é máu, não só pelos máus systemas de cultura, porque a limpeza ou decôte é feito nos mezes de agosto e setembro por empreitada, ou pelos mesmos compradores da rama, que pouco lhe importa poupar as arvores, mas pela devastação, que soffrem pelo damninho gado caprino, que abunda neste concelho, e pelo povo das aldêas.

Ha alguns pantanos e terras alagadiças de grande extensão, taes são o paúl da Arzila, ao sul do Mondego, e ao norte parte do campo da Sióga e Lavarrabos, que muito convinha arborisar, não só para interesse da agricultura, mas para beneficio da salubridade pública.

As lenhas e madeiras são pela maior parte consummidas dentro do concelho, vendendo-se para fóra apenas algumas traves e outras madeiras de construcção. A rama dos pinheiros tem grande consummo como combustivel, e os mattos para estrumes.

Á vista, portanto, de todas estas informações officiaes sobre o estado de cultura florestal no districto de Coimbra, esta secção propõe a necessidade de adoptar algumas medidas mais urgentes:

1.° Promover a plantação de pinhaes no littoral, para salvar da invasão das dunas ricos e ferteis terrenos.

2.° Facilitar os aforamentos de terrenos areados e incultos, com a expressa condição de 'nelles se plantarem arvoredos.

3.° Sollicitar da direcção das obras públicas do districto a plantação de choupaes, e salgueiros nos areaes dos campos do Mondego, no antigo alveo do rio, se por ventura não convier aproveital-o de novo para a navegação, e nos terrenos paludosos.

4.° Obrigar as camaras municipaes a ter viveiros d'arvores, e a promover annualmente as plantações dos baldios.

5.° Requerer ao governo a publicação do Codigo florestal, e todas as medidas, que assegurem a policia rural e mantenham o respeito á propriedade.

6.° Encarregar uma commissão de visitar os concelhos do districto, para examinar o estado de cultura das mattas e florestas, e colher dados mais certos, e imparciaes, do que os subministrados pelas auctoridades locaes e commissões filiaes.

Com estas e outras providencias, julga esta secção, que póde animar-se, como convém, a cultura florestal no districto de Coimbra, e tirar d'este ramo agricola os productos e riquezas de que é susceptivel esta parte da arboricultura.

Continúa.

RELATORIO

Da direcção da sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso, appresentado á assembléa geral dos accionistas no 1.° de janeiro de 1858.

A Direcção da Sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso, seguindo, 'neste relatorio, a ordem que adoptou no relatorio antecedente, vai occupar-se em primeiro logar do serviço dos banhos, tractando seguidamente da estatistica medica, obras do Estabelecimento, e contas da Sociedade.

Serviço dos banhos.

Um medico, director do estabelecimento, um banheiro com serventes, e um fogueiro da machina de vapor, foram os empregados, que desempenharam o serviço dos banhos, na conformidade do ultimo regulamento adoptado pela assembléa geral dos accionistas, em sessão de 19 de maio de 1857.

Além das 6 banheiras, que já o anno passado forneciam banhos de temperatura artificial, estendeu-se a canalisação do vapor a mais 4 banheiras; e, d'este modo, acudiu-se com mais promptidão ao serviço dos banhos d'esta qualidade. A policia do estabelecimento correu com regularidade; e só em algumas semanas de maior afluencia de banhistas, principalmente no mez de julho, é que se notou alguma confusão no serviço dos banhos.

A sala do Estabelecimento destinada, no plano da obra, para casa de descanço, jogo e leitura, continuou servindo para reuniões de musica e dansa, á falta d'outras casas da povoação, que offerecessem mais commodidades a estas distracções. Mas nem a casa póde prestar-se a um serviço regular de taes reuniões, porque não foi esse o seu destino quando se construiu, nem o actual quadro dos empregados póde acumular o serviço dos banhos com um serviço regular e decente d'aquelles saraus. A direcção reconhece a benefica influencia de taes devertimentos 'numa quadra de banhos, e já teve o pensamento de promover a construcção d'outro andar no edificio, onde podessem arranjar-se casas de bilhar e loja de bebidas independentes das salas de baile e jogo; mas, em quanto a falta de meios não permittir estes melhoramentos, a direcção é de parecer que, a não se prohibirem aquelles saráus na casa actual, ao menos se faça conhecer que esta sala não têm aquelle destino, e que se os assignantes, por sua espontaneadade, alli se quizerem reunir, não deverão estranhar que lhes faltem as commodidades e o serviço d'uma casa de baile.

Em todo o caso parece á direcção que, para se occorrer com alguma regularidade ao mais essencial de todo o serviço do Estabelecimento, conviria a nomeação d'outro empregado, que podesse substituir o banheiro e o fogueiro nos seus impedimentos, e que os podesse revezar nas epochas de maior aperto de trabalho, quando aos dois empregados, para se conservarem no seu posto, não lhes cresce o tempo indespensavel ao repouso diario.

Ao medico director, para que podesse premanecer no Estabelecimento com maior assiduidade, parece que devera dar-se melhor gratificação do que os 100$000 réis que até aqui têm percebido.

A nova direcção, medindo as forças do Estabelecimento, fará a este respeito, as propostas que julgar acertadas.

Estatistica medica.

A escripturação do livro do registo, incumbida no ultimo regulamento ao medico dire-

ctor, fez-se este anno com mais regularidade, e pôde offerecer melhor base para a organisação da estatistica medica. Não podemos ainda felicitar-nos com uma estatistica do Estabelecimento de Luso, como era para desejar; mas achamol-a mais aperfeiçoada do que a do anno passado, e é de crer que a práctica dos annos seguintes lhe vá trazendo melhoramentos progressivos.

O medico director, como todos os directores dos Estabelecimentos d'esta ordem, encontra difficuldades em obter de alguns banhistas a confissão exacta dos seus padecimentos; e não póde averiguar o resultado dos banhos em muitos individuos, que sahem de Luso sem que o director o presinta; sendo lhe ainda mais difficil colher estes dados, quando o effeito dos banhos se manifesta algum tempo depois de ter passado aquella epocha.

Na designação das molestias cutaneas, continuou a seguir-se a classificação do Ensaio Dermosographico do sr. Bernardino Antonio Gomes; e, para as molestias internas, tambem se adoptou a classificação do compendio de pathologia interna da Universidade.

Movimento dos banhistas. — Matricularam-se no livro do registo 1361 banhistas sendo 623 do sexo masculino, e 738 do sexo feminino. Entraram 'neste numero 160 banhistas pobres, a quem se deram banhos gratuitos; sendo 49 do sexo masculino e 111 do sexo feminino. Dos 1361 banhistas, ficaram 8 sem observação, 304 tomaram banhos de limpeza e 1049 accusaram as molestias mencionadas na estatistica.

Pondo de parte algumas senhas, que poderiam têr-se extraviado na mão dos banhistas; e, contando o numero de banhos pelo numero de senhas que se distribuiram, achamos que se tomaram 27459 banhos, os quaes, divididos pelos 1361 banhistas, dão 20 banhos a cada banhista. D'estes 27459 banhos foram 21403 de temperatura natural e 6056 de temperatura artificial.

Estatistica medica dos banhos de Luso, em 1857.

MOLESTIAS	Total dos banhistas	SEXOS		RESULTADO DA MOLESTIA DEPOIS DOS BANHOS			
		Masculino	Feminino	Curados	Melhorados	No mesmo estado	Resultado desconhecido
Papulas	1	»	1	»	1	»	»
Fogagem	61	30	31	6	26	29	»
Coceira	25	5	20	3	11	2	9
Lepra	6	3	3	»	4	2	»
Psoriase *ou erupção psorica*	51	19	32	»	17	11	23
Ragades anonimae ou psoriase palmaria	7	»	7	»	1	1	5
Pityriase	1	»	1	»	»	»	1
Caspa	5	3	2	»	1	»	4
Ichtyose ou pelle de peixe	5	1	4	»	4	1	»
Maculas	14	5	9	»	4	5	5
Ephelides	22	17	5	4	7	»	11
Sardas	1	»	1	»	»	1	»
Morphea branca	10	4	6	»	1	4	5
Bortoeja	12	1	11	5	2	5	»
Tabardilho	1	1	»	»	»	»	1
Erysipela	21	6	15	5	8	2	6
Vesiculas	2	2	»	»	2	»	»
Herpes	265	127	138	6	127	11	121
Pustulas	28	16	12	4	18	2	4
Empigens	216	94	122	28	97	4	87
Ozagre	9	5	4	»	8	»	1
Tinha	3	2	1	»	1	1	1
Sarna	4	1	3	»	2	1	1
Tuberculos	8	4	4	»	6	1	1
Sarabulhos ou gotarrozada	1	»	1	»	1	»	»
Sycose ou figos	1	1	»	»	1	»	»
Elephantiase dos gregos	24	13	11	»	3	9	12
Elephantiase dos arabes	7	2	5	»	»	5	2
	811	362	449	61	353	97	300

MOLESTIAS	Total dos banhistas	SEXOS		RESULTADO DA MOLESTIA DEPOIS DOS BANHOS			
		Masculino	Feminino	Curados	Melhorados	No mesmo estado	Resultado desconhecido
Transporte . .	811	362	449	61	397	97	300
Gastrite chronica	5	2	3	»	»	1	4
Enterite chronica	16	3	13	»	6	»	10
Ophtalmia aguda	2	1	1	2	»	»	»
Ophtalmia chronica	52	16	36	6	31	6	9
Otite	1	»	1	»	1	»	»
Rheumatismo articular agudo . .	2	»	2	»	1	»	1
Rheumatismo articular chronico .	60	24	36	5	20	4	31
Rheumatismo articular chronico — *herpes*	1	1	»	»	»	»	1
Rheumatismo articular chronico — *empigens*	3	1	2	1	»	1	1
Rheumatismo articular chronico — *surdez*	1	»	1	»	1	»	»
Rheumatismo articular chronico — *hemorrhoidas*	3	2	1	»	1	»	2
Sciatica	1	1	»	»	1	»	»
Bronchite chronica	1	1	»	»	»	»	1
Nevrozes	1	»	1	»	»	»	1
Epilepsia	3	2	1	»	»	»	3
Paralysia incompleta das extremidades inferiores	5	4	1	»	»	»	5
Surdez	1	»	1	»	»	»	1
Edemacia das extremidades inferiores	3	2	1	»	»	1	2
Hemorrhoidas	32	25	7	»	13	7	12
Furunculo	8	4	4	»	4	2	2
Ulceras	28	20	8	»	9	10	9
Espinha ventosa	2	2	»	»	»	1	1
Escrophulas	3	1	2	»	»	»	3
Obstrucção do baço	1	»	1	»	1	»	»
Callo da uretra	1	1	»	»	»	»	1
Fistula do peito	1	1	»	»	»	»	1
Varizes	1	»	1	»	»	»	1
Pessoas que tomaram banhos com fins hygienicos	304	146	158	»	»	»	304
Pessoas que tomaram banhos sem motivo averiguado	8	1	7	»	»	»	8
	1361	623	738	75	442	130	714

Obras.

Além da mencionada canalisação do vapor para quatro banheiras, não se fez em todo o anno mais nenhuma obra no Estabelecimento, que não possa considerar-se como simples reparos. O alcance de 1:203$750 (703$750 rs. de adiantamento da thesouraria e 500$000 rs. de emprestimo), que appareceu, o anno passado, nas contas da sociedade; e o estado do Estabelecimento, que já permittia a regularidade precisa no que ha de mais essencial no serviço dos banhos, levaram a direcção a suspender as obras, contando que a emissão das acções, que ainda havia, e o futuro rendimento dos banhos iriam amortisando toda a divida, e dariam sobras com que se podesse concluir o edificio em poucos annos. E com effeito, pelascontas, que a direcção hoje apresenta, vêr-se-ha a possibilidade de se conseguir este resultado só com o rendimento da proxima quadra de banhos.

Contas.

Do Relatorio do anno passado, vê-se que, até ao 1.° de janeiro de 1857, se tinha recebido das acções emittidas 4:632$500 rs.; e, tendo-se recebido desde então até hoje 1:330$000 rs., restam por cobrar 37$500 rs. para se perfazer a conta dos 6:000$000 rs., importancia das 600 acções, que se passaram, e cuja emissão se achava competentemente auctorisada.

Renderam os banhos		774$040
As assignaturas da sala		152$000
Os baralhos de cartas vendidos, incluindo 10$820 rs. pertencentes ao anno de 1856, que não figuraram na conta d'aquelle anno		39$930
Todo o Estabelecimento..... réis		965$970

A quantia de 774$040 rs., rendimento dos banhos, compõe-se das seguintes parcellas.

Producto das taxas de 11802 senhas para banhos de temperatura natural de $\frac{1}{2}$ hora, a 20 rs. cada uma		236$040
Producto das taxas de 6057 senhas para banhos de temperatura natural de $\frac{3}{4}$ de hora, a 40 rs. cada uma		242$280
Producto das taxas de 2212 senhas para banhos de temperatura artificial de - hora, a 40 rs cada um		88$480
Producto das taxas de 3454 senhas para banhos de temperatura artificial de $\frac{3}{4}$ de hora, a 60 rs. cada um...		207$240
		774$040

Além d'estas senhas para banhos pagos, que foram compradas por 1201 banhistas, distribuiram-se mais a 160 banhistas pobres 3934 senhas, sendo 3544 para banhos de temperatura natural, e 390 para banhos de temperatura artificial. D'onde se vê o numero de 1361 banhistas e de 27459 banhos mencionados *no movimento dos banhistas*.

Segue-se o resumo de contas relativas á gerencia do anno, que hoje findou.

Resumo de contas do anno de 1857.

A sociedade dos banhos de Luso em conta corrente com o seu thesoureiro Francisco José Gonçalves de Lemos.

	Deve	
Pelo alcance do anno de 1856..	703$750	
Pagos aos empregados e serventes (documentos n.° 1 a 23)..	213$780	
Canalisação do vapor e reparos no edificio (docum. n.° 1 a 18) 152$885		192$280
Combustivel para a machina de vapor .... 39$395		
Utensilios e illuminação (documentos n.° 1 e 2).....	57$290	
Varias despezas (documentos n.° 1 a 32)..	115$105	
Juros de 363 acções.....	181$500	
Juros de emprestimos á sociedade (documentos n.° 1 a 3) ..	70$350	
Pagos a Francisco da Silva e Oliveira de emprestimo á sociedade por uma letra	500$000	
Idem ao mesmo por outra letra..... 450$000		448$350
Juro abonado por ser paga antes do vencimento.. .. .. 1$650		
Saldo a favor da sociedade	263$565	
	2:745$970	

Recebido de acções, que se emittiram	Haver 1:330$000
Producto dos banhos	774$040
Idem das assignaturas da sala..	152$000
Idem da venda de baralhos de cartas, incluindo 10$820 rs. pertencentes ao anno de 1856, que não figuraram na conta d'aquelle anno	39$930
Emprestimo feito á sociedade por Francisco da Silva e Oliveira..	450$000
	2:745$970

N.B. Fica em divida activa, por atraso de cobrança de acções emittidas, 37$500 rs.; e de divida passiva, juros de acções que se acham por pagar relativos ao anno de 1856, — 30$500 réis.

Coimbra, 31 de janeiro de 1858.—O thesoureiro, Francisco José Gonçalves de Lemos.

Os abaixo assignados, nomeados pela assembléa geral para examinar as contas da receita e despeza do rendimento dos banhos de Luso no anno proximo findo de 1857, e resumidos 'nesta conta pelo digno thesoureiro o Ill.^mo^ sr. Francisco José Gonçalves de Lemos, declaramos que procedemos ao exame competente, e em tudo as achámos conformes e na melhor ordem, sendo digno de especial menção o referido thesoureiro. Coimbra, 27 de fevereiro de 1858.—Francisco de Sousa Araujo — Manuel dos Santos Junior — Antonio Maria de Sousa Bastos.

Está confórme.—O Secretario da Direcção, *Antonio Augusto da Costa Simões.*

PRELECÇÕES DE DIREITO PUBLICO INTERNO DE PORTUGAL

QUE FEZ

Ricardo Raymundo Nogueira

NO ANNO LECTIVO DE 1795 A 1796.

PARTE 1.ª

Da fórma e constituição do Imperio Portuguez.

Continuado de pag. 260.

CAPITULO V.

Continua-se a demonstração principiada no capitulo III.

II. *É verosimil que o supremo imperio de Portugal, que o conde D. Henrique possuia quando morreu D. Affonso VI, lhe fosse concedido logo na occasião de seu casamento.*

É esta a segunda proposição que, confórme

a divisão indicada, devemos provar. E para ella nos serve de base a primeira.

As provas terão sempre de conjectura, quaes se podem esperar em pontos tão antigos, e tão mal averiguados pelos contemporaneos.

Mas, como os argumentos dos contrarios são da mesma natureza, basta que a balança se incline a favor dos nossos, para julgarmos que elles devem ser preferidos aos que se lhes oppõe.

As provas, em que se funda a opinião que seguimos, são principalmente duas:

1.ª Porque não se assigna outra alguma epocha em que houvesse tão forte motivo para se fazer a dicta doação, como na do casamento do conde D. Henrique.

2.ª Porque não apparece monumento algum, que prove convenientemente, que o conde D. Henrique fôra sujeito a seu sogro depois do casamento.

I. *Não ha epocha mais propria.*

Lembremo-nos aqui outra vez do que já se tocou em outro logar ácerca da situação de Portugal por estes tempos.

Todo o terreno, que D. Affonso VI dava a seu genro (que era desde o Tejo até ao Minho, na opinião de alguns [1], ou até dentro de Galiza, como outros querem [2]), estava exposto ás invasões dos Mouros, com os quaes confinava pela maior parte de suas fronteiras, e para a sua conservação e defesa necessitava de ser governado por um capitão experimentado, capaz de conter os infieis, e de, 'nelles, fazer novas conquistas.

Portanto, é mui verosimil, por uma parte, que D. Affonso VI julgasse que convinha ao bem do Estado dar estas terras a um general, de cujo valor tinha tantas experiencias, para que elle as defendesse como suas proprias, e as procurasse ampliar, alargando os limites de seus Estados pelo terreno de que os Mouros ainda estavam senhores: e, pela outra, que o conde D. Henrique se não desse por satisfeito, se as terras, que lhe dava o sogro, sobre estarem expostas a uma guerra sanguinolenta, e ser necessario defenderem-se dos Mouros com as armas na mão, ainda em cima ficassem sujeitas á Hespanha e se lhe não desse 'nellas o senhorio absoluto.

Além d'isto, D. Affonso VI havia recebido do conde serviços muito importantes, em cuja recompensa o casou com sua filha D. Thereza, e lhe deu em dote o reino de Portugal, seguindo 'nesta fórma de divisão o exemplo de seu páe, D. Fernando o Grande, de que já fallámos.

Logo, é natural que lhe fizesse a doação ampla do mesmo modo que a havia feito D. Fernando: 1.° porque se verificava a mesma razão, pois que D. Affonso queria dotar sua filha D. Thereza, assim como D. Fernando tinha querido acomodar seu filho D. Garcia, de cuja independencia póde fazer-se argumento para a do nosso primeiro Soberano: 2.° por que no caso presente acrescia o motivo de querer remunerar os serviços de D. Henrique.

II. *Não ha monumento que prove a sujeição de Portugal depois d'esta epocha.*

Os que seguem a opinião contraria, allegam, a favor d'ella, duas escripturas antigas, das quaes comtudo parece não se provar o que pretendem.

A primeira é uma carta que está no cartorio de Coimbra, na qual D. Affonso VI escreve a D. Henrique, dizendo que o bispo de Coimbra se lhe queixára de haver o conde dado a D. Cypriano certas terras que pertenciam ao seu mosteiro da Vacariça, e declára, que se effectivamente as deu, e pertencem ao dicto mosteiro, elle D. Affonso não auctorisa, nem auctorisará a doação, acabando por pedir ao conde, seu genro, que por seu amor ponha a direito e resolva a pretenção da Sé de Coimbra sobre o dicto mosteiro [1].

D'aqui inferem que o conde D. Henrique reconhecia sujeição a D. Affonso VI; que os Portuguezes recorriam a este rei, como a seu soberano; e que elle dirigia ordens ao conde, como a seu inferior e dependente.

Mas, examinada bem a escriptura, vê-se que nada d'isto d'ella se prova.

Corria demanda entre o Bispo de Coimbra, e este D. Cypriano, ácerca de um logar que o primeiro dizia pertencer á sua egreja, e o segundo pretendia, fosse seu, por lhe haver sido dado por D. Affonso VI.

Recorrem, pois, a este principe, não para que julgue a causa, mas para que declare, se com effeito fez a doação que se allega.

D. Affonso VI responde á supplica 'neste mesmo theor. Declara que não se lembra de ter feito similhante doação, mas que, se effectivamente a fez, e a terra doada pertence ao bispo, a não auctorisa, nem auctorisará, i. é, não quer nem quererá nunca, que seja valiosa a doação, e se julgue legitima e authentica. E finalmenre conclue pedindo ao conde, que tome conhecimento da causa e a decida.

Portanto, vê-se de todo o contexto da carta: 1.° que as partes recorreram a D. Affonso VI, não para que este sentenciasse a causa, mas para saberem, se existia a doação: 2.° que elle declarou o que havia 'neste ponto e qual fôra a sua intenção a respeito da dicta doação, se com effeito se provasse a sua existencia: 3.° que se absteve de passar a conhecer da causa, e reconheceu que a sua decisão

[1] Brand., Mon. Lus., P. III, L. 8, cap. 19.
[2] Resend., Antiquit. Lus. IV, *de Orichiens. agro.*

[1] Brandão copiou esta carta de um livro da Sé de Coimbra, e a traz na P. III da Mon. Lus., L. 8, cap. 9. Veja-se João Pinto Ribeiro *injust. succes. dos reis de Leão e Castella*, §. 3, tom. II, p. 68.

pertencia ao conde D. Henrique, para quem remetteu os contendores.

Talvez a estas reflexões se possa accrescentar outra, a saber; 4.° que como 'nesta causa se tractava de apurar um facto, que tocava immediatamente com el-rei de Castella, e de julgar da justiça ou injustiça da doação, no caso que elle a tivesse feito, parece que o mesmo rei não cometteria nunca o conhecimento de similhante caso a outrem, se se persuadisse que tinha auctoridade para o decidir por si mesmo.

Eis aqui a razão por que elle recommenda ao conde a decisão da dicta causa, pedindo-lhe, que, pelo amor que lhe tem, julgue e sentenceie aquella controversia. *Vos quantum mihi bene quaeritis, causam de illa sede et de illos monasterios inderensate illas:* expressão de que bem se infere que D. Affonso VI julgava a sua consciencia e justiça, interessadas, em certo modo, na sobredicta demanda.

O segundo documento, que se allega, é tirado do livro *fidei*, que se acha no cartorio da Sé de Braga e se refere á eleição de S. Giraldo, bispo d'aquella diocese. *Post cujus decessum* [1], *clero et populo volentibus, nec non et archiepiscopo Toletano, et rege Aldephonso, comiteque Henrico simul concordantibus, Giraldus venerabilis monachus in episcopum praelectus est atque canonice praelectus in Bracharensi cathedra solemniter est intronisatus* [2].

D'aqui inferem que o nosso reino era sujeito á Hespanha, pois que o consentimento de D. Affonso fôra necessario para a eleição de S. Giraldo.

Responde Brandão [3], que D. Affonso daria 'nesta occasião o seu consentimento, ou por estar então em Portugal [4] dando posse d'este reino ao conde D. Henrique (cujo casamento, na opinião do mesmo Brandão, foi em 1094), ou seria lanço de cortezia, de que usava o mesmo Conde, e mais, correndo entre elles amisade tão estreita, como se mostra da carta, de que acima fizemos menção.

Mas, de qualquer modo que isto fosse, sempre é evidente, que seria absurdo fazer argumento de um facto unico, e cujo verdadeiro motivo se ignora, para impugnar a independencia de Portugal na epocha, que lhe temos assignado.

A esta resposta, seja-me licito, acrescentar uma conjectura, fundada no que refere o mesmo Brandão [5].

Diz elle, que, sendo instaurada a egreja de Braga por el-rei D. Sancho, filho de D. Fernando o Grande, depois que despojou seu irmão, D. Garcia, do senhorio de Portugal, fôra eleito em bispo de Braga D. Pedro, o qual, cahindo depois na desgraça de D. Affonso VI, fôra excluido do bispado no anno de 1093, e constrangido a recolher-se a um mosteiro, onde morrêra em 1095, tendo por successor a S. Giraldo.

Bem podia, pois, succeder, que D. Affonso VI, (a quem Portugal obedeceu até os fins do anno de 1094, ou principio de 1095 [1]), designasse S. Giraldo para bispo logo depois da deposição de seu antecessor, posto que ainda não estivesse canonicamente eleito; e que, verificando-se depois a eleição a tempo, que Portugal obedecia já ao Conde D. Henrique, désse isto occasião a declarar-se, no dicto livro, que ella fôra feita com unanime consentimento de ambos elles [2].

De tudo o que fica dicto, parece estar demonstrado, que D. Affonso VI dera a soberania de Portugal ao conde D. Henrique na occasião, em que o casara com sua filha, pois que das provas, que havemos referido, consta: 1.° que Portugal já era independente ao tempo da morte de D. Affonso VI: 2.° que, discorrendo desde este tempo até o do casamento, se não descobre outra epocha, em que se possa assignar a independencia com tanta probabilidade, como na mesma occasião do casamento.

Estes mesmos argumentos nos servem para impugnar a opinião dos que fixam a epocha da soberania de nossos principes ou no nascimento de D. Affonso Henriques, ou na sua acclamação.

Mas, além d'isto, a opinião de Fr. Bernardo de Brito, que é o primeiro de nossos auctores, que estabelece a data da independencia no nascimento de D. Affonso Henriques, funda-se em duas escripturas, que ambas são anteriores ao dicto nascimento, em cujo tempo elle se enganou.

Persuadiu-se Brito, que D. Affonso Henriques nascera em 1094, e achando duas escripturas, uma de 1098, e outra de 1100, nas quaes se usa da expressão «*regnante Aldephonso rege in Toleto, in Colimbria comes Enricus*», entendeu que o nascimento d'aquelle principe dera principio á total separação de Portugal.

Porém, Fr. Antonio Brandão [3] prova com muitos monumentos antigos e combinações de chronologia, que o nascimento de D. Affonso Henriques fôra entre o anno de 1106, e o de 1110, e que no de 1094 apenas estava casado o Conde D. Henrique, pois se prova com argumentos de egual evidencia, que só pelo fim d'este anno se podia verificar o seu casamento.

[1] Isto é, depois da morte do bispo D. Pedro.
[2] Brand., Mon. Lus., P. III, L. 8, cap. 8.
[3] Loc. laud. cap. 9.
[4] Brand. refere esta carta aos fins do anno de 1095 ou principios de 1096, ibid. cap. 8 in fin.
[5] Mon. Lus., P. III., Liv. 8, cap. 5.

[1] Brand., Mon. Lus. P. III, Liv. 8, cap. 8.
[2] A razão por que no citado livro *fidei* se falla tambem da approvação do arcebispo de Toledo, é porque elle era legado apostolico; Brand. cit., L. 8, cap. 8 fin.
[3] Mon. Lus. P. III, L. 8, cap. 26.

São, pois, os referidos documentos anteriores á épocha do nascimento; e por conseguinte provam contra Brito, mostrando que Portugal já antes d'isso era independente, e favorecem a nossa opinião, levando a dicta independencia aos primeiros annos do governo do Conde D. Henrique, i. e., ao de 1098.

Continúa.

OS LUSIADAS.

Traducção franceza

DO

DUQUE DE PALMELLA, D. PEDRO.

Continuado de pag. 187.

Episodio de Ignez de Castro.

(Fragmento do Canto 3.º)

1. [1]

Heureux et triomphant, chéri de la victoire,
Alphonse de retour au sein de ses états,
Se flatte que la paix assurera la gloire
Dont il sut s'entourer au milieu des combats.
Mais, hélas, en ce temps le burin de l'histoire,
Par lequel les mortels survivent au trépas,
A tracé les malheurs de cette infortunée
Qui sortit du tombeau pour être couronnée.

2.

Toi seul, cruel Amour, tyran de notre sort,
Arbitre des humains que ta puissance enchaine,
Toi seul et ta fureur l'ont livrée à la mort,
Comme si sa faiblesse eut mérité ta haine!
C'est en vain que nos pleurs coulent avec éffort,
Et rien ne peut suffire à ta soif inhumaine.
Amour, cruel Amour, tu veux que tes autels
Soient inondés du sang des malheureux mortels

3.

Au sein d'un doux repos, brillante de jeunesse,
Belle Inèz, tu cueillais les fruits de ton printemps
Dans cette erreur de l'âme, aveugle, enchanteresse,
Que la fortune, hélas, n'épargne pas longtemps.
Auprès du Mondégo, témoin de ta tendresse,
Et dont tes pleurs encor grossissent les torrents,
Tu répétais sans cesse aux monts, à la prairie,
Le nom qui dans ton cœur fut gravé pour la vie.

4.

De ton prince en ce lieu le tendre souvenir
Á chaque instant du jour répondait à ta flamme;
S'il s'éloigne de toi, son amoureux désir
Lui rappelle en tous temps l'image qui l'enflamme;
Les rêves de la nuit à ses yeux vont t'offrir;
La clarté du soleil la retrace à son âme;
Et ses pensers errants de la nuit et du jour
Lui parlent de bonheur en lui parlant d'amour.

[1] A numeração verdadeira d'estas oitavas, é outra; são ellas as 180 e seguintes do Canto 3.º O traductor, vertendo só este fragmento, adoptou outra numeração que nós conservámos por nos parecer que 'nisso não haveria inconveniente. (S. H.)

5.

Il rejette les vœux et le noble hymenée
Des plus rares beautés et des filles des rois,
Car, dès qu'un doux regard tient notre âme enchainée,
Amour, il n'est plus rien qui résiste à tes lois!
Mais, hélas, au malheur sa vie est condamnée:
Alphonse de son fils a repoussé le choix,
Et la raison d'état et la voix populaire
Confirment les dessins de ce vieillard sévère.

6.

Pour enlever le prince à l'objet de ses vœux
Á l'innocente Inèz il veut ravir la vie.
Le cruel dans son sang croit éteindre les feux
De cet ardent amour dont leur âme est remplie.
Quel transport a permis que le glaive fameux
Qui repoussa toujours la puissante furie
Des peuples du croissant puisse percer un cœur
Qui n'a que sa faiblesse, hélas, pour défenseur?

7.

Déja voyant Inèz par ses bourreaux trainée
Alphonse paraissait oublier sa fureur;
Mais la foule du peuple aveugle et forcenée
Par de lugubres cris l'excite à la rigueur.
En ce instant fatal Inèz infortunée
Trouve encor des accents pour peindre sa douleur,
Et, pleurant cet amant qui ne vit que pour elle
Et les gages chéris de leur foi mutuelle,

8.

On la voit au milieu des bourreaux inhumains
Élevant vers le ciel ses yeux baignés de larmes,
Ses yeux.... (car les cruels par d'indignes liens
Ont outragé déja sa faiblesse et ses charmes);
Ramener sur ses fils qu'elle voit orphelins,
Des regards maternels, qui peignent ses alarmes,
Et dans son désespoir étouffant ses sanglots
A leur cruel aïeul elle adresse ces mots:

9.

« Si l'on a vu souvent ces animaux sauvages
Dont l'instinct naturel est la férocité,
Et les oiseaux cruels qui plongent des nuages
Pour assouvir leur faim et leur rapacité,
Oubliant leur fureur et leurs sanglants usages
Secourir un enfant par leurs soins adopté;
S'ils ont de Romulus protégé la naissance
Et si Sémiramis leur dut son existence,

10.

« Toi qui d'un être humain sembles avoir les traits
Pourras-tu donc tuer une femme éperdue
Dont le crime est d'avoir par d'innocents attraits
Soumis à son amour celui qui l'a vaincue?
Ah! respecte du moins la faiblesse et la paix
De ces tristes enfants qui s'offrent à ta vue;
Et puisse-je devoir à leur tendre douleur
La pitié que n'a point inspiré mon malheur.

11.

« Et si ton bras vainqueur des guerriers d'Arabie
Au milieu des combats sait répandre la mort,
Que ta clémence aussi sache accorder la vie
Á celle dont l'amour sans doute est le seul tort.
Si tu le veux, hélas, dans la froide Scythie
Un éternel éxil terminera mon sort;
Ou j'irai jusqu'au fond de la Lybie ardente
Achever dans les pleurs ma course languissante.

12.

« L'accent de mes douleurs pourra frapper les airs,
Au milieu des lions, des tigres de Lybie;
J'irai leur demander dans leurs affreux déserts
Cette douce pitié que ton âme a bannie;
Là j'irai consacrer à ces enfants si chers,
Fruits du plus tendre amour, les restes de ma vie,
Et je pourrai du moins libre dans mes soupirs
Garder à mon amour d'éternels souvenirs! »

13.

Le roi qu'elle attendrit, cédant à la clémence,
Veut en lui pardonnant la sauver du trépas,
Mais un destin fatal pousuivait l'innocente
Et le peuple en fureur ne lui pardonne pas.
Les cruels, qui d'Alphonse excitent la vengeance,
De glaives meurtriers arment déja leurs bras.
Quelle féroce ardeur s'empare de votre âme
Indignes chevaliers, assassins d'une dame!

14.

C'est ainsi qu'immolant une jeune beauté,
Seul et dernier espoir de sa vieille mère,
L'implacable Pyrrhus par une atrocité,
Vengeait dans Ilion les mânes de son père.
La victime soumise au vainqueur irrité
S'avance en se livrant à son destin sévère,
Regarde Hécube encore qu'une extrème douleur
Prive du sentiment de ce dernier malheur.

15.

De même se livrant à leur féroce rage
Les meurtriers d'Inèz déchirent en ce jour
Ce sein où les Amours, ivres de leur ouvrage,
Ont eux mêmes placé les chefs d'œuvres d'amour.
Ce ne sont plus des pleurs qui baignent le rivage,
Le sang rougit déja les fleurs de ce séjour,
Et l'assassin ignore, en frappant la victime,
Que le jour n'est pas loin qui punira son crime.

16.

Soleil tu pourrais bien en ce jour de terreur
Refuser ta lumière à ce trépas funeste,
De même que jadis tu reculas d'horreur
Á l'atroce festin du frère de Thyèste.
Solitaire témoin de cet affreux malheur,
L'écho de ses soupirs a recueilli le reste,
Et ces sombres vallons ont retenti longtemps
Du nom qu'elle invoquait en ses derniers instants.

17.

Comme une tendre fleur que l'avide bergère
Arrache, à peine éclose, au soufle du Zéphyre,
Perd son parfum si doux, sa fraicheur passagère,
Et périt sur le sein qu'elle dut embellir:
Telle de son printemps terminant la carrière,
On voit la jeune Inèz à son dernier soupir,
Et déja de son teint la rose s'est flétrie
Et son regard touchant s'éteint avec la vie.

18.

Aux bords du Mondégo, berceau de ses amours
Les naïades eu pleurs longtemps les célébrèrent;
Et près de ces rochers on voit couler toujours
La source qui naquit des pleurs qu'elles versèrent.
Un ruisseau transparent garde jusqu'à nos jours
Encor le nom d'Inèz que leurs voix consacrèrent.
Vois ces bosquets touffus, ces rives, et ces fleurs,
Et sous le nom d'*amour* combien coulent de pleurs!

NOTICIARIO.

Putrefacção.— Transcrevemos aqui o extracto d'uma nota sobre a putrefacção a 25 gráos abaixo de zero por Mr. F. L. Phipson.

« Estamos habituados a considerar a temperatura de 15 a 25 gráos acima de zero como a mais favoravel á manifestação das fermentações, da putrefacção, e outros phenomenos analogos. Mas estas alterações espontaneas dos corpos organicos, que parece não existem á temperatura zero, pódem manifestar-se perfeitamente, segundo todas as apparencias, á temperatura de 20 gráos centigrados, abaixo de zero, isto é, quando o frio é intensissimo. Foi isto comprovado na ultima viagem do Dr. Kame ao polo norte em procura de John Franklin durante os annos de 1853, 1854 e 1855. Parece que a carne de certos animaes, dos rennos por exemplo, não pôde servir d'alimento, depois d'uma curta exposição ao ar, cuja temperatura éra—20 gráos, por causa da rapida putrefacção que 'nella se estabeleceu. Os indigenas da Groenlandia consideram o frio extremo como muito favoravel á putrefacção, e os Esquimáus têm por costume apenas acabam de matar os animaes tirar-lhes as visceras, substituindo-as por calháus para preservarem a carne da decomposição.

Parece que estes factos podem depender, em parte, da condensação do ar, da sua riqueza em oxigenio a esta temperatura, extremamente baixa; e em parte de que o ozone póde tornar-se estavel a um gráo de frio consideravel. Com effeito 100 centimetros cubicos de ar a +25 gráos, e contendo 20 por 100 d'oxigenio em volume, reduzem-se a 84,5 centimetros cubicos á temperatura de—20 gráos. Segue-se d'aqui, que sendo representada por 84,5 a quantidade d'oxigenio que 'num dado momento obra sobre a superficie d'um corpo qualquer a +25 gráos, a que obraria sobre a mesma superficie á temperatura de—20 gráos póde ser representada por 100. A acção do oxigenio a+25 gráos e a—10 gráos está pois, relativamente á quantidade, na razão de 845:1000: razão que é ainda infinitamente grande, comparada com a que tem logar, se o oxigenio estiver no estado d'ozone. Ora Mr. Phipson já mostrou 'noutra occasião[1] que quando o oxigenio reage sobre os corpos organicos, á temperatura ordinaria, está no estado d'ozone, e que a primeira phase de toda a alteração espontanea dos corpos organicos sob a influencia do ar, consiste na transformação em ozone do oxigenio da atmosphera. Ora o calor (75 a 200 gráos), como é sabido, destroe o ozone, mas o frio, segundo as experiencias de Mr. Houzeau, parece favoravel á sua existencia: assim é provavel que a 20 gráos abaixo de zero o ozone seja estavel. »

[1] Comptes rendus — 3 de novembro 1856.

Minas de prata do Mexico.—Estas minas, que desde a conquista por Fernando Cortez até á expulsão dos espanhoes, em 1827, tinham produzido o valor total de 2:028:000:000 de dollars, têm continuado, depois d'esta ultima época, a dar productos cada vez mais consideraveis. Estas minas, cuja producção annual, era, termo medio, de 20 milhões de dollars, produziram em 1856 a somma de 40 milhões de dollars.

Economia das sementeira das batatas.—M. Meilheureux fez em França um ensaio, que produziu bom resultado; plantando aparas ou cascas da batata, obteve bons tuberculos, conservando porém completamente os olhos.

Mulher com quatro mammas—. Um exemplo d'este phenomeno foi recentemente observado no hospital da Caridade em Nova Orleans. Os peitos supplementares estão situados abaixo dos outros, duas pollegadas pouco mais ou menos. A mulher já teve sete filhos, e dá habitualmente de mamar em tres dos peitos, mas todos dão leite. M. Roberts já deu noticia de outros dous factos; duas mulheres, mãe e filha, possuindo cada uma tres peitos.

ERRATAS

AO N.° 8.

Depois de publicado o artigo começado na pag. 93 d'este volme do Instituto, reconheceu-se que a ommissão de um termo da 2.ª ordem no valor de sen $(v'-\alpha)$, e outros erros commettidos do calculo do valor de z das pag. 94 e 95, tornaram errado o valor de z; para o rectificar devem fazer-se as emendas seguintes:

Pag.	*Linh.*	*Emendas*
94	21	Deve accrescentar-se o termo $+\frac{5}{4}e^2 \operatorname{sen} 2(nt+\varepsilon-\omega)\cos(nt+\varepsilon-\alpha)$.
»	24	Deve accrescentar-se $+\frac{5}{8}e^2\left\{\operatorname{sen}(3nt+3\varepsilon-2\omega-\alpha)+\operatorname{sen}(nt+\varepsilon-2\omega+\alpha)\right\}$.
»	28	Deve omittir-se o 2.° termo dentro do parenthesis.
»	29	Deve omittir-se o coeficiente $\frac{1}{4}$.
95	4	O coeficiente do 1.° termo é $-\frac{1}{2}$; o do 2.° é $+\frac{3}{8}$; e o do 3.° é $-\frac{3}{8}$.
»	5	Deve omittir-se o 1.° termo: o coeficiente do 2.° é —1.
»	8	O coeficiente do 2.° termo é —1; e o do 3.° é $-\frac{3}{4}$.
»	9	O coeficiente do 1.° termo é $-\frac{3}{4}$; e o do 2.° é —2.
»	10	O coeficiente do 2.° termo é —1; e o do 2.° é $+\frac{3}{4}$.
»	11	O coeficiente do 1.° termo é $-\frac{3}{4}$; e o do 2.° é —2.
»	14	O signal fóra do parenthesis é +; o coeficiente do 1.° termo é $\frac{3}{4}$; e o do 2.° é $-\frac{3}{4}$; deve omittir-se o 3.° termo.
»	15	O signal fóra do parenthesis é —; o coeficiente do 1.° termo é $\frac{3}{4}$; e o do 2.° é $+\frac{3}{4}$; deve omittir-se o 3.° termo.

AO N.° 22.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
207	1.ª	7	Graveau	Graveau
»	»	9	Phlegmaticas	Phlegmasias

AO N.° 23.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	
287	1.ª	42	devem omittir-se as seguintes palavras: — *As mais frequentes são:*

AVISO DA ADMINISTRAÇÃO.

Com este numero termina o 6.° anno d'esta publicação.

A Administração continuará a remetter o INSTITUTO *aos srs. assignantes que em tempo competente não mandarem revogar suas assignaturas, rogando aos que estão em atrazo, que satisfaçam a importancia devida, antes de começar o novo anno d'este jornal.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte *á redacção do* INSTITUTO.

Preço da assignatura { por anno . . 1$440 / por semestre 800